

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

Bianca Gonçalves de Souza

**O santo é brasileiro: história, memória, fé e mediação
no estudo de santo Antonio de Sant'Anna Galvão**

**SÃO PAULO
2009**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

Bianca Gonçalves de Souza

**O santo é brasileiro: história, memória, fé e mediação
no estudo de santo Antonio de Sant'Anna Galvão**

Trabalho final apresentado à Banca Examinadora, como exigência parcial para a obtenção do título de Doutora em História, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob orientação da Profª Drª Maria do Rosário da Cunha Peixoto.

**SÃO PAULO
2009**

BANCA EXAMINADORA

À minha mãe: meu modelo de vida e de amor incondicional. Ao Daniel, pela imprescindível força e pelo amor e por pegar no meu pé. Ao Álvaro, vó Raquel, Zalinha e Juliana, pela paciência comigo em dias de desânimo ou ansiedade. Aos colegas e professores da PUC, pela amizade e convivência. A todos os que colaboraram para que a tese existisse. Obrigada. Esse trabalho é para vocês.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, sinceramente, a todos que colaboraram, de alguma maneira, para que este doutorado e a tese pudessem se realizar. À minha orientadora, Maria do Rosário, pela amizade e pelo esforço a mim devotados. Também pela oportunidade de ter sido acolhida como sua orientanda ao longo destes anos, obrigada mesmo!

À Capes, pela bolsa de doutorado concedida por meio da PUC/SP, e por também acreditarem, ambas as instituições, na capacidade de seus alunos e profissionais. À Betinha, da secretaria, pela paciência com que nos atende. Ela é o anjo desse programa. Aos professores da casa: Fernando Londoño, Heloísa Cruz, Denise, Yvone Avelino, Maria Odila, Yara Khoury, pelas colaborações e pelas aulas. Aos professores Marcos Silva e Olga Brites, por terem participado e lido – apesar do pouco tempo – meu relatório de qualificação e pelas contribuições a ele feitas.

Aos amigos, mestrandos e doutorandos, pela enriquecedora convivência, em especial, ao Edson Castilho, pois se não fosse seu convite para o livro sobre o Vale do Paraíba, essa tese não existiria, simplesmente. Aos amigos Ana Karine e Antonio, pelos bons cafezinhos, Eduardo e Luiz Blume pelos chopes e boas risadas! Ao Tiago, pela companhia e pela paciência de morar comigo e pela companhia naquela noite fria da visita de Bento XVI. Ao amigo Eduardo Murguia, por todo aprendizado. Aos amigos de Mauá/SP, Mara e César, e as filhas, Luma e Mila. Foram a minha família nesta cidade tão fria e úmida... Ao Léo, de Araraquara, SP, pela amizade e força no início da tese.

A todos os depoentes que colaboraram gratuitamente com a pesquisa, aos entrevistados de Guaratinguetá, SP e de São Paulo, SP. Aos funcionários da casa de frei Galvão, especialmente dona Cristina, Diogo e Angélica. À dona Thereza Maia que sempre me atendeu com a maior simpatia! Aos funcionários do museu frei Galvão, por disponibilizarem o acesso a documentos, registros e livros. Ao padre Armênio, capelão do Mosteiro da Luz, por ser tão gente fina com os visitantes. Ao cantor Cláudio Fontana e sua esposa Malú, pelo almoço e atenção comigo. À irmã Célia Cadorin, pela oportunidade de conhecê-la e pela entrevista concedida. Ao amigo virtual Coelho, pela revisão e preparação do texto. Aos freis da paróquia Nossa Senhora de Fátima em Marília, SP.

Não poderia deixar de agradecer minha família, ao Daniel, a todos que em Marília, SP, colaboraram comigo nestes anos de doutorado. E agradeço ao frei Galvão, motivação e iluminação para esse trabalho e à Nossa Senhora Aparecida e seu Filho Jesus.

A CANÇÃO DE FREI GALVÃO

(Autor - Cláudio Fontana)

(Homem de Nazareth PP Art Ltda - Editora Musical Filiada à ABRAMUS)

VOU PEDIR PRÁ FREI GALVÃO INTERCEDER
PRÁ QUE UM MILAGRE POSSA ACONTECER
E EU CONSIGA TER A GRAÇA DE ALCANÇAR
O QUE ESTOU PEDINDO PRÁ JESUS ME ATENDER

VOU REZAR COM MUITO AMOR E MUITA FÉ
VOU TOMAR AS PÍLULAS, COM TANTO FERVOR
EU TENHO CERTEZA QUE EU VOU CONSEGUIR
O MILAGRE QUE EU VIM AQUI LHE PEDIR

POR INTERCESSÃO
DE FREI GALVÃO
EU VOU CONSEGUIR
O QUE EU VIM LHE PEDIR
A CURA PRÁ MIM
EU VIM BUSCAR
E FREI GALVÃO
VAI ME AJUDAR

POR INTERCESSÃO
DE FREI GALVAO
EU TENHO FÉ
QUE EU IREI CONSEGUIR
A CURA PRÁ MIM, EU VIM BUSCAR
E FREI GALVÃO, VAI ME AJUDAR.

RESUMO

SOUZA, Bianca Gonçalves de. **O santo é brasileiro: história, memória, fé e mediação no estudo de santo Antonio de Sant'Anna Galvão.**

A presente tese propõe uma reflexão sobre santo Antonio de Sant'Anna Galvão, primeiro brasileiro canonizado pela Igreja Católica. Dessa forma, o objetivo foi estudar e analisar como ele se tornou santo e como elementos históricos, culturais e sociais contribuíram para fazer dele uma pessoa diferenciada aos olhos de milhares de devotos no país.

Frei Galvão nasceu no município de Guaratinguetá/SP no ano de 1739 e faleceu na capital paulista em 23 de dezembro de 1822. Em sua terra natal, há uma residência, na qual nasceu e viveu em família, que funciona como museu e memorial, bem como na capital paulista, o Mosteiro da Luz é um lugar de memória quando se remete a esse homem e é onde jazem seus restos mortais.

Dessa forma, os objetivos específicos se pautaram em conhecer com maior profundidade o que compõe as memórias de frei Galvão e, em decorrência dessas memórias, como sujeitos sociais, patrimônio e indivíduos colaboraram para construir um processo canônico que o tornou alguém santo perante a Igreja Católica.

O trabalho justifica-se pela necessidade de compreender como um processo de canonização é construído historicamente. Por cruzar o universo do sagrado, é um assunto que tange a vida social. A realidade brasileira é múltipla em suas religiões e, como tal, mereceu estudo do tema por tanger as práticas simbólicas, materiais e históricas da vida do ser humano.

Os aspectos metodológicos se pautaram, primeiramente, por um levantamento bibliográfico sobre história oral, memória, imprensa, imagens, objetos e coleções, patrimônio, mediação, religiosidade. Em segundo lugar, foi feito levantamento de fontes para a pesquisa: artigos de jornais e revistas, fontes eletrônicas, fotografias, entrevistas gravadas com devotos e com indivíduos que ajudaram a fazer dele santo. Em terceiro lugar, foram feitos registros fotográficos que auxiliaram na melhor compreensão da realidade que o cerca e colaboraram na análise crítica dos lugares de memória e do patrimônio.

O primeiro capítulo trata de como a imprensa trabalhou os eventos da canonização e beatificação; o segundo retoma a discussão em torno dos milagrados que, diretamente, contribuíram com suas experiências para fazer dele santo, bem como o terceiro capítulo, no qual se trabalhou milagrados, devotos que, após a canonização, visitam os lugares de memória ligados a frei Galvão e contam suas experiências de fé e milagre com o santo de devoção; e no quarto capítulo, é feita a análise crítica do patrimônio e dos objetos que estão relacionados à memória de Antonio Galvão de França.

As premissas para o trabalho foram que frei Galvão não se tornou santo apenas por determinação papal; mas por ser indivíduo que produziu memórias e essas, juntamente com os outros indivíduos, é que construíram a figura de um homem santificado.

A pesquisa encaminhou-se para a compreensão de que fazer frei Galvão santo dependeu tanto de um patrimônio construído para reforçar sua fama de santidade, como especialmente foi importante a participação de grupos – religiosos, família, devotos – que foram os responsáveis por fazer dele alguém pertencente ao grupo de santos católicos. Concluiu-se que o processo que o levou a ocupar os altares católicos é um desenrolar histórico, o qual implicou em análises de disputas e decisões, na participação ativa de sujeitos sociais e de indivíduos, que compuseram partes de um todo que quer mostrar a todos frei Galvão como um brasileiro santo e querido por fiéis em todo Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Frei Galvão. Memória. Patrimônio. Objetos. Religião.

ABSTRACT

SOUZA, Bianca Gonçalves de. **The saint is Brazilian: history, memory, faith and meditation in the study of saint Antonio de Sant'Anna Galvão.**

The present thesis proposes a reflection about saint Antonio de Sant'Anna Galvão, the first Brazilian to be canonized a saint by the Catholic Church. Therefore, the objective was to study and analyze how he became a saint and how historical, cultural and social elements contributed to make him into a different person to the eyes of thousands of devotees in the country.

Friar Galvão was born in Guaratinguetá, São Paulo state, in 1739 and died in São Paulo city on December 23rd, 1822. The house in which he was born and lived with his family in his hometown works as a museum and memorial, and the Luz Monastery in São Paulo city is also a place of memory when we think of this man. It is also the place where he was buried.

The specific objectives, therefore, were based on getting to know better what Friar Galvão's memories are made of, and based on these memories how social subjects, patrimony and individuals collaborate to build a canonic process that made him into a saint for the Catholic Church.

The paper is justified by the need to understand how a canonization process is built historically. As it crosses the sacred universe, it is a matter that concerns the social life. Brazilian reality is diverse in its religions and as such deserved a study of the theme as it concerns symbolic, material and historical practices of the life of the human being.

The methodological aspects were first based on a bibliographic study about the spoken history, memory, the press, images, objects and collections, patrimony, mediation and religiousness. Secondly, the research sources were surveyed: newspaper and magazine articles, electronic sources, photographs, recorded interviews with devotees and individuals that helped turn him into a saint. Thirdly, photographic registries were made to better understand the reality that surrounded him and to analyze critically the places of memory and of the patrimony.

The first chapter deals with how the press covered the events of canonization and beatification. The second one recreates the discussion about miracle-receivers who contributed directly with their experiences to turn him into a saint. The third chapter talks about the miracle-receivers, devotees who visit the memory places related to Friar Galvão after his canonization and tell their experiences of faith and miracle with their devotion saint. The fourth chapter analyzes critically the patrimony and the objects related to the memory of Antonio Galvão de França.

The premises for this paper were that Friar Galvão did not become a saint only because it was ordered by the Pope, but for being an individual who produced memories, and these memories, together with other individuals, is what built the image of a sanctified man.

The research moved on to understanding that turning Friar Galvão into a saint depended on a patrimony built to reinforce his sanctity fame and especially on an important participation of groups – religious, family, devotees groups – that were responsible to make him part of the catholic group of saints. It was concluded that the process which made him occupy catholic altars is a historical development which implied in analyzes of disputes and decisions, in the active participation of social subjects and individuals who were parts of a whole that wants to show to everybody Friar Galvão as a Brazilian saint and as someone who is dear to followers all over Brazil.

KEY-WORDS: Friar Galvão. Memory. Patrimony. Objects. Religion.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 – Vitrine com as estatuetas do santo. Nessa representação, o santo não traz nada nas mãos, somente gesticula. Casa de frei Galvão, Guaratinguetá.	45
Ilustração 2 – Imagem de frei Galvão à venda na entrada de uma loja do centro de Guaratinguetá. Essa representação é a oficial: o frei com o pergaminho na mão esquerda.	46
Ilustração 3 – Figura de frei Galvão sentado. Casa de frei Galvão, Guaratinguetá.	46
Ilustração 4 – Quadro que retrata frei Galvão construindo. No texto abaixo está escrito: "Beato Frei Galvão - Patrono da Construção Civil. Título outorgado pelo Papa João Paulo II em outubro de 2000". Casa de frei Galvão, Guaratinguetá.	47
Ilustração 5 - Fotografia da página do livro de dona Thereza Maia (2007a), no qual ela retrata uma das estátuas que seriam mais próximas ao tempo de vida do frei.	50
Ilustração 6 – Cartaz afixado na casa de frei Galvão, Guaratinguetá.	58
Ilustração 7 – Detalhe da entrega das pílulas no Mosteiro da Luz, em São Paulo. No papel está escrito: "Faça sua doação, receba uma novena e um pacotinho de pílula por pessoa"	59
Ilustração 8 – Tela representativa do milagre da menina Daniella, nos anos de 1990, exposta na Casa de frei Galvão, Guaratinguetá.	62
Ilustração 9 – Comunidade Canção Nova, Cachoeira Paulista. Barracão no qual são celebradas missas, palestras e encontros.	76
Ilustração 10 – Coral de frei Galvão durante a canonização de 11 de maio de 2007. Foto: Tiago Marega	98
Ilustração 5 – Vista do palco no Campo de Marte. Foto: Tiago Marega.	99
Ilustração 12 – Fotografia tirada antes da abertura dos portões, em frente ao campo de Marte. A pesquisadora e o amigo Tiago Marega	100
Ilustração 6 – Passagem de Bento XVI pela multidão no campo de Marte. Foto: Tiago Marega	101
Ilustração 7 – Bento XVI na celebração da canonização de frei Galvão.	103
Ilustração 8 – Quadro da casa de frei Galvão, em Guaratinguetá, alusivo ao milagre de Potunduba.	132
Ilustração 9 – Quadro da casa de frei Galvão em Guaratinguetá, alusivo à passagem do frango do diabo.	132
Ilustração 17 – Oratório da casa de frei Galvão, com ele confeccionando as pílulas. O Oratório mantém as portas que eram de um outro, o qual ficava exposto na igreja de Santo Antonio, onde o santo foi batizado. Casa de frei Galvão, Guaratinguetá.	135
Ilustração 18 – Quadro alusivo ao milagre da tempestade. Casa de frei Galvão, Guaratinguetá.	141
Ilustração 19 – Quadro alusivo à levitação de frei Galvão. Casa de frei Galvão, Guaratinguetá.	142
Ilustração 20 – Quadro alusivo ao dia da morte de frei Galvão (23/12/1822). Nele, as pessoas estão à sua volta, umas bem próximas, recortando seu hábito. Casa de frei Galvão, Guaratinguetá.	147
Ilustração 21 – Quadro alusivo ao dia da beatificação, que se deu por ventura do milagre de Daniella. Casa de frei Galvão, em Guaratinguetá.	151
Ilustração 22 – Quadro com irmã Célia Cadorin sendo abençoada por João Paulo II, durante a beatificação do frei, em 1998. Casa de frei Galvão, em Guaratinguetá.	154
Ilustração 23 – Quadro alusivo ao duplo milagre: gravidez de Sandra e nascimento de seu filho Enzo. Casa de frei Galvão, Guaratinguetá	161

Ilustração 24 – Quadro que retrata frei Galvão e sua participação na construção do Mosteiro da Luz. Casa de frei Galvão, Guaratinguetá.	164
Ilustração 25 – Placa alusiva à fundação do Mosteiro da Luz por frei Galvão. Mosteiro da Luz, São Paulo	165
Ilustração 26 – Fachada da entrada do mosteiro da Luz, São Paulo.	165
Ilustração 27 – Lateral do Museu de Arte Sacra, anexo ao mosteiro. Destaque das réplicas das esculturas de Aleijadinho. Pertenciam à coleção de Edemar Cid Ferreira. Mosteiro da Luz, São Paulo.	167
Ilustração 28 - Visitantes observando ex-votos na sala dos milagres. Casa de frei Galvão, Guaratinguetá.	192
Ilustração 29 - Visitantes na entrada do átrio com a fonte e a sala dos milagres. Casa de frei Galvão, Guaratinguetá.	193
Ilustração 30 – Foto ilustrativa da sala das promessas da Basílica de Aparecida. Detalhe do teto, recoberto por fotografias.	194
Ilustração 31 – Quadro dado como ex-voto.	195
Ilustração 32 – Quadro com carta explicativa do milagre, acompanhada pela foto da criança.	195
Ilustração 33 – Vista da calçada do átrio aberto anexo à loja. Nesse átrio ficam a fonte e o jardim. Casa de frei Galvão, em Guaratinguetá.	196
Ilustração 34 – Espaço anexo à fonte d'água, átrio fechado. Casa de frei Galvão, Guaratinguetá.	197
Ilustração 35 – Comércio de artigos religiosos anexo à fonte. Casa de frei Galvão, Guaratinguetá.	197
Ilustração 36 – Fonte d'água no átrio, ao lado da loja. A porta ao fundo é a sala dos milagres.	198
Ilustração 37 – Estátua de frei Galvão na capela do Mosteiro da Luz, São Paulo.	206
Ilustração 38 – Missa de 18 de outubro de 2008, início da novena de frei Galvão. Capela do Mosteiro da Luz, São Paulo.	207
Ilustração 39 – Detalhe da janela por onde as irmãs concepcionistas assistem as missas. Capela do Mosteiro da Luz, em São Paulo.	218
Ilustração 40 – Final da missa do dia 27 de julho de 2008. Cláudio Fontana se apresenta, tendo ao fundo o coral de frei Galvão	225
Ilustração 41 – Cláudio Fontana no programa de Silvio Santos nos anos de 1970	226
Ilustração 42 – Diploma recebido pelo cantor em reconhecimento de seu trabalho com frei Galvão, dado a ele pelo capelão do mosteiro padre Armênio, em maio de 2007.	228
Ilustração 43 – Celebração do dia de frei Galvão, paróquia Nossa Senhora de Fátima, Marília, SP, em 25/10/2008.	231
Ilustração 44 – Cartazes afixados na grade da entrada da capela do Mosteiro da Luz, em São Paulo	234
Ilustração 45 – Cartaz afixado na grade da entrada da capela do Mosteiro da Luz, em São Paulo. Referência ao frei e à medalha milagrosa de Nossa Senhora	234
Ilustração 46 – Dois cartazes afixados nas grades ao lado da capela do Mosteiro, em São Paulo.	235
Ilustração 47 - Dona Thereza Maia sentada, ao lado do marido, senhor Tom Maia. Guaratinguetá, setembro/2007.	238
Ilustração 48 - Casa de frei Galvão, pelo lado da rua frei Galvão, em junho de 1987. Fonte: Museu frei Galvão, Guaratinguetá.	239
Ilustração 49 - Entrada da casa na rua frei Galvão na atualidade.	240
Ilustração 50 - Foto do terreno da casa, em junho de 1987. Fonte: Museu frei Galvão.	241
Ilustração 51 - Atual fachada da casa de frei Galvão.	242
Ilustração 52 - Azulejos da entrada da casa de frei Galvão.	243
Ilustração 53 - Placa da rua da casa, rua Frei Galvão, nº 58.	244

Ilustração 54 - Porta de entrada na casa de frei Galvão.	245
Ilustração 55 - Fachada da entrada do Museu frei Galvão, em Guaratinguetá, o qual funciona também como centro social e arquivo municipal.	246
Ilustração 56 - Fachada lateral do Museu Conselheiro Rodrigues Alves, no centro de Guaratinguetá.	246
Ilustração 57 - Detalhe das relíquias de Frei Galvão – medalhões.	249
Ilustração 58 - Grupo entrando na casa de frei Galvão - primeira sala.	249
Ilustração 59 - Mobiliário da primeira sala da casa de frei Galvão.	250
Ilustração 60 - Sant'Anna.	250
Ilustração 61 - Sant'Anna.	250
Ilustração 62 - Sant'Anna.	251
Ilustração 63 – Balcão, dentro da casa, para venda de artigos religiosos.	251
Ilustração 64 - Detalhe da vitrine de artigos religiosos à venda na casa de frei Galvão.	252
Ilustração 65 - Relógio exposto na primeira sala da casa.	252
Ilustração 66 - Lateral esquerda da segunda sala. A soleira de pedra é original da construção do século XVIII.	253
Ilustração 67 - Cestinha com os pedidos e agradecimentos dos devotos e visitantes da casa de frei Galvão.	253
Ilustração 68 - Ferragens da construção original.	254
Ilustração 69 - Livro litúrgico utilizado pelo papa Bento XVI na canonização, em maio de 2007, em São Paulo.	255
Ilustração 70 - Cordão do hábito de frei Galvão. Casa de frei Galvão, Guaratinguetá.	256
Ilustração 71 - Restos de ossos de frei Galvão. A plaqueta fala que realmente são dele os ossos, conforme atesta um documento. Casa de frei Galvão, Guaratinguetá.	257
Ilustração 72 - Bentinho de frei Galvão. Casa de frei Galvão, Guaratinguetá.	257
Ilustração 73 - Prato de frei Galvão. Casa de frei Galvão, Guaratinguetá.	258
Ilustração 74 - Mesa e ao fundo a coleção de quadros da casa de frei Galvão. Na frente dela, fica a vitrine com os objetos pessoais, à esquerda a soleira da casa.	259
Ilustração 75 - Detalhe da mesa de madeira. A seta aponta um pedido deixado pelo fiel, incrustado na madeira.	259
Ilustração 76 - Funcionária da casa de frei Galvão ao lado da estátua que contém as relíquias santas.	260
Ilustração 77 - Fachada da igreja de Santo Antônio em Guaratinguetá.	261
Ilustração 78 - Interior da igreja de Santo Antonio em Guaratinguetá.	262
Ilustração 79 - Capelinha no interior da igreja de Santo Antonio, dedicada a frei Galvão.	262
Ilustração 80 - Placa que se refere ao fato de frei Galvão ter sido batizado nessa igreja, em 1739.	263
Ilustração 81 - Comércio religioso em frente à praça da matriz de Santo Antonio, em Guaratinguetá.	267
Ilustração 82 - Fachada de um prédio em frente à igreja de Santo Antônio, no centro de Guaratinguetá.	267
Ilustração 83 - Vista da rua Frei Galvão. Ao fundo, a casa azul é a do frei; a de contornos marrom é de dona Thereza. Em frente a sua casa fica a fonte, a sala dos milagres e um posto de recepção de turistas.	268
Ilustração 84 - Fachada da estação ferroviária de Guaratinguetá, em setembro de 2007, passando por reparos.	270
Ilustração 85 - Vista da entrada do átrio. O portão marrom dá visibilidade para o espaço da fonte; o toldo à esquerda é a entrada da loja.	271

Ilustração 86 - Quadro com fotos do evento da bênção da fonte, em 27/1/2008, pelo frei franciscano Paulo Back.	272
Ilustração 87 - Quadro exposto na sala dos milagres, feito por devoto.	273
Ilustração 88 - Carta enviada para dona Thereza, testemunhando um milagre promovido pelo frei.	274
Ilustração 89 - Testemunho de recebimento de uma graça, exposto na sala dos milagres. ...	276
Ilustração 90 - Caixa preparada para receber material hospitalar, na Basílica de Aparecida.	277
Ilustração 91 - Carta testemunhando uma cura - sala dos milagres de frei Galvão.	278
Ilustração 92 – Carta com fotografias da criança milagrada.	280
Ilustração 93 - Carta sobre recebimento de um milagre. Sala dos milagres de frei Galvão.	281
Ilustração 94 - Carta, acompanhada de fotografias, testemunhando um milagre.	282
Ilustração 95 - Quadro representativo de frei Galvão construindo, feito por devoto residente na capital paulista.	283
Ilustração 96 - Túmulo de frei Galvão, na capela do Mosteiro da Luz em São Paulo.	285
Ilustração 97 - Devota orando aos pés da lápide.	285
Ilustração 98 - Caneca, colheres, pá e martelo, objetos utilizados por frei Galvão durante a construção do Recolhimento da Luz. Mosteiro da Luz, São Paulo.	288
Ilustração 99 - Cálice e a sua cobertura, pertencentes a frei Galvão. Mosteiro da Luz em São Paulo.	289
Ilustração 100 – Local, no Mosteiro da Luz em São Paulo, onde se recebe as pílulas de frei Galvão. Ao fundo, a roda para recebê-las.	289
Ilustração 101 - Pílulas de frei Galvão expostas na casa dele, em Guaratinguetá.	291
Ilustração 102 - Placa indicativa do local para retirada das pílulas, no Mosteiro da Luz em São Paulo.	292
Ilustração 103 - Novena distribuída na missa de 25/10/2008, em Marília/SP, na paróquia de Nossa Senhora de Fátima. Ao lado, as pílulas de papel e a novena explicativa de como as utilizar.	293
Ilustração 104 - Novena distribuída na casa de frei Galvão e na igreja de santo Antonio, em Guaratinguetá, acompanhada na novena para ingestão das pílulas.	294
Ilustração 105 - Cestas com novenas acompanhadas de pílulas de frei Galvão para distribuição na missa de 25/10/2008, em Marília, SP.	295
Ilustração 106 - Frei franciscano abençoando as pílulas para distribuição ao final da celebração de 25/10/2008, na paróquia N. Sra de Fátima, em Marília, SP.	296
Ilustração 107 - Fila ao final da celebração eucarística de 25/10/2008, em Marília, SP, para recebimento das novenas.	296
Ilustração 108 - Início da missa de comemoração do dia de frei Galvão, 25/10/2008, em Marília, SP, na paróquia de Nossa Senhora de Fátima.	298

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO 1 – FREI GALVÃO E A IMPRENSA NO BRASIL	40
1.1 Do processo canônico ao evento que beatificou frei Galvão.....	43
1.2 A canonização de Antonio de Sant’Anna Galvão	84
1.2.1 O novo papa Bento XVI e sua visita ao Brasil	88
1.2.2 A cerimônia da canonização na imprensa	96
CAPÍTULO 2 – OS MILAGRADOS POR OUTROS.....	117
2.1 Relatos de milagrados nos jornais e na internet	118
2.2 Os relatos de milagres de frei Galvão em vida.....	129
2.3 As tentativas de beatificar frei Galvão e a consecução com o milagre de Daniella	145
2.4 O milagre de Sandra e seu filho Enzo	158
CAPÍTULO 3 – OS MILAGRADOS POR SI MESMOS	168
3.1 A história oral	170
3.2 Os relatos dos milagrados em Guaratinguetá	177
3.3 Os relatos de milagrados no Mosteiro da Luz, em São Paulo	204
CAPÍTULO 4 – FREI GALVÃO: OBJETOS E ESPAÇOS.....	237
4.1 Guaratinguetá: os objetos e a casa.....	238
4.2 Mosteiro da Luz, em São Paulo.....	284
CONSIDERAÇÕES FINAIS	300
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	310
APÊNDICES	322
ANEXOS.....	339

INTRODUÇÃO

Durante o primeiro semestre de 2003, trabalhei no município de Guaratinguetá, SP, como professora universitária para uma entidade que ali recentemente se instalara. Já conhecia a notoriedade da região, como polo atrativo religioso, principalmente o município de Aparecida, SP. Ouvi, no entanto, nessa época, algo sobre frei Galvão, mas nada que houvesse despertado interesse naquele momento.

O tema suscitou interesse depois, já no início do ano de 2005, quando já se levantava a possibilidade da vinda de Bento XVI para o Brasil. Logo após, começaram os rumores de que essa vinda poderia implicar também na canonização do primeiro santo brasileiro. Em 2006, ingressei no Programa de Pós-Graduação em História, na PUC-SP, mas com outro tema, completamente distante da discussão aqui feita. O tema anterior não caminhou e, no início do doutorado, surgiu a dúvida quanto a desenvolver um trabalho que, talvez, não trouxesse bons resultados ou que não me trouxesse, também, uma satisfação pessoal.

Uma primeira motivação houve e reforçou o envolvimento com o assunto, que foi a vinda de Bento XVI ao Brasil, em maio de 2007. Eu e meu amigo Tiago enfrentamos a maratona do frio e de mais de 12 horas em pé, para vê-lo no campo de Marte, na missa de canonização de frei Galvão. Todo o clima do acontecimento, a canonização em si, a participação do público católico, a presença marcante da imprensa, tudo serviu para melhor delinear quem fora e era ainda frei Galvão. Em especial, essa visita despertou em mim o interesse de trabalhar na tese, com a forma como a imprensa, especialmente a escrita, noticiou os dias em que o pontífice esteve no Brasil. Aos poucos, a tese foi ganhando mais peso, mais forma e conteúdo, extrapolando uma discussão sobre os relatos de milagres, indo além do exercício de análise da casa da família Galvão de França em Guaratinguetá.

Em setembro de 2007, foi que houve a brusca mudança do objeto da tese. Um colega de turma da pós-graduação, Edson Donizetti Castilho, ao tempo, reitor do campus do Centro Universitário Salesiano, em Lorena, ao lado de Guaratinguetá, me convidou a fazer um artigo para um livro. O tema, obrigatoriamente, deveria tocar alguma temática ligada à região do Vale do Paraíba. Estive, então, em Guaratinguetá e Aparecida, em meados do mês de setembro, para colher dados a fim de escrever o capítulo para o livro. Mas a empreitada foi tão rica, que motivou a mudança no foco da tese e a minha dedicação ao tema de frei Galvão.

O livro foi publicado em dezembro de 2008, e há um capítulo que escrevi sobre a Casa do frei Galvão e a Basílica de Aparecida (CASTILHO; REIS, 2008).

No entanto, o material colhido era muito bom. Havia tanta coisa interessante e rica que eu não poderia perdê-lo. Daí surgiu a motivação desta tese. Aliás, sem o convite do Edson, ela provavelmente não existiria. No início, era apenas o material recolhido em Guaratinguetá, mas a empolgação com o tema motivou a busca por materiais a respeito do Mosteiro da Luz, fontes orais e documentais, coleta de testemunhos de fiéis; enfim, o desdobramento normal de uma tese aconteceu, apesar de um tempo reduzido.

Como resultado, eis a tese agora pronta, com uma proposta de análise da figura e do universo em torno de Santo Antonio de Sant'Anna Galvão. O texto toca uma discussão acerca da memória que tangencia esse santo católico, traz à tona uma discussão sobre patrimônio e cultura material, dois temas que são imprescindíveis de serem tocados quando se fala dos espaços pelos quais ele passou e viveu; há o debate sobre a imprensa, como ela relatou a canonização e a beatificação, como noticiou a vinda do sumo pontífice ao Brasil, como trabalhou contextos e pessoas, eventos e notícias que estavam intimamente ligados à figura do primeiro santo brasileiro canonizado. Traz os relatos de pessoas que participaram desse seu processo de santificação, bem como os testemunhos orais de fiéis, ou seja, daqueles que são motivados a crer nele por graças e bênçãos alcançadas.

Resumindo, o ponto de partida foi a compreensão de quem foi e é frei Galvão para os seus devotos, para sua família, para a Igreja, para a imprensa, como ele é visto e ou vivido nos espaços pelos quais passou, como a Casa de sua família no município de Guaratinguetá, bem como o Mosteiro da Luz, em São Paulo, construção essa que contou com a colaboração de Frei Galvão na sua edificação.

Quem foi frei Galvão

Para falar de quem foi frei Galvão, recorri à leitura de algumas obras biográficas, material facilmente encontrado nos locais a ele associados. Alguns, no entanto, são mais expressivos aqui, pois foram feitos por pessoas ligadas a ele, descendentes ou por religiosos. Entre as biografias existentes, busquei selecionar uma que tivesse sido produzida por um representante da Igreja Católica (BACK, 2007; SANTOS, 2007) e outra que retratasse a

leitura da família sobre a vida de Frei Galvão (MAIA, 2007). A mais relevante, no entanto, do ponto de vista de sua abrangência e relevância perante a Igreja Católica, é a própria biografia escrita em razão da beatificação que se deu em 1998 (CONGREGATIO DE CAUSIS SANCTORUM, 1993). Certamente, é a que reúne mais fontes e dados, mais documentos consultados. Mas não seria possível trabalhar apenas com ela. Certamente, para quem se interessar pelo tema, ela é a que mais profundidade documental demonstra.

Uma primeira biografia importante é *Frei Galvão, sua terra e sua vida*, de dona Thereza Maia (2007a), descendente de irmãos de frei Galvão. Ela reside no município onde o frei nasceu, e é responsável pelos cuidados da casa de frei Galvão, local aberto à visitação pública, todos os dias da semana. Mais do que alguém que também se revelará ao longo do trabalho como devota do “tio santo” (como ela mesma o chamou), dona Thereza é ligada a ele por laços de sangue.

Cresceu sabendo muita coisa a respeito do frade franciscano. Ouvia os mais velhos falarem dele, contarem casos e lembranças. Essa recente biografia é sucinta. O objetivo, como a própria autora expôs para mim, era facilitar ao fiel o contato com a vida do santo, brevemente. São pouco mais de 20 páginas. Mas o livro também traz o mesmo texto em inglês e espanhol, além de várias fotografias de imagens, quadros, lugares, um material iconográfico para ilustrar ao leitor Santo Antonio de Sant’Anna Galvão, além de trazer um material feito com bico-de-pena pelo esposo de dona Thereza, o senhor Tom Maia, também descendente de irmãos de frei Galvão. O livrinho pode ser encontrado na própria casa e no comércio local de Guaratinguetá. E foi importante conhecer a obra e a autora, porque ela, diversamente de outros biógrafos, não só tem o que contar da vida religiosa do tio, mas sabe – ouviu muito contar e falar – como era um pouco do cotidiano da vida dele em sua cidade natal, no convívio com os pais e irmãos.

A biografia escrita pelo frei Paulo Back (2007), OFM, *História e vida de frei Galvão, o primeiro santo do Brasil*, passa pela vida do frei, tocando mais detalhadamente os eventos da beatificação, em 1998, e o da canonização, em 2007. Frei Paulo Back é franciscano, como frei Galvão, e vive no Convento de São Francisco, na capital paulista, local onde o primeiro santo brasileiro também viveu, há dois séculos atrás. É um livro bastante colorido, rico de imagens também, bem trabalhado em sua didática, facilitando a familiarização com o padre ali tratado.

Uma terceira biografia, de Armando Alexandre dos Santos (2007), *Frei Galvão: o primeiro santo brasileiro*, em uma primeira parte apresenta a sua infância em Guaratinguetá até sua vida religiosa e missionária na cidade de São Paulo. Na segunda parte, trabalha com afinco a questão da beatificação de frei Galvão. O que ficou da leitura dessas biografias, em

especial, é a motivação de bem explicar quem foi Antonio Galvão de França. Mas elas procuram também demonstrar e trazer para o leitor os pontos que o destacam como um homem diferente, bondoso, caridoso, santo mesmo.

E, para encerrar, a mais importante, pelo valor e peso que ela representa, é a biografia feita para a Congregação para as Causas dos Santos, *Frei Antonio de Sant'Anna Galvão* (CONGREGATIO DE CAUSIS SANCTORUM, 1993). Irmã Célia Cadorin foi a postuladora da causa do frei brasileiro; porém, antes dela, o texto vinha sendo escrito desde os anos de 1930, quando houve uma primeira tentativa de mobilização para a beatificação de frei Galvão.

Dessa forma, vários representantes da Igreja, em especial, puderam contribuir para a beatificação de frei Galvão. Quando ele foi beatificado, em 25 de outubro de 1998, já era a quarta tentativa do processo, levada a cabo agora por irmã Célia. Mas outros postuladores, como consta do texto, contribuíram com pesquisas e documentos que foram mantidos desde a primeira tentativa frustrada de 1938-39. É, portanto, um texto amplo, quase 400 páginas, com documentos e dados, uma infinidade de fontes documentais, orais, jornalísticas, tudo enfim que fora encontrado ao longo de quase 80 anos pelos postuladores que tiveram o processo em mãos.

Mas foi irmã Célia quem certamente conseguiu a maioria do material coletado. Por quase 10 anos, dedicou-se a essa causa, viajando para Roma e vários cantos do Brasil, no exercício de levantar elementos que ajudassem a formar uma obra biográfica de peso, ou seja, que fosse convincente aos olhos do Vaticano, demonstrando que no então candidato a santo havia indícios e traços de santidade. O resultado foi positivo. Ele foi beatificado e essa biografia pode ser encontrada hoje nos espaços a ele dedicados.

E mesmo assim não se exaurem aqui as biografias escritas de frei Galvão. Tirando a biografia da beatificação, as demais foram selecionadas também pela sua atualidade, tendo sido todas elas publicadas após a canonização. E, da leitura dessas, foi possível obter informações e dados, relatos e fontes que contassem como foi a vida, as passagens marcantes e um pouco da trajetória do frei de Guaratinguetá.

Santo Frei Galvão foi um brasileiro nascido no município de Guaratinguetá, no ano de 1739, tendo vivido boa parte de sua vida na capital paulista, onde faleceu em 23 de dezembro de 1822. Em Guaratinguetá, viveu sua infância e início da adolescência, até que iniciasse sua vida missionária. Filho de uma família de dez irmãos, ele foi o único a optar pela vida religiosa. Seus irmãos casaram-se e até hoje há nessa cidade do Vale do Paraíba descendentes do santo. É filho de Antonio Galvão de França, português, e de Isabel Leite de Barros, natural de Pindamonhangaba, SP, cidade próxima a Guaratinguetá; ela, descendente de Fernão Dias

Paes Leme; “era tio trisavô, por linha feminina” (SANTOS, 2007, p. 19). Como quarto filho do casal, herdou o nome do pai, Antonio Galvão de França.

As biografias de frei Galvão apresentam a família como sendo abastada. O pai foi capitão-mor, comerciante. A família chegou a ter, conforme Back (2007, p. 12),

[...] 28 escravos a seu serviço. Mas o modo bondoso como os tratavam, o grande exemplo de caridade da mãe Isabel e a facilidade e frequência com que o pai dava esmolas aos pobres, certamente foram a grande escola onde o menino Antônio aprendeu a amar, sem restrições, os mais necessitados e a tratar a todos, escravos ou não, de forma igualmente carinhosa.

Santos (2007, p. 20) assinala que

A fortuna colossal da família pode ser avaliada por um lado concreto. O inventário de D. Isabel, aberto em 1755, ao arrolar os créditos do casal revela que este tinha a receber 43:274\$078 réis de 707 devedores; e dez anos depois, segundo informa Varnhagen, a arrecadação da Coroa em toda a Capitania de São Paulo atingia pouco mais de 47 contos de réis. Nesse mesmo tempo a arrecadação na riquíssima capitania de Pernambuco era de 150 contos.

A maior parte dos credores não pagou seus débitos, e a fortuna do Capitão-Mor ressentiu-se um pouco disso. Mesmo assim, quando ele morreu, em 1770, seus avultados bens alcançavam a casa dos 50 contos.

E, por fim, no texto da biografia da beatificação (CONGREGATIO DE CAUSIS SANCTORUM, 1993, p. 44), há uma fala que expõe o caráter de comerciante e homem bem-sucedido que era o pai de frei Galvão:

Embora Antonio Galvão de França [pai] fosse Sargento-mor da Vila de Taubaté, dedicou-se ao comércio. Tinha o seu negócio na rua da Cadeia e “sendo homem de largas e avultadas transações comerciais, estava entregue no escritório de sua casa ‘de vivendas’, a extensas operações financeiras. A família vivia de profusão, nesta casa espaçosa, abastada, luxuosa até, ‘casas de morada de seis lanços com suas portas e seu escritório forrado, com seu quintal amurado”. Além de manter casa de comércio na Vila, dedicava-se o Sargento-mor a negócios com tropas de gado, mantendo assim relações com Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Mato Grosso e outras províncias, hoje Estados do Brasil.

Além de bastante remediada financeiramente, todos os biógrafos retratam a família como sendo católica. Tal fato, com certeza, orientou a opção vocacional do quarto filho. Em princípio, foi se formar jesuíta no seminário de Belém da Cachoeira, no estado da Bahia. Nesse tempo, um outro irmão estudava lá, também de nome Antonio. Frei Galvão ingressa nesse espaço aos treze anos.

Nesse tempo, os registros desses livros biográficos, como o de Back (2007, p. 15), apontam um fato histórico que afetou sua vida:

O então ministro Marques de Pombal resolveu expulsar os jesuítas do território português e do Brasil, ordenando o fechamento de todas as escolas que eles mantinham.

Impossibilitado de prosseguir em sua formação com os padres da Companhia de Jesus, Antônio não teve outra alternativa senão a de voltar para junto de sua família em Guaratinguetá.

Com esse acontecimento, frei Galvão deixou a Bahia e, somente aos 19 anos, ele retoma seus estudos, ingressando na 3ª Ordem de São Francisco, em Taubaté, SP. Aos 21 anos foi enviado a outro convento da ordem, no Rio de Janeiro, “hoje porto de Caxias, município de Itaboraí (RJ)” (BACK, 2007, p. 18). Em 16 de abril de 1761, se consagrou a Deus, tornando-se de fato padre, e um ano após, por ordem superior, foi enviado ao Convento de São Francisco, em São Paulo, ali terminando seus estudos. Na biografia desse frei franciscano, Paulo Back já aponta certo carisma, dedicação e simplicidade que outros padres identificavam na figura do frei Galvão, além de ser homem devotadíssimo a sua fé e vocação. Em 1766, um gesto seu marcou também sua devoção à Maria, quando se consagra a ela, assinando com o próprio sangue (tirado do peito), “o texto conhecido como ‘Cédula irrevogável de filial entrega a Maria Santíssima, minha Senhora e digna Mãe e Advogada’” (BACK, 2007, p. 31).

Teve uma trajetória importante no município de São Paulo. Os religiosos já identificavam certos traços distintivos na personalidade do frei de Guaratinguetá, o qual também atuou junto à comunidade em outras funções. Por exemplo, foi membro da Academia dos Felizes, ou seja, Academia de Letras de São Paulo; tinha por gosto a escrita de peças, como poemas, hinos e cantos, o que o identificou como escritor. Também começou a ficar famoso como grande peregrino: sempre andando a pé, passou por várias cidades, tais como Santos e outras do litoral paulista, Piracicaba, Itu, Sorocaba, Jaú, além de outras do Vale do Paraíba.

No município de Jaú, SP, por exemplo, ocorreu um dos milagres mais conhecidos e atribuídos ao frei: o milagre de Potunduba. Essas passagens e a atribuição a ele de milagres fizeram-no não apenas famoso na capital, mas também em parte do interior do Estado. Adiante nos capítulos, o acontecido em Jaú será melhor detalhado, mas é mencionado aqui a título de demonstrar que nas biografias há um trabalho feito no sentido de demonstrar que, ainda em vida, frei Galvão manifestava sua santidade.

Em São Paulo, no entanto, outro marco importante: ele colaborou na edificação do Mosteiro da Luz, fundado em 1774, dedicado às irmãs concepcionistas, ordem religiosa de monjas que vivem em vida contemplativa, reclusas no espaço do Mosteiro, e que até hoje se encontram nesse prédio. E, anos depois, em 1811, recebe nova incumbência nesse sentido, que é a de construir um novo Mosteiro em Sorocaba, SP. Cumpre tal ordem e retorna a São Paulo, aonde vem a falecer em 23 de dezembro de 1822, depois de 60 anos de sacerdócio.

Essa breve síntese de sua vida, colhida em especial de informações das biografias escritas, anteriormente mencionadas, mostram a figura de um homem que tinha certo gosto pelas letras, era caminhante, peregrino, construtor ou participante da edificação de prédios

religiosos para abrigo de membros das ordens. Além de fatores mais genéricos como esses, outros tantos, mais religiosos, ligados à fé, à memória e à devoção das pessoas corroboraram na formação da imagem de um homem que, além de padre, viria a ser beato e, depois, santo, segundo a ótica do catolicismo brasileiro.

Primeiro, beato; depois, santo. São os dois processos que encerram, em geral, as biografias do frei franciscano. Em 1998, o papa João Paulo II, em cerimônia em Roma, conferiu a frei Galvão o título de beato. Este título de beato é conferido àquele que é reconhecido por algum milagre que tenha promovido. Mas sua devoção se limita ainda a espaços e municípios, por assim dizer, nos quais foram vivenciados intensamente esses acontecimentos que motivaram a beatificação. No caso, ele pôde ser elevado aos altares na igreja de Santo Antonio, em Guaratinguetá e na capela do Mosteiro da Luz, em São Paulo.

Em 2007, o atual pontífice Bento XVI o canonizou. Outro milagre motivou o feito, possibilitando agora a sua devoção em qualquer altar do Brasil e do mundo. A canonização é, assim, mais ampla pela possibilidade de ampliar a fama e o conhecimento de um santo, enquanto que, como beato, ele fica restrito a espaços e lugares a ele correlatos.

Desenvolvimento da tese

E é nessa complexidade da fé, da questão da santidade, da história e da memória que se insere o interesse da pesquisa. Como dito acima, em 1998, o Vaticano, representado pela Congregação para as Causas dos Santos, após um processo canônico, o reconheceu oficialmente como beato. Em 2007, após um segundo processo, o Vaticano passou a denominá-lo como santo – o primeiro brasileiro santo reconhecido e aceito pela santa Sé. E é diante desse cenário de eventos que o envolve que começou a se desenrolar o interesse pelo tema e o afunilamento, ou seja, a busca por identificar o que se queria estudar, o porquê, como, com que vieses.

Em setembro de 2007, em Guaratinguetá, no Vale do Paraíba, foi possível conhecer a Casa da família de frei Galvão, a igreja de Santo Antonio, onde ele foi batizado, alguns descendentes dos irmãos e irmãs do frei. O principal espaço visitado e observado foi a própria casa onde o frade franciscano nasceu. É uma construção de dois andares, sendo que somente o piso térreo é de visitação. Provavelmente, sua primeira edificação se deu no século XVIII;

erguida em taipa e pau-a-pique. Nela, o frei viveu até por volta de seus vinte anos de idade, quando segue então para o Convento Jesuíta na Bahia. Mais adiante na tese, a Casa e sua coletânea de objetos serão melhor apresentadas, mas vale ressaltar brevemente um pouco da trajetória do prédio da família Galvão de França. Como relata Maia (2007b, p. 131),

Na década de 1950, devido a grandes chuvas, a casa desabou. Foi reerguida com material da própria construção, sendo restaurada em seu aspecto exterior, para a comemoração dos duzentos e cinquenta anos do nascimento de Frei Galvão.

Pela Lei nº 3.262, de 18 de agosto de 1998, a Casa de Frei Galvão foi considerada monumento histórico e religioso de Guaratinguetá, sendo marco único no País como local de nascimento do primeiro santo brasileiro nos quinhentos e sete anos de nossa História.

Na parte térrea da casa, voltada para a rua Frei Lucas, abriu-se a Sala das Relíquias e a Exposição Frei Galvão Arte e Devoção, com telas de artistas locais. O destaque fica com as relíquias *ex-ossibus* e *ex-vestibus* do Santo, entre lembranças, imagens do século dezoito, objetos e móveis da família de Frei Galvão.

E foi nesse ínterim da visitação, em 2007, que surgiu uma primeira dúvida do trabalho, qual seja, pesquisar a questão da devoção das pessoas ao frei. Era grande o número de pessoas que visitavam aquela pequena casa no centro de Guaratinguetá. Eram muitos os devotos e devotas; vários deles comentavam sobre graças recebidas. Mas, como dito anteriormente, nessa primeira visita – que rendeu muito material fotográfico, o contato com biografias, com a família e a observação do espaço –, não houve entrevistas com os romeiros do local. Porém, essa necessidade de conhecer melhor o público devoto de frei Galvão surge nesse momento da pesquisa.

Ali, os visitantes podiam ver uma pequena coleção de objetos, recebiam as pílulas de frei Galvão, oravam, passavam um período do dia. E esse meu interesse, quanto à devoção das pessoas pelo santo brasileiro, foi ainda mais intensificada em 2007, durante a visita de Bento XVI a São Paulo e ao vale do Paraíba, quando, em 11 de maio, frei Galvão foi canonizado.

Além da participação no evento, *in loco*, o que chamava a atenção era o destaque dado ao assunto pelos meios de comunicação. Jornais, revistas, emissoras de televisão e *sites* da internet davam destaque à vinda do papa e ao anúncio do primeiro santo brasileiro pelo pontífice. E isso interessou, a ponto de ser o mote necessário para o primeiro capítulo desta tese.

Dessa forma, procedi a um levantamento de reportagens e matérias na imprensa escrita e eletrônica sobre os eventos da beatificação, em 1998, e da canonização, em 2007. Nessa pesquisa, outras matérias importantes foram surgindo, como entrevistas com pessoas ligadas à figura do frei, depoimentos de devotos – uma grande quantidade de material jornalístico, que mereceu seleção e análise pormenorizada. Esse primeiro contato, a visita de Bento XVI e a canonização, bem como o levantamento das fontes recolhidas nos jornais e revistas motivaram o primeiro capítulo da tese, ou seja, refletir sobre como frei Galvão foi trabalhado, retratado e pensado pela imprensa brasileira, especialmente no Estado de São Paulo.

Foi dada prioridade para jornais de grande circulação, tais como *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo*; mas foram surgindo reportagens interessantes de jornais menores e locais, que mereceram também destaque. Também se pesquisou em revistas: a *Veja* teve um número no qual a capa e a matéria principal giravam em torno da figura do primeiro santo brasileiro reconhecido pela Igreja Católica; a revista *Época* e a *Super Interessante* também se debruçaram sobre o tema e reportagens das mesmas também foram selecionadas.

Aqui, há um primeiro bloco de reportagens, que tange especialmente à grande imprensa: jornais e revistas de circulação bastante abrangente no Estado de São Paulo e no país. O objetivo era ver como tais meios trataram do assunto, o que queriam passar para o leitor, qual imagem do frei Galvão eles transmitiam ao público, que debates desejavam promover. Assim, se foi buscando respostas para tais questões, bem como analisar a imprensa, ou seja, quais poderes e relações permeiam esse espaço, suas disputas e negociações com o público. Nesse bloco, entrou a seleção de artigos de jornais diários de grande circulação, como os mencionados acima, dentre outros.

Mas houve, nesse mesmo bloco, as revistas semanais e mensais, que são bastante abrangentes quanto ao público que as lê. Dentre as primeiras, a revista *Veja*; dentre as mensais, a *Super Interessante*, *Bons Fluidos*, que trouxeram reportagens sobre o tema. Essas, em parte, compreendem uma parcela da imprensa escrita que é mais preparada, por assim dizer, pois como não são diários, possuem mais tempo e mais possibilidades de explorar um assunto de forma diversa e mais elaborada.

Como ensina Ribeiro (1994, p. 10),

Mesmo quando se proclama imparcial, o jornalismo é uma forma de construção da realidade e não mera reprodução dos acontecimentos. Evidentemente a objetividade é necessária, pois a captação e transmissão fiel dos fatos é a base da credibilidade. Mas isto não basta: é necessária a intervenção da subjetividade na composição do fato. O juízo ético, a ideologia, a opinião são pré-condições da abordagem dos fenômenos.

Isto é, conforme se constatava como os meios de comunicação impressa replicavam o fato ao leitor, também se ia verificando as relações de poder, as intenções, as questões que eram postas no papel e assim trazidas a público para que o leitor refletisse sobre o assunto.

Como ensinam Cruz e Peixoto (2008, p. 6), a questão central, então, implica “em trazer para cada conjuntura e problemática que se investiga os desdobramentos teóricos e metodológicos que ela [imprensa] encaminha”. Ou seja, é necessário articular a publicação ao que ocorre no interior das lutas e disputas sociais e, nessa concepção, “propõe-se, no estudo da imprensa, um deslocamento que nos conduza da história dos meios de comunicação para o campo da história social”. Não se trata, por conseguinte, de um debate sobre o que é cada

jornal e revista selecionados, mas sim como esses trabalharam um fato e como o tratam e publicam para o leitor. Retira-se a discussão do campo da história jornalística, para analisar como esses, o jornal e a revista, são instrumentos de pesquisa para a historiografia, sempre questionando a origem e a gestão desses instrumentos.

A imprensa especializada, ou seja, de orientação católica, também foi pesquisada. Aqui, o foco foi uma revista católica eletrônica, a revista *Catolicismo*, que existe desde há pelo menos uma década, e que tratou em suas reportagens tanto da beatificação como da canonização. Nesse caso, o foco era, além de desvendar como o meio noticiava o fato, com que intenções, e permeado por quais forças se revela o viés que o norteia, o viés religioso. Fundada em 1951, em forma escrita, pela Civilização Cristã no Brasil, teve como nome eminente o de Plínio Corrêa de Oliveira. Enuncia-se como uma revista cultural, mas orientada pela doutrina cristã.

É possível perceber que essa revista dá outras abordagens para a figura do santo: ao longo do primeiro capítulo é perceptível que determinados questionamentos e debates feitos pela grande imprensa não são de interesse dessa imprensa especializada e totalmente orientada pelo cunho religioso que a gera. Isso porque seu foco, como tantas outras revistas e *sites* católicos, é o de familiarizar o leitor ao universo do catolicismo no Brasil, inserindo-o na cosmologia da religião.

Dentre esses dois tipos de materiais selecionados, oriundos da grande imprensa e de uma imprensa especializada eletrônica, dividiu-se o primeiro capítulo em dois momentos cronológicos: uma primeira parte, que compreende reportagens que retrataram o momento da beatificação de frei Galvão, em 1998, e uma segunda parte, a que abarca o momento da canonização em 2007. Nesse segundo momento do capítulo, todavia, se debate mais detalhadamente acerca do evento e da vinda de Bento XVI. Em maio de 2007, quando o papa Bento XVI veio ao Brasil, mais de uma celebração ocorreu. Em São Paulo, o encontro com os jovens, em 10 de maio, e a missa da canonização, em 11 de maio. Logo após, o papa se dirigiu à cidade de Aparecida, SP, para a abertura da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, o CELAM. Sendo assim, mereceu estudo a figura do papa Bento XVI, a análise de sua presença no país e o fato da realização de uma canonização na terra natal de Antonio Galvão de França.

E retomando como surge o interesse pelo tema, vale lembrar que ver os fiéis e devotos na Casa de frei Galvão em Guaratinguetá e no Mosteiro da Luz, na capital paulista, foram pontos que aproximaram a análise da busca por depoimentos que revelassem o que os fiéis buscavam no frei, como se relacionavam com ele e com os espaços. No segundo capítulo,

então, começa um estudo de análise das pessoas dos milagrados. A visita a Guaratinguetá, como dito, em setembro de 2007, chamou a atenção pelo número de devotos. Em julho de 2008, esse mesmo cenário – ou seja, um grande número de devotos – foi percebido no Mosteiro da Luz, na capital paulista. Essa reflexão inicial foi se desenvolvendo, motivando a discussão que é feita no terceiro capítulo da tese, que se delimita a pensar os depoimentos de milagrados e milagradas, com os quais se conversou nos dois lugares acima citados.

Milagrados e milagradas são denominações utilizadas pelas pessoas para identificar um indivíduo que se entende agraciado pelo santo. Um milagrado é quem crê ter experimentado uma relação de fé e de cura, de recebimento de um milagre. E houve por bem dividir esse público em dois capítulos: o segundo capítulo compreendeu o que se denominou como os milagrados por outros, ou seja, aqueles que foram testemunhas no processo canônico do frei e que hoje ajudam a engrossar o grupo de devotos de frei Galvão. É um outro grupo, seletíssimo, que é composto pelos indivíduos que foram testemunhas dos dois processos (beatificação e canonização), juntamente com outros milagrados que expuseram publicamente, em jornais ou revistas, suas histórias de cura e bênçãos. São os milagrados pelos outros, aqueles que são entendidos como milagrados porque outras forças e pessoas contribuíram para tanto.

Esse capítulo teve como motivação o fato de que, quando especialmente Bento XVI esteve no Brasil, o assédio da imprensa com essas pessoas foi bastante grande. Eles se tornaram celebridades instantâneas no cenário católico brasileiro. Apareceram em vários jornais e telejornais, revistas; foram chamados a falar sobre o santo de devoção. Mas eles não tinham as mesmas características do devoto, não conhecido como eles, que frequenta os locais sagrados associados à imagem do santo. Eles eram diferentes, viviam uma outra relação com a causa, mereciam uma análise diversa, por conseguinte.

São eles, Daniella, a menina milagrada no primeiro milagre atribuído ao frei, que deu mote à beatificação, e Sandra e seu filho Enzo, os milagrados da canonização. Mas não são só eles as testemunhas para os devotos do poder milagroso do santo: ao longo de mais de dois séculos, histórias de milagres do frei franciscano foram se mantendo no imaginário popular do devoto, atribuindo a ele elementos que o identificassem, bem como foi ajudando a formar o que para a Igreja Católica é um elemento imprescindível para a beatificação, que é a fama de santidade.

A fama de santidade é justamente essa popularidade que o santo ou santa adquire frente a um grupo ou uma comunidade, como alguém dotado da capacidade de interceder a Deus e promover graças e bênçãos. Essa fama é objeto de estudo no processo de beatificação,

e se averigua sua qualidade conforme o número de graças que se identifica e que são oriundas do poder místico de um servo de Deus.

E, entre esses milagrados pelos outros, bastante expostos pelas mídias televisiva e impressa, também houve, no tempo da canonização, o aparecimento de pessoas que se autodenominavam milagrados, que davam seus testemunhos de fé a um jornal ou revista, a fim de publicar o fato de serem eles também esses indivíduos que viveram a experiência de um milagre.

Essas pessoas milagradas, diretamente envolvidas nos processos canônicos do frei, são conhecidas; quase que se tornaram celebridades, pois houve sobre elas uma atenção especial por parte da imprensa, que fez com que, instantaneamente, se tornassem notoriedades frente ao público católico brasileiro. Por isso, a opção de separar um primeiro bloco de análise que envolvesse tais milagrados célebres – em especial Daniella, Enzo e Sandra –, bem como aquelas pessoas que, de livre e espontânea vontade, davam seus depoimentos em jornais e revistas; pois, mais do que meros testemunhos, o envolvimento deles, homens, mulheres e crianças milagrados, tornou-se público, conhecido, adquiriu destaque no cenário da santificação de frei Galvão.

No terceiro capítulo, porém, o foco é dado aos milagrados por si mesmos. Utilizou-se essa denominação, porque se trata aqui dos devotos que crêem ter recebido uma graça; não são aqueles ditos famosos ou porque a Igreja Católica e seus cânones assim colaboraram ou porque deram sua fala à imprensa que publica. São todos eles visitantes, ou da Casa em Guaratinguetá ou do Mosteiro da Luz, em São Paulo, e que, no ambiente desses lugares, nos relataram suas próprias experiências de graça e milagre, como eles a entendem, sentem, viveram ou o que ouviram falar sobre um milagre atribuído ao frei. Por fim, nesse terceiro capítulo, com o auxílio de entrevistas, documentou-se a fala de pessoas que, na Casa do frei, em Guaratinguetá, e no Mosteiro da Luz, em São Paulo, expressaram que tipo de graças acreditavam ter recebido do frei ou que tipo de sentimentos experimentaram na visita àqueles espaços.

E, com a metodologia da história oral, se foi analisando essas falas e depoimentos dos anônimos que contaram como haviam sido curados ou abençoados pelo frei. Aqui, a ideia de anonimato é outro denominador forte que marca a fala dessas pessoas. Esses devotos e devotas representam um outro polo na relação com o frei; tal qual os outros indivíduos, os milagrados pelos outros participam na formação de uma memória e de uma história a respeito do frei. Esses milagrados por si mesmos são mais numerosos do que os milagrados célebres; nem por isso menos importantes na manutenção dessa memória, da devoção e da fé no frei. No entanto, neste trabalho de doutorado deixam vir a público suas experiências. A ideia de

anonimato é associada ao desconhecimento de suas experiências para o catolicismo no Brasil, para a imprensa e para os cânones da santa Sé.

O quarto capítulo procura discutir a questão da cultura material e da figura de frei Galvão. Há um patrimônio construído e mantido com referência à memória de Antonio Galvão de França. A Casa de frei Galvão, em Guaratinguetá, hoje funciona como um lugar de memória; a família, no entanto, a denomina como sendo um museu dedicado ao tio santo. É uma casa, de estilo colonial, na qual o frei nasceu e viveu durante alguns anos. Ela ainda pertence à família Galvão, pois descendentes dos irmãos e irmãs do frei a mantiveram. Com a canonização, ela foi aberta ao público para visitação. Conta com um conjunto de objetos, como imagens sacras, quadros que retratam momentos da vida do padre, objetos relacionados às celebrações de beatificação e canonização. Também conta com um pequeno balcão, no qual são vendidos artigos religiosos e distribuídas, gratuitamente, as pílulas de frei Galvão.

Outro espaço importante   o Mosteiro da Luz, em São Paulo. Arroyo (1954) debate com vários autores a data da cria o da igreja da Luz, bairro anteriormente chamado de Guar . O que se percebe   que perdura a d vida quanto   real funda o – ao local e   data –, mas certamente remonta ao século XVI. No livro desse autor, ela aparece como a primeira constru o religiosa da capital paulista. E falando de frei Galvão, Arroyo (1954, p. 37) o descreve peculiarmente:

Interessant ssima personalidade a de frei Galvão, nascido em Guaratinguetá e tornado famoso pela sua piedade e humildade, autor de vários milagres referidos por seus biógrafos e admiradores. Tão interessante que já existe, em Roma, o processo para a sua canoniza o.   um dos três vultos da nossa modesta hagiologia segundo Afonso de E. Taunay, que aponta ainda os nomes de Anchieta e do padre Belchior de Pontes. A venera o   sua memória constitui uma das manifesta es mais piedosas da cr nica paulista, pois “numerosos indivíduos trocaram os apelidos paternos pelo de Galvão, em virtude de promessa feita por seus pais e avós”. São os chamados “Galvão de promessa”, na expressão de Taunay, pessoas que deviam ser Sousa, Santos, Moreira, mas são Galvão.

Vale ressaltar essa cita o logo na introdu o, pois ela não somente aponta para um reconhecimento de frei Galvão como alguém santo antes mesmo de sua canoniza o – importante a men o que o autor faz a um processo canônico – mas também   válida pois fala de vários devotos que mudaram seus nomes por devo o e f  no frei. Como será visto, há depoimentos de fiéis nos dias de hoje que ainda mant m essa prática, um deles especialmente bem relatado no capítulo terceiro desta tese. E a fama de santidade, isto  , essa notoriedade que ele adquiriu em vida mesmo, de que era dotado de dons, do poder de cura, de piedade e bondade também são percebidos em relatos e documentos que assim o caracterizam. Mas tais

elementos serão melhor trabalhados ao longo da tese. Vale aqui, porém, retomar a discussão sobre o prédio do Mosteiro da Luz.

Quanto ao edifício do Mosteiro da Luz, ele foi reedificado, em uma segunda etapa de sua existência, com a ajuda do frei e ainda hoje guarda os restos mortais do mesmo. Nem sempre o espaço foi o que é hoje, como explica Magalhães (2006); mas, no século XVIII, o prédio, hoje situado na Avenida Tiradentes, começa a ter seus contornos atuais. E a relação desse espaço com frei Galvão não diz respeito apenas à edificação; ali começa a consolidar a fama de um homem empenhado no trabalho de construir, edificar, trabalhar na construção civil. Adiante na tese será retomada a proximidade do frei com a arquitetura e a engenharia, mas vale já assinalar uma passagem do trabalho de Magalhães (2006, p. 111-112), no qual a autora menciona que:

Benedito Lima de Toledo afirma que Frei Galvão costumava dizer que a área da Luz viria a se tornar o centro da cidade. (TOLEDO, 1987: 35).

Essa percepção de espaço urbano levou-o a alterar a disposição original do templo com a criação do novo frontispício voltado para o Campo da Luz, tirando partido, igualmente, da vista para a Várzea do Tamanduateí. Inicialmente, a Igreja tinha seu frontispício voltado para a cidade; posteriormente, foi edificado outro, pelo próprio Frei Galvão, voltado para o caminho do Guaré. Esta é a visão de Willian John Burshle, botânico inglês que andou desenhando paisagens urbanas paulistas em 1827. (LEMOS, 1983: 6).

Pode-se dizer que Frei Galvão revelou-se arquiteto de mérito. O convento é bem arejado e saudável, com corredores desafogados e aberturas para pátios ajardinados como ressalta Benedito Lima de Toledo. (1987: 36).

O convento foi inaugurado em 1788, a igreja e o coro em 1802. Até 1822, ano de sua morte, Frei Galvão trabalhou na obra, embora não tenha podido vê-la concluída.

Nessa citação, há a exposição do lado trabalhador e construtor de frei Galvão. Como dito, adiante, isso será melhor trabalhado, especialmente com eventos mais atuais que o aproximam da engenharia e da arquitetura. Mas mostra-se aqui que o papel e a atuação dele frente ao Mosteiro foi realmente marcante. Ele não só modificou e construiu muito no espaço, como isso associou sua imagem a de um homem construtor, com dons para lidar com a construção civil.

Com a canonização, o movimento ali, no Mosteiro da Luz, se intensificou, apesar de já ser anteriormente conhecido como um lugar que distribuía as famosas pílulas de papel. Mesmo uma discussão sobre a pílula pode ser pensada dentro do contexto dos objetos ligados à história de frei Galvão. Neste último capítulo, há um maior aprofundamento do tema. Mas rapidamente, vale lembrar que, durante uma passagem de sua vida, frei Galvão, não podendo atender a um convalescente, escreveu uma oração, em um pequenino pedaço de papel, e pediu que o dessem ao doente e dissessem a ele que o ingerisse. Mais tarde, fez o mesmo com uma

parturiente. O pequenino papel trazia a inscrição: “Post partum, Virgo, inviolata, permansisti; Dei genitrix, intercede pro nobis”¹.

Até hoje, no Mosteiro, há a distribuição gratuita das pílulas, assim como na Casa e na igreja de Santo Antonio, em Guaratinguetá. Ainda no Mosteiro, há uma loja de venda de artigos católicos, anexa à capela, que fica ao lado do Museu de Arte Sacra.

Ambos os espaços abrigam objetos e formam um patrimônio que remete ao frei. Patrimônio esse não apenas no sentido de uma herança, ou seja, de objetos que utilizou e que ficaram para a posteridade. Como qualquer outro prédio histórico, talvez ele, o Mosteiro, guarde relações sociais, vivências e experiências. É uma referência para os visitantes e devotos. Como ensina Silva (2003, p. 50),

A dimensão da territorialidade é parte de redes de sociabilidade que os grupos humanos já reivindicam como direito a ser preservado e ampliado. Trata-se de lugar de vida, cuja perda ultrapassa muito o aspecto físico, na medida em que elimina ligações básicas para as pessoas ali residentes.

Nessa passagem, o autor vai finalizando uma discussão sobre o que é patrimônio; ou seja, só é patrimônio um prédio histórico, representativo, ou também o conjunto de prédios de um cortiço, um simples salão de uma comunidade carente, uma praça de um bairro de periferia? O patrimônio é referendado pelo grupo, especialmente pela comunidade que o utiliza, experimenta, onde as pessoas vivem e estabelecem relações entre si.

Tanto a Casa quanto o Mosteiro o são, portanto, e quem os assim reconhece não é só o governo estadual que tomba o Mosteiro como patrimônio histórico, ou a prefeitura que assim procedeu com a Casa; esses são fatores decorrentes da percepção que as pessoas têm daquele espaço. Isto é, há essa relação mais formal de reconhecimento de um patrimônio pela entidade pública, em ambos os casos, mas em esferas de poder diferenciadas; o que se quer ressaltar, no entanto, é a participação do público visitante, do devoto, do fiel e do romeiro na manutenção desses espaços, como patrimônios que são.

Ou dito de outra maneira, qual seria o sentido de abrir a Casa do frei Galvão para visitação pública se ninguém se interessasse por tal fato? Se ele não fosse devocionado por muitas pessoas e comunidades católicas, teria algum sentido manter a Casa, fazer dela um memorial dedicado ao frei de Guaratinguetá? E é para responder essas dúvidas que o capítulo em questão foi pensado. Analisando o que é a cultura material, patrimônio e seus desdobramentos, analisou-se os espaços em questão, bem como os objetos que ali estão guardados e porque se mantêm assim. E também há que se explorar com mais riqueza o principal patrimônio ligado ao frei: a pílula, um tênue

¹ “Depois do parto, ó Virgem, permaneceste intacta, Mãe de Deus, intercede por nós”.

pedacinho de papel que, para o devoto, representa uma série de sentimentos, esperanças, certezas, curas, maravilhas e experiências de vida.

E em todos esses capítulos contou-se, por meio de entrevistas, com a colaboração, sobretudo relevante, de pessoas ligadas à construção dessa ideia de santidade, intimamente familiarizadas com a devoção ao frei. Optou-se por pensá-las como fazedoras de santo.

São as pessoas que, nos bastidores, nas coxias e em pequenos (e enormes) gestos só colaboram para fortalecer ainda mais a imagem de Antonio Galvão de França como santo, para torná-lo mais popular, no sentido de mais conhecido. Mais do que só fazedores de um santo, são também indivíduos que têm uma experiência com o frei, um pouco diversa daquela vivida por um devoto ou devota.

A primeira entrevistada importante é uma descendente de frei Galvão, dona Thereza Maia. Ela é descendente, bem como seu marido, o senhor Tom Maia. Residem em Guaratinguetá e é deles a Casa de frei Galvão. Dona Thereza é historiadora, se interessa pela causa do tio santo, como o denomina, bem como tem vários livros publicados sobre ele e a região do Vale do Paraíba. Foi ela quem preparou a Casa para a abertura ao público, montou uma coleção e exposição de objetos, e não cobra nada pela visita. Como já dito, ali há um pequeno comércio de peças religiosas, que é mantido por sua filha e alguns funcionários, onde também são distribuídas as pílulas de frei Galvão.

A entrevista com ela foi feita em setembro de 2007. Não é fácil conseguir dela tempo para tal feito, sempre ocupada com as questões que giram em torno do espaço, dos visitantes e do frei. No dia da entrevista, inclusive, estava recebendo um grupo de peregrinos que vinha a pé a Guaratinguetá, fazendo o caminho de frei Galvão. Em alguns minutos, sentadas à soleira da porta de sua casa, que é vizinha à do tio santo, concedeu a entrevista. Ao retornar à cidade, em fevereiro de 2008, já não foi possível entrevistá-la novamente, pois sua rotina é cheia de compromissos com a questão em si, com a família, com os visitantes.

Ela é uma senhora bem disposta a falar a respeito da vida do tio santo frei Galvão. Não houve de sua parte qualquer empecilho para a entrevista, até porque ela é constantemente procurada pela imprensa de todo Brasil para falar sobre frei Galvão. Porém, nos dias passados ali, junto da Casa e do centro do município, com ela e outros funcionários, foi possível perceber que, para ela e sua família, o empreendimento em torno do frei é mais que uma atividade, é quase que uma missão. Seu pai adquiriu a casa, que ficou para ela e seu esposo, e eles não escondem seu esmero e dedicação com a mesma.

Por exemplo, volta e meia aparecem visitantes que pedem auxílio, pessoas necessitadas da cidade que esperam sua ajuda; também tem todo o investimento que fizeram

para melhorar o espaço, como foi a construção de banheiros, instalação de água potável gratuita, barras de segurança, pois a esquina é íngreme e recebem ali muitos idosos, como ela mesma explicou. Tornaram-se pessoas de destaque no município, pois tudo que diga respeito ao frei é gerenciado ou recontado por eles.

Como dito, então, é dela e de sua família a Casa e seus arredores, que compreendem uma sala de milagres, um átrio aberto com uma fonte d'água e um jardim, espaços agregados e próximos da Casa. Ao longo dos capítulos, será apresentado que ali dona Thereza não conta com ajuda da Prefeitura Municipal, o que faz com que ela mesma pague segurança, funcionários nesse local; ou seja, ela mesma e sua família mantêm financeiramente os espaços para atendimento dos visitantes.

Ou seja, é tudo mantido por ela, pela renda do comércio que há na Casa. Revela-se em sua fala uma disputa, num certo sentido, com o poder público local, que não subsidia, ou muito pouco faz para melhorar o atendimento nos arredores da casa. Ao longo dos capítulos, porém, essa questão será retomada, quando dona Thereza fala mais apropriadamente da Casa e do uso que faz dela.

Podemos considerar a importância de Dona Thereza Maia, como alguém que contribuiu para fazer de frei Galvão um santo. Ela tem a vivência religiosa – crê na santidade dele – mas tem também uma vivência familiar que a aproxima dele. Sempre ouviu histórias e narrativas sobre Antonio Galvão de França, o que a faz ter uma relação de intimidade com a sua figura, experiência que outros representantes que colaboraram para fazê-lo santo talvez não tenham tido, e não têm.

Essa sobrinha distante do frei Galvão é de Guaratinguetá mesmo; descende dele, residindo ao lado da Casa de frei Galvão. É certamente uma cidadã conhecida na cidade, tem destaque no cenário local, mas não é só de frei Galvão que sua família tem recordações. Ela descende de uma família, como já dito, que amealhou um bom patrimônio no local. Sua casa, mesmo, é talvez fruto desse patrimônio. Tombada pelo Condephaat (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico)², em 1979, é protegida por

² “CASA TÉRREA/ Rua Frei Galvão, 48/ Processo nº 09895/69, Tomb. Res. de 23/10/78, D.O.: 25/10/78. A cidade de Guaratinguetá surgiu em meados do século XVII e o seu desenvolvimento inicial deveu-se, principalmente, à produção da cana-de-açúcar que foi substituída, em meados do século XIX, pelo café. O imóvel foi construído, entre 1863 e 1866, pelo capitão João Batista Rangel (1828-1915), filho do ajudante Francisco das Chagas Rangel, influente senhor de engenho e grande pecuarista. Construída no alinhamento da calçada, térrea, apresenta porão apenas em sua parte posterior, com o aproveitamento do desnível do terreno. A técnica utilizada foi o pau-a-pique, com embasamento de pedra e taipa de pilão. Na elevação principal, a porta, de grandes dimensões e almofadada, localiza-se em uma de suas extremidades, sendo, o restante, ocupado por seis janelas de vergas retas, também almofadadas.” Disponível em: <<http://www.cultura.sp.gov.br/portal/site/SEC/menuitem.a943691925ae6b24e7378d27ca60c1a0/?vgnextoid=c88fcf75c7e9b110VgnVCM100000ac061c0aRCRD&cpsextcurrchannel=1>>. Acesso em: 20 abr. 2009.

tombamento estadual, mérito que não tem, por exemplo, a casa de seu tio, tombada apenas pelo município. Ela é descendente também da baronesa Maria Angélica Queiroz de Barros, por exemplo, baronesa que ficou eternizada na capital paulista, pois há uma avenida na zona oeste que leva seu nome, a avenida Angélica³.

Mais do que isso, o que se percebe, especialmente após a leitura de um livro que ela redigiu sobre sua própria casa (MAIA, 2007b), é que, na sua família, as gerações anteriores fazem menção a vários nomes de destaque no cenário político, religioso e social do estado de São Paulo. Dona Thereza, portanto, é hoje representante no município também de mais de 200 anos de história, ou seja, ela descende do grupo dos Galvão, mas outros sobrenomes importantes fazem parte de sua genealogia.

Além disso, ela é, por assim dizer, a atual guardiã da Casa dos Galvão de França. Essa não é tombada pelo Condephaat, mas sim pelo município, pela lei 3.262, de 18 de agosto de 1998, que passou a considerá-la monumento histórico e religioso do município. Essa é aberta ao público, diariamente; a que ela reside, tombada pelo órgão estadual, não. É aberta para as visitas de próximos, conhecidos, pois ali é sua moradia. Não é, apesar de tombada, espaço público.

Esse é o cenário que revela, então, o papel de dona Thereza e de sua família, quando se busca saber alguma coisa sobre o primeiro santo brasileiro. Mas não é só ela que tem essa relação mais íntima ou mais profissional com a figura do frei. Nessa mesma visita em setembro, a pesquisadora conheceu alguns funcionários que trabalham dentro da Casa, na segurança e em uma outra loja acima, mantida pela família, a qual pertence ao mesmo terreno onde está a fonte d'água e a sala dos milagres. Uma outra entrevista feita, mas já em fevereiro de 2008, foi com uma funcionária da lojinha que fica dentro da Casa. Mesmo não se identificando – muito provavelmente por timidez ou por temor – ela falou de como eles, funcionários, se relacionam com o público, com os donos da Casa, como é o cotidiano da Casa.

A funcionária é uma senhora que também vive diariamente no atendimento dos devotos. Vende artigos religiosos, ao mesmo tempo em que atende, sempre respeitosamente, o visitante e distribui as pílulas de frei Galvão; ali, todos colaboram naquilo que é preciso.

³ “Uma das características dessa baronesa que viveu 87 anos é que adorava mexer com a terra na própria horta. Também cuidava pessoalmente dos passarinhos na propriedade rural que tinha na região onde está a avenida que a homenageia. Neta do brigadeiro Luís Antonio (que também virou nome de rua), teve dez filhos. Doou uma das suas propriedades à casa Pia de São Vicente de Paula, para a criação de meninas órfãs. Tinha também um palacete de inspiração alemã com 18 quartos. ‘O que sabemos dela é que era uma mulher muito caridosa e simpática’, conta a bisneta, a historiadora Thereza Regina de Camargo Maia, de 73 anos, que sente grande pesar por não tê-la conhecido. A família da baronesa, que tem muito orgulho de suas origens, encontrou uma maneira de homenageá-la: está na quarta geração de Angélicas. A segunda delas foi Maria Angélica de Barros Rangel de Camargo, mãe de Thereza, que morreu em 1981, aos 85 anos. Atualmente duas carregam o nome, a sua filha de 43 anos e a neta de 10, que vivem em Guaratinguetá.” (CAPITELLI, Marici. Nas placas, a história feminina de SP. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 8 mar. 2009. Caderno Cidades/Metrópole, p. C8).

Recebe um salário para tanto; trabalha, como outras meninas e meninos, no gerenciamento e funcionamento diário da Casa.

Todos os funcionários são orientados por dona Thereza e sua família: atender bem ao visitante, facilitar o acesso do mesmo à Casa, distribuir um santinho com três pílulas apenas para cada romeiro. É, principalmente, quanto às pílulas que eles sentem o cotidiano da Casa. Quase todos querem mais, daí se desenrolam frustrações, agressões verbais, situações mais desagradáveis. É a pílula o centro das atenções, na opinião de alguns funcionários. Para a funcionária entrevistada, a Casa é lugar sagrado, mas também de trabalho e, como tal, experimenta ali relações que transcendem às ligadas à devoção.

Já em São Paulo, no Mosteiro da Luz, é não só diversa em parte essa relação com a imagem do frei, como é menor o contato das pessoas visitantes com o pessoal que ali trabalha, sejam funcionários, sejam religiosos. O Mosteiro fica aos cuidados de um capelão, padre Armênio Nogueira⁴. O primeiro contato com ele ocorreu em julho de 2008; em uma breve entrevista, comentou sobre o espaço, alguns objetos, deu dicas de pessoas que a pesquisadora deveria procurar e conversar. Tudo muito rápido. Tal qual dona Thereza, é difícil ter tempo para se dispor às entrevistas que lhe pedem, mas nunca se nega também porque, como dona Thereza, padre Armênio também é constantemente procurado por meios de comunicação quando precisam de alguém que fale dele.

Não faz muitos anos que padre Armênio está no Mosteiro; ele está ali desde a época da canonização, em 2007. Comentou, nessa breve conversa do primeiro contato, que foi um pouco tumultuada a adaptação: ali não é como uma paróquia comum, simples. No Mosteiro, as tarefas são outras e maiores, pois envolvem essa associação do espaço com a figura do primeiro santo oficialmente canonizado pelo Vaticano. Apesar de toda correria diária, ainda assim dispôs-se a mostrar brevemente uma parte isolada do Mosteiro, onde ficam alguns objetos do frei, os quais foram apresentados, por exemplo, na missa de 11 de maio de 2007, como a pá da construção do Mosteiro, uma caneca, utensílios do dia-a-dia. Não havia tempo, porém, para maiores explicações; sobre os objetos, a conversa ficaria para outro dia, o qual somente aconteceria em 2009!

Entretanto, foi imprescindível conhecê-lo naquele momento, pois foi ele quem me colocou em contato com as duas outras pessoas importantes para o reconhecimento do frei: a

⁴ Não era a idéia expor aqui o apreço e a simpatia do capelão, qualidades que realmente ele esbanja. Mas isso fica visível até mesmo em seu endereço eletrônico. No dia da visita ele me passou e nunca mais me esqueci. A sua identificação é padregentefina@...

primeira é a postuladora dos processos de beatificação e canonização, irmã Célia Cadorin; a segunda, o cantor da Jovem Guarda, Cláudio Fontana.

Irmã Célia reside em São Paulo, em um convento, na avenida Nazaré. Sua entrevista foi feita em 27 de julho de 2008, da qual também participou o padre Armênio. Foram quase três horas de conversas, risadas, de gravações e de pedidos para desligar o gravador. Ela fala com o entusiasmo de quem viveu boa parte de sua vida dedicada às causas de santos. Com dificuldades para andar e com as limitações da idade, irmã Célia é quem melhor conhece o trâmite que está por trás de um processo de beatificação. Mas, a bem da verdade, falou até que pouco de frei Galvão; inúmeras vezes, fiz o exercício de puxá-la de volta à questão, pois ela sempre caminhava no sentido de falar, expor e relembrar a história de madre Paulina.

Isso talvez seja indício de sua preferência pessoal pela santa de origem italiana, canonizada pelo papa João Paulo II em 19 de maio de 2002. Mais do que crer que ela goste mais de madre Paulina do que de frei Galvão, há que se esclarecer que ela teve com a mesma uma proximidade real: conheceu madre Paulina pessoalmente quando residia em Nova Trento, SC, cidade onde a santa viveu por muitos anos. Ela lembrou com certo saudosismo e orgulho o fato de tê-la visto, talvez tocado, ou seja, ela ajudou a fazer alguém santo, e um alguém que ela realmente viu, o que reforça aos seus olhos que madre Paulina era uma mulher santa, boa e caridosa. Comentou sutilmente achar uma injustiça questionarem a sua nacionalidade. Paulina nasceu na Itália e nunca se naturalizou brasileira. Mas, para a postuladora, isso é mero detalhe, pois para ela madre Paulina escolheu viver e morrer aqui. Sinal maior de amor a uma terra, para irmã Célia, não pode haver.

Como já dito, irmã Célia tem ampla vivência no Vaticano e com causas de beatificação, conhece como se dão as relações de poder e as disputas que giram em torno de uma causa como essa. Ela não entra em detalhes de outros processos que estão em andamento e que ela, provavelmente, participou ou vem participando deles, mas vê-se que há décadas, boa parte de sua atividade religiosa é voltada para fazer santos e santas pelo Brasil afora.

Pessoalmente, passa uma serenidade e muita atenção ao falar do assunto; porém, algumas vezes, pede que desligue o gravador, pois há pontos que – dá para sentir em sua fala – são complexos, frustrantes ou difíceis para ela. Mostrou-se inteiramente aberta à concessão da entrevista – principalmente porque quem a mediu foi o padre Armênio, seu conhecido, e quem levou a pesquisadora até ela. Também concedeu inúmeras vezes entrevistas para jornais

e revistas, para a televisão, por causa do seu papel tão próximo e tão importante no desenrolar dos fatos, o que fez dela, inclusive, personalidade do ano em São Paulo, no final de 2007⁵.

O segundo entrevistado, apresentado pelo padre Armênio, foi o cantor da Jovem Guarda, Cláudio Fontana. Ele ficou famoso nos anos de 1960/1970 como cantor, juntamente com Antonio Marcos e Nelson Ned, seus colegas mais próximos. Teve algumas canções bastante famosas, como “Homem de Nazaré”. Atualmente, tem uma pequena produtora e gravadora. Reside na capital paulista e, todos os domingos pela manhã, durante o ano de 2008, tocou e cantou gratuitamente suas canções sobre o frei Galvão nas missas do Mosteiro. Está sempre acompanhado da esposa, Malú, e durante suas apresentações anima o público participante do dia.

Na mesma semana da entrevista com irmã Célia, conheci o Cláudio no Mosteiro que, de pronto, propôs-se a dar a entrevista. No dia 28 de julho, fui até sua residência, onde pude conhecer melhor a relação e o que aproxima um cantor, outrora famoso, do cotidiano do Mosteiro e da figura de frei Galvão. Em mais de duas horas falou sobre seu gosto por frei Galvão, sobre sua religiosidade, seu passado próximo de figuras famosas, como Roberto Carlos, suas composições, gravações. Mostrou grande simplicidade e fé, sempre demonstrando e fazendo questão de destacar que isso era mais do que o seu ganha-pão, era uma prova de amor que dava a Jesus Cristo. Simples, bem como Malú, além da conversa, partilhei um almoço, um bom papo e até uma carona para o metrô...

E como está presente semanalmente no Mosteiro, ali vende também seus discos e um livrinho que fez sobre o frei, em literatura de cordel. Como ele mostrará em suas falas, sua vida se aproximou da do frei espontaneamente e hoje se dedica à causa, a aumentar o conhecimento sobre o primeiro santo brasileiro reconhecido pela Igreja e a animar celebrações eucarísticas na capela do Mosteiro. Continua, no ano de 2009, tocando as músicas do frei e buscando divulgar, através de seus CD's, quem foi o primeiro santo brasileiro.

Além dessas entrevistas, há todo o levantamento de material, documentos, fotografias, participações em missas, que reforçaram o entendimento sobre o objeto de estudo. Em 26 de julho e em 18 de outubro de 2008, participei de missas no Mosteiro da Luz. Em 25 de outubro do mesmo ano, dia de sua comemoração, pelo calendário do Vaticano, participei de uma missa em Marília, SP, em uma paróquia de freis franciscanos, onde acompanhei uma celebração totalmente dedicada ao primeiro santo brasileiro. Essas participações foram

⁵ Uma editora e uma revista paulista elegeram a irmã Célia Cadorin personalidade do ano de 2007 no que tange à religiosidade.

gravadas e fotografadas e serviram, ao longo do trabalho, como material de estudo e de interpretação dos fenômenos que circundam a figura do frei franciscano.

Todos esses entrevistados não querem se revelar como milagrados, embora alguns também se pensem como tal. Mas são pessoas que fazem parte da construção de um imaginário, que ajudaram a formar uma memória sobre o frei, que publicizaram essa personalidade católica. Nesse sentido, fazem o santo mais popular, mais carismático, mais famoso, conforme a maneira como se articulam no cenário que o envolve.

Por fim, a conclusão alinhava considerações que perpassam a discussão de todos os capítulos. E fecha com o intuito de mostrar que é necessário mais do que um processo de beatificação e canonização para fazer alguém santo. É preciso um conjunto de elementos – no caso dele, as pessoas que ajudaram a fazê-lo santo, os devotos, o patrimônio – dos quais o mais importante é reconhecer que o processo de fazer alguém santo depende especificamente dos vivos, ou seja, é uma construção histórica, cuja confecção é feita diariamente pelas pessoas envolvidas diretamente com a causa, e pelos inúmeros devotos espalhados pelo mundo.

Metodologia da pesquisa

A pesquisa foi de cunho bibliográfico, primeiramente. Foi feito o levantamento sobre a discussão de memória e história, imprensa, estudos sobre imprensa, cultura material, patrimônio, dentre outras temáticas que mantivessem relação com o trabalho. Essa pesquisa vinha sendo realizada desde 2005, momento no qual também se inicia uma pesquisa sobre a questão da religiosidade, sobre catolicismo no Brasil, sobre o que é catolicismo popular e não-popular, sobre santos. Desse levantamento bibliográfico, selecionou-se para a tese o que realmente é citado no corpo do texto, apresentadas tais referências ao final da tese.

Algumas leituras se tornaram bastante importantes para a pesquisa, formando assim uma base teórica que norteia o trabalho. Em especial, pode-se mencionar os trabalhos citados de Portelli (1996; 1997a; 1997b), pelas contribuições sobre história oral; também as biografias (SANTOS, 2007; BACK, 2007; MAIA, 2007a) são fundamentais para a compreensão da vida do santo. O livro de Choay (2001) e o de Silva (2003) reforçaram principalmente a reflexão sobre cultura material. Já o texto de Cruz e Peixoto (2008) foi imprescindível para desenvolver o estudo sobre a imprensa, delimitado ao primeiro capítulo da tese.

Para a interpretação e estudo de imagens e registros fotográficos, o livro de Burke (2004) foi um fio condutor que perpassa todos os capítulos da tese. E para a interpretação do cenário religioso e apreensão de algumas conclusões sobre o sagrado, o texto de Montes (1998) e de Mott (2007), bem como o livro de Eliade (2001), são relevantes, pois colaboram na observação mais ampla e mais acurada sobre o que é trabalhar com questões ligadas à religiosidade, especialmente aquelas que se dão no Brasil.

Em um segundo momento, a pesquisa teve o cunho experimental. Em princípio, iniciou-se por uma pesquisa feita no município de Guaratinguetá. Lá foi feito o exercício da observação participante, o qual pede uma postura de etnógrafo: participando, observando, fotografando, visitando e conversando. Ou seja, foi a formação de um material de campo, útil para a compreensão do espaço em si.

Outra etapa importante foi a realização das entrevistas, tanto com os fazedores de santos, como com os milagrados entrevistados em São Paulo e em Guaratinguetá. As entrevistas com dona Thereza, bem como com todos os outros fazedores (Cláudio, padre Armênio, irmã Célia, a funcionária da loja), foram feitas sem uma estruturação: não houve perguntas específicas. No decorrer da mesma, ia inserindo as dúvidas, a fim de deixar o entrevistado livre para conversar, falar e dar algumas diretrizes na sua fala. Isso porque, como são indivíduos que estão mais próximos da figura do frei, eles poderiam contribuir com dados e informações que, talvez, não fossem conhecidos. A liberdade de falar e a consequente direção dada por mim foram conduzindo as entrevistas com eles no sentido de explorar mais um ponto julgado interessante, em detrimento de outros que destoassem dos objetivos almejados.

Diversamente ocorreu com as entrevistas com os devotos, os milagrados por si mesmos. Essas foram mais breves e diretivas quanto à questão: qual a relação da pessoa com o frei, ou seja, se já havia recebido alguma graça, e qual foi. Esse foi o ponto central nas entrevistas em Guaratinguetá, em fevereiro de 2008, bem como no Mosteiro da Luz, em julho. Perguntava-se, principalmente, se o entrevistado ou entrevistada tinha algum relato de milagre que quisesse narrar, ou então, qual a sua relação, como se sentiu no espaço que estava visitando, por que estava ali; ou seja, o objetivo desses depoimentos era colher material para desenvolver o capítulo dos milagrados, que trouxeram à tona suas experiências de vida e de cura com frei Galvão.

Esse caráter é importante, ou seja, a brevidade das falas, porque o principal de saber era compreender como o fiel entende uma graça recebida, o que é a graça para ele e qual o papel que o santo tem nesse cenário. Algumas falas também comentam sobre os espaços em

questão, mas sempre focando na relação do fiel com o santo de devoção. Em especial, entre os entrevistados em Guaratinguetá, alguns poucos não tinham graças a relatar, mas queriam contar como se sentiram dentro da Casa de frei Galvão.

Todas as entrevistas com devotos foram gravadas em MP3, transcritas e utilizadas na íntegra, sem correção de erros ou discordâncias. Com os fazedores, ou seja, dona Thereza, irmã Célia, padre Armênio e Cláudio Fontana, além da funcionária de Guaratinguetá, também foram gravadas da mesma maneira, mas não utilizadas na íntegra. Neste caso, fragmentos das falas foram selecionados, conforme a ligação que mantinham com uma determinada discussão que se desenrolava no capítulo. Barthes (2000), nesse sentido, foi utilizado, como um exemplo de como trabalhar com o fragmento da fala, e demonstrou que, em certos casos como da tese, o fragmento é melhor aproveitado quando inserido perfeitamente no contexto de um debate. O texto de Barthes, então, foi um exemplo do qual se partiu para o uso dos fragmentos das falas.

Outro viés da pesquisa empírica é o levantamento de documentos. Nesse sentido, em setembro de 2007, na visita a Guaratinguetá, foi feito um levantamento de documentos e fontes no Museu frei Galvão na cidade. Não é a casa; é um museu mesmo, que leva o nome do cidadão guaratinguetaense. Ali estão guardados recortes de jornais, fotografias, documentos que tratam da vida do frei, da história de sua família e casa. Em fevereiro de 2008, retornei ao Museu, onde recolhi mais documentos, como mini-teses escritas por autores locais que falavam do frei e da cidade, sobre as pílulas. As mini-teses, como as denominou dona Thereza, são na verdade pequenos textos, de menos de dez páginas, temáticos. Cada um tem um tema específico e o desenvolve. Estão todas elas à disposição no Museu frei Galvão e foram feitas com o intuito de facilitar o conhecimento de alguns assuntos históricos e/ou sociais, culturais, pelos visitantes do lugar ou pelos habitantes do município.

Na mesma visita, fui à Secretaria Municipal de Turismo, para recolhimento de material de turismo religioso. Material esse que consiste especificamente em panfletos de divulgação de pontos turísticos ou que distribuem revistas que falam, com um pouco mais de profundidade, sobre a região do circuito religioso, que compreende Aparecida, Guaratinguetá e Cachoeira Paulista, cidades próximas umas das outras, todas situadas no Vale do Paraíba. E ainda em Guaratinguetá, conheci a Catedral de Santo Antonio, onde o frei foi batizado, não conseguindo, porém, conversar com o pároco, indisponível em ambas as visitas. Também houve a visita à Basílica de Aparecida, a qual abriga uma biblioteca na torre, com fontes bibliográficas, as quais foram devidamente consultadas. Ali, pude identificar alguns materiais produzidos pela própria Igreja Católica (ECOS..., 2008), entre eles, os almanaques. O

produzido no ano de 2008 remetia ao ano anterior e trazia algumas reportagens do tempo da canonização do frei, sobre a sua vida, reproduzindo um material a respeito do primeiro santo brasileiro.

Em São Paulo, a visita ao Mosteiro contribuiu principalmente com as entrevistas com os devotos que deram seus testemunhos, em julho de 2008. Ali, o reforço foi dado à observação participante: participação em missas e celebrações, permanência durante o dia e observação da visitação das pessoas ao espaço e seus entornos.

Houve também contato com o capelão do Mosteiro, o padre Armênio Nogueira. Infelizmente, nenhuma das vezes isso redundou em entrevista. Mas, quando estive nesse local em 2008, pude conhecer um pouco mais do espaço, bem como alguns objetos guardados, do tempo do frei, e que remetem, especialmente, à construção do Recolhimento da Luz.

Todavia, o que é relevante no contexto do Mosteiro é o seu reconhecimento não só por ser um lugar sagrado, mas pelo seu valor arquitetônico e histórico. É um prédio tombado pelo Condephaat, nos anos de 1980, conhecido por abrigar na mesma edificação o Museu de Arte Sacra. Esse contexto difere da realidade valeparaibana, onde a relação do frei com a família e os primeiros anos de vida diverge do homem trabalhador e do padre, que é a ideia percebida em São Paulo.

Observação participante também foi feita na missa de 25 de outubro de 2008, em Marília (SP), na paróquia de Nossa Senhora de Fátima, a qual está aos cuidados dos franciscanos. Uma missa solene, às 19 h, dedicada ao santo brasileiro. Também foi gravada em MP3 e fotografada. Isso porque no dia em questão não pude estar em São Paulo ou mesmo em Guaratinguetá para acompanhar os festejos do dia de frei Galvão. Mas isso é para mostrar, também, que a figura de Antonio Galvão de França, bem como a celebração e a festa do seu dia já começaram a se espalhar para outras paróquias brasileiras. Isto é, não tem se restringido somente aos locais associados à vida dele; outros locais estão colaborando, espontaneamente, para fazer dele alguém mais conhecido do público católico brasileiro.

Para esclarecimento, também vale retomar que o gesto de observar – o que Malinowski (1978) denominou observação participante – é o exercício de buscar uma maior integração com o universo pesquisado: conhecer, participar mesmo, inclusive das festividades, falar com as pessoas sobre os assuntos que se desdobram nesses espaços, conhecer os arredores dos locais visitados, enfim, é um aprofundamento necessário que colabora com a elaboração de dados e elementos que melhor caracterizam uma realidade.

Em relação às reportagens jornalísticas, em princípio, foram procuradas todas aquelas que falassem do frei, de canonização e beatificação. As que foram colhidas de grandes jornais

e revistas – principalmente desde 2005 –, muitas delas, eu tinha guardado, especialmente da revista *Veja* e do jornal *O Estado de S. Paulo*. Outras fontes jornalísticas foram pesquisadas na internet, em banco de dados, como o da *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, pois ambos disponibilizam seus acervos eletrônicos dos diários impressos. Os bancos de dados eletrônicos de outros jornais, tais como, *O Globo*, *Gazeta Mercantil*, e das revistas *Super Interessante*, *Bons Fluidos*, *Isto É*, *Veja São Paulo*, *Veja*, *Época*, estão parcial ou totalmente disponibilizados em seu formato *on-line*, o que facilitou a variedade de uso de jornais e revistas na pesquisa.

No entanto, no levantamento dessas fontes, especialmente na internet, outras fontes foram surgindo e às vezes até temas ou discussões não pensados, mas que acabaram por ser selecionados pelo conteúdo, pelo debate ou pelo evento que narravam, como é o caso, por exemplo, no segundo capítulo, de algumas notícias de relatos de milagres publicados em fontes eletrônicas. Esse tipo de material – páginas eletrônicas (não jornais eletrônicos ou banco de dados, e sim páginas de variedades) –, em princípio, não constavam da lista de fontes, mas se tornaram interessantes no decorrer do levantamento. Dentre esses, os sites *Universo Católico* e *Catolicenet* são dois dos que aqui são citados. São esses dois exemplos bastante consultados e conhecidos do público católico internauta.

Também a pesquisa com a imprensa especializada foi feita via internet, pois a revista *Catolicismo* é eletrônica e ela foi priorizada porque seu alcance, seu número de visitantes e assinantes é bastante representativo. Ela existe também em seu formato impresso; porém, reproduz na íntegra suas matérias no *site* que leva o mesmo nome da revista. Ela disponibiliza o acervo de suas revistas, que são mensais, desde o ano de 1993. Ao todo, foram selecionadas, entre reportagens impressas de fontes eletrônicas, mais de 200 reportagens, das quais as selecionadas são as que melhor se alinhavam ao rumo das discussões pensadas, em especial, no primeiro capítulo. E pela quantidade de *links* eletrônicos que se encontram ligados a frei Galvão – há uma infinidade deles, quando se faz a pesquisa pelo nome em sites de busca, como Google⁶, por exemplo – priorizou-se a revista *Catolicismo* e poucos *sites* católicos, especialmente os mais conhecidos e visitados.

Outro item que merece ser destacado é a utilização de imagens, material iconográfico, fotografias tiradas de documentos, de quadros, dos espaços, de objetos, na missa de canonização em 2007. Todas elas, produzidas por mim. Algumas servirão para ilustrar o que está escrito, porém são muito mais importantes pela análise e pela interpretação dessa

⁶ Em 20 de abril de 2004, o número de links que o Google trazia era de 207.000. Pode ser visualizado pelo site: <http://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&q=frei+galv%C3%A3o&btnG=Pesquisa+Google&meta=&aq=f&oq=>>.

realidade. Por exemplo, ao longo dos capítulos aparecem várias fotografias dos quadros expostos na Casa de frei Galvão. Muitos desses quadros serão analisados no decorrer do trabalho, pois estão ali não só para mostrar uma cena, mas também porque eles têm uma outra finalidade: querem ser documentos e, como tais, foram pensados e feitos para expor a realidade de vida de frei Galvão; devem ser estudados pelo fato de conterem um registro visual; expressam alguma coisa, e é esse conteúdo apresentado que foi analisado. Para tanto, a bibliografia sobre uso de iconografias foi importantíssima, pois foi o ponto de partida para pensar melhor essas imagens, quadros e objetos expostos, especialmente na Casa de frei Galvão e no Mosteiro da Luz.

Mais do que ilustrar, então, uma fotografia pode revelar posicionamentos, formas de expressão e de ver o mundo; não se espera aqui que as referências de imagens sejam apenas ilustrativas, mas, com o auxílio delas, ampliar e enriquecer a análise e a compreensão sobre como foi a trajetória de vida de frei Galvão e como ele é hoje percebido pela comunidade católica brasileira.

CAPÍTULO 1 – FREI GALVÃO E A IMPRENSA NO BRASIL

Nos últimos dez anos (entre 1998 e 2008, principalmente), frei Galvão tem aparecido com certo destaque na imprensa brasileira. O ano de 1998 foi importante, nesse sentido, pois foi o ano de sua beatificação; em 2007, houve sua canonização, a qual culminou também com a vinda do papa Bento XVI ao Brasil, para abertura da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe (CELAM), evento que aconteceu na cidade de Aparecida, iniciando em maio desse mesmo ano.

Esses fatos fizeram com que os meios de comunicação divulgassem os eventos, bem como fossem promovidos debates sobre o santo, sobre o catolicismo no Brasil, sobre as novas diretrizes para a Igreja Católica brasileira e, ultimamente, um debate sobre o novo pastor cristão-católico, o papa Bento XVI. Este, com o falecimento de Karol Wojtyła em 2 de abril de 2005, foi eleito papa pelo conclave, reunião formada pelos cardeais que votam para eleição do novo chefe cristão-católico.

A morte de um papa e a preocupação em torno do novo eleito: dois eventos importantes foram amplamente noticiados e debatidos pela imprensa escrita e televisionada em 2005.

Essa é uma lembrança que revela o papel dos meios de comunicação quando qualquer estudioso resolve analisar a sociedade moderna. A menção ao fato é ilustrativa, pois se quer reforçar com isso que, desde o século XX, e plenamente fortes e consolidadas no século XXI, as imprensas escrita e televisionada não são meros instrumentos de mediação de informação amplamente difundidos na sociedade de massas; transcendem esse caráter, são espaços de disputas e de poder, de formação de opinião e de espaços hegemônicos também, isto é, não são somente meios que reproduzem imparcialmente um evento ou uma informação, mas são uma instituição que forma e seleciona a informação que será transmitida e deve ser pensada, “como uma força ativa da história do capitalismo e não como mero depositário de acontecimentos nos diversos processos e conjunturas” (CRUZ; PEIXOTO, 2008, p. 5).

Desta forma, ao optar por estudar como a figura e os acontecimentos relacionados a frei Galvão foram tratados pela imprensa escrita, como ensina Darnton, a pesquisa faz pensar a imprensa e “sua inserção histórica enquanto força ativa da vida moderna, muito mais ingrediente do processo do que registro dos acontecimentos, atuando na constituição de nossos modos de vida, perspectivas e consciência histórica” (apud CRUZ; PEIXOTO, 2008, p. 5).

Nesse sentido, houve por bem, nesta pesquisa, realizar um levantamento sobre como foi lembrado frei Galvão pelos jornais, revistas e meios eletrônicos de comunicação do Brasil. Não se trata, contudo, de realizar uma exaustiva análise sobre a história da imprensa, tampouco somente ressuscitar registros de como foi a canonização ou o que tal ou qual jornal disseram. É necessário compreender porque tal jornal ou revista tratou o tema de uma maneira e não de outra, porque deu destaque ao assunto, que interesses o jornal revela nesse sentido, que entendimento quer passar às pessoas quando coloca, em sua capa, em destaque a figura do frei e os processos canônicos a ele relativos.

O levantamento delimita-se especialmente a jornais do Estado de São Paulo, bem como revistas; todavia, alguns outros jornais do país foram trazidos ao trabalho pelas notícias que publicaram. Também fontes eletrônicas foram consultadas, para ver como os processos de beatificação, canonização e história de frei Galvão são apresentadas ao público pela mídia eletrônica. Não seria possível, porém, crer que toda e qualquer fonte são idênticas: elas divergem em seus objetivos, em suas estruturas e na apresentação; são diferentes quanto ao público leitor, quanto ao editorial. Dessa forma, dois blocos de fontes jornalísticas foram pensados aqui, para melhor caracterizar o tipo de jornal e revista, ou página da internet, que se selecionou: o primeiro bloco optou-se por chamar de grande imprensa; um segundo bloco é formado pelas fontes da imprensa especializada.

No primeiro bloco, tem-se em mente ver como a grande imprensa trabalhou o tema, como se dá o processo de noticiar o primeiro santo brasileiro em jornais e semanários de grande circulação entre o público paulista. Por grande imprensa se entende aqui aquela parcela de publicações que atingem um grande número de leitores diários. É também aquela parcela da imprensa que, apesar de crer-se muitas vezes isenta ou imparcial diante de um evento, afirma sutilezas que revelam suas forças e as disputas desse campo específico. Exemplos de jornais e revistas de grande imprensa são aqui os jornais *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, *Gazeta Mercantil*, *O Globo*, revistas *Veja*, *Super Interessante*, *Época*, *Bons Fluidos*, *Isto É*; alguns outros menos abrangentes quanto ao público, como jornais regionais também são pensados aqui, o jornal *Vale Paraibano*, *Bom Dia Sorocaba*, *Jornal Diário da Manhã*, de Goiânia (GO), *Jornal do Commercio*, de Recife (PE), periódicos eletrônicos, como a *Folha Online* e *Gazeta Online*.

Noutro bloco, porém, trabalhou-se a parcela da imprensa chamada especializada. Aqui, a especialidade limita-se ao caráter religioso. Foram selecionados alguns sites da internet, bem como de revistas eletrônicas, que dão outra ênfase e demonstram outros pontos relevantes para o debate acerca do frei. São eles: revista *Catolicismo*, *RCC Brasil* (portal da

renovação carismática), portal da CNBB, *Dia-a-Dia*, *O São Paulo*, jornal impresso da diocese da capital paulista, portal da rede *Canção Nova*, e noticiários católicos, como *Universo Católico* e *Catolicenet*.

Sendo assim, o jornal e a revista aqui se mostram como fonte histórica e esse processo é de escolha e de seleção, sendo agora tratado esse material com rigor teórico e metodológico. Como ensinam Cruz e Peixoto (2008, p. 6),

Trata-se de entender a Imprensa como linguagem constitutiva do social, que detém uma historicidade e peculiaridades próprias, e requer ser trabalhada e compreendida como tal, desvendando, a cada momento, as relações imprensa/sociedade, e os movimentos de constituição e instituição do social que esta relação propõe.

Priorizou-se o acesso a tais matérias com o uso da rede mundial de computadores, a internet. Por meio dela, hoje em dia, é possível acessar uma infinidade de jornais e seus acervos. Em geral, quase todos, inclusive os trabalhados, disponibilizam *on-line* seus textos jornalísticos.

E o objetivo desse debate se fundamenta não no fato de que o jornal ou a revista e mesmo a internet dizem uma “verdade”; mas, sim, reconhecer na imprensa escrita uma possibilidade de entender como se noticia um evento, um acontecimento nacional, notícias essas que chegam até os leitores, que ideias ou críticas querem oferecer ao leitor, o que objetivam com tais matérias. Enfim, é perceber que tipo de representação ajuda a construir sobre frei Galvão, isto é, se reforçam sua santidade ou a negam; que pessoas entrevistam – os milagrados dos processos, a família em Guaratinguetá, os representantes da Igreja Católica, ou mesmo médicos e fontes que contestam o processo. É nos detalhes e, muitas vezes, em pequenas brechas que as matérias deixam vir à tona a ideia que seus redatores tinham do evento que estavam noticiando.

Fica claro que o jornalismo não está acima do bem e do mal: como outros campos, aí também a cultura é representada como um campo de forças e de disputas, de conflitos e de posicionamentos. E, como um campo que produz um discurso, tem-se aqui a busca de descobrir o que esse discurso quer contar, a quem e com que propósito, e dessa forma perceber como o jornal, a revista e a mídia eletrônica corroboram e colaboram na construção da representação de frei Galvão.

E, enquanto tal, há que se reconhecer a força de intervenção da imprensa na sociedade. Por sua capacidade de articulação, o jornal toma partido, assume posicionamentos e, assim, acaba por interferir na maneira como as pessoas entendem o que ali está sendo retratado. As pessoas leem o que o jornal escreve. Por conseguinte, o jornal acaba fomentando, como dizem Cruz e Peixoto (2008), adesões ou não a determinadas ações; disseminam ideias, valores,

comportamentos; reforçam, pela repetição, a naturalização do inusitado no cotidiano; corroboram na formação de uma visão da realidade e do mundo; enfim, são esses alguns aspectos que as autoras salientam, mas que demonstram sobremaneira como o jornal intervém ativamente na vida das pessoas. E isso não pode ser posto de lado quando o pesquisador se debruça sobre tal tema. Há que se ter isso bem claro para que a imprensa seja entendida como um campo de formação de opiniões e também como um espaço de disputas de força e de poder entre os sujeitos sociais.

1.1 Do processo canônico ao evento que beatificou frei Galvão

No dia 25 de outubro de 1998, em Roma, ocorreu a cerimônia que reconheceu frei Galvão como beato. É um título que permite aos fiéis, por assim dizer, que dediquem devoção à imagem do santo, bem como possibilita que essa seja exposta em altares. Foi uma cerimônia presidida na época pelo papa João Paulo II. A beatificação, segundo Roberti (apud SANTOS, 2007, p. 98) “é um ato preparatório pelo qual se permite o culto público, limitado no espaço e no tempo, de algum Servo de Deus com título de Beato”.

Ela, a beatificação, é um estágio anterior, por assim dizer, ao da canonização. Com a beatificação “os beatos são elevados às honras dos altares em alguns lugares, ou em algumas famílias religiosas específicas. Só nesses locais, ou nessas comunidades, seu culto é autorizado pela Igreja” (SANTOS, 2007, p. 98). Então, para o fiel católico, um processo de beatificação já passa a reconhecer o indivíduo como alguém diferente, especial para a comunidade cristã-católica. Para esse público seletivo, aquele homem ou mulher torna-se mais do que um simples ser humano; o beato ou beata é agora entendido pela Igreja e por grupos de fiéis como um indivíduo dedicado e devotado às obras divinas.

A beatificação garante a possibilidade de devoção ao beato, o que não quer dizer que antes não houvesse devoção a ele. Passa a se permitir, no entanto, que essa devoção possa ser feita em público, em uma capela ou em algum lugar sagrado relacionado a um beato ou beata. O mesmo valerá, entretanto, para uma canonização; mais ampla, ela permite a devoção a um santo em qualquer altar católico do mundo. Ou seja, as pessoas não passam a crer somente depois que a Santa Sé institucionaliza uma santificação; antes, a pessoa já tinha devotos e fiéis que nele acreditavam, mas o gesto é marcante pelo fato de permitir a devoção, por assim

dizer, pública a algum representante dos homens e mulheres canonizados e beatificados pelo Vaticano.

No caso de frei Galvão, os locais onde ele passou a receber devoção cercaram-se ao município de Guaratinguetá (SP) e à capital paulista, onde ele viveu e morreu. O beato, perante a Igreja Católica, não é ainda plenamente reconhecido em sua santidade, apesar de muitas vezes já gozar da notoriedade de santo. Sendo assim, até a consequente canonização, na maioria das vezes, o culto a ele é limitado aos espaços onde o beato viveu ou passou.

Antes de sua canonização, frei Galvão já era caracterizado em imagens. Em uma reportagem do jornal regional Valeparaibano, em 19 de abril de 1998 (seis meses antes de sua beatificação, portanto), já era notável um incremento no comércio da região, pois aumentava a procura pelas imagens e santinhos de frei Galvão.

As fábricas de imagens de santos de Aparecida e Guaratinguetá já estão começando a produzir imagens do frei Antônio de Sant'Ana Galvão, cuja beatificação já foi aprovada pelo Papa João Paulo 2º. Antes de se tornar beato, era praticamente impossível encontrar uma imagem do frei para vender. No último mês, o objeto ligado ao frei mais procurado tem sido a pílula. [...].

O comerciante Ítalo Franco Cartegni, proprietário das Casas Monalisa, de Aparecida, disse que lançou a imagem de frei Galvão há dois meses. "Decidi fabricar a imagem depois que começou a haver procura na loja", disse Cartegni. Segundo ele, estão sendo vendidas uma média de três imagens por dia, sendo que o frei sentado ou em pé sai por R\$ 15. O objeto tem cerca de 20 centímetros de altura.

Cartegni disse que recebeu encomenda de duas igrejas da região de duas imagens de frei Galvão, sendo uma de um metro de altura e a outra de um metro e sessenta centímetros. Ele não quis divulgar para quem são as imagens. [...]

A proprietária da fábrica de imagens São Judas Tadeu, em Guará, Zely Chamon Jehá, disse que também vai fabricar as imagens de frei Galvão. "Por enquanto não houve procura, mas já estou providenciando as imagens". (NOGUEIRA, 1998).

Parte da região do Vale do Paraíba – que compreende os municípios de Aparecida, Guaratinguetá e Cachoeira Paulista – é, atualmente, conhecida como uma região de circuito de turismo religioso. Somente a Basílica de Nossa Senhora Aparecida recebeu, em 2007, algo em torno de oito milhões de peregrinos. Muitos desses visitam as outras cidades do circuito. Cachoeira Paulista é um pouco mais distante: dista 30 km à frente de Guaratinguetá, na rodovia Dutra, sentido Rio de Janeiro. Porém, Guaratinguetá e Aparecida são, hoje, praticamente, uma mesma cidade. Não tem divisão entre elas. Uma acaba no início da outra. Entre a Basílica e a Casa de frei Galvão, a distância não ultrapassa cinco quilômetros.

Desde a beatificação de frei Galvão (pouco antes até, como apontou a reportagem acima) já houve romarias que iniciavam a visita à casa e ao município do beato brasileiro. Quem participa como romeiro e peregrino nessas empreitadas tem por hábito e por devoção comprar objetos, imagens (como diz o jornal, representações de barro, cerâmica ou resina no formato do santo), santinhos, terços e outros artefatos que remetem aos santos de devoção. Houve até mesmo, inicialmente, uma dúvida sobre qual representação deveria ser a adotada

para representar o frei. A revista *Veja* trouxe uma reportagem que discutia qual delas deveria ser a escolhida para representar o beato:

Antes de tomar posse nos altares, frei Galvão precisa de uma representação, uma espécie de foto oficial. "São Sebastião aparece ferido por flechas, São Francisco está sempre ao lado de pássaros. A imagem do frei Galvão também precisa de uma característica própria", opina a historiadora Thereza Maia, que escreveu uma biografia do beato. Até o início do próximo ano, os santeiros da região de Guaratinguetá deverão acertar com uma comissão de religiosos uma imagem mais adequada de frei Galvão. Algumas versões já têm até torcida. "É de agrado dos franciscanos que ele seja retratado segurando a imagem de Nossa Senhora da Imaculada Conceição, de quem era devoto", explica o frei Carlos Pierezan, guardião do Seminário frei Galvão. Outros apostam na imagem de frei Galvão sentado numa cadeira, réplica da que ele usava e hoje está na catedral de Sorocaba. Outros, ainda, preferem retratá-lo de pé, uma alusão ao fato de o beato ter sido um grande andarilho, na melhor tradição franciscana – diz-se que ele percorreu os mais de 400 quilômetros que separam São Paulo do Rio de Janeiro a pé. Por fim, há os que querem que a imagem oficial tenha frei Galvão com o pergaminho em uma mão e uma pena na outra, alusão à veia literária do religioso. Frei Galvão escrevia poemas religiosos em latim e fez parte da primeira Academia de Letras de São Paulo. Enquanto não se define o retrato oficial do beato, o comércio se vira como pode. No Mosteiro da Luz, vendem-se medalhinhas, santinhos e até bilhetes de loteria com a efígie do frei. "Entregava quinze velas por dia, apenas para o consumo das freiras. Agora são 200", afirma João Ferrari, fornecedor das "velas do frei Galvão", entusiasmado com o reaquecimento do catolicismo numa cidade em que, até outro dia, só se falava em fé quando o assunto eram igrejas evangélicas. (MANSO, 1998)



Ilustração 1 – Vitrine com as estatuetas do santo. Nessa representação, o santo não traz nada nas mãos, somente gesticula. Casa de frei Galvão, Guaratinguetá.



Ilustração 2 – Imagem de frei Galvão à venda na entrada de uma loja do centro de Guaratinguetá.
Essa representação é a oficial: o frei com o pergaminho não mão esquerda.



Ilustração 3 – Figura de frei Galvão sentado. Casa de frei Galvão, Guaratinguetá.

O texto da revista *Veja* explorava uma questão comercial nesse ínterim das vésperas da beatificação. Com esse primeiro reconhecimento atribuído ao frei de Guaratinguetá, veio o romeiro, o devoto, que queria comprar suvenires e objetos relacionados ao frei. Até que se definisse como ele seria retratado, houve esse impasse apresentado na revista, o que revela que há um trâmite a ser respeitado para a definição de como será a materialização da imagem

de um santo ou santa. E mais que isso, é perceptível também que não havia uma unanimidade quanto à figura dele. As figuras 1 e 2 trazem, ou dão a impressão, de um frei mais jovem; a figura três, que replica um quadro pintado, provavelmente no tempo do frei, mostra-o mais velho. E talvez até por essas várias possibilidades é que tenha surgido o impasse, a dúvida, sobre qual a melhor maneira de representar Antonio Galvão de França.

Acabou-se, por fim, priorizando a representação do santo em pé, com o pergaminho na mão esquerda. Mas outras, nos formatos e situações mencionadas, foram fabricadas ou esculpidas por artesãos e, algumas delas, a família mantém em exposição na casa de frei Galvão; por exemplo, a própria ilustração 1 é um exemplo: a fotografia foi tirada da vitrine que vende produtos religiosos dentro da casa. Ou seja, a própria família, responsável pelo espaço, vende ainda outras figuras do frei que não são a oficialmente definida, do pergaminho. E expõe também no espaço outras formas de ver o santo. Por exemplo, no quadro abaixo ele é pintado em uma cena que remete à construção do Mosteiro da Luz, empreendimento do qual participou.



Ilustração 4 – Quadro que retrata frei Galvão construindo. No texto abaixo está escrito: "Beato Frei Galvão - Patrono da Construção Civil. Título outorgado pelo Papa João Paulo II em outubro de 2000". Casa de frei Galvão, Guaratinguetá.

Como e por que essa imagem – do frei em pé com o pergaminho na mão – foi a escolhida, nem o jornal, nem outras fontes, traduzem a resposta; mas é preciso tornar claro que o fiel esperava já, ao tempo da reportagem da *Veja*, ter uma definição quanto a essa questão. Sendo assim, há que se encontrar e selecionar uma marca, um objeto ou um gesto

que individualize a sua imagem frente a de outros santos e que também individualize sua aparência perante outros santos representados. Por exemplo: santo Antônio sempre vem com o menino Jesus nos braços, são Francisco de Assis vem sempre acompanhado de um pássaro no ombro e outros animais, santa Terezinha leva sempre rosas nos braços. O que faltava, apenas, era o sinal distintivo para o novo beato.

No caso de frei Galvão, apesar de ter falecido há mais de 200 anos, não parece ter sido difícil (para o Catolicismo, para a família e biógrafos) localizar alguns indícios sobre como ele era, sua fisionomia e características físicas. Em todos os livros biográficos (SANTOS, 2007; MAIA, 2007a etc.), os autores fazem menções ao tipo físico: um homem alto, com uma estatura de 1,90 m, bonito. Por ser franciscano, sempre vestido no hábito típico dessa ordem⁷, o cabelo cortado à moda de São Francisco. Outro elemento que é recorrente na fala dos biógrafos é a exumação feita no tempo da beatificação. Com base no exame, teriam colhidos as informações sobre a estatura dele e o tipo de vestimenta. São elementos que ajudaram os indivíduos que definiram como seria sua estátua a formar uma construção ideológica a respeito do santo.

E, além disso, com o passar de décadas, foi se construindo uma memória a respeito de suas características físicas e religiosas e isso foi utilizado, provavelmente por quem definiu sua aparência ou os elementos que o identificariam, na hora de definir com que caracteres as imagens deveriam ser produzidas.

Ambos os autores supracitados falam de um lugar específico, do interior de um campo religioso e do âmbito da família, como é o caso de Thereza Maia. Para ela, principalmente, a fisionomia do santo foi passada pelos seus pais e avós, que o conheceram ou que souberam por outros parentes como era o frei. Nesse sentido, vão salientar aspectos para a identificação e a definição da imagem do frei franciscano. E mesmo outros biógrafos, como padres e devotos que escreveram sobre a vida de frei Galvão, salientam sinais distintivos do frei, principalmente naquilo que diga respeito a sua opção religiosa, e esse é o principal caráter apresentado para o fiel; isto é, acabam dando subsídios para formar uma ideia de quem era o frei Galvão, como ele aparentava e deveria ser. Nesse ínterim, corroboram a formação de um imaginário em torno da figura do santo.

⁷ No entanto, há um senão: Frei Galvão pertencia aos Alcantarinos, linhagem por assim dizer, dentro da Ordem Franciscana, que advém desde São Pedro de Alcântara, santo português que no Brasil tem uma igreja a ele devotada no município de Petrópolis, RJ. Como explicou, em entrevista (14/07/2008), o Padre Armênio – capelão do Mosteiro da Luz, hoje – os alcantarinos utilizavam hábito preto. Não se achou por bem fazer um santo vestido de preto, então a veste é marrom, como a dos franciscanos mais comumente conhecidos.

Além do que, com a exumação do corpo como parte do processo de beatificação, indícios vieram à tona acerca da estatura do frei, fato que reforçou a descrição dos caracteres para a Igreja. Evidências como esta não somente formam uma imagem sobre a pessoa, mas revelam aspectos simbólicos da representação, fomentam a construção ideológica em torno da imagem. Maia (2007a, p. 19) diz o seguinte, em seu trabalho:

No livro “Frei Galvão – Bandeirante de Cristo”, informa Maristela que “Frei Galvão era fisicamente bem dotado”, tendo em Itu, “chamado a atenção por sua bela aparência, ar edificante e nobre. Foi considerado não só muito bonito, mas também muito santo”, o que era repetido em todo o Vale do Paraíba, onde “era respeitado, venerado e conhecido como o frade santo”.

Tais fatores que a autora menciona revelam uma análise do frei que ajudou a fortalecer um imaginário construído sobre a pessoa dele, em especial no seio da família. É emblemático ter um santo bonito, que tivesse sido respeitado, venerado, de estatura longilínea, que inspirava ares de nobreza. O que prepondera quanto a essa descrição é que não cabe discutir se o santo era bonito ou não, se o biógrafo diz a verdade ou não, mas discutir e problematizar o papel atribuído a esse fator beleza na construção da memória de frei Galvão.

A autora descreve principalmente o caráter da beleza, o qual no texto acima se alinha a um padrão estético europeu e branco: homem alto e branco, bonito, de ar edificante e nobre. Claramente, advém a associação da figura do santo a de um homem de origem europeia, de pele branca e de estirpe nobre. E isso não decorre apenas do ato da exumação: ao longo dos anos, foi se construindo uma memória com base em elementos como esses, os quais compõem as características físicas e de personalidade de Antonio Galvão de França.

Não há para a Igreja Católica ou para as pessoas que escrevem sobre o frei, por exemplo, uma característica feia atribuída a ele ou, caso haja, isso não é exposto ou foi disfarçado ou omitido da imagem e da estátua que o representa⁸. Portanto, está-se diante da formação de uma memória historicizada que tece alguns fios que ajudam a formar a definição do que deve ser e de como deve ser fabricada a imagem de barro ou de resina de frei Galvão.

Ao que parece, então, os parâmetros para definir a sua representação partiram de informações provavelmente colhidas em biografias e de algumas poucas imagens, como a

⁸ Taylor Caldwell, romancista católica, tem vários livros sobre a vida de santos. Em um deles, *O grande amigo de Deus*, ela romanceia a vida de São Paulo. Apesar de ser um romance – não o utilizo aqui como fonte explicitamente – alude ela inúmeras vezes à feiúra do santo. Em momento algum é categórica na afirmação, mas sempre o retrata como o menino ou homem de cabelos muito vermelhos, espetados, duros, de personalidade irascível. No entanto, remedeia a construção de um São Paulo feio, ao analisar tais fatores como constitutivos de uma personalidade forte e determinada. Em outro trabalho seu, *Médico de homens e de almas*, ela descreve outro personagem, São Lucas evangelista: médico e de família abastada, um indivíduo apolíneo, belíssimo, reforçando, para o leitor do romance, o imaginário de um homem santo, loiro, belo e cativante para com as pessoas, que abdica de seus dotes pessoais em prol do socorro aos doentes e enfermos. Em ambos os exemplos, ela aproxima os apóstolos de um perfil de beleza e de estética que é próprio de povos europeus.

representada na ilustração 3 (essa figura que retrata o frei sentado é uma fotografia da réplica de um quadro que há no Mosteiro da Luz), e da própria exumação de seu corpo que colaborou nesse sentido⁹. Há muitos quadros e pinturas do frei, bem como algumas esculturas. A que está abaixo, está no Mosteiro da Luz, é setecentista; certamente, um dos registros materiais mais próximos ou concomitantes à vida do frei de Guaratinguetá. Talvez essa estátua tenha reforçado a maneira de visualizar como seriam suas representações para os devotos.



Ilustração 5 - Fotografia da página do livro de dona Thereza Maia (2007a), no qual ela retrata uma das estátuas que seriam mais próximas ao tempo de vida do frei.

Burke (2004, p. 85), em uma passagem de seu livro que dedica a interpretar imagens de líderes políticos, fala que esses traços que marcam uma estátua de uma pessoa devem ser encarados “como teatro, como representações públicas de um eu idealizado”. A crítica de Burke vai no sentido de mostrar que tais representações não são e não podem ser encaradas como o retrato fiel da realidade; são simbólicas e, portanto, ideologicamente construídas. A mensagem do autor auxilia na compreensão desse debate em torno da imagem do frei.

A imagem de resina ou de barro vendida no comércio de Guaratinguetá é o retrato de um indivíduo idealizado, não é o próprio frei. É resultado de uma construção histórica e

⁹ Não obtive acesso ao laudo de exumação, tampouco a outros documentos médicos ou biológicos, relativos ao frei e aos milagrados. No entanto, algumas dessas percepções e conclusões estão no volume da canonização (CONGREGATIO DE CAUSIS SANCTORUM, 1993), bem como as biografias trazem também algumas fotografias e dados.

social, da qual fizeram parte indivíduos que reforçam a imagem construída: os biógrafos, por exemplo, como dona Thereza Maia. Ela, em especial, como historiadora, assume essa pré-concepção a respeito do tio santo.

E torna-se claro que, tal como uma fotografia, essas imagens são representações; nem por isso, verdades incontestáveis. São símbolos, que remetem a uma realidade passada. Cabe encarar esse fato, assim como Machado (2001, p. 129) analisou a fotografia:

Como *símbolo*, segundo a definição peirceana, a fotografia existe numa relação triádica entre o *signo* (a foto ou, se quiserem, o registro), seu *objeto* (a coisa fotografada) e a *interpretação* físico-química e matemática. Assim, ela pode ser lida como a criação de algo novo, de um conceito puramente plástico a respeito do objeto e de seu traço – aliás, essa é a única leitura séria da fotografia.

Diante do mundo material, uma estátua se assemelha a uma fotografia: essa última representa e cria algo novo, ao mesmo tempo que é produto de um processo que a criou. A fotografia representa um objeto ou alguém – o que não quer dizer também que esse objeto tenha existido real e materialmente. Historicamente, a imagem é fruto de uma produção humana, consequência de procedimentos que a geram, adquirindo, perante a humanidade, um simbolismo próprio, sendo permeada e amparada por uma memória.

Por fim, “imagens têm sido utilizadas com frequência como um meio de doutrinação, como objetos de cultos, como estímulos à meditação e como armas em controvérsias” (BURKE, 2004, p. 58). A discussão de Burke confronta e questiona a ideia de que a imagem, ou uma estatueta de santo, é isenta de historicidade. Ele quer expor justamente que uma imagem e uma estátua são produto de um processo histórico, os quais muitas vezes se prestam à doutrinação, ou seja, a um exercício que limita a forma como a pessoa percebe e sente o mundo a sua volta. A reflexão desse historiador problematiza o debate e leva à compreensão de que a imagem de frei Galvão pode até ser utilizada ideologicamente pela Igreja Católica, todavia não é esse, certamente, o único objetivo ou motivação para encerrar a discussão sobre como frei Galvão seria representado.

Como dito na citação também, uma fotografia e uma estatueta de santo podem ser representantes de uma fé, de uma religião, de uma devoção particular, de uma relação afetiva com alguém; por exemplo, uma fotografia de família que mantemos na sala de casa para demonstrar nossa afetividade para com nossos pais ou filhos. E uma pequena representação – como as que são vendidas dentro da casa – também pode ser informativa, isto é, auxilia – não apenas doutrina como massa de manobra – o fiel a pensar o seu santo de devoção, a ter momentos contemplativos diante dessa representação, a se sentir mais próximo, até mais

íntimo, do santo a que um indivíduo tenha maior fé. E isso é possível de ser percebido não somente hoje, mas desde há muito tempo na história do catolicismo no país.

Um exemplo que pode melhorar a apreensão dessa relação entre devoto e a representação (seja ela uma escultura, um quadro, uma fotografia), a necessidade de representar o santo em estátuas e imagens, por exemplo, é voltando o olhar para o Brasil dos primeiros séculos de colonização portuguesa. Na época do Brasil-Colônia, como mostra Mott (2007), ao analisar a relação do português com o catolicismo, ele evidencia uma grande quantidade de casas coloniais que não só tinham esculturas de santos, mas até capelas, especialmente as grandes casas de fazendas, como ele menciona no texto.

No artigo, é dada uma série de exemplos de fazendas que tinham capelas, adornadas de estátuas de santos. Isso serve para apontar que, mais do que ser um apelo comercial, ou seja, produzir as réplicas de barro ou resina, porque há quem compre, e mais do que ser uma maneira de limitar e definir como ele deve ser moldado pelos artesãos, ou mesmo mais do que uma forma de delimitar quem foi frei Galvão, a reprodução de suas imagens é um anseio que talvez revele essa necessidade do devoto católico de trazer para dentro de sua casa, de sua vida e de seu quarto, a figura de alguém que ele crê ser santo, ser seu protetor e até mesmo seu companheiro.

Outro objeto muito conhecido pelos devotos de frei Galvão e que muito antes da beatificação já era objeto de desejo dos fiéis são as pílulas. São elas pequenos pedacinhos de papel nos quais estão inscritas orações. Ao tempo da beatificação, por exemplo, a revista *Veja* (MANSO, 1998) mencionou que o Mosteiro da Luz passou a receber um público visitante de mais ou menos três mil fiéis. No que diz respeito às pílulas, o repórter escreve:

Para atender os fiéis, treze freiras desdobram-se na produção diária de 20.000 pílulas. Também cabe às madres responder às 2.000 cartas que chegam por dia. "Vim do Paraná com minha irmã. Ela está se recuperando das treze operações que fez", diz a dona de casa Amélia Teodoro. Em Guaratinguetá, cidade natal do beato, a 178 quilômetros de São Paulo, o movimento se repete. No final de semana passado, a Catedral de Santo Antônio, onde o frei foi batizado e rezou a primeira missa, teve de ser aberta às pressas para receber romeiros que lotavam cinco ônibus de Santa Catarina e do Paraná. (MANSO, 1998).

A beatificação de frei Galvão, mais do que um evento importante na história da Igreja Católica brasileira, foi um fato representativo para a vida das freiras que vivem enclausuradas no Mosteiro da Luz, como para outras tantas em Guaratinguetá, todas produzindo pílulas até hoje, bem como para os descendentes do frei. Implicou em um rebanho crescente de fiéis e peregrinos, que passou a procurar mais pílulas, mais objetos sagrados (medalhas, santos, terços), que começou a se interessar pelos lugares nos quais ele viveu e passou, fazendo com que a rotina do Mosteiro, por exemplo, passasse a prever essas novas visitas, ao passo que

em Guaratinguetá forçou a família a pensar em um esquema de visitação na Casa, arrumação, arranjo e organização dos objetos, além da distribuição gratuita das pílulas.

A beatificação não só deu nova configuração ao cenário religioso do catolicismo – mormente das cidades envolvidas – como alterou plenamente o cotidiano das pessoas que participam desse mercado religioso e da economia que envolve a figura do santo. Porém, nem todos os personagens envolvidos e que atendem a esse mercado religioso agiram da mesma maneira diante desse *boom* do público pela procura das pílulas. Noutra reportagem da Revista *Veja*, em 1998, ela traz uma matéria na qual Dom Aloísio Lorscheider, que na época era arcebispo de Aparecida, surpreende o rebanho, proibindo a distribuição das mesmas.

Na semana passada, o culto ao beato brasileiro foi para o centro da arena, quando dom Aloisio Lorscheider, arcebispo de Aparecida, proibiu a distribuição das famosas "pílulas de frei Galvão" na área de sua diocese. Foram divulgadas duas justificativas para tanto. Em primeiro lugar, o trabalho de confecção das pílulas teria transtornado o cotidiano das onze irmãs do Mosteiro da Imaculada Conceição, em Guaratinguetá, cidade natal de frei Galvão e parte da arquidiocese de Aparecida. As religiosas, que vivem em reclusão, começaram a trocar as orações e meditações da vida no claustro pela tarefa de cortar e enrolar, na forma de comprimidos, metros e metros de papel com uma evocação em latim à Virgem Maria. O outro motivo alegado para o banimento seria o fato de o consumo das pílulas estar adquirindo características de superstição. As pessoas buscavam-nas como quem pede uma aspirina multiuso, lenitivo para dores de cabeça, câncer, todos os tipos de doença grave e até para conseguir um emprego.

A atitude de dom Aloisio, um religioso progressista em relação às causas sociais, porém conservador no que diz respeito à prática litúrgica, surpreendeu o rebanho católico. Afinal, as tais pílulas são estrelas do único milagre admitido pelo Vaticano para justificar a beatificação do brasileiro. [...]

Com a divulgação maciça do feito, a procura pelas pílulas explodiu. Diariamente, 3.000 pessoas fazem fila diante do Mosteiro da Luz, em São Paulo, para receber dois envelopes com três pílulas cada um. A maioria não quer nem saber de discussões teológicas. "Proibir a pílula é como matar a fé do povo", exalta-se Maria Peralta Fabiano, 65 anos. A dona de casa paulistana tem certeza de que as pílulas a ajudarão a se recuperar bem da cirurgia que vai enfrentar (LUNA, 1998).

Valeria perguntar o que a revista entende por conservador nas práticas litúrgicas, quando faz menção a Dom Aloísio Lorscheider. Esse foi um dos principais nomes na atualidade da Igreja Católica brasileira. Foi sempre conhecido pelo público em geral como um homem que não só era “progressista” em relação às causas sociais, mas sim um questionador em momentos cruciais de posturas adotadas pela Igreja Católica. Foi um dos bispos que se alinhou à proposta da teologia da libertação durante os anos de 1960 e 1970, a qual vinha, justamente, na mão contrária de uma tradição conservadora.

Nesse sentido, a ideia dada pela revista de que diante do dilema da distribuição das pílulas ele é visto como um bispo conservador, não reflete o que foi a vida dele dentro da Igreja. Tampouco fosse esse o objetivo da revista: discutir quem era e foi dom Aloísio. Porém, acaba, sutilmente, apontando um caráter sobre a pessoa dele na matéria: por causa da suspensão que ele determinou quanto à distribuição das pílulas, ele teria sido um bispo e um cardeal conservador ou autoritário.

No entanto, não é possível fechar a análise sobre a matéria dessa forma. Alguém pode ter lido e assim pensado, mas esse posicionamento de Dom Aloísio mais reflete uma maneira diversa de devoção de sua parte do que propriamente uma indignação quanto à pílula. Indo um pouco mais além, para o arcebispo, quem sabe, a ideia fosse desmistificar o uso da pílula também, esclarecer a ideia de que esse objeto não é remédio, e sim uma manifestação de um simbolismo criado por frei Galvão, e demonstrar que a devoção ao frei não se limita unicamente aos tais papeizinhos.

O próprio título da reportagem, entretanto, sugere uma surpresa por parte da revista (ou do repórter) e como ela quer passar essa notícia para o leitor: a atitude de dom Aloísio foi surpreendente, inesperada. Como o fato ocorreu logo após a beatificação, ou seja, em um momento de grande evidência da figura do frei, o fato tenha realmente causado surpresa, tanto à imprensa quanto aos devotos.

Além da saturação do trabalho das freiras, há uma relação que a revista reproduz como sendo supersticiosa, ou seja, havia fiel que buscava na pílula uma relação que ia além da religiosidade dos moldes católicos, que via na pílula a figura de um curativo, de um elixir. A postura de dom Aloísio diante desse fato demonstra mais do que a revista quis dizer: é importante compreender o lugar que dom Aloísio ocupava na Igreja, e esse não é necessariamente um lugar fixo, mas um lugar que foi sendo construído e que é sujeito a mudanças. Isto é, talvez mesmo ele nem fosse contra as pílulas, mas diante de uma situação complicada, que envolvia o trabalho das freiras, o uso incorreto dos papeizinhos, ele tenha se visto diante de uma única solução, qual fosse, proibir temporariamente até que tudo estivesse organizado e a distribuição seria normalizada.

No fundo dessa discussão, o que existe é uma preocupação sobre como esta prática religiosa está sendo encarada e experimentada pelos fiéis e pela Igreja Católica. A prática religiosa do uso das pílulas, de alguma maneira, na visão de dom Aloísio, não estava em concordância com o esperado. Ou seja, é preciso repensar então qual é o limite entre o ato de fé que a Igreja Católica brasileira considera legítimo e o ato supersticioso. Há uma tensão aparente na reportagem, pois setores da igreja, certamente, julgam que a maneira como as pílulas vinham sendo distribuídas não combinavam com uma legítima prática de fé e religião.

Noutro ponto, há que se refletir que dom Aloísio fez parte de um setor do Catolicismo que mais se preocupava com a inserção política da Igreja nas questões de saúde, pobreza, etc, do que preocupado com a tradição. Dessa forma, a revista *Veja* reduz a questão (a qual envolve a concepção de igreja, de religião) a uma simples discussão de conservadorismo. A

revista entende como sendo conservadorismo quem não aceita, no caso o arcebispo, a prática popular, sem, no entanto, discutir ou questionar o que conservadorismo realmente significaria.

Uma outra revista de grande circulação também noticiou o fato da suspensão da circulação das pílulas:

A intenção foi a melhor possível, mas os fiéis não se conformaram com a decisão do cardeal-arcebispo de Aparecida, dom Aloísio Lorscheider. Na semana passada, ele proibiu as 11 freiras enclausuradas do Mosteiro da Imaculada Conceição, em Guaratinguetá, São Paulo, de distribuir as pílulas tidas como milagrosas de Frei Galvão. Oito mosteiros, em vários estados, continuam a produzi-las. Criadas no século 18 pelo franciscano Antonio de Sant'Anna Galvão – o primeiro beato genuinamente brasileiro –, elas ganharam fama de curar males físicos e espirituais, atraindo milhares de fiéis que fazem fila diante dos mosteiros.

Mas a beatificação do frei pela Igreja Católica, em 25 de outubro, ampliou a notoriedade das minúsculas pílulas, feitas com papel contendo uma oração impressa. A intenção de dom Aloísio foi a de preservar a fé das deformações do consumo. Nas últimas semanas, espertalhões estocavam o remédio espiritual para comercializá-lo. O cardeal alegou que as freiras de Guaratinguetá, idosas, andam cansadas demais desde a beatificação.

A decisão foi acatada no mosteiro. "Ele pediu que suspendêssemos o trabalho, mas não para sempre", diz uma das irmãs enclausuradas. A ordem está provocando protestos entre os devotos da região. Eles agora terão de viajar em busca do papelucho milagroso. O maior fabricante dele é o Mosteiro da Luz, em São Paulo, onde o frei está enterrado. Ali, cerca de 2 mil pílulas são feitas semanalmente. A devota Dorvalina Magalhães viaja 15 horas de ônibus, de Vitória até São Paulo, para conseguir o remédio que a mãe, Doraliza, toma. "Ela não andava, tinha angina e osteoporose. Está quase curada", diz a filha. (PARE..., 1998)

Outra posição adota a revista *Época* e inicia a notícia com um título sugestivo que faz alusão a uma música famosa de um compositor brasileiro; mas nessa, a pílula é o anticoncepcional: o compositor pede à mulher que pare com a pílula para que, assim, ela possa engravidar. E inicia o texto entendendo e assumindo o posicionamento de que o gesto de dom Aloísio foi bem intencionado e não conservador, reconhecendo, mesmo que brevemente, que há uma questão mais profunda a ser pensada, ou seja, é um debate acerca de uma prática religiosa e como ela deve ser exercida.

Ela começa salientando que a postura de dom Aloísio foi a melhor possível, pois com isso quis evitar um comércio paralelo de vendas e comercialização das pílulas. A ressalva feita pela *Época* aponta uma prática de comercialização das pílulas, não pela Igreja, mas por espertalhões.

Outra justificativa é dada pela revista para a suspensão da distribuição, portanto. Com menos ênfase na surpreendente atitude, como entendeu a revista *Veja*, esta salienta a pendência por outro aspecto, que é a do comércio. A revista *Época* afirma que há uma comercialização das mesmas. E o que significaria comercializar a pílula? Cabe aqui essa pergunta, pois no posicionamento da Igreja, como no de dom Aloísio, a pílula não tem caráter de mercadoria, de bem de consumo. E isso revela que, a partir do momento que ele opta por

suspender – não para sempre, mas temporariamente, como dito na entrevista por uma freira citada acima – quis evitar e conter uma prática que fizesse da pílula uma mercadoria.

A pílula, muitas vezes, é utilizada nos mais variados fins: para doenças, para pedir graças, emprego etc. Ela, mais que um simples pedacinho de papel que contém uma oração, é um remédio, não só para o corpo, mas para a alma, na visão do fiel. O frei franciscano, Paulo Back (2007, p. 109), em seu livro sobre a vida e obra de frei Galvão, diz, com base em seu entendimento cristão, que tais pílulas

Não são remédios de farmácia, mas pílulas devocionais. Tomadas com fé e com conversão de coração, podem servir como um sinal sacramental. O sacramental sempre se relaciona com Cristo, Maria ou com os Santos, como medalhas, imagens ou terços, por exemplo. [...]

O fato de tomar as pílulas dispensa ida ao médico?

De jeito nenhum. Em caso de doença, nunca deixe de procurar o médico e seguir as suas recomendações. As curas alcançadas com o uso das pílulas de Frei Galvão são curas extraordinárias, que dependem da vontade de Deus e da nossa fé inabalável no Senhor.

Com base nessa orientação, é possível compreender que tais pílulas são também representações. Um sinal sacramental – por exemplo, pensar no sacramento da Eucaristia e no que ela significa para o catolicismo – poderia ser um rito, uma cerimônia, ou mesmo um objeto, como no caso da Eucaristia, mas que tem a função exclusiva, no entendimento do clero, de aproximar o católico de Cristo e de seu corpo celestial de santos e santas. A Eucaristia é um dos sete sacramentos da Igreja e, quando o fiel assume essas práticas (participar de sacramentos, utilizar um crucifixo no pescoço, tomar a pílula de frei Galvão), ele dá sinais da sua fé não só no santo, mas em Cristo.

Como são ingeridas as pílulas, muitos creem ou podem vir a crer que, pelo consumo da mesma, isso dispense tratamento médico. Talvez esse fosse o temor de dom Aloísio também. Nesse sentido, ambos querem limitar a ideia acerca da pílula, tentando de alguma forma fazer com que esse objeto não se banalize, não seja comercializado ou utilizado indiscriminadamente. E, com a recomendação de frei Back, se limita o uso e a funcionalidade da mesma. A mesma reportagem da *Veja*, anteriormente citada, prossegue:

A questão é tão complexa que o arcebispo de São Paulo, dom Cláudio Hummes, responsável pelo Mosteiro da Luz, onde também são fabricadas as pílulas, optou por uma saída salomônica. Continua a distribuir as drágeas de papel, mas agora acompanhadas de uma espécie de bula de remédio, explicando que elas não curam nada sozinhas. “É uma boa idéia. A bula ajuda a relativizar o valor da pílula. O que cura é a fé”, aplaude dom Dadeus Grings, membro da comissão de doutrina da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Para aqueles que insistem na pílula e não querem enfrentar as filas no Mosteiro da Luz, madre Teresa, do mosteiro de Guaratinguetá, ensina: “Faça sua própria pílula. Basta escrever a oração em um papel, enrolar e tomar”. Em tempo: a oração é “Post partum Virgo inviolata permansisti, Dei Genitrix intercede pro nobis” (LUNA, 1998).

Dom Cláudio Hummes, ao tempo da reportagem, era arcebispo na capital paulista. Também da ordem franciscana, como dom Aloísio, hoje ocupa o cargo de chefe da Congregação da Fé, em Roma. Também houve em sua trajetória uma postura de crítica em face da Igreja Católica, porém com menor intensidade e a revista não o identifica como conservador e nem como progressista.

Na interpretação do fato, o adjetivo salomônica para a atitude de dom Cláudio mais se assemelha a um tom de ironia do que a ideia de justiça no caso, se aparenta mais a uma ideia de ficar em cima do muro e não se posicionar diante da querela. Por um lado, ele deixa liberada a fabricação das pílulas, satisfazendo a demanda popular, por outro lado ele adverte contra a postura supersticiosa dos devotos. De fato, dom Cláudio não enfrenta a questão colocada por dom Aloísio. Dom Cláudio Hummes não desautorizou as razões de dom Aloísio, reafirmando-as no seu discurso, mas revoga na prática o ato proibitivo do mesmo.

Há que se pensar que significado ou quais significados pode adquirir uma bula. Para o senso comum, bula implica em informação, em um modo certo e correto de fazer ou utilizar alguma coisa. Para dom Dadeus, citado na reportagem, é uma forma de relativizar, ou seja, de dizer que a pílula pode ser tomada, mas esse gesto implica em um modo de usar, em finalidades determinadas pela Igreja, e só por ela. E encerra a reportagem expondo uma solução pontual ao problema: com base na sugestão de uma madre, a notícia sugere ao fiel e devoto do beato frei Galvão que faça, em casa, sua própria pílula. Diante de um cenário conflituoso e de discussões quanto ao uso ou proibição, a revista *Veja* dá a solução ao devoto, caso não haja consenso a respeito da pílula dentre os líderes religiosos, sem aprofundar realmente um debate que transcende o próprio consumo da pílula, que é a discussão sobre como a religião deve ser praticada.

Mas sugerir que o próprio fiel manipule sua pílula também não seria a solução do caso, pois assim se retira da cena a socialidade e a experiência; se perde até um pouco a ritualidade – são pílulas feitas por freiras enclausuradas – e a sacralidade que envolvem a pílula. Seria o mesmo que se casar na Igreja Católica sem um padre que celebre o matrimônio, ou mesmo comungar sem ter a hóstia consagrada. Mais do que um pedaço de papel, a pílula de frei Galvão tem uma teia de relações e de sentimentos que a mantêm; não é só a devoção popular, mas é o ato de ir ao Mosteiro retirá-la, mesmo que tenha fila, ir à igreja de Santo Antonio em Guaratinguetá. O procedimento para adquiri-la também é importante e, certamente, o lugar onde ela é feita. Fazer a pílula em casa, para muitos devotos, não teria o mesmo valor da pílula recebida nos locais de distribuição.

A análise das fontes indica que, para alguns devotos de santo Antônio de Sant'Anna Galvão, tomar a pílula é uma experiência de fé, espiritual e materialmente falando. Para aquele que nela crê, quanto aos poderes sobrenaturais que ela possa gerar, a pílula é um reforço, geralmente, em momentos difíceis da vida.

Isso se torna mais evidente nas entrevistas com os visitantes da Casa de frei Galvão, em Guaratinguetá, e em São Paulo, no Mosteiro da Luz. Revela-se essa relação que o fiel estabelece com a pílula: uns tomam por motivos de doença, outros por problemas familiares, gravidez complicada, arrumar emprego, para pedir auxílio em pagamento de dívidas. Tudo isso faz com que essa tira de papel se assemelhe, na visão do devoto, a um bálsamo, um amuleto, ou mesmo somente seja um objeto que se guarde, como um santinho; mas, o que merece destaque é que, na maioria dos depoimentos com devotos, trazidos no capítulo 2, eles recorrem ao seu uso em momentos de desespero e de grande gravidade.

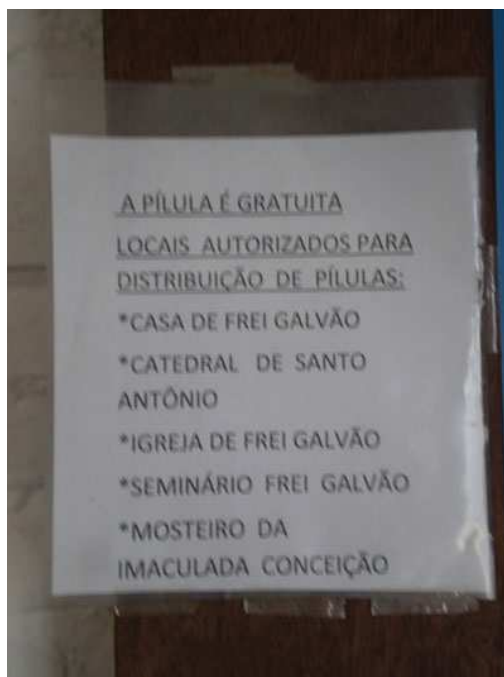


Ilustração 6 – Cartaz afixado na casa de frei Galvão, Guaratinguetá.

Noutro polo, as pílulas, como explica Proja (2007), podem ser entendidas como relíquias. A relíquia consiste em restos de pedaços de corpos ou de objetos que fizeram parte da trajetória de um santo, por exemplo. E são aceitas plenamente pela Igreja Católica. O autor tem esse entendimento, que aqui é expandido a fim de abarcar as pílulas, o qual representa um ponto de vista sobre o tema a partir da ótica de um autor que parte de uma análise cingida por um viés católico e litúrgico. O mesmo autor explica que:

Deus aceita o culto das sagradas relíquias, por meio das quais os fiéis se aproximam dele, exaltam-lhe a glória admirável nos seus santos, sentem-se estimulados a uma maior generosidade no seu serviço.

A história das relíquias no passado e no presente é uma história de milagres, conversões e heroísmos.

Também no Antigo Testamento, Deus operou prodígios por meio de relíquias. Eliseu deteve o curso do Jordão batendo as águas com o manto de Elias. E os ossos de Eliseu, depostos em uma gruta, restituíram a vida a um morto, casualmente lançado nela. (2Rs 2,14 e 13,21). (PROJA, 2007, p. 42).



Ilustração 7 – Detalhe da entrega das pílulas no Mosteiro da Luz, em São Paulo. No papel está escrito: "Faça sua doação, receba uma novena e um pacotinho de pílula por pessoa".

Dentro desse campo de compreensão da relíquia há o entendimento de que ela é uma representação e uma forma de aproximar o fiel de Deus e do seu santo de devoção. Nos exemplos que o autor utiliza, menciona passagens bíblicas que para ele são exemplos de como as relíquias fazem parte da vida de um fiel desde o Antigo Testamento. Todavia, é relevante demonstrar que com essa compreensão, qual seja, de reconhecer nas pílulas as características da relíquia, e sendo a relíquia parte do dia a dia do Cristianismo desde tempos passados, não há porque questionar seu uso e função para o fiel. As reportagens anteriores são o resultado de uma preocupação que vai além propriamente da pílula: demonstram que, para a Igreja, o problema está no comércio e no mercado que ela possa gerar.

Apesar de tudo refletido, têm-se duas conclusões sobre a situação da proibição das pílulas em 1998: a primeira é que, apesar de se estar trabalhando com o universo do sagrado –

como Eliade (2001), por exemplo, trabalha, analisando esse na sua estrutura e base, relativamente comum a qualquer religião –, o ser humano materializa o mundo sagrado também, tanto em lugares sagrados quanto em objetos, pessoas, festas e cerimônias. A pílula, de certa forma, é uma materialização da própria fé; ela foi criada pelo frei, há mais de duzentos anos, mas se mantém até hoje por causa da fé das pessoas. Eles talvez queiram e gostem de ter a pílula e tomá-la. É algo palpável, material, e o fiel, no caso, especialmente, o cristão católico simboliza em objetos algumas de suas crenças.

A segunda questão é que, como objetos, sacros ou não, dificilmente fugirão da situação de mercadoria em determinados momentos de suas trajetórias. Appadurai (1986) não discute propriamente a relíquia, mas sim como um objeto, que hoje é mercadoria, amanhã pode não ser, perder seu valor de uso; o que também não quer dizer que ele não possa ser mais adiante mercadoria novamente.

Desde a Idade Média, como conta Geary (1986), há um mercado de bens sagrados, dentre eles, as relíquias; ele mostra que sempre foram muito requisitadas e procuradas; apesar de serem objetos sagrados, eram comercializadas. No texto de Mott (2007) também se tem um pouco dessa discussão. E ele mostra, por exemplo, um religioso no Brasil que tinha uma coleção de relíquias de santos¹⁰. O que se quer dizer é que a pílula, por ser um objeto, não está totalmente isenta de comercialização; isso deve ter acontecido e quiçá aconteça ainda e, nem por isso, ela perde sua relação com o sagrado.

Além desse íterim que embalou a beatificação de frei Galvão, tem-se uma outra esfera, que é o da formação e andamento de um processo de beatificação. Aparentemente, a reportagem mostra que um processo dessa monta não é fácil e é lento.

O processo analisado pelo Vaticano listou 23.929 graças que teriam sido alcançadas por intermédio da fé no frei, além de cópias do prontuário médico de Daniela e de depoimentos de seus médicos e enfermeiros. Também foram anexados documentos e relatos das virtudes cristãs do candidato. A beatificação formal deverá acontecer em missa solene celebrada pelo papa em outubro. A partir de então, pelas normas do Código Canônico, a Igreja deverá aceitar um novo milagre atribuído ao frei para que os católicos brasileiros possam venerar o primeiro santo nacional. O fim da história ainda parece distante, mas o anúncio gerou comoção. “É realmente um alento, um estímulo para nós vivermos ainda mais a fé cristã”, diz o cardeal Lucas Moreira Neves, presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

A tese do milagre é vista com desconfiança pela comunidade médica. Em 1990, Daniela, então com apenas 4 anos, foi internada com hepatite aguda do tipo A na UTI do Hospital Emílio Ribas, em São Paulo, sendo acometida em seguida por uma série de complicações clínicas graves — encefalopatia hepática, parada cardíaca, pneumonia, insuficiência renal, hemorragia digestiva e infecção hospitalar. Entrou em coma algumas vezes. “A médica que examinou minha filha me mandou rezar porque o quadro era muito grave”, informa Jacira Francisco. A família fez a novena

¹⁰ A devoção aos santos e às santas relíquias era generalizada e uma verdadeira obsessão para as almas piás. No Rio de Janeiro setecentista, o bispo d. Antonio do Desterro possuía a maior coleção de relíquias “autênticas” jamais reunidas no Brasil, incluindo lasquinhas da coluna da flagelação e da cruz de Cristo, um fio de cabelo de Nossa Senhora, pedacinhos dos ossos de todos os apóstolos e de uma infinidade de mártires: seu relicário, conservado ainda hoje no mosteiro de São Bento, possuía 114 nichos (MOTT, 2007, p. 173).

de frei Galvão e a mãe da garota passou água benta sobre a pele da filha. Quando foi transferida para a enfermaria, duas semanas mais tarde, Daniela já falava e estava lúcida. Por garantia, a mãe ministrou-lhe as pílulas de frei Galvão: pequenos pedaços de papel com inscrições em latim, enrolados e colados na forma de cápsulas. “Como houve muitas complicações, a recuperação de Daniela sem seqüelas foi surpreendente, mas nunca pensei em milagre”, diz o médico infectologista Paulo Marotto, que cuidou dela. O clínico geral Milton Glezer e o infectologista André Lomar são categóricos: “A recuperação de Daniela condiz com os preceitos da medicina moderna. Apesar de graves, nenhuma dessas doenças é irreversível”, dizem os dois, céticos (JUNQUEIRA, 1998).

A revista *Veja*, a princípio, aponta o fervor por parte da Igreja diante do anúncio da localização de um milagre, ao passo que encerra a notícia relatando uma opinião médica que contradiz o mesmo ou, ao menos, contesta o que para ele é plausível de cura. Como uma revista de grande circulação nacional, há tanto leitores católicos quanto não católicos da revista provavelmente. Ela não quer desapontar nenhum dos dois segmentos. Teve o cuidado de noticiar o fato, mas traz na conclusão a resposta de um médico para o fato; dá espaço para a fala de um discurso competente, o que deixa a conclusão acerca do milagre para o leitor. Ela só dá os subsídios para o indivíduo, não optando por uma aceitação ou negação do milagre da beatificação.

Ao jornalista (ou por dom Lucas ou por outra fonte) foram passadas algumas informações a respeito do processo de beatificação. Um número imenso de milagres para serem analisados, depoimentos de testemunhas e familiares, falando sobre o candidato a santo, laudos médicos que estavam anexados ao processo, a fim de atestar a cura de Daniella. Toda essa documentação – que para a Igreja compõe um trâmite por ela julgado indispensável para a comprovação de um milagre –, em análise mais profunda, revela que, de certa forma, quando se passa para o público uma informação assim, tem-se também a busca de conferir credibilidade, demonstrar seriedade, por parte do clero, na condução de um processo de beatificação.

O fato de a Igreja recorrer à ciência é uma forma de atribuir credibilidade ao processo, dá a ele um caráter de científico, de metodologicamente analisado e processado. Atribui ao trâmite de uma beatificação a seriedade necessária para que ele não seja contestado ou refutado pelo público católico. E isso é muito importante, tanto para a manutenção de um processo como esse quanto para a própria imagem da Igreja. Não é porque ela recorre à ciência que não haja disputas ou embates entre ambas as esferas: a científico-racional e a religiosa. Mas aqui, essa relação representa mais que uma necessidade de gerar provas de santidade para um indivíduo: aqui a ciência se torna um instrumento para garantir positividade à Igreja Católica.

E a notícia inicia citando quão grande foi o número de graças associadas ao frei e, além delas, toda uma gama de documentos científicos e teológicos que as acompanham. Merece relevo a *Veja* trabalhar esse fato, não porque ela seja uma revista neutra, mas porque

precisa preservar sua própria imagem de fonte idônea, ao passo que não quer negar a possibilidade do milagre para os que acreditam nele.

Dessa maneira, no processo de constituição e de construção da figura e da memória de frei Galvão, a imprensa dá pistas para questionar o milagre – quando traz testemunhos de médicos que não o vêem assim – ao passo que dá indícios para quem queira crer que a Igreja se embasa em um processo amplo e burocrático para comprovar aquilo que ela afirma. Em suma, nem é esse talvez seu papel, formar a opinião e defender se o milagre existe ou não; não é esse debate propriamente uma esfera de discussão de uma revista como a *Veja*. Todavia, como ela é uma revista semanal, de notícias, não deixaria passar em brancas nuvens um acontecimento desses: ela tinha que publicar, pesquisar, debater e falar, mesmo que brevemente, até porque era um assunto relativamente diferente e inusitado no cenário do catolicismo brasileiro.



Ilustração 8 – Tela representativa do milagre da menina Daniella, nos anos de 1990, exposta na Casa de frei Galvão, Guaratinguetá.

O milagre de Daniella ficou registrado em uma pintura afixada na Casa de frei Galvão em Guaratinguetá. Assim como a cura da menina, todos os milagres atribuídos ao frei estão expostos lá, representados em quadros. A casa é cuidada e mantida pela família do frei e por alguns poucos funcionários que ali prestam serviços de venda de artigos religiosos e outros que prestam auxílio como guias para visitação do espaço.

Todos os quadros vêm acompanhados de um texto, uma legenda, que explica ao visitante de que trata a figura representada. Diz o texto: “No ano de 1990 quando tinha apenas 4 anos de idade a menina DANIELLA CRISTINA DA SILVA, adoeceu gravemente, tendo sido desenganada pelos médicos. Sua tia e seus pais, ‘cheios de fé’, recorreram à proteção de frei Galvão, que a curou. Esse milagre foi reconhecido pelo Papa João Paulo II”. A intenção do pintor Alex Tavares – todas as telas foram pintadas por ele – era retratar o milagre. Segue a menina Daniella deitada em um leito hospitalar, rodeada por outras pessoas, provavelmente familiares. A pergunta é: como entender esse quadro? O que o pintor queria passar ao fiel que o visse? Burke (2004) lembra que, quando um historiador se dispõe a estudar o uso da iconografia em seu trabalho, tem que ter claro que há uma variedade de intenções que precisam ser descobertas, a fim de que o pesquisador não confunda aquilo que ali está representado com a realidade nua e crua.

Então, fica claro que a intenção do pintor ou de quem encomendou o trabalho era não só contar um milagre, mas reforçar o fato de que apesar de a menina e a cena ser registrada em um hospital, a cura só se dera por causa da intervenção de frei Galvão. Alex Tavares remete à figura do frei ao fundo, da qual irradia uma luz, fazendo menção à ideia da intervenção dele na recuperação da menina, um crucifixo na parede, reforçando uma fé, no caso, a católica, bem como um terço nas mãos de uma das mulheres sentadas, um quarto que se assemelha a um de hospital – há no fundo uma figura de branco, uma enfermeira provavelmente – pessoas, familiares, que oram e zelam pela criança. Nem esse quadro nem outros expostos na casa do mesmo pintor trazem a data da confecção. Porém, seguramente, sua pintura foi feita após o ano de 1990, que foi quando se deu a cura da menina retratada.

Dessa forma, o milagre de Daniella não apenas é um marco na história do frei de Guaratinguetá; é também um acontecimento que quando é registrado em uma pintura que fica exposta em um local de visitação pública, contribui sobremodo para a formação de uma ideia a respeito do beato, além do que é um elemento constitutivo da memória do próprio santo. Só que mais do que representar, um quadro como esse, para o fiel, não só diz-lhe algo sobre um milagre atribuído ao frade franciscano, mas também revela a intenção da família, principalmente, de propagar para o público os milagres do tio santo, como o denominam, e reafirmando, constantemente, a santidade de Antonio Galvão de França.

Processos de beatificação são burocráticos, no sentido de serem estruturados por um sistema normativo e por obedecerem a uma hierarquia enquanto tramitam. A irmã Célia Cadorin encabeçou a causa como postuladora. Já experiente – pois foi ela quem levou a cabo o processo da santa Madre Paulina –, conhecia bem os trâmites e a sistemática que circundam

o feito. São anos, quicá, séculos, de andamento de um processo no Vaticano. Brevemente, em uma entrevista concedida por ela à Revista *Catolicismo*, em 1998, irmã Célia relatou ao entrevistador os passos pelos quais passou na busca da beatificação de frei Galvão:

Catolicismo – Que documentação a Sra. encontrou no início de seu trabalho sobre Frei Galvão?

Ir. Célia – *Verifiquei que o primeiro postulador da Arquidiocese de São Paulo, Frei Ortimo, OFM, nomeado para trabalhar na causa de beatificação de Frei Galvão, tinha conseguido obter muita documentação a respeito do novo Beato e, sobretudo, havia entrevistado muitas pessoas nos anos de 1938 e 1939. O último postulador, Frei Campane, OFM, também empreendeu um louvável trabalho, completando com novos documentos o acervo preparado pelo primeiro postulador. Dediquei-me a uma pesquisa em vários arquivos do Rio de Janeiro, de Aparecida do Norte, mas sobretudo no arquivo da Cúria da Arquidiocese de São Paulo. De posse desse material, comecei a elaborar a biografia documentada do novo Bem-aventurado e apresentei-a em Roma ao relator do processo de beatificação.*

Tal biografia foi necessária, pois tratava-se de uma causa histórica. Redigi o texto em português, o qual foi traduzido para o italiano. Depois fiz o processo da continuidade da fama de santidade de Frei Galvão – que é o forte do novo Beato. Para isso, procurei pessoas de categorias diferentes, de lugares diversos, a fim de comprovar que essa fama continua e permanece viva. Também fizemos a exumação dos restos mortais de Frei Galvão, sendo encontrado, dos mesmos, infelizmente, poucos elementos, porque o Mosteiro está localizado em local muito úmido.

Catolicismo – Quais as etapas seguintes de seu trabalho?

Ir. Célia – *Viajei então para Roma e comecei a preparar o trabalho sobre as virtudes do Bem-aventurado. Foi rápido, porque já em 1993 a biografia estava impressa. Esse estudo sobre as virtudes foi entregue à Comissão Histórica da Congregação da Causa dos Santos.*

Depois, em 1994, elaborei o processo do milagre, graças ao qual Frei Galvão foi beatificado. [...] (CATOLICISMO, 1998).

Irmã Célia Cadorin foi chamada em 1990 para tomar frente a esse processo. É pertencente à Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição, cuja fundação se deu por obra de Madre Paulina. Ela inicia a fala tocando um ponto crucial do processo – o seu trâmite – e mencionando etapas existentes durante a condução do mesmo. Todavia, ela fala que o forte dessa etapa é a biografia, que traz elementos que comprovem a fama de santidade do candidato.

A entrevista foi concedida a uma revista eletrônica brasileira de orientação católica. Por seu direcionamento cristão-católico, a revista *Catolicismo* não questiona, tampouco debate acerca do processo e nem sobre a fama de santidade a ele atribuída. Para a revista *Catolicismo* não há porque questionar o fato. Ela parte do princípio de que houve um milagre e vai à fonte do processo, irmã Célia, para buscar subsídios que justifiquem a santidade e a beatificação de Antonio Galvão de França. Em um trecho seguinte, a entrevistada detalha a trajetória do processo:

Catolicismo – Quais são as várias etapas de um processo de beatificação? E depois o que é preciso para a canonização?

Ir. Célia: *Quando um Bispo diocesano instaura o processo de beatificação de uma pessoa em sua circunscrição eclesial, esta recebe a denominação de Servo de Deus.*

Depois é feita a pesquisa de documentos sobre o Servo de Deus, a qual é reduzida a um escrito, completado pela biografia documentada daquele, pelo estudo de suas virtudes, da forma de santidade. Se for uma causa histórica, que supõe pesquisas, a documentação é estudada por uma Comissão Histórica da Congregação para a Causa dos Santos.

Após a causa de beatificação ser analisada por consultores teólogos, ela recebe o parecer de Cardeais e Bispos da mencionada Congregação pontifícia e sobe à consideração do Sumo Pontífice. Caso ele aprove o processo, um decreto pontifício declara que o Servo de Deus praticou virtudes em grau heróico, passando então ele a ser chamado Venerável. A autenticidade de virtudes heróicas é atestada por escritos e depoimentos de pessoas que conheceram ou conviveram com o Venerável, conforme vimos.

Depois, para ser considerado Beato, a Santa Igreja exige a ocorrência de um milagre que comprove, por via sobrenatural, a heroicidade de virtudes.

O milagre autêntico apresenta quatro características, a saber, a cura deve ser: 1 – instantânea ou muito rápida; 2 – perfeita; 3 – duradoura; 4 – preternatural, isto é, a ciência médica não a pode explicar, escapando ela do âmbito científico.

Para o Beato ser considerado Santo, isto é, ser canonizado, é necessário mais um milagre. (CATOLICISMO, 1998).

Na fala, revela-se o caminho cumprido e o papel que a irmã Célia teve nesse contexto. Primeiramente, vale lembrar, como ela mesma salienta, que, de início, a pessoa que se torna candidata a beato ou beata já recebe o título de servo de Deus. Denominação que é dada, como ela diz, pelo bispo diocesano, no caso o de São Paulo. Aqui, já se começa a delinear que, na trajetória de um processo de beatificação ou canonização, há decisões tomadas e há relações de poder que estão em jogo. Esse título não é atribuído por qualquer pessoa, mas sim por um indivíduo, imbuído de um poder que lhe é conferido pela Igreja. São padres, bispos, cardeais, homens sem exceção, que decidem quem será o candidato a beato.

Nessa parte, fica claro que o processo obedece a algumas regras elencadas por irmã Célia. Ou seja, não é qualquer cura que poderia ser aceita como milagre. Os quatro elementos necessários (cura rápida, perfeita, sem sequelas, portanto, duradoura e preternatural) são requisitos que fazem com que haja uma seleção para se apontar um milagre ou uma recuperação merecedora de ser analisada em um processo de beatificação. Talvez isso seja fácil de perceber, também, quando se vê o grande número de graças que foram analisadas: 23.929. Isso não quer dizer que as demais não sejam graças – para os fiéis e para a Igreja Católica – mas há um mínimo de princípios que ela tem que obedecer para poder justificar uma beatificação ou canonização.

No entanto, como a revista eletrônica opta claramente por crer no fato; por ser ela de orientação católica, não contesta nem questiona nada que é apresentado e narrado pela entrevistada. Novamente, não que seja esse o único objetivo da revista ao noticiar o fato, ou seja, defendê-lo, mas há uma parcialidade da revista que é evidente e isso reflete sua opção e que tipo de mensagem deseja ofertar ao seu internauta: um entendimento direcionado e centrado em valores cristãos. Secundariamente, ela aponta o procedimento:

1) *Levantamento sobre fontes biográficas* que tratem da vida do candidato. Nesse sentido, a entrevistada aponta que antes de ela tomar partido no processo, houve outros padres

que já haviam iniciado o processo no século XX, em suas primeiras décadas, o que fez com que ela tivesse algum material para iniciar a escrita da biografia do frei.

A mencionada biografia (CONGREGATIO DE CAUSIS SANCTORUM, 1993), nas primeiras páginas, traz um sumário de fontes, que foram consultadas para a redação da mesma. Estão divididas tais fontes em três tipos de arquivos consultados: arquivos diocesanos e paróquias (seis), arquivos de ordens religiosas e mosteiros (nove) e arquivos civis (seis). Dentro desses arquivos, inúmeros documentos mencionados e localizados que vão de certidões a artigos de jornal, de notas e cartas a estatutos e livros.

2) *Redação da biografia*. Essa, somente seu segundo volume, tem mais de 380 páginas. Irmã Célia contou na redação e na pesquisa com a colaboração de outras pessoas. Na biografia constam os nomes de padre Cristoforo Bove, como relator, padre Antonio Ricciardi, como postulador entre os anos de 1990-1993, padre Arnaldo Vicente Belli, vice-postulador, e de irmã Célia. Mas houve outros, como ela diz na entrevista, que começaram anteriormente a escrever e a levantar fontes. Foi um trabalho redigido com o auxílio e com a participação de vários indivíduos.

3) *Exumação do corpo*. Sobre essa não há menção nem na biografia, nem foi localizado documento ou atestado médico acerca desse acontecimento. O interessante desse fato é a própria exumação. Sua finalidade é comprovar, perante a Igreja, que o santo existiu, materialmente: têm-se os restos mortais que querem comprovar isso; nesse caso, se é feito algum tipo de exame mais elaborado não é conhecido esse fato, mas tem que haver um corpo ou ao menos alguns poucos restos mortais. A exumação não só se presta a provar a materialidade do indivíduo – nesse processo também foram colhidas relíquias do santo, como os ossos e pedaços do manto – mas também é uma maneira de dar credibilidade ao fato. Ou seja, é uma prova para a Igreja apresentar ao fiel: um pedaço de seu corpo. Nada mais realístico, nesse sentido, do que o próprio corpo. Atribui autoridade à Igreja, pois ela não fala de qualquer um, mas de alguém que realmente existiu e viveu.

Também no ato da exumação, quando o corpo é retirado do túmulo (conforme a fala das pessoas que participaram do feito, como dona Thereza Maia), ele é envolto em um lençol, em um tecido branco. Esse tecido, depois do ocorrido, foi retalhado em minúsculos quadradinhos, de menos de um centímetro cada um, e são afixados em um papel que contém a foto de frei Galvão – em um santinho, como é chamado – e é vendido em Guaratinguetá, por exemplo. O fiel pode, então, levar pra casa uma relíquia do santo. Esse santinho – que é fruto de um processo e leva consigo uma prova produzida pela instituição de que a pessoa existiu – atribui também confiabilidade ao processo e à crença das pessoas. Naturalizam o fato, no

sentido de que dão espontaneidade à fé, ou seja, torna-se mais fácil crer na santidade dele, ainda mais diante desse tipo de prova.

4) *Análise feita por consultores teólogos*, além de *pareceres de bispos e cardeais* para que, então, a biografia e seus anexos sejam encaminhados ao sumo pontífice, o papa. E esse, certamente, é um dos momentos mais relevantes na tramitação do processo, pois é nesse ponto que se revela que um processo de beatificação não é mero livro, mas está plenamente permeado de relações de poder, é dependente de centros de decisão, como o Vaticano e a diocese onde o processo corre. Surgem então as pessoas que decidem, que definem quem é e quem não é santo. E tão importante quanto os indivíduos que fazem esse santo são também os meios de comunicação, como a revista *Catolicismo*. No momento que ela noticia o fato, assume um posicionamento claro diante do noticiado. E isso é lido pelo indivíduo, ajudando a formar a opinião de um grupo ou parcelas da sociedade e, mais que isso, colaborando na difusão de uma memória construída a respeito da vida e da trajetória religiosa do beato frei Galvão.

Essa consideração é aqui levantada porque há que se perceber que os documentos não falam, não denominam nem definem o que é um ser humano. Um documento de identidade me diz um número, me mostra uma foto, não fala sobre minha vida, minha profissão, meu cotidiano. O mesmo no caso aqui examinado. Quem define a santidade são pessoas, homens e mulheres que trabalham para fazer alguém santo. São fazedores de santos. São esses sujeitos ligados às instituições religiosas que definem e atribuem efeito de verdade ao processo, e isso acaba por dar ao processo de beatificação a característica de natural, de normal, de decorrente, espontâneo.

Há um parecer que consta do volume II da biografia. Nele, ao concluir a análise sobre alguns poemas escritos pelo frei, o cônego Francisco de Assis Gandolpho (apud CONGREGATIO DE CAUSIS SANCTORUM, 1993, p. 240) conclui:

Expressões poéticas do autor revelando seu profundo sentimento de louvor a Deus. O Frei Antonio de Sant'Anna Galvão revela, em seus escritos, uma fé profunda dentro de uma linha de simplicidade espiritual. Esta fé se solidifica pela entrega total a Deus, pelo espírito de obediência e pela delicadeza no convívio respeitoso com os irmãos.

Desta visão, sem grandes especulações teológicas, procura incutir em suas filhas espirituais o apreço pelas pequeninas coisas e a coerência de uma vida de fé e de amor com alegria e paz. Nada deve quebrar esta harmonia e, neste sentido, caminham suas recomendações.

Juízo “*de fide et Moribus*”.

Lidos e examinados os escritos originais do Frei Antonio de Sant'Anna Galvão que me foram entregues, posso afirmar, nada encontrei que atentasse, direta ou indiretamente, contra a Fé e a Moral da Igreja Católica ou contra a espiritualidade proposta e vivida pelo autor.

São Paulo, 1 de setembro de 1989.
Côn. Francisco de Assis Gandolpho

É o parecer de um censor teólogo de São Paulo, o qual é citado aqui com o intuito de reforçar o fato de que o processo depende de decisões que são tomadas por representantes religiosos, que atestam para a Igreja os objetivos que são desejados; ou seja, que o candidato não é ou não tem algum traço ou marca que sugira uma falta perante a mesma. E mais que isso, a partir do momento que tais pareceres são elaborados, vêm eles imbuídos de um caráter de atribuir veracidade aos documentos e de criar uma aura de confiança em torno da biografia.

5) *Análise e encaminhamento de todo o processo ao sumo pontífice*. Sendo por ele aprovado, o candidato passa a ser chamado de Venerável. Dele, o papa, sem dúvida, parte a decisão mais importante, qual seja, a de que se está diante de um homem ou de uma mulher diferenciado, tocado pelo dom divino. Em uma simples entrevista como essa, é retirada uma série de elementos ricos para o historiador, e o mais importante é que, na fala da irmã Célia, não fica explícito todo o círculo de poder e de disputas que envolvem um processo. Ela menciona, mas tais relações são escamoteadas no correr de olhos.

Para o leitor que acessa a página da revista *Catolicismo* e lê a reportagem, esses itens são fatores que podem atestar que frei Galvão seria realmente santo. Demonstram a seriedade, para alguns leitores certamente, de um processo de canonização ou beatificação; a fala torna válida a ideia de que todo esse trajeto feito é cunhado de seriedade, credibilidade e autoridade, pois é feito por pessoas que são mais que padres e freiras; são pessoas que trabalham para tanto, são profissionais.

Para o historiador, no entanto, fica isso evidente também; mas é na análise das relações de poder que surgem os princípios que norteiam o cenário. O próprio uso, por assim dizer, da palavra processo já confere uma aura de legalidade e de naturalidade ao mesmo, terminologia corrente na linguagem jurídica. Assim, quando esse é visto e apreendido pelo devoto de frei Galvão, esse saberá que crê em alguém santo, pois assim a Igreja o definiu, mas não aleatoriamente e sim mediante processo documentado que avaliza a santidade do indivíduo. E realçando novamente, com base nessa notícia da imprensa especializada, aqui representada pela revista *Catolicismo*, o papel dela não é só noticiar e informar, ou mesmo questionar, e sim reproduzir um sistema, um acontecimento que é aceito, se não por toda ela, mas por segmentos da Igreja Católica.

Em junho de 1998, a revista *Super Interessante* trazia como matéria principal uma discussão sobre o santo sudário.

A reportagem de capa desta edição mostra os estudos que vários pesquisadores vêm desenvolvendo sobre o Santo Sudário. São investigações encomendadas pela própria Igreja Católica, o que traz à tona a antiga relação entre fé e ciência. É, hoje, uma relação pacífica e de

cooperação, mas já foi muito conturbada. Basta lembrar a tragédia que se abateu sobre o frade italiano Giordano Bruno que, em 1600, foi condenado a arder na fogueira. Filósofo e astrônomo, ele dizia que existiam no Universo vários mundos como o nosso planeta. Heresia! Naquele tempo, a religião era a senhora da verdade. A única.

Hoje, quando todos sabem que Giordano Bruno estava certo, as coisas são diferentes. Com frequência, a Igreja é quem recorre à ciência para checar os fatos. Os exemplos são muitos. Citemos um. Em abril, Frei Galvão, um paulista morto em 1822, foi beatificado. Para isso, algumas curas atribuídas a ele tiveram de ser consideradas milagrosas num processo que tramitou no Vaticano.

Essa comprovação, em parte, se baseou no depoimento de médicos que admitiram haver algo de inexplicável na recuperação dos pacientes. (ENTRE A FÉ..., 1998).

A revista *Super Interessante* problematiza a questão ao apontar o fato de o cristianismo romano recorrer atualmente à ciência, o que não quer dizer que essas caminham solidárias. É importante o depoimento de médicos num processo de beatificação, pois são eles indivíduos autorizados pela ciência a falar sobre uma cura ou uma recuperação. No caso de Daniella, especificamente, a cura foi o motivo para a compreensão da existência para um milagre. Para o clero católico, o fato de a ciência não provar como se deu a cura não quer dizer que ela aceite o entendimento da ciência; tão somente essa situação é para a Igreja uma maneira de mostrar ao fiel que ela também tem uma verdade a ser dita, verdade essa que nem a ciência consegue contestar.

Houve, ao longo da história da humanidade, e há ainda disputas de poder e de espaço entre ambas, o que não quer dizer que a Igreja não possa recorrer ao socorro da ciência como no caso da comprovação de um milagre. Houve uma laicização da sociedade e boa parte dela não se contentaria com uma resposta de que o milagre de Daniella o é porque assim Deus quis. Isso faz com que essa recorra àquela, a ciência, que é quem hoje ganhou o estatuto de verdade para falar sobre medicina, curas e doenças, com a perda desse espaço pela Igreja.

No exemplo aqui trabalhado, vale retomar a reportagem da revista *Catolicismo*. Na sequência da entrevista, irmã Célia conta sobre como se deu o milagre da menina.

Catolicismo – A Sra. poderia expor como ocorreu esse milagre?

Ir. Célia – *Trata-se da cura de uma criança de quatro anos, Daniela Cristina da Silva [...]. Em maio de 1990, devido a complicações bronco-pulmonares, a criança foi internada e tratada com antibióticos e metoclorpromida.*

Obtida a alta hospitalar, Daniela voltou para casa, mas logo depois começou a apresentar sonolência e crises convulsivas, sendo encaminhada por seu pediatra, na noite de 24 de maio de 1990, ao Hospital Emílio Ribas (hoje Instituto de Infectologia Emílio Ribas), em São Paulo. Havia suspeita de que a moléstia fosse meningite ou hepatite.

Levada para a UTI do hospital, o diagnóstico inicial foi: coma por encefalopatia hepática, causada por hepatite do vírus A, insuficiência hepática grave, insuficiência renal aguda e intoxicação por causa da metoclorpromida. Havia ainda hipertonia intensa nos membros inferiores e superiores.

Com o diagnóstico posterior de “insuficiência hepática fulminante”, a criança sofreu ainda parada cardíaco-respiratória. O quadro clínico evoluiu com a ocorrência de epistaxe, sangramento gengival, hematúria, ascite, progressivo aumento da circunferência abdominal, broncopneumonia, parotidite bilateral, faringite, além de dois episódios de infecção hospitalar. A menina permaneceu 13 dias (de 25 de maio a 7 de junho de 1990) na UTI.

A intervenção divina para salvar a criança foi pedida por pais, parentes, amigos, vizinhos e religiosas do Mosteiro da Luz, que, unidos numa só prece, invocaram com muita fé a intercessão de frei Galvão.

Da UTI, a criança passou para a Seção de Pediatria do mesmo hospital. A 13 de junho, foi efetuada uma biópsia hepática, cujo resultado foi: “Hepatite aguda colestática”.

Em 21 de junho de 1990, Daniela recebeu alta hospitalar, sendo “considerada curada”.

Acompanhada ambulatorialmente, a menina não apresentou depois nenhuma recaída.

Em 1995, o pediatra, que cuida da saúde de Daniela desde seu nascimento, atestou: “A menor foi examinada por mim nesta data (4-8-95), estando a mesma em perfeitas condições de saúde física e mental”.

O mesmo médico, perante o Tribunal Eclesiástico, afirmou o seguinte a respeito da cura da criança: “Eu atribuo à intervenção divina não só a cura da doença, mas a recuperação total dela”.

Após Daniela receber alta do hospital, seus pais, parentes e amigos levaram-na diretamente ao túmulo de Frei Galvão, na capela do Mosteiro da Luz. E, algum tempo depois, realizaram uma comemoração para agradecer a Deus a cura miraculosa.

Vários médicos depuseram no processo. Conseguimos todas as provas científicas da cura, tendo sido esta comprovada de maneira límpida.

Hoje, Daniela, com 12 anos, é uma menina saudável e alegre, cursa a 6ª série e continua a residir com seus familiares em Brasilândia. (CATOLICISMO, 1998).

A revista *Catolicismo* parte da concepção de que a cura é milagrosa e extraordinária e para tanto menciona a fala do médico que irmã Célia cita na entrevista. Não questiona, tampouco problematiza a relação entre fé e razão; somente abraça a indiscutível existência para ela de um milagre que deu mote para a beatificação de frei Galvão. Não também que esse seja seu papel ou de qualquer outra fonte jornalística – isto é, sair questionando tudo e qualquer debate complexo –, porém, o que se quer dizer é que uma revista de orientação definida terá, certamente, uma discussão e uma sequência para pensar um milagre, por exemplo, diferente de outra fonte como a revista *Veja*, para exemplificar. Cada qual tem uma forma de tratamento, de análise e de objetivos que espera atingir quando finaliza um texto que será publicado.

É importantíssima a fala do médico; dá plena autoridade ao assunto. Um médico mesmo – um cientista, portanto – afirmando que só um milagre curaria a menina, perante um tribunal eclesiástico, é a prova, o testemunho e o depoimento que per si já válida e já elimina quaisquer dúvidas para os religiosos sobre o evento e, por conseguinte, reafirmam a santidade de frei Galvão. O frade franciscano, assim, tem ao seu redor uma aura que é criada pelos homens: cria-se o imaginário de um homem muito bom e que, quando solicitado, não falta para curar e solucionar males que afligem aos devotos e devotas.

E quando isso é apresentado à imprensa, quando a irmã Célia comunica isso ao público, essa narrativa passa a creditar a santidade de frei Galvão, dá subsídios para ampliar a sua fama de santidade e, historicamente, amplia a construção da imagem de um homem de dons extraordinários. A fala dela soa com a credibilidade necessária de alguém que fala de um lugar determinado – de dentro da religião – e que está assim munida de elementos e de embasamento para ser garantia da santidade desse homem.

Irmã Célia, sem perceber, acaba mais do que postulando um processo, dá elementos que são utilizados pela mídia especializada para compor e constituir a figura do primeiro santo brasileiro. Uma reportagem de 2001 trata a freira como sendo uma advogada a serviço da causa dos santos. E historicamente falando, ela é uma dentre outras pessoas que constroem a imagem e o imaginário em torno desses homens e mulheres, apesar de não deixar de ser um pouco advogada. Essa é, em parte, a atividade de um postulador: defender um indivíduo que poderá ser reconhecido como santo pela Congregação para a Causa dos Santos.

Rigor e persistência norteiam o trabalho da freira especialista em caçar milagres. A freira Célia Cadorin, de 74 anos, trabalha mergulhada em papéis – mas seu ofício tangencia o sobrenatural. Advogada canônica, ela defende a causa de brasileiros candidatos a beato e santo. Irmã Célia vive de esmiuçar a biografia de mulheres e homens que, quando vivos, se notabilizaram por virtudes e, mortos, produzem milagres. Espera conseguir, com o veredicto da Igreja, que seus “clientes” ascendam aos altares católicos. Cada causa é um desafio à parte. [...]

O catolicismo desembarcou no país há cinco séculos, catequizou os chamados gentios e formou aqui seu maior rebanho no planeta. Mas até hoje não existe um brasileiro sequer na relação de santos cultuados pela Igreja. Dizia-se que faltava dinheiro para patrocinar as causas no Vaticano, mas irmã Célia desmontou a teoria. Descobriu que os postuladores brasileiros desconheciam a paquidêmica burocracia do Vaticano e desanimavam quando as causas emperravam. O processo de Padre Anchieta (1534-1597), o célebre catequizador de índios, esperou séculos até a beatificação, que ocorreu em 1980. Desde então, o jesuíta está na fila de espera para virar santo – sem perspectiva de curto prazo. A causa do paulista Frei Galvão (1739-1822) começou em 1938, mas só foi retomada 50 anos depois – também por irmã Célia, que o alçou a beato em apenas oito. Ela é rápida. Conseguiu concluir a canonização de Madre Paulina em menos de uma década – um recorde para os padrões da Igreja.

A competência da freira uniu-se à vontade do Vaticano de espalhar novos santos pelo mundo. Em 1983, a Santa Sé simplificou o processo de canonização. Permitiu que as dioceses em que morreram os candidatos organizassem tribunais eclesiásticos descentralizados para apurar as informações e interrogar testemunhas. Depois desse empurrão, o papa João Paulo II sagrou cerca de 400 santos em duas décadas de pontificado, mais que todos os antecessores em três séculos. Ele beatificou até católicos comuns, como mulheres que morreram para não abortar ou cristãos martirizados pelo comunismo, com o objetivo de semear exemplos.

O pendor advocatício de irmã Célia ficou latente até 1982. Ela era professora de línguas e dirigia escolas de sua congregação. Fluente em francês, italiano, dialeto trentino e latim, foi convocada a trabalhar como secretária na causa de beatificação de Madre Paulina. Depois de escarafunchar arquivos e interrogar contemporâneos da madre, mudou-se para Roma para preparar a papelada. Trancou-se no quarto de uma pensão para religiosos e deu início a uma persistente romaria à Congregação para a Causa dos Santos, órgão da Santa Sé. Nem chuva nem febre impediram-na de tomar três conduções até a Praça São Pedro para levar algum documento, comparecer a uma audiência ou tirar uma dúvida. “Eles são muito sistemáticos: se você perde uma ocasião, pode ficar muito tempo esperando a próxima”, diz, dona de um estilo singularíssimo de enfrentar o dogmatismo católico com golpes de pragmatismo. [...]

Quando se põe a defender uma causa, a irmã torna-se obsessiva. Certa vez, cismou de revirar armários vazios, que já havia vasculhado, em uma casa paroquial de Vigolo Vattaro, na Itália, terra natal de Madre Paulina. Esquadrinhou gavetas ocas até divisar algo amarelado, preso numa fenda, que arrancou com a unha do dedo mindinho. Era uma preciosa lista escrita em 1875, *Partirono per l’America* (Partiram para a América), com nomes de imigrantes italianos que deixaram a Europa naquele ano, entre eles, a família da madre. Escrita a biografia, expostas as virtudes da madre e juntadas outras 6 mil páginas de documentos, a primeira parte do processo estava pronta. Restava o mais difícil: a busca de um milagre. É preciso ter havido a chamada “cura perfeita, instantânea, duradoura e sem explicação” para obter a beatificação, e outra igualmente completa para a canonização. Não vale uma graça qualquer. Tem de ser um milagre mesmo. É assim que irmã Célia define curas de doenças graves. (PEREIRA, 2001).

Apesar de a reportagem ser polida quanto ao tratamento dispensado à irmã Célia, dá pistas para questionar o sistema de beatificações e canonizações. Entende, em princípio, o papel da freira como sendo o de uma advogada com vários clientes que ela tem que agradar. Sutilmente revela como é o cotidiano de vida de um postulador, demonstrando a dedicação e afinho de irmã Célia, ao passo que a insere na crítica ao Vaticano pela ampliação do quadro de santos e santas.

E mesmo que somente quisesse explicar brevemente como é o cotidiano de um postulador, a reportagem mostra uma mulher trabalhadora, dedicada, obstinada até nos deveres que seus processos de canonização lhe exigem, e isso, talvez, seja até um fator a favor da crença de que frei Galvão era santo. Ou seja, não é afirmar tal qualidade, mas como quem o canonizou foi alguém tão persistente, isso somente dá mais legitimidade a tudo que o processo diz.

A revista *Época* tem circulação ampla no Brasil e, como outras, não quer ser apedrejada por apoiar ou prejudicar uma opção religiosa. Mas ao noticiar o fato e ao associar a figura e o desenrolar de um processo a um cotidiano jurídico – termos, como advogada, clientes, processo, tribunais são amplamente empregados pela ciência jurídica –, expõe uma mulher plenamente dedicada ao seu trabalho: uma freira dedicada e perspicaz, que foi capaz de desvencilhar vários problemas que travavam processos no Vaticano, esperta e empenhada em construir santos e santas, tarefa essa que a reportagem coloca como sendo uma emanção de um desejo do próprio pontífice da época, João Paulo II.

Um entrevistado que não quis identificar sua fala, comentou que viu casos nos quais as pessoas querem também ser os sujeitos milagrados, querem ser como Daniella ou pretendem criar no seio de suas famílias um santo ou uma santa. As pessoas começam a rezar ao candidato a beato e santo, com o intuito de alcançar a graça e, por conseguinte, acabar sendo reconhecida a sua cura – se ela acontecer de fato – como a que deu jus para a beatificação ou a canonização de algum indivíduo. O que o entrevistado contou é que, por exemplo, uma família tem uma freira enclausurada em um convento e crêem que ela seja muito bondosa, religiosa e devotada ao seu serviço. Quando ela vier a falecer, começam a pedir a outros católicos que rezem para essa freira, pedindo por uma cura ou uma graça, para que ela interceda a Deus em benefício do devoto.

Ou seja, ter mais santos não é só desejo do sumo pontífice, mas muitas vezes é um anseio de um crente ter no âmago de sua família um homem ou uma mulher santos. Nessa fala, a pessoa se referia às famílias de muitos religiosos e religiosas – como irmã Célia – que viam nesses entes queridos a possibilidade de enriquecerem a história da família com a

presença de um beato ou santo. Hoje, irmã Célia é a postuladora; de repente, em um futuro distante ainda, poderá ser ela o mote, o indivíduo que promoverá um novo processo de beatificação.

Uma reportagem da Revista *IstoÉ* trouxe à tona uma fala semelhante. Nessa, o objetivo é publicar a notícia da beatificação de frei Galvão, mas os repórteres vão além da simples exposição desse fato.

Chegam ao Vaticano todos os anos pelo menos 30 novos casos de milagres. Este ano, três vinham do Brasil, que tem 24 pedidos de canonização em estudo. A enorme demanda faz a igreja encher-se de cautelas. "Há um frenesi, uma febre por milagres. E é difícil traçar o limite entre o autêntico e o espúrio. Muitos fenômenos não passam de alucinação", diz o teólogo da Arquidiocese do Rio de Janeiro, dom Estevão Bettencourt. Enquanto houver milagres para contar, haverá polêmica. (WEIS; PROPATO, 1998)

Os repórteres trazem à baila o problema em torno de canonizações e beatificações: ao passo que aumenta o número de processos, aumenta também o cuidado da Igreja frente a eles. Na reportagem, a revista salienta que há uma ânsia por parte da Igreja em ampliar seu panteão de santos e santas, em um ritmo bastante acelerado, mas há indivíduos e representantes dela, como o teólogo entrevistado, que mantêm certa descrença ou maior cautela na análise de relatos milagrosos.

A constatação, por parte da própria Igreja, de que aumentam constantemente os pedidos de beatificação que chegam ao Vaticano demonstra, no mínimo, duas possibilidades: uma de que, pela própria realidade da Igreja Católica no final do século XX e no século XXI, ela precisaria de mais atrativos, mais personalidades, como a dos santos e santas, que pudessem corroborar na atração e no chamado dos fiéis católicos; a outra é que, assim como é próprio de uma sociedade de massas, que produz e reproduz quase tudo, em ritmo industrial, assim também a Igreja e seu rebanho vêm reforçando e ampliando a linha de produção/reprodução de beatificações e canonizações mundo afora.

E, além disso, talvez essa maior solicitação de santificações seja também fruto de transformações no próprio cânon de um processo. Certamente, antes do Concílio Vaticano II a santificação de alguém tinha outros parâmetros. Não que hoje tenha sido facilitado, mas abriram-se mais oportunidades e novas possibilidades de se pensar o que é santo ou não.

Outra análise que pode se desdobrar da reflexão sobre essa notícia diz respeito a uma necessidade de se ter um santo brasileiro que atenda à religiosidade popular, puxando assim o debate para o campo do que é popular e o que não é. A reportagem não trata especificamente disso, porém no tempo em questão, frei Galvão era beato, não havia um santo mesmo, de verdade, que pudesse ser devocionado em qualquer altar católico. Havia, em certos segmentos de fiéis e de clérigos, uma expectativa sobre quando o Brasil teria o primeiro santo realmente

reconhecido pela santa Sé. Demorou nove anos. Todavia isso não quer dizer que não houvesse inúmeros beatos e santos, pessoas admiradas e respeitadas e outros tipos de manifestações tidas por alguns como espetaculares, mesmo sem aval do Vaticano. A mesma reportagem, por exemplo, dava um exemplo de religiosidade que não era voltada para um santo, mas para uma estatueta de Cristo e que registra um acontecimento que, em parte, é tratado com cuidado pela Igreja Católica.

Há 30 anos, Porto das Caixas, um distrito pobre e feio do município de Itaboraí, no Estado do Rio, convive com um mistério. Num final de tarde calorento de janeiro de 1968, a estátua de gesso de Jesus crucificado do altar da igreja da praça apareceu banhada por um líquido vermelho. Contam que o líquido jorrou por três horas. "Pensei que o mundo ia acabar e o Cristo estava se retorcendo", lembra a diretora da escola estadual de Porto das Caixas, Sandra Oliveira, 48 anos. No dia seguinte, o laboratorista Enéas Heringer foi examinar a imagem. A princípio, pensou que algum produto estivesse derretendo com o calor. Descobriu que estava enganado. "Era sangue humano", garante Heringer, 70 anos. Uma semana depois, o padre Oscar Gonzales Quevedo, 68 anos, uma das maiores autoridades em parapsicologia no Brasil, aportou na cidade com uma teoria defendida até hoje. "Deus assina com clareza seus milagres. E o que ocorreu em Porto das Caixas foi um fenômeno paranormal conhecido como aporte – a capacidade que algumas pessoas têm de movimentar objetos, projetar sangue ou lágrimas sobre uma imagem". Segundo o padre, o fenômeno é inconsciente, tem poderes extrafísicos e ocorre a uma distância máxima de 50 metros do objeto visado. O padre, presidente do Centro Latino-Americano de Parapsicologia e autor do livro *Os milagres e a ciência*, é respeitado pelas alas mais tradicionais da Igreja Católica por seu conhecimento sobre paranormalidade, mas suas interpretações de milagres não são comentadas.

As explicações de Quevedo não esfriam a devoção popular. O santuário de Porto das Caixas recebe cerca de dez mil visitantes por mês que querem ver e tocar a imagem no altar. "Tirei o seio esquerdo e pedi para não precisar fazer quimioterapia. Eu quero viver e Cristo me ajudou", diz, chorando, a aposentada Jaira Moreira Jessen, 68 anos. Alguns sacerdotes sentem-se incomodados com o imediatismo dos fiéis. "As pessoas querem servir-se de Deus e não servi-lo", reclama o teólogo e reitor da Pontifícia Universidade Católica do Rio (PUC-Rio), padre Jesus Hortal Sanchez. Para ele, mais importante do que ser curado é aceitar a morte como uma aproximação de Deus. E quem aceita?

A esperança não tem fim. Mais de cinco milhões de fiéis levam seus pedidos todos os anos à Basílica Nacional de Aparecida do Norte, São Paulo. A Sala das Promessas, um espaço de 350 metros quadrados no subsolo, está entulhada de pés, braços e cabeças de cêra, flores, roupas, velas e muitas fotos. Cada ex-voto representa uma promessa paga. No domingo 13, a secretária Mônica Pavuk da Silva, 24 anos, partiu de Jaguariaíva, no Paraná, a mais de 800 quilômetros de Aparecida, para agradecer a recuperação do marido, Fábio Marcelo. Ele ficou nove dias em coma devido a uma embolia cerebral. Três neurologistas disseram a Mônica que o marido teria graves seqüelas, se sobrevivesse. Fábio sobreviveu, fala e caminha (WEIS; PROPATO, 1998).

Na religiosidade católica, especialmente no Brasil, vê-se corriqueiramente falar de uma religiosidade popular. Mas ela implica em quê? Citar um fenômeno como o acima não resume a compreensão, mas é esse um exemplo que hoje demonstra como o catolicismo lida com aquilo que não crê ou não entende, mas que também não rechaça.

Primeiramente, a religiosidade popular tem na sua orientação algo menos romanizado do que uma religiosidade tradicional, de orientação claramente alinhada com o Vaticano. Isso foi, com maior gravidade, um problema para a liderança católica nos anos de 1930 e 1940. Acerca dessa afirmação, Montes (1998) analisa algumas falas em seu texto, de padres e teólogos católicos, durante esse período, que menosprezavam essa categoria – a popular – por

ser ela mais simplista, imbuída de outras influências religiosas, como as que vêm de religiões africanas e indígenas. Essas influências eram tratadas com receio e temor por parte da Igreja Católica; além disso, como menciona a autora supracitada, é uma divisão (entre popular e tradicional) que, no seio do catolicismo, é marcado por um caráter de empobrecimento dos rigores da tradição, além de ser essa análise uma forma que era comumente aceita para menosprezar e diminuir, desqualificar, religiões que não fossem a cristã-católica.

Secundariamente, o caráter popular pode ser entendido também em associação a uma ideia de massivo. Hall (2003), em um capítulo de sua obra, desconstrói o conceito de popular para melhor entender o seu significado. Mostra que, muitas vezes, esse termo é associado a uma ideia errônea de que popular é aquilo que todo mundo usa, compra, consome, professa, assemelhando o conceito, então, a uma definição comercial de mercado e, geralmente, utilizada quando se quer falar de manipulação da cultura do povo. E, nesse sentido, relembrando alguns questionamentos importantes, ele caminha para mostrar como, certas vezes, a ideia de popular se familiariza com a ideia de massa.

Não é essa a opção do autor, mas apontá-la em seu texto reacende o debate sobre o que é cultura popular. Para ele, não importa propriamente como se define o objeto da cultura, “mas o estado do jogo das relações culturais: cruamente falando e de uma forma bem simplificada, o que conta é a luta de classes na cultura ou em torno dela” (HALL, 2003, p. 242). Por conseguinte, é possível apreender que a cultura popular e o seu entendimento redundam de um campo de disputas entre “forças emergentes” e “velhos disfarces históricos”: identificar parte do catolicismo como popular, portanto, implica em compreender que se está diante de um espaço de disputa e que isso resulta de um processo histórico que expõe como um lado entende dever ser o catolicismo, lado esse que opta por um tradicionalismo; ao mesmo tempo, afasta o entendimento que não é tido como tradicional, denominando-o como popular.

Para a Igreja Católica, esse é um princípio que orientou e orienta alguns segmentos; embora, hoje, haja uma relação diversa, uma análise ou uma compreensão modificada acerca da religiosidade popular. O exemplo acima, que traz a história do Porto de Caxias, pode auxiliar no sentido de que o popular não é propriamente o modo mais alinhado com os ditames da santa Sé; no entanto, nem por isso o clero simplesmente ignora – ou ao menos alguns setores do clero – o que se passa além do que é tradicional e conservador. Como dito na reportagem da revista *IstoÉ*, para determinados clérigos há um imediatismo que define também esse catolicismo popular, além de um número enorme de pessoas que quer se alimentar desse imediatismo.

Na sequência da reportagem, no final, há uma menção à Basílica de Nossa Senhora Aparecida. Ela tem um pouco desses caracteres da religiosidade popular: um grande número de fiéis que não quer apenas orar e meditar, que vão até lá levar centenas de ex-votos, caminhar de joelhos na passarela que leva à Basílica velha, participar de missas lotadas, comprar no shopping lembranças e artigos religiosos.

Na segunda visita feita a Guaratinguetá, em fevereiro de 2008, fui visitar a Canção Nova, comunidade católica que mantém uma emissora de televisão e rádio, sediada no município de Cachoeira Paulista. Houve uma conversa informal com o diretor de marketing da empresa Canção Nova. Sem disponibilidade para falar com mais tempo, explicou brevemente os objetivos da comunidade e um deles, justamente, na visão do então diretor, era não deixar que a Canção Nova se tornasse tão popular quanto é a religiosidade em Aparecida e em Guaratinguetá.



Ilustração 9 – Comunidade Canção Nova, Cachoeira Paulista. Barracão no qual são celebradas missas, palestras e encontros.

A proposta é diferente: são retiros, finais de semana inteiros de introspecção, palestras de formação, encontros vocacionais, em um espaço totalmente voltado para isso. O público atendido também é grande, mas é diferente do público que frequenta o Santuário Nacional de Aparecida. Na Canção Nova, a ideia é promover uma maior reflexão, o que para o diretor não era um dos princípios do Santuário Mariano de Aparecida.

Popular, dessa maneira, também pode promover um debate quanto à ideia de sociedade de massa. Quando Martín-Barbero (2006) introduz essa questão em seu livro, faz todo um trajeto no sentido de, primeiro, reconstruir a ideia do que foi popular, desde o Iluminismo, passando pelo entendimento dos românticos do século XVIII, até tocar aos frankfurtianos e aos estudos culturais ingleses, para em seguida desconstruí-lo, quando toca a discussão de massa. Após toda uma explanação sobre o que é a ideia de massa, para o século XX, finaliza esse capítulo lembrando que o conceito de popular caminhou para um outro, que é o de massas. Tanto pela amplitude e proporções que a ideia de massas produz e porque é nesse momento que se põe uma nova etapa na história da sociedade moderna.

Remete Martín-Barbero (2006, p. 74-75), por conseguinte, a uma análise do social que já é tratada por Benjamin (1994). Nessa passagem retoma a discussão dos autores da escola de Frankfurt sobre a relação das massas com a cultura. E aponta que Benjamin revela alguns pontos contundentes no entendimento desse cenário, quais sejam: trata-se de um novo momento para as sociedades urbanas, no qual se dá uma “atrofia da atividade do espectador”, ocorre uma “degradação da cultura em indústria de diversão” e, por fim, há uma “dessublimação da arte”. Esses fatores decorrem e geram ao mesmo tempo um novo *sensorium*.

Para Benjamin, pelo contrário, pensar a experiência é o modo de alcançar o que irrompe na história com as massas e a técnica. Não se pode entender o que se passa culturalmente com as massas sem considerar a sua experiência. Pois, em contraste com o que ocorre na cultura culta, cuja chave está na obra, para aquela outra a chave se acha na percepção e no uso (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 80).

Tanto Benjamin quanto Martín-Barbero compreendem que, para se apreender o que é a sociedade de massas, é preciso perceber, sentir esse novo *sensorium* inerente a ela e esse somente é descoberto quando o historiador for pesquisar e recorrer à experiência da sociedade para, então, responder o que ela é e, mais importante do que decodificá-la, é saber como essa se relaciona com a cultura, como a sente, a percebe e vive. Em uma sociedade de massas – no Brasil inclusive – quando se for pensar, então, a questão da religiosidade popular, é perceptível que essa é diversa, primeiro por uma causa mais imediata, que é a sua amplitude e porque implica essa em uma nova relação que o fiel, o devoto, o indivíduo religioso estabelece como o catolicismo popular.

Também Morin (1974) discute profundamente a temática da sociedade e da cultura de massas. Ele lembra que a cultura de massas do século XX já é toda permeada pela ideia de Benjamin (1994) sobre a reprodutibilidade técnica da obra de arte: nada, nem a arte e a cultura, escapa à indústria, à reprodução em série e ao consumo massivo.

Todos esses autores contribuem para a reflexão em torno do que se quer dizer com a denominação catolicismo popular: é essa modalidade de prática religiosa que se afasta do que o Vaticano espera (ou do que parte do clero entende que deva ser a religião); ou seja, uma relação e uma forma de perceber a religião que não é tão pautada pela diretriz tradicional, atrelada ao catecismo cristão. Se hoje, no entanto, a relação de disputa entre os campos dominante e emergente da religião católica não é tão explícita como já fora, nem por isso se quer dizer que não exista conflito e lides quanto ao que é aceito pelo clero e o que não é. A reportagem anterior, então, ajuda a melhor visualizar esse cenário de debate sobre o popular: apesar de alguns membros da Igreja Católica acreditarem que o catolicismo popular não é a realidade ou a melhor proposta de se viver a fé, nem por isso deixam de ter de conviver com essas práticas, sejam elas manifestações imediatistas como a de Porto de Caxias, ou mesmo a manifestação da religiosidade para com a padroeira do Brasil para os católicos.

O que surge desse debate é que a religiosidade popular é mais aberta a possibilidades, é mais maleável, aceita práticas e ações mais variadas, que extrapolam o que está previsto em leis e princípios canônicos. É também um segmento da fé – o popular –, que mais se adapta a uma ideia de um consumo da fé, como o que ocorre em Aparecida. Ou seja, há uma maior relativização quanto a esse anseio das pessoas de comprarem objetos e produtos religiosos. E pode ser pensada como uma religiosidade popular essa relação específica com a fé cristã também, a partir de exemplos como o do Porto de Caxias.

Nesse local, apesar de certamente alguns padres e religiosos não crerem nas lágrimas da imagem, nem por isso sairão por aí dizendo que é mentira ou charlatanismo. O popular tem, por conseguinte, uma participação ativa do fiel. Ele ajuda a compor e a ampliar os quadros que melhor definem o que é o catolicismo no Brasil. E, muitas vezes, talvez por motivações não sabidas ou só mesmo para não ver o rebanho diminuir, o clero denomine como popular essas práticas religiosas, não as ignorando. Tem apenas mais cuidado ao lidar com essas realidades para, talvez, não perder o controle sobre elas.

Retomando frei Galvão, o que se percebe das manchetes, notícias e reportagens que antecedem à beatificação ou logo posteriores a ela é que o fato era novo, merecia destaque. Isso porque frei Galvão era genuinamente brasileiro, diversamente de santa madre Paulina, canonizada na década de 1990. Ela era italiana e isso fez, certamente, com que os créditos a ela atribuídos fossem menos valorosos do que os de algum santo ou santa nascidos em terras brasileiras. Seis meses antes da canonização, a revista *IstoÉ*, em outra reportagem, já atentava para o fato de que já existiam beatos no Brasil, mas nenhum nascido no país.

O País não tem ainda um santo brasileiro, uma vez que outros dois beatos, apesar de extremamente respeitados na religiosidade popular, são estrangeiros: o padre José Anchieta era português, originário das Ilhas Canárias, e a madre Paulina do Coração Agonizante de Jesus era italiana e foi a fundadora no Brasil da Congregação da Imaculada Conceição. (FREI..., 1998b).

Novamente, torna-se à questão do popular, mas agora a reportagem toca um outro ponto, que é a questão do nacional. A revista bate nessa tecla: o país não tem beato nato. Isso talvez não seja a percepção que algumas pessoas têm dessa situação e, quiçá, nem fosse esse um grande problema para os católicos brasileiros. Todavia, essa afirmação da reportagem não pode passar despercebida e merece reflexão a seu respeito.

Irmã Célia Cadorin, postuladora de ambos os processos (frei Galvão e madre Paulina), em vários trechos da entrevista faz alusão à madre Paulina, como santa e brasileira. Apesar de não declarado em sua fala, o tempo todo, foge do rumo da entrevista – ou seja, faz um exercício que era o de puxar a conversa para o caso da santa. Não que seja, por ventura, essa mais importante para ela do que frei Galvão. No entanto, isso demonstra uma afeição da postuladora com a causa da freira italiana canonizada no Brasil.

Ela, como ocupou o papel de postuladora, sabe que esses devem correr no lugar onde o servo ou serva de Deus morreu. É ali, na terra onde o indivíduo é enterrado, onde passou a maior parte de sua vida e onde construiu uma trajetória, que ele tem importância, não representando, para ela, nada de extraordinário o fato de madre Paulina ser naturalmente italiana. E, certamente, esse seja um fato que também não seja levado em conta pela quase totalidade de brasileiros católicos; ou, caso contrário, não haveria devoção a santo Expedito – o mais procurado dos santos – que não era brasileiro. Certamente, a fé independe do lugar de nascimento; no entanto, esse fator foi trabalhado pela imprensa e por alguns representantes da fé católica que antes de a verem como santa, a viam como estrangeira. E essa percepção é bastante marcada na fala de irmã Célia; para ela, certamente, fé e nacionalidade são questões distintas, mas houve quem questionasse essa total separação. Na própria fala, irmã Célia demonstra sutilmente a discussão sobre a nacionalidade de madre Paulina:

Primeiro que ela é mulher, estrangeira aspas, porque ela veio com 9 aninhos! Naquela época... fundou a primeira congregação do sul do Brasil, trabalhou vida inteira nesse Brasil, morreu aqui, antigamente não tinha essa coisa de fazer, naturalização, depois que veio República, depois até... Só que a madre Paulina tem assim, começou, foi de 65 a 70. As primeiras irmãs que conviveram sabiam tudo da madre Paulina. Entende? Eu conversei com essas irmãs antigas. Mas elas também, olha... sabia tudo, porque eu me interessava, e a minha madre mestra, do noviciado aqui, todo dia, a gente sentava naquela escada, e ela veio com o pai e a mãe, que morreram na viagem, mas ela chegou no Rio de Janeiro, tinha 4 anos, o juiz entregou pra uma família. Quando essa família viu que a madre Paulina começou a receber órfãos, porque as mulheres morriam de parto, eles entregaram essa menina pra ela. E essa menina já com seus 10, 12 anos, cresceu, virou freira, e sabia tudo, tudo... É, e depois eu peguei esse aqui, o do frei tinha sido começado pelo frei Adalberto, em 38, e ele escreve tudo assim... (cf. APÊNDICE B).

Quando irmã Célia fala “estrangeira aspas”, ela quis dizer que isso não era um problema para ela, pois a menina Paulina viveu no Brasil sua vida toda. O que ficou, entretanto, dessa entrevista e dessa passagem é que, certamente, irmã Célia ouviu ou viu durante a canonização da freira italiana esse questionamento quanto à sua nacionalidade. Ponto que para ela é irrelevante, mas que a marcou certamente porque, para ela e muito provavelmente para tantos outros religiosos e católicos, a fé não se confunde com nacionalidade, o que não quer dizer que não tenha havido gente para dizer, a grosso modo: “puxa, é santa, mas não é brasileira”.

Então, para ser popular – em um discurso jornalístico como o da revista *IstoÉ*, como para parcelas da comunidade católica – o santo poderia ter sido um brasileiro. Ou seja, não afirmam a importância de associar nacional e santidade, porém somente dão as nuances para pensar que faltava um brasileiro nato no grupo dos santos canonizados pelo Vaticano.

E o nacional, retomando Martín-Barbero, tem íntima relação com a questão do popular. E ele coloca que a concepção romântica do que é o popular associava a ideia de povo à de nação, o povo-Nação.

Em primeiro lugar, a mistificação na relação povo-Nação. Pensado como “alma” ou matriz, o povo se converte em entidade não analisável socialmente, não trespassável pelas divisões e pelos conflitos, uma entidade abaixo ou acima do movimento do social. O povo-Nação dos românticos conforma uma “comunidade orgânica”, isto é, constituída por laços biológicos, telúricos, por laços *naturais*, quer dizer, sem história, como seriam a raça e a geografia (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 39).

Barbero critica o conceito de nação. Para ele, tal definição mascara e disfarça justamente a série de tensões que existem no campo da cultura. A partir do momento que se está diante de uma ideia de nação, o que se tem não é um conjunto de elementos comuns a todos os membros dela, mas uma ideia camuflada em um princípio de isonomia, que não é verdadeiro. Ela quer esconder ou eliminar o princípio da luta de classes, escamoteando, ao mesmo tempo, quaisquer indícios de um conflito cultural quando define que todos os nacionais são iguais. A reportagem não vai tão longe e nem talvez quisesse isso, mas, quando passa ao leitor a inexistência de um santo nacional, acaba por fomentar um anseio por alcançar um ideal de nação.

E a questão vai além. O princípio da nacionalidade de um santo não é só relevante em face de uma cultura nacional ou em um debate histórico. É, como já dito, uma exigência do direito canônico que o processo tenha andamento na cidade onde o servo de Deus viveu, no lugar onde deu ensejo para uma fama de santidade. É o caso tanto de frei Galvão – que passou boa parte da vida na capital paulista, onde correu seu processo – quanto o de madre Paulina que

teve o seu feito no mesmo município, São Paulo, onde faleceu, mas também passou boa parte de sua vida. Outra parte viveu em Nova Trento, SC, local hoje de peregrinações de católicos.

A irmã Célia ainda lembrou do caso de um candidato a beato brasileiro que viveu anos a fio em uma capital brasileira; um mês antes de falecer foi transferido de paróquia, pois ele era um padre. Só que na cidade em que faleceu não chegou a ter fama de santo. Então houve aí um dilema, pois o processo não deveria correr na cidade onde o padre faleceu, e sim na capital, na qual viveu e tinha fama de santidade.

Essa passagem revela, de certa forma, até toda a questão política que permeia os campos da cultura e da religião. Nesse caso – apesar da irmã não entrar em mais detalhes – é de se concluir que, possivelmente, a Igreja Católica reveja a possibilidade de deixar tramitar o processo na capital e não no local de falecimento do candidato; na capital há mais testemunhos, talvez mais chances de localização de milagres, é mais fácil para pesquisar sobre a vida e a atuação do candidato etc. Ou seja, por mais fechado que possa ser um código de beatificação, há casos, como esse, nos quais talvez relações políticas e sociais sejam importantes, gerando assim exceções às regras e facilitando o desenrolar de uma canonização.

O tipo de nacionalismo que tanto a Igreja Católica quanto a imprensa ajudam a avivar no público, mesmo que não haja essa intenção, é atrelado a sentimentos como de orgulho, envaidecimento, naturalidade, organicidade. Uma compreensão que é justamente o ponto criticado por Barbero. Quando se faz uso desse tipo de argumentação não é para exaltar, portanto, sentimentos nobres, mas é uma forma e uma tática que camufla tensões, como se as colocasse todas em um caldeirão que dilui toda diferença e desigualdade de uma sociedade.

No momento da beatificação e depois até a canonização, parte do trabalho da Igreja e de parte da imprensa foi o de fazer alusão de que o nacional é importante, valioso e enriquecedor para um grupo social, e nunca uma construção ideológica e hegemônica. Novamente, vale dizer que não é esse o papel da imprensa, ou seja, discutir analiticamente tensões históricas, mas sem querer ou sem refletir com maior profundidade. Ela simplesmente ajuda a reproduzir um modelo de sociedade que não é, necessariamente, o real.

Tão importante quanto um trâmite processual é a cerimônia de beatificação. A de frei Galvão ocorreu em Roma, em 25 de outubro de 1998, com vários brasileiros presentes. Um jornal recifense noticiou o evento.

Seguindo o rito tradicional, logo no início da missa foram descobertas as telas com os retratos dos beatos expostos na fachada da basílica e feito o pedido formal de beatificação ao papa. Depois de concedê-la, o santo padre marca a data na qual será celebrada a festa do novo beato. Frei Galvão será comemorado todos os anos no dia 25 de outubro.

Durante o ofertório, a menina Daniela Cristina da Silva, que sarou de uma grave forma de hepatite por intercessão de frei Galvão, presenteou o papa com uma toalha de altar e pedras duras do Brasil.

Em sua homilia, o santo padre falou nas várias línguas dos beatos proclamados hoje. Francês, italiano, espanhol e português. Com frei Galvão tornaram-se beatos Zeferino Agostini, Faustino Miguez e Theodore Guerin.

"Frei Antonio Galvão dedicou-se com amor e devotamento aos aflitos e aos escravos de sua época no Brasil", disse o pontífice no trecho do sermão dedicado ao religioso brasileiro. "Sua fé, genuinamente franciscana, evangelicamente vivida e apostolicamente gasta no serviço ao próximo, servirá de estímulo para o imitar como homem de paz e caridade."

Esse foi o momento mais aplaudido pelos brasileiros presentes, o grupo mais numeroso e festeiro, que no final da missa homenageou o papa cantando "a bênção João de Deus". Muitos deixaram a praça com os olhos vermelhos pelas lágrimas. (FREI..., 1998a).

O jornal recifense se atém especificamente ao rito e à pompa que marca uma cerimônia como essa. Dois pontos são importantes de salientar. Primeiramente que o rito de uma beatificação não necessariamente é único para um candidato; no caso de frei Galvão, outros beatos foram nomeados. Em segundo lugar, a data da beatificação. Essa é, em geral, válida pra marcar o dia dos festejos para o santo. No caso de frei Galvão há uma discordância acerca da data. Como a canonização, ocorrida no Brasil, teve mais visibilidade que a beatificação, o Governo Federal acabou por decretar o dia do santo em 11 de maio. Esse decreto conflita com a data determinada pelo Vaticano. Então, a opção foi celebrar em ambas as datas. O padre capelão do Mosteiro da Luz, padre Armênio, no ano de 2008, tanto celebrou em maio, como fez um tríduo dias 23, 24 e 25 de outubro para lembrar, novamente, o santo. Fato esse relevante, pois mais uma vez ressalta o valor de marcar na história de uma sociedade datas comemorativas que remetem à discussão de nacionalismo anteriormente feita.

A data, nesse sentido, é um reforço à memória; todo ano se relembra um acontecimento importante para uma ideia de nação, nos moldes criticados anteriormente. E para um país que se entende laico como o Brasil, reconhecer como um dia festivo – mesmo não sendo um feriado nacional – o dia da canonização de um santo católico, é motivo para refletir acerca da real separação entre Estado e Igreja Católica na atualidade do país. Tal qual o conceito de nação maquia outras facetas, também disfarça uma proximidade como essa ao marcar em seu calendário uma festividade que só atende a anseios de uma única religião. Apesar de não refletido o fato na época, é notório que ele expõe uma preferência ou ao menos uma relação bastante amigável e de interesses comuns entre o governo brasileiro, no tempo da beatificação, e a cúpula católica, portanto.

E, no que tange à esfera do sagrado, Eliade (2001) explica que toda religiosidade precisa de uma distinção entre o que seja um tempo profano e um tempo sagrado. No caso do Cristianismo, Eliade explica que esse inova com o tempo litúrgico, das festas sagradas, que não é só o tempo mítico – que remete a uma cosmogonia como ele coloca – mas relembra todo ano a paixão e vida de Cristo. Tanto o 11 de maio quanto o 25 de outubro são datas que

passam a fazer parte desse tempo sagrado do católico, especialmente no Brasil. É um momento que é todo ano lembrado, a fim de reforçar a proximidade do fiel com o santo e com o próprio Deus.

E, por fim, há que se grifar a importância dos ritos para quaisquer religiões. São solenidades que podem envolver uma série de eventos: casamentos, óbitos, ritos de passagem, celebrações, festejos, jejuns. No catolicismo, os ritos da beatificação e canonização são presididos pelo papa e, em regra, são realizados no Vaticano. Quanto à canonização de frei Galvão, percebe-se que foi uma exceção, pois aconteceu fora do centro político-religioso, o que nem por isso deixa de caracterizá-la como um tempo sagrado e como um rito religioso. E como todo rito, esse vem marcado por alguns elementos peculiares: a motivação, o chefe religioso, os simbolismos. Para Junqueira (2002, p. 90), o rito é:

Todo tipo de cerimônia constituída por ações standardizadas e ligadas a fórmulas, gestos, símbolos, aos quais se atribuem virtudes ou poderes inerentes, suscetíveis de produzirem determinados efeitos ou resultados. O rito encontra-se não só na vida religiosa, mas em todas as esferas culturais de qualquer tipo de sociedade. Exemplos: casamentos são realizados através de ritos nupciais, tanto de caráter religioso, quanto civil. Uma série de gestos, falas e símbolos torna o casal unido perante a sociedade. O ritual do batismo é uma forma de agregar definitivamente o indivíduo à comunidade de fiéis. Ritos fúnebres expressam um procedimento que visa cortar os vínculos com um estado anterior.

E, por fim, merece destaque na beatificação, a participação de fiéis e romeiros: os peregrinos. O indivíduo que crê em um santo ou santa tem papel fundamental no processo de beatificação. E ao ressaltar isso, o jornal mostra que uma pequena parcela da nação brasileira estava representada lá.

Na cerimônia da beatificação houve um grupo de brasileiros – principalmente familiares descendentes da família do frei, bem como membros da Igreja Católica – que foram até ao Vaticano assistir a beatificação do frei. Durante o evento, o papa João Paulo II proferiu um discurso de apresentação dos candidatos, bem como saudou as comunidades ali presentes:

É com viva satisfação que saúdo agora os numerosos peregrinos brasileiros que vieram a Roma para participar da solene beatificação do primeiro Beato nascido em solo brasileiro, Frei Antônio de Sant'Anna Galvão, também conhecido como Frei Galvão. Guaratinguetá, sua cidade natal, deve sentir-se muito feliz porque um seu filho subiu à honra dos altares. No lar do Beato Frei Galvão, a imagem de Santa Ana reunia sua família todas as noites para as orações, e foi dali que brotou aquela atenção pelos mais pobres, que acorriam à sua casa e que, anos mais tarde, atrairia milhares de pessoas aflitas, doentes e escravos, em busca de conforto e de luz, a ponto de ele ser conhecido como “o homem da paz e da caridade” (JOÃO PAULO II, 1998).

A beatificação aconteceu em 1998. Era um momento importante para o catolicismo no Brasil: já havia nesse ínterim a figura de beatos ou veneráveis, mas nenhum de nacionalidade brasileira. Com certeza, a beatificação de Antonio Galvão de França foi um instante

importante para a construção da figura do primeiro santo brasileiro, que somente aconteceu no Brasil, em 2007.

Nove anos após sua beatificação, frei Galvão ainda não tinha a mesma notoriedade que adquiriu após a vinda de Bento XVI ao Brasil. Entretanto, foi nesse momento, com o auxílio da imprensa, da comunidade católica, do clero e de toda mídia em geral que se começou a delinear quem seria e como deveria ser vista a figura do primeiro homem canonizado no país. A sua fama de milagreiro, no entanto, vinha desde sua vivência em São Paulo, como presbítero; no entanto, o que se quer destacar é que com esses dois gestos de reconhecimento da pessoa dele como alguém relevante no cenário e na história do catolicismo no Brasil, somente fizeram torná-lo ainda mais conhecido do público católico.

Essa construção da imagem de frei Galvão, como visto, é mais antiga e amparada por uma memória que a subsidia desde quando era vivo, e essa discussão sobre os milagres que a ele são associados em vida serão tratados no próximo capítulo. Mas acontecimentos há, e a beatificação foi o primeiro deles, que apontavam para uma única questão: já havia a necessidade – e os elementos necessários – para se fazer desse frei franciscano um homem santo aos olhos da santa Sé e da comunidade católica mundial.

1.2 A canonização de Antonio de Sant'Anna Galvão

A canonização foi bastante divulgada pela imprensa brasileira. Em uma breve pesquisa pela internet, por exemplo, é possível localizar milhares de páginas que noticiaram o acontecido. É fácil compreender um dos motivos que pode ter incitado essa quantidade de notícias: tanto se tratava do primeiro santo brasileiro quanto da vinda do novo papa, Bento XVI, ao Brasil. Certamente, a vinda de um pontífice aumentou a atenção da imprensa sobre frei Galvão na canonização, pois esse acontecimento religioso tinha outras características de destaque, o que ajudou a fazer com que o 11 de maio de 2007 fosse mais noticiado, talvez, que o 25 de outubro de 1998.

A canonização, por conseguinte, não foi um fato isolado. Atraiu-se à primeira visita do papa Bento XVI ao Brasil e à América Latina. Ele veio para canonizar frei Galvão, mas também para participar da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe, o CELAM, que ocorreu em Aparecida. A Conferência foi aberta pelo papa. No entanto, antes de se dirigir ao Vale do Paraíba, desembarcou em São Paulo, onde se viu o tempo todo

cercado de pessoas que a ele acorreram no Mosteiro de São Bento, em São Paulo, no Estádio do Pacaembu, no encontro com os jovens e, na sexta-feira, no Campo de Marte, na missa de canonização de frei Galvão. Só no Mosteiro de São Bento, noticiou a revista *Veja* (SABINO, 2007a), cerca de dez mil pessoas foram recepcioná-lo; já no Campo de Marte, quase um milhão assistiu à missa e à canonização.

Em 2005, já era conhecido o fato da canonização. Um portal católico de notícias publicou uma entrevista com a irmã Célia Cadorin, na qual ela retoma como funciona o processo de canonização, bem como dá esperanças de que, talvez, o evento acontecesse em solo brasileiro (POSTULADORA..., 2005).

Na entrevista feita com ela, em julho de 2008, ela contou à pesquisadora o final do processo da canonização e a expectativa que havia em torno da vinda de Bento XVI ao Brasil:

Irmã Célia: Então veio o decreto do papa, depois veio o consistório e no consistório ele diz o local e o dia da canonização. E aí eu já tinha sido prevenida, de que ele vinha pro Brasil, se eu conseguisse dar conta, ele podia ter feito a canonização aqui, quando aquele grupo de teólogos...eu quase morri, imagina, primeiro santo brasileiro aqui, ser feito aqui, teria um efeito extraordinário pro Brasil. E foi o que aconteceu. Agora, eu devo muito ao padre [Armênio] aqui, que foi minha bengala... agora piorou, tenho que andar com a minha carrocinha, eu cáí...(risos) (cf. APÊNDICE B).

Entrevistar a irmã Célia foi diferente de entrevistar os demais indivíduos que ajudaram a fazer de Antonio Galvão de França alguém santo. Primeiramente, a entrevista contou com a participação do padre Armênio, capelão do Mosteiro da Luz; ele me levou até onde ela reside, até porque eu não a conhecia e, segundo ele, talvez fosse mais difícil, sozinha, conseguir falar com ela. Em segundo lugar, ela estava debilitada por uma queda, o que, provavelmente, seria uma entrevista cansativa. Apesar de a entrevista ter durado mais de duas horas, havia, da minha parte, essa preocupação, ou seja, de não incomodar essa senhora que estava em recuperação. Em terceiro lugar, por várias vezes, a gravação foi interrompida a pedido dela. Como ela falava baixinho, na transcrição da fala, alguns pontos tornaram-se inaudíveis. Por fim, ao expor tudo isso, não se quer dizer que foi a mais importante entrevista feita na pesquisa, mas certamente a mais difícil de se conseguir e de conduzir, além do que ela era vista, antes da conversa, como sendo a pessoa que melhor poderia trazer elementos para recompor o cenário da beatificação e canonização de frei Galvão.

Nessa passagem, ela narrava a esperança que tinha de finalizar o processo a tempo da vinda do pontífice. No entanto, ela já sabia da sua vinda. Não foi mero acaso ou coincidência sua vinda naquela data e a consequente canonização. E merece destaque o fato de que, na sua fala, ela trata de como esse evento teria um efeito extraordinário para o Brasil.

Como debatido no item anterior, esses processos e seus ritos não são aleatórios, tampouco inesperados. O que se tem mostrado, e aqui é bem marcado, é que a beatificação, bem como a canonização, são gestos também políticos, que implicam em toda uma teia de relações de poder, de relações sociais que tecem esses acontecimentos. Havia já o aceno, na fala da irmã, para a vinda do papa. Por conseguinte, uma tessitura em torno disso já vinha sendo alinhavada, e a canonização e a representatividade e visibilidade que isso promoveria foram, certamente, pensadas e preparadas antecipadamente.

Em 2006, o jornal *O Estado de S. Paulo* publicou a autorização da canonização do frei:

Um milagre ocorrido em 1999, em São Paulo, vai tornar o franciscano Antônio de Sant'Ana Galvão (1739-1822), frei Galvão, o primeiro santo brasileiro. No sábado à tarde, a Congregação para a Causa dos Santos, do Vaticano, deu o último aval para a canonização. Em 1998, a Santa Sé já havia reconhecido o primeiro milagre de frei Galvão, necessário para sua beatificação.

“Agora só falta uma parte burocrática, mas fundamental para sabermos a data da canonização, que é o papa assinar o documento aprovado pelo Vaticano”, explica padre Armênio Rodrigues Nogueira, capelão do Mosteiro da Luz, em São Paulo, que foi fundado pelo frei em 1774. Uma das possibilidades é que o papa assine o documento em maio, quando estiver no Brasil. Outra, é que isso seja feito nos próximos dias para a cerimônia de canonização ser celebrada no País.

O segundo milagre só pode ser divulgado após a assinatura do decreto. A irmã Célia Cadorin, postuladora da causa (advogada do beato junto ao Vaticano), porém, adianta detalhes, além da data e da cidade do acontecimento. “O milagre do frei é referente a uma gestação complicada, depressão ou doença de criança”, conta. “Envolveu muitos médicos e ‘provavelmente’ ocorreu num hospital.”

O processo de seleção do milagre durou seis anos – de outubro de 1998 a outubro de 2004. Durante esse tempo, irmã Célia analisou 5.643 graças registradas no Mosteiro da Luz. Dessas, 3.520 eram relacionadas a curas. A maioria dos restabelecimentos envolviam gestações complicadas, problemas para engravidar e doenças renais. O milagre atribuído a frei Galvão foi registrado no Mosteiro da Luz em 2004.

“Foi uma seleção difícil”, conta irmã Célia. “Ficamos, eu e uma equipe médica, entre cem graças. Em 2004, quando fui para Roma acompanhar o processo de perto, tínhamos ainda quatro bons milagres em mãos.” A decisão final ficou sob a responsabilidade de uma equipe médica do Vaticano. (LOPES, 2006).

Apesar de sucinta a sua fala, irmã Célia já dava a pista sobre o milagre: era o do menino Enzo e sua mãe, Sandra, que, tendo dificuldades no parto e na gravidez, apelou para o beato frei Galvão. Sandra Grossi de Almeida e seu filho Enzo residem em Brasília, DF. Depois de três abortos, engravidada novamente em 1999, sem bom prognóstico para levar a gravidez até o fim. Desde o início da gravidez de risco, Sandra e a família intercediam a frei Galvão, por meio das suas novenas, bem como tomou as pílulas do frei, acreditando que daria certo. Em 11 de dezembro de 1999, nasceu Enzo, saudável e prematuro. Em 2004, a Cúria de São Paulo tomou conhecimento do caso e “O Congresso dos Teólogos reconheceu o caso como miraculoso no dia 13 de julho de 2006, o que a reunião plenária dos Cardeais e Bispos confirmou em 12 de dezembro de 2006” (SANTOS, 2007, p. 115).

Em entrevista, a irmã Célia narrou sua versão do reconhecimento do milagre de Sandra e Enzo, e como, na sua visão, é rígida a condução do processo:

Irmã Célia: Sim, sabe... coisas pequenininhas, que não tem a ver... mas você tem que responder, se você não responde... podia estar lá até hoje... São, são, em parte é bom, porque esclarece, mas quando é demais, né... Porque esse processo aqui já tinha sido examinado pelos médicos, então a parte mais importante... o processo do Enzo, então esse aqui é da junta médica, 18 de janeiro de 2006... Isso aqui é importante... É uma tese... Diagnóstico de cinco cientistas, cinco médicos, e um sabe do outro, eles fazem o envelope na hora. E tem oito testemunhas, do Vaticano, que não dizem uma palavra, só observam. Depois prognóstico, cinco sobre cinco, terapia, cinco sobre cinco, depois modalidade da evolução do caso, da cura, cinco sobre cinco. Aqui é pacífico, então com isso aqui a gente prepara a parte teológica... o dos médicos, é coisa de doido!

Entrevistadora: E quem redigiu essa parte científica?

Irmã Célia: Eu mesma. E aqui é dos teólogos, né, aqui você não tem que provar tanto, já tá provado cientificamente, já tem o parecer dos médicos, mas aqui você vai trabalhar mesmo, mesmo, mesmo, é a invocação... A invocação, pros médicos você faz uma síntese, que desdobra a parte científica; pros teólogos, faz síntese da parte científica, que desdobra em invocação. Com todos os pormenores, tudo, tudo, olha aqui, é dia hora, tudo, tudo. Eu... o processo 5 vezes antes de começar, eu sei onde tá tudo. Essa parte dos teólogos é mais resumida, porém é mais exigente na parte teológica, né.

Depois disso vai para a comissão dos cardeais e bispos, de 10 pessoas, 15, eu tive 15 dessa vez, que examinaram. Aí depois então vem o decreto do papa, como é pra uma canonização, o papa então pede o conselho, um tipo assim de um congresso de cardeais, que nós chamamos de consistório, normalmente é sigiloso... e aí, eu nem fiquei lá. E depois na última hora a embaixatriz, a embaixadora do Brasil me telefona, dizendo que não, que ia ser público, mas aí, e ela foi né, mas eu não, ia fazer uma viagem... já tinha ido da Paulina, chega né? (cf. APÊNDICE B).

Para a irmã, o processo até aparenta ser formal demais. Há muita exigência, para ela, na parte científica. Ela contou com o auxílio de médicos brasileiros, que colaboraram com os laudos, os quais, posteriormente, foram reavaliados quando seguiram para o Vaticano. Além disso, havia uma segunda parte – a teológica –, para que, e somente então, todos os volumes do processo fossem enviados para o pontífice e para análise do Consistório.

Tal qual a beatificação, a canonização se desenha como um processo permeado por relações decisórias, que emanam de núcleos preestabelecidos, que decidem quem deve ou não ser chamado de santo. Relações de poder o permeiam, bem como uma recorrência à cientificidade do caso, a fim de naturalizar e dar um caráter de oficialidade ao fato.

Vale a pena, no entanto, introduzir neste item, antes de debater a canonização, uma análise sobre a vinda do papa e sobre sua pessoa. Em 2006, a vinda de Bento XVI já se confirmara (MILAGRE..., 2006), e alguns jornais já davam espaço para essa notícia, bem como a canonização, que seria realizada em São Paulo, local onde o frei viveu e morreu, também já estava prevista. Mas a cerimônia foi feita pelo papa que, recentemente, havia aparecido como novo pontífice. Uma pessoa diferente e com características diversas da de seu antecessor, fizeram com que vários fontes de informação, de telejornais a revistas e jornais, parassem para refletir e melhor compreender quem era Joseph Ratzinger, o papa Bento XVI.

1.2.1 O novo papa Bento XVI e sua visita ao Brasil

É necessário, então, analisar algumas reportagens do mesmo período que se debruçaram sobre a figura e a personalidade do sucessor de João Paulo II: Bento XVI. A revista eletrônica *Catolicismo* fez uma reportagem que reflete sobre posturas e posições assumidas pelo novo pontífice.

Antes da viagem de Bento XVI, eminentes purpurados deram a entender que ela seria marcada por abordagens apenas genéricas, pelo Sumo Pontífice, dos graves problemas que afligem o Brasil. Assim, o então presidente da CNBB e primaz do Brasil, Cardeal Geraldo Majella Agnelo, declarou à imprensa que S.S. Bento XVI não entraria em temas candentes como o aborto, a eutanásia e “*outros problemas setorizados*”, limitando-se a expressões genéricas sobre a vida, que obviamente a Igreja não poderia omitir sem deixar de ser Ela mesma. O Cardeal Cláudio Hummes, prefeito da Congregação para o Clero e membro da comitiva pontifícia, ainda em Roma anunciou que o Pontífice não traria uma “*agenda moralista*” a São Paulo.

O Cardeal Bertone, Secretário de Estado, sugeriu uma agenda diversa da que acabou se realizando: “*Se um governo de esquerda se preocupa em favorecer os mais pobres, promover repartição mais igualitária da terra, [...] se faz tudo isso, pode receber o aplauso e colaboração da Igreja*”. O presidente Lula previa que a visita intensificaria a colaboração da “*ação social da Igreja Católica*” com os “*movimentos sociais*”, os “*oprimidos*” e os “*excluídos*”. Ao mesmo tempo reafirmava sua posição favorável ao aborto, enquanto presidente do País.

Porém, já no avião que o conduzia à Terra de Santa Cruz, o Pontífice confirmou o Código de Direito Canônico que pune com a excomunhão aqueles que participam de um aborto provocado. Os católicos brasileiros, cuja maioria é anti-abortista, foram consolidados em sua posição quando o ilustre visitante, ao descer no Aeroporto Internacional de Cumbica, reafirmou ante o presidente brasileiro as posições da Igreja contra o aborto e a eutanásia, e em defesa da família tradicional.

O mito revolucionário dissemina a idéia de que a adoção de posições como essas só produz desinteresse ou antipatia. Foi bem o contrário o que se deu. A própria mídia, caixa de ressonância habitual dos contra-valores revolucionários, percebendo que o público aguardava com ansiedade essas verdades apresentou-as em grandes manchetes. E a opinião pública brasileira ouviu com satisfação afirmações rotuladas arbitrariamente como “*retrógradas*” e “*moralistas*”. E também quando tomou conhecimento da declaração de que o Brasil e a América Latina “*conservam valores radicalmente cristãos que jamais serão cancelados*”.

Inúmeros católicos aplaudiram o elogio da castidade, da fidelidade conjugal e da virgindade; sintonizaram com a expressão “*ferida do divórcio*”; e associaram-se à condenação do aborto e da eutanásia (FERNANDÉZ, 2007).

A revista eletrônica faz uma defesa da Igreja Católica e de seu novo líder: defesa essa que para a revista demonstra uma preocupação com os pobres, que sai em defesa da vida e da família, que critica e condena o divórcio. Dessa forma, ela retira a pecha de moralista de Bento XVI para caracterizá-lo como protetor da fé e da moral cristã. Dessa forma, a revista *Catolicismo* se aproxima das linhas principais que regem a própria religião; não é apenas uma opção aleatória, mas reflete o fio condutor que é próprio do catolicismo.

O papa Bento XVI sempre foi conhecido por segmentos da Igreja Católica, bem como pela sociedade não católica, como conservador, reacionário até. Desde há muito, ainda como cardeal e como braço-direito do papa João Paulo II e nos vários cargos que ocupou no Vaticano, manteve uma postura conservadora com relação a determinados princípios da Igreja

de visão mais fechada e moralista. Um exemplo que pode ser claro para perceber isso é a crítica que ele faz do uso da camisinha. Na missa para a juventude, um dia antes da canonização, Bento XVI tocou nesse ponto; em contrapartida do uso, ele propõe a castidade dos fiéis, ou seja, propõe que a relação sexual é fruto de uma união, o casamento e, até então, é dever do católico manter-se casto.

Até mesmo para membros da Igreja Católica, sua indicação como sumo pontífice, em 2005, causou decepções. Sutilmente, nessa reportagem, essa ideia é discutida. No início, reafirma-se na fala de alguns líderes da Igreja que Bento XVI não polemizaria. No entanto, não só tocou pontos nevrálgicos, como foi bem noticiado um dilema, na época, do então ministro da saúde que, nas vésperas da chegada do papa, reacendia um debate acerca do aborto.

A reportagem da revista *Catolicismo* menciona alguns pontos de sustentação da fala do sumo sacerdote católico no Brasil: não liberação do aborto e da eutanásia, valorização da família e do casamento tradicional, manutenção da virgindade e da castidade entre jovens. Por que tais temas, tão conservadores e por muitos ultrapassados, ainda geram polêmica entre as pessoas?

Há que se pensar que, primeiramente, Bento XVI estava diante de uma plateia de fiéis católicos, a maior do mundo. Em segundo lugar, inúmeras vezes já noticiado, Bento XVI nunca escondeu que a Igreja deve privilegiar tais preceitos, mesmo que isso implique na diminuição do número de fiéis. E, em terceiro lugar, essas posições radicais, muitas vezes abominadas pelo público, são reflexo de uma formação própria, de um posicionamento religioso e político bastante claro.

O então papa, hoje, goza de maior notoriedade; porém, desde o pontificado de João Paulo II, Joseph Ratzinger era conservador, mantinha um alinhamento – bem como o pontífice da época – com uma proposta de manutenção da tradição, de alinhamento com uma postura mais conservadora, atrelada às prerrogativas do Concílio Vaticano II. Nesse sentido, a reportagem traz à tona que se está diante de um líder que quer e luta por manter uma Igreja bem direcionada, principalmente no que diz respeito à manutenção de valores ditos ultrapassados pela sociedade deste século. Considerando que essa revista tem um posicionamento católico, ela acata esses posicionamentos que refletem o pensamento do papa e de parcelas do catolicismo no mundo.

Outra revista, *Época*, em abril de 2007, fez um levantamento que, como ela propõe, busca tentar decifrar o novo papa.

Este papa não economiza palavras e diz claramente o que pensa, sem parecer preocupado com a reação do público. Ao defender com todas as letras o rigor da liturgia, o latim nas missas e o celibato clerical, ao condenar o uso de camisinha, o casamento gay e as pesquisas com células de embriões, ao afirmar que o segundo casamento é uma "praga" ou combater aquilo que julga serem as tendências irracionais do islã, Bento XVI desfaz as esperanças daqueles que esperavam ver um

papado politicamente correto, sintonizado com as expectativas de um "público-alvo" que tem deixado o catolicismo atraído pelo apelo de outras denominações cristãs. Para esses, o papa é um ultraconservador que levará a Igreja de volta à rigidez que a estagnou. Para outros, porém, ele é a mente mais alerta à perigosa situação que o mundo pós-iluminista enfrenta. Será o caminho apontado por Bento XVI o correto para devolver à Igreja Católica sua influência? Conseguirá ele resgatar - pelas luzes da razão - a importância da Igreja Católica?

Intellectual ambicioso e rigoroso, acusado por seus críticos de ser eurocêntrico e de confundir a Cristandade com o continente onde nasceu e sempre viveu, Bento XVI sai da Europa pela primeira vez desde que foi eleito papa. Vem para Aparecida, no Vale do Paraíba, por escolha própria. Foi ele que, ao receber uma delegação de cardeais latino-americanos ainda no ano em que foi eleito, decidiu que a V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e Caribenho teria de acontecer no maior santuário dedicado a Nossa Senhora no Brasil, maior país católico do mundo. Ele vem visitar o continente onde vive metade dos católicos do mundo. "Que esse continente continuasse sendo um dos mais pobres do mundo lançou à Igreja um desafio que não poderia ser ignorado", escreveu o papa em 1982, ano em que começou a dirigir a Congregação para a Doutrina da Fé, órgão do Vaticano responsável por manter a ortodoxia católica. Para a Igreja na América Latina, dizia então o papa, "o problema não era se tornar moderna, mas ultrapassar a modernidade" que havia condenado o continente a um capitalismo periférico e pobre ou à catastrófica alternativa marxista. (CAVALLARI, 2007).

A revista *Época* é discreta na crítica que desfere contra o novo papa ao apontar que, quando eleito pelo conclave, Bento XVI desfez esperanças de muitos no mundo todo que esperavam menos conservadorismo e mais abertura para o diálogo. E, na sequência, questiona se ele será capaz de mudanças ou mesmo de ser mais ortodoxo do que foi João Paulo II. Responde que, apesar de muitos o verem como rigoroso e ambicioso, eurocêntrico, saiu da Europa pela primeira vez durante seu papado para visitar um país latino-americano. Não à toa essa opção, provavelmente, como o próprio jornalista reconhece, pois o Brasil é o maior país católico do mundo, em proporção numérica.

O objetivo da reportagem é decifrar, desvendar os mistérios e contradições que giram em torno do novo chefe católico. Não chega a ser contundente nas acusações a Bento XVI, mas a matéria oferece elementos para refletir e conhecer que, para essa revista, Joseph Ratzinger é um homem enigmático, complexo, tendencioso e conservador.

Certamente, em todo o país a imprensa refletiu e discutiu sobre a figura do papa. E tudo isso porque depois de mais de vinte anos de um papado de boa popularidade como o de João Paulo II, a Igreja Católica se via agora nas mãos de um pastor que em nada se assemelhava à figura carismática e bem quista do antecessor. Muito se questionou e debateu em torno de uma origem alemã, de sua ortodoxia na fé, de seus posicionamentos rígidos e hegemônicos como, por exemplo, com relação à teologia da libertação. Dessa forma, essa reportagem traz uma reflexão, tendo um certo cuidado para desvendar quem era esse homem.

Em 13 de abril de 2005, a revista *Veja*, por exemplo, mencionando o nome de alguns candidatos a entrarem no conclave e dali sair papa, mencionava Joseph Ratzinger: "o grande ideólogo do pontificado de João Paulo II começou a frequentar recentemente a lista dos papáveis. As desvantagens de Ratzinger: ter muitos inimigos e saúde frágil" (OS NOMES...,

2005). Essa pequena menção ao então papável já salientava para o público leitor um homem de contradições, principalmente no que dizia respeito às inimizades que alimentava, como essa, com a teologia da libertação. Uma outra reportagem, também da *Veja*, marcou a mensagem do papa de outra perspectiva:

A mensagem que Bento XVI trouxe ao país foi serena, porém enfática. Ele não abrirá mão dos princípios morais, o cerne da doutrina católica, para atrair um imenso contingente de ovelhas desgarradas. Prefere um rebanho menor, mas seguidor dos mandamentos da Igreja. Quem apenas se declara católico não lhe interessa. Cite-se outra vez uma fala do então cardeal Joseph Ratzinger, que já expressava a visão do futuro papa: “A Igreja diminuirá de tamanho. Mas dessa provação sairá uma Igreja que terá extraído uma grande força do processo de simplificação que atravessou, da capacidade renovada de olhar para dentro de si. Porque os habitantes de um mundo rigorosamente planejado se sentirão indizivelmente sós. Descobrirão, então, a pequena comunidade de fiéis como algo completamente novo. Como uma esperança que lhes cabe, como uma resposta que sempre procuraram secretamente”. (SABINO, 2007).

A reportagem acima noticiava a vinda, bem como polemizava sua personalidade. Aqui, primeiro se reconhece a serenidade de sua mensagem, mas também sua clara posição: mantém-se o discurso que prevê a manutenção de uma Igreja cada vez menor, com menos fiéis, mas que se apoiará nesse núcleo rígido que sustenta posições moralistas e conservadoras. Como exemplar da grande imprensa no país, a *Veja* não critica o papa, mas não deixa de mostrar, como nessa citação, a visão dele a respeito de sua preferência por uma Igreja menor, mas muito mais fortalecida em princípios cristãos alinhados com aquilo que ele apregoa. E não que isso seja de todo negativo para quem lê, mas certamente essa informação, para alguns leitores, pôde servir de base para compreender Joseph Ratzinger como alguém elitista, fechado, tendencioso.

A revista *Veja*, ao menos dentre o material selecionado para a tese, desde o momento da beatificação de frei Galvão dedica algumas de suas principais matérias para refletir sobre a Igreja Católica. Em 1997, por exemplo, trazia na capa João Paulo II e um debate sobre os destinos da Igreja, além de discutir por que o Brasil não tinha santos e santas (VEJA, 1997). Mas, principalmente no momento da sucessão do trono de Pedro, em 2005, como no da canonização, em 2007, houve mais edições que dedicaram suas principais matérias e capas a questões ligadas à Igreja Católica. Com a morte de João Paulo II, ao menos três de suas revistas trouxeram, como matéria de capa, a reflexão sobre quem seria o sucessor de João Paulo II (VEJA, 2005a). E já no ano de 2007, dois outros números da revista: um trazia na capa o título de *A verdade sobre Bento XVI* (VEJA, 2007a) e o outro *Frei Galvão: um santo 100% nacional* (VEJA, 2007b).

Isso gera a reflexão de que a revista *Veja*, ao menos nos últimos 12 anos, tem dado certo destaque, em determinados momentos, à Igreja Católica. E, como dito, dentre o material

selecionado, é ela que tem o maior número de edições ligadas ao tema e, boa parte deles, de 2005 para cá. Outras edições, que são citadas ao longo do capítulo, não trouxeram nas capas o tema da religiosidade, somente matérias no corpo da edição; porém, somente em 2005, três números do mesmo mês de abril davam destaque à questão religiosa católica, fato que não demonstra só certa atenção especial por parte da *Veja* com polêmicas e acontecimentos ligados ao catolicismo, mas aponta também que ela debate, ela quer trazer ao seu leitor reportagens que informem e formem opinião a respeito dessa Igreja.

Isso é preponderante de ser levado em conta, principalmente quando se pensa na atualidade de uma sociedade como a ocidental que, apesar de ser pautada na dissociação entre Estado e religião, que propõe uma laicização, que pensa a imprensa como uma entidade neutra, não é de todo desinteressada com as questões da fé, da religiosidade e do sagrado. Talvez também haja uma questão comercial – supondo que seja esse, religiosidade, um tema bom para venda –, considerando também que há um interesse de parcelas de seus leitores que apreciam discussões sobre o assunto.

E, retomando as matérias, vale a pena confrontar a reportagem de 16/5/2007, supracitada, com a entrevista de um vaticanista italiano, Giancarlo Zizola, publicada pela revista *Veja*, em abril de 2005. Nessa edição, a revista indagava, na capa, quem seria o novo papa. Nessa reportagem, mencionava alguns dos “papáveis” e, em suas páginas amarelas, publicou a entrevista com Zizola, na qual ele analisava como deveria ser o novo pontificado:

Veja – Além de prosseguir na concretização dos rumos acertados no Concílio Vaticano II e de dar conta dos problemas colocados pela necessária globalização da fé católica, qual será o papel do novo papa?

Zizola – *Depois do vôo alçado pela Igreja durante o papado internacionalista de João Paulo II, talvez esteja na hora de aterrissar o avião e levá-lo para o hangar, para submetê-lo a uma bela revisão das asas e motores.*

Veja – O senhor dá a entender que o próximo conclave não escapará da lei do pêndulo que costuma reger as eleições dos papas – ou seja, que depois da estridência gloriosa de João Paulo II os cardeais optarão por alguém com uma personalidade mais serena, mais meditativa.

Zizola – *Sim, o conclave sempre teve função de reequilibrar o sistema direcional da Igreja Católica. Na história do século XX, depois do longo reinado de Leão XIII, um papa reformador e democrático, os cardeais elegeram Pio X, por sua vez, foi sucedido pelo inovador e pacifista Benedito XV, que lutou para desarmar os católicos que marchavam cegamente para a I Guerra Mundial. E assim por diante, até o conclave que fez o papa João XXIII, uma personalidade completamente oposta à de seu antecessor, Pio XII. Acredito, portanto, que na discussão sobre a herança do longo pontificado de Karol Wojtyła aparecerá essa perspectiva – a da exigência de reduzir a polarização entre internacionalismo visionário do último papa e a realidade do dia-dia da Igreja. (SABINO, 2005).*

Na segunda pergunta feita pelo repórter Mario Sabino, ele utiliza a palavra “serena” para refletir sobre a personalidade do próximo eleito. Ao que segue a resposta de Zizola, ou seja, ele entende que ao longo do último século a Igreja trabalhou em um sistema pendular: para cada papa eleito e de postura definida, seguiu-se outro não opositor, com uma visão

diversa quanto à condução do catolicismo no mundo; para cada papa mais rigoroso, em suma, seguiu-se um mais sereno, mais tranquilo em suas práticas e atitudes.

E encerra com essa ideia: depois da grande abrangência conquistada por João Paulo II, pela notoriedade e respeito que ele conquistou, Zizola entendia que haveria uma redução da polarização entre internacionalismo visionário e a realidade cotidiana. O entrevistado não detalha o que são esses dois pontos, mas é possível perceber, ao longo da entrevista, que o sucessor de João Paulo II teria que lidar com um grande centralismo, oriundo do Concílio Vaticano II, que tornou a Cúria Romana o centro de todas as decisões. No entanto, haveria um rebanho de “1,1 bilhão de fiéis espalhados pelo mundo”, um contingente populacional enorme, gigantesco, e que não quer dizer que seja fácil de administrar. A resposta de Zizola vem de encontro com o novo eleito, Bento XVI. Ele é de certa maneira essa síntese de redução, e justamente isso está dado na fala que a *Veja* mencionou na reportagem de maio de 2007, acima citada. A revista *Bons Fluidos* (maio/2007) expressou-se também sobre Bento XVI:

Considerado “braço direito” do papa João Paulo II nas questões doutrinárias, o conservador Bento XVI tem dado provas de dividir com seu antecessor a ideia de que o Brasil e o mundo precisam de mais santos e que o trabalho de internacionalização e rigor moral iniciado no pontificado anterior deve ser mantido. Aliás, o papa atual tem muito em comum com João Paulo II. Como ele, se comunica em dez línguas e é adepto às viagens internacionais – desde que foi entronado, já esteve na Polônia, Alemanha, Turquia e Espanha e tem a passagem por outros sete países agendada para 2007. Nascido em 16 de abril de 1927 na cidade de Marktl am Inn, Baviera, na Alemanha pré-nazista, Bento XVI, cujo nome de batismo é Joseph Alois Ratzinger, contabiliza dons. Além de ser versado na arte de escrever (tem nove livros publicados), é também considerado um excelente pianista (FREI..., 2007).

Inicialmente, há que se ressaltar que a revista *Bons Fluidos* mantém uma proposta diferente da *Veja*. Ambas são produtos de uma mesma editora, mas a *Veja* é uma revista de variedades, de política a esporte, lazer, cultura, saúde, ou seja, abrange uma gama ampla de assuntos que debate. A *Bons Fluidos*, no entanto, tem uma proposta de pensar o bem-estar do ser humano, alternativas e propostas, debater experiências do dia a dia que são maneiras de melhorar ou incrementar a qualidade de vida de homens e mulheres. Vai de temas como alimentação à espiritualidade e bem-estar físico e mental. Completamente diferente em seus propósitos, ela também deu um espaço nesse seu exemplar para refletir sobre a figura do novo papa.

Em outro sentido é trabalhada a ideia do internacionalismo. Para a revista *Bons Fluidos*, essa ideia associa-se à mesma de João Paulo II, de expansão e crescimento do cristianismo, sua popularização. Mostra um Bento XVI culto, poliglota, mas não deixa de tocar que nele há esse lado da rigidez e tradicionalismo, quando o reconhece como tendo sido o braço direito do papa anterior. Apesar de ser uma revista que se preocupa em especial com questões como bem-estar e saúde – mas também discute religiosidade, esoterismo,

espiritualidade –, a revista expõe sua opinião de que se está diante de um homem com muitos dons, mas, ao mesmo tempo, é conservador quanto a determinadas práticas religiosas. Outra reportagem da *Veja* inicia comparando o atual papa com o antecessor:

Há homens talhados para brilhar no palco e outros que se amoldam melhor aos bastidores. Da primeira extração, João Paulo II foi um gigante na arte de galvanizar multidões. Em sua primeira fala como papa, ele levou ao delírio os fiéis que se espremiavam na Praça de São Pedro, em Roma, ao proclamar: "Não tenham medo!" – um recado aos cidadãos, católicos ou não, então oprimidos pelas ditaduras comunistas no Leste Europeu, entre os quais os seus compatriotas da Polônia. Até se tornar Bento XVI, em 2005, num conclave cuja brevidade surpreendeu os vaticanistas e revelou a escassez de cardeais com estatura intelectual e política para ascender ao Trono de Pedro, o alemão Joseph Ratzinger parecia destinado às coxias da Cúria Romana – de onde, vez por outra, assomaria à cena apenas para rugir (de modo figurado, porque a voz do panzer tem a doçura da de um pároco de aldeia) contra quem desafiava os dogmas reafirmados pela Congregação para a Doutrina da Fé, dirigida por ele. Mas eis que, como única opção tanto terrena como do Espírito Santo, Ratzinger sucedeu a João Paulo II. E lá apareceu, no balcão da Basílica de São Pedro, a figura franzina a vestir a túnica papal, numa tarde fria da primavera romana. "Um simples e humilde trabalhador na vinha do Senhor", definiu-se, num anúncio sem pompa nem entusiasmo para tamanha circunstância. [...]

Os brasileiros que esperam ser "energizados" pela presença de Bento XVI (os depoimentos televisivos são abundantes nesse sentido) talvez se decepcionem. Embora se mostre afável e dê a perceber certo contentamento em meio às ovações, ele não adquiriu magnetismo na função e tampouco aprendeu a fazer números para a platéia (recorde-se João Paulo II, em 1997, na sua terceira e última visita ao Brasil, imitando Carlitos com a bengala). Comporta-se realmente como um simples e humilde trabalhador na vinha do Senhor, transportado quase que compulsoriamente ao palco do Vaticano. "O papa não deve emitir luz própria. Deve ser simples eco da luz de Cristo", disse ele em sua homilia de início de pontificado. Luz pode não ter eco, mas é certo que Bento XVI é o papa do anticlímax. Na audiência aos jornalistas encarregados de fazer a cobertura do conclave que o elegeu, no Auditório Paulo VI, o ambiente festivo desvaneceu-se quando de sua aparição. Ele leu uma mensagem de agradecimento, pediu que todos rezassem um pai-nosso e saiu rapidamente. A única marca que deixou na ocasião foi a de seus sapatos vermelhos, muito evidentes por causa da túnica curta demais, costurada às pressas depois da sua eleição – fato que, consta, o irritou, porque cultivava pequenas vaidades no vestuário (limitadíssimo pelo cargo) e nos acessórios que, de vez em quando, pode exhibir. Entre seus pecadilhos está o de gostar de óculos escuros de grife. (SABINO, 2007b).

Essa reportagem sintetiza um pouco de tudo que foi anteriormente mencionado pela imprensa escrita e eletrônica. A revista não poupa em comparações com o antecessor, bem como destaca todo tempo o caráter austero, mas simples, a ausência de brilho em torno de sua figura. Passa para o leitor a ideia de um papa limitado quanto ao carisma e afeiçoamento com o público e suspeita que isso cause decepção quando da sua chegada no Brasil, em 2007. Polemiza e critica a escolha do novo papa e acredita ser ele um papa de transição, ou seja, alguém que tem tempo determinado no comando do Vaticano. E prossegue na matéria:

Aos 80 anos, Bento XVI é um papa de transição. Ou seja, de um pontificado que não deverá estender-se por muito tempo e dificilmente terá qualquer tipo de efervescência. Não se esperem, portanto, mudanças espetaculares nos aspectos eclesiástico, doutrinário ou político – o que, de resto, não aconteceria ainda que Bento XVI fosse jovem. Não há hipótese, por exemplo, de que o Vaticano relativize seus férreos valores morais, como demonstrou o papa na sua primeira exortação apostólica, ao dizer, entre outras coisas, que o segundo casamento é uma "chaga" social. Se isso resultar – como vem ocorrendo – em sangria de fiéis, paciência. Na visão de Bento XVI, melhor apascentar um rebanho menor, mas que persevera nos mandamentos da Igreja, do que contabilizar um largo número de ovelhas desgarradas. As inflexões radicais são improváveis, mas isso não significa que não haverá mudanças. "Com Bento XVI, ocorrerá uma valorização das

conferências episcopais e uma descentralização do poder romano", acredita Giancarlo Zizola, renomado vaticanista italiano. (SABINO, 2007b).

Dessa forma, tem-se que tanto essa reportagem quanto as citadas nesse capítulo sobre Bento XVI querem refletir sobre o sucessor de Pedro. Porém, sempre apontam para o fato de se estar diante de um novo líder completamente diferente do anterior, que mantém rédeas mais curtas na condução da Igreja, manifesta claramente sua intenção de lutar pela manutenção de valores tradicionais e não negociáveis em defesa da fé, e dá preferência para uma Igreja menor, todavia disciplinada e policiada pelos ditames do clero. Essa irreducibilidade quanto as suas crenças pode ser bem compreendida quando se reflete sobre a questão do segundo casamento, por exemplo, assunto citado na reportagem acima.

A Igreja Católica e a própria Bíblia trazem o princípio de que o casamento, além de ser um dos sete sacramentos, é uma relação especial, importante e que precisa ser preservada. Ele, o casamento, é o núcleo que estrutura uma família. Na própria Bíblia, também, a cerimônia do casamento marca uma união entre homem e mulher que não é só amarrada na Terra, mas no céu também.

No texto do catecismo (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 1999, p. 438-439), o casamento é mais do que união terrena, é um sacramento que lembra a união entre Jesus Cristo e a Igreja. Tal qual o matrimônio, a virgindade é também uma graça por causa do Reino de Deus. “Ambos, o sacramento do Matrimônio e a virgindade pelo Reino de Deus, provêm do próprio Senhor. É Ele que lhes dá sentido e concede a graça indispensável para vivê-los em conformidade com sua vontade” (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 1999, p. 443). Nesse exemplo, fica evidente que o segundo casamento – prática comum na sociedade brasileira, mas visto como um perigo pelo catolicismo – é então uma ameaça, pois não só é uma forma de desobediência ao preceito bíblico, mas vai contra o próprio anseio do Criador. Isso apenas para esclarecer que os princípios que são defendidos pelo papa são preceitos antigos e fundamentados na lei bíblica, seja no Velho Testamento, como no Novo Testamento. Ele luta, com firmeza, não para fazer valer sua intenção pessoal apenas, mas para esclarecer que esse é um desejo do próprio Deus para todo católico.

A imprensa no Brasil colaborou para fazer de Joseph Ratzinger uma pessoa mais conhecida do grande público e, dessa forma, com base nos textos selecionados, construiu a figura de um novo pontífice rígido, ortodoxo e pouco carismático. Acentuou-se também o fato de mesmo com bastante idade ter disposição para cruzar o oceano Atlântico e vir à América do Sul, de se aproximar de povos que não são europeus, ao passo que não abre mão de um

conceito de Igreja seletiva e sem grandes mudanças. Essa mesma reportagem da *Veja*, de 9 de maio de 2007, também apresentava um chefe religioso com dificuldades para bem colocar citações, como a seguinte:

Em setembro do ano passado, em aula magna proferida na Universidade de Regensburg, na Alemanha, para exemplificar como a fé deve andar de mãos dadas com a razão, Bento XVI citou uma frase de Manuel II Paleólogo, imperador bizantino do século XIV: "Mostre-me o que Maomé trouxe de novo e encontraremos apenas coisas más e desumanas, como a ordem para espalhar pela espada a fé que ele pregava". O já ebuliente mundo muçulmano entrou em transe – igrejas cristãs foram atacadas na Palestina e uma freira foi morta a tiros na Somália. Bento XVI tentou contemporizar, dizendo que não era bem assim, muito pelo contrário, e que a frase do Paleólogo havia sido tirada do contexto. As relações com o Islã só baixariam de temperatura depois da visita do papa à Turquia, em dezembro. Na sequência do encontro com Bento XVI, o primeiro-ministro turco, Recep Tayyip Erdogan, divulgou que o papa apoiava a entrada do país na União Européia. Não era verdade. O Vaticano calou-se. Manuel II Paleólogo, nunca mais. (SABINO, 2007b).

Na frase dita por Bento XVI, seja ela fora ou não do contexto ao qual ele se refere, há uma afirmação de preconceito, intolerância religiosa e prepotência, especialmente quando parte da boca dele tal colocação. Em contrapartida, a reportagem destaca que, por conta dessa colocação, o pontífice se viu pressionado política e diplomaticamente, o que o forçou a amenizar e a tentar justificar o uso da frase.

Assim como frei Galvão foi analisado por revistas, jornais e *sites* da internet, a pessoa que definiu que esse era santo também foi estudada por cada uma dessas fontes de informação. Algumas mais críticas, outras mais discretas, para não agredir nenhum tipo de leitor ou para não impor seu posicionamento, outras simplesmente talvez tenham replicado o que as fontes lhes colocavam, porém certamente todas compuseram um cenário no qual a figura de Bento XVI foi tão importante quanto a do novo santo, só que a do papa mais emblemática devido a seus posicionamentos morais, religiosos, políticos e culturais frente à contemporaneidade.

1.2.2 A cerimônia da canonização na imprensa

Dois mil padres e mais de 300 bispos concelebraram a Liturgia, que contava ainda com o Coral de Frei Galvão, composto por mais de mil vozes.

A canonização teve início com o pedido dirigido ao Santo Padre, feito pelo Prefeito da Congregação da Causa dos Santos, o Cardeal José Saraiva Martins, para que proceda à Canonização de Frei Galvão. Em seguida, o cardeal leu uma breve biografia do futuro santo.

Um dos momentos mais emocionantes foi quando o jovem Enzo de Almeida, de 7 anos, recebeu sua primeira comunhão das mãos do Sumo Pontífice. Enzo recebeu, por intermédio de Frei Galvão, a última graça necessária para que o Beato fosse canonizado. (RENÓ apud ECOS..., 2008, p. 69).

O anuário *Ecos Marianos* é uma publicação dos missionários redentoristas de Aparecida. Como um anuário, seu propósito é retomar fatos e acontecimentos que marcaram ou foram destaque no ano anterior, mormente aquilo que diga respeito ao universo cristão-católico. No *Ecos Marianos* 2008, algumas notícias e alguns artigos trataram de fatos ocorridos em 2007, quando da visita do papa: a realização do V CELAM e a canonização do frei da cidade vizinha, Guaratinguetá. É ele fruto de uma visão direcionada dos missionários cristãos dessa ordem e, como tal, noticia o fato. Limita-se à descrição da sucessão dos passos no momento da canonização, sempre de maneira a destacar o papel e a relevância do fenômeno para a Igreja Católica e seus seguidores.

Assim como a beatificação, a canonização implica em um rito, em uma cerimônia. Na citação acima é possível ter uma ideia das dimensões que cercaram o evento: milhões de expectadores, um agrupamento clerical imenso, fora toda a imprensa que acompanhava e que, certamente, estava composta por todos os segmentos dos meios de comunicação. A missa e a consequente canonização ocorreram no dia 11 de maio de 2007, no campo de Marte, na capital paulista. Vale a pena explorar com maior profundidade a discussão sobre o rito que envolveu a canonização. Mister apreender uma discussão feita por Douglas ([s.d.], p. 80-81) acerca dos rituais primitivos.

Para cada um de nós, tomado individualmente, estes actos quotidianos e simbólicos, que são os ritos, têm diversas funções: permitem-nos isolar certos fenómenos e valorizá-los, fornecem-nos um método mnemónico e, por fim, um meio de dominar a nossa experiência.[...]

O ritual permite, assim, concentrar a atenção, na medida em que fornece um quadro, estimula a memória e liga o presente a um passado pertinente. Facilita, deste modo, a percepção. [...]. O rito não só exterioriza a experiência, não só a ilumina, como a modifica pela própria maneira como a exprime.

O rito, portanto, seja ele o de uma sociedade ocidentalizada ou não, refere-se à valorização de uma experiência que, por sua representatividade para um grupo ou uma comunidade, recebe destaque. Refere-se a uma memória, liga passado e presente, tem público participante, representantes que solenizam o fato, faz com que a experiência ali, naquele momento, seja percebida de outra forma pelo público, seja sentida e apreendida de modo diverso das práticas corriqueiras do cotidiano.

Todo um esquema, como ensina Douglas, é pensado, não só para diferenciar aquele momento de outros, mas porque esse quadro traz em si elementos simbólicos que geram sentimentos e percepções diferenciadas nos participantes.



Ilustração 10 – Coral de frei Galvão durante a canonização de 11 de maio de 2007. Foto: Tiago Marega.

A *Folha Online*, nesse dia, por volta das 12h43m, publicou uma nota eletrônica que contabilizava, com base em informações da SPTuris, 1,2 milhão de participantes (MISSA..., 2007).

Bento 16 vai quebrar a própria regra. Hoje, às 9h30, ele fará de Antonio de Sant'Anna Galvão, o frei Galvão, o primeiro santo brasileiro. Contrariando o que havia anunciado ao assumir o cargo no Vaticano, em 2005, a canonização acontece fora de Roma. [...].

No altar montado no Campo de Marte, em frente a milhares de fiéis, o papa irá ler o decreto de santificação após a apresentação de uma biografia do religioso. Difícil será, em poucos minutos, condensar a vida do franciscano que construiu o mosteiro da Luz com as próprias mãos e criou as pílulas de papéis, milagrosas segundo seus devotos.

A missa no Campo de Marte, na zona norte de São Paulo, deve durar duas horas. Para o evento, 1 milhão de pessoas são esperadas. Antes de iniciar o ato religioso, o papa Bento 16 fará um giro dentro do papamóvel entre os fiéis. (TÓFOLI, 2007).

A versão eletrônica desse jornal fez questão de apontar uma postura heterodoxa da parte do papa. A dúvida é automática, mas as pistas são evidentes: maior rebanho católico do mundo, a popularidade e a representatividade que o feito teria. Irmã Célia Cadorin já havia sublinhado na entrevista esta expectativa. O fato indica para um gesto que busca ampliar a notoriedade tanto da Igreja Católica quanto de seu chefe e a excepcionalidade do ocorrido. Uma canonização fora do centro de comando dessa instituição não foi mero acaso: foi uma atitude política, pensada e alicerçada na tentativa de dar, talvez, uma resposta que negasse qualquer questionamento à posição eurocêntrica do sumo pontífice.



Ilustração 5 – Vista do palco no Campo de Marte. Foto: Tiago Marega.

Vale a pena mencionar que o acontecimento foi visto e vivido de perto. Chegando ao campo de Marte ainda no dia 10, por volta das 23h, sob um frio de 10 ou 11 graus, as pessoas aguardavam, apertadíssimas, a abertura dos portões. Apesar de até ter previsão de chuva, a noite esteve limpa, mas muito gelada. A abertura dos portões se deu por volta das 4h e centenas de pessoas já estavam formando filas imensas. Foi um corre-corre, porque nesse momento todos que entravam queriam se dirigir para o palco, na tentativa de ficar o mais próximo possível da celebração.

Ficamos bem próximos. Era tanta gente que não havia a menor possibilidade de alguém se mexer, de sentar, de se acomodar melhor e, mesmo assim, com tanta gente em volta, fazia muito frio. As pessoas – de todos os cantos do país e de outros países latino-americanos – conversavam, cantavam, brigavam e xingavam também quando alguma pessoa tentava passar pela multidão ou quando alguém acendia um cigarro. Às seis horas da manhã, começaram alguns grupos musicais católicos a fazer uma espécie de aquecimento: entravam no palco, cantavam, animando a multidão. Logo depois, padre Marcelo Rossi também cantou para animar a multidão.

O padre Marcelo Rossi é bastante conhecido do grande público: há anos vem marcando seu sucesso como cantor – vendendo milhões de discos – como se notabilizou pelas aparições nas grandes emissoras de televisão brasileiras. Hoje ainda é presente nas missas

retransmitidas pela Rede Globo, gravadas direto do santuário do bairro do Jabaquara, na capital paulista, e por sua atuação na Rede Vida, canal católico. Desde o início, é partidário de uma fração da Igreja, denominada renovação carismática.

Não é um movimento novo, como alguns pensam. Remonta à década de 1970. Foi um movimento apoiado pelos papas desde então, pois não tinha uma proposta conflitante com o tradicionalismo do Vaticano. Ao contrário, em muito se assemelha ao culto das religiões neopentecostais, pelas animadas missas (gestos, música de exaltação e de louvor especialmente; aliás, boa parte das celebrações eucarísticas é cantada), pelos louvores exacerbados que suscita nos participantes.

A participação do padre na missa da canonização – apesar de ter estado no palco muito antes da chegada de Bento XVI – implica também no fato de que a renovação carismática continua sendo do agrado do público e da santa Sé.

Não havia possibilidade alguma das pessoas se mexerem. Por exemplo, quem saísse de onde estava, na frustrada tentativa de ir até aos banheiros, levava para ir do palco aos banheiros químicos (o que não distava mais de duzentos metros) uma hora, e mais uma hora para conseguir entrar nas cabines sanitárias. E, por um desvio de percurso como esse, acabei me afastando do palco logo pela manhã e, simplesmente, foi impossível retornar para o mesmo lugar, perto do palco. A minha sorte é que estava acompanhada e a pessoa fotografou o início da cerimônia, a passagem do papamóvel e o desdobramento da canonização.



Ilustração 12 – Fotografia tirada antes da abertura dos portões, em frente ao campo de Marte.
A pesquisadora e o amigo Tiago Marega

E não parava de chegar gente, vendedores ambulantes, crianças, jovens, idosos, religiosos de todas as partes, muitos participantes com faixas feitas para o pontífice, outras que clamavam também pela canonização de outros beatos mundo afora.

Pouco antes das 9h30, o papamóvel adentrou no campo de Marte. Conforme esse se dirigia até o palco, foi feito pela polícia militar estadual um cordão de isolamento, para impedir arroubos por parte dos fiéis. Nesse momento, eu estava já há quase duas horas bem distante do palco, mas foi possível ver o papamóvel entrar, ver Bento XVI bem de perto. Como houve um trajeto programado para ele entrar no campo de Marte, o veículo passou na minha frente, pois eu fiquei ao lado dos policiais que faziam o cordão de isolamento entre esse e a multidão.



Ilustração 6 – Passagem de Bento XVI pela multidão no campo de Marte. Foto: Tiago Marega

Seis mil policiais militares e 2,8 mil militares do Exército trabalharam no evento. Até seis blindados – quatro Cascavéis, com canhões de 90 mm, e um Urutu deram segurança à missa. Na entrada, homens do Exército distribuíram panfletos com dicas de segurança. A Polícia Civil registrou 11 casos de celulares extraviados, 3 câmeras perdidas, 1 óculos e 40 documentos achados no chão. Um ladrão que furtou o celular de um fiel foi preso e 39 CDs falsificados foram apreendidos. (IWASSO; PORTELLA; SILVA; GODOY, 2007).

O aparato de segurança realmente foi grandioso, digno de um chefe de Estado, como é de praxe acontecer: ruas foram fechadas, batedores da polícia militar acompanhando o veículo do papa; em suma, todo um plano para o trajeto dele em São Paulo foi esquematizado, a fim de isolar sua passagem, fato que interferiu fortemente no tráfego já lento por natureza da capital paulista.

Foi tanto alvoroço, tanta agitação, tanta gente correndo que mal se via o papamóvel passar por entre a multidão. Mais sorte teve, contudo, quem estava próximo ou do palco ou dos cordões de isolamento, que assim pôde ter a chance de ver, mais de perto, Bento XVI. Iniciando a missa, ainda assim, o clamor era grande, difícil ouvir a fala do papa e também houve problema no sistema de som durante a cerimônia da canonização, desde o momento em que o cantor Agnaldo Rayol se apresentou, bem antes da chegada do papamóvel.

A missa durou até por volta do meio-dia e aí houve outra grande confusão de milhares de pessoas que acompanharam a saída do papamóvel e que começaram a se dirigir para a saída do campo. Na fotografia acima é possível ter uma ideia do alvoroço que se formou no momento em que o pontífice chegou ao local da missa. Como já dito, o amigo Tiago Marega (bem alto por sinal!) foi a salvação, pois conseguiu algumas imagens do momento da chegada.

Conforme dito anteriormente, a cerimônia foi aberta com a fala do cardeal José Saraiva Martins. Logo no início também uma fala de Bento XVI abre a cerimônia. Essa foi trazida, na íntegra, pela *Folha Online*:

"Bendirei continuamente ao Senhor/seu louvor não deixará meus lábios" [Sl 33,2]

1. Alegremo-nos no Senhor, neste dia em que contemplamos outra das maravilhas de Deus que, por sua admirável providência, nos permite saborear um vestígio da sua presença, neste ato de entrega de amor representado no santo sacrifício do altar.

Sim, não deixemos de louvar ao nosso Deus. Louvemos todos nós, povos do Brasil e da América, cantemos ao Senhor as suas maravilhas, porque fez em nós grandes coisas. Hoje, a Divina sabedoria permite que nos encontremos ao redor do seu altar em ato de louvor e de agradecimento por nos ter concedido a graça da canonização do frei Antonio de Sant'Anna Galvão.

Quero agradecer as carinhosas palavras do arcebispo de São Paulo, que foi a voz de todos vós. Agradeço a presença de cada um e de cada uma, quer sejam moradores desta grande cidade ou vindos de outras cidades e nações. Alegro-me que através dos meios de comunicação, minhas palavras e as expressões do meu afeto possam entrar em cada casa e em cada coração. Tenham certeza: o papa vos ama, e vos ama porque Jesus Cristo vos ama.

Nesta solene celebração eucarística foi proclamado o Evangelho no qual Cristo, em atitude de grande enlevo, proclama: "Eu te bendigo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e entendidos e as revelaste aos pequenos" (Mt 11,25). Por isso, sinto-me feliz porque a elevação do Frei Galvão aos altares ficará para sempre emoldurada na liturgia que hoje a Igreja nos oferece.

Saúdo com afeto, a toda a comunidade franciscana e, de modo especial as monjas concepcionistas que, do mosteiro da Luz, da capital paulista, irradiam a espiritualidade e o carisma do primeiro brasileiro elevado à glória dos altares.

2. Demos graças a Deus pelos contínuos benefícios alcançados pelo poderoso influxo evangelizador que o Espírito Santo imprimiu em tantas almas através do frei Galvão. O carisma franciscano, evangelicamente vivido, produziu frutos significativos através do seu testemunho de fervoroso adorador da Eucaristia, de prudente e sábio orientador das almas que o procuravam e de grande devoto da Imaculada Conceição de Maria, de quem ele se considerava “filho e perpétuo escravo”.

Deus vem ao nosso encontro, “procura conquistar-nos – até à Última Ceia, até ao Coração trespassado na cruz, até as aparições e as grandes obras pelas quais Ele, através da ação dos Apóstolos, guiou o caminho da igreja nascente” (Carta encl. Deus caritas est, 17). Ele se revela através da sua palavra, nos sacramentos, especialmente da eucaristia. Por isso, a vida da igreja é essencialmente eucarística. O Senhor, na sua amorosa providência deixou-nos um sinal visível da sua presença.

Quando contemplarmos na santa missa o Senhor, levantado no alto pelo sacerdote, depois da Consagração do pão e do vinho, ou o adorarmos com devoção exposto no Ostensório renovemos com profunda humildade nossa fé, como fazia frei Galvão em “laus perennis”, em atitude constante de adoração. Na sagrada eucaristia está contido todo o bem espiritual da Igreja, ou seja, o mesmo Cristo, nossa Páscoa, o Pão vivo que desceu do Céu vivificado pelo Espírito Santo e vivificante porque dá Vida aos homens. Esta misteriosa e inefável manifestação do amor de Deus pela humanidade ocupa um lugar privilegiado no coração dos cristãos.

Eles devem poder conhecer a fé da igreja, através dos seus ministros ordenados, pela exemplaridade com que estes cumprem os ritos prescritos que estão sempre a indicar na liturgia eucarística o cerne de toda obra de evangelização. Por sua vez, os fiéis devem procurar receber e reverenciar o Santíssimo Sacramento com piedade e devoção, querendo acolher ao Senhor Jesus com fé e sempre, quando necessário, sabendo recorrer ao Sacramento da reconciliação para purificar a alma de todo pecado grave. (LEIA..., 2007).



Ilustração 7 – Bento XVI na celebração da canonização de frei Galvão.

No final do primeiro parágrafo da reportagem, o papa faz uma alusão à ordem ao qual o frei canonizado pertencia, saudando a congregação dos franciscanos. Ele agradece à congregação e às freiras do Mosteiro da Luz. Segue recitando alguns versículos bíblicos e agradecendo ao público espectador e à imprensa em geral.

A cada saudação ou fala de Bento XVI seguiam-se ovações que tornavam inaudível a voz do mesmo. Toda vez que Bento XVI citava o nome do santo havia uma ovação, gritos de alegria, as pessoas exaltavam ainda mais Antonio Galvão de França.

E prossegue, conforme a mesma reportagem, fazendo alusões ao quase santo, frei Galvão.

3. Significativo é o exemplo do frei Galvão pela sua disponibilidade para servir o povo sempre quando era solicitado. Conselheiro de fama, pacificador das almas e das famílias, dispensador da caridade especialmente dos pobres e dos enfermos. Muito procurado para as confissões, pois era zeloso, sábio e prudente. Uma característica de quem ama de verdade é não querer que o Amado seja ofendido, por isso a conversão dos pecadores era a grande paixão do nosso santo. A irmã Helena Maria, que foi a primeira "recolhida" destinada a dar início ao "Recolhimento de Nossa Senhora da Conceição", testemunhou aquilo que frei Galvão disse: "Rezai para que Deus Nosso Senhor levante os pecadores com o seu potente braço do abismo miserável das culpas em que se encontram". Possa essa delicada advertência servir-nos de estímulo para reconhecer na misericórdia divina o caminho para a reconciliação com Deus e com o próximo e para a paz das nossas consciências.

4. Unidos em comunhão suprema com o Senhor na Eucaristia e reconciliados com Deus e com o nosso próximo, seremos portadores daquela paz que o mundo não pode dar. Poderão os homens e as mulheres deste mundo encontrar a paz se não se conscientizarem acerca da necessidade de se reconciliarem com Deus, com o próximo e consigo mesmos? De elevado significado foi, neste sentido, aquilo que a Câmara do Senado de São Paulo escreveu ao Ministro Provincial dos Franciscanos no final do século, definindo frei Galvão como "homem de paz e de caridade". Que nos pede o Senhor?: "Amai-vos uns aos outros como eu vos amo". Mas logo a seguir acrescenta: que "deis fruto e o vosso fruto permaneça" (cf. Jo 15,12.16). E que fruto nos pede Ele, senão que saibamos amar, inspirando-nos no exemplo do Santo de Guarátinguetá?

A fama da sua imensa caridade não tinha limites. Pessoas de toda a geografia nacional iam ver Frei Galvão que a todos acolhia paternalmente. Eram pobres, doentes no corpo e no espírito que lhe imploravam ajuda. Jesus abre o seu coração e nos revela o fulcro de toda a sua mensagem redentora: "Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos" (ib.v.13). Ele mesmo amou até entregar sua vida por nós sobre a Cruz. Também a ação da Igreja e dos cristãos na sociedade deve possuir esta mesma inspiração. As pastorais sociais se forem orientadas para o bem dos pobres e dos enfermos, levam em si mesmas este sigilo divino. O Senhor conta conosco e nos chama amigos, pois só aos que se ama desta maneira, se é capaz de dar a vida proporcionada por Jesus com sua graça.

Como sabemos a 5ª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano terá como tema básico: "Discípulos e missionários de Jesus Cristo, para que nele nossos povos tenham vida". Como não ver então a necessidade de acudir com renovado ardor à chamada, a fim de responder generosamente aos desafios que a Igreja no Brasil e na América Latina está chamada a enfrentar?

5. "Vinde a mim, vós todos que estais aflitos sob o fardo, e eu vos aliviarei", diz o Senhor no Evangelho (Mt 11,28). Esta é a recomendação final que o Senhor nos dirige. Como não ver aqui este sentimento paterno e, ao mesmo tempo materno, de Deus por todos os seus filhos? Maria, a Mãe de Deus e Mãe nossa, se encontra particularmente ligada a nós neste momento. Frei Galvão, assumiu com voz profética a verdade da Imaculada Conceição. Ela, a Tota Pulchra, a Virgem Puríssima, que concebeu em seu seio o Redentor dos homens e foi preservada de toda mancha original, quer ser o sigilo definitivo do nosso encontro com Deus, nosso Salvador.

Não há fruto da graça na história da salvação que não tenha como instrumento necessário a mediação de Nossa Senhora.

De fato, este nosso Santo entregou-se de modo irrevocável à mãe de Jesus desde a sua juventude, querendo pertencer-lhe para sempre e escolhendo a Virgem Maria como Mãe e Protetora das suas filhas espirituais.

Queridos amigos e amigas, que belo exemplo a seguir deixou-nos frei Galvão! Como soam atuais para nós, que vivemos numa época tão cheia de hedonismo, as palavras que aparecem na Cédula de consagração da sua castidade: "tirai-me antes a vida que ofender o vosso bendito Filho, meu Senhor". São palavras fortes, de uma alma apaixonada, que deveriam fazer parte da vida normal de cada cristão, seja ele consagrado ou não, e que despertam desejos de fidelidade a Deus dentro ou fora do matrimônio. O mundo precisa de vidas limpas, de almas claras, de inteligências simples que rejeitem ser consideradas criaturas objeto de prazer. É preciso dizer não àqueles meios de comunicação social que ridicularizam a santidade do matrimônio e a virgindade antes do casamento (LEIA, 2007).

Nesse ponto, vale rever o último parágrafo. Nele, Bento XVI menciona frei Galvão como exemplo de homem e de cristão para os espectadores. Ele contrapõe a ideia de hedonismo como contrária ao modo de vida e de ser de um cristão-católico: a busca pelo prazer, a ridicularização da santidade, do matrimônio e da virgindade são atitudes que não condizem, em sua visão, com as ações que ele espera de um público fiel.

O sumo sacerdote, portanto, se mostra contrário a um caráter da sociedade moderna, a sua efemeridade, fenômeno bem discutido em seus desdobramentos na obra de Lipovetsky (2006). O império do efêmero ao qual esse autor se refere atravessa, principalmente, uma discussão sobre o universo da moda. No entanto, o indivíduo efêmero é aquele que mais atenta para uma instantaneidade, é permeado por relações frívolas, passageiras, na sua relação com o consumo e com a moda. Mas o espírito moderno promoveu mais que isso: há uma mudança na forma de sentir e se relacionar com o mundo material e com o imaginário.

Valores, então, como tabus religiosos – virgindade, por exemplo – fidelidade, conduta moral pautada pela religião são, por assim dizer, postos em questionamento nos tempos modernos, quando não são derrotados por uma nova forma de viver e perceber a realidade. A modernidade não se restringe a tais questões pontuais, porém quando o mundo moderno questiona a sacralidade das religiões, as explicações dadas pelas instituições religiosas abrem espaço para que surjam outros parâmetros, menos ortodoxos e mais fluidos aos quais os homens aderem em detrimento de preceitos morais e regras religiosas.

E é nesse ponto – dos valores e da moral cristã – que Bento XVI quer tocar com sua fala. Ou seja, ele tenta mostrar que esse modo de vida efêmero é um dos fatores que distancia o homem de Deus. Para o pontífice isso precisa ser revisto pelos católicos, analisado por cada um deles.

É neste momento que teremos em Nossa Senhora a melhor defesa contra os males que afligem a vida moderna; a devoção mariana é garantia certa de proteção maternal e de amparo na hora da tentação. Não será esta misteriosa presença da Virgem Puríssima, quando invocarmos proteção e auxílio à Senhora Aparecida? Vamos depositar em suas mãos santíssimas a vida dos sacerdotes e leigos consagrados, dos seminaristas e de todos os vocacionados para a vida religiosa.

6. Queridos amigos, deixai-me concluir evocando a Vigília de Oração de Marienfeld na Alemanha: diante de uma multidão de jovens, quis definir os santos da nossa época como verdadeiros reformadores. E acrescentava: "só dos Santos, só de Deus provém a verdadeira revolução, a mudança decisiva do mundo" (Homilia, 25/08/2005).

Este é o convite que faço hoje a todos vós, do primeiro ao último, nesta imensa Eucaristia. Deus disse: "Sede santos, como Eu sou santo" (Lv 11,44). Agradeçamos a Deus Pai, a Deus Filho, a Deus Espírito Santo, dos quais nos vêm, por intercessão da Virgem Maria, todas as bênçãos do céu; este dom que, juntamente com a fé é a maior graça que o Senhor pode conceder a uma criatura: o firme anseio de alcançar a plenitude da caridade, na convicção de que não só é possível, como também necessária a santidade, cada qual no seu estado de vida, para revelar ao mundo o verdadeiro rosto de Cristo, nosso amigo! Amém! (LEIA..., 2007).

Todo o discurso é permeado por críticas e defesas. Bento XVI reafirma seu posicionamento categórico de chefe de uma Igreja que prima pelos valores morais e religiosos

e que não dá brechas para o diálogo com aquilo que vai na contramão dos valores anunciados pela própria Igreja. No momento em que reproduz suas convicções em um espaço tão privilegiado como esse – pela abrangência que teria –, o papa não se preocupou em reafirmar preceitos, mesmo que isso implicasse em afastamento de católicos brasileiros, em especial, o afastamento daqueles que, quando não conseguem dialogar entre sua fé e seu modo de vida, ou abandonam sua fé ou optam por outra igreja ou religião.

Em especial, em quase todas as suas falas não deixou de fazer a condenação da prática do aborto – provavelmente em resposta ao debate suscitado na época pelo ministro Temporão, da saúde – como salientou que o divórcio e o segundo casamento são práticas abominadas pelo catolicismo. Ele estava diante de uma sociedade que vê o segundo casamento há mais de 30 anos como uma prática legal e comum, aceita pela legislação civil. Seu discurso não é só para o ouvinte e espectador da missa: ele quer tocar os ouvidos de legisladores, doutrinadores e juízes que autorizam o divórcio, bem como o aborto em casos que a lei prevê. No entanto, não que o divórcio seja mais brando que um aborto, não é isso.

Hoje, no mundo ocidentalizado, especificamente no Brasil, o divórcio é encarado com muito mais naturalidade do que há quatro décadas atrás. O aborto, no entanto, exceto casos previstos na lei, não é permitido; é crime, inclusive. E para o catolicismo, a discussão não é se o aborto é ou não um direito da mulher de decidir sobre seu corpo e seu futuro; mas é uma questão de defesa da vida, desde o momento da concepção, fato, por sinal, que faz com que essa mesma religião seja contra a inseminação artificial, a reprodução *in vitro*, pois são situações que desrespeitam, também, a vida uterina.

Seu público-alvo também não é somente o cristão-católico: como líder, conhecia o lugar onde estava muito bem, sabia do crescimento das Igrejas Evangélicas no país, da proliferação dessas e que boa parte desse rebanho evangélico é composto de católicos desiludidos. Sabia que se estava diante de uma variedade religiosa e cultural muito grande, o que faz com que o discurso anime o católico, mas dê margens para outras interpretações.

Isso não quer dizer que Igrejas Evangélicas brasileiras sejam menos conservadoras do que a santa Sé; ao contrário, há aquelas que poderiam ser até mais radicais. No entanto, há aquelas que aceitaram muitos católicos, por exemplo, divorciados e que constituíram uma segunda família. Ao passo que no catolicismo, um divorciado, muito provavelmente, se sinta deslocado, em outros espaços religiosos ele tentará buscar uma situação mais confortável e mais acolhedora, que abrace o seu modelo de vida. Muitas vezes, esse novo espaço sagrado foi encontrado no seio de Igrejas Evangélicas.

Outro ponto forte e perceptível é seu apelo à juventude. Um dia antes da canonização, seu encontro com os jovens no estádio do Pacaembu já martelava em cima da defesa de valores e princípios tais como virgindade, fidelidade matrimonial, condenação do aborto, o que não reflete a total visão do clero; apesar de não haver projeção, há padres e freiras que defendem o uso da camisinha, por exemplo, mas são grupos, talvez, de menor inserção e sem o mesmo espaço para dialogar diversamente sobre o assunto.

No entanto, os temas levantados são para esse segmento da população: jovens, que é quem há de compor as novas fileiras de fiéis cristãos católicos no Brasil. Definindo melhor, Joseph Ratzinger chama os jovens a serem santos, e ser santo não é viver como a sociedade necessariamente entenda ser a vida.

Retomando o que foi visto na missa, ao menos nas proximidades de onde estávamos, boa parte do público era de jovens também (vou delimitar isso a um grupo com idade inferior a 30 anos). Muitos desses jovens eram comuns, por assim dizer, porém boa parte deles era de religiosos e religiosas, jovens que participavam de ordens, fazendo seminários ou residindo em conventos. Com alguns deles tive a oportunidade de conversar. O que pensavam a respeito dos pontos suscitados por Bento XVI não pude descobrir, mas certamente boa parte deles não é contrária ao uso da camisinha, seja por controle de natalidade, seja por prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. Isso ficou mais evidente quando, em 2007, alguns jornais publicaram o resultado de pesquisas com jovens católicos, sobre o uso de preservativos.

A maioria dos jovens católicos concorda com o uso da camisinha e discorda da proibição de ter relações sexuais antes do casamento, contrariando as recomendações da Igreja. Porcentualmente, eles se posicionam praticamente da mesma maneira que jovens que se declaram ateus ou agnósticos.

O resultado apareceu numa pesquisa feita pelo Ibope, encomendada pela organização Católica pelo Direito de Decidir, com homens e mulheres de 18 a 29 anos. Durante três meses (novembro e dezembro do ano passado e janeiro deste ano [2006]) foram ouvidas, numa amostragem nacional, 1.989 pessoas.

Quando questionados sobre o uso de camisinha ou outros métodos contraceptivos, 96% dos jovens que se disseram católicos foram favoráveis ao uso. Entre os que se declararam ateus ou agnósticos, o percentual foi de 97%. Entre os evangélicos, houve uma maior diferença: 81% deles apoiaram.

“O que chama atenção é que os jovens católicos, quando se trata de sexualidade, são favoráveis aos métodos contraceptivos e à autonomia em relação à virgindade, à decisão do momento de iniciar sua vida sexual. Se portam como jovens não-católicos”, afirma Dulce Xavier, socióloga das Católicas pelo Direito de Decidir.

Para d. Rafael Cifuentes, responsável pela Comissão Episcopal para a Vida e a Família da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), esse comportamento reflete que há muitos jovens que se dizem católicos, mas de verdade não o são. “São jovens que se dizem católicos, mas não praticam o catolicismo. Não é porque a pessoa foi batizada, que se casou na igreja, que ela tem uma prática católica verdadeira. São católicos só de nome”, afirma. (IWASSO, 2007).

Apesar de ser uma notícia de jornal, ela está reproduzida em uma página da internet. O portal CCR (Comissão de Cidadania e Reprodução) se define como sendo uma instituição que

luta, justamente, pela defesa da saúde reprodutiva¹¹. A notícia foi reproduzida por um *site* que entende, por conseguinte, a camisinha como um instrumento potencialmente forte no combate a doenças sexualmente transmissíveis.

A reportagem é extremamente relevante por apontar que, apesar de saberem da proibição do Vaticano, jovens católicos ou não brasileiros preferem se prevenir com o uso da camisinha, ao invés de pensarem na proposta do clero, que é a de abstenção sexual. Não pactuam, segundo a notícia, com os ditames da Igreja, e nem mesmo, provavelmente, pactuam da mesma opinião que a de dom Rafael Cifuentes, membro da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), de que para ser católico, atualmente, é imprescindível ser casto.

A notícia é importante em dois sentidos: primeiro, por demonstrar que o discurso do papa Bento XVI, ao menos nesse tema, sexualidade, não é o mesmo que é adotado pelos fiéis brasileiros, que nem por isso abrirão mão, também, de sua fé. Outro ponto é a fala de dom Rafael, que sintetiza esse pensamento de alas do catolicismo que apoiam o princípio de que sexo seguro é somente após o casamento e, mesmo após, a camisinha não poderia ser usada, para não dar margens para que um dos cônjuges deseje a traição. O tema é polêmico e, para encerrar, vale a pena retomar um acontecimento recente que se deu na visita do papa ao continente africano em março de 2009.

Em visita à África, o papa novamente tocou o debate sobre a camisinha, o qual repercutiu rapidamente em jornais impressos, eletrônicos e televisivos. E um dos argumentos que foi utilizado por ele é de que a camisinha é uma forma de desvirtuar, de propagar a sexualidade de maneira desordenada. *A Folha Online* noticiou o comentário do pontífice:

Nesta terça-feira, a bordo do avião que o levava para sua primeira visita à África como papa, Bento 16 afirmou que a Aids "é uma tragédia que não pode ser superada com o dinheiro e nem com a distribuição de preservativos, os quais podem aumentar os problemas".

A declaração foi feita em resposta a uma pergunta sobre se os ensinamentos da Igreja Católica não eram "irrealistas e ineficazes" em relação à Aids. O papa defendeu que a epidemia só pode ser impedida com uma renovação moral no comportamento, a "humanização da sexualidade", incluindo elementos de fidelidade e autossacrifício.

O papa adota a visão tradicional da Igreja Católica sobre o tema: sexo apenas depois do casamento e a proibição de meios contraceptivos artificiais, como a camisinha e a pílula (GOVERNOS..., 2009).

¹¹ ...fundada em 1991 e instalada desde então no **Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP)**, é uma entidade civil de âmbito nacional e sem fins lucrativos cujo objetivo é a promoção dos direitos reprodutivos segundo os princípios das Declarações da ONU, mais especificamente os da Convenção pela Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra a Mulher. Sua principal meta de trabalho é a defesa do respeito à liberdade e à dignidade da população brasileira no campo da sexualidade, saúde e direitos reprodutivos. O **Programa de Apoio a Projetos em Sexualidade e Saúde Reprodutiva (PROSARE)** é desenvolvido pela Comissão de Cidadania e Reprodução (CCR) e pelo Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebap), com apoio financeiro da John D. and Catherine T. MacArthur Foundation. Disponível em: http://www.ccr.org.br/a_sobre_ccr.asp. Acesso em: 28/04/2009.

O que se quis expressar é que, mesmo sendo o uso da camisinha uma proibição religiosa, dentre os jovens que estiveram ou não no campo de Marte e no estádio do Pacaembu, em maio de 2007, certamente, há uma parcela que vê a camisinha nos moldes do entendimento do pontífice e outra parcela da juventude – como a descrita na reportagem publicada pelo portal CCR – que usa camisinha e nem por isso se sente menos católico. Esse tema é conflituoso, como dito, dentro da Igreja. Há membros que incentivam o uso – especialmente pela motivação da Aids (como é o caso do bispo português Ilídio Leandro, que teve uma declaração sua, de defesa da camisinha, noticiada recentemente¹²) – e haverá os que, como Bento XVI, não se conformam com essa prática.

Prosseguindo, no que tange ao V CELAM, na celebração de 11 de maio, ele chamou os trabalhadores da fé a apoiar e a pactuar dos preceitos que proclama. Isso implica, então, em manter uma estrutura hierárquica semelhante a atual, a qual ainda não consegue articular o papel da mulher nas diretrizes da Igreja, que não quer discussão sobre o casamento de padres, tampouco debate acerca do celibato e que também faz vistas grossas a escândalos de pedofilia, como os sucedidos nos Estados Unidos e que renderam recentemente críticas e processos que o Vaticano teve que arcar.

Fica que, desse discurso que abriu a cerimônia da canonização de frei Galvão, a mensagem não era voltada para a exaltação da figura do santo, mas sim toda ela imbuída de respostas e embates, disputas e ortodoxia religiosa. Sua preocupação é clara: marcar a presença da Igreja Católica no Brasil, mas conclamá-la a caminhar ao lado do seu chefe, seguindo seus mandamentos.

Encerrando, o pontífice assume uma posição sobre o que deve representar a figura de um santo: um indivíduo reformador. Reforma no sentido dado pela sua fala implica em mudar o mundo, a forma como as pessoas vivem e percebem o mundo. O santo reformador, então, é aquele que não pactua com as atitudes do mundo de hoje, é o homem e a mulher que valorizam os princípios, preceitos e a moral cristã, assumindo seu papel de cristão-católico, distanciando-se de situações e de propostas que o afastem de Deus. Ser cristão, para Bento XVI, se assemelha mais a um indivíduo cercado por preceitos morais do que com a figura de Cristo, que opta pela pobreza, pelo outro e pela salvação da humanidade de suas calamidades.

¹² “O bispo português Ilídio Leandro afirmou, em mensagem divulgada pela internet, que os pacientes com Aids devem usar preservativos se decidirem manter relações sexuais, dias depois do escândalo causado pelas declarações do papa Bento 16 em sua viagem à África”. Trecho da reportagem publicada no portal da Folha Online, em 28/03/2009, cujo título era “Bispo português aconselha a pacientes com Aids que usem preservativos”. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u542086.shtml>. Acesso em: 28/04/2009.

Esse foi o ponto alto da cerimônia: o rito da canonização. Para a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil,

Canonização é a inscrição no rol dos Santos de pessoas que se distinguiram, de modo exemplar, na santidade de vida por seguir de perto a Cristo Jesus. Toda a criatura humana é chamada à santidade, por isso é desconhecido o excepcional número dos que são santos. Alguns se destacam e podem ser colocados como exemplos a seguir. (AGNELO, 2007).

Durante o rito, várias pessoas participaram: irmã Célia, os familiares, os milagrados. Também houve, durante esse momento, a apresentação de objetos da época do santo, como a pá de construção. Só de parentes, de descendentes de irmãos e irmãs do frei eram 114 pessoas no momento da canonização (SANTIAGO, 2007). Dentre os milagrados, Sandra e o filho Enzo, que deram ensejo para o reconhecimento do segundo milagre, participaram e, durante a missa, Enzo recebeu a primeira eucaristia das mãos do pontífice.

O menino, de branco, entregou um presente ao papa – abotoaduras com pedras brasileiras – e recebeu um beijo na testa como agradecimento. A mãe, que tomou as pílulas do frade para conseguir ter o filho, usava roupa bege e carregava as relíquias do religioso. Sandra também entregou a Bento 16 um terço de sua família. "Ele passou o resto da missa com o terço", afirmou, no fim da missa.

Em estado de euforia, ela contou que pediu para o papa olhar a multidão e disse que todos o amavam muito. "Ele sorriu muito para mim e pegou na minha mão como filha. Eu beijei seu anel, ele acariciou meu filho e foi maravilhoso."

Além de conhecer o papa, Enzo fez sua primeira comunhão e recebeu a hóstia das mãos do papa. O menino não gostou muito: "Tem gosto de farinha. Não gostei." Do que ele gostou mesmo foi de ver a multidão e participar da festa, mas sem saber direito o que ele fazia lá: "Eu sei porque estou aqui, mas agora me esqueci". Minutos depois, lembrou-se: "Ah, eu sou o menino do milagre". (TÓFOLI, 1007).

Enzo, naquele momento, tinha uma identidade claramente definida para o público e para si mesmo: é o menino do milagre. A própria eucaristia, ou melhor, receber a primeira eucaristia em si já é um rito bastante importante no cânone católico. Das mãos de um papa, então, mais importante o será. Enzo, no entanto, muito pueril, não compreendeu por que estava ali, diante de toda aquela multidão, e o jornal salienta tal fato. Tampouco tenha captado a mensagem que o rito do sacramento da comunhão significou. Mas é notório o destaque dado a sua participação, como a de sua mãe, e é fácil perceber que o gesto da comunhão foi uma cena para compor o contexto da canonização, pois ali se tinha reunido todos os personagens importantes na construção do primeiro santo brasileiro e um deles é o menino, fruto de um milagre para a Igreja Católica.

Mas para quem fez parte do processo de canonização, como a irmã Célia, o que houve, na verdade, são dois milagres: o salvamento da vida da mãe e o nascimento do menino Enzo. Nesse trecho da entrevista, a irmã narra como se deu o momento em que ela procurou o médico do Vaticano para saber sobre o que ele achava do caso de Sandra e Enzo:

Irmã Célia: Tá, aí então, aí eu telefonei pro meu médico, né, eu disse "doutor o senhor está em casa essa semana?" Estou, "porque eu queria marcar uma consulta"... Aí, tá bom, aí eu cheguei lá, telefonei, tá bom, 3 horas da tarde. Porque ele descansa depois do almoço. Aí eu fui lá, levei esses

casos, mas levei só quatro, limpei isso aí, né? No avião, eu já fui pondo tudo no italiano, né?... Aí ele viu, esse caso é bom, esse caso é bom, eu já vou estudar e já faço as minhas perguntas médicas... quando abriu a porta da casa dele ele falou, “due milagre, due milagre”, o da mãe e o da criança. Aí eu fui, me deu uma coisa, né? Aí, depois ele disse, não, “não tinha miracolo, temos due miracolo”! Aí ele me fez as questões, a primeira parte a senhora sabe fazer, a da invocação também... Aí peguei o avião vim embora, fui falar com o cardeal, avisei, né, que eu ia pra estudar, na época era o dom Cláudio. Aí eu cheguei e falei, “oh, dom Cláudio, tenho dois milagres, agora veja na sua agenda o dia que a gente pode abrir”, e ta, ta, ta,... Ele marcou no fim de junho, em julho a gente fez, num instantinho a gente fez, setembro tava tudo pronto...E a medida que eles iam depondo, eu já ia passando pro italiano. Tinha um padre, desses italianos, que ia corrigindo pra mim. Aí eu já fui pra Itália pronta, e aí eu fui em, data assim eu não me lembro bem...isso era 4 de outubro, dia de São Francisco, eu cheguei, já fui levar na congregação, já protocolei, isso era 4 de outubro de...2004, era, 2004...2005, 2005 eu comecei o estudo, 2006, tem a segunda parte do estudo, 2007, porque o consistório foi em fevereiro, em maio teve a canonização. (cf. APÊNDICE B).

Na fala, a postuladora revela os passos que deu até conseguir levar a cabo o processo de canonização. Perpassa uma série de pessoas, médicos, o arcebispo de São Paulo na época, dom Cláudio Hummes, o qual teve, juntamente com a postuladora, de levar a efeito o processo, pois esse corre na paróquia, na diocese onde o indivíduo viveu e/ou faleceu. Foi um processo muito rápido: de 2004 até 2007, quando ocorreu a cerimônia da canonização. E essa se deu, para ela e para a postura médica do Vaticano – representada na entrevista da irmã com o médico que ela procura em Roma – porque dois milagres aconteceram. Se, de fato, são um ou dois, o que interessa é que no momento da canonização havia celebridades no palco: Bento XVI, o menino Enzo, sua mãe, Daniella, os familiares, além de vários representantes da Igreja e artistas. A canonização foi também, dessa forma, uma grande encenação e um grande show, com a participação das pessoas ligadas à canonização de Antonio Galvão de França.

E mais do que isso, com dois milagres. Então, há duas testemunhas da santidade do frei. Ambos encarnam o papel durante a cerimônia de testemunhas vivas da capacidade da cura quando se intercede pedindo a ajuda do frei. Essa é uma ideia implícita na fala da irmã Célia. Outra reportagem, da revista *Catolicismo*, expôs a canonização como o ponto alto da visita de Bento XVI ao Brasil.

Talvez o auge da viagem tenha sido a primeira canonização de um santo nascido no Brasil: Santo Antonio de Sant'Anna Galvão.

Para gáudio do público de 1 milhão de pessoas, o novo santo foi exaltado como modelo de vida atualíssimo para o presente. Ressaltou-se que Frei Galvão foi escravo de amor de Nossa Senhora — ou seja, o oposto do ideal libertário e igualitário hodierno — “*fervoroso adorador da Eucaristia, prudente e sábio orientador das almas que o procuravam e grande devoto da Imaculada Conceição de Maria, de quem ele se considerava ‘filho e perpétuo escravo’*”. E ainda: “*Que belo exemplo a seguir deixou-nos Frei Galvão! Como soam atuais para nós, que vivemos numa época tão cheia de hedonismo, as palavras que aparecem na Cédula de consagração da sua castidade: ‘Tirai-me a vida antes que ofender o vosso bendito Filho, meu Senhor’*. São palavras fortes, de uma alma apaixonada, que deveriam fazer parte da vida normal de cada cristão”. Quem poderia imaginar que, em São Paulo e outros estados do País, há uma juventude católica tão numerosa! Eram jovens ordeiros e compostos os que compareceram ao estádio do Pacaembu. Nesta época em que tudo aponta para a relativização, a ambigüidade e a confusão, para o prosaísmo e a vulgaridade, tal juventude era bem diversa das torcidas organizadas que freqüentam aquele estádio. Nesse evento,

45.000 jovens católicos estiveram presentes, e os mais de 10.000 homens do dispositivo de segurança não registraram sequer uma ocorrência! (FERNANDEZ, 2007).

A revista *Catolicismo* dá destaque e ênfase à denominação atribuída ao frei – escravo de amor de Nossa Senhora – e prossegue defendendo que essa opção, a de ser escravo, se contrapõe ao modo de vida contemporâneo. No entanto, ser escravo é não ser livre, não poder decidir sobre sua própria vida, é justamente perder toda e qualquer autonomia decisória sobre si. Ser escravo de Maria vai além disso, na fala desse meio de comunicação: é ser um católico que não tem oportunidade de decidir sobre si mesmo e que tem, como única opção de escolha aquilo que a Igreja de Cristo por ele decidir. Ser escravo implicará especialmente, dessa forma, em estar sempre a serviço de Maria e Jesus Cristo, estar a serviço da comunidade, da Igreja, do amor ao próximo.

A revista também finaliza dizendo que essa mensagem do papa, em especial no encontro no estádio do Pacaembu, foi feita para os jovens, “ordeiros e compostos”, como a mesma define. Na sequência, coloca que o público do dia 10 de maio de 2007 era muito diferente das torcidas organizadas de times de futebol. Ora, a revista *Catolicismo* entende então que um jovem de torcida organizada, que frequenta estádios, como o Pacaembu, em dias de grandes partidas não é um cristão, por acaso?

Na fala, essa conclusão fica subentendida, pois exemplo de jovem bom é o que tem como objetivo de vida viver como os santos e ser totalmente devotado a sua fé e sua Igreja. Os jovens que a revista evoca, por fim, são então os que organizaram caravanas e grupos para irem até ao campo de Marte. São esses jovens presentes naquele espaço e naquele momento, especialmente, que a revista destaca.

Para entrar no Pacaembu em 10 de maio daquele ano era preciso uma espécie de convite, o qual foi distribuído por dioceses e paróquias do Brasil. Mas esse público jovem também era bastante presente na cerimônia da canonização. A nossa volta, durante o evento, o que mais se viu foram jovens; não eram os únicos, mas realmente eram a grande parte do público ali presente.

Por conseguinte, muito do público ouvinte de Bento XVI nesses dias de celebração para o catolicismo no Brasil foi composto por jovens, o que não quer dizer que não houvesse pessoas mais velhas. Mas, por jovem aqui, há que se pensar que para o pontífice importava tocar justamente as camadas de pessoas que serão, ou ele espera que sejam, as novas alas de fiéis da geração atual e das vindouras, e isso não é, por assim dizer, tão impossível; ou seja, atingir o público católico jovem, no maior país católico do mundo.

Sites dedicados ao movimento carismático também noticiaram o acontecimento da canonização.

Maria José Santo André, ficou mais quatro horas no Campo de Marte, na Zona Norte de São Paulo onde mais de um milhão de fiéis compareceram a canonização de Antônio de Santana Galvão, o Frei Galvão, na manhã.

A devota que participa do movimento da Renovação Carismática Católica em São Paulo, diz que foi a missa para pedir por seu filho que está desempregado. Alimentada pela fé e oração, ela acredita que o papa veio trazer paz para o país. “Eu vim adorar o Senhor, pedir pelo meu filho e pelo meu país, que ele tenha paz”, pediu.

No meio da multidão uma concentração de fiéis, cerca de cem pessoas membros da família de Frei Galvão participaram emocionados da celebração do primeiro Santo brasileiro. (GENARO, 2007).

Nessa reportagem, a autora salienta que a mulher que entrevista é carismática. O portal em questão é direcionado para o público que se identifica com a causa. Trata-se de um meio eletrônico – Renovação Carismática Católica, RCC BRASIL – de notícias e informação voltado para o público católico que se interessa mormente por esse movimento do catolicismo denominado renovação carismática. Salienta que muitas pessoas estavam ali para ver o rito, para ver o papa, e muitos para pedir auxílio ou graças ao novo santo brasileiro. A notícia destaca o caráter milagreiro de frei Galvão, quer chamar atenção para o fato de que a celebração daquele dia envolvia a pessoa de um homem capaz de promover milagres e de trazer a paz para o país. A mesma edição da revista *Catolicismo*, anteriormente citada, faz outra menção ao frei no editorial escrito pelo diretor, já após a canonização, denominando esse novo santo católico:

“*Bandeirante de Cristo*” – seria difícil encontrar palavras que definissem melhor a missão desse santo genuinamente brasileiro. A expressão, muito feliz e talvez inspirada, é da freira concepcionista Irmã Beatriz do Espírito Santo, autora – sob o pseudônimo de Maristela – do excelente livro *Frei Galvão, Bandeirante de Cristo*. Oriundo de ilustre estirpe paulista, Frei Galvão descende de bandeirantes; sua mãe, Da. Isabel Leite de Barros, é bisneta do célebre bandeirante Fernão Dias Paes Leme, o *caçador de esmeradas*. (BRITO FILHO, 2007).

O autor desse editorial da revista *Catolicismo*, Brito Filho, não poupa argumentos que enaltecem frei Galvão como sendo descendente de uma família paulista de posses, nobre. Menciona um antigo ascendente do frei, o bandeirante Fernão Dias Paes Leme, e isso faz com que seja necessário indagar por que é importante, para ele, ressaltar essa herança do frei.

A associação dele ao bandeirantismo paulista não só o distingue perante outros homens, como para o autor do texto é fenômeno que o faz mais valoroso ainda, além do que, comumente, se vê a associação da figura do bandeirante a de alguém destemido, valente, aventureiro. Criou-se um mito de ver o bandeirante como aquele homem corajoso, audacioso, que foi capaz de adentrar aos sertões. Muitas vezes, se esquece que esse mesmo homem matou e escravizou indígenas brasileiros. Porém, não é esse o único predicado dado ao

bandeirante, ele também ficou eternizado como um indivíduo desbravador, e é esse lado positivo do mito que é salientado na aproximação de frei Galvão à sua origem bandeirantista.

Ele demonstra um orgulho quanto à origem, o que também aponta, sutilmente, para um enaltecimento não só dessa genética, mas do lugar onde nasceu e viveu, o estado de São Paulo. Em especial nesse território, hoje denominado São Paulo é que muitos deles, inclusive o ancestral de frei Galvão, desbravaram terras. Tem-se, então, um destaque para o bandeirante paulista, dando pistas assim para uma superioridade desse frente aos demais estados brasileiros, ao menos no que tange a essa questão.

Dona Thereza Maia fala desse traço da história de seu tio santo. No dia da entrevista, dona Thereza estava bastante ocupada, pois esperava em sua casa a chegada de um casal que vinha a pé até Guaratinguetá, seguindo uma trilha que havia sido feita pelo próprio frei. Ela começa contando que Antonio Galvão de França fez sua primeira eucaristia em Guaratinguetá e lá também celebrou sua primeira missa.

Dona Thereza: Ele celebrou a primeira missa, já havia feito a primeira comunhão aí, celebrou a primeira missa e depois sempre voltava aqui pra ver os parentes, tem milhares de casos... Aí ele ficou lá, embora como missionário ele visitasse a região. Aí ele tinha, minha vó que dizia, que ele andava; na hora que cê pensava que ele tava aqui, já estava no Rio de Janeiro, daí o caminho de frei Galvão, agora, ele andava muito e como tinha mais de 1,90, então tinha passo grande. (cf. APÊNDICE A).

Daí um outro sentido para o adjetivo de bandeirante dado ao frei, ou seja, o de alguém que andou tanto quanto um bandeirante andou e explorou e deu a conhecer o território brasileiro. Tanto para dona Thereza, como outros biógrafos do frei e para a revista *Catolicismo*, grifar a origem bandeirante de Antonio Galvão de França é fator que fortalece uma memória de um homem nobre, mas que abriu mão nesse sentido para ser bandeirante a serviço da Igreja.

Logo após sua canonização, frei Galvão ainda foi alvo de revistas e jornais. Boa parte tratou de relatar a data de comemoração de seu dia, 25 de outubro. O jornal *O São Paulo*, em outubro de 2007, relatou o primeiro festejo do frei após receber o título de santo.

Na comemoração da primeira festa de frei Antonio de Sant'Ana Galvão – frei Galvão –, o primeiro brasileiro nato a merecer a grande honra dos altares, a ser realizada na quinta-feira, dia 25, o Mosteiro da Luz de São Paulo (avenida Tiradentes, 676, na Luz, centro de São Paulo) está promovendo novena em louvor ao santo, que era sacerdote da Ordem dos Frades Menores Descalços, e que foi beatificado pelo papa João Paulo 2º, no dia 25 de Outubro de 1998, em Roma, e canonizado pelo papa Bento 16, em São Paulo, dia 11 de Maio de 2007. (...) Dom Odilo, em sua pregação, dia 19, salientou que Frei Galvão procurou não só conhecer, mas praticar a Palavra de Deus, e ao acolhê-la, buscou difundi-la através da catequese, em missões junto ao povo, sempre mostrando o seu próprio testemunho. O arcebispo ressaltou que Frei Galvão era um amigo de Deus, título esse a que todos batizados são convidados a portar, e que por ter vivido em São Paulo, evidencia que essa cidade é uma cidade de santos, começando por Anchieta, madre Paulina e Antonio de Sant'Ana Galvão. Dom Odilo sinalizou que os santos amigos de Deus proclamam a Palavra de Deus e contam as maravilhas que Deus faz. Ao final da celebração, padre Armênio Rodrigues Nogueira, capelão do Mosteiro da Luz, agradeceu a presença do arcebispo, e

explicou que colocou na programação da novena também os diáconos permanentes da Arquidiocese para destacar essa nova vocação que começa a ser conhecida na cidade. (GONÇALVES, 2007).

O São Paulo é o jornal da arquidiocese de São Paulo. Tem publicação semanal e sua circulação é gratuita nas paróquias que compõem a mesma, e tem como objetivos, como explicita em seu *site*,

Estar a serviço da comunhão e da participação de todos na Igreja que está na cidade; [...]; ler os acontecimentos que afetam a vida do povo sob a ótica do evangelho de Jesus; formar mentes e corações para que Jesus Cristo seja experimentado, seguido e amado por todos que vivem na cidade¹³.

Tendo mais de 50 anos de história de publicação e circulação na capital paulista, *O São Paulo*, hoje, é acessível na versão impressa, bem como disponibiliza suas matérias via internet. Mantém clara sua atuação junto à comunidade católica paulistana, que é seu principal público leitor e não omite a vocação para formação de opiniões a respeito do catolicismo e as atividades desenvolvidas em paróquias e na diocese da capital.

Merece destaque nesse trecho da reportagem do jornal *O São Paulo* a necessidade de mostrar a capital paulista como uma cidade vocacionada a produzir santos e santas. Na fala de dom Odilo Scherer – atual arcebispo da capital –, a metrópole paulistana é quase que uma cidade santa também, pois se dela saíram alguns santos e beatos, em sua visão, ela tem a condição de terra santa também. Esse fator, para um católico como ele, é quiçá um fenômeno que também enobrece a cidade, a diferencia frente a outras no país, pois além de ser a maior cidade do país, é produtora de santos.

Assim também a emissora de televisão *Canção Nova*, em seu boletim informativo eletrônico, em 25 de outubro de 2007, ainda retomava o santo e a busca pelas suas pílulas (CONHEÇA..., 2007). Várias fontes, como a revista *Catolicismo*, a *Canção Nova* e a *Revista Ave Maria* trouxeram, no tempo da missa de canonização, reportagens sobre o frei, as pílulas, sua vida e trajetória. Volta e meia, numa breve pesquisa realizada na internet, é possível localizar vários artigos e páginas de internet sobre o santo brasileiro. Ou seja, frei Galvão ainda é notícia, com menos ênfase, mas ainda é reforçado e retomado como tema de reportagens, mesmo após a canonização, além do que o assunto é chamativo, provavelmente, pois colabora também para dar visibilidade a meios de comunicação como esses acima citados.

Por fim, se ele ainda rende matérias na imprensa, há que se perguntar a que apelos atende cada jornal e revista aqui analisado? Que forças e tendências a Igreja Católica reforça nesse ínterim?

¹³ Disponível em: http://www.arquidiocese-sp.org.br/jornal_o_sao_paulo. Acesso em: 5/11/2008.

A ideia de isenção na imprensa já há muito é questionada e posta por terra. Quando um jornal noticia um evento, como a canonização ou a beatificação de frei Galvão, ele quer sim dar ao leitor as informações sobre o acontecido, mas essas vêm permeadas de intenções, de discursos ou de críticas que ajudam a formar a visão do leitor acerca daquele debate. Outras vezes, o faz também porque é esse um meio que o jornal e a revista encontram de ganhar visibilidade no mundo jornalístico e informativo de um país.

Sem, no entanto, selecionar um único jornal para responder, o resultado é que no que tange à grande imprensa brasileira, desde a beatificação até a canonização e após ela, frei Galvão foi debatido, questionado e criticado (como visto nos artigos aqui trabalhados; como a revista *Veja*, por exemplo, trabalhou), mas não só porque a notícia vende – e isso expõe como a força do catolicismo ainda é muito presente no cotidiano de nossa sociedade –, mas também porque a religião em si é um tema que rende leitores e é notória ainda a relação entre a Igreja Católica e outras instituições no Brasil do século XXI.

E quando se fala de uma imprensa especializada, como é o caso da revista eletrônica *Catolicismo*, noticiar pode ser sua primeira intenção, mas seu ponto fulcral é dar ao seu leitor subsídios, imbuídos de uma ética e de uma moral próprias, que reafirmam uma visão própria da Igreja ou de parcela desta, de seus indivíduos e dos acontecimentos que ela narra. Ela ajuda a formar a opinião de pessoas que a assinam e que, diante de uma ótica direcionada, reforçam uma fé e uma crença, fortalecem a imagem de um papa ou de um santo, dão valor, sustentam a importância de um estilo de vida próprio que é o do cristão-católico brasileiro no século XXI.

Frei Galvão, o primeiro santo oficialmente canonizado pelo pontífice, teve a ajuda da imprensa para formar e fortalecer uma memória em torno de si. A imprensa tanto mostrou um homem santo, nobre e rico, canonizado por um papa complexo e de difícil aceitação muitas vezes, bem como explorou as dúvidas e questionamentos que ainda existem no universo da religião. Milagre talvez seja uma esfera bastante pessoal de cada um, mas a imprensa, seja ela a de âmbito geral seja a especializada, reforçou a construção do imaginário de um homem que é diferente dos demais; algumas vezes, quase um herói; outras, alguém muito rico de posses e de herança genética; outras, ainda, um simples escravo e servo de Deus e Maria; mas sempre um ser humano diferente dos outros, ao menos na ótica da religiosidade católica e especialmente alguém dotado de dons e de promover bênçãos, curas e milagres.

E, finalmente, desde a beatificação, a imprensa corroborou na discussão da necessidade e da urgência de um santo no Brasil. Sempre refletindo a partir do ponto de vista de que se está diante do maior público católico do mundo, a imprensa debateu e foi também mais um dos pilares capaz de construir, produzir, ou seja, foi ela sujeito social fazedor de santos.

CAPÍTULO 2 - OS MILAGRADOS POR OUTROS

Milagrado é a maneira como boa parte das pessoas que crê ter recebido uma graça se autodenomina. São os sujeitos que, com seus relatos – alguns publicados na imprensa, outros famosos, como Daniella e Enzo, indivíduos diretamente relacionados com os processos canônicos –, contribuíram para fazer de frei Galvão um santo mais conhecido do grande público, da Igreja e da comunidade católica no Brasil e no mundo.

Sendo assim, neste capítulo, serão trabalhados os relatos, obtidos de fontes diversas, que serviram como instrumento para fazer desse frei franciscano o primeiro santo brasileiro reconhecido pelos cânones do Vaticano. Daniella, a menina ligada à beatificação, e Enzo e sua mãe Sandra, na canonização, são mais famosos; mas há tantos outros que apareceram na imprensa, nos processos; outros tantos menos conhecidos e que se limitam às pessoas e suas famílias que também fizeram com que o frei se tornasse o que hoje ele é: um homem santo aos olhos do catolicismo e uma personalidade frente à história do país. Em princípio, serão trabalhadas algumas matérias da imprensa que trouxeram essas falas de milagrados, para depois, então, debater-se sobre como a imprensa trabalhou os personagens próximos aos ritos que destacaram Antonio Galvão de França.

No entanto, torna-se necessário, brevemente, comentar tais relatos publicados em jornais ou páginas da internet. Dentre os selecionados para a pesquisa, todos são de mulheres. Não que tenha sido esse o objetivo: mostrar somente mulheres. Todavia, não foi localizado nenhum, publicado na imprensa, manifestado por um homem. Também todos tratam de problemas de saúde e de curas que os fiéis relacionam com a fé no primeiro santo brasileiro.

Já, quanto às fontes jornalísticas e de informação selecionadas, são elas: os sites do *Universo Católico*, da *Catolicenet*, da *Canção Nova*; a revista eletrônica *Catolicismo*; os jornais impressos *Bom Dia Sorocaba* e *Diário da Manhã*, de Goiânia (esse último também mantém versão *on line*) e a revista *Bons Fluidos*, que noticiou dois milagres. São matérias muito próximas da época da canonização de frei Galvão, todas de 2007. Noticiam não somente a cura; tratam, também, um pouco do cotidiano de vida das pessoas entrevistadas, retratando brevemente percalços pelos quais essas pessoas passaram até que se vissem livres de uma doença.

Algumas dessas notícias trazem o que as pessoas curadas sentiram, sofreram; relatam um pouco do sentimento de alegria e de agradecimento pela bênção que creem ter recebido; o

que, por conseguinte, para o leitor pode provocar vários outros sentimentos: compaixão, identificação, no caso, daqueles que, por ventura, estão ou estiveram na mesma situação; dúvida, ao passo que, quanto mais se divulga matérias como essas, mas se atribui legitimidade e confiabilidade à história e trajetória de Antonio Galvão de França, como a do próprio meio de comunicação também.

Essas publicações compõem um primeiro item do capítulo. Mas, na sequência, quando se tratará dos milagrosos ligados aos processos canônicos, a imprensa também teve sua presença bem marcada: houve várias entrevistas com esses milagrosos, o que acabou atribuindo maior legitimidade e credibilidade à figura do santo. Só que, no caso dos milagrosos Daniella e Enzo e Sandra, há uma pequena diferença, que é o fato de que essas pessoas, com o auxílio da imprensa, não só testemunharam seus casos de milagres – reforçando a fama de santidade do frei –; foram também eles celebridades, ao menos instantâneas, momentâneas, seja no tempo da beatificação ou da canonização. Celebridades no sentido de estarem temporariamente em evidência nos meios de comunicação, por terem sido muito solicitados para reportagens, programas de televisão e de rádio.

E isso é fruto de serem eles as mais destacadas testemunhas para falar do poder de cura e dos dons de frei Galvão. São eles e suas vidas que motivaram, primeiramente, que ele fosse beato e, num segundo momento, santo. Então, neste capítulo, a imprensa também é extremamente participativa para a compreensão mais profunda do universo dos milagrosos, pois muitas vezes ela ajudou a espalhar a fama dele como milagreiro, reforçou a ideia de sua santidade e auxiliou na construção histórica de santo frei Galvão.

2.1 Relatos de milagrosos nos jornais e na internet

A canonização de frei Galvão, anunciada para o dia 11 de maio durante a visita do papa Bento 16 ao Brasil, tem um valor especial para a família de Ana Luíza, de quatro anos, que mora em Votorantim. Filha da psicóloga Regina Célia Pissinato Camargo, 37 e do vendedor técnico Alexandre Camargo, a menina nasceu de uma gestação marcada por uma série de fatos que desafiam a lógica e a ciência, mas encontram respaldo na fé. “É uma graça incrível”, comenta o padre Reinaldo Barbosa. O capelão do mosteiro da Imaculada Conceição e de Santa Clara em Sorocaba, fundado pelo Frei Galvão há 196 anos, revelou ao BOM DIA os personagens de um caso até então guardado com carinho entre a família, os amigos e a Igreja local. Regina, que tinha freqüentes hemorragias e dificuldade para engravidar, submeteu-se a uma cirurgia em 2002 para retirar um mioma, passou por um procedimento de lavagem uterina, foi anestesiada e tomou medicamentos sem sequer imaginar que Ana já estava a caminho. A intercessão do primeiro santo brasileiro foi sentida em diversas etapas de uma história com final feliz. [...]

Passados alguns meses, já casada, Regina tratava as constantes hemorragias, na tentativa de engravidar. “Na época o médico me disse que não conseguiríamos e seria necessária a cirurgia, devido ao mioma.”

O casal, membro da paróquia de São João Batista, em Votorantim, passou então pela primeira experiência que considera inexplicável. “Em março de 2002, durante a comunhão, o padre Paulo Gonzales, que sabia de nossa luta por um bebê, olhou para mim e perguntou se eu tinha tomado as pílulas de frei Galvão”. Mas, segundo Regina, o que ele não sabia é que ela tinha as pílulas em sua carteira. “Não entendemos porque disse isso, bem naquela hora, mas chegamos em casa e iniciamos a novena, movidos pela nossa fé.”

Como as hemorragias continuavam, a cirurgia aconteceu em junho, num hospital em Sorocaba. “Pela segunda vez outro fato estranho aconteceu”, conta. De acordo com a psicóloga, que diz que sempre levou à risca as prescrições médicas, após a cirurgia ela deveria tomar um medicamento chamado Ergotrat, empregado para ajudar a contrair o útero. “Tomei apenas um, senti algo estranho e não consegui seguir a receita.”

Em julho, sentindo enjôos, Regina achou pouco provável que suas dúvidas fossem se confirmar. “Fiz exames e constatou-se a gravidez. Pensei que fosse brincadeira. Não acreditava. Até que, durante o ultrassom, a médica falou em oito semanas de gestação. Confesso que ficamos apavorados. Eu surtei, comecei a ler bulas de remédios, repensei sobre a cirurgia, voltei ao médico e ele me disse que isso era um caso de congresso”. O casal pediu a preservação da identidade do médico. “Confiamos nele e fizemos o pré-natal.”

Segundo Regina, a maior aflição da família foi com relação à formação do bebê. “Mas tive uma gravidez e um parto tranquilos e Ana Luíza nasceu perfeitamente saudável em 18 de fevereiro de 2003”, comemora.

Para ela, foi uma ação de Deus, conquistada por intermédio de frei Galvão. “É com tanta alegria e orgulho que aguardamos a sua santificação porque a nossa família pôde experimentar de uma graça, com certeza”. (BATALIM, 2007).

A professora Maria Emília de Melo Silva, 35, de uma creche em Cumari, cidade do sudeste goiano com 3.269 habitantes, tem um motivo especial para comemorar a canonização de Antônio de Sant’Anna Galvão (1739-1822), o Frei Galvão, na próxima sexta-feira, 11, durante a visita do papa Bento XVI ao Brasil. Há oito anos, Maria Emília recorreu a Frei Galvão para curar uma cólica permanente na vesícula biliar, que, segundo os médicos, seria curada apenas com a extirpação do órgão. “Eu tinha medo porque minha avó morreu após cirurgia para retirar a vesícula. Então recorri ao Frei Galvão para me ajudar. E ele me salvou”, diz a professora.

Foram mais de nove meses de orações e novenas e mais a ingestão das famosas “pílulas milagrosas”, que vêm em um papelote minúsculo com a inscrição de uma frase em latim de devoção à Virgem Maria. As dores foram diminuindo e, de acordo com Maria Emília, a vesícula não precisa mais ser retirada. “Minhas cólicas sumiram. A vesícula está empedrada, mas não afeta minha saúde. Os médicos dizem que para a dor cessar, eu preciso retirá-la, mas ela não me prejudica em nada”, garante.

Maria Emília não se lembra como as dores começaram – “eram muito fortes e os médicos diziam que eu precisava tirar a vesícula” –, nem como foi que ficou sabendo das pílulas. Um dia enviou uma carta para o Mosteiro da Luz, construído por Frei Galvão em 1774, em São Paulo (SP), e pediu as pílulas. Um ano e meio depois, ela ficou grávida. “Os parentes ficaram preocupados, mas nesta época eu já não tinha mais dores. A gravidez foi tranquila.” (LEIJOTO, 2007).

Essas manchetes de jornal são exemplos de manifestações de devotos de frei Galvão. Ambas foram trazidas a público por jornais regionais, no período da canonização. São relatos com nome. As pessoas fazem questão de se revelar, bem como sua identidade. A primeira delas, publicada no jornal local *Bom Dia Sorocaba*, descreve o milagre de uma psicóloga, Regina, que, com uma dificuldade de engravidar, recorre ao frei. Mas o jornal questiona: seria o relato dela o terceiro milagre do candidato a santo frei Galvão? A dúvida poderia mesmo existir, pois afirmar que é ou não milagre não é papel, por assim dizer, da imprensa. No entanto, quando o jornal põe ao leitor uma entrevista como essa, traz junto todo o sentimento

que a pessoa teve, o sofrimento e a angústia até que fosse encontrada uma solução, não apenas médica, mas religiosa também.

O segundo trata de uma professora com problemas de vesícula que tomou a mesma iniciativa da mulher da outra matéria, ou seja, apelou para a fé em busca de uma solução. Para o jornal *Diário da Manhã* de Goiânia, a entrevistada tinha motivos para festejar a canonização, pois teria ela sido mais uma das testemunhas do poder e da ação do frei. Também reproduz a fala da mulher, não deixando de destacar sua reserva em face disso, como, por exemplo, quando cita as pílulas de frei Galvão entre aspas, as “pílulas milagrosas”.

Assim como foi muitas vezes visualizado no capítulo anterior, aqui também a imprensa expõe o fato e nem por isso assume um posicionamento. Não querem apoiar cegamente o que ali está dito, mas também não o negam, o que não faz dessas fontes jornalísticas uma opinião isenta, mas reprodutora da visão das pessoas sobre os milagres atribuídos ao Santo Antonio de Sant’Anna Galvão. E, ao reproduzir, especialmente, se reafirma o caráter de legitimação do milagre, pois alguns lerão e poderão crer, ao passo que outros, talvez, não acreditem.

Os dois testemunhos publicados envolvem situações de gravidez. Frei Galvão tanto ficou conhecido como o santo protetor das grávidas, como o santo protetor dos engenheiros e da construção civil, por sua atuação na edificação do Mosteiro da Luz.

Como já relatado no início, conta a história que as pílulas de frei Galvão se originaram diante de uma situação em que uma parturiente, não conseguindo êxito, recorreu ao frei. E ele, não podendo socorrer a mulher – e um rapaz com problemas de rins, ao mesmo tempo – escreve uma jaculatória em latim, em um pequeno pedaço de papel e pede que deem aos doentes a oração (MAIA, 2007).

Ambos fizeram uso da pílula criada pelo frei de Guaratinguetá. No entanto, há que se revelar que, obviamente, as testemunhas também foram acompanhadas por profissionais médicos e enfermeiros, fazendo uso de medicamentos ou de tratamentos convencionais da medicina.

No entanto, na construção das narrativas, tanto a psicóloga da primeira matéria quanto a entrevistada da segunda demonstram ao jornal que a cura delas se deu sim por ação do frei santo. Constata-se nas suas falas uma sucessão de passos, mas sempre querem marcar que, para elas, se tudo terminou bem, é porque foram tocadas pela ação divina e não pelos tratamentos médicos e terapêuticos que também fizeram. Como devotas e talvez fiéis católicas, deixam aflorar que a discussão sobre o fato não tangencia como a cura se deu, mas sim por obra de quem ela aconteceu.

Uma mulher devota de Santo Antonio de Sant'Anna Galvão, ou Frei Galvão, como é conhecido usualmente, afirmou que se curou milagrosamente de uma grave enfermidade logo depois de rezar as orações que um portal dedicado ao novo santo brasileiro colocou na Internet.

O portal oficial dedicado a Frei Galvão informou que a mulher é uma brasileira de 41 anos residente no Tennessee (Estados Unidos), e que escreveu uma carta ao museu São Frei Galvão em Guaratinguetá, narrando seu caso.

Ela relatou que ao inteirar-se de sua enfermidade falou com uma amiga que vive no Brasil, quem aconselhou recorrer ao santo e ingerir as "pílulas" de papel com as quais os devotos pedem sua intercessão. Entretanto, ao ser difícil obter as "pílulas", a mulher decidiu acessar no site onde achou orações e processos para "acender velas on line".

Segundo a versão difundida, "em ausência das pílulas ela acendeu diariamente as velas, com muita fé e fez as orações. Passado alguns dias ela foi fazer mais exames (médicos). O resultado era outro, ela já não tinha a enfermidade".

Por sua parte, a agência Estado informou que o nome da beneficiada é Ana María Dykes. Do mesmo modo, citou à vice-presidenta da irmandade do santo, Thereza Maia, quem recordou que receberam a notícia "até com certo susto", mas afirmou que "sabemos que não é a vela virtual mas sim a fé na pessoa em Frei Galvão".

Por sua parte, o responsável pelo portal, Leonardo Cipoli, assinalou que até o momento "não achamos nenhuma graça conquistada por meio da tecnologia, a não ser essa de Frei Galvão. É uma graça real por um meio virtual. A verdade é certamente fé". Acrescentou que já são mais de 22 mil os paroquianos que enviaram cartas afirmando ter recebido graças (MULHER..., 2007).

Uma devota brasileira de Frei Galvão, que mora nos Estados Unidos, enviou uma carta para o Museu Frei Galvão, em Guaratinguetá, interior de São Paulo, dando o testemunho de um milagre alcançado via Internet. Ela afirma ter sido curada de um tumor maligno no seio após ter feito a novena e acendido velas virtuais no site oficial de São Frei Galvão.

Ana Maria Chiarella Dykes, 41 anos, mora em Kengsport, Estado do Tennessee, e remeteu, juntamente com sua carta, uma foto e os resultados dos exames para relatar que, mesmo não tendo a possibilidade de ter acesso às pílulas de papel de Frei Galvão, distribuídas pela Irmandade com a oração do frei, fez a novena pela Internet e acendeu diariamente as velas virtuais para alcançar a cura. Este é o primeiro milagre de São Frei Galvão alcançado pela Internet. O Museu Frei Galvão recebe cartas com testemunhos de devotos de todas as partes do mundo, relatando graças alcançadas através da fé em Frei Galvão. O santo de Guaratinguetá foi canonizado pelo Papa Bento XVI no dia 11 de maio deste ano, em São Paulo. (BRASILEIRA..., 2007).

As duas páginas eletrônicas noticiaram o fato no mesmo período, junho de 2007, e, em ambas, a ideia de milagre, no título das reportagens, vem entre aspas. As duas fontes são dedicadas a notícias e informações, pesquisa e conhecimento acerca do catolicismo no Brasil. Exploraram a mesma situação, mas cada um do seu jeito; no entanto, para ambos, apesar de serem imbuídos de uma moral cristã católica, o fato de se depararem com um suposto milagre que se deu virtualmente é visto com ressalvas e com certo cuidado até, pela novidade, talvez, que um fato como esse represente.

Muito se debateu, anos atrás, acerca do uso da internet em prol da fé. Houve muita discussão no meio do clero, por exemplo, quanto ao fato de alguns padres receberem confissões de fiéis via correio eletrônico ou em salas de bate-papo virtuais. Desconheço, porém, o desfecho dessa lide, mas para a Igreja a relação entre fé e devoto, Igreja e público não se conformou totalmente com a mediação que o computador promove. E essa impressão fica bem estampada no noticiário acima. O *Universo Católico* vê com reservas a virtualidade de um milagre. No entanto, o coloca ali, para que o público acesse; mas, diversamente de

outros relatos, esse soa com certa estranheza e esta é passada na notícia. A dúvida que parece ter suscitado ao redator foi: como um milagre acontece por meio virtual? Como uma vela virtual colabora na consecução de uma cura?

Já o segundo *site*, *Catolicanet*, inicia expondo o ocorrido, mas finaliza afirmando o acontecido: “este é o primeiro milagre de frei Galvão alcançado pela internet”. Não duvida nem questiona se é possível um milagre nessas condições. Ambas as reportagens, apesar de serem publicações da internet, mostram um outro ponto, que é o potencial que a internet tem hoje quanto à sua abrangência e alcance e até mesmo pela confiabilidade que gera. Isso tanto é evidente que foi exatamente isso que Ana Maria fez: com o auxílio da rede mundial de computadores encontrou uma solução para ao menos aliviar a tensão que vinha vivendo. Mais do que uma novena e as pílulas, ela consegue expressar com seu gesto que a internet foi, ao menos no seu caso, um instrumento a serviço da fé.

E vai além: constrói a fala no sentido de mostrar que, mesmo sem as pílulas e via computador, o santo cura. Para ela, na sua maneira de encarar o ocorrido, a sua fé nas velas, no frei e em que alcançaria uma graça são sustentáculos para acreditar que frei Galvão se compadeceu dela e a atendeu em seu pedido e súplica.

Não é de hoje que se veem profissionais da saúde que entendem a importância da luta, por parte do paciente, em obter a cura ou a melhora de um quadro clínico, ou a resignação diante de casos irreparáveis. A fé, nesse sentido, pode ser, se não a solução, ao menos uma forma de fortalecer um paciente submetido a tratamentos dolorosos e sofridos, ajuda na resignação da pessoa, na aceitação de uma doença. Seja qual for a direção da fé, católica ou não, o que se quer apontar é que o fato de a pessoa acreditar em sua melhora e recuperação ameniza o sofrimento e fortalece o paciente para um tratamento.

Como exemplo, em um artigo para uma revista da área da saúde, Teixeira e Lefèvre (2008, p. 1254) escrevem que os profissionais debatem justamente esse ponto, qual seja, a participação da fé na vida de um paciente com câncer. Fizeram um estudo com pacientes idosos, homens e mulheres, no qual puderam perceber que:

Quanto à fé religiosa, o discurso coletivo enaltece-a tendo como resultado a esperança, o equilíbrio e o fortalecimento, propiciando a luta pela vida e a serenidade para aceitar a doença. Para o sujeito coletivo, a fé e o tratamento aparecem como parceiros íntimos e a sinergia é positiva para o enfrentamento da doença.

Os pesquisadores trabalharam com pacientes em hospitais públicos de São Paulo, a fim de compreender a participação da fé no auxílio e no tratamento de doenças, como o câncer. E o que os resultados apontaram é que no grupo, tanto de homens quanto de mulheres, a fé não

implica na cura, mas é ela uma importante aliada no momento do tratamento, principalmente do câncer, o qual pode redundar em terapias dolorosas e que fragilizam o paciente.

O mesmo pode ser pensado para a Ana Maria e para qualquer outro relato de cura que envolva frei Galvão ou qualquer outro santo, ou mesmo em relatos de pessoas que não são católicas. O foco, em suma, não é o milagre em si, mas a participação da fé das pessoas no processo de melhora e recuperação.

A fé – e nesse sentido amplia-se aqui o entendimento para uma invocação, uma concentração por parte da pessoa, um direcionamento do pensamento – fortalece aquilo que o tratamento médico não afeta: uma estrutura psicológica do paciente ou de sua família dá forças diante das desventuras, dá ânimo, paciência e perseverança para que não se desista de um tratamento ou, até mesmo, é um conforto quando, mesmo depois de toda uma intervenção, o final seja a morte.

No texto de Rabelo (1993), apresentado em um evento da área das ciências sociais, a autora trabalha com o exemplo de uma jovem que, atormentada por distúrbios mentais, foi levada pela mãe a vários terreiros de Candomblé, a igrejas evangélicas e a Centros Kardecistas para buscar uma ajuda. A mãe inicia a busca por auxílio, pois a filha é vitimizada por transtornos mentais, o que faz dela alvo de gozações na vizinhança. Primeiramente, procura o Candomblé, oito terreiros. Não obtendo êxito, recorre à Igreja Universal do Reino de Deus. Também sem grandes respostas, passa a frequentar com a filha um Centro Kardecista. A mãe acaba por optar pela explicação dada pelo Kardecismo de que a filha se via dominada por um espírito de um parente – um tio – que tinha gosto pela rua, e que seu espírito, não sendo tão evoluído, acaba por perturbar a vida da sobrinha, tirando-lhe o sossego e de sua família.

Como esse caso, outros tantos são comuns de serem vistos. Mesmo sem sair de dentro de uma religião, como no caso do Catolicismo, haverá casos de pessoas que recorrerão a diversos santos para pedir auxílio em momentos de agonia; quando não, muitos desses recorrem a mais de uma crença religiosa. E, no momento em que quiser reconstruir uma memória, a fé deles é uma base importantíssima para a compreensão de uma realidade, assim como aconteceu com a brasileira Ana Maria. Para a formação de uma narrativa pessoal, ou seja, na hora que o milagrado quer contar o que experimentou, a fé, a crença no fato de ter recebido um milagre é a estrutura que alicerça toda a explicação sobre a realidade vivida.

Há que se pensar, assim, que a relação da pessoa religiosa com a fé em milagres transcende a figura de um santo e a da Igreja Católica. A Igreja Universal do Reino de Deus, por exemplo, mantém na internet um *site* denominado *Eu creio em milagres*. A página traz

alguns depoimentos gravados em vídeo de pessoas que estavam padecendo por algum problema. O *site* divide os milagres em cinco categorias: milagres sentimentais, financeiros, de libertação de vícios, milagres na família e de libertação. É possível assistir aos vídeos e a procura é bastante grande: no dia do acesso, eram mais de 3 milhões e 200 mil acessos¹⁴ registrados na página. São dezenas de depoimentos de fiéis da Igreja que mantém o *site*, o qual é relativamente recente também; com apenas um ano no ar, alcançou um número representativo de acessos.

Já um outro portal eletrônico, denominado *Panorama Espírita*, é mantido pelo Grupo Educação, Ética e Cidadania, “entidade constituída de voluntários, sem fins lucrativos e sem conotação política partidária ou sectarismo religioso, localizada na cidade de Divinópolis, Minas Gerais”¹⁵. É um portal que disponibiliza à comunidade espírita reflexões e conteúdos direcionados, e tem como base os ensinamentos escritos por Alan Kardec, e dentre eles há uma explicação sobre o milagre, feita pelo próprio Kardec.

[...] Confessamos – humildemente –, que não temos o menor milagre a oferecer; dizemos mais: O Espiritismo não se apóia sobre nenhum fato miraculoso; seus adeptos nunca fizeram e não têm a pretensão de fazer nenhum milagre; não se crêem bastante dignos para que, à sua voz, Deus mude a ordem eterna das coisas. O Espiritismo constata um fato material, o da manifestação das almas ou Espíritos. Esse fato é real, sim ou não? Aí está toda a questão; ora, nesse fato, admitindo como verdadeiro, nada há de miraculoso. Como as manifestações desse gênero, tais como as visões, aparições e outras, ocorreram em todos os tempos, assim como atestam as histórias, sagradas e profanas, e os livros de todas as religiões, outrora puderam passar por sobrenaturais; mas hoje que se lhes conhece a causa, que se sabe que se produzem em virtude de certas leis, sabe-se também que lhes falta o caráter essencial dos fatos miraculosos, o de fazer exceção à lei comum. (COELHO, 2007).

É uma outra ótica completamente diversa da católica ou da evangélica. O espírita não parte do princípio de que uma cura é um milagre, por exemplo; enxerga essa cura como uma manifestação alheia à vontade dos homens e de Deus, como diz a citação. Implica em uma ação sobrenatural, sim, mas de espíritos que agem e participam diretamente da vida dos seguidores do Kardecismo. Não há a construção, por conseguinte, da história de algo milagroso, não se produz narrativas que revelam que um dado fenômeno transcende uma explicação racional.

Para a Igreja Católica, a participação da fé na construção de um milagre é, no entanto, o ponto de partida para que o milagre exista. Mas não basta crer no milagre, tem que ser uma fé particularmente direcionada para o homem ou mulher que se quer canonizar. Isso é um problema, no entender da irmã Célia Cadorin, porque, quando se tem que verificar o histórico de um milagre, os fiéis só podem ter pedido ajuda ao santo em estudo no processo; caso

¹⁴ Disponível em: <http://www.eucreeioemmilagres.com.br/>. Acesso em 29/04/2009.

¹⁵ Disponível em: http://www.panoramaespirita.com.br/modules/xt_conteudo/index.php?id=7. Acesso em: 5/5/2009.

contrário, ou seja, tendo o fiel recorrido a mais de um santo, isso se torna um empecilho para o uso do testemunho dentro de um processo de beatificação, por exemplo.

Entrevistadora: Uma vez, vi uma reportagem da senhora na revista eletrônica, Catolicismo, que a senhora comentou a respeito da dificuldade de encontrar uma graça, porque nessa a senhora falava que, em muitas delas, a pessoa tanto pedia para o frei, como para santo Expedito, que a igreja é próxima ao mosteiro.

Irmã Célia: *Ah, sim, porque uma coisa pro milagre, a primeira coisa que a gente tem que olhar. Porque a família é assim, naquela época, punha tudo dentro. Então, quando você vai apertar, aí, eu rezei santo Expedito, rezei santa Rita, são Judas Tadeu, aí cai, tem que ser só o frei na mão. Então, quando tem a graça, a primeira coisa que eu faço é ir na família, e ali é que, a senhora rezou só frei Galvão? E foi o que os pais, o pai e a mãe da Sandra, e depois falei com a Sandra, foi só. A senhora não pediu mais ajuda? Porque no desespero, a gente faz tudo! Aí disseram que não. Então tem que limpar bem aí, tem que ser graças limpíssimas, por causa de que, porque depois na hora a pessoa jura de dizer a verdade, em consciência ela vai mentir a verdade?*

E.: É, parece que na hora se pode invocar também Deus e Nossa Senhora.

Irmã Célia: *E Jesus, não tem problema. Tem que ser muito limpo.* (cf. APÊNDICE B).

Uma coisa, então, é a fé como elemento constitutivo de uma memória para o fiel, a outra é o papel dela em um processo canônico. Irmã Célia fala em limpar, “tem que ser graças limpíssimas”, que não estejam permeadas pela fé em outros santos e santas. E como se limpa uma graça? Esse trabalho é do postulador. É seu trabalho conversar com o milagrado para perceber nele algum resquício que possa contaminar ou macular a qualidade do relato do milagre.

Essa questão em torno da fé atribui a ela diferentes qualidades: uma coisa é o relato visto pela imprensa especializada, outra a visão do fiel e uma terceira ainda a forma como a relação de fé será explorada dentro de um procedimento religioso. Um milagre como o de Ana Maria, citado anteriormente, talvez até fosse capaz de sustentar um processo – pois ela fez oração somente para frei Galvão, não fala de outros santos –, mas esbarra em outro ponto de discussão para as pessoas, a imprensa, o Mosteiro da Luz, que é a inexistência de uma vivência física, material, de elementos concretos que indiquem que ela foi e é uma milagrada.

Discussão essa que permeia especialmente o trabalho de irmã Célia, que busca essas graças somente direcionadas para uma pessoa que está sendo canonizada. Esse fato, no entanto, não é visto da mesma forma por um devoto: na hora do desespero, de uma grande dificuldade, o fiel muitas vezes se apega a vários santos e santas, quando não participa de mais de um culto religioso em diferentes religiões.

A fé – por conseguinte, acreditar que se foi testemunha da ação de um santo ou santa, que se alcançou uma cura não por remédios apenas, mas porque algo superior agiu conjuntamente – é um princípio extremamente rico de possibilidades nas falas de milagrados. Seja como for, essa devoção é o ponto de partida para a construção de uma história de milagre e de aproximação, no caso, com o frei Galvão. Logo após a canonização de frei Galvão, a revista eletrônica *Catolicismo* trouxe alguns relatos de pessoas sobre graças que envolviam a figura do frei.

Como sou testemunha de um acontecimento que se passou com uma senhora, minha conhecida há muitos anos, pego “carona” na publicação da revista Catolicismo sobre Santo Antonio de Sant’Anna Galvão para contar um fato. Essa senhora, após vários exames, pois sentia fortes dores estomacais, recebeu de seu médico o diagnóstico: úlcera. Mas, apesar do kit de remédios que tomava todos os dias, as dores não terminaram. Ela tinha perdido a esperança de melhorar, e deixou de tomar os remédios. Um dia sua filha levou-lhe os comprimidos receitados pelo médico e insistiu que ela os tomasse. Mas a senhora recusou, dizendo que de nada adiantavam. Mais tarde a filha retornou ao quarto da mãe, que gemia de dores, e disse-lhe:

— Se a senhora acredita mesmo em Deus, tome esta pílula.

A senhora tomou, deixou de sentir qualquer dor e perguntou, chorando de alegria:

— O que você me deu para tomar?

— Uma pílula de Frei Galvão!

Aquela senhora nunca mais sentiu as dores que a atormentavam. Frei Galvão: Rogai por nós! (B.F.Q. – SP)

“Bandeirante de Cristo”

Estou muito admirada com a revista desse mês [junho], principalmente com os textos sobre o nosso novo Santo Frei Galvão e sobre o Convento da Luz. Também me sensibilizaram muitíssimo as lembranças contadas pelos dois parentes do grande “Bandeirante de Cristo”, nosso “embaixador” junto de Deus. (M.S.G. – SP). (CORRESPONDÊNCIA..., 2007).

Na primeira correspondência publicada no *site*, o relato de uma graça é feito por um terceiro. Essa é então a maneira como o indivíduo, que redigiu a ocorrência, vê o fato; não é a visão da própria milagrada. E é marcante na sua fala, primeiro, a descrença da milagrada em torno do tratamento médico e a provocação feita pela filha: “se a senhora acredita mesmo em Deus tome esta pílula”. Ele quer reconstruir uma realidade de desilusão da mulher adoentada que, quando ingere a pílula de frei Galvão, quase que instantaneamente se livra das dores. Toda essa narrativa, passada a B.F.Q., se assemelha, para ele, a uma graça que não envolve apenas uma melhora de saúde. É um testemunho que demonstra como só a fé é capaz de salvar. Para o escritor do trecho acima, a cura é claramente fruto da fé na pílula e no frei, e não consequência de um tratamento médico, que ele não nega ter havido.

O segundo relato de M.S.G. demonstra que ler esses testemunhos, acerca de um santo, sobre como se deu o processo em torno da figura do frei, é relevante para formar sua opinião acerca desse indivíduo. A pessoa também se sensibilizou com uma matéria feita na edição de junho com dona Thereza Maia e seu esposo (LEMBRANÇAS, 2007), na qual falam da casa do tio, em Guaratinguetá, da figura dele e do ambiente de devoção que ali se formou. E mais, como a matéria a qual ele se refere serviu para enaltecer, na sua visão, o adjetivo de “bandeirante de Cristo”, associado ao frei, bem como amplia a qualidade, chamando-o de “embaixador” junto a Deus.

Um embaixador representa politicamente um Estado. Para o remetente da carta, frei Galvão representa a humanidade perante Deus. O relato tangencia uma ideia em torno da imagem de um frei que realmente é nobre, assim o fiel que escreve o entendeu. Como foi importante para ele ler o testemunho da família para melhor compreender quem foi o santo e

como ele viveu. E, para construir um caminho que o leva à figura do frei de Guaratinguetá, ele percorre uma trajetória diversa: não parte de um relato de milagre, por exemplo, e sim de um contato através da revista eletrônica, que lhe apresenta elementos que compõem o seu imaginário sobre essa pessoa. Segue abaixo uma reportagem da revista *Bons Fluidos* com a descrição de um milagre atribuído ao frei:

Igualmente devota de frei Galvão, a publicitária Maria Cecília Galoro recorreu às pílulas milagrosas, no fim de 2002, quando seu obstetra informou que a gravidez dela, de alto risco e por inseminação artificial, tinha grandes chances de não ser levada a termo por conta de uma abertura no útero: “Estava grávida de três bebês e o médico, que estava pessimista, recomendou repouso absoluto a partir do quarto mês. Mesmo assim, ele garantiu que a abertura não era reversível”, conta Maria Cecília.

Depois de tomar as pílulas durante 20 dias, porém, a cisão uterina desapareceu: “Foi uma intervenção divina com toda certeza. Meu útero fechou e meus bebês nasceram depois de 33 semanas de gestação”, garante ela – Beatriz, Júlia e Pedrinho estão aí para atestar o relato (FREI... 2007).

A reconstrução do milagre feita pela publicitária é marcante no sentido de que aponta para o fato de que, para ela, os seus filhos somente nasceram porque ela foi mais uma das agraciadas do frei. O relato trazido a público pela revista expõe uma memória de fé e de cura para a milagrada. Assim também a reportagem prossegue e salienta outra narrativa semelhante:

O caso da dentista Rosana Camino é igualmente surpreendente. Em 1999, os exames de pré-natal feitos nos três primeiros meses de sua gravidez planejada acusavam a existência de um único feto. “Depois disso, os médicos disseram que, na verdade, eu tinha gêmeos univitelinos e que um deles já estava morto.”

Depois disso, o quadro de Rosana passou a ser desesperador: “Como o feto morto não ia ser expelido pelo meu organismo, isso representava um sério risco de vida para o outro bebê e para mim mesma”, lembra.

Com muita fé e coragem, a dentista fez a novena do frei Galvão e milagrosamente se manteve saudável até o oitavo mês de gestação, quando foi submetida a um parto induzido: “Minha filha, Lara, nasceu forte, alegre e, muito importante, normal. Sem seqüela alguma!”, testemunha. “Devo a graça de ser mãe a frei Galvão!” (FREI... 2007).

A *Bons Fluidos* cita a dificuldade de uma mulher levar a cabo uma gestação de três bebês, citada no primeiro trecho da reportagem, e também mostra que o segundo relato, de gravidez novamente, é um relato de dificuldades e de fé da dentista. A revista traz os fatos, a manifestação de fé dessas mulheres, porém não deixa de mencionar que são pessoas que recorreram a tratamentos médicos conjuntamente, na tentativa de solucionarem seus problemas de gravidez.

Ambas as narrativas reforçam como frei Galvão talvez seja, realmente, um indivíduo diferenciado dos demais, um santo. Mas não só de testemunhos orais a imprensa se utilizou para apresentar o que pensa e entende ser frei Galvão. A rede de televisão Canção Nova, na comemoração do dia do santo em 2007, em seu boletim de notícias eletrônico, trouxe um relato de um milagre de quando Antonio Galvão de França ainda era vivo:

O seguinte testemunho foi do Dr. Afonso d’Escagnole Taunay: “Um cavaleiro que passava alta madrugada por São Paulo viu Frei Galvão sentado à soleira de entrada de uma casa. Ofereceu-lhe o cavalo, propondo-se a acompanhá-lo até o Recolhimento, fazendo-se ver que ele se arriscava a adoecer, imobilizado, como estava, sob tão áspera temperatura e sob garoa. Frei Galvão agradeceu

a oferta, porém não aceitou, argumentando que precisava demorar-se aonde estava, tendo para tanto motivos fortes. O cavaleiro não insistiu e seguiu viagem. Dela voltando, soube do fato que impressionara muito a cidade, e fê-lo estremecer: na manhã seguinte foi achado morto em sua própria casa, um homem rico que vivia solitário, avarento e agiota. Era exatamente o morador do prédio em cuja soleira estava Frei Galvão.” (CONHEÇA... 2007).

Tanto o *site*, como a rede de televisão Canção Nova, têm uma proposta católica e são frutos de uma comunidade religiosa do Vale do Paraíba, em Cachoeira Paulista (SP). O monsenhor Jonas Abib, com outros membros, fundou há mais de 30 anos uma comunidade católica nessa região. O padre Jonas, em 2007, recebeu o título de Monsenhor pela diocese de Lorena, próxima a Guaratinguetá, pelo seu trabalho evangelizador e social; ele também é músico e escritor, além de ter uma participação ativa como membro do Conselho Nacional da Renovação Carismática.

Atualmente, tudo está vinculado à Fundação João Paulo II, que abriga a comunidade Canção Nova de Cachoeira Paulista e ainda uma emissora de televisão, a Rede Canção Nova de Televisão, o portal eletrônico de mesmo nome, a WebTV, a emissora de rádio, que está no ar há mais de 26 anos, bem como abarca obras sociais – o Instituto Canção Nova, o qual trabalha com cerca de mil crianças e adolescentes; a Casa do Bom Samaritano, que atende em média 70 mil pessoas por ano, fazendo um trabalho de reintegração de migrantes, moradores de rua e famílias em situações de risco – e mantém o Posto Médico Padre Pio, no município de origem, o qual atende mais de 60 mil pessoas por ano. A Fundação João Paulo II, a Canção Nova, é mantida por doações de associados.

O exemplo citado no seu *site* é amalgamado por elementos que tanto apontam a nobreza novamente de frei Galvão, como a sua simplicidade franciscana. Primeiramente, o relato é feito, conforme menciona a página eletrônica, por Afonso de Taunay, homem rico e de notória participação na política do Brasil no final do século XIX e início do século XX. Mais conhecido como Visconde de Taunay, teve atuação junto ao Museu Paulista de São Paulo, por exemplo. Era um homem de destaque no cenário paulistano do período de frei Galvão, um nobre, um homem abastado, culto. Usá-lo como fonte para falar de frei Galvão acaba apontando no sentido de demonstrar fidedignidade quando se fala do santo, até porque, como é Taunay quem fala, sua própria descrição confere mais fidelidade e notoriedade à figura do frei.

Noutro sentido, demonstra a reação de simplicidade do frei, ao negar o cavalo, o que reforça o caráter de despojamento e desapego de um frade franciscano. E encerra por mostrar uma relação mística entre o defunto do dia seguinte e o frei sentado à porta da casa desse um dia antes. O portal eletrônico da Canção Nova não questiona o relato antigo, a possibilidade de ele ser apenas uma grande coincidência, por exemplo; simplesmente cita o fato, o que

acaba por reforçar mais ainda uma memória do frei. Além disso, o fato é narrado por alguém de destaque na sociedade brasileira, fato que atribui também credibilidade à narração, seja hoje, seja no tempo em que ela foi produzida.

E prossegue a página da internet com outros exemplos. Todos eles relativos ao tempo em que o frei ainda era vivo. Tanto o portal da Canção Nova como os demais citados anteriormente e outros tipos de fontes jornalísticas auxiliam sobremodo na manutenção de uma memória de Antonio Galvão de França; divulgam relatos e depoimentos de fé e de milagres; colaboram para fazer dele alguém mais conhecido; e, por fim, com suas matérias e reportagens, independentemente das intenções de cada fonte, fortalecem esses depoimentos que legitimam e atestam o poder divino e os dons sobrenaturais que eram próprios da figura de frei Galvão.

Nessa sequência, contudo, valerá a pena iniciar um novo item do capítulo, o qual se pautará na análise e apresentação de alguns relatos de milagres que remetem à vida e obra de Antonio Galvão de França.

2.2 Os relatos de milagres de frei Galvão em vida

Clarividência

Uma menina foi levada à presença de Frei Galvão. No decorrer da conversa, perguntou a ela sobre o que desejava ser. Respondeu que queria ser freira. Frei Antonio a abençoou com carinho e profeticamente lhe confirma a vocação. De fato, aos 19 anos ela ingressa em um Convento.

Levitação

No Mosteiro da Luz há vários testemunhos sobre a capacidade de Frei Galvão tinha de levitar. Dentre eles, há o relato de uma senhora nos seguintes termos: caminhando em plena rua, pôde observar o Frade que se aproximava todo recolhido. Ao se cruzarem, ela exclamou, espantada: “Senhor Padre, vossemecê anda sem pisar no chão?” E o Frei sorriu, saudou e seguiu diante.

Telepercepção

Antigamente, quando os sinos badalavam fora de horário de reza, a comunidade se reunia pois sabia que algo de extraordinário acontecera. Certo dia, os sinos do Mosteiro tocaram e a população atendeu a convocação. Frei Galvão, então já bem idoso, anunciou: “Rebentou em Portugal uma revolução” (talvez a de 1820). E relatou detalhes como se estivesse assistindo a tudo pessoalmente. Semanas depois, chegaram notícias confirmando as visões de Frei Galvão (CONHEÇA... 2007).

Tanto na beatificação quanto na canonização, a imprensa apresentou alguns relatos históricos da vida do frei franciscano. Os três acima, apresentados no *site* da Canção Nova, são reproduções de uma memória construída ao longo dos séculos que se passaram. Dessa forma, quando a imprensa publica essas lembranças acaba ela também colaborando para a manutenção da memória do santo. São relatos que não necessariamente tratam de curas ou graças devotadas às pessoas, contudo são narrativas construídas historicamente que apontam para um outro ponto que marca a história de Antonio Galvão: ele tinha dons extraordinários,

sobre-humanos, como a levitação e o teletransporte. E esse é o objetivo da notícia: proclamar – o que acaba reforçando também – a ideia de que ele era (já dava sinais desde sua existência) alguém excepcional no sentido de suas potencialidades espirituais; e como a reportagem é do dia da comemoração do frei (25 de outubro), a publicação dessas memórias também tem a função de tornar um pouco mais conhecido quem foi o primeiro santo brasileiro canonizado pela santa Sé. E não são esses relatos ultrapassados ou descontextualizados; são válidos até hoje. Milagres valem para quaisquer tempos e lugares.

Há relatos de gestos que se tornaram bastante conhecidos, os quais dizem respeito ao tempo em que o frei vivia. Alguns deles são trabalhados nas biografias do santo. Um deles, como conta Thereza Maia (2007, p. 15-16), sobrinha do frei, ficou conhecido como o milagre de Potunduba:

Foi por volta de 1810. Capataz de uma monção que vinha de Cuiabá, “abicada à noitinha em Potunduba, à margem do Tietê” (município de Jaú), Manoel Portes, que havia chicoteado um membro de sua flotilha, foi por este mortalmente apunhalado. Sentindo-se perdido, invocou Frei Galvão, para se confessar, tendo as tripulações atônitas, presenciado a chegada do frade àquele local deserto. Aproximando-se do agonizante, ouviu as suas últimas palavras, absolveu-o e desapareceu de relance, deixando a todos estarecidos. Nesse mesmo momento, Frei Galvão, que pregava numa igreja, em São Paulo, interrompera a prática para pedir à assistência que com ele orasse pela salvação da alma de um cristão que, longe dali, estava agonizando. Uma capela memoriza esse episódio, sendo um centro de devoção a Frei Galvão.

Merece destaque o fato de que, apesar de dona Thereza não ter visto um fenômeno como esse, para ela, se põe como inquestionável a veracidade do ocorrido. Ela acredita no que, desde sua infância, ouviu de seus pais e avós e passa isso como sendo, para ela, uma verdade. É uma visão não só permeada pela sua religiosidade – ela é também católica –, mas faz parte de uma memória que é a da sua família, de seus ascendentes, que passaram isso para as gerações seguintes.

O milagre de Potunduba, apesar de ter se dado há quase duzentos anos, ainda é atual e é por isso que dona Thereza o reconta em sua biografia. Assim como ela, outros biógrafos citaram esse feito, mais uma vez mostrando que o fato em si, a narrativa de uma cura, de um teletransporte, são narrativas que em qualquer tempo servem para mostrar o que é ou foi um milagre. Nos trabalhos da beatificação de frei Galvão, volume que trata do processo (CONGREGATIO DE CAUSIS SANCTORUM, 1993, p. 313), há menção ao feito de Potunduba. Ali cita um jornal, *Correio de Jahú*, em 1900, o feito do frade franciscano.

No Potunduba existe uma cruz secular em que se apoia uma taboleta de que damos o seguinte clichê, sendo a inscrição que ali se lê, gravada em alto relevo; “este presente lugar dizem q’ ouve um prodígio, do frei Antonio Galvão vindo da Cid.e de São Paulo confessar a Manoel Portes que estava a morte”. Sobre o mysterioso facto de que esta lacônia inscrição nos dá noticia refere a seguinte lenda: Manoel Portes, tendo desastradamente recebido profundo golpe de faca, quando com esta picava o matto, recolhera-se à barraca que armara a alguns passos do rio Tieté, soffrendo grande hemorragia.

Sentindo a aproximação da morte manifestára ardente desejo de se confessar a Frei Antonio Galvão, virtuoso ministro de Christo, que achava-se em S. Paulo, a fim de

receber o perdão e tranquilamente entregar a alma a Deus. Momentos depois enorme tufão se fôrma e Manoel Portes sente o seu espírito comunicar-se ao de Frei Galvão. (Sebastião Teixeira publicou das Oficinas do *Correio de Jahú*, em 1990, capítulo I, 5).

O jornal em questão entendia o fato trágico da morte de Manoel Portes como sendo algo misterioso. E é importante lembrar, como destaca a notícia, que esse local foi marcado com a cruz e pela capela, a fim de identificar onde se deu o milagre¹⁶. No lugar do suposto milagre, então, se constitui um monumento para, dessa forma, eternizar o acontecido e perenizar a cena que ali se sucedeu. E, além disso, era de praxe, como ensina Mott (2007) marcar o lugar de mortes trágicas (acidentes e assassinatos, por exemplo) com cruzeiros na estrada e nos lugares onde o acontecido se deu. Até hoje isso é observado em algumas rodovias brasileiras: cruzeiros de madeira, fincadas em beiras de estrada. Não se sabe quem morreu ali, mas aquela cruz remete imediatamente à ideia de que, muito provavelmente, naquele local tenha ocorrido um acidente com vítimas fatais. Outro ponto que Mott (2007) aponta em seu texto é que a confissão era uma prática muito importante na vida de um cristão-católico. Não que hoje não seja, mas a sua necessidade e a realização era imprescindível no cotidiano da religião, das pessoas, além de ser uma forma de controle social dos fiéis e devotos.

Tanto as narrativas antigas – como a do jornal – quanto os quadros expostos na casa do frei, em Guaratinguetá, são elementos que fazem parte do processo de construção da biografia desse homem e que contribuem para reforçar um imaginário em torno de uma figura que é construída como sendo alguém especial.

O quadro que retrata o milagre de Potunduba é todo ele constituído para mostrar ao observador o dom do teletransporte (o quadro está dividido ao meio, numa parte, frei Galvão celebra a cerimônia em São Paulo, na outra, tem Manoel Portes nos braços), bem como retrata um frei Galvão caridoso e compassivo com o sofrimento alheio – no caso, de Manoel Portes. E há uma caracterização do moribundo bastante peculiar: um homem de cabelos longos, vestes brancas, barbudo, desenho que pode promover uma associação com a figura de Cristo, pelos traços físicos. E, por fim, vale perceber o destaque à figura do frei, com uma aura iluminada à sua volta, destacando talvez sua santidade e seus dons divinos. Com essas pinturas da Casa do frei se reafirma tanto os milagres a ele atribuídos, mas também se reforça a memória em torno dos mesmos e do homem que os realizou.

¹⁶ Freitas (2006, p. 2), em seu trabalho sobre o culto a mortos famosos de cemitérios do Rio Grande do Norte, explica que, no dia de finados, as romarias para tais lugares é intensa. Torna-se um lugar de memória, que ela entende conforme a concepção de Nora, como um monumento que reativa constantemente o presente desse culto ao passado das pessoas que ali estão enterradas.



Ilustração 8 – Quadro da casa de frei Galvão, em Guaratinguetá, alusivo ao milagre de Potunduba.



Ilustração 9 – Quadro da casa de frei Galvão em Guaratinguetá, alusivo à passagem do frango do diabo.

Outro milagre que ficou bastante famoso entre os devotos do frei foi o do frango do diabo.

Residia em Itu um escravo liberto que, ficando doente, fez promessa de levar a Frei Galvão “uma vara de frangos” caso sarasse, o que de fato ocorreu. Por essa razão, amarrando as aves em uma vara, pôs-se a caminho. Aconteceu que, no meio da

jornada, três frangos lhe escaparam. Recolheu facilmente dois. O terceiro, um “carijó”, fugiu velozmente, irritando o velho, que gritou impaciente: – “Volta, frango do diabo!” Nesse momento, entrando em uma moita de espinhos, o frango se deixou apanhar. Após a caminhada, o liberto foi alegremente entregar seu presente ao Frade, que aceitou todas as aves, menos a “carijó”: – “Porque este frango, já o deste ao diabo!” (MAIA, 2007, p. 16).

Nesse exemplo, também reproduzido na biografia de dona Thereza Maia, não se vê a descrição de um milagre como o de cura anteriormente, e sim um sinal de clarividência. Mais se assemelha a cena a uma adivinhação por parte de Santo Antonio de Sant’Anna Galvão. Dona Thereza não é a milagrada, é descendente dos irmãos do frei, mas como é ela quem narra o fato, é perceptível em sua forma de ver os atos do tio santo como sendo todos eles provas, evidências da santidade desse homem que apesar de ela não ter conhecido, lhe é tão familiar pelas histórias que ouviu a vida toda e que hoje reconta. Em momento algum, por sua formação cristã e pela história de sua família, veria ela esse fenômeno como uma simples adivinhação, ou como coincidência até. Para ela, a cena do “frango do diabo” é prova de que frei Galvão era perspicaz quanto ao demônio e jamais se aliaria a ele, mesmo que por um gesto tão insignificante quanto ganhar um frango.

No entanto, o que é importante nessa passagem é a negação de uma proximidade do frei com a figura do demônio, e é isso que o relato e o quadro exposto na casa querem reforçar. No quadro, frei Galvão rechaça o frango do diabo; ao lado estão pintados os frangos que ele aceita, e afasta com a mão o carijó que o escravo liberto lhe trazia. Outro ponto que se ilustra é a relação entre o frei e um escravo liberto. Ele tanto socorreu negros como capatazes, mulheres e seus filhos. Há, dessa maneira, uma lógica na construção de uma narrativa nos quadros da casa. Eles não somente apontam os milagres e ajudam na formação de uma memória, mas também mostram um frei que atendia a todos e todas, desde quando estava vivo. Os milagres, ou melhor, as narrativas de passagens de sua vida transitavam desde o espaço sagrado, em igrejas, no Mosteiro, como em encontros triviais na rua, com escravos e com ricos. No livro de Santos (2007, p. 58), há uma passagem que narra um fato de sua vida:

Outra ocasião, ele se encontrava na porta de uma casa de pessoas abastadas, esperando uma esmola para o Recolhimento da Luz. Duas pessoas o viram nessa hora e, a grande distância, comentaram entre si:

– Até Frei Galvão adula os ricos...

Quando se aproximam do religioso, este os repreendeu:

– Não estou adulando os ricos, estou esperando uma esmola para o convento.

Os culpados, evidentemente, ficaram confundidos e lhe pediram perdão pelo mau juízo.

Ele marcou sua trajetória de vida com fatos que vão da casa-grande à senzala, de ricos a pobres como o escravo liberto do frango do diabo. Isso aponta, de certa forma, uma harmonização da sociedade na qual ele vivia: como ele tinha trânsito livre entre as classes sociais, entre ricos e

pobres, religiosos e capatazes, de alguma forma se registra uma sociedade brasileira do fim do século XVIII e século XIX harmoniosa, sem grandes conflitos ou embates sociais.

Esses relatos são, também, fruto da época na qual o frei viveu. Ele vivenciou o Brasil-Colônia. Quando faleceu em dezembro de 1822, o Brasil havia conquistado sua independência de Portugal há três meses. Obviamente soube do ocorrido, mas vivenciou uma época em que a religião mais forte e, provavelmente, a única aceita livremente era o Catolicismo. Mott (2007) consegue registrar perfeitamente essa realidade. Não que não houvesse práticas religiosas dos negros e de índios; sim, havia, mas essas não eram nem mesmo aceitas pelo português. Como esse catequizava os nativos e os escravos, obrigava-os a celebrar o culto religioso do católico em detrimento do que eles acreditavam.

Essa convivência nunca foi, no entanto, pacífica, como aponta o autor. Ao mesmo tempo em que o escravo negro, principalmente, se tornou “católico” (por imposição do colonizador), ele ainda praticava às escondidas o calundu, a fim de não deixar de devocionar seus deuses e orixás, bem como também se vingava da religião do homem branco, na qual muitas vezes era introduzido, sem mesmo entender ou aceitar sua moral religiosa. Mott (2007) dá uma série de exemplos do âmbito da vida religiosa das pessoas no Brasil-Colônia de pessoas que se vingavam dos santos católicos: ou porque seus pedidos não eram atendidos por esse, ou apenas pelo sentimento de vingança por algum que não apreciavam.

E mais do que isso, qualquer prática ou gesto que não se identificasse com a prática do Catolicismo, poderia ser encarado como bruxaria e feitiçaria pelo clero. Isso não quer dizer que frei Galvão achasse que houve qualquer tipo de feitiçaria por parte do escravo liberto, mas a simples associação daquele animal com a figura demoníaca foi suficiente para que ele entendesse ser melhor se afastar do que aceitar o animal.

Mas não só pelos seus dons sobre-humanos se destacou o frei. Ele também era visto como um indivíduo capaz de promover graças e milagres nas pessoas. E o mais famoso, provavelmente, é o que se deu justamente com a criação das pílulas de papel. Esse acontecimento, em especial, para Santos e para dona Thereza Maia implica, na verdade, em duas graças.

Certo dia, Frei Galvão foi procurado por um senhor muito aflito, porque sua mulher estava em trabalho de parto e em perigo de perder a vida. Frei Galvão escreveu em três papelinhos o versículo do Ofício da Santíssima Virgem: *Post partum Virgo Inviolata permansisti: Dei Genitrix intercede pro nobis* (Depois do parto, ó Virgem, permanecesstes intacta: Mãe de Deus, intercedei por nós). Deu-os ao homem, que por sua vez levou-os à esposa. Apenas a mulher ingeriu os papelinhos que Frei Galvão enrolara como uma pílula, a criança nasceu normalmente.

Caso idêntico deu-se com um jovem que se estorcia com dores provocadas por cálculos visicais. Frei Galvão fez outras pílulas semelhantes e deu-as ao moço. Após ingerir os papelinhos, o jovem expeliu os cálculos e ficou curado.

Esta foi a origem dos milagrosos papelinhos, que, desde então, foram muito procurados pelos devotos de Frei Galvão, até hoje o Mosteiro fornece para as pessoas que têm fé na intercessão do Servo de Deus. (SANTOS, 2007, p. 69)

O que se manteve ao longo do tempo é que duas pessoas, ao menos, foram socorridas pelo mesmo instrumento, as pílulas de papel. E esse é um objeto inextrincável da análise para melhor compreender quem foi Antonio Galvão de França. Mais do que isso, o próprio frei continua vivo de certa forma através das pílulas, pois a ideia delas, a concepção das mesmas partiu dele, e esse gesto o eternizou como sendo o criador das pílulas do Mosteiro da Luz.

Tanto dona Thereza quanto o biógrafo supracitado não discutem essa memória, apenas reproduzem isso em seus livros, no intuito de fazer dessa memória quase que uma prova da santidade do frei e de sua capacidade de curar os outros.



Ilustração 17 – Oratório da casa de frei Galvão, com ele confeccionando as pílulas. O Oratório mantém as portas que eram de um outro, o qual ficava exposto na igreja de Santo Antonio, onde o santo foi batizado. Casa de frei Galvão, Guaratinguetá.

E a partir do momento em que uma narrativa como essa é alimentada, reproduzida, reforça a ideia de que o frei de Guaratinguetá era alguém dotado de poderes de cura e de conceder graças.

Evidentemente os santos, que são generosos imitadores de Jesus nas virtudes, também o são no modo de operar os milagres.

É bom que essa seja a característica dos milagres, a fim de que fique evidente a ação de Deus: os santos são instrumentos de Deus, o qual é o agente principal (PROJA, 2007, p. 92).

O milagre é mais do que uma ação: é uma manifestação de Deus Pai, para o Cristianismo. Os santos, como dito acima, são o instrumento, pois quem promove mesmo o milagre não são eles. É essa conclusão do autor que representa parte da voz da Igreja Católica no tocante ao assunto. Os santos, na visão do autor, são pessoas que seguiram ou se propuseram a seguir à risca a vida e as obras de Jesus Cristo. O santo é alguém que opera essa relação entre o ser humano, que pede, e Deus, que está acima de todos e dos santos também. Porém, apesar de essa relação ser assim entendida, no momento da descrição do fato, quem é enaltecido por suas virtudes é a própria figura do santo, reforçando o fato de que ele foi capaz de promover uma cura. E isso parece ainda mais evidente no caso do frei, pois foi ele quem criou a pílula, é dele a fabricação, o gesto, a feitura da primeira pílula utilizada. A memória que se constrói de santidade é para ele e não para Deus, por assim dizer. Para o catecismo da Igreja Católica:

A graça é antes de tudo e principalmente o dom do Espírito que nos justifica e nos santifica. Mas a graça compreende igualmente os dons que o Espírito nos concede, para nos associar à sua obra, para nos tornar capazes de colaborar com a salvação dos outros e com o crescimento do corpo de Cristo, a Igreja. São as *graças sacramentais* dons próprios dos diferentes sacramentos. São, além disso, as *graças especiais*, chamadas também “carismas”, segundo a palavra grega empregada por S. Paulo e que significa favor, dom gratuito, benefício. Seja qual for seu caráter, às vezes extraordinário, como o dom dos milagres ou das línguas, os carismas se ordenam à graça santificante e têm como meta o bem comum da Igreja. Acham-se a serviço da caridade, que edifica a Igreja. (...).

Sendo de ordem sobrenatural, *a graça escapa à nossa experiência* e só pode ser conhecida pela fé. Não podemos, portanto, nos basear em nossos sentimentos ou em nossas obras para daí deduzir que estamos justificados e salvos. No entanto, segundo a palavra do Senhor: “É pelos seus frutos que os reconheceréis” (Mt 7,20), a consideração dos benefícios de Deus em nossa vida e na dos santos nos oferece uma garantia de que a graça está operando em nós e nos incita a uma fé sempre maior e a uma atitude de pobreza confiante. (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 1999, p. 528-529).

Sendo assim, a graça ou o milagre, em face do Catolicismo, depende da fé, de se crer naquilo que não se vê e não se toca. E o milagre consiste em uma infinita quantidade de acontecimentos e eventos: desde uma cura, até a obtenção de emprego, de pagamento de dívidas, de conseguir algum bem material, como uma casa, por exemplo. Tanto para frei Galvão quanto na história de outros santos, são os mais variados tipos que se apresentam. Santa Mônica, por exemplo, teve a graça de conseguir a conversão de seu filho, Santo Agostinho. Santa Edwirges agraciava os endividados, pagando-lhes as dívidas ou pagando a fiança da prisão para libertar os que estavam presos por tal motivo. E assim acaba por surgir um conjunto de santos que atendem as mais variadas necessidades e dores que afligem ao ser humano.

O que se quer colocar aqui é que, talvez seguindo passos de outros cultos antigos – nesse sentido, o sociólogo Stark (2006) tenta defender a ideia de que o Cristianismo seguiu os

passos de outras religiões para se firmar no Império Romano –, os primórdios do Cristianismo já valorizavam os personagens ligados à comunidade cristã. Esse mesmo autor utiliza-se de uma discussão a respeito dos primeiros mártires da Igreja Católica para mostrar como esses foram importantes para arrebanhar fiéis no paganismo, no Judaísmo. E, como os martírios eram feitos em público, a comunidade via, presenciava a coragem daquele homem ou daquela mulher que dava a vida em prol de um ideal.

Hoje, no entanto, a questão do martírio, quiçá, não tenha o mesmo significado que outrora teve. O foco atual é a santidade que um indivíduo demonstra em vida e, mediante reconhecimento dessa, oficializa-se a sua nova condição. Diversamente é o caso do frei com relação ao que se deu com os mártires de Cunhaú, no Rio Grande do Norte.

Durante o domínio flamengo, Cunhaú foi vendido a senhores holandeses para a exploração da cana-de-açúcar. Em 1645, ano da revolta portuguesa contra o invasor, os holandeses tentaram manter a capitania do Rio Grande do Norte, importante produtora de gado, sob seu domínio, instalando um regime de terror. Jacob Rabbi, um judeu, foi encarregado de executar a “política do medo”. Cunhaú foi determinado a ser o primeiro palco de matanças e dos incêndios. Surgiu a cena do domingo de 16 de julho de 1645; o velho padre André de Soveral ergueu a hóstia consagrada, os colonos de Cunhaú adoravam o Cristo sacramentado, quando os indos de Jacob Rabbi entraram na capela e mataram todos os participantes da missa. [...].

O massacre dos beatos mártires na capela de Cunhaú, em 16 de julho de 1645, provoca-nos sentimentos de repúdio aos protestantes holandeses e ao judeu Jacob Rabbi; mas é necessário esfriar tais sentimentos, olhando a história holandesa da época. Até 1609, a Holanda fazia parte do Império Espanhol. Com a Reforma Protestante, ela se tornou calvinista. Em 1556, Filipe II subiu ao trono espanhol e promoveu grande perseguição aos protestantes e judeus do Império. Quando proclamamos os nossos mártires católicos, não podemos esquecer os mártires protestantes (também cristãos) e os mártires judeus (também adoradores de Javé). Morrer pela fé católica é relativamente fácil, viver a fé cristã é mais difícil e me parece um melhor martírio (testemunho). (RULDOLF apud SILVA, 2006, p. 29-31)

Ainda durante o pontificado de João Paulo II, as pessoas massacradas em Cunhaú foram reconhecidas como mártires católicos. O mártir, nesse sentido, é quem deu a vida e lutou em prol da sua fé e vida e não quem efetuou um milagre. Sua posição na hierarquia dos servos de Deus é diferente da do santo: não pode o mártir ocupar os altares, somente será lembrado como um ser humano que devotou sua vida, deu-a em defesa da esposa de Cristo, a Igreja.

Isso é importante, no sentido de mostrar que há uma diferença quanto ao reconhecimento que é dado pelo Catolicismo para alguém como o frei e para alguém que morreu em Cunhaú. No Rio Grande do Norte também se tem, como explica a citação, uma situação que transcende uma questão religiosa; implica em uma disputa de território: expulsar inimigos e afastá-los do território. Mais do que se tratar de um exemplo de santidade, é um caso que retrata uma realidade social, política e econômica da região em questão.

A figura de frei Galvão não se destacou porque foi ele um mártir, no sentido de alguém que se sacrificou em defesa da sua fé, nem mesmo são seus dons sobrenaturais que o tornaram famoso perante o povo. Foi no dia a dia, na sua prática de vida de homem religioso que construiu sua fama, uma memória que até hoje permeia a vida dos fiéis. Essa fama é oriunda especialmente das graças que se crê ter ele concretizado. E essa memória se solidifica na ideia de que ele foi um santo capaz de produzir um remédio para a alma e para o corpo – as pílulas –, edificando-se também no imaginário dos devotos que ele é especialmente atento para com as mulheres grávidas e os doentes, consequência provavelmente desse gesto que se deu na invenção das pílulas.

Assim como esses eventos citados, há outros que ficaram conhecidos como o milagre do lenço, o dos fiéis e da chuva, o da mulher grávida (MAIA, 2007; SANTOS, 2007). Todas elas, narrativas do tempo em que o frei estava vivo. Foram passadas adiante, sobretudo pela oralidade. Quando se agrupam, se condensam em uma memória em torno do frei e acabam por fomentar a formação de um patrimônio do santo, que hoje é mantido com o auxílio da família, dos devotos e da Igreja.

A voz, nesse sentido, ainda mais ao tempo do frei – com poucos sujeitos letrados –, era uma forma de propagar uma notícia também, de tornar conhecido um fato, uma pessoa e suas atividades. Zumthor (2001) já trabalhou a questão da voz nas poesias e nas cantigas medievais. No entanto, ainda hoje e no tempo de frei Galvão, inclusive, ela é importantíssima como uma forma de fazer conhecer alguém ou alguma coisa, sobretudo em uma sociedade de maioria analfabeta.

A voz decerto une; só a escritura distingue eficazmente entre os termos daquilo cuja análise ela permite. No calor das presenças simultâneas em performance, a voz poética não tem outra função nem outro poder senão exaltar essa comunidade, no consentimento ou na resistência. (ZUMTHOR, 2001, p. 143)

No caso em questão, enaltecer o frei. E essas narrativas que se mantiveram compõem uma memória historicizada sobre ele. Vale a pena retomar a lição de Nora (1993) acerca da diferença entre memória e história. Buscando diferenciar memória de história, compreende que a primeira é um movimento, algo não acabado, pronto, mas sim em constante diálogo com a realidade, o que faz dela algo vívido, e não morto, pronto e encerrado. Sujeita a esquecimentos e recordações, multifacetada, é a matéria-prima sobre a qual se volta a história, que a reorganiza, ordena, classifica, para dar-lhe a faceta de uma matéria, agora, refletida, intencional, e com mensagens definidas. É dessa memória fragmentada que se alimentaram os relatos dos primeiros milagres do frei para a formação de uma narrativa histórica.

Mas a história, como hoje se nos apresenta, é permeada de relações e disputas, é a reconstrução não de uma, mas de muitas memórias, não é o próprio acontecimento, é uma reconstrução que, conforme os interesses de um grupo ou de uma comunidade, salienta alguns pontos em detrimento de outros que são esquecidos, negligenciados ou abafados. Por ser possível se pensar em muitas memórias, tal qual se torna viável falar em muitas histórias (FENELON, MACIEL, ALMEIDA, KHOURY, 2000), que podem ser contadas e escritas em torno de um mesmo assunto, sobre frei Galvão, por exemplo.

Nora (1993) separa o que ele entende ser a memória e a história. Na realidade, ambas não são tão díspares quanto o autor aponta; muito pelo contrário, estão muito mais misturadas e permeadas uma na outra, que certamente fica difícil saber onde uma começa e outra termina. Por isso cabe repensar inicialmente esse debate de Nora a fim de aprimorar a reflexão sobre a realidade estudada.

Essa memória vai além do debate de Nora, especialmente quando dialoga com a ideia de patrimônio. Como explica Paoli (1991, p. 25), “A noção de ‘patrimônio histórico’ deveria evocar estas dimensões múltiplas da cultura como imagens de um passado vivo: acontecimento e coisas que merecem ser preservadas porque são coletivamente significativas em sua diversidade”. Nesse texto, a autora tenta mostrar que a noção, muitas vezes, de história e patrimônio ficou limitada a definições que não abrangem o que realmente é uma memória popular, a história dos grupos, dos perdedores de batalhas, etc. Assim também, muitas vezes, o que é reconhecido como patrimônio não contempla o anseio social, uma realidade vivida, um passado negligenciado.

É justamente para pensar a memória e a história de modo diverso de Nora que Paoli entende que memória, história, patrimônio são um direito do cidadão, ou seja, ter acesso ao passado e ao antigo é direito de todos. Patrimônio, portanto, não é somente aquilo que hegemonicamente é definido como tal, e sim aquilo com que os grupos se identificam, que compõe suas histórias e memórias, que faz parte de suas vidas.

Dessa forma, é possível compreender melhor o que acontece no caso em questão. O patrimônio, nesse sentido, é tudo que diga respeito ao frei: não são só as pílulas, mas também os quadros que narram os milagres, os objetos, a Casa, o Mosteiro da Luz em São Paulo, a capela e a cruz em Jaú, os artigos de jornal com testemunhos. A partir do momento que se tem grupos, fiéis, pessoas que se identificam com esses objetos e prédios, narrativas e imagens, começa-se a compor um patrimônio que auxilia na preservação da memória de frei Galvão, de sua vida e de seus gestos.

Como entende Silva (2003, p. 41),

Sem perder de vista a grande importância dessa esfera edificada, ampliando sugestões contidas em alguns de seus analistas, é necessário incluir no patrimônio histórico outros campos artísticos [...], objetos cotidianos [...], materiais de diferentes arquivos, acervos bibliográficos, falas e práticas de múltiplos agentes sociais.

Essa ampliação não se confunde com a simples diversidade de “objetos” ou “temas” abordados pelos historiadores: está-se diante de fazeres sociais. Para cada material interpretado, há um contato com lutas, acordos, potencialidade, limites.

A história de frei Galvão e seu patrimônio, portanto, são resultado de um fazer social, que revela uma abordagem específica, qual seja, a de que ele era um homem santo, especial, diferente, milagreiro, extraordinário. Outras abordagens, provavelmente, não foram mantidas ou porque o fazer social não permitiu, nas disputas e lutas que se deram no tempo, ou porque o próprio esquecimento se encarregou de as apagar, sufocar, extinguir. Na costura dessa memória historicizada e na manutenção de um patrimônio, participaram fortemente essas narrativas da família, da Igreja, de devotos. São eles os indivíduos que compõem os sujeitos sociais que dizem quem foi Antonio Galvão de França, e são eles também que, movidos por seus interesses e intenções, por ventura, retiraram da cena os elementos que não julgaram procedentes de compor esse cenário.

O patrimônio é composto tanto em parte por uma cultura material, como dele pode participar, como ensina Silva, elementos de uma cultura imaterial, como as narrativas. Mas essas também se tornam materiais, quando são registradas e documentadas nos livros, nos quadros, nos testemunhos escritos. Os quadros da casa de frei Galvão, em Guaratinguetá, por exemplo, querem ser documentos aos olhos do visitante, que provam a veracidade da santidade, da vida e da trajetória do frei. Mas, para a história, não pode ser assim. Enquanto memória e como patrimônio material que o são, esses quadros revelam intenções, quais sejam, de formar uma compreensão do visitante sobre o frei. E a história que lá é vista nos quadros e objetos é especialmente uma história cotidiana, seja dele mesmo ou de sua família, dos milagres que realizou, dos locais por onde passou, dos feitos que praticou em vida.

Em suma, o patrimônio relativo a frei Galvão adquire relevância em face da História pela cultura que abarca, pelas relações sociais que estão por trás dele, pelas memórias que compõem esse patrimônio. Memória essa que implica em identidades, em uma religiosidade, em uma fé comum. Tudo isso faz com que o patrimônio ligado à figura do primeiro santo brasileiro seja relevante para seus devotos, para a Igreja Católica, para a família e para segmentos da sociedade em geral que, por motivações diversas, se identificam com as histórias que esse patrimônio possa contar.



Ilustração 18 – Quadro alusivo ao milagre da tempestade. Casa de frei Galvão, Guaratinguetá.

Um outro evento relativo à memória do frei é a passagem da tempestade, acima pintada. O frei estava celebrando uma missa na matriz de sua cidade natal, quando se formou uma grande tempestade. O povo começou a se preocupar e ele disse que não se apavorassem, pois na praça onde estavam não choveria. E a plaqueta embaixo do quadro conta que tal fato teria ocorrido também no dia de sua beatificação, no Vaticano, em Roma. Talvez, tenha se armado um grande temporal também, mas pelo que conta a placa, não deve ter chovido também.

Outro dom que Antonio Galvão de França manifestava e que ficou marcado em sua memória social é o fato de poder levitar. No quadro abaixo, foi pintada uma cena para aludir a esse dom. Não se trata de uma situação específica. O pintor queria fazer uma alusão a seguinte quadrinha: “Na minha aflição, Dai-me consolação, Senhor meu Frei Galvão, que não pisais no chão”. O quadro o retrata com uma aura iluminada a sua volta e ele levitando, sobre uma nuvem, com uma pena na mão, e uma mulher, provavelmente, voltada para ele e rogando-lhe, pedindo que o atenda em sua aflição. Sugere também a ideia de que ele seja um mediador entre Deus e os seres humanos. A pessoa evoca a ele, se aproxima dele, saudando ao santo que lhe aparece.



Ilustração 19 – Quadro alusivo à levitação de frei Galvão. Casa de frei Galvão, Guaratinguetá

A oralidade, a história e o patrimônio hoje reforçam o que a Igreja Católica identifica como elemento indispensável no processo de beatificação, que é a fama de santidade. Essa fama, à qual os livros se referem, bem como nos depoimentos das pessoas a ele ligadas, não surgiu espontaneamente. Aos olhos da postuladora do processo de frei Galvão, a fama de santidade é fruto da fé popular. Quando indagada sobre se ela, irmã Célia, havia entrevistado a família do frei, no tempo da beatificação, ela explicou:

Irmã Célia: Sim porque a família, mas na beatificação...A dona Thereza responde como testemunha no processo, porque o frei Galvão é uma causa histórica, tem duas coisas também diferentes, a Paulina não é uma causa histórica, é recente, ela morreu em 1942. O frei Galvão morreu em 1822. É uma causa histórica, então não tem sobrevivente, não tem testemunha ocular, então as testemunhas do frei Galvão, no processo, são da continuidade da fama de santidade. É sobre a continuação da fama de santidade. É diferente. Então a gente viu umas quatro irmãs, conhecidos, parentes, de longe, porque de perto não tem mais ninguém, algum advogado, dois padres, um franciscano e outro, umas pessoas leigas assim, né, que visitavam, que iam à missa, né? Umas 10 ou 20 pessoas a gente pegou, né, pra provar que a gente sabe a continuidade da fama de santidade. Aí é diferente, já a madre Paulina não era uma causa histórica, então a madre Paulina é rica porque ela tem testemunhas maravilhosas, e recentes, e sim porque nós ainda temos freira que conviveu com ela. A minha tia morreu há pouco, ela tinha 98 anos e conheceu, ela entrou com a madre Paulina, tanto que quando ela entrou, ela faz os votos, ela foi escalada pra ser enfermeira, e ela escreve uma cartinha

para a madre Paulina e a madre Paulina respondeu. Umas das coisas mais bonitas que eu já...E ela disse assim: “desde que...cuidar dos doentes. Tudo aquilo que se faz aos doentes, Deus o tem como feito a si mesmo. Os doentes são os prediletos de Deus”. Então sabe, são coisas assim, entende? Eu também conheci a Paulina. Pouquinho, porque eu era menina, mas eu vi. (cf. APÊNDICE B).

Os familiares no processo funcionam como testemunhas da história. E há que se ressaltar que os selecionados eram da família, padres, freis, freiras, gente que ia à missa como ela coloca. Ou seja, os testemunhos colhidos no processo para falar de frei Galvão foram intencionalmente selecionados; talvez, para não conflitarem entre si. O que se percebe na fala da irmã Célia é que se buscava saber da história dele, no sentido de direcioná-la na exploração dos pontos positivos que ela é capaz de aflorar, em detrimento de pontos que pudessem gerar confronto ou discórdia.

Ela faz questão de marcar as diferenças nesse sentido entre as testemunhas de frei Galvão e as do processo de Madre Paulina. Essa última faleceu em 1942; ainda muito recentemente, como comenta irmã Célia, havia testemunhas vivas, sua própria tia, que talvez ela tenha entrevistado para saber mais sobre santa madre Paulina. Mas no primeiro processo e tentativa de beatificar frei Galvão encontrou-se uma testemunha *de visu* como é chamada, uma anciã de 126 anos (isso em 1938) que havia conhecido frei Galvão (SANTOS, 2007). Não há detalhes se ela participou do primeiro processo com testemunhos ou lembranças, mas vale o registro porque, mesmo com uma grande diferença de tempo com relação à madre Paulina, em um dos processos do frei teve uma testemunha que o viu no Mosteiro da Luz. Quando ele faleceu, ela tinha apenas dez anos de idade.

O processo de beatificação é ele também parte desse patrimônio erigido. E como tal é produto de uma história que esconde contendas possíveis para amarrar uma reconstrução bem organizada, estruturada e sedimentada em alguns pontos, não em todos, e em especial em pontos que sejam valorosos e reforcem a fama de santo que ele tinha e tem. E a questão que salta é se, como ser humano, Antonio Galvão de França nunca evidenciou fraquezas.

A título de exemplificação, no trabalho de Santos (2007), é narrada uma passagem a respeito de São Pio X. Quando jovem, fragilizado por causa de uma dor de dente, e provocado por uma de suas irmãs, deu-lhe um tapa no rosto. Após sua morte, essa irmã sua foi testemunha no processo e talvez sem querer deixou escapar o acontecido. Por conta desse tapa na cara na sua adolescência, Pio X quase não foi canonizado.

Outro exemplo de processo de beatificação que vale lembrar no sentido de compreender as diferenças é o de padre Anchieta. Há relatos históricos de sua vivência com índios brasileiros e ele, certamente, soube de várias atrocidades cometidas com os mesmos e talvez não tenha tido

coragem de enfrentar ou debater. Mas em uma passagem, Ribeiro (1997, p. 49-50) dá um exemplo claro da hostilidade, inclusive do próprio Anchieta, com os índios brasileiros:

As crônicas coloniais registram copiosamente essa guerra sem quartel de europeus armados de canhões e arcabuzes contra indígenas que contavam unicamente com tacapes, zarabatanas, arcos e flechas. Ainda assim, os cronistas destacam com gosto e orgulho o heroísmo lusitano. Esse é o caso das loas do padre Anchieta a Mem de Sá, subjuguador das populações aborígenes para escravizá-los ou colocá-los em mãos de missionários. Anchieta, descuidado da cordura que corresponderia à sua futura santidade, louva assim o bravo governador: “Quem poderá contar os gestos heróicos do Chefe/ à frente dos soldados, na imensa mata:/ Cento e sessenta as aldeias incendiadas,/ Mil casas arruinadas pela chama devoradora,/ Assolados os campos, com suas riquezas,/ Passado tudo ao fio da espada.”

Esses exemplos são aqui apresentados no sentido de revelar que o próprio processo cânone é em si a reconstrução de uma história, a qual ajuda sobremodo na formação inicial de um patrimônio histórico em torno da figura dos santos e beatos.

E prosseguindo, é necessário retomar que irmã Célia faz questão de mencionar que isso, ou seja, o processo dele foi diferente do processo da madre Paulina, pois esse ainda contou com depoentes vivos, que viveram com a madre. Mais relevantes, portanto, aos olhos dela, porque além de ouvirem dizer, as testemunhas viram, conheceram, falaram com a madre, participaram da vida dela, inclusive a postuladora, como diz no final da fala. Mas ainda assim o fato de ela, inclusive, ter vivido com a madre, não faz de seu relato mais afirmativo que o de dona Thereza no processo do frei. Vale sublinhar que, em ambos os casos, há um produto, o relato, o testemunho, que é fruto de uma memória e de um conhecimento.

Dessa forma, o que a postuladora e o corpo de pessoas envolvidas em um processo de beatificação faz é dar espaço para que as testemunhas reconstruam a seu modo a narrativa que referenda a fama de santidade. E a fama de santidade é realmente isso: é buscar identificar vozes, falas, clamores que rondam a personalidade e a trajetória de vida de um candidato a santo ou santa. A fama de santidade é a própria história, não a verdade vivida e experimentada pelo santo.

Em 1934, por exemplo, foi feita uma lista com mais de 50 mil assinaturas – encabeçadas pelo Monsenhor João Batista Martins Ladeira, vigário-geral da arquidiocese de São Paulo – que pediam a beatificação de frei Galvão (CONGREGATIO DE CAUSIS SANCTORUM, 1993, p. 261, 271)¹⁷. Fato que quer demonstrar quão ele era popular, a ponto de se conseguir, nessa época, uma expressiva lista de assinaturas. Essa lista ajuda a agregar

¹⁷ “S. PAULO, AML (Arquivos do Mosteiro da Luz): Termo de abertura do livro para a coleta de assinaturas dos devotos de Frei Antonio de Sant’Anna Galvão, em vista de sua beatificação: 26 de julho de 1934. O Mosteiro da Luz conserva diversos livros com milhares de assinaturas de fiéis devotos, que solicitam a beatificação de Frei Galvão. O termo do 1º volume iniciado em 1934, escrito por Mons. Martins Ladeira, é uma página que comprova a veneração por Frei Galvão, muito antes de ser aberto o Processo, em 1938.” (CONGREGATIO DE CAUSIS SANCTORUM, 1993, p. 271)

mais positividade à fama, compõe o patrimônio e auxilia na manutenção da história de que Antonio Galvão de França realmente foi um homem santo.

A fama de santidade, como narrativa histórica, portanto, é alimentada diariamente. Depois da beatificação, veio a canonização, que se pautou em relatos e falas de pessoas que se entendem e que a Igreja entende serem testemunhas vivas de que frei Galvão é santo. Dos milagres salutareis nesse cenário, o da Daniella e o de Sandra e seu filho Enzo são os mais populares, e foram explorados pelos meios de comunicação, durante os processos de beatificação e de canonização, o que forneceu material para a imprensa debater, reforçando a formação de um patrimônio próprio. E nesse sentido, não é possível falar de frei Galvão sem refletir sobre o evento da cura de Daniella e do nascimento de Enzo, pois são eles os indivíduos, são a própria referência de quando se quer lembrar da obra do Santo Antonio de Sant'Anna Galvão.

2.3 As tentativas de beatificar frei Galvão e a consecução com o milagre de Daniella

Antes de avaliar o milagre da menina Daniela, algumas narrativas ou cartas estão apresentadas no processo, como as que seguem. É importante expor alguns exemplos, pois o processo que beatificou frei Galvão não é novo; tem algumas décadas de escrita. Iniciou-se nos anos de 1930, após várias idas e vindas, findando nos anos de 1990.

1936 – *Sor Myrian na Biografia do “Venerável Servo de Deus Frei Antonio de Sant’Anna Galvão”* p. 207-216, transcreve várias graças recebidas [...]:

a) Dr. J. de Q. A., residente em São Paulo, tem uma filha (hoje residente no Rio de Janeiro, casa com um distinto católico e ilustre advogado), que, quando pequena, se lhe manifestou pronunciados sintomas da terrível paralisia infantil. Dois notáveis médicos que a examinaram, declararam tratar-se de um caso de difícil cura. Como os tratamentos médicos não produzissem efeito, a avó da enferma, senhora piedosa, recorreu à proteção do Servo de Deus, Frei Galvão, de quem seus pais foram contemporâneos, e lhe narraram prodígios estupendos, operados em vida pelo santo religioso. Com muita fé e confiança resolveu a boa senhora levar a querida neta ao Convento da Luz, uma vez por mês no espaço de um ano e fazer a menina andar por sobre a sepultura do Servo de Deus. Na última visita ficou a menina radicalmente curada da paralisia do pé e do joelho direito! Dessa ocasião até hoje, a agraciada não sofreu mais de nenhuma moléstia que tivesse relação direta ou indireta, com a antiga paralisia. A cura foi pois completa e evidentemente obtida do céu, intercessão do Frei Galvão. (CONGREGATIO DE CAUSIS SANCTORUM, 1993, p. 348).

A primeira biografia de frei Galvão foi feita na década de 1930 e, nesse tempo, houve a primeira tentativa de abertura do processo de beatificação. Por isso, vários relatos dessa época constam do volume, pois todas as vezes que o processo era reaberto, novos

depoimentos se juntavam aos já existentes. Sobre a transcrição acima, do Dr. J. de Q. A., não está explícito se é uma carta recebida pela Sor Myrian ou se é ela quem redige, com base em um relato, o milagre associado ao frei. No entanto, no início do relato, quando se explica o grau de paralisia da filha desse advogado católico, os médicos consultados não eximiram a possibilidade de cura, apenas apontaram a dificuldade de conquistá-la. A menina foi submetida a tratamentos médicos, mas a avó recorre ao santo, sendo ela uma pessoa que já tinha conhecimento de uma história que indicava os poderes miraculosos de frei Galvão.

E como sabia da relação entre o Convento da Luz e o frei, levou a menina até lá, e a fazia andar sobre a sepultura dele, dentro da capela. Esse gesto – andar sobre o túmulo – revela uma face importante na relação do devoto com o frei, qual seja, a de que espaços, lugares, objetos e monumentos relativos ao frei também têm potencialidades. O túmulo foi o monumento erigido dentro da pequena igreja do Mosteiro para eternizar a vida e trajetória de frei Galvão, local onde estão depositados seus restos mortais. E para alguns devotos, aquele não é um simples túmulo, mas o de alguém santo; por conseguinte, por meio dele, tocando-o, se pode alcançar graças e curas. E não só seu túmulo é importante; quando ele faleceu, provavelmente, era conhecido nos lugares por onde passou. Conta a história que, no dia de sua morte, tanta gente acorreu ao Mosteiro da Luz querendo uma relíquia sua, um pedacinho seu, que as suas vestes chegaram na altura do joelho. Em resumo, esses lugares e objetos tornados sagrados pelas práticas religiosas dos devotos (o túmulo, o hábito) acabam por também se tornarem lugares de memória.

Na exumação, como afirma a plaqueta do quadro abaixo, isso se teria confirmado, pois teriam encontrado um hábito pequeno para um homem alto como ele (mais de um metro e noventa centímetros). O quadro ainda traz outros detalhes, como a figura de Nossa Senhora Aparecida ao fundo, a cabeça do frei iluminada por uma aura, um outro quadro com Sant'Anna, provavelmente, e Maria menina, fazendo referência à devoção do frei à avó de Jesus.



Ilustração 20 – Quadro alusivo ao dia da morte de frei Galvão (23/12/1822). Nele, as pessoas estão à sua volta, umas bem próximas, recortando seu hábito. Casa de frei Galvão, Guaratinguetá.

1966 – São Paulo, Capital:

Muito pequenina, com a alma de joelhos, venho narrar um fato: “Foi domingo, dia 7 de novembro p.p., o dia em que eu passei o maior e mais terrível susto. Fomos eu, meu marido e filhos ver nossa casa em construção (Guarulhos). Quando fazíamos planos na cozinha, minha filha gritou – mamãe a Regininha caiu no poço. É na área, pertinho da cozinha. O poço estava tampado com uma lage de cimento, que no entanto devia estar partida e não se notava. Meu marido olhou e saiu correndo, desesperado em busca de socorro, procurando uma corda. Teve a lucidez necessária ao invés de ficar em pânico. Eu por minha vez, pedi à minha menina que tomasse conta dos pequenos que eu queria olhar a que estava caída no poço. Ajoelhei, pensando como pode uma mãe aqui em cima e minha filha numa profundidade de 12 metros, mais 2 de água. Ajoelhada, com as mãos ao alto, rezei gritando por Jesus e por Frei Galvão. Rezei gritei pela menina, para ela perceber que eu aí estava esperando-a e que ela não estava sòzinha. Foi então grande a fé com que pedi a Frei Galvão que derrepente vi que a menina ficava sobre a água, e que segurava em qualquer coisa as mãozinhas. Falei com ela. – Segura mais minha filha. E ela me respondeu. Não posso mais mamãe. Então eu já não estava mais desesperada, sabia que ela estava salva, (o que não se dava com o pai, que de longe não sabia se ela estava viva ainda, não tinha o consolo que eu tive de ficar falando com ela). Todos por perto prometiam novena se a menina saísse com vida. Uma senhora que me segurava com medo que eu caísse, viu quando a garota afundou mesmo e quando eu gritei por Jesus e por Frei Galvão e a menina pareceu flutuar por sobre a água. Muitas pessoas foram assistir esta coisa maravilhosa que aconteceu. Nesse momento chegou meu marido com uma corda jogando uma ponta da mesma no fundo do poço para que a filha segurasse, em seguida chegou em socorro, um senhor de côr que era guarda da obra, e que desceu pela corda segurada por meu marido e outras pessoas. Pegou a menina lá em baixo e a trouxe. Antes de olhar minha filha que outra pessoa a pegou antes de mim, beijei ainda ajoelhada a mão daquele homem preto e humilde, apesar dele pedir que não o fizesse. Para mim ele representava um anjo. O milagre aconteceu. [...]” Regina C.L.B. (CONGREGATIO DE CAUSIS SANCTORUM, 1993, p. 349-350).

Já neste relato mais recente, de uma senhora identificada como Regina, a fatalidade envolve uma menina que teria supostamente flutuado na água de um poço, enquanto a mãe esperava por seu socorro. E esse veio, mas de um outro ser humano, um senhor de cor, como indica a narrativa. A única saliência dada ao homem é a associação dele à figura de um anjo, ou seja, como se ele fosse alguém enviado para ali, naquele momento, por Deus ou por frei Galvão; além disso, conhecendo a história de frei Galvão, o fato de a menina parecer levitar pode ser associado ao dom que ele tinha de levitar.

São esses exemplos uma ínfima parte, como aponta o processo, dos milagres que o frei realizou. Há outros, como dito, pois o processo não é recente. A primeira tentativa de um processo diocesano se deu em 1938-1939; e um fato ocorreu nessa tentativa, tido como curiosidade no ínterim do processo, que foi a entrevista com uma testemunha de 126 anos de idade, Lucrécia Cananéa de Deus, antiga escrava, que dizia recordar perfeitamente da figura do frei do Mosteiro da Luz, pois costumava ir às missas ali (SANTOS, 2007).

Então, ainda nos anos de 1930 foi possível localizar uma pessoa que o tivesse visto pessoalmente. Todavia, o relato de Lucrécia é fruto do exercício de sua mente no momento de reconstruir as lembranças que ela tinha do frei. Mas para o biógrafo que revela o fato, esse testemunho é prova, indica a veracidade de que o frei realmente existiu e viveu ali em São Paulo.

Uma segunda tentativa se deu em 1948, e uma terceira em 1969. Nenhuma delas tendo êxito total. Somente a quarta tentativa, que redundou em um quarto processo, iniciado em 1980 pelo Cardeal D. Paulo Evaristo Arns, vai atingir seu objetivo. E, mesmo com ele, alguns postuladores começaram e não puderam levar adiante o feito. Finalmente, em 1994, a irmã Célia B. Cadorin assume como postuladora até a beatificação do frei.

Entrevistadora: E a senhora acompanhou todas essas etapas do processo?

Irmã Célia: *Dele sim. Quer dizer, eu peguei tudo que eu achei. Por exemplo, eu achei uma coisa lá no Mosteiro, muito bem feita, quando começaram o processo em 1938... Em 49 foi retomado um dia; em 69 uma semana e depois ficou aí em 85 o dom Paulo começou, aí o postulador era muito bom, porém perdeu a visão praticamente, ficou cego praticamente, aí quando eu fui falar com dom Paulo e o padre Arnaldo Vicente Belli, sobre madre Paulina, que eu tinha que abrir a urna, pra verificar como estava, é um passo próprio, antes da beatificação. Tem que verificar como é que estão os restos mortais do novo beato.*

Entrevistadora: É a exumação?

Irmã Célia: *Não, a exumação é outra coisa e lá no cemitério, já tinham trazido da minha madre pra cá em 67 e aí em 1990, por aí, é porque o papa vinha em 91, nós pedimos para falar com o cardeal para abrir a urna, pra ver como é que tavam os ossos. Antigamente os ossos ficavam dentro de uma urna de metal, dentro de uma de mármore, dentro de uma de madeira. Agora não é mais de metal, o Vaticano trocou, agora é de acrílico, que não cria...de são Pedro já trocaram, de são Francisco, santo Antonio, esses santos antigos, né? Aí fomos falar com o cardeal, aí quando a gente terminou de falar, ele olhou pra padre Arnaldo e disse assim: “Arnaldo, agora que você terminou a Paulina, você não queria pegar o frei Galvão?” O padre Arnaldo disse, “eu posso pegar, se a Célia pega”. Eu tava do lado de cá. Aí ele olha pra mim e disse, e tu Célia... eu disse*

“dom Paulo, você sabe que sou freira”... “na próxima semana eu vou celebrar uma missa e vou falar com a sua geral”. (cf. APÊNDICE B).

Nessa parte de sua entrevista, irmã Célia comenta as etapas passadas pelo processo antes de chegar às suas mãos. Somente nos anos de 1980, e a pedido de dom Paulo Evaristo Arns, ela assume a causa. E não está dito, porém, que o então arcebispo de São Paulo a tenha convidado para o processo porque já sabia que irmã Célia era alguém familiarizada com a feitura de um processo de canonização.

E fica claro também que, enquanto ainda findava o processo de madre Paulina, já se iniciavam novamente os trabalhos no processo de frei Galvão, e ela foi, dessa maneira, desenvolvendo os dois trabalhos, na busca de conseguir levar a cabo as tentativas frustradas de produzir o primeiro santo brasileiro. Fica também perceptível nessa descrição por ela feita que desde os primeiros instantes do desenvolvimento do cânon, é todo ele perpassado por uma hierarquia da Igreja. São alinhavadas alianças e forças-tarefas, no sentido de que esses indivíduos incumbidos de tal finalidade consigam dar êxito ao trabalho em questão. Na sequência da entrevista, a irmã comenta o momento em que findou a escrita da biografia do candidato a santo:

Irã Célia: ...Então, eu dei pra tipografia, enquanto a tipografia fazia a impressão, eu vim pra o Brasil, porque eu queria estudar as graças. Primeiro é só a biografia, depois eu pedi para umas irmãs e pra uma enfermeira também, tinha a irmã Cláudia também, caixas e caixas de graças. Tanto que... aqui na biografia você vai ver, que fiz uma demonstração das graças e isso é muito importante e eu levei para o Vaticano, que causou impacto tremendo, 23.929 graças... isso ajudou e a gente escolheu algumas assim, pra dar uma demonstração de como eram as graças, sem modificar nada, né. Então eu vim pra cá pra estudar essa parte, enquanto a tipografia faz... ela leva bem uns três ou quatro meses, né. (cf. APÊNDICE B).

Nesse ponto, comenta um dado acerca do número de graças que foram selecionadas nesses anos todos e nas décadas em que o processo foi retomado e, contando todos os postuladores que encabeçaram o processo, chegou-se a uma soma de 23.929 relatos de graças. Um número bastante grande. Realmente, deve ter causado o impacto que irmã Célia esperava. Ela comenta não ter alterado nenhum, mas há que se ver, pelos dois exemplos anteriormente citados, que todo tipo de graça deve ter aparecido para compor um número tão vultoso como esse; dentre essas, quiçá, houvesse algumas que nem mesmo sejam graças – e não entraram no mérito de análise do Vaticano; o objetivo delas era mostrar a quantidade, a grandiosidade da fama associada ao candidato a santo. Tão relevante quando salientar as qualidades de um milagre, nesse ponto da entrevista, irmã Célia aponta para o fato de que a quantidade de relatos – independentemente do que eles tratam – é, por si, um fator a ser considerado pelo Vaticano.

Mas, somente nos anos 1980 e 1990 é que se finaliza o processo de beatificação do frei. E o milagre acatado pela Igreja, que deu mote para tanto, foi o da menina Daniella. Nesse sentido, sim, tanto a irmã Célia quanto o desenvolvimento do processo e o debate efetuado na

imprensa buscavam questionar, indagar, problematizar e averiguar a qualidade, o mérito e as características que envolveram a cura da menina. No dia da canonização, em 2007, ela foi entrevistada várias vezes. Uma dessas segue abaixo:

FOLHA - Como foi crescer sendo vista como a menina salva por Frei Galvão?

DANIELLA CRISTINA DA SILVA - *Na época da beatificação, ficou todo mundo sabendo e eu tinha de contar a história com detalhes a toda hora. Quando ia ao mosteiro [da Luz], pessoas que eu nunca tinha visto queriam me abraçar, muitas choravam ao me ver. Eu ficava perdida, com vergonha. Às vezes, acho que ainda não caiu a ficha.*

FOLHA - Você sente que tem uma responsabilidade maior por ter recebido uma graça?

DANIELLA - *Sem dúvida. Sinto uma responsabilidade enorme nas minhas costas. Todos ficam de olho no que faço, tenho de pensar em tudo que falo e até no que faço. Agora, por exemplo, tenho que escolher direito a roupa que vou usar na cerimônia da canonização. Costumo usar jeans, salto alto, blusinha mais decotada e terei de ir com uma mais recatada.*

FOLHA - Você vai à missa toda semana?

DANIELLA - *Não vou. Eu ia quando era criança e até pensei em ser freira. Na época da beatificação, ia muito ao mosteiro, achava a vida das irmãs muito boa e dizia que queria ser igual.*

FOLHA - Alguma vez já tomou as pílulas?

DANIELLA - *Muitas vezes, nem sei quantas, mas nunca para mim. Agora vou começar uma para eu conseguir emprego.*

FOLHA - Para você, sua cura foi um milagre?

DANIELLA - *Foi sim e Frei Galvão, para mim, já era santo, nem precisava de canonização. (JOVEM..., 2007).*

Daniella Cristina da Silva é a primeira pessoa que possibilitou, em face da Igreja, o reconhecimento de frei Galvão como um beato. A reportagem acima – uma entrevista feita com ela nas vésperas da canonização – traz a fala de uma jovem que hoje vê com outros olhos a sua relação com o fato de sua cura ser atribuída à obra do frei. A reportagem acentua o caráter de responsabilidade que envolveu e envolve a vida dela e como isso chegou a ser tão marcante a ponto de influenciá-la, durante certo tempo, para uma vocação religiosa. Na resposta que o jornal reproduz, ela aponta o fato de ter uma vida vigiada – seja pelos fiéis, seja pela Igreja ou pela família – porque sua identidade está intrinsecamente aliada a de uma pessoa milagrada.

Hoje, como ela disse, não vai à missa. E destaca essa resposta porque a celebração eucarística é o mais cotidiano dos ritos que envolvem o dia a dia de um católico e, ela, portanto, não participa. Dessa forma, a entrevista conduz e auxilia na construção de uma imagem mais humana da menina.

A *Folha de S. Paulo* mostra uma jovem comum que quer trabalhar, mas que, quando o assunto envolve a figura do santo, tudo muda, inclusive ela. Faz menção de ter que escolher uma roupa mais recatada para o evento da canonização. Não porque isso seja do seu gosto, mas porque ali, mais do que Daniella, ela é a menina do primeiro milagre, tem que vestir uma personagem.

Por conseguinte, uma coisa é a menina Daniella milagrada – que até pensou em ser freira, como intitula a matéria –, outra é a mesma menina que tem anseios bastante corriqueiros na vida de um jovem brasileiro, como trabalhar, vestir-se a seu gosto, usando jeans e salto alto.

Na fotografia seguinte tem-se um registro do dia da beatificação. É uma tela que retrata a menina Daniella cumprimentando o papa João Paulo II; ao fundo, há uma evocação à figura de frei Galvão, que estava sendo beatificado. O lugar está cheio de espectadores, dentre eles, os brasileiros da família e outros que foram para assistir ao evento. Como outras passagens relativas ao tempo de vida do santo, o momento da beatificação foi importante, foi o primeiro passo no sentido de reconhecer sua santidade e de permitir que sua imagem pudesse ser exposta nos altares.



Ilustração 21 – Quadro alusivo ao dia da beatificação, que se deu por ventura do milagre de Daniella. Casa de frei Galvão, em Guaratinguetá.

O trabalho de um frei franciscano – uma biografia de frei Galvão – relata com mais detalhes o que teria ocorrido no caso da menina:

Daniella Cristina da Silva nasceu no dia 9 de março de 1986. Filha de Valdecir da Silva e Jacira Francisco da Silva. Desde o nascimento foi uma criança miudinha e de saúde delicada.

Em maio de 1990, foi internada com complicações bronco-pulmonares. Tratada, recebeu alta e voltou para casa. Entretanto, logo depois, começou a apresentar sonolência e crises convulsivas, sendo encaminhada à UTI do Hospital Emílio Ribas, com quadro clínico instável e sinais de triste prognóstico.

O diagnóstico inicial foi: coma por encefalopatia hepática, conseqüência da hepatite do vírus tipo A, insuficiência hepática grave, insuficiência renal aguda, intoxicação por causa do antibiótico (metoclopramida) que havia tomado na primeira internação e hipertonia intensa nos membros inferiores e superiores.

Sofreu ainda parada cardiorrespiratória, sangramento gengival, epístaxe, hematúria, ascite, aumento progressivo da circunferência abdominal, bronco-pneumonia, parotidite bilateral, faringite, além de dois episódios de infecção hospitalar (*staphylococcus aureus* e bacilo *Gram negativo*).

Durante 13 dias, de 25 de maio a 7 de junho de 1990, Daniella permaneceu na UTI, passando depois para a Secção de Pediatria, onde permaneceu até 21 de junho de 1990, quando recebeu alta hospitalar, “considerada curada”. Nunca apresentou recaída alguma. Em 1995, o pediatra que acompanha a menina desde o nascimento atestou: “A menor foi examinada por mim nesta data (4/8/1995), estando a mesma em perfeitas condições de saúde física e mental”. O mesmo pediatra afirmou a respeito da cura de Daniella: “Eu atribuo à intervenção divina, não só a cura da doença, mas a sua total recuperação”. A intervenção de Deus fora pedida pelos pais, parentes, amigos, vizinhos e religiosas do Mosteiro da Luz, que unidos numa só prece, desde o dia 25 de maio, invocaram com profunda fé a intercessão de Frei Antônio de Sant’Anna Galvão, dando à menina as pílulas de Frei Galvão.

Estavam tão convictos da intercessão de Frei Galvão que, ao receber alta do Hospital Emílio Ribas, levaram Daniella diretamente ao túmulo de Frei Galvão no Mosteiro da Luz, e depois fizeram um encontro de oração (uma festa), especialmente para agradecer a Deus a cura da menina. (BACK, 2007, p. 83-84).

Já, nessa descrição de Back, o foco é expor o que foi o milagre na visão dele. Com base em argumentos que ele provavelmente colheu em outras fontes, ele acaba por caracterizar Daniella apenas como a menina milagrada. Ele não atenta para os detalhes, por exemplo, que a reportagem acima trabalhou.

Entretanto, retomando a graça de Daniella, como já dito, algumas outras estão relatadas no processo. Há uma seleção, e são buscadas – para fins de comprovação do milagre – aquelas que impliquem em uma cura que tenha sido instantânea ou muito rápida. Tem que ser uma cura que perdure no tempo; que seja preternatural, ou seja, que médicos e a ciência não consigam explicar como possa ter acontecido, mesmo que com tratamentos e medicamentos. E, por conseguinte, que caracterize uma cura perfeita, ou seja, sem sequelas ou danos ao paciente. Na maneira de interpretar da Congregação para as Causas dos Santos, e com a participação e atuação direta de irmã Célia, a graça que melhor se encaixou e que atendia aquilo que eles desejavam foi a da menina Daniella.

Em entrevista, irmã Célia contou como soube da possibilidade do milagre que deu causa à beatificação.

Entrevistadora: E do frei, quando a senhora soube do milagre da beatificação?

Irmã Célia: *Aquele da beatificação, é muito bonita a história. Porque as irmãs separaram essas graças, e eu disse assim pra Cláudia, e outra irmã que era sabida, “separa assim as melhores, as mais”, que nem tá fazendo agora com o padre Donizete. E elas separaram, tinha um monte. Então, comecei a descartar, às vezes eu conto com Espírito Santo, (risos) né. Aí tinha uma graça que era uma folha de caderno, grande, desses universitário, dobrada em quatro, escrita dos dois lados. Vi aquilo, me chamou atenção, tinha uma pilha ali,...as outras eu já descartava. No dia seguinte... comecei a olhar, e a Cláudia me observava, que eu via aquela folha dobrada, e botava ali, uma hora eu disse assim, “Cláudia, posso fazer uma pergunta, por que você lê aquela ali e olha e bota lá e depois olha pra mim?”*

Eu disse: “Cláudia, que era no telefone?”... e aí foi, era tia dela. “Olha como é... a senhora não quer vir, aqui à tarde, tomar um cafezinho comigo?” Aqui no mosteiro, aí ela veio. Aí eu conversei tudo, tinha fundamento, eu disse, “amanhã cedo a senhora não quer ir comigo, eu pago

o táxi pra senhora... e ela veio, aí eu falei com a dona lá, era judia, o chefe do chefe também era judeu, aí eu disse, “sou irmã, sou do Vaticano, aconteceu uma graça muito grande aqui, do frei Galvão, o senhor sabe que milagre tá na Bíblia, né?” Ele disse, sei sim. Aí eu disse “gostaria que o senhor me fornecesse uma cópia do prontuário”. Aí ele pediu, “me vê o prontuário dessa menina”, aí veio, tudo certinho... Aí ele disse, “o hospital... é público, tudo tão difícil, a senhora é religiosa, sei que a senhora não vai desviar. Faz as fotocópias que precisa e me traz de volta”. Foi muito bonito, aí eu fui, vim pra casa, perguntei pra irmã que trabalhava onde ela fazia as fotocópias, aí na cidade, ela me deu o endereço, vai lá e me faz bem feito e, pelo amor de Deus, são documentos do Vaticano, me faz bem feito, e me faz 5 cópias. Cinco? Cinco. É, prefiro fazer mais e sobrar. Aí ele fez, aí eu levei lá pra doutora, eu disse, “doutora, agora, precisaria se um secretário carimba e rubrica”, isso ele faz. Aí eu disse pra ela assim, “tem um médico que me possa falar?” Ela disse, “olha o chefe da UTI é muito bom e é católico”. Pode falar com ele, ela me deu o nome e fui no 8º andar da UTI, do Emílio Ribas. E procurei esse médico e eu disse, olha eu tenho uma lista de médicos aqui que eu já vi. É, ele disse: “Esse caso é um caso muito sério. E é um milagre. Essa menina aí não era pra tá viva, era pra tá morta”, foi categórico. “Eu sou católico, eu sou médico”. Aí, fala com esse, fala com aquele... Aí peguei todo esse material, estudei bastante...E foi assim, entende? E como a gente já tinha feito um, o segundo é mais fácil... (cf. APÊNDICE B).

Ao que se assemelha, ela tomou noção do fato porque uma tia de Daniella a teria procurado. Todavia, dá a entender, no começo de sua fala, que sua intuição ou, como ela identifica, uma ação do Espírito Santo a teria motivado a conhecer e se deparar com a história da menina. No corre-corre que ela realizou na sequência, na busca e levantamento de laudos, aponta que se deparou com profissionais de origem judaica. Com isso, irmã Célia expõe que até para um judeu aquela cura implicava em algo mais que uma recuperação bem-sucedida, pois se assim não fosse, para ele, ao menos, não haveria motivo para o médico liberar os documentos a fim de que ela os copiasse. Para ela, o foco era evidenciar a atmosfera que envolveu a pesquisa inicial sobre o caso de Daniella e, sutilmente, aponta essa relação, ou seja, a de que alguém de outra religião a auxiliou, facilitou o acesso aos exames, e isso para ela foi bonito e merecia destaque.

No final dessa fala, ela menciona a ajuda de um médico, o chefe da UTI, que “é muito bom e é católico”, conforme lhe disseram. O tempo todo, irmã Célia relata que contou com a ajuda de outras pessoas – seja no hospital, seja dentro do mosteiro – e essa colaboração tanto envolveu católicos como não católicos. Na menção que faz ao médico católico, o fato de sua opção religiosa ser a mesma que a dela é, sem dúvida, para ela relevante, porque ele teria assim o conhecimento religioso necessário para ver na recuperação da menina não uma evolução normal e possível, mas a constatação de um milagre.

Em suma, irmã Célia e alguns biógrafos do santo, pela sua própria orientação vocacional, optam por trabalhar o milagre do ponto de vista da beleza que para eles têm um fenômeno assim. Buscam evidenciar o que julgam importante, que corrobore a ideia de que se está realmente diante de uma graça concedida por ajuda de frei Galvão.

Irmã Célia, por todo seu trabalho e dedicação à causa dele, também se vê retratada na Casa de frei Galvão. Na fotografia seguinte ela aparece sendo abençoada pelo pontífice no dia da canonização. Não só ele é importante num momento como esse: de certa maneira, a fotografia representa que o trabalho de pessoas como os postuladores, dentre eles irmã Célia, é imprescindível para que alguém venha a se tornar beato ou santo. Eles são os trabalhadores que ajudam alguém a ser santificado pelo Vaticano e esse trabalho é reconhecido pelo gesto que está registrado na imagem.



Ilustração 22 – Quadro com irmã Célia Cadorin sendo abençoada por João Paulo II, durante a beatificação do frei, em 1998. Casa de frei Galvão, em Guaratinguetá.

Mais do que uma menina, que se verá, sempre, como uma pessoa agraciada, Daniella, hoje com mais de 20 anos, talvez tenha dificuldades de lidar com o fato. Ao menos na responsabilidade que isso possa implicar. Quando da vinda de Bento XVI ao Brasil, ela cedeu entrevista à *Folha de S. Paulo* (já mencionada anteriormente), na qual deixa registrado que o milagre que recebeu por intercessão de frei Galvão redundou para ela em uma série de outras consequências e responsabilidades, inclusive o fato de ela, um dia, ter pensado, como declara o título da matéria, em ser freira:

FOLHA - Você sente que tem uma responsabilidade maior por ter recebido uma graça?

DANIELLA - *Sem dúvida. Sinto uma responsabilidade enorme nas minhas costas. Todos ficam de olho no que faço, tenho de pensar em tudo que falo e até no que faço. Agora, por exemplo, tenho que escolher direito a roupa que vou usar na cerimônia da canonização. Costumo usar jeans, salto alto, blusinha mais decotada e terei de ir com uma mais recatada.* (JOVEM..., 2007)

Mas ela é uma jovem como outra qualquer, no sentido de que tem os mesmos anseios e expectativas da idade; ao menos é o que tenta passar na reportagem. Quer usar blusinhas mais decotadas, mas se vê obrigada a mudar sua vestimenta na cerimônia da canonização. E esse alvoroço que se forma em torno das pessoas ligadas à figura de um santo, faz com que tais pessoas passem às vezes por situações diversas, pois se veem confundidas com a figura do próprio santo.

Enquanto os representantes da fé e da religião trabalham em prol da espiritualidade que envolve para eles o acontecido, se esquecem ou não debatem, como apontou a reportagem, o caráter humano e rotineiro da menina. No momento em que param para refletir sobre Daniella, só pensam nela como uma bem-aventurada, e não como uma jovem que quer conseguir seu primeiro emprego. E, quiçá, isso nem possa ser diferente na prática, pois ele somente foi beatificado porque Daniella é uma milagrada por ele, por intenção dele, com o auxílio dele, como reconhece a Congregação para as Causas dos Santos, no Vaticano.

Isso leva a uma análise de que, quando se pensa na figura do primeiro santo brasileiro, também decorre a imagem dos milagrados. Eles – santo e milagrados – são confundidos com a figura do frei. Estão tão fortemente ligados à construção da imagem desse que dificilmente consigam se mostrar, para outras pessoas, como seres humanos mortais e não santos.

Em uma conversa com uma sobrinha do frei Galvão que não se identificou, ela mencionou que, estando ali na casa do frei em Guaratinguetá todos os dias, ela se vê, de repente, cercada de pessoas que querem tocá-la, como se ela mesma fosse uma relíquia, querem que ela os toque, como se fosse dotada de poderes mágicos. Tanto nesse exemplo quanto no de Daniella, a pessoa é confundida com a própria figura do santo e com a ideia de santidade. É como se o corpo dela tivesse algo de sagrado implícito em si, como se ela fosse uma extensão de uma santidade reconhecida pela Igreja Católica, mas que não é sua verdadeiramente.

Vários autores trabalharam a questão do corpo como relíquia, em especial durante a Idade Média, período no qual a busca e a circulação de relíquias de santos era grande. Nesse sentido, Le Goff e Truong (2006, p. 35) discutem como o corpo é um paradoxo na Idade Média. Nesse período, para o mundo ocidental, o corpo é tão reprimido, ao mesmo tempo em que é glorificado, na referência da Igreja ao corpo de Cristo. Sendo assim, “a humanidade cristã repousa tanto sobre o pecado original [...] quanto sobre a encarnação: Cristo se faz homem para redimir os homens de seus pecados”. E é nesse caráter de sagrado que muitas vezes se pauta o olhar da sociedade tanto para Daniella quanto para a sobrinha do frei.

Para Geary (1986, p. 175), durante o período medieval se estabelece um comércio em torno dessas mercadorias sagradas (“sacred commodities”¹⁸) que deviam ser imbuídas de três princípios: primeiro, para ser uma relíquia de um corpo, a mesma deveria ser de um indivíduo que tivesse sido, ao longo da sua vida, “a special friend of God”¹⁹, um indivíduo dotado de religiosidade, portanto; segundo, que os restos mortais de um santo deveriam ser tratados de forma especial; e, por terceiro princípio, que essa porção particular, esses restos mortais, realmente deveriam ser do santo em particular.

Nada mais próximo no que diz respeito a frei Galvão que a menina agraciada, Daniella. Mas os descendentes de seus irmãos e irmãs também acabam sendo confundidos nesse universo de respeito e veneração de um corpo santo. São da mesma linhagem consanguínea; em suas veias corre um sangue herdado de uma pessoa santa. São categoricamente relíquias vivas, seres que, diante dos olhos de devotos e devotas, funcionam como restos de um corpo sagrado. Mais do que isso,

Relics were the place where this world and the Otherworld met, and this explain why they able to attract so much collected treasure to themselves and their churches, but their natures needs more explanation. Relics belong within that quite large class of material which in life were part of a living human or animal, but which in death are turned into things. Relics are objects which are both persons and things, and their corporeal reality – frequently obvious to the eye as a limb or a skull – reinforces their double condition and ties them to the experienced ‘real’ world of time and space. As persons they are true saints living with God; as relics they are documents for understanding the world. (PEARCE, 2005, p. 100)²⁰.

Nesse livro, a autora faz uma recapitulação da tradição europeia quanto à sua cultura material; partindo desde a história antiga europeia, chega até a atualidade, buscando compreender porque a Europa e os homens colecionam. E nessa passagem ela explica que, em especial para o europeu medieval, a relíquia se torna mais do que uma simples coisa, torna-se uma mercadoria, que tem valor e que é uma forma de aproximação do indivíduo com um plano superior; pertenceram a um indivíduo que já morreu e após sua morte se tornam coisa mesmo, reforçam e amarram esse sujeito santo ao mundo, tanto em uma esfera temporal, como numa esfera espacial.

¹⁸ “Mercadorias sagradas”. Tradução livre.

¹⁹ “Um amigo especial de Deus”. Tradução livre.

²⁰ “Relíquias eram o lugar onde este mundo e o Outro Mundo se encontravam, e isto explica porque eles eram aptos a atrair tanto quanto colecionar tesouros para eles mesmos e suas igrejas, mas sua natureza precisa de maior explicação. Relíquias pertencem a uma ampla classe de materiais os quais em vida eram parte de uma vida humana ou animal, mas que na morte se tornam coisas. Relíquias são objetos os quais são tanto pessoas como coisas, e sua realidade corpórea – freqüentemente óbvia aos olhos como um membro ou um crânio – reforça sua dupla condição e amarra-as ao mundo real experimentado, do tempo e do espaço. Como pessoas são verdadeiros santos vivendo com Deus; como relíquias, elas são documentos para compreender o mundo”. Tradução livre.

Como pessoas, esses indivíduos são santos com relação a Deus, mas como relíquias são documentos para entender o mundo no qual viviam os devotos que as colecionavam. Daniella é uma prova viva, por assim dizer, para os olhos dos crentes que creem no milagre que a afetou e que transformou sua vida. Dessa forma, ela não pode ser compreendida como relíquia. Não é um resto mortal, obviamente! No entanto, ela tem uma característica da relíquia, que é a condição de união que ela promove entre o mundo profano e o mundo do sagrado. Ela carrega, mesmo que não queira, uma marca, um rótulo, uma história que não é só sua, mas de alguém que já morreu e que aos olhos da santa Sé é um servo e amigo de Deus.

Daniella, para os devotos de Santo Antonio de Sant'Anna Galvão é a mais fiel das testemunhas do poder que ele tem. Em suma, fica que, em tempos como os de hoje, ser uma milagrada implica mais do que ser apenas isso: a pessoa acaba quase que por se tornar uma celebridade para os olhos de outros fiéis. No dia, por exemplo, da canonização em 2007, Daniella foi entrevistada por jornais e revistas, assim como Enzo e Sandra, do segundo milagre. Tal qual os holofotes se voltavam para Bento XVI, essas pessoas também atraíam a atenção, pois mantinham íntima relação com tudo que ali ocorria. Outros jornais e também a *Folha Online* foram entrevistar a menina no dia da canonização:

Daniella Cristina da Silva, 21 anos, foi agraciada com o primeiro milagre atribuído a frei Galvão. Aos 4 anos, ela tomou as pílulas e se curou de uma encefalopatia hepática. Em 1998, esteve no Vaticano de João Paulo 2º, onde acompanhou a beatificação do frade. Ontem, foi abençoada pelo papa Bento 16 na capital. “Para mim, frei Galvão sempre foi um santo. Sempre fui devota dele, e muito grata” (SAMPAIO, 2007).

Uma celebridade momentânea, mas uma celebridade que sempre acompanhará sua vida. Ela era procurada pela imprensa para falar em nome de tudo que acontecia ali. O jornal a trata como sendo uma agraciada, e ela adquire status de fonte muito próxima e muito conhecedora sobre frei Galvão. Ela será sempre a menina do primeiro milagre, o que faz com que ela seja lembrada e conhecida do público católico e devoto do frei franciscano como a mais fiel das testemunhas da santidade desse homem.

E para ela, certamente, frei Galvão tenha sido o maior responsável por sua vida, por prolongar sua vida. E ela está viva, sobreviveu aos percalços e dificuldades que passou muito pequenina; toda vez que isso é lembrado se realimenta o que aconteceu, dá-se mais credibilidade à santidade dele, mais confiabilidade no poder e dom divinos de frei Galvão.

2.4 O milagre de Sandra e seu filho Enzo

Se anjos existem e são como os pintaram os renascentistas, o menino Enzo de Almeida Gallafassi, 7 anos, bem poderia passar por um. Tem bochechas rosadas, cabelos claros (mas sem cachos) e olhos verdes.

A reforçar a imagem ainda há uma ocorrência tida como divina: ele é o fruto do segundo milagre atribuído ao frei Galvão, aquele que consumou a canonização do santo brasileiro.

A mãe de Enzo, Sandra Grossi de Almeida, 37, tem má-formação do útero e, antes de dar à luz, sofreu dois abortos espontâneos, um deles de gêmeos.

Tomou pílulas do frei Galvão durante a terceira gravidez, novamente atribulada e de alto risco. Enzo nasceu prematuro e com problemas pulmonares.

Hoje é saudável. Bastam alguns minutos de contato para, da aura sagrada, escapular um garoto próximo do que mesmo católicos praticantes chamam candidamente de diabinho, irrequieto, esperto e sempre com respostas desconcertantes.

Alvo certo da mídia nesses dias carregados de religiosidade, o menino-milagre tem tido uma agenda cheia. Veículos de várias partes do mundo querem contar a sua história.

Para a mãe, essas aparições todas são como uma missão irrevogável: "Sei que minha família foi escolhida para representar um povo inteiro. Então, tenho o compromisso comigo mesma de mostrar meu caso".

Para o garoto, é um saco. Indagado sobre o que tem achado de tantas entrevistas, diz somente "chato", e logo sorri. Quando o tema é futebol, Enzo conta que, além do Palmeiras, torce para a Itália, terra dos ancestrais dos pais. E por quê? "Porque o Brasil é ruim."

Está adiantado na escola. Cursa o terceiro ano do ensino fundamental (antiga segunda série) num colégio de classe média em Brasília, onde a família, paulistana, vive há quatro anos e meio. Ele se destaca numa turma de 25 alunos. "O Enzo é superinteligente. Em matéria de domínio de assunto, é o primeiro de sua classe", comenta a professora Kênia Cristina de Queiroz.

O desafio é tentar tratar normalmente uma criança que, de repente, foi cercada de medidas e holofotes. Após uma das primeiras aparições na TV, a classe o aplaudiu quando ele entrou no dia seguinte. Na última segunda, muitos o cumprimentaram pela reportagem exibida no "Fantástico" da véspera. A professora diz que ele fica tímido. "Preparo a turma [para encarar com normalidade], e tento explicar, sem entrar em detalhes, por que é famoso".

Num terreno intangível mesmo para adultos, não é fácil. No início, [os colegas] diziam coisas como "Enzo, que legal, você nasceu", relembra Kênia.

A reportagem conversou com um aluno de turma de Enzo, que disse saber da maratona de entrevistas do colega, mas não soube responder o motivo. Informado pelo repórter, exclamou: "Sério? Que doido".

Todo o resto é normal. Enzo largou o piano e o judô; faz aulas de basquete e de futsal. Adora videogame, especialmente os jogos Need For Speed Underground 2 e Fifa-2007.

Ainda não fez a primeira comunhão. Os pais esperam que ele receba a hóstia inaugural de Bento 16 na missa de amanhã no Campo de Marte, quando frei Galvão será canonizado. "Vamos ver se vai dar certo", diz Sandra. De um coisa Enzo está convicto, caso fique cara a cara com o pontífice: o que gostaria de pedir a ele. "Um Hot Wheels", diz, citando a marca dos minicarrinhos de ferro. Aliás, mais um para sua coleção, que, diz ele, soma 132. (VICTOR, 2007).

A começar pelo título da reportagem, o garoto do primeiro milagre vira “celebridade instantânea”. Provavelmente, muito mais que Daniella, até porque o processo em questão, o da canonização, implicava no nascimento do menino Enzo e na plena recuperação de sua mãe, Sandra. E outro ponto é que o destaque a ele foi mais marcante até porque a beatificação, da qual participou Daniella, se deu fora do Brasil e, por conseguinte, foi essa celebração menos trabalhada pela imprensa nacional. Por sua vez, a canonização de frei Galvão, como já visto, implicou em um evento de grande monta, com a vinda de um papa ao Brasil, foi todo ele

estruturado não só para a canonização, mas porque a Igreja intentava atingir outros pontos e discussões durante a visita de Bento XVI. E a cerimônia da santificação tinha seus personagens no palco: representantes do clero, artistas famosos, familiares, políticos e, claro, os milagrados. E Enzo não poderia faltar.

A reportagem até destaca uma possível aura de santidade que paira sobre a vida e a história do “menino-milagre”. No entanto, indica também caracteres humanos e normais no comportamento de uma criança, como o gosto por brincadeiras. E nesse sentido faz questão de lembrar que todo o ambiente anterior à canonização era cansativo, “um saco” para o menino, fator que a reportagem grifa no intuito de apontar que, muito provavelmente, o menino não compreendesse o significado do que acontecia.

A adjetivação dada pelo repórter, “menino-milagre”, contudo, não exime uma associação da figura de um anjo a Enzo. Diferente da situação de Daniella – que na canonização tinha para si mais claro o que ela representava – Enzo, mais pueril que ela, representa um papel mais angelical, ingênuo até no noticiário do período. E para isso, provavelmente, contribua a mãe, que declara se sentir responsável, dotada de uma missão, compromissada com o papel de serem ela e o filho porta-vozes do acontecido.

E, por fim, a notícia menciona a primeira eucaristia de Enzo. Isso também direciona para a compreensão de que a canonização, mais do que um evento para o frei, era em si uma grande cerimônia para o público espectador, no qual se exaltavam também os personagens ligados à memória do primeiro santo brasileiro. E não só a primeira comunhão de Enzo foi marcante no período. Dias antes da canonização, Sandra e seu esposo fizeram o casamento religioso no mosteiro da Luz, em São Paulo.

Passados sete anos, quatro meses e 25 dias desde o nascimento de Enzo de Almeida Gallafassi, os pais dele, Sandra Grossi de Almeida e Cesar Augusto Gallafassi, subiram anteontem à noite ao altar da capela do mosteiro da Luz (centro de São Paulo) para receber o sacramento do matrimônio.

Sandra, Cesar Augusto e Enzo são a família agraciada com o segundo milagre atribuído ao frei Galvão – foi a “comprovação” desse milagre pelo Tribunal Eclesiástico que permitiu a canonização do religioso (o primeiro nascido e criado no Brasil). Apenas quatro dias separaram a cerimônia de casamento da chegada de Bento 16 ao Brasil, na quarta. A família deve se apresentar diante do papa na missa que acontecerá no Campo de Marte, cenário da canonização do frei.

Foi uma celebração íntima. Testemunharam-na 66 amigos e parentes. A noiva vestia um longo branco, símbolo da pureza virginal. Nas mãos, uma rosa vermelha fazia as vezes de buquê. Dois passos à frente, ia o pequeno Enzo, sorridente dentro do meio-fraque. No altar, o pai – vestido como o filho – chorava.

Os noivos, que moram em Brasília, onde Cesar Augusto é sócio de uma editora, fizeram questão de que o casamento acontecesse no mosteiro da Luz, fundado por frei Galvão em 1774. Segundo a igreja, o nascimento de Enzo (em 1999, depois de uma gravidez de alto risco) só foi possível por intercessão miraculosa do frei – por causa de uma anomalia uterina, três gestações anteriores tinham terminado em abortos espontâneos.

Na hora da troca das alianças, foi o filho quem as entregou aos pais, ao som de “Jesus Alegria dos Homens”, de Bach. Depois da bênção do padre Armênio Nogueira, a noiva desceu do altar amparada pelo marido e por Enzo. No caminho, fez questão de se abaixar para depositar a rosa vermelha sobre a pedra do túmulo do frei Galvão.

Sandra diz que não teve nada a ver [a escolha da data do casamento] com a visita do papa. "Foi uma homenagem a meus pais, que se casaram no mesmo dia". "Mas vocês já estão juntos há bastante tempo, não é?", perguntou a **Folha**. Não houve resposta (CAPRIGLIONE, 7/05/2007).

Novamente, a reportagem identifica a família como sendo agraciada, ao passo que na sequência menciona a comprovação do milagre entre aspas. Não acata, nem nega o fato. Porém, a partir do momento em que tais fatos ligados à família de Enzo são noticiados pela imprensa, no mínimo essa contribui para evidenciar e notabilizar as pessoas que estão intimamente ligadas à figura de Antonio Galvão de França.

A notícia dá espaço para o diálogo sobre o casamento dos pais de Enzo. A mãe nega a relação entre seu casamento e a canonização, cinco dias depois. Porém, o que a *Folha de S. Paulo* faz é tentar mostrar que não é tão desconexa a relação. Os pais se casam na capela do mosteiro – onde o frei está enterrado – com o filho como padrinho das alianças, e chama a atenção para o fato de a união se dar dias antes da chegada do papa. Fica evidente que a reportagem quis salientar uma correlação entre os eventos. Sem querer divagar sobre a opinião dos milagrados citados pelo jornal, todavia advém uma tentativa, por parte de Sandra e César, de oficializar, de sacramentar a união deles, devido à responsabilidade que creem ter na canonização de frei Galvão.

No entanto, a explicação da noiva é outra. Diante da indagação da repórter sobre há quanto tempo estavam juntos, ela e seu esposo, não houve resposta. E ela não responde, muito provavelmente porque, talvez, essa resposta implicasse no fato de ela ter que reconhecer que seu casamento não era reconhecido até então pela Igreja, apesar de ser ela mãe de um milagrado. Em contraposição, fica que ao se casarem em público, talvez não se importassem com tal fato, ou seja, se mesmo sendo eles – Sandra e o esposo – pais de um milagrado – não fossem ainda casados na cerimônia religiosa.

A participação de frei Galvão na vida dessa família será para sempre, provavelmente, assim como eles estão também a ele associados, como mostra a fotografia abaixo de um quadro exposto na Casa de frei Galvão, em Guaratinguetá. O menino se apoia no ombro da mãe, que segura uma pequena estátua do frei, que está ao fundo, a abençoá-los, rodeado por uma aura de luz, que sempre remete a uma ideia de santidade e de algo sublime.



Ilustração 23 – Quadro alusivo ao duplo milagre: gravidez de Sandra e nascimento de seu filho Enzo. Casa de frei Galvão, Guaratinguetá

Esse quadro foi pintado com base em uma fotografia que saiu na revista *Veja* (2007a). A cena é a mesma, só não tem o frei ao fundo os abençoando. Porém, a pose da mãe e do filho, a imagem nas mãos, o fundo azul – que lembra a catedral de Brasília – é idêntico ao da fotografia dessa revista semanal.

A mesma cena foi escolhida talvez por ser uma fotografia preparada para demonstrar a fé de ambos no seu protetor, além de ter circulado em uma fonte jornalística de grande monta no país, dando assim mais credibilidade e mais confiança no depoimento deles, que são testemunhas da presença constante do frei em suas vidas.

Mister reforçar essa questão porque a reportagem quis salientar essa ideia para o leitor: o menino Enzo, apesar de ser extremamente ligado a uma causa religiosa, tem pais que não são casados na Igreja a qual se ligam. Retomando o milagre, para a postuladora, o que houve na canonização foram dois milagres. Vale retomar a fala da irmã Célia a respeito. Ela conta como foi a seleção do milagre e a conclusão do caso:

Irmã Célia: *E vou pra esse médico pra ele dar uma olhada. Então eu fui, o consultório dele não é longe, aí ele começou, “esse é fraco, esse é fraco”, bom eu disse, quanto não né? Me dá o quinto. Aí ele disse, “esse é bom. Só que falta documentação”. Eu sei. Esse aqui? Tinha mais um, que era esse. “Também é bom, só falta documentação”. Aí eu saí de lá e fui no consultório da doutora Vera Lúcia. Levei 3 horas pra ser atendida. Me atendeu 10 da noite, porque o consultório dela é assim, né? Aí, ela me disse, eu disse, “doutora, eu sei que é tarde, amanhã de manhã a senhora não me permite a moça fazer xerox do material que a senhora tem aqui?” É da Sandra. Aí eu disse, “a senhora acha que aquele caso é bom pro Vaticano?” “Ótimo. É, milagre, acho que aquela menina [Sandra] devia ter morrido”. Aí no dia seguinte fui lá, né, a moça me fez, aí fui no hospital... pedir, não dá pro senhor me dá hoje, mas se não puder o senhor me dá amanhã. Queria pagar, não, a senhora não paga. Aí encontrei com o diretor, falei com ele, falei “olha, tem um caso bonito, vai entrar no Vaticano”. Ah é? Agora tô atrás de documentação, mas depois preciso de carimbo...aí, no dia seguinte de tarde, eu voltei nesse mesmo médico, que trabalha junto na clínica, ele é clínico-geral e pediatra, a outra senhora é ginecologista né? Então eu tinha o pão e o queijo né. Aí, ele falou, não te disse que era bom? Chamou a médica, aqui, aqui, o caso é bom, aí, que eu fiz, dei um pulinho até Roma né?*

Entrevistadora: Quantas vezes a senhora foi?

Irmã Célia: *Eu atravessei o Atlântico 61 vezes. Ta, aí então, aí eu telefonei pro meu médico, né, eu disse doutor o senhor está em causa esse semana? Estou, porque eu queria marcar uma consulta...Aí, ta bom, aí eu cheguei lá, telefonei, tá bom, 3 horas da tarde. Porque ele descansa depois do almoço, aí eu fui lá, levei esses casos, mas levei só quatro, limpei isso aí, né? No avião, eu já fui pondo tudo no italiano, né?...Aí ele viu, esse caso é bom, esse caso é bom, eu já vou estudar e já faço as minhas perguntas médicas...quando abriu a porta da casa dele ele falou, due milagre, due milagre, o da mãe e o da criança. Aí eu fui, me deu uma coisa, né? Aí, depois ele disse, não, não tinha miracolo, temos due miracolo! Aí ele me fez as questões, a primeira parte a senhora sabe fazer, a da invocação também... (cf. APÊNDICE B).*

E se são dois milagres, então, Sandra é milagrada também. Talvez fosse esse o motivo que provocou nela e em seu marido a iniciativa de se casar perante um padre. Irmã Célia retoma o tema da construção de um processo de canonização. Na sua fala, ela aponta ao menos dois médicos que procurou em São Paulo, para buscar documentos que pudessem provar, para o Vaticano, que o caso de Sandra e Enzo se tratava de um milagre. E, depois, já na Itália, ela novamente recorre a um médico – esse trabalha para o Vaticano – e ele informa-lhe que ali se tem dois milagres, não um apenas. O papel da irmã Célia é arregimentar o máximo de documentos que puder para apresentar para a Congregação para as Causas dos Santos, em Roma. Para o Vaticano, esses documentos servem como provas e relatos afirmativos da existência do milagre e mais que isso, retoma-se a discussão já feita no primeiro capítulo de que, nesse momento, a Igreja utiliza-se da ciência para dar a característica de naturalidade ao fato, de oficial, de espontâneo e orgânico.

Finalmente, o que se apreende das reportagens que trouxeram à baila os relatos dos milagrados conhecidos, como Daniella e Sandra e Enzo, é que tais fatos são milagres aos olhos da Igreja, ou de parte dela. Há quem conteste – como médicos contestaram o caso de Daniella; há quem os veja como testemunhos vivos de santidade, enquanto outros neles identificam mais fatores comuns do que caracteres que os distingam como seres especiais.

Todo milagrado, na imprensa, foi tratado como uma celebridade momentânea. Os jornais e revistas traziam os fatos e davam argumentos para o leitor pensar e refletir, aceitar ou não frei Galvão como santo. Na constituição da memória e na construção da imagem de frei Galvão para o público são importantes os relatos dessas pessoas que crêem ter vivido uma experiência espiritual que os aproxima do frei. Torna-se inevitável, para a compreensão do imaginário, entender que, se não fossem Daniella, Enzo e Sandra, poderiam ser outros os milagrados. Mas, hoje, a Igreja alicerça os seus processos em cima de testemunhos reais e vivos os quais são porta-vozes de suas próprias experiências de graça e de milagre.

A fala dessas pessoas e a reprodução de muitas delas na imprensa ajudam a definir um perfil de milagreiro em torno de Antonio Galvão França; reforçam a aura de um homem santo e bom, que atende aos pedidos de grávidas, bem como cura meninas gravemente doentes, além de todos os outros relatos que a memória registrou, que o associam à figura de um homem dotado de dons espirituais e sobrenaturais.

E, há, por fim, uma passagem da vida do frei que foi salientada pela imprensa, em especial, após a canonização, que era sua dedicação à construção, edificação de prédios. No dia 25 de outubro de 2008, o jornal *O Globo* trouxe a seguinte matéria:

SÃO PAULO – Hoje é o dia do primeiro santo brasileiro, São Frei Galvão. Como parte das homenagens, o Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia de São Paulo (Crea-SP) vai conferir ao frei o título de *Honoris Causa* de Engenheiro e Arquitetura.

Segundo o capelão do mosteiro, Armênio Rodrigues Nogueira, mesmo sem ter feito engenharia, o frei teve contribuição ativa no projeto e na construção do Mosteiro da Luz, na região central da capital. Além disso, o santo é patrono da construção civil desde 2000. Por isso a homenagem.

– É muito bonito ver uma entidade civil dando um título para um santo. Ficamos muito honrados – conta padre Armênio.

A cerimônia de entrega vai acontecer no final da missa do meio-dia, no Mosteiro da Luz. São esperadas cerca de 4 mil pessoas ao longo do dia no local. Serão realizadas missas durante o dia inteiro, a cada duas horas. A primeira celebração acontecerá às 8h.

Para acompanhar a entrega, será instalado um telão do lado de fora da igreja. O dia termina no mosteiro, com uma procissão seguida de queima de fogos em homenagem ao santo. Segundo Armênio, as irmãs do mosteiro produziram número suficiente das famosas pílulas do santo para atender toda a demanda deste sábado.

– As irmãs, com certeza, produziram um tanto a mais para atender a todos os fiéis do santo – explica.

Na igreja de Frei Galvão, em Guaratinguetá, terra natal do santo, haverá missas, procissão e até um show da banda Acauã, no fim do dia. No domingo, como encerramento das festividades, está programada uma carreata para o santo. (FERREIRA, 2008).

O destaque dado pelo jornal tangencia especialmente a atribuição de um título que é conferido a um santo a alguém já falecido. Não questiona o gesto, mas aponta que essa era uma forma de, no dia dele, dar mais valor e conferir mais notoriedade ao primeiro santo brasileiro. Além do que o reconhecimento da participação dele na construção do que é um dos prédios mais antigos da capital paulista demonstra um frei que punha a mão na obra,

participava, trabalhava. Não só um frei bondoso e generoso, mas um santo que trabalhou, que construiu, colaborando na edificação de obras pertencentes à Igreja Católica.

Essa característica do frei trabalhador, assim como outras já demonstradas, está exposta na Casa de frei Galvão, em Guaratinguetá, no Vale do Paraíba. A plaqueta abaixo do quadro diz: “Frei Galvão, arquiteto e operário”. É uma cena na qual se remete à construção do frontispício do Mosteiro da Luz. Ao seu lado estão duas freiras e alguns operários, todos negros, provavelmente escravos, que são os que realmente estão carregando material, baldes da cabeça, batendo estacas, trabalhando na cena retratada no quadro. Nas mãos do frei há uma enxada, gesto que aponta sua participação como um homem que arregaçava as mangas e ia à labuta; colocava as mãos na obra.



Ilustração 24 – Quadro que retrata frei Galvão e sua participação na construção do Mosteiro da Luz. Casa de frei Galvão, Guaratinguetá.

Noutro ponto fica a importância de se celebrar o dia dele. A reportagem aborda como em São Paulo e em Guaratinguetá se preparavam eventos, carreatas, missas, produção de pílulas, para dar conta dos devotos que acorreriam a esse lugar no dia 25 de outubro. Gestos como esse – qual seja, o de anualmente celebrar o dia do santo, e no caso dele, a igreja, às vezes, o celebra também em maio, devido à canonização – são uma maneira de não só realimentar a memória, mas abre-se espaço para que novos elementos constituam essa memória historicizada. Nesse sentido, juntamente com os recortes que a história já vinha efetuando para reconstruir essa colcha de retalhos que conta quem é Antonio Galvão de França, se alinhava a ideia de que ele era um protetor dos engenheiros.



Ilustração 25 – Placa alusiva à fundação do Mosteiro da Luz por frei Galvão. Mosteiro da Luz, São Paulo.



Ilustração 26 – Fachada da entrada do mosteiro da Luz, São Paulo.

Fica desse gesto o fato de que qualquer prática ou atitude realizada por um santo é merecedora de ser celebrada, gravada e salientada, seja pela Igreja, seja por uma instituição como o Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura (Crea), em especial a regional de São Paulo, ou pelos devotos. Outro jornal, a *Gazeta Mercantil*, em sua versão eletrônica, noticiou o evento desse dia:

Os católicos celebram nesse sábado (25) dia de São Frei Galvão, o frade franciscano que se tornou primeiro santo brasileiro, em maio de 2007. O religioso foi o construtor do Mosteiro da Luz, onde acumulou, como conta a história, as funções de projetista, empreiteiro, mestre-de-obras e até de pedreiro. Por isso, o Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia do Estado de São Paulo (Crea-SP) vai lhe oferecer um diploma com o título de *Honoris Causa*.

Frei Galvão é o santo padroeiro da Construção Civil e, segundo o Crea, mereceria receber sua carteira profissional de engenheiro e arquiteto se estivesse vivo.

A homenagem é parte das comemorações celebradas no próprio Mosteiro da Luz, no Centro de São Paulo. Durante todo o sábado, missas serão celebradas de duas em duas horas, a partir das 8h, na capela do mosteiro.

Será durante a missa das 12h que o Crea prestará a homenagem a Frei Galvão. O conselho deve instalar um telão do lado de fora da capela para que a celebração também seja assistida da rua. Depois da última missa, realizada às 20h, os fiéis acompanham uma procissão em volta do Mosteiro da Luz e, em seguida, assistem à queima de fogos no pátio (EM SEU DIA..., 2008).



Ilustração 27 – Lateral do Museu de Arte Sacra, anexo ao mosteiro. Destaque das réplicas das esculturas de Aleijadinho. Pertenciam à coleção de Edegar Cid Ferreira. Mosteiro da Luz, São Paulo.

E essa reportagem destaca que o próprio CREA entendia que seria necessário conferir o título de engenheiro e arquiteto ao frei franciscano, caso ele fosse vivo. A notícia replica a opinião de uma instituição de classe, a qual não necessariamente retrata a opinião de todo engenheiro e arquiteto do país – não se fala de consulta a esses para tal feito –, mas o importante é o destaque que esse jornal também dá ao fato, assim contribuindo para evidenciar mais uma peculiaridade da vida do construtor do mosteiro, além de o evidenciar novamente, no dia de sua beatificação.

Compreende-se, diante dessas notícias, que frei Galvão é até hoje, após a sua canonização, constantemente mencionado na imprensa. Talvez, neste ano de 2009, o seja novamente, nos dias de festividades a ele ligadas. Tudo isso – juntamente com a memória, o patrimônio, os testemunhos dos milagrosos-celebridades e de outros que não foram tão destacados assim – vai, dia a dia, ajudando a edificar a história de um brasileiro famoso, reverenciado pela Igreja Católica. E, diante de tudo isso, se acaba por produzir o perfil de um humano que não é só dotado dessa condição, mas é alguém diferente, no mínimo, dos outros mortais.

CAPÍTULO 3 – OS MILAGRADOS POR SI MESMOS

O foco deste capítulo é trabalhar com o relato de devotos que, entrevistados ao longo da pesquisa, passam pela oralidade para narrar como se sentem, como vêem o milagre e as graças que creem ter recebido. São milagrados por si mesmos: não deram seus depoimentos à imprensa nem mesmo fazem parte como testemunhas de um processo canônico. São homens e mulheres que visitam os locais ligados ao frei, muitos para agradecer uma bênção recebida.

E serão assim identificados como milagrados por si mesmos porque são apenas eles, os indivíduos entrevistados, que reconstroem, no momento da entrevista, como percebem a relação que estabeleceram com frei Galvão. Além do que esse momento de narração é importante para eles como uma forma de reafirmar a sua fé, construindo para tanto uma narrativa convincente que demonstra a fé e a devoção.

Foram assim pensados para que se diferenciasssem esses relatos do tratamento dado aos milagrados pelos outros do capítulo anterior: aqui, não há imprensa ou mesmo Igreja que avalize as bênçãos e curas, o que não quer dizer que o fariam. Todavia, são relatos importantes, especialmente para os entrevistados e suas famílias e amigos, não escapando em muito de uma esfera privada de vivência religiosa. Dessa forma, foram pensados como relatos de milagrados por si mesmos, pois eles vivenciaram a experiência de um acontecimento – uma cura, uma bênção, etc – que ao menos para eles é relevante em sua relação com a fé e com o santo de devoção, frei Galvão.

De suas experiências pessoais ou familiares, narraram como foi, para eles, um fenômeno, um milagre, uma cura; esse acontecimento, muitas vezes, os aproximou mais ainda de frei Galvão, fortalecendo a fé nesse santo, bem como motivou, nos casos citados, a ida até lugares relacionados com a trajetória de vida do franciscano. E é na transcrição dessas entrevistas realizadas que se constrói, neste capítulo, um corpo de depoimentos que mostram como os fiéis indagados creem nele.

Através das falas, se formou um conjunto de memórias que reforçam ainda mais, para os devotos, a santidade de Antonio Galvão de França, além de comporem uma estrutura de sentimentos, refletindo uma consciência social comum entre essas pessoas, qual seja, de que Santo Antonio de Sant'Anna Galvão foi mais do que um ser humano: é um ente santo, poderoso e a serviço de Deus.

As entrevistas foram feitas apenas no Mosteiro da Luz, em São Paulo, e na Casa de frei Galvão, em Guaratinguetá. Na Casa, a abordagem do depoente foi aleatória; aguardando do lado de fora do espaço, os visitantes eram questionados sobre o motivo da visita e, nesse primeiro contato, a maioria se dispôs a contar um milagre que o motivava a ter ido até lá, enquanto alguns contaram que ali estavam apenas a passeio. Com exceção de alguns poucos (menos de cinco pessoas), que alegavam não ter o que dizer, pois não conheciam nada do frei e por isso não se sentiam habilitados a falar sobre ele, a maioria dos entrevistados não manifestou resistência para falar.

Já no Mosteiro da Luz, como as entrevistas foram feitas logo após uma missa, antes da bênção final, o capelão padre Armênio falou da pesquisa, comentando o meu objetivo de ouvir graças e bênçãos que as pessoas haviam recebido. Informou que, se alguém quisesse dar um depoimento, eu estaria ao final da missa aguardando-os para tanto. Não foram, portanto, procurados. Eles acorreram espontaneamente para contarem suas experiências.

A ideia do milagre é discutida ao longo de todo o capítulo, a partir do ponto de vista do fiel. Para ele, há algo que transcende a explicação científica e racional. Aos olhos da história, não é assim; no entanto, manteve-se a denominação para explicar os ocorridos, para esclarecer a relação do fiel com os fenômenos que ocorrem e que o aproximam do frei de Guaratinguetá.

A maioria são relatos de mulheres. Tratam de gravidez e de partos bem sucedidos; quando não, relatam uma recuperação de saúde. Não aparecem muitos homens; estes estão em menor quantidade. Não houve essa preocupação, ou seja, entrevistar igualmente os gêneros. Partiu-se da espontaneidade do depoente em falar. Crianças, não há; adolescentes, poucos.

Muitas depoentes também são mulheres com idade seguramente acima dos 50 anos (ao menos 50%). Sendo assim, dá pra mapear o público que ocorre ao Mosteiro: é mais feminino que masculino, e mais maduro; não há expressiva visita de jovens. Não muito diferente desse contexto é o público em Guaratinguetá. A grande diferença é que no Vale do Paraíba o público se assemelha mais ao perfil de romeiro. Em São Paulo, não há romarias, mas pode-se encontrar frequentadores mais assíduos, como as cantoras do coral e outros que depuseram e revelaram visitar, com frequência, a capela.

Há diferenças também entre os dois espaços a ele ligados. A Casa de Guaratinguetá, primeiramente, é conduzida pela família, ao passo que o Mosteiro é ordenado pela Igreja e pela mão das irmãs concepcionistas. A Casa tem público grande, carecendo de infraestrutura, na visão da proprietária, dona Thereza. Já o Mosteiro só conta com a capela e, ao lado, a loja e a distribuição de pílulas. Não há exposição aberta. O que se pode ver é o Museu de Arte Sacra, museu não vinculado à imagem do frei.

Enfim, são pontos esclarecedores para mapear minimamente os locais nos quais se fez as entrevistas com os devotos. Entrevistas essas bem breves, especialmente em Guaratinguetá, onde a maioria dos visitantes entrevistados estava em romaria, o que fazia com que eles tivessem pressa em contar; mesmo assim, após serem abordados, responderam espontaneamente.

No Mosteiro da Luz, o tempo e a disponibilidade dos depoentes foi maior e mais tranquila. Em geral, no Vale do Paraíba, os depoimentos duraram de um a três minutos; no Mosteiro, quase todos, passaram de cinco minutos.

No texto de Khoury (2001, p. 85), a autora conta experiências de trabalhos com fontes orais e acaba por concluir que quando se trabalha com essa fonte de pesquisa, mais do que se lidar com história, “tendemos a tratar sonhos, expectativas, propostas, projetos, fabulações, trazidos por nossos interlocutores, como fatos, possíveis de reflexão objetiva, oferecendo indícios de possibilidades alternativas na realidade social”.

Trabalhar com os relatos dos devotos é trabalhar, então, também com esperanças e crenças. Quando essas dizem respeito a possíveis milagres, lidamos também com a fé de que se está diante de um gesto divino. Para eles, os milagres são indicativos de uma forma diversa de tratar com as adversidades da vida, doenças, males etc.; ou seja, encaram superações como dádiva divina, em detrimento de explicações materiais ou científicas. Mais do que isso, Antonio Galvão de França é, em parte, um mediador entre Deus e os fiéis, entre o etéreo e o terreno; é ele quem intercede a Deus em favor de seus filhos e filhas.

Inicialmente, vale retomar uma discussão teórica, a qual dará ensejo para explorar, primeiramente, os relatos colhidos em Guaratinguetá e, depois, os demais, gravados no Mosteiro da Luz, em São Paulo, e essa introdução cerceia a compreensão, o uso e as possibilidades dadas pela história oral.

3.1. A história oral

O passado nos chega ao presente, portanto, pela história. Walter Benjamin, em um texto no qual reflete sobre o conceito de história, critica justamente um entendimento que possa querer reconstituir o passado tal qual ele foi. Para tanto, Benjamin (1994, p. 222) coloca que,

Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo “como ele de fato foi”. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo. Cabe ao materialismo histórico fixar uma imagem do passado, como ela

se apresenta, no momento do perigo, ao sujeito histórico, sem que ele tenha consciência disso.

A História (conhecimento sobre o passado) não dá conta de conhecer a história (acontecimentos) tal como ocorreu. Para Benjamin, é papel do historiador se apropriar dessa maneira como o indivíduo recorda, não só para identificar como ele constrói a imagem do passado, mas para perceber sobremodo como no presente esse passado se apresenta.

Partindo dessa análise do autor, é mister pensar como é o momento no qual o entrevistado reflete sobre sua história e suas memórias acerca de frei Galvão. São pessoas que, sem tempo para aperfeiçoar uma fala ou uma narrativa, expuseram como se relacionaram com o frei, em especial no que diz respeito às graças que receberam. Seleccionam, expõem alguns pontos em detrimento de outros que são omitidos, e esse exercício da memória que a história oral reconstrói é que mostra como o indivíduo, homem ou mulher, entende sua fé e, mais que isso, como sente, compreende e vê a figura do primeiro santo brasileiro.

Mais adiante, Benjamin (1994, p. 229) coloca que a “história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de ‘agoras’.” Essa visão do autor sobre a história contraria principalmente uma visão do passado organizado, alinhado em uma trajetória progressiva. A história abriga lembranças e esquecimentos que não necessariamente estão em ordem; nunca retornará ao caos que, do momento lembrado, no máximo é possível reconstruí-lo, porém nunca exatamente como no tempo em que se deu.

A história, por conseguinte, não é um artefato pronto e acabado, produto de um exercício de brincar de recordar. Ela implica em sentimentos, disputas, esquecimentos, cisões, decepções, que moldam uma narrativa, que dão peculiaridade à fala do sujeito. No estudo da história há que se ter claro que o sujeito que a comunica tem uma cultura própria, um modo de vida, pertence a uma classe social, tem objetivos e expectativas de vida; e tudo isso deve ser levado em conta, não só para melhor compreender o que o indivíduo diz, mas para apreender melhor a própria relação dele com o que já foi vivenciado.

Thompson é um autor que elenca usos da história oral: desde o conhecimento da história econômica, até seu uso para acessar fatos mais recentes, biografias, ele entende que “A evidência oral, transformando os ‘objetos’ de estudo em ‘sujeitos’, contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também verdadeira” (1992, p. 137). Para Thompson, portanto, a história oral propõe uma técnica que dá uma brecha para se acessar o passado; com o auxílio dela, o pesquisador valoriza seu entrevistado, por

exemplo, não como um mero objeto, uma fonte a mais na pesquisa, mas o encara como sujeito que ajuda na reconstrução de um passado no presente.

E a riqueza à qual ele remete, provavelmente, tem relação com a ideia de que no uso da história oral é possível não só reconstituir partes de um passado remoto ou mais próximo, mas, sobretudo, compreender as relações entre as pessoas, as disputas de poder, as discórdias, os esquecimentos que permeiam a memória do entrevistado. Para Thompson, então, ela é rica porque é capaz de aprofundar um conhecimento do passado naquilo que ele aflora no presente, no que tange ao processo histórico, no desenrolar dos fatos, sentimentos e relações sociais.

Sônia Freitas (2006, p. 18) traz em seu trabalho uma visão mais conceitual da história oral, buscando delimitar o que é a mesma: “História Oral é um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas de experiências humanas”. E ela especifica, mais adiante, sua própria postura em face da mesma:

Conforme meu entendimento, a História Oral pressupõe projeto, pesquisa, técnica de entrevista, postura ética com relação ao entrevistado, assim como de respeito ao entrevistado, ao que foi dito. Aliás, saber ouvir é a característica fundamental do oralista. O entrevistador não é passivo e nem neutro, na medida em que, com suas perguntas, ele participa e dirige o processo da entrevista, prepara o roteiro, seleciona as perguntas e introduz questões e temas a serem abordados pelo entrevistado. O documento final é o resultado de um diálogo entre pesquisador e pesquisado (FREITAS, 2006, p. 75).

Mais do que uma técnica, a autora se refere a princípios que regem ou devem ser respeitados pelo pesquisador que utiliza o método da história oral. O respeito às fontes - ou seja, respeitar o que foi dito - é um norteamento sobre o qual deve se sedimentar todo trabalho com história oral. Caminha-se, com o auxílio desses debates, para uma compreensão da história oral como metodologia de co-produzir narrativas orais.

Ou seja, a história oral pode ser uma aliada a mais no estudo do passado. Ela, porém, não exaure uma realidade: ela pode até trazer elementos novos e diversos, mas o objetivo é fazer com que ela trabalhe juntamente com outros métodos no sentido sempre de trazer uma melhor qualidade ao trabalho do pesquisador.

Todavia, é importante destacar que a autora revela que o trabalho com a história oral, com o instrumental de pesquisa entrevista, não é um trabalho solitário; o entrevistado não fala sozinho para um gravador; a entrevista, ao final, o produto do trabalho, é um diálogo entre entrevistador e entrevistado, no qual o primeiro tenta conduzir, com maior ou menor persuasão, seu entrevistado a reconstruir uma narrativa histórica de algum fato que o interessa ou com o qual trabalha ou pesquisa.

De acordo com Portelli (1997b), as fontes orais são também fontes narrativas: narram, contam um fato, um acontecimento, ou falam de um grupo ou de determinadas pessoas. No

entanto, tão ou mais importante que o fato que ela trabalha, é perceber nela uma subjetividade do entrevistado. Tanto quanto falam sobre eventos, as entrevistas falam-nos mais ainda sobre o sujeito, como ele sentiu, como percebeu; falam com “custos psicológicos” (PORTELLI, 1997b, p. 31) envolvidos naquele cenário e percebidos pelo sujeito entrevistado.

Assim, a utilidade específica das fontes orais para o historiador repousa não tanto em suas habilidades de preservar o passado quanto nas muitas mudanças forjadas pela memória. Estas modificações revelam o esforço dos narradores em buscar sentido no passado e dar forma às suas vidas, e colocar a entrevista e a narração em seu contexto histórico (PORTELLI, 1997b, p. 33).

Novamente se tangencia a compreensão de que a história oral não é apenas um instrumento de resgate de um passado; ao contrário, como recurso, ela dá subsídios para não só se saber do passado, mas sobre o próprio sujeito que participou da construção desse passado. E hoje, no presente, quando se aciona novamente as recordações, as fontes orais expõem como as mudanças ocorreram, como o indivíduo relata o acontecimento histórico, o que ele faz questão de esquecer ou de destacar na sua fala. A história oral ajuda a contextualizar no desenvolvimento de uma pesquisa aquilo que uma entrevista consegue recuperar e trazer de novo para o enriquecimento de um trabalho.

Nesse sentido, a história oral vai se apresentando como um recurso importante para uso na pesquisa com os devotos de Antonio Galvão de França. Mais do que repetirem o que foi um milagre, por exemplo, as entrevistas falam dos entrevistados, de sua vida, de sua fé; podem revelar preconceitos e tensões, dificuldades e satisfações que são componentes relevantes para entender como esses milagrados constroem para si a imagem de um santo e revelam os usos que fazem da fé.

A história oral, como metodologia, foi relevante para compreender uma prática social. Essa prática contribui também para a construção de uma memória em torno da figura do santo, dos espaços nos quais ele viveu. A relação do fiel com a bênção é importante na manutenção de uma memória partilhada do mesmo: aquele que recebe a graça não só a relata a um pesquisador, como aqui no caso, mas ela também é passada adiante a outros católicos, a outros fiéis e romeiros, fortalecendo assim a fama de santidade de frei Galvão e isso implica na ampliação dos quadros de uma memória sobre ele.

E assim, acaba se reforçando a fama de santo, de poderoso servo de Deus, como elemento fundamental para um processo de canonização. Aqui não se trata de um processo (e nem de fama de santidade, que era elemento perseguido por irmã Célia Cadorin nos trabalhos que realizou), e essa fama de santidade nada mais é que uma memória historicizada que vem sendo construída com a ajuda das graças individuais que as pessoas creem viver e que acabam

por auxiliar, sem mesmo saber, para a manutenção de uma teia de testemunhos que somente colabora positivamente para que a visão sobre o frei seja cada vez mais amarrada pela ideia de que ele foi realmente um homem santo.

“Testemunho oral é apenas um recurso potencial até que pesquisas o chamem para a existência”, salienta Portelli (1997b, p. 35). Tratando acerca da oralidade, essa citação reforça o entendimento de que práticas sociais são vivenciadas e se constituem, na e pela oralidade, no presente. O testemunho de fé, nesse trabalho, se faz por meio de narrativas orais. Eles, isoladamente, são material em potencial, mas quando alinhados de maneira a compor uma narrativa, são a concretização de uma memória historicizada – por vezes, documentada – que quer contar quem foi esse cidadão guaratinguetaense.

No último capítulo, por exemplo, se verá como relatos escritos arrebanhados na sala dos milagres do frei, em Guaratinguetá, são muito mais eficazes como documentos do que como meros relatos. São fontes que auxiliam na manutenção dessa memória de que Antonio Galvão de França realmente foi um homem santo, diferente, especial, e geram, em outros visitantes, motivações, sensações e percepções que fazem com que acreditem mais ou menos na história de santidade atribuída a esse homem.

Então, para que se possa acessar essas memórias individuais, faz-se o uso das entrevistas. As entrevistas foram realizadas em fevereiro de 2008, em Guaratinguetá, e em julho do mesmo ano, em São Paulo. Todas elas buscavam saber como o fiel percebeu alguma graça que acreditou receber pelas mãos do frei, ou se sabia do fato de alguém que tivesse vivenciado isso. As pessoas iam narrando fatos de curas e de outros tipos de bênçãos recebidas e que agregaram algum tipo de valor ou sentimento na vida desses indivíduos e que são também contadas para outros fiéis para que também recorram ao frei, com o intuito de verem suas graças serem atendidas.

O testemunho oral, de fato, nunca é igual duas vezes. Isto é uma característica de todas as comunicações orais, mas é especialmente verdadeira das formas relativamente não estruturadas, tais como declarações autobiográficas ou históricas fornecidas em entrevista (PORTELLI, 1997b, p. 36).

Nos relatos dos fiéis de frei Galvão, por mais semelhantes que sejam os milagres entre si, para cada entrevistado a situação é única, porque é ele quem a sente e somente ele a percebe e experimenta daquela maneira e naquelas circunstâncias; é ele quem está fazendo o exercício de externalizar oralmente um passado vivido. Cada entrevistado tem uma história de vida própria, uma formação específica, o que faz com que ele veja, com maior ou menor intensidade, o fato que narrou.

Muitos deles são relatos que tratam, principalmente, de problemas de saúde: diante dessas situações, as pessoas experimentaram ou creem ter testemunhado uma cura milagrosa, uma graça, uma bênção oriunda do céu. Constatase que uns se comovem mais, outros nem tanto, outros vivem com maior ou menor intensidade, porém todos comungam da mesma opinião: a de que acreditam terem vivido ou participado direta ou indiretamente de uma situação que não pode ser explicada pela vida mundana, que tem como justificativa e como solução uma ação extraterrena, sobrenatural.

O caráter da subjetividade é que faz de cada relato único. Mesmo que as motivações sejam as mesmas, cada relato é diverso do outro. Ela, por assim dizer, é que dá a peculiaridade a cada fato narrado, ela dá o colorido à fala do entrevistado.

A subjetividade, o trabalho através do qual as pessoas constroem e atribuem o significado à própria experiência e à própria identidade, constitui por si mesmo o argumento, o fim mesmo do discurso. Excluir ou exorcizar a subjetividade como se fosse somente uma fastidiosa interferência na objetividade factual do testemunho quer dizer, em última instância, torcer o significado próprio dos fatos narrados (PORTELLI, 1996, p. 60-61).

Para o autor, a subjetividade tem uma centralidade relevante no estudo e no uso da história oral. Por mais que se pretenda, por exemplo, objetivar uma pesquisa que trabalha com história oral, essa não pode retirar do testemunho a subjetividade da qual ele está imbuído, pois isso descaracterizaria a fala do entrevistado. E mais que isso, Portelli quer mostrar que a subjetividade é o objeto de reflexão do historiador e ela mesma é um dos fatores que movem as pessoas. As pessoas têm motivações subjetivas.

O que motiva as pessoas que frequentam a Casa de frei Galvão a crer nele? As suas famílias, amigos, uma cura milagrosa que acreditam ter testemunhado, uma manifestação de devoção de outra pessoa? Tudo isso, de alguma forma, também é buscado com a utilização da história oral: compreender o que contribuiu para que o devoto acreditasse na santidade desse homem e dessa maneira, optar por crer que frei Galvão é realmente santo, um homem diferente, com poderes celestiais.

São relatos, na sua maioria, anônimos, mas nem por isso perdem a subjetividade inerente às falas. Diante de milagres tão explorados, como os de Daniella e o de Enzo e Sandra – conhecidos do grande público católico e dos devotos do frei –, ou de outros, como os relatados em matérias jornalísticas, os relatos das pessoas que visitaram a Casa ou o Mosteiro não precisam realmente ser conhecidos, nominados.

E assim, o que se quer explorar é o fato de que, mais até do que os milagres reconhecidos pela Congregação para as Causas dos Santos, todos os demais, os milhares de outros que aparecem nas falas dos fiéis, são muito mais numerosos e, nesse sentido, mais

determinantes para a manutenção de uma memória partilhada do que os dois milagres da beatificação e canonização do frei.

Hoje em dia é um pouco diferente, pois o frei não vive mais. No entanto, esses milagrados por si mesmos passam adiante suas experiências com o frei, o que acaba fazendo com que ele seja ainda mais conhecido do público católico. E isso pode ser constatado em uma simples conversa com os romeiros que vão a Guaratinguetá visitar a Casa do frei. Poucas pessoas sabem quem foi Daniella ou Enzo, mas todos, sem exceção, sabem de um parente, de um amigo ou vizinho que, tendo rezado para o frei, viu um pedido seu ser supostamente atendido.

E isso se torna ainda mais factível, pois os milagres de Daniella e de Enzo e sua mãe não expressam ou indicam o ponto final e o cume de uma trajetória de vida de um santo. Ao contrário, apenas reforçam uma teia de memórias que já existia e que já era bem tecida; já caracterizava uma trama rija, que dava base para a provável fama de santidade atribuída a frei Galvão.

Esses relatos são pensados, sentidos, percebidos e vividos. Esses sentimentos estão caracterizados nas falas dos entrevistados. Ajudam a compor as narrativas que eles expressam e revelam a experiência que eles partilham socialmente. Como explica Williams (1979, p. 134) a respeito das estruturas de sentimentos,

Falamos de elementos característicos do impulso, contenção e tom; elementos especificamente afetivos da consciência e das relações, e não de sentimento em contraposição ao pensamento, mas de pensamento tal como sentido e de sentimento tal como pensado: a consciência prática de um tipo presente, numa continuidade viva e inter-relacionada. Estamos então definindo esses elementos como uma “estrutura”: como uma série, com relações internas específicas, ao mesmo tempo engrenadas e em tensão. Não obstante, estamos também definindo uma experiência social que está ainda *em processo*, com frequência ainda não reconhecida como social, mas como privada, idiossincrática, e mesmo isoladora, mas que na análise (e raramente de outro modo) tem suas características emergentes, relacionadoras e dominantes, e na verdade suas hierarquias específicas.

Todos esses relatos, por fim, também contribuem para entender o que expõe Williams quando fala das estruturas de sentimentos: elas são estruturas sociais, formam uma consciência prática. A estrutura de sentimentos, da qual faz parte a subjetividade dos indivíduos, expõe o que é uma experiência social, como grupos, comunidades e pessoas sentem e, assim, percebem juntas um acontecimento.

Este capítulo não só quer compreender como esses entrevistados viveram a relação com o primeiro santo brasileiro oficialmente canonizado, mas perceber como nessas falas individuais é possível perceber uma experiência comum, social, que aponta para a ideia de que Antonio Galvão de França foi construído como santo com o auxílio das pessoas, dos devotos, dos fiéis que compõem seus séquitos de devoção e, assim, auxiliam no reforço dessas estruturas que alicerçam a figura de um ícone cristão-católico no Brasil atualmente.

São múltiplas as experiências que foram contadas, a maioria diz respeito a problemas graves de doença, outras apenas para prevenção contra um mal maior, outras ainda apenas revelam uma intenção, por parte do depoente, de levar auxílio a terceiros que precisam de um socorro não só médico, mas de conforto espiritual. Muitas mulheres grávidas aparecem nos depoimentos e isso, como se verá, é um fator importante na análise da memória de frei Galvão, pois tal qual ele é associado à construção do Mosteiro ou lembrado por sua origem, ele também é relembrado como alguém que sempre socorreu as mulheres no momento tão alegre, e ao mesmo tempo doloroso, do parto.

3.2 Os relatos dos milagrosos em Guaratinguetá

Depoente 1: Então a minha esposa tem diabete, tinha pobrema de diabete. Ela tinha os retornos normais, né? Ela volta lá, o médico pega, vai examinar ela, minha filha foi junto. Ele disse pra minha filha: “Pois é, que bom que você veio com a sua mãe. Sua mãe vai precisar fazer uma série de exames”. E ele foi levando ela. E falou: “Já vou mandar você pro hospital São Paulo que você vai precisar uma cirurgia, que você tá com um pobreminha no coração”. E aí, faz exame daqui, faz exame dali, internou ela, ela foi pra UTI. De lá, ele avisou minha filha, que trabalha numa clínica. Avisou ela, que ela tava com um pobrema perigoso, tava assim, pra morrer, entre a vida e a morte, tava correndo risco a vida dela. Mas isso dois, né, três médicos que já tava com todos os exames. Aí, internaram ela, levaram pra UTI, pra fazer essa cirurgia, eles não garantia. Aí, meu filho mora em Brasília, minha filha ligou, chegou 10 horas da noite, e nós fomos tudo pro hospital. De manhã, 7 horas, nós tava, duas filhas, esse meu filho e eu, esperando o resultado da cirurgia dela. Ela ia fazer um cateterismo e depois a cirurgia do coração. Quando foi 9 e pouco que ele chega lá, nós pega levanta, aquele desespero, né, ele falou assim: “Não sei explicá, não vou falá, não sei nada, mas nós num encontramos nada. E antes dela, ir pra cirurgia, pra UTI, minha filha pegou um comprimido do Frei Galvão, que um médico que trabalha com ela deu pra ela, pegou: “mamãe, mamãe, abre a boca mamãe, chupa aí o comprimido, mamãe”, ela abriu a boca, ela pôs o comprimido na boca dela. O médico falou: “não sei nada, não sei explicá nada, nós não encontramos nada. Tudo aquilo que foi encontrado nos aparelho, nos exame, nós num encontramos nada”. Aí, que aconteceu? Nós começamo tudo a chorar.

Entrevistadora: Ela veio pagar promessa?

D.: Viemo aqui pra isso, então veio meu filho, uma nora, e veio eu.

E.: De onde o senhor é?

D.: De Ribeirão Preto, e meu filho é de Brasília.

E.: E como ela está?

D.: Tá bem, ele falou que ela num tinha nada.²¹

Esse foi o primeiro depoimento colhido em Guaratinguetá, em frente à Casa de frei Galvão, no centro da cidade, em 9 de fevereiro de 2008. Ao sair da Casa, foi-lhe perguntado porque estava ali. O depoente 1 fez questão de frisar, ao contar o ocorrido, que os médicos constataram os problemas cardíacos de sua esposa, por meio de exames, de forma inquestionável. Interessante o reforço que ele atribui à surpresa dos médicos. Para ele, como depoente naquele

²¹ Depoimento colhido em Guaratinguetá em 9 de fevereiro de 2008.

momento, era primordial denotar um sentimento de vitória, ou seja, mesmo com tantos exames, eles, os médicos, nada acharam. Ou talvez tivessem se equivocado quanto aos exames.

Vale para ele, ali, naquele instante, passar em sua fala uma expressão de vitória que ele viu ocorrer. Ou seja, havia um cenário crítico, exames que apontavam o pior para sua esposa, mas, de repente, tudo é deslindado, pois no momento da intervenção no hospital, nada havia. A fala do entrevistado, quando trata da internação em uma UTI, a gravidade de um problema no coração, tudo isso quer apontar o perigo que sua esposa viveu com relação à sua vida, e ele reconta a fim de demonstrar a grandiosidade da fé e a conquista da cura.

E na descrição do ocorrido, o depoente aponta que a melhora no quadro de sua esposa foi um evento vivido em família: ele e os filhos estavam por perto. A cura milagrosa de sua esposa, então, não foi apenas uma vitória para ele e para a enferma, mas também para os filhos, que ele menciona ao final da entrevista o estarem acompanhando na visita a Guaratinguetá.

Foi um marco, quiçá, para a fé de todos os membros da família, que perceberam de forma semelhante o que se sucedeu com a senhora, esposa do depoente, e essa conclusão percebida por ele aponta para uma vitória da fé sobre a doença, uma recuperação milagrosa, não médica, apesar de a paciente ter sido internada. O ponto central é mostrar um triunfo, um restabelecimento de saúde que foi motivação para toda a família crer na santidade de frei Galvão.

No sofrimento e na enfermidade da mãe, o filho que acompanhava, talvez, tenha apreendido que frei Galvão foi o responsável pela cura de sua mãe e isso talvez o tenha motivado a visitar e a acompanhar seus pais à Casa do frei para agradecer a graça recebida. Novamente, a presença da família deve ser marcada, porque apesar da melhora ser individual, ela era motivo de êxtase para o esposo – o depoente – e para o filho, que os acompanhava nessa visita à Casa.

*Depoente 2: Eu tinha sofrido há 7 anos, né, há 7 pra 8 anos, minha voz não saía mais, né, e, ao consultar um médico em Chapecó, constatou-se um nódulo na corda vocal. E, então, não haveria outro meio se não cirurgia, e não se sabia se maligno ou benigno, então na hora que eu fui, pra ir pra sala de cirurgia, coloquei a mão assim, “se eu tiver o dom de volta...”, não era maligno, pode falar? E então “vou fazer essa romaria, essa visita, a Frei Galvão e a Aparecida do Norte”, graças a Deus, e no fazer o estudo de patologia, deu ausência de maligno, era benigno. Quando eu dei o exame pro meu médico, eu dei com a mão esquerda e com a direita eu fiz o sinal da cruz. Ele disse: “belo gesto”!*²²

O segundo depoente tinha uma suspeita de câncer, não a confirmação. Somente a biopsia confirmaria a dúvida. Ocorreu que não houve a confirmação, o que revela na sua fala uma despreocupação com o fato de demonstrar uma cura, porque essa mesmo, de fato, não se deu. Esse senhor de Chapecó, SC, não chegou a tomar as pílulas, como tantos outros.

²² Depoimento colhido em Guaratinguetá em 9 de fevereiro de 2008.

O único gesto que associa à sua fé é quando toca sua garganta com a mão e faz a promessa: “se eu me curar, vou à Frei Galvão e à Aparecida”, com o objetivo de agradecer. Tem um sentimento de gratidão perceptível na fala e nos gestos – como o sinal da cruz, quando entrega o exame. Mas realmente não toca a questão de um milagre, e sim a oportunidade de fazer uma romaria até o Vale do Paraíba e, nessa, aproveitar para agradecer ao santo de devoção e a Maria por não ter nem mesmo precisado de uma graça que o curasse.

Mas a exclusão da periculosidade do nódulo já foi uma motivação pessoal para que ele crescesse ainda mais nos santos católicos que menciona. A relação que ele estabelece é de gratidão e de respeito, de alívio quando descobriu que não havia mal pior no nódulo. E, provavelmente, o fato reforçou sua própria fé; e isso ele identifica ao final, quando fala do sinal da cruz. Esse gesto é muito peculiar aos católicos e quando o reproduz não apenas expõe ao médico sua fé, mas aponta a fé que ele tem, o apego com a religiosidade em um momento no qual se sentiu ameaçado ou frágil.

“A narrativa de uma vida faz parte de um conjunto de narrativas que se interligam, está incrustada na história dos grupos a partir dos quais os indivíduos adquirem a sua identidade” (CONNERTON, 1993, p. 26).

O depoente 2 aponta essa sedimentação de uma identidade cristã-católica: ele se identifica com a fé católica, com as romarias a locais sagrados, com os sinais que municiam a prática de uma crença. Dessa maneira, sua narrativa não só exprime como ele se relaciona com o acontecimento, mas expressa que a religião produz historicamente identidades e essas são várias, diversas, percebidas e sentidas diferentemente, mas são elas elementos importantíssimos na composição de um processo histórico.

Esses dois senhores entrevistados estavam em Guaratinguetá, juntamente com outros romeiros. O segundo, de Chapecó, estava com uma romaria dessa cidade. Eles viajaram horas e horas até chegar ao destino. Todos têm afinidades: são católicos, querem conhecer um polo turístico religioso famoso em todo país, querem agradecer por curas e bênçãos possivelmente recebidas. Conversam, trocam suas experiências uns com os outros, identificam-se. Falam de graças e da fé que possuem em um ou mais santos. Acabam fazendo com que suas experiências sejam relevantes para si próprios e para os outros que, tomando contato com tais histórias, reforçam sua fé, valorizam mais um santo, reforçam a crença no sobrenatural. São pessoas que também recordam juntas e, quando ouvem um relato que diga respeito ao frei Galvão, identificam-se, com maior ou menor gravidade, mas expressam familiaridade com essa religiosidade e com a devoção ao santo. Além do que, estabelecem-se vínculos que reforçam positivamente aquela experiência vivida: a visita ao Vale do Paraíba e à Casa de frei Galvão.

Recordar é, então, precisamente não lembrar acontecimentos de forma isolada. É ser capaz de formar seqüências narrativas com sentido. Em nome de um determinado compromisso narrativo tenta-se integrar fenômenos isolados, ou estranhos, num único processo unificado (CONNERTON, 1993, p. 32).

Esses milagrados fazem isso: tentam condensar, de uma maneira que dê sentido, a experiência que viveram no que diz respeito a frei Galvão. Recordar é produzir história e eles fazem isso no momento em que se dispõem a lembrar de algum milagre que creem ter visto e o expressam oralmente. E no exercício da reprodução dessa memória, eles enriquecem as falas com sentidos que evocam a memória e a unidade, mas não têm eles consciência dos processos e trajetos que realizam para recompor a fala como aqui está apresentada. Ela, a memória, não é uma unidade, mas sim um produto de um processo mental, cognitivo que, quando se apresenta, nunca é unificada, mas sim arranjada, costurada com elementos conexos e outros desconexos, mas que para o indivíduo têm o sentido; expressam, expõem a maneira como ele entende a realidade individual e social vivida.

*Depoente 3: Morava em São Paulo, então minha mãe foi lá no Mosteiro da Luz buscar a pílula pra mim. E em Taubaté, uma senhora deu pra minha cunhada, aí a minha cunhada levou pra mim. Aí o dia que minha mãe soube que eu tava já em trabalho de parto, ela veio correndo de São Paulo pra Taubaté pra trazer as pílulas pra mim, só que ela chegou eu já tinha tomado as pílulas e ela já tinha nascido. Ah, mas daí dos 5 filhos eu tomei. Meu segundo filho chamava Elcio Antonio, por causa dele.*²³

Estando ela, a depoente, grávida, recebeu as pílulas de frei Galvão e as tomou, certamente para pedir que tivesse uma boa hora. A entrevistada diz que assim fez em todos os seus partos. Ela estava acompanhada de uma filha, para quem apontou no momento da entrevista, a fim de salientar que a menina é prova, para ela, de que a pílula garante um bom parto. Um filho seu, chamado Elcio Antonio, ela o diz, assim se chama em homenagem a Antonio Galvão de França.

Mais do que uma memória individual, nesse exemplo, tem-se uma memória que faz parte da vida da depoente e de seus cinco filhos: todos sabem que a mãe, quando grávida, recorreu às pílulas e ao frei para ter um parto sem complicações. Acaba por se formar uma memória partilhada, que pertence a um grupo, no caso, a uma família, além do que assume um caráter de prevenção contra possíveis problemas que pudessem ocorrer em outros partos.

E mais do que isso, a depoente aponta uma tática que ela acredita funcionar em momentos críticos, ou seja, tomando as pílulas do frei, ela conseguiu êxito em todas as vezes que pariu. A pílula, para ela, se tornou uma tradição, que ela talvez tenha colaborado para disseminar para seus filhos ou amigos. Ela participa com esse gesto da manutenção de uma tradição inventada pelo frei, mas que se fortaleceu, mormente, entre mulheres grávidas.

²³ Depoimento colhido em 9 de fevereiro de 2008.

O exemplo da depoente 3 se aproxima da compreensão de que as pílulas compuseram uma tradição, com várias funções, na vida dos devotos do frei. A principal função dessa tradição é a de tomar as pílulas ou por motivos de gravidez ou de doença, mas cada um está livre para dar o uso que quiser para esse objeto. Essa relação das pílulas com a gravidez vem realmente desde o tempo de frei Galvão. Como dito anteriormente, ela foi feita em uma situação de socorro de uma parturiente. No volume do processo (CONGREGATIO DE CAUSIS SANCTORUM, 1993, p. 340), há uma explicação do uso por mulheres grávidas:

Mais tarde, um homem muito aflito procurou Frei Galvão dizendo que sua mulher estava para dar à luz mas estava mal. Novamente [ele já havia utilizado as pílulas anteriormente para um rapaz com problemas de cálculos renais] Frei Galvão se lembrou do versículo do ofício de Nossa Senhora: escreveu, enrolou e mandou as pílulas para a mulher, que depois de as tomar deu à luz sem nenhum problema. [...] No início, as pílulas eram procuradas sobretudo pelas senhoras parturientes. Com o tempo, porém, começaram a ser usadas por quem sofria de outras doenças, especialmente problemas renais (cálculos ou pedras nos rins), e mesmo para a conversão dos pecadores. Atualmente, são procuradas por homens, mulheres e jovens, que nas doenças (especialmente câncer) ou dificuldades de toda espécie invocam a intercessão do Servo de Deus e tomam com fé “as pílulas de Frei Galvão” como são chamadas.

No entanto, no exemplo acima, assim como ensina Hobsbawm e Ranger (2002), a tradição parece apontar apenas uma continuidade, mas tenta ao mesmo tempo escamotear mudanças e transformações. A depoente não fala que talvez seus partos tenham contado com auxílio médico e hospitalar que, ao longo do século XX, em especial, contou certamente com inúmeros avanços e melhorias na área da obstetrícia. Ou é possível pensar o oposto também: muitas vezes essas parturientes se viam em más condições hospitalares, fato que é corriqueiro na realidade hospitalar pública brasileira, o que faz, quiçá, com que elas recorram à fé, a fim de se garantirem e obterem um maior conforto espiritual nos momentos de dificuldade.

Ela não entra nesse mérito, somente tenta passar em sua fala que essa tradição funciona, que os resultados dela são bons, sem mencionar uma série de outros elementos que podem ter sido ainda mais preponderantes nos partos que ela teve.

Nesse caso, além de se ter uma tradição que a mãe pode ter compartilhado com os filhos, há que se identificar aquilo que Pollak (1992) denomina como sendo uma memória herdada, a qual, mesmo não sendo vivida especialmente pelos filhos da depoente, constitui experiência de vida também de outros, os filhos. O autor fala em quase herdada, o que implica em uma transmissão de um fato, de uma recordação e de uma lembrança.

É perfeitamente possível que, por meio de uma socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada. (POLLAK, 1992, p. 201).

Isso não quer dizer que a memória desses partos tenha sido percebida igualmente pela mãe e pelos filhos, mas o fato é partilhado por um grupo, pela família, e isso acaba por compor uma estrutura familiar com percepções comuns ou semelhantes entre os indivíduos que a compõem sobre fenômenos que são conhecidos de todos os membros dessa coletividade.

Depoente 4: Uma amiga minha, uma senhora, que eu olho a criança dela na creche da prefeitura, onde eu trabalho. Ela veio aqui e pegou uma oração pra ela e pegou mais uma. Aí, quando chegou em São José, ela falou: “mas por que que eu peguei mais uma, se eu só preciso de uma?” Aí, no caminho da creche diz que uma coisa falou no ouvido dela assim: “dá pra uma pessoa, você vai dar pra alguém que vai precisar”. Ela falou, “mas eu não sei pra que eu vou dar, só conheço evangélico”. Ela entrou na creche, falou de novo a mesma voz: “dá pra Delza, que ela tá precisando”. Aí ela ficou com medo, não tinha intimidade comigo, não sabia nem que religião eu era. Aí ela falou: “Delza você é católica?”, eu falei sou, “você acredita em Frei Galvão?”, falei, nossa, demais, tô precisando das pílulas pra poder fazer a novena novamente, porque eu fiz a novena, sem tomar as pílulas. Ela falou: “então tá aqui”. Disse que vinha aquela voz, e ela não sabia pra quem que era, quando ela pôs o pé na creche, veio aquela voz de novo e falou pra ela entregar pra Delza. E realmente eu estava, meu apartamento, a papelada, tava tudo enrolado, eu há nove meses morando na casa da minha mãe, com apartamento comprado e não conseguia mudar. Eu fiz a novena, terminei na sexta, na segunda chamaram meu marido pra pegar a escritura do apartamento, já tô morando no apartamento desde 21 de dezembro.”²⁴

O depoimento de Delza²⁵, por conseguinte, se diferencia quanto à motivação dos demais: ela não tinha um problema de saúde, mas um outro que para ela também era sério: não conseguia desenrolar a papelada de seu apartamento, em São José dos Campos (SP), também no Vale do Paraíba. No relato, a depoente faz uma menção à questão religiosa. Sua amiga não se lembrava de nenhum católico a quem pudesse dar as pílulas, somente de evangélicos.

Delza não explicita se a pessoa que deu a ela a novena com as pílulas era evangélica, talvez o fosse, pois conhecia muitos evangélicos. Não menciona na fala, mas há que se refletir que ela não via sentido em dar a um evangélico as pílulas de frei Galvão, somente a um católico. Delza explicita um exercício seu de tentar mostrar que as pílulas, para a amiga, não tinha sentido se dada a uma pessoa que não fosse católica. Talvez daí ela apontar a voz que falava no ouvido da pessoa, e que ao final cita o nome da depoente, como sendo a pessoa digna de receber as pílulas.

Para um evangélico, frei Galvão não necessariamente é um homem santo, ao contrário, aos olhos dos evangélicos a sua devoção é, muitas vezes, caracterizada como adoração a outros deuses, fato que contraria o texto bíblico. Sendo assim, para Delza, no momento em que compõe sua experiência, não haveria sentido dar as pílulas para uma pessoa que não acredita em santos, tampouco, então, nas pílulas. E assim, a depoente se apresenta como se

²⁴ Depoimento colhido em 9 de fevereiro de 2008.

²⁵ Apesar de dito o nome, não houve como saber acerca da correta grafia do nome da depoente. Optou-se por essa, para diferenciar da palavra “deusa”.

fosse alguém escolhido pela portadora das pílulas para recebê-las. Ela demonstra felicidade, contentamento quando as recebe, pois se via diante de um dilema com um imóvel. E, nesse ínterim, também coloca que já havia feito a novena – talvez para solucionar o problema do apartamento – mas fica claro que, para ela, a novena sem as pílulas não tem o mesmo efeito.

Para Delza, a pílula funciona como um reforço nas orações que são evocadas ao frei. E ela associa o deslinde da papelada à novena que acabara de fazer. Na sequência das pílulas, advém o telefonema e a liberação do apartamento. Em momento algum, a depoente fala em milagre ou graça, mas não esconde a satisfação de ter conseguido habitar, agora, seu imóvel próprio. Remete a uma coincidência, por ventura, que não era esperada e que ela acredita ter relação com a sua devoção ao frei e no poder das pílulas dele.

Depoente 5: Tava cheio de nódulo na garganta, ta? E os médicos queria, com urgência, que eu operasse. E eu não queria operar. Isso faz um seis meses, aí minha mãe veio aqui, eu tava muito sem fé, minha mãe veio, e levou as pílulas, mas eu tava passando muita travessura na minha vida, com minha filha, que se entregou às drogas, o rapaz que eu moro agora é alcoólatra, último grau, mexe com tudo de errado... E mamãe foi e eu tomei as pílulas, pra te falar a verdade, eu não tava nem com muita fé, eu tava muito revoltada, e tomei as pílulas, passou uns dias, eu botei muito sangue pela boca, botei mais de um balde de sangue pela boca...E aí passei por vários médicos, fiquei toda entubada, pra estancar o sangue... E eu até voltei aqui pra escrever tudo direitinho, mas eu tava nervosa... Esses problemas tão acabando comigo, né? Mas quando eu passei pela otorrino, ela tava cuidando do caso, eu pedi pra ela olhar minha garganta, aí ela botou o aparelho e não tinha mais nada.

Entrevistadora: Sem cirurgia?

Depoente 5: Sem cirurgia! Eu tava com muitos nódulos, passei por vários médicos, ele até muitas vezes tava comigo, o médico me dava encaminhamento pra operar, eu falei, não quero operar, eu não vou operar, aí, e hoje é que eu caí na real que eu tomei as pilulinhas, que eu tenho certeza que todo esse sangue que eu botei, foi tipo assim, desfez os nódulos né? Os médicos falam uma coisa, que foi pressão alta, mas... Quando eu perguntei pra doutora Viana, dá uma olhada na minha garganta pra ver como tá, eu já tava preparada pra ela dizer que eu tava cheia de nódulo e ela disse, “você não tem nada na garganta”.

E.: Essa que a senhora está levando agora, é pra uma pessoa que tá doente?

Depoente 5: Essa eu precisava pro rapaz que mora comigo. Porque ele é muito bom pra gente, eu não queria deixar dele. Ele tá separado há quatro anos, informaram pra mim que a mulher dele só vive em centro, só faz maldade pra gente, e distanciou, assim, a gente, de um nada. Ele não sai de casa, eu também não vou embora, a gente tá junto, mas a gente não fica junto mais, ele é irmão desse rapaz que trouxe a gente de carro... E não deixa faltar nada, mas tá aquela vida assim, ele se entrega à bebida, só chega de manhã em casa, todo dia ele dorme fora. Quando ele dorme, ele não consegue mais dormir na cama, ele dorme na sala. E o vício vai acabar, se entregou mesmo, em tudo, não quer mais tomar banho, e a minha filha também se entregou às drogas...

E.: E pra sua filha, a senhora está levando?

D.: Não, não tô levando, é isso que eu queria levar pra eles. A Carol, mas ela já tá com muita oração, a gente orando muito, já tá renovando muito a vida dela. Eu queria muito porque tenho uma prima que tá com leucemia, tem a prima também... Mamãe é de..., cinco horas pra lá do Rio, nós somos de Resende, e ela tá se formando engenheira, ela tá se acabando de dia pra dia, e não descobre a doença, a minha prima...Ela faz tudo os tipos de exame que você pode imaginar. E a confiança dela é no Frei Galvão. Esses dias eu liguei pra ela porque eu tava com tudo montado pra ir embora. Revoltada com ele, sabe? Essas coisas né, a gente brigava, descobri, né, que ele tinha amante, tinha um monte de coisa. Falei, eu vou embora, né, desmontando tudo pra ir embora. Mas eu não queria mais voltar pra praia, onde eu nasci e fui criada. Porque lá é água, é muito mar, e minha filha que usa droga, aquilo é muito perigoso. E aquilo trancou, minha pressão subiu de novo... aí ela pediu, “vai lá, faz isso por mim...minha esperança é o Frei Galvão”. Ela pede muito e essas que eu tô levando, tô levando pra ela, nem pra minha filha e pra ele se eu não conseguir mais, porque a fé dela, ela falou: “tô vivendo pela fé”. E ela tá se acabando dia pra

*dia, tá se acabando, tá em pele e osso. Ela tá se formando engenheira, o irmão dela é chefe na Petrobrás, ela tá estudando pra passar aula pra ele, porque ele vem de quinze em quinze dias....ela tá se acabando.*²⁶

Esse depoimento foi o primeiro colhido no dia 10 de fevereiro de 2008. Eu estava em frente da Casa, com um funcionário que ali trabalha como segurança. Não sei dizer se já houve alguma tentativa de roubo ou violência naquela rua da casa, mas nas duas vezes era o mesmo rapaz contratado por dona Thereza para garantir a segurança e o sossego do local.

Essa moça se aproximou. Havia me visto conversando com outras pessoas sobre milagres e curas e, espontaneamente, manifestou sua vontade de me contar sua história. Estava acompanhada de uma senhora, sua mãe, e, a poucos metros de onde conversávamos, havia um rapaz, dentro de um carro, que as aguardava. Ela havia saído da casa, da visitação. Na saída, cada visitante ganha uma novena com três pílulas e ela queria mais, porém a funcionária não podia dar, pois cumpre ordens quanto a isso: apenas uma novena por visitante.

Algumas lágrimas lhe rolaram durante a entrevista. Estava visivelmente abalada. Ainda assim, contou sua história: o seu nódulo na garganta, a sua relação conturbada com um homem alcoólatra, com a filha, Carol, que é usuária de drogas, até chegar, por fim, na motivação de sua visita à casa de frei Galvão, a prima com leucemia, que lhe pediu que fosse à Guaratinguetá pegar pílulas para ela.

E, em poucas palavras, sintetizou uma série de vidas, não só a sua. Sente-se cercada de problemas e como solução para eles se apegava à sua fé em frei Galvão e nas pílulas. Atribui sua cura de um nódulo às pílulas. Tem a intenção de dar as mesmas ao companheiro, à filha e à prima, para que também possam ser curados.

Foi, sem dúvida, o depoimento menos esperado ou provocado na pesquisa de campo em Guaratinguetá, mas é rico justamente pelas análises que ele promove. Em primeiro lugar, como os outros, a fé que a depoente tem de que sua cura se deu por intercessão de frei Galvão. Ao mesmo tempo, demonstra esperança, comoção, quando lembra do que viveu, quando verteu sangue.

Fez questão de salientar sua relutância em operar; no entanto, não omite o fato de ter sido hospitalizada, “entubada”, como ela coloca. Mas ela quer expressar que o fato de ter tomado as pílulas fez, por ventura, que ela vertesse muito sangue e nesse acontecimento é como se ela tivesse expulsado de si o nódulo da garganta, quase que exorcizando um mal que estava dentro dela. E ela prefere não acreditar que o fato de verter sangue tenha sido motivado por pressão alta; opta por ver o sangue como uma limpeza, por assim dizer, como se o sangue tivesse desfeito nela os nódulos, que ela não comenta se era câncer ou outra espécie de moléstia.

²⁶ Depoimento colhido em Guaratinguetá em 10 de fevereiro de 2008.

Em segundo lugar, vive uma relação afetiva conturbada e atribui essa complexidade à ex-mulher de seu companheiro que “só faz maldades”, frequenta centro. “Centro” aqui é, provavelmente, referência aos centros espíritas de orientação kardecista. Porém, não esconde o fato de nutrir uma esperança; alimenta a expectativa de que o companheiro é bom e que, de repente, pode deixar o vício de lado, para voltar a viver com ela em harmonia. Para ela, há uma tensão religiosa que atrapalha sua vida: ela, uma cristã-católica, que se vê ameaçada por alguém que seria espírita kardecista; ela desqualifica a fé da outra, pois para ela é uma fé que destrói, que machuca e magoa os outros.

Ela constrói um quadro familiar de dificuldades e adversidades; mas, no que tange ao companheiro, não deixa também de expressar esperança e de acreditar que ele possa voltar a ser bom como era antes, e todo esse caos que envolve a família dela, em especial na relação afetiva com o companheiro, ela atribui a fatores externos da relação: ou seja, ele não está se alcoolizando por opção ou por vício, mas sim porque sobre ele teria sido lançada uma maldade, contra ele foi feita alguma maldade que o tirou da normalidade.

Houve, durante séculos, uma combatividade por parte da Igreja Católica contra as religiões de origem indígena ou africana, como candomblé e umbanda, como também contra o espiritismo de Allan Kardec. Montes explica em seu texto como tem caminhado o campo das religiões no Brasil desde o século XX. E no que tange ao espiritismo, ela explica:

De fato, sob a forte influência da mentalidade cientificista de fins do século XIX representada pelo evolucionismo e o positivismo, a criação na França, por Allan Kardec, de um espiritualismo que não mais se opunha à ciência, mas antes procurava incorporá-la em benefício de suas crenças, representaria, no Brasil dos anos 30, um importante instrumento de reapropriação das religiões mediúnicas afro-brasileiras, inicialmente no Rio de Janeiro e logo em outros centros urbanos, por parte de uma pequena burguesia branca, urbana e letrada, que assim prestava homenagem ao espírito nacionalista do tempo ao criar uma religião “autenticamente brasileira”, sem com isso abrir mão do projeto civilizatório que por décadas tinha servido de base à condenação desses cultos (MONTES, 1998, p. 95).

Ele chega ao Brasil, portanto, no início do século passado. Como outras religiões, a exemplo das de origem africana, o Kardecismo foi durante décadas associado pela sociedade brasileira, principalmente pelos cristãos, à ideia da prática do mal, como se fossem religiões que lidavam com o mal, com magia, com feitiçaria. Porém, isso ainda continua presente no imaginário popular cristão-católico ou evangélico, como a própria depoente expõe. Para ela, a moça que faz maldades frequenta centros espíritas kardecistas porque lá é lugar de ser fazer maldades, lugar de prática do mal.

Ela não salienta na fala que o companheiro talvez beba por ser um dependente químico; ao contrário, ela sofre e ele também porque a ex-esposa dele assim o desejou em

suas práticas de maldade. E contra essa “travessura” a mais que ela passa na vida, um remédio seria, na sua visão, a pílula de frei Galvão. Mais do que curar seus nódulos, para a depoente, a pílula poderia ser uma maneira de libertar seu companheiro do vício e das maldades que foram feitas contra ele.

Como salienta a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (1999, p. 242), em face das religiões não cristãs – e entre elas durante anos se encontrou o Espiritismo –, ela “reconhece nas outras religiões a busca, ‘ainda nas sombras e sob imagens’ do Deus desconhecido”. Aos olhos católicos, portanto, religiões que não o Cristianismo Católico são religiões que ainda titubeiam, que ainda caminham nas sombras, pois ainda não chegaram à conclusão de que somente Deus e, portanto, Jesus Cristo, como são vistos pela Igreja Católica, são a única possibilidade viável de se ter fé e de salvação. Mas há que se levar em conta que, no que diz respeito aos fiéis, qualquer religião disputa fiéis entre si, o que faz com que uma certa religião desqualifique a outra, para manter seu rebanho de fiéis sob controle e afastá-lo de uma possibilidade de abandonar um culto em favor de outro.

Esta análise aponta um preconceito quanto a outras formas religiosas, e isso é muito claro na identificação de que outras manifestações religiosas “andam nas sombras e sob imagens”. A ideia de sombra poderia aqui até ser associada a uma ideia de maldade, de lidar com o obscuro, e é isso justamente que a depoente manifesta a respeito do Espiritismo Kardecista. A entrevistada mantém o entendimento de que o Kardecismo é uma prática religiosa nebulosa, obscura.

Em terceiro lugar, fica a fala na qual a entrevistada remete a um problema de saúde de uma prima que, ainda jovem, se vê vitimizada por causa de uma leucemia. Por causa da prima, ela vai até Guaratinguetá pegar as pílulas. A prima tem fé no poder de cura das pílulas, que não são remédio tradicional, mas um remédio para a alma e quiçá para o corpo.

Reitera várias vezes que a prima sofre muito por causa da doença e ela se compadece da situação alheia. É quase como se a prima não merecesse a doença: moça jovem, estudiosa, ajuda um irmão funcionário da Petrobrás a estudar. Não merecia, portanto, sofrer de um mal tão grave. A doença aqui se põe quase que como um castigo para o doente. Esse é um primeiro ponto.

O outro é a gravidade de um câncer, como a leucemia. É muito mais tranquilo, poder-se-ia dizer, a cura de um vício do álcool, como o de seu companheiro; difícil é conseguir um transplante de medula, sobreviver a uma doença tão agressiva e de difícil tratamento. Então ela não hesita em levar as pílulas para a prima; a seu ver, o problema da leucemia é mais grave e aqui a briga seria mais dura e mais sofrida, diversamente da luta contra o alcoolismo do companheiro, que para ela é fruto da maledicência alheia.

Em quarto lugar, também faz menção à filha. Ela não fala do estado da saúde da filha, dá para subentender que a menina seja saudável. No entanto, Carol é usuária de drogas, dependente química como o companheiro; nesse ínterim, quando pensou em deixar o companheiro, até pensou em retornar para sua cidade natal, mas não o fez, pois essa localidade – que não foi possível recuperar o nome na gravação – é à beira-mar, lugar que para ela seria ainda mais fácil de a filha ter à disposição drogas para consumir.

Ela pensou na possibilidade de voltar para sua terra-natal, mas é cidade praieira, o que para ela é um problema. Para o Catolicismo, inclusive, a água é elemento que purifica, como muitas vezes, para o imaginário popular, a água limpa, libera, desobstrui. Ao passo que para a depoente a água do mar da cidade poderia remeter a uma ideia de destruição, e não de salvação da filha. A proximidade com a praia – e com pessoas, portanto, que poderiam favorecer à filha a compra e consumo de entorpecentes – é elemento negativo aqui, o que atrapalharia a recuperação de sua Carol. A água, por conseguinte, o uso que ela faz da imagem do mar é para ela algo negativo, perigoso, ameaçador. E ela entende que seria mais fácil, portanto, curar a filha longe do mar do que próximo a ele. Para ela, ao que é dito no depoimento, seria mais difícil vigiar a filha em uma cidade praieira do que em uma cidade interiorana, como a na qual residia no momento da fala.

O que para ela o tempo todo é demonstrado é a crença de que a pílula sim é um elemento que, conforme ela crê, pode salvar, curar, acalmar e livrar as pessoas de bruxarias ou feitiços, e quiçá, até curar um câncer. Ela chora ao se lembrar que tomou as pílulas durante seu contratempo com a garganta. Expressa uma gratidão, ao mesmo tempo, uma crença na força que ela crê existir no uso daquele pequeno pedaço de papel. Todo o turbilhão que circunda sua vida poderia ser, ao menos, amenizado com a ajuda das pílulas, mas ela saiu, em princípio, desapontada da casa, porque só conseguiu levar consigo uma novena e essa contém apenas três pílulas.

Ela queria três novenas; seu desapontamento faz com que ela construa uma narrativa em que se vê obrigada a escolher o drama mais grave que circunda sua vida e o eleito é o caso da leucemia da prima. Para ela, talvez, seja o mais grave porque sabe também que leucemia implica em curas difíceis e na disponibilidade de transplante, fenômeno muito complexo no cotidiano de vida de um vitimado por essa modalidade cancerosa.

E tocou a fala da depoente 5, especialmente, porque ela busca em frei Galvão auxílio, especialmente no uso das pílulas, para combater males de outras pessoas. Em síntese, seus nódulos foram curados, mas ela recorre ao frei para tentar novamente vislumbrar uma saída para o problema de pessoas que são de sua família. Chorou por sair sem tudo o que desejava, mas horas depois retornou e tinha conseguido outras novenas, e expressou isso sorrindo,

porque teria agora a possibilidade de ajudar não só a prima, mas também ao companheiro ou a filha. É tão cheia de situações tristes e comoventes a sua fala; são problemas que acontecem, mas tão difíceis de lidar que, vale lembrar, a pesquisadora se comoveu com a fala dela, bem como o rapaz da segurança que estava ao seu lado...

Depoente 6: Daí fomos no médico, né, fizeram tratamento, aí, não, não fizeram o tratamento, mas largou o tratamento, né, moça nova...né, não liga, ela é mãe solteira, tem 3 filhos, agora ela tá com 33 anos, daí ela não ligou, daí quando ela começa né, o médico falou, “cê tá com câncer”, ela ficou desesperada. Daí mandaram pra Taubaté e tava mesmo. Isso foi em junho, em agosto, dia 10 de agosto ela operou, daí ele não tirou o tumor, o tumor tava na perna dela, já tava afetando a perna dela, dando trombose... Daí fez tratamento, né, fez hemodiálise, tudo em Taubaté, fez em São Paulo. E agora ela passa no médico mas o rim dela tá seco, né? Agora não sei que que os médico vão fazer. Mas o tumor secou.

Entrevistadora: Mas ela tomou as pílulas?

D.: Tomou as pílulas, antes da cirurgia, tomou graças a Deus, acho que é uma obra de Frei Galvão, né?

²⁷

Esse depoimento foi dado por uma senhora que havia ido até Guaratinguetá para pegar as pílulas para uma jovem mãe. A moça encontrava-se doente, com problemas nos rins, “rins secos”, como a depoente diz, mas já havia, entretanto, sido curada anteriormente de um tumor nas pernas. Geralmente, são pessoas que estão em caravanas de passagem por Guaratinguetá. Descem rapidamente, caminham uns cem metros até a Casa, conhecem, saem, vão à igreja de Santo Antonio, tudo nos moldes de um *city tour*. E isso faz com que, quando solicitados para entrevista, sejam breves e sucintos em suas falas.

No caso da depoente 6, inclusive, alguns pontos foram rapidamente citados, mas sem possibilidade de explorar com maior profundidade. Mas uma coisa que se torna clara é a existência de uma prática de solidariedade nessa fala e na anterior. Agora, a senhora pega para a mãe solteira; a depoente 5 também pegou para a prima, queria para a filha e para o companheiro também. Contudo, se elas pegaram para si as pílulas, não está dito, mas não esquecem de mencionar as outras pessoas que podem ajudar, levando as pílulas até elas.

Apesar da depoente em si não precisar do santo, não manifestar motivação própria para estar ali, crê que ele cura, e crê que a mesma se deu, quando do tumor, por obra do santo frei. Nesse sentido, o exemplo não só é relevante para ela – que vai inclusive buscar as pílulas para outra pessoa –, como acaba sendo um exemplo de uma graça promovida por ação de frei Galvão, o que ajuda a alimentar uma memória partilhada.

E somente para grifar, é comum visualizar situações como essas, nas quais as pessoas manifestam uma solidariedade com os problemas alheios. Como muitos vão até lá como romeiros e não como indivíduos que esperam graças para si, então, quando saem da casa e recebem a novena, provavelmente reflitam sobre como dar o melhor destino a ela. E nas falas

²⁷ Depoimento colhido em Guaratinguetá em 10 de fevereiro de 2008.

de curas ou milagres que recordam, acabam apontando exemplos de pessoas que, apesar de não estarem ali, podem ter suas vidas melhoradas, pois alguém esteve ali por eles e levou até eles um pedacinho da obra do frei.

Os seis depoimentos trabalhados até aqui são manifestações de crenças em milagres, curas ou dádivas. Todas elas, sem exceção, ao mesmo tempo em que querem apontar a fé do fiel no santo, vão além disso, pois demonstram como os próprios fiéis construíram a memória historicizada de um fato de suas vidas. Independentemente da ação de algum santo, sem perceber, expõem o exercício que fizeram para alcançar os resultados, as vitórias e as graças que mencionam. Não se dão conta do papel que eles próprios têm diante da realidade da qual participam, bem como não identificam a participação de elementos externos à fé nas consecuições que alcançaram; apenas se esforçam para mostrar que esses milagres são produto da fé que eles devotam a Santo Antonio de Sant'Anna Galvão.

Entrevistadora: Fala pra mim o que a senhora achou daqui.

Depoente 7: *Ah, foi uma tarde maravilhosa, né, uma paz, né? E tô com a esperança de que vou receber mais uma graça.*

E.: A senhora pegou a pílula?

D.: Peguei.

E.: A senhora já tinha tomado?

D.: *Já. Tava com depressão; foi em 62, não em 66. Eu conheci uma sobrinha de uma senhora amiga da minha irmã de Batatais, que a minha irmã veio me visitar e ela trouxe. E, francamente falando, eu nunca tinha ouvido falar do frei Galvão. E eu tomei, curei né? E sarei, e depois de muito tempo, que eu fui ouvir falar do frei...*²⁸

Apesar de conhecer as pílulas, talvez quando as tenha tomado, a depoente nem mesmo sabia sobre a vida e a história de frei Galvão. Ao tempo que ela remete, anos de 1960, ele ainda não era reconhecido oficialmente pela Igreja Católica como santo, porém gozava já de uma notória popularidade entre católicos. Ela conta sua experiência na Casa: ali se sentiu tranquila, em paz. Importante a passagem porque, além de falar de sua expectativa quanto às pílulas, entende que a casa dele é um lugar que trouxe paz a ela, diversamente de outros lugares talvez. Além disso, promove um sentimento nela de esperança por estar ali, por conseguir as pílulas, por estar próxima do cotidiano de um homem que ela acredita ser santo.

E há que se ter em conta que o ambiente talvez contribua para gerar no visitante esse tipo de sentimento. A casa em si, a mobília, os quadros, as relíquias, os objetos utilizados por frei Galvão, tudo ali evoca sua santidade, sua fé, sua compaixão com o outro, especialmente o mais necessitado, como doentes, grávidas em dificuldades, os milagrados; geram nas pessoas sentimentos, percepções. Até o fato de receber a pílula, ali, é diferente de recebê-la pelo correio, em casa.

²⁸ Depoimento colhido em Guaratinguetá em 9 de fevereiro de 2008.

Não só aponta o que para ela é uma qualidade do lugar, a sensação de paz e de alimentar esperanças, como menciona uma cura que ela crê ter recebido quando mais jovem. Associando a cura de uma depressão ao uso das pílulas, sua fala caminha no sentido de reforçar sua expectativa de que frei Galvão lhe conceda uma nova graça.

Não houve a possibilidade de estender mais a conversa com a depoente 7. Como já dito, muitos estavam em caravanas, como essa senhora – diferente da depoente 5, por exemplo, que conta todos os problemas da família porque tinha tempo para isso, estava só, sem obrigação de tempo com outros. O tempo de duração, às vezes, era bem curto, dois, três minutos, cinco até, o breve suficiente para contarem espontaneamente o que queriam dizer, mas com a ressalva do tempo e da obrigatoriedade de acompanharem o grupo que os havia trazido até ali.

Outros dois depoimentos, bem rápidos, também remetem às sensações que as pessoas experimentaram ao conhecerem a casa de frei Galvão e sua família:

Entrevistadora: Que a senhora achou daqui?

Depoente 8: *Uma bênção de Deus, nossa. Tem um menininho da minha cidade que com sete anos começou a atrofiar os dedos, os músculos, né? A mãe dele escreveu pra cá, pediu, agora não sei se ela tem, tô levando mais pra ela.*²⁹

Depoente 9: *Quando eu entrei aqui eu senti uma paz, né, no coração, aquele alívio assim, né. Dá vontade de não sair mais daqui, sabe? Vendo tudo isso aqui mesmo, é lindo mesmo... (choro). Mas eu de entrar aqui, sabe, deu uma paz mesmo, dá vontade de ficar aqui admirando tudo né...*³⁰

Ambos os depoimentos são de pessoas que visitavam pela primeira vez a Casa. No primeiro, a senhora entrevistada avalia sua presença na Casa como se fosse uma bênção. Ela se sente abençoada por poder estar ali, no local onde viveu e morou um santo. E lembra-se também de levar pílulas para um menino de sua cidade, que sofre de atrofia muscular. Mesmo sem saber se o menino já tomou, se enviaram à mãe do menino pílulas, a senhora leva mais para que o garoto possa tomá-las. Novamente aqui aparece uma relação de solidariedade entre as pessoas, muito comum na fala dos devotos. Ela não se esquece, como outras depoentes acima apresentadas, de levar o objeto para alguém que necessite.

Por meio desses depoimentos se começa a vislumbrar os modos de vida dessas pessoas, como desenvolvem suas trajetórias nos lugares onde residem, como experimentam sofrimentos e dores e como lidam com esses, sejam seus mesmos ou de terceiros. É justamente o que esse depoimento 8 ajuda a compreender: no dia a dia das pessoas há uma socialização, as pessoas participam das vidas das outras, de vizinhos, parentes, amigos, conhecidos e os que podem buscam ajudar e colaborar quando podem em situações difíceis e doloridas da vida cotidiana.

²⁹ Depoimento colhido em 9 de fevereiro de 2008.

³⁰ Depoimento colhido em 9 de fevereiro de 2008.

E todas as pessoas que fizeram esse gesto – ou manifestaram a intenção de serem solidárias – são mulheres. Não se quer com isso dizer que mulheres são mais solidárias do que homens, mas é interessante perceber esse sentimento bem reforçado na fala de mulheres. Para essas mulheres, os necessitados que socorrem são pessoas que estão à espera de uma graça, de um milagre ou de uma dádiva talvez. Possivelmente outros, como o caso da depoente 5, que fala da prima com leucemia que suplica à depoente que lhe traga as pílulas para reforçar sua fé, também tenham invocado frei Galvão e outros santos, pedindo graças, gestos em troca de suas orações e privações.

De qualquer forma, a presença da mulher, muitas vezes mãe, na vida social é importante: aqui nesta tese ela está presente como alguém que ajudou a fazer de frei Galvão alguém santo; como milagrada (Daniella e Sandra e tantas outras); como representante da família (dona Thereza); como quem faz as pílulas (as freiras do Recolhimento da Luz); como alguém que socorre o próximo, como é o caso dessas mulheres que levam a pílula a outros que precisam mais do que elas muitas vezes.

Godbout (1999), quando estuda a dádiva moderna, aponta que essa, hoje, não pode ser interpretada como o foi por Mauss (2001), porque alguns novos elementos são percebidos nessa relação. E ele demarca esse elemento do papel da mulher com a dádiva. Ela é um agente forte nessa teia de relacionamentos, mais do que o homem, e para explicar isso explana sobre o papel da mulher nas festividades natalinas. Aqui, ao menos nos relatos obtidos, tem-se a mesma conclusão quanto ao papel das mulheres na distribuição das pílulas, na manutenção de uma relação de dar e receber que não cessa, mas que se prolonga pelas relações sociais e afetivas que gera.

A dádiva, para Mauss, se resumia a uma relação de dar, receber e retribuir, que ele analisa a partir da observação de sistemas tradicionais. Godbout, ao contrário, tenta contextualizar a questão da dádiva na vida moderna; reflete sobre modalidades como a esmola, por exemplo, doações a entidades, direcionando a discussão para o fato de que a dádiva moderna é muito mais fruto de um modo de vida do que de tradições comunitárias como no tempo da análise de Mauss. A dádiva está presente no cotidiano da casa de frei Galvão: os devotos, alguns, vão lá para retribuir uma graça recebida, outros levam as pílulas para adoentados, porque se sentem compelidos a distribuir solidariedade. A dádiva moderna, portanto, implica em obrigatoriedades, em ações afirmativas de retribuição de uma ajuda recebida.

Por fim, as últimas três falas salientam o espaço, a casa. Para essas pessoas, a residência dos Galvão de França é hoje mais que uma casa: é um lugar sagrado. O que acontece em Guaratinguetá, atualmente, se assemelha à realidade da Basílica Nacional de Aparecida. Esta é santuário mariano, o maior do mundo. Para Azevedo (2001, p. 33), os santuários marianos são:

Visitados por um grande número de cristãos, inclusive por aqueles que talvez nem sequer frequentam outros templos, os santuários marianos são lugares de fé, onde se encontra alimento para a vida espiritual, ou quanto menos, consolo e auxílio em suas necessidades. São lugares privilegiados para o culto a Maria, o santuário mariano, é antes de tudo, o lugar da presença de Deus.

O autor pressupõe esse entendimento a partir de seu ponto de vista religioso e pessoal. No entanto, ele marca que são espaços, os santuários, muito visitados, no qual as pessoas buscam sentimentos e sensações variados. Talvez seja esse um dos objetivos de um santuário, ou seja, parecer ao fiel um lugar de contemplação, de devoção e de experimentação de sensações aprazíveis para a alma.

Assim como em Aparecida, em Guaratinguetá começa a se formar um espaço dedicado a frei Galvão, o qual vem adquirindo características de santuário. Assim como há a casa, um espaço à parte guarda uma pequena saleta de milagres, na qual estão expostos alguns testemunhos de milagres, um átrio aberto, com uma fonte e bancos, e ao lado o comércio de lojas que vendem artigos religiosos.

Claro que em proporções bem menores que as da Aparecida, a Casa de frei Galvão começa a dar sinais de que ali os fiéis vão em busca de mais do que conhecer a casa onde o frei residiu: vão ali também para rezar, para estarem mais próximos do frei – exposto na casa em suas relíquias –, para comprar também. Estão em um lugar sagrado. Na fotografia da esquerda, vê-se alguns fiéis observando e lendo as cartas enviadas para dona Thereza, as quais contêm testemunhos e relatos de milagres, ou então são ex-votos, tais como algumas gravuras e pinturas feitas por devotos. Na imagem da direita, são visitantes no átrio que tem o jardim e a fonte, onde podem pegar e beber água.



Ilustração 28 - Visitantes observando ex-votos na sala dos milagres.
Casa de frei Galvão, Guaratinguetá.



Ilustração 29 - Visitantes na entrada do átrio com a fonte e a sala dos milagres.
Casa de frei Galvão, Guaratinguetá.

Explorando a ideia de uma sala dos milagres, tem-se a proposta comum à da Basílica de Aparecida: expor para os fiéis testemunhos, relatos, fotografias e outros objetos que remetam o visitante a curas que teriam ocorrido por intermédio da intercessão do frei Galvão. Assim como na Basílica de Aparecida, as pessoas param, olham, leem mensagens, observam os relatos de terceiros que, se sentindo agraciados, dão seu testemunho por escrito, por fotografias, objetos, e os deixam para serem expostos nesses espaços. E para essas pessoas que visitam especialmente a sala dos milagres de Guaratinguetá, estar ali também evoca uma fé e a esperança de que eles também possam alcançar graças e bênçãos assim como os depoimentos expostos nas cartas e fotografias.

O espaço da sala dos milagres, quando da visita em fevereiro de 2008, era muito pequeno e ainda pouco ocupado, mas já abarcava algumas cartas e relatos de graças, fotografias de pessoas que se entendiam milagrados, desenhos do frei feitos por devotos. Dentro daquele espaço, esses objetos funcionam como ex-votos, como representantes do testemunho de uma pessoa.

Elas acreditam na graça recebida, fazem o objeto ou o compram, levam ou enviam até o lugar sagrado em questão e ali o deixam, para que represente para os demais devotos que ali passem que graças foram vividas por outras pessoas. “Assim, o princípio e o fundamento do ex-voto cristão é o milagre, a idéia de que Deus está disposto a ouvir e responder ao pedido dos fiéis, daqueles que creem” (SCARANO, 2004, p. 35).

Esse trabalho é fruto de uma tese sobre estudos de ex-votos pintados, bastante comuns no Brasil colonial. É um dos poucos trabalhos sobre esse tipo de arte, até porque, na forma como esses ex-votos existiam, poucos restaram. Alguns estão guardados no Museu de Arte

Sacra, em São Paulo, por exemplo, mas não faz mais parte do cotidiano de devotos fazerem seus ex-votos dessa maneira. Alguns desses exemplos também são mencionados no trabalho de Mott (2007), só que em menor quantidade.

Scarano se preocupa em mostrar como o fiel retribuía uma graça recebida, como caracterizava uma pintura em um ex-voto. Muitos deles representam cenas que remetem à história do fiel: pessoas acamadas, santos e santas pintados ao fundo, toda uma caracterização que pudesse, da melhor forma possível, explicitar a gratidão, ao mesmo tempo que expunha a cena cotidiana, de sofrimento, perda e dor, pela qual o devoto passou.



Ilustração 30 – Foto ilustrativa da sala das promessas da Basílica de Aparecida. Detalhe do teto, recoberto por fotografias.

Hoje, bastante comuns são as fotografias, peças de cera, desenhos do santo, objetos que representam o fato em si, como maço de cigarros para alguém que pediu ao santo ou santa para se livrar do vício. Isso está começando a se formar em Guaratinguetá, ou seja, uma acumulação de ex-votos.

A fotografia, especialmente no caso do Santuário Nacional de Aparecida, certamente é o objeto em maior quantidade no espaço. Alguns fatores devem contribuir para tanto. Na imagem fotográfica é possível captar inteiramente a pessoa milagrada, seus traços, melhor até do que uma pintura. Há o ditado popular que diz: “Uma imagem vale mais que mil palavras”. Não que seja a síntese que resume essa questão, mas a fotografia tomou um lugar importante

na sociedade do século XX e inclusive como ex-voto, ao menos no espaço da sala dos milagres de Aparecida.

A fotografia se desloca mais facilmente, capta toda uma cena, uma figura. Essas da sala das promessas de Aparecida são, em sua maioria, fotografias das pessoas, de crianças a idosos, noivas, acidentados, doentes, agonizantes que, quando fazem um pedido à padroeira, em troca vão até seu santuário e deixam lá a fotografia como um registro de que foram atendidos por Nossa Senhora da Conceição Aparecida.



Ilustração 31 – Quadro dado como ex-voto.



Ilustração 32 – Quadro com carta explicativa do milagre, acompanhada pela foto da criança.

Já as duas fotografias acima são de ex-votos da Casa de frei Galvão. O primeiro registro é uma fotografia tirada de uma pintura feita como ex-voto por um fiel. O segundo registro segue uma carta, acompanhada de duas fotografias de uma criança que, tendo sua vida salva em virtude da fé nesse santo, a família enviou a dona Thereza. E nesse caso, as fotografias que acompanham querem evidenciar também a cura e melhora na saúde da criança; a fotografia quer mostrar que hoje se trata de uma criança saudável, que anda de velocípede; se antes estava entubada por aparelhos, hoje brinca. A imagem, ao mesmo tempo em que ilustra o que está escrito, dá prova, atribui credibilidade ao relato de quem escreveu.

Porém, quanto aos ex-votos, vale destacar que o tema será bem explorado no capítulo 4. Aqui, vale a pena descrever melhor o espaço que contorna a Casa. Há outros espaços, além da residência, e um deles possui uma entrada, que leva a um átrio fechado. Há uma imagem grande do frei exposta e, na sequência, há um átrio aberto com uma fonte d'água, banco e plantas.



Ilustração 33 – Vista da calçada do átrio aberto anexo à loja. Nesse átrio ficam a fonte e o jardim. Casa de frei Galvão, em Guaratinguetá.



Ilustração 34 – Espaço anexo à fonte d'água, átrio fechado. Casa de frei Galvão, Guaratinguetá.



Ilustração 35 – Comércio de artigos religiosos anexo à fonte. Casa de frei Galvão, Guaratinguetá.

Nas duas fotografias anteriores, se tem um panorama do espaço ao lado do átrio aberto e da sala dos milagres. É uma sala que contém um espaço de descanso, bem como um balcão de vendas de artigos religiosos. Como se percebe na segunda fotografia acima, as pessoas

visitam o espaço, a casa e a sala dos milagres, bebem da fonte, descansam e fazem suas compras de livrinhos, terços, imagens de resina ou de barro. Na entrevista com a funcionária da casa – onde também há um balcão de venda de artigos religiosos – ela comenta que tipos de objetos são os mais procurados pelos visitantes:

Entrevistadora: E o que sai mais, mesmo, de peças da loja?

Funcionária: Sai mais é santo mesmo, a imagem de 8 (reais). As de oito saem mais né?

3ª pessoa: brasileiro é assim, ele quer alguma coisa pra adorar, né?

F: Brasileiro não, não, a religião católica, né?

3ª pessoa: Eles têm que ter alguma coisa, porque se eles não tiver, eles não acredita. Frei Galvão, por exemplo, fez a pílula por isso. Porque as pessoas não ia acreditar.

F: Mas o espírita, por exemplo, eles não têm nada; o espírita principalmente, né, é muita leitura, né, é bem diferente.

Entrevistadora: E dos livrinhos que a senhora falou, qual sai mais?

F: Sai o da novena, que é do Frei Back, tem o livro dele também, que é completamente diferente do da Dona Teresa. É um livro assim mais, mais explicativo das datas, né, de quando ele nasce, de quando morreu, das datas que também na época eram importantes, né, foi época da escravatura, da independência, né, ele faleceu em 1822, né? Era independência? (cf. APÊNDICE D)

No trecho acima, a funcionária fala o que vende mais – um tipo de representação em resina do frei, que na época custava oito reais. E ela dialoga com uma terceira pessoa, falando que isso é importante para o católico: ou seja, ela, como trabalha ali há alguns anos, vê as pessoas consumirem esse tipo de produto. Certamente isso colaborou para que ela formasse uma opinião sobre o consumo. Os devotos, para ela, querem levar pra casa a imagem porque talvez isso reforce mais a fé que eles têm em Santo Antonio de Sant’Anna Galvão.



Ilustração 36 – Fonte d'água no átrio, ao lado da loja. A porta ao fundo é a sala dos milagres.

Também comenta que orações e novenas são bastante requisitadas. Fala do livro de dona Thereza (MAIA, 2007), bem como diz que, nesse sentido, dentre as biografias, a mais vendida seria a do frei Paulo Back (2007). Porém, além disso, há outros tipos de objetos; camisetas, canecas, uma série de artefatos para oferecer ao devoto a possibilidade de levar consigo aquilo que mais lhe agrada e alguma coisa que, talvez como tenha dito a funcionária, o ajude a se recordar com mais frequência da figura de frei Galvão.

O santuário é um local de devoção a um santo ou santa, mas também depende em muito do público que o frequenta; começa-se a precisar de um santuário quando a busca por esse indivíduo torna-se grande ou volumosa. E isso acontece em Guaratinguetá: a cada dia, aumenta o número de romeiros que para lá se dirigem a fim de conhecer um pouco melhor a vida do primeiro santo brasileiro.

Até por esse volume crescente de visitantes é que dona Thereza se preocupou em ampliar o espaço, construindo a fonte e o anexo a ela. No trecho seguinte, ela se queixa da falta de apoio da Prefeitura Municipal para melhor atender, e completa falando das melhorias que fez para bem atender a todos:

Dona Thereza: Mas o que tá faltando é justamente apoio da prefeitura, um estacionamento, aqui no centro, organizado, banheiro não tem. Aí nós, essa aqui é da minha filha [se referia ao espaço onde fica a fonte, a sala dos milagres e o anexo com a lojinha e banheiro], aí tinha uma cabeleireira, passou ali pra cima, e ela então abriu, pôs um banheiro ali, pra atender, tem gente da terceira idade, né? (cf. APÊNDICE A)

O espaço da fonte foi feito pela relação entre franciscanos e a Natureza, como dona Thereza comentou. Para ela, isso era importante para melhor caracterizar a cidade natal do frei. Porém, a fonte serve como bebedouro público, o banheiro é público, e isso é imprescindível em locais de visita como esse. Todavia, nas duas visitas feitas ao local é possível perceber que, realmente, a infraestrutura ainda é falha: um banheiro para centenas de pessoas, poucos restaurantes e lanchonetes, ausência de estacionamento, são realmente pontos que dificultam o acesso, atrapalham na visita. Por exemplo, em um domingo, não havia lugar aberto para se almoçar no centro da cidade. Como a Casa fica ao lado do calçadão, aos domingos, tudo estava fechado, ao menos ainda no tempo das visitas. Da segunda vez, havia uma única lanchonete, com um único banheiro, que obviamente não dava conta de receber os ônibus que por ali paravam para conhecer a Casa.

O espaço dos átrios, a sala dos milagres e da loja, bem como a Casa, meio quarteirão abaixo, são lugares que compõem um patrimônio importante referente ao frei. São locais que, dessa forma, institucionalizam também uma memória, criam uma narrativa própria para

contar uma vida como a do frei Galvão. E isso é exposto porque é relevante explicar o lugar no qual esses depoentes foram indagados.

Eles estavam em um contexto de religiosidade, o que favorecia uma visão de devoção, de crença no poder curador e milagroso de Antonio Galvão de França. Isso não pode passar despercebido, pois a motivação comum a todos os depoentes era conhecer e visitar a territorialidade do santo; de certa forma, estavam envolvidos por um sentimento que os aproximava mais, no momento da entrevista, da figura do frei. Todos foram entrevistados no local. Não há como saber se fora dali haveria alguma diferença quanto aos depoimentos, mas vale a pena ressaltar esse fato, pois a motivação comum dos entrevistados é conhecer a Casa e agradecer uma bênção ou pedir alguma. Prosseguindo com os depoimentos:

Entrevistadora: A senhora já tomou a pílula?

Depoente 10: *Não ainda. É a primeira vez que eu vim aqui, tô muito feliz, tenho certeza que ganhei uma bênção muito grande, que passou um dia abençoado por Deus e pelo Frei Galvão, né, num senti dor, saí de lá assim, né... tô muito bem, tô me sentindo ótima, na santa paz de Deus!*

E.: De onde as senhoras são?

D.: De Diadema.³¹

Por fim, tem-se que muitas pessoas, como nesta última entrevista, estão visitando frei Galvão pela primeira vez e, quando não muito, tomam conhecimento dele ali, em Guaratinguetá mesmo. Apesar de ter sido canonizado, não é, por assim dizer, o santo mais popular no Brasil, o que não impede de sê-lo; a questão é que ele divide a devoção com tantos outros santos mais conhecidos e devotados do público católico.

Uma reportagem da *Veja São Paulo*, em 2001, às vésperas do feriado de finados, trazia uma matéria sobre santos oficiais e santos populares – não reconhecidos pela Igreja Católica – e denominando os que eram mais conhecidos do público.

Alguns túmulos de celebridades, como os de Ayrton Senna, Elis Regina, Jânio Quadros, Mário de Andrade e marquesa de Santos, recebem atenção especial dos visitantes. Mas não são os únicos. Há outros que atraem milhares de pessoas durante o ano inteiro, sobretudo na segunda-feira, considerada o "dia das almas". Entre eles estão os de Izildinha Ribeiro, Felisbina Müller, Antoninho da Rocha Marmo, "Bento do Portão", "Cezar Rodrigues" e das chamadas "Treze Almas" – mortos não-identificados no incêndio do Edifício Joelma, em 1974. Trata-se dos mais conhecidos milagreiros populares da cidade. Sem serem santos e sem o reconhecimento da Igreja Católica, conquistaram uma legião de devotos. "Existem uns trinta espalhados pelos cemitérios de São Paulo", calcula o historiador Délio Freire dos Santos.

Enquanto Santo Expedito é procurado para as causas urgentes e Santa Edwiges pelos endividados, esses milagreiros são invocados para qualquer tipo de problema. "Por favor, tire a Laura de meu caminho", dizia um bilhete deixado sobre a sepultura de Antoninho Marmo. Mais romântica, uma moça pedia pela felicidade dela e do noivo: "Santinha Felisbina, conto com você para o sucesso de nosso casamento em 2002". A maior parte das cartas fala de desemprego, doenças e vícios. "O povo amplia o repertório de santos de acordo com a necessidade", diz João Décio Passos, professor de teologia da PUC. Isso explica, segundo ele, o surgimento contínuo de novos alvos de devoção no catolicismo, que tem cerca de 700 santos oficializados (SANTOS, 2001).

³¹ Depoimento colhido em Guaratinguetá em 9 de fevereiro de 2008.

A matéria foi feita após a beatificação, mas ainda assim frei Galvão só é lembrado bem abaixo no texto, o qual só traz a referência quanto ao endereço do Mosteiro da Luz, caso haja interessados em visitar o lugar onde jazem seus restos mortais. Mas independente da menção ao indivíduo aqui focado, o artigo coloca em uma mesma hierarquia túmulos de pessoas comuns consideradas santas, celebridades, políticos; reúne um rol de nome de pessoas que ela identifica como sendo de santos populares, aos quais as pessoas recorrem por quaisquer motivos. Logo na sequência, menciona santos oficialmente reconhecidos pela Igreja.

E isso é relevante, porque frei Galvão hoje é devidamente membro do rol de santos católicos. Houve um processo que o referendou em face da Igreja Católica. Mas já houve um tempo em que ele era um santo popular, sem reconhecimento, sem credenciamento por parte do Vaticano. Sendo assim, ele também foi santo muito antes mesmo da Igreja assim o rotular. E outro ponto que o artigo salienta é a especialização que permeia o rol dos santos.

Santo Expedito para causas urgentes, santa Edwirges pelas causas dos endividados, frei Galvão, para grávidas, por exemplo. Mas o que os relatos apontaram até aqui é que na fé particular de cada devoto, essa segmentação parece não existir. Para frei Galvão, tanto houve pedidos de boa hora, como a consecução de processos de compras de imóveis. Ou seja, para o devoto, a especialidade do santo, diversamente do que a revista destaca, não se assemelha dessa maneira no modo de ver dos visitantes entrevistados. E mais: quando se pensa em visitação de túmulos ou de lugares sagrados, isso não quer dizer apenas que a pessoa religiosa o faz a fim de fazer algum pedido; há aqueles que visitam tais espaços para rezar pelos que ali jazem, para homenageá-los, etc.

Para Gaeta (1999), há vários santos que não são necessariamente santos. São como essas pessoas mencionadas na notícia do jornal: Izildinha Ribeiro, Antoninho Marmo. Muitos são crianças que, tendo morrido ainda jovens, acabam gerando um certo culto praticado pelas pessoas, que passam a ver nesses indivíduos a manifestação de alguém especial, sobrenatural talvez. Acabam se tornando santos populares. Isso no Brasil não é incomum, e talvez o melhor exemplo seja o do padre Cícero.

Sanchis (2007) explica bem, em seu artigo, como é essa figura de destaque do catolicismo popular, e de como isso foi um problema durante anos para a Igreja. Mas é justamente nessa Igreja Popular, no catolicismo popular que se enquadram essas figuras como padre Cícero e os outros citados pelo jornal que, não sendo santos oficiais, são paralelos, fazendo concorrência com os demais, que foram institucionalmente canonizados.

Para começar, que peso e significado atribuir ao adjetivo “popular”, na expressão: “Igreja Popular”? Alguns anos atrás, um grande debate dominava a ciência social da religião: perguntava-se sobre a natureza do que se chamava: “religião popular”,

“catolicismo popular”. Um debate para muitos hoje ultrapassado – pelo menos na medida em que apontava para um corte, uma dicotomia entre religião do povo e religião oficial da instituição. As coisas acabaram aparecendo como menos simples, mais articuladas do que dicotomicamente opostas. Basta pensar na posição do próprio Pe. Cícero no seu tempo: estaria ele do lado da “religião popular” assim entendida, ou da “religião oficial”? (Barros 1988). De qualquer modo, quando se fala hoje em “Igreja Popular”, não é necessariamente nesta “religião popular” que se pensa, mas – e paradoxalmente – numa forma de religião institucional: inscrita no interior da instituição (uma “teologia”, a “teologia da Libertação”, umas Comunidades que, por serem “de base”, não deixam de se proclamar Eclesiais), mesmo se nunca recobriu a instituição por inteiro. Do ponto de vista da ciência social, (a própria “Igreja Popular” pode ter de si outra consciência), designa-se assim um segmento da Igreja que entende levar a sério a “opção” oficialmente expressa pela totalidade da Igreja Latino-americana (a “opção pelos pobres”), planejando inclusive tirar desta opção as consequências políticas (“Fé e Política”) que ela implica na concretude estruturalmente política de nossas sociedades.

É esta dimensão da Igreja que passou a marcar o campo, não só religioso mas também político, do Brasil alguns decênios atrás. E, por isso, é bem conhecida a hesitação que levou sempre os analistas a interrogar-se sobre a carga ideológica e voluntarista possivelmente incluída neste qualificativo de “popular”. Hesitação dupla. Primeiro, e por um lado, a categoria explícita de “Igreja Popular” (para: “Igreja do povo”), surgida em torno de 1975, acabou sendo logo utilizada pelos seus críticos, como argumento para provar que uma Igreja “católica” que pretendesse somente abranger parte do seu rebanho carregaria germes de cisma. A “popular”, se classista, não poderia ser “católica”. Por outro lado, sempre, e sobretudo depois da irrupção no campo religioso brasileiro, de igrejas e grupos religiosos de recrutamento sociologicamente “popular” (pentecostais em geral), uma dúvida cercou o uso da outra categoria matricial que acompanhava a categoria de “popular”: a categoria de “pobre”. Tratar-se-ia, como o queriam os textos da Instituição, de uma “opção pelos pobres” (um programa pastoral ou melhor evangélico) ou de uma “opção dos pobres” (uma constatação empírica)? (SANCHIS, 2007, p. 12-13)

O objetivo do autor é demonstrar o posicionamento do que é o catolicismo popular, apresentar como há a construção de uma categoria assim denominada. Já houve no primeiro capítulo da tese uma discussão sobre o popular, levando ao entendimento de que popular, no caso religioso, está associado à ideia de superstição, credices, ignorância; apontou-se como, erroneamente, muitas vezes, teóricos entenderam o popular como sendo apenas o contrário de algo culto, sem adentrar no debate político que define o termo.

Sanchis (2007) tenta mostrar como padre Cícero acabou por ser um problema para a Igreja, pois nem se enquadrava no que ele analisa como sendo popular – fruto de uma opção pelos pobres – como ele não comungava da prática oficial da Igreja. Talvez até por isso, a Igreja Católica o tenha, muitas vezes, tratado como um herege, uma ameaça, desqualificando-o ao longo do século XX, seja isso em virtude de práticas que adotou durante sua vida – como a história de ter se aproximado de cangaceiros – como a notoriedade que adquiriu entre os sertanejos dos estados do Nordeste brasileiro, principalmente.

Tal citação é mencionada aqui para se pensar que não é só a institucionalização por parte da Igreja que faz de alguém santo, e nem mesmo o desmerecimento que algumas fontes atribuem aos sujeitos tidos como santos são suficientes para promover reflexões. Ou seja, a

devoção dos fiéis não se pauta especificamente por documentos e leis que dizem se alguém é santo, mas sim a experiência religiosa, as devoções e bênçãos que as pessoas crêem receber que determinam sua fé, é a experiência vivida que participa com mais força na fé dos indivíduos.

No que diz respeito a frei Galvão, então, “ter caído no gosto” dos devotos não foi porque o Vaticano assim o quis, mas isso se deu porque frei Galvão é uma construção histórica que dependeu, principalmente, da atuação de homens e mulheres que reforçaram sua memória e, por conseguinte, a citada fama de santidade.

O que se quer dizer é que a popularidade, a fama de santidade a qual se refere irmã Célia em suas falas, por exemplo, não seria então peculiaridade de um santo oficial. Ela bate muito nessa tecla da fama da santidade, que nada mais é que a construção de uma memória. E a averiguação da fama de santidade é a primeira etapa apontada pela irmã como imprescindível dentro de um processo de beatificação:

Irmã Célia: Aqui, só pra você ter uma idéia, a gente pra fazer etapas de uma causa, são quatro. Quando começa a causa, propriamente dita, a pessoa fica servo de Deus. Depois a gente escreve... vai fazendo a coleta de documentos, e aí escreve a vida, as virtudes e a fama de santidade. O ponto de partida é a fama de santidade, e se a pessoa não tem fama de santidade, você não vai fazer a minha, porque eu não tenho, né, a dele possa ser que tenha... Sendo aprovado isso aqui pelos teólogos, cardeais e bispos, aí vai para o papa, que examina e se tudo estiver certo ele promulga, através de um decreto, as virtudes heróicas da pessoa. E a pessoa então passa a ser chamada de venerável. (cf. APÊNDICE B)

Sem que o público o conheça, sem que o candidato tenha um grupo que saiba quem ele é e o que fez, não há o porquê do processo, pois se trataria de um indivíduo anônimo. Isso explica um pouco a ideia simples: um santo não se faz popular, famoso, porque alguém o institucionaliza como tal. Tem que haver uma memória: ela é tão importante no sentido do reconhecimento de um beato ou santo quanto os milagres e os gestos que a pessoa possa ter praticado em vida.

A sensação que fica, como pesquisadora, é que ele é um santo que ainda tem mais a construir para fortalecer sua fama de santidade; não que essa não exista, mas pode se ampliar. Mesmo que ele conte com pessoas que ajudam a fazer o santo – como dona Thereza, irmã Célia, padre Armênio – há, certamente, católicos que ainda não o conheçam. E essa conclusão surge de comparações, como o exemplo de padre Cícero, na análise das falas. Mas quando se observa especialmente a região na qual está inserida Guaratinguetá, não há a pretensão de fazer uma grande análise sobre o circuito religioso valeparaibano; todavia, há uma diferença evidente entre o Santuário de Aparecida e o de Guaratinguetá de frei Galvão.

E ambos – frei Galvão e a aparição da imagem de Nossa Senhora da Conceição, no rio Paraíba – se dão no século XVIII. Frei Galvão, porém, não cresceu em fama, em notoriedade, tanto quanto Nossa Senhora Aparecida. Isso não é desmerecer, de modo algum, o santo para

qualquer devoto que possa vir a ler este trabalho, mas a lição apreendida é que ele ainda depende fortemente de sujeitos que o referendem; ele ainda tem uma memória pouco trabalhada; pouco se sabe ainda de relatos de milagres surpreendentes a ele atribuídos.

Talvez não seja possível um santo como ele competir com Nossa Senhora Aparecida, pela memória, pela trajetória social e religiosa que a imagem de Aparecida teve: são realidades históricas diversas. O que fica é que em Guaratinguetá frei Galvão é realmente um santo de casa, pequenino, circunspeto a um espaço construído e erigido em sua homenagem e para perpetuar sua memória. Agora, após sua canonização, com o auxílio da Igreja, ele começou a extrapolar com mais força os espaços a ele ligados – o Mosteiro da Luz e a Casa em Guaratinguetá, no Vale do Paraíba: celebrações para ele são feitas em outros municípios, pessoas de várias partes do Brasil o procuram. Ele ultrapassou os espaços a ele dedicados e pôde, então, ser devocionado em outros altares que não somente em Guaratinguetá e São Paulo.

Em Guaratinguetá, ele é um santo de casa, de uma família, de um espaço definido. Faz milagres na opinião de seus devotos e esses não se limitam à territorialidade mencionada. Os relatos dos depoentes apontaram na direção de um homem que eles respeitam e dedicam devoção, valorizam as pílulas por ele criadas, comovem-se no espaço da casa, sensibilizam-se com as graças que receberam, apesar de não perceberem que são eles mesmos que ajudam com suas histórias de vida a elevar frei Galvão, cada vez mais, à condição de homem santo e servo de Deus aos olhos da comunidade católica.

3.3 Os relatos de milagrosos no Mosteiro da Luz, em São Paulo

Em São Paulo, oxalá, frei Galvão seja mais conhecido do grande público católico, primeiramente, por causa do próprio Mosteiro, que ajudou a construir, mas também porque ali viveu boa parte de sua vida e nessa capital foi canonizado, gerando um evento de grande monta e que foi percebido pela população paulistana, pelas consequências que gerou, como o trânsito interrompido na cidade durante alguns dias, e pelo 11 de maio de 2007 ter sido ponto facultativo no município.

Ali, a relação com o frei é diversa da de Guaratinguetá. Nesta cidade, ele é um santo de casa, teve uma família, um lar, uma igreja onde foi batizado e outra onde trabalhou como pastor católico; no Mosteiro da Luz, é o santo que construiu o prédio das irmãs

concepcionistas, é onde ele está enterrado, onde jazem seus restos mortais. No Mosteiro, percebe-se, na observação e na experiência das pessoas, que ali ele é encarado mais no que diz respeito a sua atuação religiosa do que pelo seu lado familiar.

Outro fator que merece destaque é a importância que o Mosteiro da Luz teve e ainda tem na vida da capital paulista. Ele passou por várias reformas. É uma construção que remonta ao século XVI; porém, é no século XVIII que ele toma os contornos atuais e nessa época é reformado, contando com o auxílio de frei Galvão, que era o confessor das freiras que viviam no Recolhimento da Luz.

Seu valor religioso, certamente, se intensificou após a morte de frei Galvão. Sendo ele enterrado dentro da capela, desde então há romarias e devotos que o visitam. Arroyo (1954, p. 38) narrou como há mais ou menos 50 anos atrás o lugar já era local de romarias e como já havia o conhecimento de várias graças por ele promovidas:

Outros fatos milagrosos são atribuídos ao humilde frade [frei Galvão], cuja memória é motivo de grande romaria no dia 23 de cada mês e assume aspectos grandiosos no dia 23 de dezembro, data de sua morte em 1822. O túmulo, sempre florido, está na igreja da Luz. No convento há um jornalzinho feito pelas freiras, o *Celeste Orvalho*, que periodicamente dá uma relação enorme das graças e favores alcançados pela intercessão de frei Galvão. Relação onde constam nomes de fiéis de tôdas as partes do Brasil. Frei Galvão, naturalmente, pela vontade dos seus devotos, acabará canonizado.

Até parece profético o comentário final da canonização. Acontece que nessa época já havia um processo de beatificação de Antonio Galvão de França correndo no Vaticano e o autor conhecia essa realidade. Hoje, no entanto, ao lado do recolhimento das freiras concepcionistas há o Museu de Arte Sacra de São Paulo, talvez o maior com esse tipo de acervo na capital paulista, o que faz também com que o espaço seja conhecido no circuito cultural, além do religioso, da metrópole.

A visitação para recolher material de pesquisa sobre relatos de milagrosos aconteceu no dia 27 de julho de 2008. Foram três dias de visita, mas somente nesse dia houve gravação de depoimentos. Padre Armênio Nogueira é o capelão do mosteiro. O contato com ele se deu anteriormente e, a pedido seu, fui ao Mosteiro nesse dia – que era domingo – porque é um dia de maior movimento. A missa das 10 horas da manhã era dedicada ao frei e esse era o dia no qual o cantor Cláudio Fontana se apresentava ao público, o que ocorreu durante todo o ano de 2008.

Antes das gravações, assisti à missa. Lotada. Apesar de pequena a capela do mosteiro, vai enchendo de gente nos bancos, pelo chão, do lado de fora. Ao final, padre Armênio surpreendeu quando falou ao microfone da presença de uma pesquisadora do frei Galvão, que estava ali para ouvir e gravar, de quem quisesse falar, milagres que as pessoas receberam do frei. Ele demonstrou

contentamento em ver uma doutoranda que buscava conhecer o frei e, em especial, que buscava saber mais sobre as obras que ele vêm promovendo aos olhos dos devotos.

Nesse sentido, houve um desvio dos planos da pesquisa. O previsto era a seleção dos entrevistados. Não foi possível. Posso dizer que fiquei apavorada diante da situação, porque como deveria lidar com esse público, que viria espontaneamente narrar uma história sua? E pior, e se ninguém se dispusesse a contar de livre vontade? A missa termina, as pessoas querem ir embora... Temi que ninguém fosse querer colaborar com o pedido do capelão!



Ilustração 37 – Estátua de frei Galvão na capela do Mosteiro da Luz, São Paulo.

No entanto, para minha felicidade, não foi assim. Muita gente se aglomerou ao meu redor. Eram dezenas de pessoas. Não daria para ouvir todos ao mesmo tempo. Então, fui colhendo os relatos, um por um; mas nesse ínterim, alguns se cansaram. Outros só queriam ver o que uma pesquisadora queria saber deles.

Em geral, as missas são bem cheias, como na imagem abaixo. Essa fotografia não foi feita no dia da entrevista, mas ilustra igualmente como toda celebração dominical é bem movimentada de devotos e devotas que vão até lá. No dia dos depoimentos, em julho de 2008, talvez tenha sido tão grande a minha surpresa com o comentário do padre Armênio que nem houve a preocupação da minha parte de fotografar o evento. E, até por uma questão de respeito, soava-me desagradável ficar fotografando durante uma cerimônia que é especial para

os espectadores. Mas, em 18 de outubro, consegui fotografias da celebração eucarística. Nesse dia, eu não era o único a fotografar, o que me deixou mais à vontade.



Ilustração 38 – Missa de 18 de outubro de 2008, início da novena de frei Galvão. Capela do Mosteiro da Luz, São Paulo.

Por fim, foram nove depoimentos colhidos in loco. Porém, a primeira pessoa que se aproximou dela, um senhor, veio com um papelzinho com um e-mail escrito. Não podendo falar naquele momento – a missa também termina próxima do horário de almoço! –, pediu que escrevesse a ele e então me mandaria seu relato de frei Galvão. E assim, ao final daquele dia, escrevi-lhe e o retorno veio.

De:	"Automacom Consultoria (Antonio Galvão)"
Para:	"Bianca" <biancagsouza@yahoo.com.br>
Assunto:	re: Pesquisadora Frei Galvão
Data:	Sun, 03 Aug 2008 22:22:01 -0300

Prezada Bianca

Como solicitado e prometido, segue narrativa de graça alcançada por minha mãe em 1941, sendo eu a prova viva daquela promessa atendida, sendo meus filhos e netos continuando a fé em Frei Galvão, que tanto tem feito por nossa família.

Atenciosamente

Antonio Galvão Vasconcelos

----- Original Message -----

De: Bianca <biancagsouza@yahoo.com.br>

Para: agalvao@uninet.com.br

Assunto: Pesquisadora Frei Galvão

Data: Sun, 27 Jul 2008 14:48:15 -0300 (ART)

> Olá, Sr. Antonio...

Estou lhe escrevendo para agradecer sua atenção e dizer que se o senhor puder me enviar seu testemunho por e-mail fico grata desde já. Estou à disposição! Grata

pela atenção.

> Bianca Gonçalves de Souza

> biancagsouza@yahoo.com.br

FREI GALVÃO – UM RELATO DE FE REALIZADO

Prezada Bianca,

Este relato foi narrado por diversos anos para mim e para todos nossos familiares durante todo tempo de vida de Alcinda Cardoso Lourenço de Vasconcelos, nascida em Pelotas no Rio Grande do Sul em 14 de março de 1906, e residente na Rua Marte, 537, Mesquita, RJ, onde morou durante 52 anos, e falecida em maio de 1993.

Alcinda teve 3 filhos: Guilhermina (72 anos) Antonio Galvão (67 anos) e Guilherme (64 anos), e 3 netos: Ricardo Galvão, (44 anos) Marcos Galvão, (42 anos) e Roberta Christina Galvão (32 anos), sendo este relato de conhecimento de todos da família.

Os partos dos filhos: Guilhermina e Guilherme, foi normal, porém no segundo filho, teve grandes dificuldades nos dias pré parto, ocorrido no Hospital da Ordem do Carmo, na Rua do Riachuelo, no bairro da Lapa, na cidade do Rio de Janeiro, onde ainda atende a pacientes, até esta data, podendo ser comprovado, pelos registros ainda existentes.

Nos dias que antecederam ao parto de seu segundo filho, os médicos que atendiam ao setor de obstetria, diagnosticaram que o feto não dava sinais de vida, e que havia a necessidade de cirurgia para retirar o feto, sob risco de morte da parturiente.

Em 1941, quando o fato ocorreu, os recursos da medicina, ainda eram poucos, e não existiam técnicas atuais como: ultra-sonografia, cesariana e outras que pudessem orientar os obstetras, para um diagnóstico conclusivo, e assim a urgência em retirar o feto da mãe, era única saída encontrada por todos os médicos e assistentes do hospital.

Como Alcinda não concordava com a retirada do feto a força, através do método na época, denominado: “retirar a ferros”, porque era uma agressão física no corpo da parturiente, além de não salvar a vida da criança, sem chance de sobrevivência, como no parto normal, já que os exames e verificações de toda equipe médica e assistentes, com mais de 10 anos de experiência, indicavam que a criança já estava morta, e poderia também provocar a morte da mãe, sendo solicitada autorização do pai Adriano Soares de Vasconcelos Junior, como responsável, caso o óbito da paciente viesse a falecer.

Adriano, o pai, não concordou em assinar nenhum documento se responsabilizando pela não intervenção cirúrgica, deixando para Alcinda, sua esposa e mãe da criança, toda a decisão sobre os riscos de não querer se submeter a cirurgia, porque tinha muita fé na promessa feita para Frei Galvão, para que seu filho nascesse sem nenhuma agressão, para ser retirado do seu corpo, e se nascesse vivo daria o nome Galvão a ele.

A promessa foi influenciada pela D. América, enfermeira da ala onde Alcinda estava internada, que conhecia os milagres de Frei Galvão e deu a Alcinda um pedaço da pedra do tumulo de Frei Galvão, além das pílulas com oração a virgem Maria, e assim todos os dias que se passaram, havia uma novena e todas mulheres daquela ala, rezavam o terço pedindo graça a Frei Galvão, para haver o parto normal e a criança nascesse com vida.

Nos dias que passaram, Alcinda, América e outras mulheres faziam as promessas para Frei Galvão, para obter graça pedida, que contrariasse a previsão dos médicos, até que numa noite começaram as dores, e Alcinda foi levada com urgência a sala de parto.

Ao iniciarem trabalhos de parto, os médicos começam a ver o feto em posição de sair e auxiliaram para ajudar a criança nascer, sob muito trabalho e tempo de parto, mais de 2 horas, a criança nasceu mas não chorava, e levada para sala de recuperação, com os médicos ainda afirmando que a criança estava morta, com cor escura e não chorando.

Mas como Frei Galvão já tinha obtido a graça pedida, o bebê abre os olhos e os médicos provocaram choro, com palmadas fortes e assim estava no mundo, mais um devoto, e assim todos sorriem e agradecem a graça alcançada, e oram para Frei Galvão.

No dia seguinte os médicos disseram que não havia nenhuma explicação para aquele parto, e que a América, conseguira salvar a criança com suas bruxarias, mas que felizmente a decisão da parturiente fora positiva preservando a vida de uma criança.

Tempos mais tarde, Alcinda convida América, para madrinha de seu filho, que cresceu e teve saúde ate hoje, com 67 anos, e sempre que vai a São Paulo assiste missa no Convento da Luz, e que em reconhecimento a graça alcançada deu aos seus 3 filhos Ricardo, Marcos e Roberta, o sobrenome Galvão, e seu filho Marcos, também seguiu as promessas do seu pai e manteve o nome Galvão para seus 2 filhos, Charles e Yuri.

Na cerimônia de canonização de Frei Galvão, Antonio Galvão, com 66 anos esteve na missa durante mais de 5 horas, de pé para assistir as homenagens e missa com Papa Bento XVI, e tem sido atendido em todos os pedidos que tem feito durante toda sua vida.
Antonio Galvão Cardoso de Vasconcelos

O senhor Antonio Galvão de Vasconcelos respondeu ao pedido do relato no dia 3 de agosto de 2008. E certamente o seu depoimento foi o mais diferente e o mais preparado pelo depoente, isso porque na escrita a pessoa tem maior tranquilidade para pensar e redigir o que quer contar a outro. Porém, a narrativa é importante como as demais, e para ele era importante passá-la, ou caso contrário não teria pedido que o procurasse.

Começa contando sua própria história e seu nascimento. Como ele, vários outros meninos receberam o nome do santo. Isso é bastante comum com frei Galvão e com um séquito de outros indivíduos que levam os nomes de santos de devoção de suas mães e famílias. E revela a participação de frei Galvão em casos de partos difíceis. Sem dúvida, a maioria dos relatos já vistos e os que se seguirão são de mães ou de filhos, agraciados por frei Galvão na hora do nascimento.

Vale retomar, então, a discussão sobre a anexação do nome, do sobrenome, do santo ao nome do devoto. Isso revelava, para a mãe do Sr. Antonio, provavelmente, sua devoção, manifesta na escolha do nome que seu filho levaria por toda vida. Mas vai além: a partir do momento que se opta por dar à criança o mesmo prenome ou o patronímico de uma família é como se também se promovesse uma maior proximidade; é como se se estabelecesse uma relação de pertencimento entre o indivíduo e um grupo, além do que se mantém vivo na memória o santo e a graça alcançada.

Souza (2004) trabalhou com núcleos familiares de descendentes italianos que se reuniam em encontros festivos, e um dos fatores, dentre outros, que promovia a intenção de participar dos grupos dos festejos era que todos tinham um sobrenome em comum. Não importava tanto um laço de consanguinidade, mas sim o fato de se ter o mesmo sobrenome (no caso, Perin).

Esse trabalho auxilia nesse tópico da fala do Sr. Antonio, como para outros devotos que têm ou o sobrenome ou levam o nome Antonio, em gratidão ao frei. Com essa postura, querem não só se identificar com o frei, mas estabelecem com ele uma relação de pertencimento emocional, cultural, não consanguíneo.

Esses filhos, como o Sr. Antonio, eram consagrados ao santo ao qual eram devotos os pais. Consagrar, nesse sentido, é ofertar, oferecer um filho para a proteção de um santo ou uma santa. Isso acontece, por exemplo, em cerimônias de batismo católico, nas quais os padrinhos batizam a criança na pia baptismal e também o oferecem, pedem a algum santo ou à Maria que sejam, no céu, padrinhos do afilhado. O Sr. Antonio, talvez, não tenha passado pelo

rito da consagração nesses moldes postos aqui, mas seu próprio nome revela uma relação não só de gratidão, mas de associação, de pertencimento, de devoção ao frei Galvão.

O depoente poderia, de repente, não ter sido católico tal qual seus pais; quem sabe, pudesse hoje não gostar de saber a origem de seu nome. Não é o que ele demonstra, no entanto. Ele deixa claro que essa relação de fidelidade ao santo é mais do que uma questão religiosa: é fruto de uma história de família com a qual ele se identifica e revela isso quando coloca que se utilizou da mesma tática de dar o sobrenome Galvão aos seus filhos. Há uma memória que é uma memória partilhada pela família, uma tradição cultivada com o passar das gerações.

Desde sua vida, frei Galvão esteve diretamente associado como um santo protetor de mulheres grávidas: as próprias pílulas provocaram discussão no tempo da beatificação, pois se debatia sobre o sinal ou símbolo específicos que marcariam a figura do frei. Não foi escolhido, entretanto, o caso das grávidas: a imagem de frei Galvão leva às mãos um pergaminho, referência ao seu caráter de orador e escritor. Mas são corriqueiros casos de mulheres grávidas, tanto em Guaratinguetá, como no Mosteiro da Luz.

No caso do Sr. Antonio Galvão Vasconcelos surge mais um relato que reforça a memória de frei Galvão como o protetor das grávidas. Mas a descrição da situação pela qual a mãe do Sr. Antonio passou é peculiar. Primeiramente, o suposto milagre se deu antes de qualquer processo canônico; outro ponto, no ínterim do sofrimento da mãe, surge uma enfermeira que lhe traz uma pedra do túmulo do frei, bem como as pílulas.

O gesto da enfermeira América foi encarado como bruxaria. A crítica dos médicos quanto às táticas por ela utilizadas expõe um conflito entre a fé da gestante e da enfermeira e o ceticismo dos profissionais. Naquele momento, esses últimos, como narra o depoente, punham em xeque, questionavam o uso de procedimentos que não fossem científicos, desqualificavam o gesto e as orações, denominando-os como ações mágicas.

Para o Sr. Antonio, a fala dos médicos é uma maneira de demonstrar que eles menosprezavam o que ocorria no hospital. Entender a fé e o uso das pílulas e da pedra como recursos para se ter um bom parto aponta para uma visão de que, esses objetos da fé, esses utensílios sagrados são, muitas vezes, caracterizados como talismãs.

Um objeto como a pedra do túmulo funciona de forma semelhante a uma medalha, por exemplo. Há quem carregue, na hora do parto, por exemplo, uma medalha de Nossa Senhora do Bom Parto ou de outro santo de devoção. Assim, acabam funcionando como talismãs. Como explica Pearce (1992, p. 45),

Objects with this talismanic character are not, of course, confined to myths, major museums or closet devotion: they are part of common experience. Most of us have things like St

Christopher medals, luck pieces and amulets of all kinds which, even now at the very end of the twentieth century, we still half believe will operate magically on our behalf³².

A pedra do túmulo não só está ligada a uma história, como é um artefato, para o crente, que pode promover milagres, atuar magicamente, promover curas. São, então, objetos-talismã, como explica a autora. Mesmo em pleno século XX, ela explica que ainda é comum ver as pessoas que atribuem a tais objetos características mágicas, como se eles tivessem, intrínsecos em si, uma capacidade de agir misteriosamente.

E assim, em especial nesse caso, a pedra da sepultura funcionou, na visão do depoente, apesar de ele não ver o objeto como um talismã, e sim como uma forma de aproximação com o frei. As pílulas, talvez, também tenham sido encaradas com essa faceta. Hoje, elas são melhor trabalhadas e aceitas pela Igreja, mas talvez até essa mesma tenha, anteriormente, sido meticulosa na aceitação e na distribuição dessas.

Em 1941, não existiam os recursos tecnológicos dos quais a obstetrícia se mune hoje. Não havia instrumentos tal qual um aparelho de ultrassonografia para averiguar se a criança está bem e com vida. Na visão do milagrado, sua vida se deve à fé de sua mãe e à ajuda da enfermeira, o que fez com que ele concluísse que os médicos estavam enganados e faz com que, mais de sessenta anos após seu nascimento, ele ainda agradeça a Deus por sua mãe não ter ouvido os profissionais. No entanto, caso ela os tivesse ouvido, quiçá, o Sr. Antonio também tivesse sobrevivido. O fato revela que, como sua família, ele prefere crer na ação milagrosa que associa ao fenômeno como a motivação que confirma sua existência.

Depoente 1 – Que é assim: eu tentei ficar grávida por quatro anos, não conseguia, fiz tratamento, fiquei grávida...

Entrevistadora: Você é novinha...

D.: Tenho 30 anos. E aí quando voltei pra São Paulo, eu não morava aqui, eu fiquei sabendo das pílulas e vim. Tomei a pílula, fiquei grávida, e aí eu descobri que, na verdade, eu tinha os abortos um problema de manter... E descobri quando tomei as pílulas, e comecei a fazer tratamento também, fora daqui, e aí quando fiquei grávida tive deslocamento total, e fui até o final, ninguém acreditou. Então tomei duas vezes, uma pra ficar grávida, e uma pra conseguir colar a placenta, colei 100% e ele tá ali, ó...(risos) vim trazer, é a primeira vez que eu trouxe.

E.: Como ele se chama?

D.: Felipe, muito jóia, e não tenho dúvida de que foi ele.

A jovem depoente 1 foi a primeira entrevistada no Mosteiro; estava com o filho nos braços e seu objetivo era apontar, para mim, que ele era a prova da sua fé, no frei e nas pílulas. Estava ali para levar o filho Felipe até o local sagrado do frei milagreiro. Sua felicidade era notória e fazia questão de expô-la: para ela, o nascimento do filho não implica

³² “Objetos com este caráter de talismã não são, de fato, delimitados a mitos, grandes museus ou para devoção pessoal; eles são parte da experiência comum. Muitos de nós temos coisas como medalhas de são Cristóvão, peças de sorte e amuletos de todos os tipos, os quais, ainda agora no final do século XX, nós ainda acreditamos operará magicamente em nosso favor”. Tradução livre.

totalmente no tratamento que fez, mas muito mais que isso, dependeu da sua fé e do uso que fez das pílulas de frei Galvão.

E não só expressa sua alegria, como faz questão de afirmar que não há dúvida, para ela, de que se foi possível ser mãe, foi porque houve as pílulas que a auxiliaram. Dessa fala, como em parte do e-mail enviado pelo Sr. Antonio, depreende-se que ambas as mães optam por acreditar que a fé foi um fator muito mais preponderante no êxito de seus partos e gravidez do que a intervenção médica pela qual passaram.

Além do que, como mulheres (a depoente 1 e a mãe do Sr. Antonio) talvez tenham se sentido motivadas por algo maior, que é o valor que a maternidade tem como pressuposto do Catolicismo. Essa é uma vontade divina também, e elas, talvez, tenham pensado ou levado em conta o papel que a mãe tem no seio da família católica, além do que são relatos que também enaltecem e revelam uma valorização da família nuclear, pai, mãe e filhos.

A discussão científica, a aceitação de que o tratamento é o meio material que as auxiliou não é questionado, mas também não é exaltado. Apenas querem revelar e o fazem que tudo se deu por obra e ação de um homem santo. O trajeto da depoente 1 revela que ali, por causa da situação, do ambiente, da proposta da entrevista, ela mais valorize o fator fé como sendo mais relevante que o fator tratamento na gravidez de seu filho.

Depoente 2: Meu nome é Nilzia Galvão da Silva. Meu bisavô, quando tava pra nascer, ele chorou na barriga da mãe. E naquele tempo acreditava que ele ia ser “bibinho”, e a igreja católica não gostava disso. Aí, nessa época, o frei Galvão fazia milagre, e ela pediu pra frei Galvão que ele nascesse perfeito, que não tivesse nada. E ele nasceu perfeito e puseram o nome Antonio Galvão, e depois Silva, e desde lá minha família é Galvão, por causa do frei Galvão.

Entrevistadora: Ah tá, era bisavô da senhora?

D.: É, e aqui eu trouxe aqui, tem arquivado aqui também.

A senhora que se identificou na entrevista como Nilzia era uma senhora idosa, que contou um caso de frei Galvão e de seu bisavô. Talvez, ao tempo do acontecido, pudesse bem ser plausível que fosse durante a vida de frei Galvão. Ela trata de três gerações antes da sua. Oxalá, aqui, o fato inusitado de um relato de um suposto milagre, ainda em vida, por frei Galvão e no qual se expressa novamente uma relação de pertencimento do fiel à figura do santo.

Ele também, o bisavô de dona Nilzia, recebeu o nome e sobrenome do santo, sobrenome, por sinal, que dona Nilzia fez questão de falar todo para se perceber que ela também traz consigo esse elo que aproxima sua família de Antonio Galvão de França. Dona Nilzia conta que o bisavô chorou na barriga da mãe, ao que ela completa que isso era um sinal de que a criança seria “bibinho”.

Pela fala e pelo tom da narrativa na hora da entrevista, isso era sinal de que a criança nasceria homossexual. Na gesticulação da depoente, sutilmente, o trejeito que fez com a mão implicou, para ela, uma indicação do que a palavra “bibinho” queria dizer naquele tempo.

Realmente, como ela mesma salienta, um problema complexo e difícil de aceitar durante séculos pela Igreja Católica e pela sociedade brasileira. O que não quer dizer que hoje seja facilmente aceito; porém, em uma sociedade fortemente vinculada a valores tradicionais, como a família nuclear, pautada por uma religiosidade, especialmente a católica, lidar com o homossexualismo era realmente lidar com uma situação de transgressão.

Como Mott (2007) explica, desde o início da colonização portuguesa no Brasil até basicamente o início da República, o Brasil tinha uma religião predominante, o Catolicismo. Tal qual tinha ela sua participação na vida privada e pública do país, também ditava normas e punições. Quanto ao homossexualismo, não seria diferente, certamente. O que não quer dizer que não tenha existido, no entanto. O que tinha era um tipo de vivência escamoteada em outra, seja por medo de perseguição por parte da Igreja Católica, seja por temor de uma punição mais severa.

O fato, possivelmente, tenha se dado no final do século XVIII ou início do XIX, época em que o homossexualismo era visto por parte considerável de médicos como um desvio de personalidade ou como uma doença.

Atualmente, talvez, uma mãe não pedisse isso ao santo brasileiro, ou seja, caso a criança chore no ventre, pedir a ele que o filho nasça heterossexual. Como tantas outras lendas e mitos superados pela medicina e pela Igreja, ao tempo do bisavô de dona Nilzia, isso era sinal claro de homossexualidade e era motivo, mais que suficiente, para que a mãe intercedesse, com suas orações, em favor do filho.

E mais, homossexualidade era doença, e, portanto, passível de cura. Nesse sentido, seu testemunho é para si uma realidade, ou seja, mais do que curar mães e filhos doentes, no caso de seu bisavô, o frei foi capaz de “curar”, de sanar um desvio grave que o bisavô teria.

Não é o objetivo, no entanto, desvendar segredos médicos e descobrir se o choro de uma criança, ainda no ventre, é sinal de alguma espécie de mal ou de patologia, mas naquele tempo era, ao menos no testemunho de dona Nilzia. Ela constrói uma narrativa que demonstra a evidência de um milagre em sua família, um milagre que para ela é concreto, que ela acredita e que até cita constar de arquivos do próprio mosteiro.

Dá para captar desse depoimento que um santo, quando invocado por um crente, é um indivíduo que pode curar quase tudo. E não é somente cura de doenças e outros problemas mais mundanos que são motivo de fé e de crença dos fiéis: seja qual for o mal que aflija o devoto e, não vislumbrando resolução terrena para o mesmo, ele apela ao corpo de santos e santas para então

pedir e suplicar por uma intervenção divina no caso. O milagre, como tem sido apresentado ao longo do trabalho, é para o devoto um elo de ligação entre ele e um santo, é um apelo que se faz ao sobrenatural, na tentativa de buscar alguma solução não terrena para um problema humano.

Homossexualidade, na fala de dona Nilzia, não era problema só para o tempo de seu bisavô, é para ela até hoje uma doença, uma patologia, ou caso contrário ela não entenderia o feito como sendo obra de uma ação extraterrena. O ponto é nevrálgico e dá margem para uma série de análises; porém, não se pode deixar de perceber, na construção da fala da depoente, seu preconceito com relação à opção sexual de um ser humano, especificamente de um homem.

E para dona Nilzia ainda revela que esse era um temor das famílias, ou seja, que um filho fosse homossexual: não seria algo natural, como era o caso de casais heterossexuais. Havia – e ainda há – um temor de exclusão e da perseguição, caso uma situação como essa viesse a público ou caísse no conhecimento de alguém que teria a propriedade de punir um homossexual.

O perigo, nesse exemplo, mais do que uma endemia, uma patologia, é a convivência com um indivíduo que seria vítima imperdoável de preconceito pela própria Igreja. A entrevistada enfatiza: “e a Igreja não gostava disso”. Não gostava, por conseguinte, de homens e mulheres homossexuais, “bibinhos”, como ela denominou a situação. Ela demonstra inclusive esse medo. Havia o medo de o nascimento de uma criança com algum desvio; para ela, dona Nilzia, também seria um desvio, muito provavelmente, caso contrário, não contaria a história como sendo a motivação de uma graça alcançada.

Apesar de o catecismo da Igreja Católica hoje ser diverso do tempo do bisavô de dona Nilzia, ainda assim vale parafraseá-lo, para melhor entender como a Igreja lida com a questão atualmente:

A homossexualidade designa as relações entre homens e mulheres que sentem atração sexual, exclusiva ou predominante, por pessoas do mesmo sexo. A homossexualidade se reveste de formas muito variáveis ao longo dos séculos e das culturas. Sua gênese psíquica continua amplamente inexplicada. Apoiando-se na Sagrada Escritura, que os apresenta como depravações graves, a tradição sempre declarou que “os atos de homossexualidade são intrinsecamente desordenados”. São contrários à lei natural. Fecham o ato sexual ao dom da vida. Não procedem de uma complementaridade afetiva e sexual verdadeira. Em caso algum podem ser aprovados.

Um número não negligenciável de homens e mulheres apresenta tendências homossexuais profundamente enraizadas. Esta inclinação objetivamente desordenada constitui, para a maioria, uma provação. Devem ser acolhidos com respeito, compaixão e delicadeza. Evitar-se-á para com eles todo sinal de discriminação injusta. Estas pessoas são chamadas a realizar a vontade de Deus em sua vida e, se forem cristãs, a unir ao sacrifício da cruz do Senhor as dificuldades que podem encontrar por causa de sua condição.

As pessoas homossexuais são chamadas à castidade. Pelas virtudes de autodomínio, educadores da liberdade interior, às vezes pelo apoio de uma amizade desinteressada, pela oração e pela graça sacramental, podem e devem se aproximar, gradual e resolutamente, da perfeição cristã (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 1999, p. 610-611).

Para a Igreja Católica, em primeiro lugar, homossexualismo é associado à ideia de um distúrbio psíquico; o fato é encarado como sendo uma doença. Em segundo lugar, é uma depravação, uma desordem, não natural. Estar em ordem, por conseguinte, é não ser homossexual. Portanto, ainda hoje, por mais que o catecismo (a citação acima é do atual catecismo da Igreja Católica, fruto do Concílio Vaticano II) direcione uma relação de tolerância com o homossexual, mulher ou homem, esse sujeito é um indivíduo imperfeito, quase que doente mesmo, que necessita de especial atenção, o que ainda expressa um preconceito em face do assunto.

A realidade da homossexualidade não é vista como uma opção da pessoa, e sim como uma provação, como se fosse uma situação difícil pela qual a pessoa passa e perante a qual deveria manter uma postura de resistência; e a solução que o catolicismo oferece para tanto é a castidade, é a negação da sexualidade do ser humano.

O documento da década de 1990 considera homossexualismo uma anormalidade, pois se é necessário um tratamento diferenciado no trato com essas pessoas, então ainda há, por parte da Igreja Católica, a ótica sobre o assunto como um fenômeno desvirtuado, suscetível de preconceito então. A conclusão, lendo o documento, é a de que ser perfeito é ser heterossexual. E tudo que fuja dessa regra, aos olhos do clero, deverá ser encarado como anormalidade, como um desvio, fatores que somente acentuam e declaram abertamente uma postura de preconceito da instituição para com pessoas que não comungam dessa maneira de pensar.

Não foi possível localizar outro documento que discuta o tema, mas é fácil perceber, quando se lê na imprensa um escândalo de um caso de pedofilia, como os que ocorreram nos Estados Unidos, como a santa Sé conduz o assunto.

A Igreja mantém uma atitude fechada: ela cria seus ditames, mas quando essa situação se lhe apresenta, ela simplesmente age de forma escamoteada, para não se expor a críticas e debates abertos. Não discute, não comenta. É um problema que não deve ser exposto, tampouco se deve, por parte de quem fala de dentro da Igreja, comentar, falar, debater o tema. Há uma dificuldade na aceitação da homossexualidade, o que faz com que ela seja vista como extraordinária, e não como uma opção da pessoa.

Dona Nilzia conta, certamente, essa graça recebida pela mãe de seu bisavô com um sentimento de orgulho ou de envaidecimento, do mesmo modo como o fez à pesquisadora, pois tem em sua família a história de alguém que foi “salvo” pelas mãos de um santo. É como se o seu bisavô tivesse se livrado de uma triste sina por obra do frei, a de ser homossexual.

E, por fim, um ponto interessante da fala é a associação que era feita entre o choro no ventre, pela criança, e um estigma. Ou seja, se chorasse, nascia com a fatídica sina de ser

homossexual. Como essa associação se originou, de que maneira, ou quais fatores levaram os parentes de dona Nilzia a pensar assim não são sabidos.

Mas trata-se de um fato que revelava um mau-presságio, que talvez fosse comum nos séculos XVIII e XIX. E mais, há aqui uma possível brecha para acessar um imaginário popular que caracterizava de outra maneira a conduta de indivíduos e suas marcas e traços de personalidade.

Por fim, o que se tem como conclusão diante de um caso como esse é que a narrativa do bisavô de dona Nilzia – a salvação dele por frei Galvão – vai na contramão do saber médico: hoje, ao que se sabe, homossexualidade não é rotulada como patologia pela medicina. As ações de frei Galvão – e esse é um exemplo bem cabível – vão em direção oposta daquilo que a medicina diz: para o saber médico não é doença; para a família de dona Nilzia, hoje e antigamente, era, e a prova é que a cura veio por meio de um milagre.

Na sequência das pessoas que foram espontaneamente à procura da pesquisadora para contar seus relatos, estava o de uma mãe que, durante a missa do dia 27, realizou ali, na capela do mosteiro, o batismo de seu filho.

Depoente 3: O Pedro nasceu uma semana depois do prazo previsto, ficou 28 dias internado na UTI, entubado, sem esperança nenhuma e tal... é, com infecção generalizada, o médico falou que tinha até nos ossos, que não teria chances dele sair, se saísse seria com seqüelas irreparáveis. Aí eu pedi pro frei Galvão, se ele saísse dessa, eu vinha batizar aqui. Graças a Deus, fez um aninho dia 24, e não ficou com seqüela nenhuma, tá lindo, maravilhoso. E é um bebê saudável, não tem seqüela nenhuma, graças a Deus.

Entrevistadora: E a senhora chegou a ministrar pílula pra ele?

D.: Não, só pedi, até porque ele era um bebezinho, recém nascido, não tinha nem como.

A mãe falava do filho Pedro, com um ano recém-completado em 24 de julho de 2008. E pelo problema de saúde no início da vida extrauterina do bebê, ela pediu ao frei que ajudasse seu filho a sobreviver. Em troca, se o filho se curasse, ela o traria até o Mosteiro para ser batizado.

Mais do que uma relação de fé, no exemplo do menino Pedro, a mãe salienta uma relação muito comum entre fiel católico e santos: em troca de um pedido atendido, o fiel assegura o cumprimento de uma penitência ou de um gesto de agradecimento. É a promessa, relação muito corriqueira no dia a dia de boa parte do rebanho cristão-católico brasileiro. E a paga da promessa que ela propõe é o batismo do filho na igreja na qual o frei está enterrado.

O batismo de Pedro foi realizado durante a cerimônia. A mãe se dirigiu ao altar com o filho e padrinhos. O padre Armênio fez comentários no sentido de expor para a plateia a superação da vida de Pedro e finalizou apontando o desejo da família de batizá-lo, ali, na capela do Mosteiro.

Para a família, em especial, para a mãe, como demonstra na fala, a melhora na saúde do filho está intimamente associada à promessa que ela fez. Seu gesto e a fé no frei Galvão foram pressupostos elementares para que, naquele dia, ela estivesse ali com ele nos braços.

No caso de uma promessa, há uma relação que é estabelecida entre devotos e entes sobrenaturais, os santos. Nessa, o indivíduo pede, primeiramente, a atitude do outro, em troca da qual lhe presta uma contrapartida, honrando assim o compromisso firmado. Mais do que isso, a promessa revela todo um circuito de relações bastante característico do catolicismo brasileiro.

Em Aparecida, por exemplo, é fácil encontrar indivíduos que estão pagando promessas. Assim também em Juazeiro, terra de Padre Cícero; igualmente em Maracaí (SP), cidade natal do Menino da Tábua, ao qual se dirigem romeiros, todos os anos, para agradecer-lhe as graças que receberam³³. O mesmo começa a ocorrer em Guaratinguetá ou no Mosteiro da Luz, onde já é comum encontrar os pagadores e pagadoras de promessas.

Depoente 4 – Meu nome é Celina, eu quero dar depoimento. Quando fiquei grávida, eu, contaram pra mim que tinha umas pilulinhas de umas irmãs, que a gente tomava, então eu vim aqui buscar pra mim. Eu pensava que era só da Nossa Senhora, nem sabia que era do frei Galvão na minha vida. Olha, morei aqui em São Paulo, passava aqui na frente, casei, fui morar em Amparo, enfim... Aí me deu que eu tinha que tomar uma pílula quando eu saísse de casa, outra quando eu entrasse no hospital, e outra quando eu fosse pra mesa. Mas eu sofri tanto pra ter a minha filha, tanto, tanto, que os médicos subiam em cima da minha barriga, ...sofri, mas a minha filha nasceu sem um arranhão, né, eu fiquei com a barriga preta, mas preta, preta, eu fiquei 15 dias andando torta, de tanta dor, não me receitaram um antibiótico, não me deram nada... E eu pensava que era as carmelitas, que era de Nossa Senhora, lógico, nunca imaginei que era de frei Galvão. Eu fui descobrir, frei Galvão, eu acho que não tem nem 5 anos, que foi ele que me ajudou. Então é um depoimento assim (choro)...

O que merece destaque na fala de Celina é que ela tomou as pílulas crendo que eram de umas “irmãs”, ou uma obra em nome de Nossa Senhora. Esse dado aponta uma direção, qual seja, não importaria para ela se era do frei – o qual somente conheceu a posteriori – mas sim a pílula mesmo.

Essa confusão quanto à intenção das pílulas – quem as criou – não é incomum. Como o Convento da Luz em São Paulo abriga as irmãs concepcionistas – ou seja, freiras que são devotas de Nossa Senhora da Imaculada Conceição –, é passível que haja essa associação de que tais papeizinhos sejam fabricados por devoção à Maria. E como Maria é mãe de Jesus, uma grávida possa pensar, como foi o caso de Celina, que isso é fruto da intuição de uma santa para com as mulheres.

³³ “A devoção ao ‘Menino da Tábua’, estudada por Solange David (1991) constitui-se numa outra ‘santidade’ elaborada fora dos quadros eclesiais, em que os fiéis o reconheceram como ‘um servo de Deus’, ainda em vida. Radicado na pequena cidade de Maracaí – SP, Antonio Marcelino foi vítima de uma doença congênita que o obrigou a permanecer durante quarenta e cinco anos deitado sobre tábuas. O menino, segundo relatos de familiares e de romeiros, nunca se revoltou com esta condição e, pelo contrário, perfilou-se pela resignação e pela mortificação próprias dos paradigmas hagiográficos. As representações de sua pobreza pessoal, pois ‘vivía nu’ tal como Cristo e os anjos, deitado em cima das tábuas, quieto, encolhido, alimentando-se apenas de água, leite e do rescaldo de marmelado, foram aliadas às de sua castidade angelical, pois, apesar do tempo cronológico, possuía uma aparência infantil e inocente, qualidades expressas pela nudez. Essas representações constituíram-se nos ingredientes do maravilhoso santoral gerador de sentidos santificantes em vida: ‘era um anjo, um santo’, afirmam os depoentes.” (GAETA, 1999, p. 66-67).



Ilustração 39 – Detalhe da janela por onde as irmãs concepcionistas assistem as missas.
Capela do Mosteiro da Luz, em São Paulo.

Mas aqui no trabalho, não é esse o único relato de pessoas que tomaram a pílula sem saber do nome ou mesmo que era frei Galvão. Em um relato já citado, uma senhora, em Guaratinguetá, também dizia que havia tomado as pílulas nos anos de 1960, mas nem imaginava de que se tratavam tais papeizinhos. Somente depois, vieram a descobrir frei Galvão. Assim como Celina, residia em São Paulo, passava pela Avenida Tiradentes, certamente reconhecia o prédio do mosteiro, no entanto, sem saber que ali residia um conjunto de significados para a pílula que ela tomou.

Ela alinhava uma fala na qual quer expor que sua intuição a pedia para tomar as pílulas, como se estivesse pressagiando o sofrimento da hora do parto. E, independente da fonte e origem, tomou três e constrói a narrativa orientando a atenção do ouvinte para o fato de que, se sua filha nasceu bem, foi porque se utilizou das pílulas de frei Galvão. No momento da entrevista, entretanto, ela sabia que era meu objetivo ouvir sobre milagres atribuídos ao frei; quiçá, em outras circunstâncias, não desse ênfase tão grande a essa confusão entre os autores das pílulas, mas ali, queria acentuar esse fato e responder que hoje sabe quem é o criador das mesmas.

Em uma passagem da entrevista feita com uma funcionária que não quis se identificar e que trabalha dentro da Casa de frei Galvão, há a menção quanto à pílula:

Entrevistadora: A senhora comentou, as meninas comentaram, o pessoal pede pra comprar as pílulas?
Funcionária: Nossa, demais... uma das coisas é assim, eles mostram duzentos reais, e acham que a gente vai dar 20 pílulas. E a gente fala né?? “Se o senhor for comprar ou não (na lojinha da casa) a quantidade de pílulas é a mesma”. É uma pílula só, muita gente acha que a gente vende

né? Mas a gente não vende, as pílulas são doadas. Outro dia falaram para a Angélica, né: a gente vai te pagar...quer um cafezinho? (risos). [...]

E.: A senhora já foi mal-tratada aqui?

F.: Ah, já, muitas vezes, teve uma vez uma médica, aqui, ah,”dá pra arrumar mais pílula pra mim? Eu vim de tão longe e só vou receber uma?” Eu expliquei que não, né, que tem na Catedral, dá pra escrever... Nossa ela saiu, virou a cara e foi embora! Nada a ver, né? Nada a ver... E a gente nota, né, que gente de mais posse, né... e não é por aí. Você vem aqui, não é ser humilhado, é ser mais humilde, rezar, pegar e entrar e tudo faz parte. E eu mesmo sei de caso de casais que quer ter filho e não consegue ter e eles tomam a pílula, os dois, e consegue. Nossa, muitos casos! (cf. APÊNDICE D).

Na entrevista com a funcionária, ela esclarece uma situação comum: a de pessoas que só se dirigem ao local por conta das pílulas. Ela fala de algumas dificuldades quanto às mesmas, mas o foco é demonstrar que, como ela percebe e coloca em sua narrativa, as pílulas são, em geral, mais conhecidas que o criador delas. Dona Thereza Maia também demonstra preocupação com essa recorrência grande à pílula do frei. Como aumentou muito o movimento depois da canonização, ela comenta:

Dona Thereza: Aí começou a vir muita excursão, minha filha abriu essa lojinha, pra apoio lá, mas o que querem mesmo é a pílula. Mas a gente fala: “a senhora não vai ganhar a pílula nem rezar, antes de conhecer o santo. Como é que vai ser pegar a pílula e não saber pra quem tá rezando?” (risos). Então aí, nós tamo nessa, de obrigar a pessoa a visitar. (cf. APÊNDICE A).

Ela fala em “obrigar”, ou seja, em forçar a visita das pessoas à casa do Vale do Paraíba. Para dona Thereza é inconcebível, talvez, uma pessoa como a depoente Celina, que tenha tomado as pílulas sem conhecer o santo. No Mosteiro da Luz não houve essa mesma percepção. Como em Guaratinguetá, o contato do público com a família e as funcionárias e funcionários da Casa é direto. Oxalá, essa questão da pílula seja mais latente, como na visão de dona Thereza.

Para a depoente, então, a confusão da invenção das pílulas está superada; para as pessoas que participam da construção da imagem do frei, como dona Thereza, isso seja um problema que ela quer lutar para combater.

Depoente 5: Acontece o seguinte, meu filho, o ano passado, senti aqui, tipo caxumba, inchado, começou... aí me ligou ...Vim aqui, peguei as pílulas. Aí passou... Vamo ver, aí foi vendo, foi vendo,... foi pro hospital do câncer em Itu... não, não, em Jaú. E lá, bem, vamo fazer uma biopsia. Na hora da biopsia, pôde tirar, entendeu, tirou, tirou aquele tumor, e ficaram dois pequeninhos. Começou com a quimioterapia, quando acabou o médico, olha, “você tirou a sorte grande”; eu disse pra ele, “não, ce não ganhou, foi um milagre”. E agora tá terminando a quimio, tá muito magro, judia, sabe... então às vezes ele pára, ele tá desanimado, eu digo não, as pílulas tão aqui, vamo lá... Ele quer vim aqui o dia que ele ficar bom. E eu digo, “mas você já está bom”, porque por alto, ele já tá bom.

Entrevistadora: É que tá debilitado, né?

D.: Sim, tirou, as duas sumiram, as pequeninhas que não tinha jeito de tirar, ou perdia a voz, porque era nas amídalas, né, então elas sumiram, é ou não é um milagre? E desde que conheço frei Galvão, por minha sogra, eu tava grávida e ela me deu as pílulas, tomei, e toda minha família, na maternidade já ia com as pílulas. Meu marido também faleceu, mas era, nossa, era sempre frei Galvão, devoto, tenho o santinho dele até hoje... E fui ajudada por ele e por Santo Expedito, então um domingo eu assisto missa aqui, um domingo lá, mas como já assisti lá, hoje eu vim agradecer aqui!

A depoente 5 acentua esse caráter, qual seja, o de que a cura se deu por obra da pílula, nem tanto pelo tratamento efetuado. Também constrói uma narrativa que expõe sua crença

real de que a cura do filho foi milagre. Quando ela diz “não, cê não ganhou, foi um milagre” expressa a opinião de que a doença não é um jogo, no qual se tem sorte ou não; ao contrário, se assemelha a uma fatalidade, a uma “judiação”, uma situação de sofrimento e de maus-tratos infligidos sobre a pessoa, que só pode ser superado por meio da fé.

Ela acaba por demonstrar também sua força e luta para animar o filho diante de uma situação tão complexa, que poderia acabar em morte. Ela se posiciona como alguém que se dispôs a fortalecer os laços familiares entre mãe e filho: foi solidária, teve compaixão pela dor do filho e foi convicta no sentido de mostrar a ele que precisava ter ânimo.

Ela traz à baila um caráter já debatido. Há uma memória que é partilhada pela família. A sogra, o marido, ela, e o filho agora, comungam de um sentimento de devoção pelo frei, de agradecimento e de gratidão pelas graças que teriam recebido. Vai elencando em seu depoimento informações que apontam para o fato de que a devoção ao frei não é particularidade dela, depoente, mas é algo que é vivido em comum com outros membros do grupo familiar. E, ao final, fecha o depoimento expandindo sua fé para mais de um santo.

Quando irmã Célia Cadorin foi entrevistada apontou que um dos primeiros fatos a serem verificados em um processo de beatificação é se o devoto rezou apenas para o candidato a santo. Isso porque para ela, que fala como uma representante do catolicismo e como alguém legitimada para explanar sobre processo de santificação, a fé tem que ser em um só indivíduo, porque, caso contrário, como se confirmar se foi realmente aquele candidato que realizou o feito e não outro? A exceção à regra somente permite orações a Deus, Jesus Cristo, Espírito Santo e Maria. Caso apareça na fala da testemunha alguma dúvida sobre quem foi o autor do milagre, para irmã Célia, isso é motivo para descaracterizar um milagre como base para um processo. E ela finaliza esse trecho da entrevista afirmando justamente isso: “Então tem que limpar bem aí, tem que ser graças limpíssimas, por causa de que, porque depois na hora a pessoa jura de dizer a verdade, em consciência ela vai mentir a verdade?”.

Dessa forma, a cura do filho da depoente 5 não poderia, aos olhos da irmã postuladora, dar mote para o processo, pois não seria possível averiguar se a cura se deu porque a mãe pediu ao frei Galvão ou a santo Expedito. Se o filho também orou para ambos não se menciona, mas se as orações da mãe, como membro da família do milagrado, tivessem que constar de um processo, de chofre a cura seria deslegitimada.

Depoente 6: Eu era pequena, meu pai me trazia aqui, era pequenininha, tinha uns dezesseis ou dezessete anos. Aí ele trazia, a gente pegava a pílula, ele tomava, ele já tinha o câncer no pâncreas, né? Aí ele tomava, tudo né? E aí eu acompanhava ele no médico, né, aí o médico falou, “seu pai não vai morrer dessa doença!”. Aí né, a gente foi, tudo... Ele não morreu de doença, não, ele morreu de uma parada cardíaca, ele trabalhou até a sexta-feira e foi enterrado na segunda. Aí eu sumi um pouco daqui, era pequena. Aí teve o testemunho do meu filho também. Foi preso, e eu

tava aqui quando ele tava sendo julgado... (choro), ajoelhada nos pés do frei Galvão. Quando eu tava no ônibus, ele falou, “seu filho já recebeu alvará, não vai pagar nada, não vai ter nada pra ele pagar”, e aí também sumi, depois, mas... Porque eu canto em outra igreja, não canto só aqui. Aí, um belo dia, meu irmão falou, “olha, vou no coral lá do frei Galvão”, né, aí eu falei, ah é? Vou conhecer, né, eu canto em outras igrejas, mas vou conhecer também. Aí eu cheguei aqui, tem um pessoal ótimo aqui, que recebe a gente, e eu tô cantando aqui agora, pra honra do frei Galvão! Eu até, tenho várias igrejas que eu canto, mas se um dia eu tiver que cansar, eu vou ficar só aqui...É, por causa do meu pai, ele levava as pílulas... Mas hoje eu sei, eu venho aqui, pego pras pessoas que precisam... Todo sábado eu venho, ensaio, pego as pílulas pra quem precisa, tem problema de câncer, eu levo. Eu achava muito lindo quando ele dizia, “seu pai não vai morrer dessa doença, de câncer”, e quando ele chegou pra morrer, ele já tava comendo tudo... Muito bonito, muito bom!

É corriqueiro nesse trabalho localizar depoentes que tenham mais de um caso de milagre que testemunharam entre suas famílias, entre amigos ou conhecidos. A depoente 6 começa pelo histórico de saúde de seu pai e destaca o fato de ele não ter morrido de câncer, isto é, a ênfase que a mulher dá para o fato de o pai ter se livrado desse mal. Ele faleceu, sim, mas de problemas cardíacos. Caberia a pergunta, por que não morrer pelo câncer, qual a implicação que a depoente vê em se perecer diante de uma doença como essa? Ela não expõe, contudo, essa resposta, mas certamente deixa extrapolar que o câncer não tem, para ele, uma aceitação igual ao fato de se falecer por outros motivos.

Certamente, essa sua colocação traz à tona o fato de que o câncer para ela é muito mais grave, talvez até mais nefasto, do que uma doença cardíaca. Quando reitera que seu pai se libertou dessa moléstia, não quer somente apontar a fé que eles nutriam quanto às pílulas do frei, mas acentua também o fato de que o câncer foi extinto; ele que é um perigo e uma ameaça, para ela, pior que a parada cardíaca. E outra, para ela foi um consolo saber que a morte do pai foi menos sofrida; há cânceres que são devastadores e, muitas vezes, exaurem um paciente pelo sofrimento e pelo desgaste que os tratamentos causam.

Na sequência, aponta a situação de um filho preso e a associação feita no momento da fala que concentra, num mesmo instante, a liberdade do filho e o fato de ela estar ali, dentro da capela. O choro emocionado expressa a felicidade e o alívio de uma mãe que ora pelo filho, mas revela que aquele espaço em si tornou-se para ela rico de significados desde sua juventude, e essa valorização dada por ela à capela foi reiterada quando ali pôde vivenciar uma nova experiência de alegria.

Enfim, a última motivação para sua fé e dedicação ao espaço do mosteiro veio com sua participação no coral de frei Galvão. E quando toca no ponto que revela seu gosto pela música, pela participação em corais, ela salienta que, pode até deixar de cantar em outros espaços, mas no mosteiro não pára. Esse ponto expõe a gratidão da entrevistada, bem como grifa que esse gesto para ela traz felicidade, uma espécie de contentamento por poder fazer parte daquele coral em especial. E o coral é ele também um lugar de sociabilidade e que é

movido por um objetivo comum aos seus participantes: todos estão ali porque creem no frei e expressam sua devoção, mas essa é também cantada.

Por mais de uma vez, em sua vida, a cantora esteve próxima de frei Galvão. Transitou, se afastou, mas em momentos de crise familiar, como o problema com o filho preso, recorria novamente ao santo de devoção, na esperança de que ele a auxiliasse e ao filho. Novamente se afasta, e volta por fim para ser cantora no coral da capela que, ao menos, todos os domingos se apresenta na missa das 10 horas da manhã. Ela, dessa maneira, reconstrói em sua narrativa uma trajetória que traçou ao longo da vida que revela seus distanciamentos e aproximações da religiosidade, especialmente quando se via rodeada por algum problema.

Talvez outras igrejas às quais ela se refere e seus respectivos corais não tragam à sua mente associações tão tranquilizadoras como as que viveu e associa ao espaço da capela. Por conseguinte, por motivação da entrevista e do clímax que a envolve ali, dentro da capela, fecha sua exposição revelando sua preferência pelo espaço, pelo coral e, em suma, pelo santo ali enterrado.

Ao final da fala da depoente 6, outra cantora se aproxima e começa a narrar sua experiência naquele espaço sagrado:

Depoente 7 – O meu é um trabalho, que eu fiz pra frei Galvão, no momento de inspiração, que eu fiquei sabendo que ele ia ser canonizado, é, santo brasileiro, então me veio, eu fiquei sabendo disso dia 23 de fevereiro, que ia ser esse dia...a canonização. Então, num momento de reflexão, num momento de alegria, num momento de muita comunicação com Deus me veio esse dom.

Entrevistadora: É um hino?

D.: É, é um hino também. Né? Então eu acho que é um trabalho muito bonito... Vou esperar agora autorização do padre e da irmã Célia, que a irmã Célia ainda não tem esse trabalho em mãos, até se você pudesse levar seria uma glória, porque nós tamo querendo cantar ele agora, a partir do dia 27. É uma música fácil, uma melodia muito bonita. Se quiser, eu posso cantar um pedacinho... então o trabalho é esse, meu nome é Maria Aparecida Garcia... é música e composição minha. Tá?

D.: É minha neta (chega uma menina e começa a cantar o hino):

Neta da depoente: “Oh, glorioso frei Galvão,

Que vem pedir...o nosso chão

Oh, glorioso frei Galvão,

Vem ajudar o nosso irmão”.

E.: Ah, que linda!

D.: Então é assim, então a música é assim:

“Oh glorioso frei Galvão,

que pisaste nosso chão,

oh glorioso frei Galvão,

vem ajudar a nossa nação.

Oh glorioso frei Galvão,

Vim pedir-te uma oração,

O glorioso frei Galvão,

Para curar o nosso irmão.

O glorioso frei Galvão,

Foste um homem obreiro,

Glorioso frei Galvão,

Você é santo brasileiro!” (palmas da platéia ao redor – a capela estava cheia)

É meu trabalho né, canto aqui na Auxiliadora também né, e faço parte do coral frei Galvão!

Ao final da missa, como já mencionado anteriormente, as pessoas é que acorreram a mim, e não o inverso. A igreja ainda estava cheia – muitas pessoas ficam ao final, vão ao tûmulo do santo, ajoelham-se, rezam. Nesse ínterim, dona Maria Aparecida se aproxima e fala do canto que compôs para o frei. Juntamente, aproxima-se uma menina, sua neta, que, vendo que a avó daria uma entrevista, quis mostrar a mim e ao público que conhecia a música de autoria da avó. Todos pararam para observar a pequena garota entoando a música, demonstravam admiração por verem uma garotinha entoar uma canção religiosa.

Dona Maria Aparecida quis cantar a música toda e o fez, e nessa trabalha adjetivos do frei, ou seja, ressaltando seu lado nacional, de um homem bom e caridoso com o próximo e trabalhador, obreiro. E, particularmente, talvez, para ela como para a depoente anterior não baste falar ou apenas participar da missa: elas querem cantar porque isso certamente lhes traz uma experiência religiosa rica e valorosa, aproximando-as mais ainda do santo de devoção.

Até o presente momento, sem razão aparente, era inédita a canção, pois o coral não a havia entoado até então. O porquê da canção não ser apresentada não é dito, mas subentende-se que a cantora não é livre para proclamar a sua melodia e sua letra. Tanto isso se torna claro que pede a mim que leve a letra até irmã Célia Cadorin, que entrevistei no dia seguinte da visita ao mosteiro.

O que fica dessa conversa é que ela, muito provavelmente, me julgou alguém apta, autorizada para acessar os fazedores do santo, como a postuladora. Não falou em ela mesma levar seu feito à freira; aproveitou a situação para pedir a alguém que, no modo de ver da depoente, fosse capaz de acessar essas esferas de poder a que ela, por ventura, não teria acesso. Ao final da entrevista, porém, dona Maria Aparecida deu-me uma cópia. E justificou que ela esperava a autorização para cantá-la na festa do dia 25 de outubro de 2008.

Estive no Mosteiro depois do mês de julho de 2008, em 18 de outubro. Já haviam começado os festejos da comemoração do dia do santo frei Galvão e não houve a apresentação do canto de dona Maria Aparecida. De alguma forma, ali, dentro daquele espaço religioso, ela depende de uma autorização ou do aval do capelão ou de irmã Célia para executar a música. Fica a ideia de que não é qualquer um ou qualquer canção que é entoada ali dentro. Há as que são pré-determinadas; são entoadas pelo coral ou pelo cantor Cláudio Fontana.

O coral de frei Galvão, certamente, não possui mais que duas dezenas de pessoas cantando. No entanto, durante a missa do domingo, ao final, fazem coro ao cantor Claudio Fontana³⁴, cantor e compositor da Jovem Guarda que, todos os domingos desse ano (2008), se apresentou espontaneamente para o público, sem perceber nenhum pagamento por isso.

³⁴ Cantor da Jovem Guarda, teve como um de seus principais sucessos a música “Homem de Nazaré”, gravada por várias pessoas, inclusive pelo cantor Antonio Marcos, colega de profissão.

Pode ser que, mais do que um dom da cantora, tenha sido de certa forma um incentivo estar ali, todos os domingos, ao lado do cantor Cláudio Fontana. Ele também fez canção e literatura de cordel sobre a vida do frei, e canta, bem como leva seus produtos todos os domingos, oferecendo-os aos fiéis que queiram comprar, e distribui autógrafos e tira fotografias com fãs.

Oxalá, dona Maria Aparecida tenha se sentido motivada também a expor seu canto à entrevistadora, sinalizando que não era só o cantor da Jovem Guarda que os fazia, ela também. Há uma relação de poder que eu estabeleço com dona Maria Aparecida: ela percebeu em mim uma autoridade, alguém com um poder que poderia acessar um outro poder – outra pessoa que autorizasse a canção. Por mais que se tente manter a distância em um momento de pesquisa, em certas situações, isso pode vir a extrapolar do desejo do pesquisador. Foi o que aconteceu. Sem planejamento, inesperadamente, eu participei de uma relação de poder com uma pessoa devota de frei Galvão, que viu em mim uma pessoa autorizada, referendada pela pesquisa e pelos contatos que eu tinha, para ajudá-la a obter autorização para entoar a letra nas missas da capela.

O coral ainda não entoa a melodia, como dito, mas naquele instante a minha impressão como pesquisadora é de que eu – que havia sido apresentada pelo capelão, em cima do altar para a comunidade – talvez também gozasse de autoridade com relação às coisas do frei. Daí acreditar que, por mim, quando entregasse à irmã Célia a canção, ela obtivesse a autorização para entoar o cântico nas missas do mosteiro. Se essa veio não é sabido, mas a narrativa expôs a esperança e o orgulho da entrevistada quanto ao trabalho que concretizou, mas que não pode publicar sem que para isso seja avalizada pelos representantes da Igreja Católica.

Todos os domingos do ano de 2008, Cláudio se apresentou nas celebrações eucarísticas do Mosteiro da Luz. Em 28 de julho de 2008, entrevistei-o, a fim de compreender a relação que ele construiu com a figura do primeiro santo brasileiro canonizado pelo Vaticano. Ele contou muito de sua trajetória pessoal, de cantor de destaque nos anos de 1960 e 1970, de sua participação em shows televisivos guiados por Silvio Santos, sua proximidade com cantores famosos, como Antonio Marcos, Nelson Ned, Roberto Carlos e outros e, em especial, fala de hoje, de como é seu trabalho como compositor popular e do porquê de se aproximar da história de Antonio Galvão de França.

Em todo tempo da entrevista, Cláudio Fontana se denomina compositor e cantor popular, sempre grifando o adjetivo, que para ele implica em composições que caíram do gosto do público. Uma de suas composições, “Homem de Nazaré³⁵”, é bastante conhecida;

³⁵ O refrão é bastante conhecido. “Ei, irmãos, vamos seguir com fé, tudo que ensinou o Homem de Nazaré”.

como ele informou, teve mais de 52 regravações feitas, indo de Chitãozinho e Xororó a Antonio Marcos na primeira gravação, em 1973.

Compôs também para padres e outros cantores; participou de programas de televisão nos anos de 1970 e até os anos de 1990 mantinha um programa na rede de televisão Rede Vida, um programa feito por ele e sua esposa e filhos: “Família Chocolate”. Reside em São Paulo desde jovem, mas é maranhense de nascença. Contou também de sua família e de como a mãe teve papel importante na formação de sua religiosidade católica. E ele narra como surgiu o interesse de compor uma canção para o frei franciscano:



Ilustração 40 – Final da missa do dia 27 de julho de 2008. Cláudio Fontana se apresenta, tendo ao fundo o coral de frei Galvão

Cláudio: *Quando o Bento veio, veio a canonização e eu me perguntando, eu como católico... eu não fui, assisti tudo pela televisão. Então, eu digo, pôxa vida, poderia somar com alguma coisa, se eu tiver alguma coisa pra fazer, me dá uma luz. E aí veio: faz uma canção, por que você não faz uma canção? (Liga o computador pra ouvir a canção – a mais famosa delas, em gravação nos Arautos do Evangelho):*

*Vou pedir pra Frei Galvão interceder
Pra que um milagre possa acontecer
E eu consiga ter a graça de alcançar
O que estou pedindo pra Jesus me atender.
Vou rezar com muito amor e muita fé*

*Vou tomar as pílulas com tanto fervor
 E tenho certeza que eu vou conseguir
 O milagre que eu vim aqui lhe pedir.
 Refrão: Por intercessão de Frei Galvão
 Eu vou conseguir o que eu vim lhe pedir
 A cura pra eu vim buscar
 E Frei Galvão vai me ajudar (cf. APÊNDICE C).*



Ilustração 41 – Cláudio Fontana no programa de Silvio Santos nos anos de 1970.

Ele comentou que já tinha ouvido falar do frei do Mosteiro, mas somente no momento da canonização desperta para o fato de poder compor uma canção para o mesmo. A canção é fácil e foi reproduzida todos os domingos nas missas no Mosteiro da Luz, das quais ele participou. Cantando ao vivo e contando com a participação da platéia e do coral, Cláudio Fontana compôs não só essa, mas todo um CD (compact disc) com canções para o frei, além de ter redigido um livro, em literatura de cordel, no qual ele conta, na maneira que ele julgou melhor para fazê-lo, a vida e a trajetória de frei Galvão.

Diferentemente de dona Aparecida, Cláudio Fontana escreve uma letra mais voltada para a fé de um devoto do que propriamente para evidenciar o santo. Ele é autorizado a apresentar suas músicas no Mosteiro pelo padre Armênio; dona Aparecida não pode entoar sua canção. E isso não parece se dar apenas porque Cláudio Fontana foi um cantor de sucesso,

por ainda trabalhar e se dedicar à música, muitas vezes imbuída de um cunho religioso; mas porque ele foi e é uma personalidade, isso, certamente, aos olhos do representante clerical, foi motivo, incentivo, inclusive, para permitir que ele se apresentasse na capela. E sua música, mais do que divulgar o santo que viveu no Mosteiro, bem como a literatura de cordel, evocam a fé católica. Todos esses fatores – o sucesso, as composições direcionadas, a fé dele próprio – podem ter colaborado para que ele pudesse se apresentar em público como alguém que canta a vida e as obras de Santo Antonio de Sant’Anna Galvão.

Cláudio Fontana, diversas vezes ao longo da entrevista, faz questão de destacar que é um homem religioso e que sua aproximação com o frei também se deu em virtude de sua fé e devoção.

Cláudio: Eu fiz a canção, eu sempre achei que Cláudio Fontana, qualquer compositor, é o elo, na minha opinião, é o elo de ligação entre Deus e o povo. Uma maravilha de Deus, né, tira a música do mundo, tira o som da música, né, e você fica, não fica né, a tristeza... eu vou fazer uma música, né, porque a música vai fazer essa amarração do frei Galvão com o povo. Já tinha feito outras experiências com relação a isso.

E assim eu fiz a canção do frei Galvão e aí fui mostrar pro padre Armênio, ele adorou, eu preciso consolidar isso. Vou fazer uns livrinhos, em literatura de cordel, e aí eu li, o que tinha aí na praça sobre o frei Galvão, os livros, e em literatura de cordel, em versinhos, eu fui fazendo a vida dele. E aí vem o CD, a facilidade de você levar o meu CD, onde tem a bênção do frei Galvão, e eu declamo a vida dele, fica fácil você ouvir, você tá doente, na cama, no hospital, você tá no presídio, você tá andando de carro, você tá no ônibus, você pode escutar a vida do frei Galvão. (cf. APÊNDICE C).

Nessa fala acima, além de revelar como se aproximou da figura do frei – e nesse ínterim a participação e o apoio do capelão padre Armênio foi imprescindível, na opinião dele –, ele conta como produziu um material (CD e livro) de divulgação da vida e da obra de Antonio Galvão de França. Ele levava todos os domingos esses produtos ao Mosteiro para vender; ao final das celebrações, saía da capela, vendia os discos e os livros e distribuía autógrafos e fotografias. Ajudou, novamente, a proclamar o santo, a partir do momento que transforma a fé em produtos que as pessoas consomem.

Por mais que tentasse ao longo da entrevista se mostrar como alguém despretensiosamente próximo do frei, a sua intimidade com a figura do santo não só foi uma fonte de renda para ele e sua esposa; mas, sobretudo, ajudou a compor o imaginário do frei. Ele tem sido importante como alguém – legitimado pela Igreja – que ajuda a construir a figura desse homem, para falar sobre Santo Antonio de Sant’Anna Galvão. Seus produtos levam até o público um trabalho que mostra uma faceta do frei, conta sua trajetória de vida, em música e em literatura de cordel. São discos e livros que são autorizados, mesmo que informalmente, pela Igreja de serem comercializados; nesse sentido, ela não produz, mas deixa que Cláudio o faça, por vantagem financeira e porque são mercadorias que reforçam ainda mais a memória do frade franciscano.



Ilustração 42 – Diploma recebido pelo cantor em reconhecimento de seu trabalho com frei Galvão, dado a ele pelo capelão do mosteiro padre Armênio, em maio de 2007.

Ele tanto é autorizado que, como revela a fotografia anterior, recebeu um certificado – dado a ele pelo capelão do Mosteiro da Luz – como cidadão amigo, documento não só assinado pelo padre Armênio, mas também pela diretora do Museu de Arte Sacra, no tempo da canonização. Serve, por fim, na aproximação do fiel com o santo de devoção. Prosseguindo a entrevista, ele comenta a sua motivação pessoal para tocar todos os domingos no mosteiro da Luz:

Entrevistadora: Por que o ano inteiro tocar lá no mosteiro?

Cláudio: *É uma promessa que eu fiz, eu digo, meu Cristo, meu frei Galvão, se você me deixa fazer todo domingo e pedi ao padre Armênio...e lá tem as irmãzinhas, né, enclausuradas. Elas sentiram que eu tô aqui fora pra divulgar o frei Galvão, né, e eu tô aqui, com amor e com carinho, com a fé, falando de frei Galvão...é um cantor, quer queira ou não, Cláudio Fontana, é uma personalidade do mundo artístico, eu não sou um grande sucesso, mas eu sou uma pessoa que o Brasil inteiro conhece. Que já colocou músicas em primeiro lugar, não só comigo cantando, com outros cantores, eu já gravei com Julio Iglesias... então, quer dizer, eu tô aqui, com amor e com afeto, sem nenhuma entidade por trás de mim... é do meu coração, eu e minha esposa, é uma promessa que eu fiz...*

E.: E já foi atendido???

Cláudio: *Tá quase, tá quase... (cf. APÊNDICE C).*

Ele fez algum pedido ao frei; em troca, comprometeu-se a tocar e cantar no Mosteiro, gratuitamente, todos os domingos. Porém, é importante destacar que há uma aceitação por parte do Mosteiro de sua participação e permanência por ali. Ele fala das irmãs enclausuradas como se

elas também tivessem que avaliar sua estada nas missas durante os domingos de 2008. E ele crê que tudo isso se deu porque construiu uma história de um cantor e compositor popular que fez dele em algum segmento um artista reconhecido. Como dito, ele já compôs para padres, como o padre Juarez e o padre Antonio Maria, cantores com atuação no setor de música católica.

Novamente, portanto, retoma sutilmente as relações de poder e a discussão da autoridade para falar sobre o frei franciscano. Entretanto, nesse trecho ele se mostra também como um dos milagrados: fez um pedido, uma promessa, está se apresentando nos encontros dominicais para cumprir sua parte da promessa. Ele transita entre duas esferas, então, que formam a realidade social de frei Galvão: ao mesmo tempo que é alguém legitimado para cantar e compor utilizando o nome do santo, é devoto, crê no que escreve, pede, ora e espera ser atendido com uma graça. Por fim, completa:

Cláudio: E você tá sabendo em primeira mão, você, o padre Armênio e minha esposa, o projetinho que é uma seqüência, a continuidade, eu já fiz uma promessa, da continuidade, desse CD, todo ano, agora, eu vou colocar mais uma música feita pra frei Galvão...então, até eu morrer, daqui 20 anos, 50 anos...Então, isso é uma coisa que vem a somar na minha fé.

E veja, foi feita a canonização, a Igreja tem todos os seus santos, milenar... então, todos têm a sua devoção, então nós precisamos mostrar ao povo brasileiro que nós já temos um santo. Foi um, que seguiu aquilo que Jesus disse... oh, mas o papa veio aqui, com aquele oba-oba, aquele tumulto, querendo ver, querendo assistir, ah, o frei Galvão, mas quem foi o frei Galvão? Aonde nasceu frei Galvão, que ele fez pra ser santo? Que milagre frei Galvão fez pra eu possa confiar nele, por intercessão dele, chegar a Cristo? Então, eu acho que esse meu lado de compositor popular, já consagrado pela música “Homem de Nazaré”, dá credibilidade a mim, entende?

E o frei Galvão tem uma coisa a mais que ainda não deu o grande boom, vamos dizer assim, que é, eu tô ajudando nesse trabalho, que eu acho, que eu olho, como marketeiro, vamos dizer assim, marketeiro popular de canções, a pílula do frei Galvão, a força do milagre das pílulas do frei Galvão. Porque isso é uma coisa material, você pega, você toma, e a sua fé desperta, tomando as pílulas pra sua cura e você consegue. Se você pedir uma graça pra Santo Expedito, você não tem pílula pra tomar, nem geléia, pãozinho de santo Expedito. Esse a mais que o frei Galvão tem, né, e que quando o povo brasileiro tomar conhecimento com profundidade... (cf. APÊNDICE C).

Nessa fala, Cláudio destaca um outro fator que o mobiliza, ou seja, ele entende que tem um papel de destaque na formação e na expansão da figura de frei Galvão. Por fruto de outra promessa, comprometeu-se a compor, todo ano, a escrever uma canção dedicada a santo Antonio de Sant’Anna Galvão, e isso não se dá, materialmente, apenas porque Cláudio Fontana queira contribuir com a causa, mas, como já dito, é sua forma de sobrevivência, ou seja, com a imagem do primeiro santo brasileiro, o cantor trabalha produzindo meios que o divulgam e que, acabam sendo sua fonte de renda. E, novamente, acentua o outro lado que o envolve, que é a motivação da sua fé, expondo que vê nas pílulas, mais do que um instrumento de cura, um fenômeno que será o responsável pela grande fama que o santo, a seu ver, adquirirá.

Cláudio: Então, eu acredito, eu sinto que nós estamos no início de um trabalho grandioso pro frei Galvão. Ele é o nosso primeiro santo, ele vai ter em cada lugar desse país uma igreja, toda capital, toda cidade, todo bairro vai querer ter uma igreja do frei Galvão. E a gente precisa despertar isso, e como a gente faz? É mostrando, o boca-a-boca, e são as canções populares, os livrinhos populares, a fala dos padres, são as pessoas que acreditam nos seus depoimentos, são pessoas como você, poxa, no

seu doutorado, que tão assumindo a causa do frei Galvão né? Então, nossa, eu me sinto muito feliz de participar, porque eu sei o que que representa pra você. Quando eu fui lá pro padre Armênio, pra irmã Célia, né, eles olharem meu trabalho e gostarem, puxa vida, você vem somar com a gente, então eu sei que tô somando com você e você tá somando comigo, né? Eu sei que esse meu depoimento é importante pra você. E essa juventude sua, e essa força minha, passando dos 60 anos... então, ao compositor, ao criador, importante é poder mostrar a criatividade dele. (cf. APÊNDICE C).

Finaliza, portanto, afirmando que se sente um missionário a trabalhar pela causa do santo. Essa missão, no entanto, é sua economia de vida, mas também é sobremodo importante para ele que o tempo todo demonstra sua fé, sua religiosidade e tenta, a todo momento, mostrar como o universo religioso sempre esteve presente em sua vida, desde a tenra idade. Quanto à pílula, acredita que esse é o ponto fundamental que distingue frei Galvão de outros santos; mais do que isso, é um meio de cura: para ele é o que pode fazer do frei um santo mais conhecido e também distinto dos demais, pois somente ele tem as pílulas, um objeto, que aproximaria ainda mais, no entender de Cláudio, o devoto da fé, da Igreja Católica e do santo de devoção.

Outro ponto de destaque é o comentário acerca das igrejas dedicadas ao santo frei Galvão. Para ele, é questão de tempo, provavelmente, que igrejas comecem a ser erigidas para o primeiro santo brasileiro. Talvez sejam mesmo, mas um fator importante é que ao menos missas celebrativas para o frei Galvão já acontecem no Brasil. Exemplo disso foi a celebração do dia de frei Galvão, em Marília, SP, em 25 de outubro de 2008, da qual participei.

Há quase 450 quilômetros de São Paulo, essa cidade abriga frades franciscanos que nessa data fizeram uma missa, com distribuição de pílulas, exposição de uma estátua do frei. Celebração lotada essa, o que já apontaria, de certa forma, esse caráter destacado pelo cantor, ou seja, ela vai se popularizando, os padres e freis ajudam nisso, ele vai se tornando mais e mais conhecido do público católico brasileiro. Na imagem fotográfica que se seguirá, é possível ter uma dimensão da celebração que aconteceu nesse município.

E Cláudio Fontana ainda destaca e finaliza falando do seu papel de fazedor de um santo também: o fazedor do santo, por conseguinte, é aquele que, como ele, irmã Célia, padre Armênio, dona Thereza Maia, os funcionários que trabalham nos locais sagrados, trabalham e se dedicam a popularizar frei Galvão; que se debruçaram sobre sua vida e obra para canonizá-lo, para revelar suas atitudes, gestos e práticas; enfim, todos que desenvolvem ou desenvolveram alguma atividade em prol da história de Antonio Galvão de França.

E para Cláudio Fontana, eu sou mais uma dessas colaboradoras, e é interessante ele se reconhecer e se assemelhar quanto ao trabalho comigo; tal qual ele é letrista e cantor a serviço do frei, ele me vê da mesma maneira, ou seja, com a tese de doutorado pronta, me torno uma fazedora de santo também, a partir do momento que o trabalho pode contribuir para fazer desse santo brasileiro uma personalidade mais conhecida. E, para retornar aos depoentes, vale

dizer, para finalizar, que padre Armênio, no dia das entrevistas em julho de 2008, fez esse comentário no altar; ao me apresentar para os fiéis, também mencionou o fato de que o trabalho do doutorado em questão poderia vir a ser mais um instrumento para popularizar e familiarizar o público acadêmico em relação a frei Galvão, primeiro santo oficialmente reconhecido como tal.



Ilustração 43 – Celebração do dia de frei Galvão, paróquia Nossa Senhora de Fátima, Marília, SP, em 25/10/2008.

Depoente 8 – O caso é o seguinte: é a sobrinha dela, sofreu um acidente muito grave, de ônibus, né, ela ia dar aula, é professora, né. E aí veio um ônibus e bateu, pegou fogo,... uns par de dias, né...E veio a notícia, a gente veio aqui, e pediu pro frei Galvão, que ele ajudasse, e tal, e ela tava pra ser transferida pra Belo Horizonte, que eles são de Minas, né, tava pra ser transferida pra Belo Horizonte, e num estado...E depois que chegou as pílula lá, na mão dela, que ela tomou as pílula, nós, não foi possível ir pra Belo Horizonte, né, ela tá boa, já tá dando aula de novo, foi fim do ano passado, já ta dando aula normal graças a Deus...A gente rezou o terço...Os dias que a gente tava lá, graças a Deus, praticamente, ela já tá quase curada hoje.

Entrevistadora: Vocês vieram de...

D.: Não, nós mora daqui. Quando veio a notícia do acidente, então eu vim aqui, que eu sou muito devoto de frei Galvão, né, eu moro lá em São Bernardo do Campo. Conhece, né? Eu moro lá, a gente veio aqui, ia gente pra lá, a gente pegou as pílula, e eles levaram, e ela tava na UTI, ficou horrível, né, e quando as pílula chegou, assim que ela melhorou, tomou as pílula, ia ser transferida pra Belo Horizonte, acho que pra fazer uma cirurgia, né, e hoje tá dentro da escola dando aula, graças a Deus. E engraçado, ó, só tem esses ônibus, passa só um pouquinho de carro lá, gozado, parou dois ônibus, um na igreja de Caratinga, lá... Pararam os dois motoristas, assim, conversando, e ela tava no ponto assim, ia tomar o ônibus,... mas o motorista não viu, quando saiu... chegou a estalar o vidro do ônibus, se vê como é as coisas, era pra ter morrido na hora, na hora! E foi horrível mesmo né, no dia que foi, né, e quando eu cheguei, ela não tava assim, já tinha passado uns par de dia, né, porque a gente não pode sair assim né, na hora, pra ver. E vim aqui, peguei as pílula, levei, dei pra uma cunhada minha de Rondônia, deu pra ela e hoje tá curada.

Este senhor, acompanhado da esposa, foi o último a falar de sua história, dentro da capela do Mosteiro. Referindo-se a uma sobrinha da esposa, que reside em Minas Gerais, contou, perplexo, o fato de um acidente de ônibus, do qual a sobrinha saiu com vida. Tentou demonstrar, na sua fala e nos gestos, a surpresa do acidente, a gravidade e como, para ele, o fato se deslindou para uma solução que só poderia ser milagrosa. Mesmo com todos os percalços – a possibilidade da sobrinha ser transferida para Belo Horizonte, de ter que fazer uma cirurgia – ele, como devoto do frei, veio até ao mosteiro, conseguiu as pílulas e por uma cunhada de Rondônia, enviou as mesmas para a sobrinha da esposa.

Narrou o fato com a emoção de quem vê que, mesmo diante de uma grande tragédia, percebe que uma pessoa consegue sobreviver e triunfar diante de uma calamidade. Como quase todos os depoimentos, a pílula novamente aparece e reforça a ideia de um objeto milagroso, de uma solução que cura e salva as pessoas.

Demonstrou um horror, um choque quando narrou o fato do acidente da moça: para ele era algo tão grave que, somente mesmo por intercessão do santo, a moça poderia sobreviver. Houve um tratamento médico, acompanhado do ato de ministrar as pílulas. E como marcado anteriormente, há um fator importante nesse e em outros relatos, que é a relação travada entre ciência, tratamento médico, geralmente, e religiosidade.

Com esse último depoente, então, findaram as entrevistas dentro da capela. Outras pessoas até esperaram por certo tempo, mas como estava eu rodeada delas, cada um falava de uma vez, alguns foram embora, perdendo a chance de eu colher outras narrativas ligadas ao frei. Fui me preparando para deixar a capela. Na saída, no entanto, um casal aguardava, e a esposa pediu para que eu gravasse sua história de milagre.

Depoente 9 – Ele assim paralisou, totalmente, aí médico vai e pede exame, exame, exame, aí passou no médico, dos nervos... neurologista. e aí ele, com um palito de dente, cutucou todinho ele. E disse “seu problema é aqui”, cutucou, cutucou, cutucou. A minha irmã falou, “vamo no 9 de julho, vamo fazer uma ressonância”, e voltou aqui. E deu um tumor na medula, enorme, tava tomado 80%. Aí operou, graças a Deus, deu tudo certo. E a urina, depois? Começou complicar a urina, pra fazer xixi. Sei que uma amiga da minha cunhada, que falou do frei Galvão, deu pra meu irmão, faltava acho que umas dez pra seis da tarde... Aí, menina, foi aquela romaria, liga pra filharada, pros médicos, uma alegria tão grande, então foi um milagre de frei Galvão! Porque ele

ia ter que voltar pro hospital,... aquela coisa horrível...Se você quiser pôr, ele se chama Clovis Barbosa, tem 74 anos, ele tá outro agora, pensando que era a diabete e era do tumor.

A senhora narrou, emocionada, a cura de um irmão seu, Clovis Barbosa, que, sendo diabético, começou a paralisar partes do corpo. Somente com exames mais complexos, percebeu ser um tumor na medula, de proporções grandes. Na sequência, senhor Clovis começa a ter problemas de urina, talvez bexiga, rins, não mencionou, mas pouco antes de entrar para uma cirurgia, eis que lhe dão as pílulas e, ao final, se constata que não há nada de grave. E o senhor Clovis se restabelece, para sua felicidade, de seus filhos e irmãos.

Tem-se um relato que toca um caso grave de doença, uma leucemia provavelmente. O câncer é bastante recorrente nos relatos feitos. Não supera a questão da gravidez, mas o câncer é, possivelmente, uma moléstia que faz com que as pessoas se sintam tão indefesas, inertes diante da natureza, que buscam auxílio em outras esferas da vida, não só para curar, mas mesmo para aguentar o sofrimento, a dor e uma possível perda.

Todos os depoimentos, testemunhos e falas vêm sempre imbuídos de uma carga, maior ou menor, de sentimentos e emoções. Não são poucos os que choram ao contar um fato, se emocionam ou riem de felicidade para expressar como aquela graça representa um triunfo, uma grande superação. Não dá para expor isso nas palavras; são gestos, rostos, lágrimas, dentes, mas todas essas expressões acabam por dizer mais do que a própria fala do entrevistado ou entrevistada. E essas pessoas que me procuraram, especialmente, no Mosteiro, assumiram querer aparecer no trabalho de doutorado: como já dito, isso foi anunciado no início da missa do dia das entrevistas. Os depoentes sabiam qual meu objetivo; quiseram, portanto, se fazer conhecer e às suas histórias por meio da tese.

Assim, não são todos que falam também, alguns manifestam seu agradecimento e contentamento manifestando isso em cartazes e placas que colocam ou fixam na entrada do Mosteiro e da capela.

São cartazes que estavam expostos, no dia das entrevistas, do lado de fora da capela. Não saberia dizer se foi necessário autorização para as pessoas o colocarem, mas certamente isso também é interessante para as freiras e para o capelão, pois é mais uma manifestação do poder de frei Galvão, da fé dos devotos e das curas e milagres que ele promove.

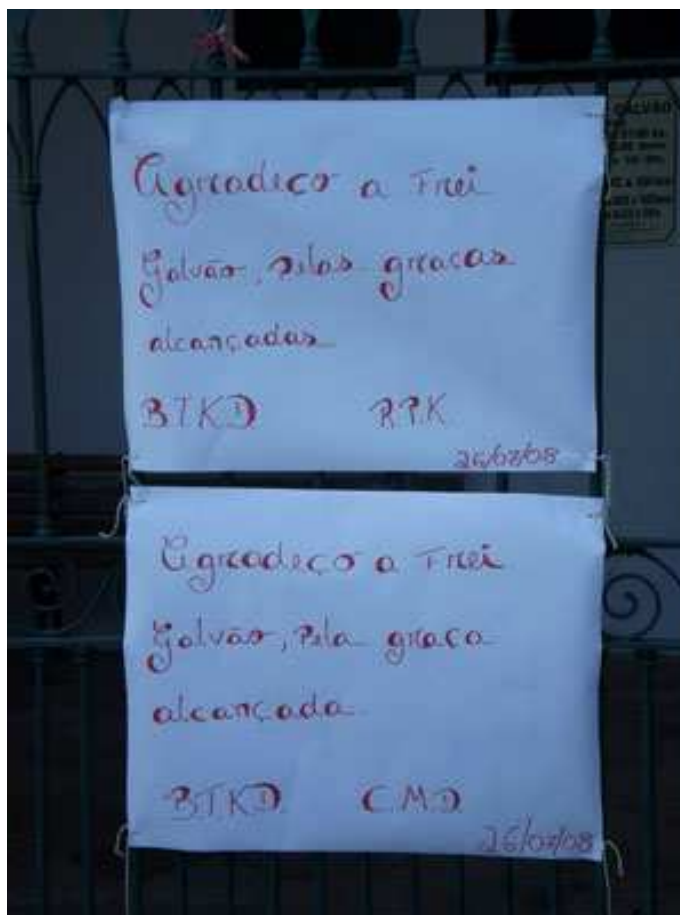


Ilustração 44 – Cartazes afixados na grade da entrada da capela do Mosteiro da Luz, em São Paulo



Ilustração 45 – Cartaz afixado na grade da entrada da capela do Mosteiro da Luz, em São Paulo. Referência ao frei e à medalha milagrosa de Nossa Senhora

Todos trazem agradecimentos ao santo: mais do que isso, pode ser também uma forma de pagar promessa, pois é muito comum encontrar devotos que pedem uma graça e, em retribuição, se dispõem a fazer faixas ou milheiros de orações para serem distribuídas, a fim de retribuir a um santo ou santa a bênção que receberam.



Ilustração 46 – Dois cartazes afixados nas grades ao lado da capela do Mosteiro, em São Paulo.

Santo Antonio de Sant’Anna Galvão, mais do que um homem que criou as pílulas, que ajudou na construção do mosteiro, que colaborou por sua obra com várias mulheres na hora do parto, como vários outros santos, é exemplo e um líder para os fiéis. Tornam-se exemplos, modelos de vida para os quais os fiéis se voltam e se espelham ou tentam seguir os passos de virtude e de obediência cristãs.

Podemos dizer que, para a Igreja contemporânea, os santos constituem basicamente modelos de comportamento que reproduzem a prática cristã e estimulam indivíduos a adotar novos padrões de relações sociais pautados pelo catolicismo, preenchendo um vazio social no campo das lideranças. Em entrevista concedida a *Uol News*, em 02 de abril de 2005, por ocasião das manifestações dos católicos de todo o mundo diante da morte do papa João Paulo II, o teólogo Leonardo Boff disse que a humanidade está órfã de líderes. “Hoje temos líderes belicosos, como Bush, ou burocratas, como os políticos europeus. A morte do papa deixa um vazio de liderança”, concluiu o ex-frei da Igreja Católica, censurado pela instituição por suas idéias pouco ortodoxas. Apesar das diferenças entre o teólogo e a oficialidade eclesástica, essa opinião parece ser a mesma que anima a criação dos santos (PEIXOTO, 2006, p. 210).

São líderes, portanto, aos olhos da Igreja e do público cristão-católico; são entes que auxiliam os fiéis em momentos de dor e de alegria na visão dos crentes e, sobretudo no caso de frei

Galvão, tem-se um líder muito novo para a Igreja Católica no Brasil. Em 2007, foi oficializado santo pelo sumo pontífice, o que não quer dizer que, antes disso, não houvesse devoção a ele.

Com o auxílio dos relatos dos depoentes do Mosteiro da Luz e pelas vezes que se visitou o espaço, a imagem que fica do frei é diferente da de Guaratinguetá: se lá ele se parece muito com um santo que possui uma vida privada, particular, em virtude da centralidade que fica com a família, em São Paulo ele é mais trabalhado pelo seu lado de religioso e de construtor também. O lado da fé é bem mais marcante no Mosteiro, a memória que o espaço quer contar e que as pessoas ajudam a reproduzir é principalmente a que pactua de uma história de um grande homem, de obras e gestos nobres e grandiosos.

Em São Paulo, frei Galvão se parece, realmente, muito mais com a ideia de um religioso; já no Vale do Paraíba, é mais a figura do tio, do parente, do filho: tem-se uma experiência mais próxima do cotidiano de vida dele com sua família. Ali, o fiel parece mais próximo da realidade confessional de Antonio Galvão de França, porque no Mosteiro se tem um conjunto de elementos que fortalecem a compreensão desse homem como padre e religioso franciscano: não é só o espaço, é a música, as pessoas, os religiosos e religiosas, o tumulto, as pílulas, as celebrações; ou seja, é muito rico de elementos de fé.

Isso não quer dizer que na Casa de frei Galvão esses objetos não estejam: mas a disposição deles, o espaço da casa é mais fluido para se pensar e compreender a ideia de que santo também tem família, sobrinhos, uma casa, um patrimônio, descendentes. É o seu cotidiano junto aos Galvão de França, não só a história dele, que está presente na residência da família.

Porém, em ambos a nacionalidade sempre é revelada no sentido de enaltecer o fato de ele ser o primeiro santo devidamente canonizado pela santa Sé. Isso é importante em ambos os lugares, pois o fato de ele ser brasileiro tanto é motivo de orgulho no Mosteiro da Luz quanto na casa de sua família. Em comum, tais lugares têm o objetivo de expor a história, as obras e a memória de frei Galvão, especialmente revelando a conquista – para a família e para o clero – de ser ele um brasileiro que ocupa os altares e o corpo de santos do Catolicismo.

CAPÍTULO 4 – FREI GALVÃO: OBJETOS E ESPAÇOS

Não seria possível findar esta tese sem falar brevemente da casa de Guaratinguetá, dos objetos que lá estão presentes e do Mosteiro da Luz. São espaços que estão intimamente associados à memória de frei Galvão.

Dessa forma, o capítulo inicia retomando o que é a Casa de frei Galvão, no Vale do Paraíba. Ali há uma casa e outros espaços totalmente dedicados ao santo, objetos pessoais, relíquias e objetos sacros que não somente contam a trajetória de vida do frei, mas também expõem como foi o processo canônico que o fez santo. Falam também um pouco da história da família Galvão de França.

Na sequência, há que se mencionar o Mosteiro da Luz, construção famosa na capital paulista, por ser uma das edificações mais antigas, mas, sobretudo, pela sua aproximação com a figura do primeiro santo canonizado pelo Vaticano. No Mosteiro, há uma outra forma de aproximação do patrimônio com o frei: ele trabalhou, ajudou a construí-lo. E ainda, é na capela desse Mosteiro que se encontram enterrados seus restos mortais.

A discussão sobre os espaços e os objetos passa pela análise de uma cultura material edificada por ele e para ele, para reforçar sua memória e legitimar sua santidade. No entanto, não é a proposta fazer uma profunda análise da cultura material no capítulo; todavia, é com o auxílio dela e da compreensão do patrimônio, que se pode compreender um pouco mais o papel que tais locais representam como marcos que remetem constantemente à figura do frei franciscano.

No entanto, são prédios e também objetos. Tanto na casa quanto no mosteiro, há alguns objetos de quando ele vivia, algumas relíquias, e esses ajudam a contar o cotidiano de vida do frei. Porém, certamente, dentre todos os objetos marcantes que relembram frei Galvão, o mais interessante e conhecido é a pílula de papel por ele feita. Ela foi já mencionada ao longo da tese, mas merece uma análise mais aprimorada, pois é ela certamente uma forma de lembrar e de mantê-lo vivo também, pois sempre que se fala dela, se remete ao seu criador também. São indissociáveis, por isso a necessidade de estudá-la separadamente.

E, por fim, o que se perceberá é que esses espaços, seus objetos e a pílula formam um grande patrimônio dedicado à memória de frei Galvão. São locais que, novamente, reforçam a sua memória e, como são bastante visitados, também começam a ter características de lugares de romarias de devotos e devotas, que vão até os mesmos pagar promessas, conhecer mais o frei, saber mais como foi sua vida, onde viveu e o que construiu.

4.1 Guaratinguetá: os objetos e a casa

“Temos a sensação de viver sob o império da memória”, nos diz Seixas (2001, p. 37). Essa colocação é sábia, mesmo quando se pensa, por exemplo, no caso da religião e de seus espaços sagrados, de culto, de romarias, como é a Casa de Santo Frei Galvão, em Guaratinguetá³⁶. Pois ali, a memória se faz presente pela residência habitada nos séculos anteriores pela família Galvão de França.

Esse espaço é exemplo de que uma memória, ou várias memórias e histórias, reforçam a necessidade de uma época que nada mais quer esquecer e, assim, impera como representante de lembranças, reminiscências, fatos e acontecimentos que marcaram a história de uma comunidade e de grupos.



Ilustração 47 - Dona Thereza Maia sentada, ao lado do marido, senhor Tom Maia. Guaratinguetá, setembro/2007.

Preservadora de relíquias, objetos pessoais, mobílias de época, imagens sacras, quadros, a Casa de Frei Galvão é um local que guarda a memória da vivência do frei nesse município. Ali, ele viveu com sua família, pais e irmãos, até que se iniciasse na vida religiosa, o que faz dela um local importante para falar do frei, tornando-se, ao longo dos anos, um espaço de destaque no cenário religioso do país e marcadamente em Guaratinguetá.

³⁶ Guaratinguetá, em tupi, significa local onde abundavam garças brancas.

Quando ali frei Galvão nasceu, na freguesia de Santo Antonio de Guaratinguetá, em 1739, seu pai, Antonio Galvão de França era um comerciante reconhecido na região, e de posses, fato sabido pelas biografias e já citado anteriormente. Talvez por esse fator, ele tenha podido adquirir ou construir uma residência bem no centro do município, com estrutura boa e mobília. São dois andares. Somente o térreo é aberto à visitação.

O filho Antonio Galvão de França viveu poucos anos na residência; certamente, seus irmãos herdaram a edificação. Com as idas e vindas dos séculos, ela deixou de pertencer aos descendentes. Na década de 1950, o pai de dona Thereza Maia readquiriu o prédio, o qual se encontrava já em condições precárias, a ponto de chuvas fortes o terem derrubado.

Somente na década de 1980, a casa começou a passar por um processo de restauração, vindo a ser considerada monumento histórico e religioso do município (MAIA, 2007b), no ano de 1988. Nas imagens que se seguem é possível ver, a partir da vista da casa da rua frei Galvão, como estava o terreno, nos anos de 1980, e como hoje se encontra, após a restauração.



Ilustração 48 - Casa de frei Galvão, pelo lado da rua frei Galvão, em junho de 1987

Fonte: Museu frei Galvão, Guaratinguetá.

A casa é um espaço totalmente erigido e pensado para receber os devotos do frei. Foi pensado por dona Thereza e sua família para ser um local que expusesse brevemente a história do frei. Para a pessoa que cuida da casa, essa faz parte da sua história; mas para a História, há

que se ter em mente que quando alguém reorganiza essa casa, lança mão de estratégias para criar a ideia de que, visitando a mesma, as pessoas se sentirão em contato com o frei ou com seu modo de viver naquele espaço. O que se cria, por conseguinte, é uma ilusão da realidade e essa alimenta um imaginário sobre a vida do frei que a casa e os objetos não são capazes de reproduzir na íntegra.



Ilustração 49 - Entrada da casa na rua frei Galvão na atualidade.

A casa se aproxima da figura de um memorial. Choay (2001, p. 180) comenta que a noção de patrimônio público, muitas vezes, se assemelha da figura memorial; ou seja, um espaço torna-se patrimônio e, intencionalmente, ele, o patrimônio, “desempenha imediatamente, no presente, um papel memorial graças ao valor de reverência de que é investido”.

O objetivo que se quer alcançar com a casa, então, é passar ao romeiro e ao visitante a impressão de um contato com a vida do santo e de sua família, fazendo todo tempo referência à memória da vida e das obras de santo Antonio de Sant’Anna Galvão. Isso porque mesmo que a casa estivesse idêntica ao que fora, tal qual na época em que o frei ali viveu, ainda assim ela não reproduziria a vida dele. Nesse sentido, o que se tem é que tal residência funciona como uma idealização: ela foi destruída, reconstruída, reformada. Tudo isso evidencia o processo de produção de um imaginário sobre Antonio Galvão de França. Trata-se, portanto, de uma recriação do passado a serviço do presente.

Em entrevista, dona Thereza Maia comenta como surgiu o interesse de abrir a casa ao público:

Entrevistadora: Como surgiu a ideia de fazer o museu? Foi só por causa dos 250 anos ou já tinha uma proposta?

D. Thereza: *Já tinha uma proposta, em torno de 1956, 57, da prefeitura comprar a casa pra fazer o museu do frei Galvão. Só que a prefeitura achou que a casa tava muito estragada, etc, que ia*

gastar, não comprou. Quando eles saíram (antigo inquilino) o telhado tava suspenso por paus, em cima dos armários, e aí, a primeira chuva, ruiu. Nisso, o meu pai já tinha, foi questão de uma semana, eles tavam saindo, aí vieram pedir pro meu pai comprar, que era parente do frei Galvão, como eles, e que eles não tinham, os herdeiros não tinham dinheiro para consertar, aí o papai comprou a casa e guardou o material, quando ela caiu. Guardou telhas, guardou janelas...

E.: Peças originais.

D. Thereza: Peças originais. E ficaram parte das taipas como muro, as calçadas, aquelas de entrada... Bem, aí passaram muitos anos, quando eles pararam nesse estado. 30 anos depois passou pra mim, e aí nós fizemos o levantamento, e a planta antiga teve que ser atualizada, o banheiro era fora, a cozinha era fora, como toda casa colonial. E não sei se você sabe por que a cozinha era fora? Por causa de incêndio. É um fogão de lenha, falta de cuidado, então eram cozinhas grandes. Aí a casa foi refeita conforme a prefeitura manda, com banheiro dentro, as alcovas viraram áreas pra arejar, tinham janelas, então, exteriormente a casa é a mesma, mas interiormente ela teve que ser modificada, introduzir banheiro mais e tirar as alcovas. Aí, isso foi em 89, aí começou o processo da canonização, primeiro vem a beatificação, depois a canonização, e veio a irmã Célia, que é a postuladora da causa, e uma equipe enorme de São Paulo. Visitou. Aí, foi interessante, contou um ponto altíssimo no processo, sabe por quê? Porque a memória dele, preservada, duzentos e tantos anos depois, tanto que havia a casa, embora atualizada, mas havia o ponto e foi preservado. Então, pro processo lá, foi um sucesso! Tinha o ponto onde ele nasceu, que completou a exumação, que é o início do processo. A exumação tem que ser feita pra se provar que o santo existiu, que o corpo está ali, que não era um mito. Porque ele morreu em 1822. Então, a partir daí, então começou o processo. O museu frei Galvão, que já existia desde 1972, acudiu muito com a documentação, porque nós tínhamos lá, no arquivo, todos os inventários, desde a mãe, dos irmãos. Teve que provar todos que eram católicos, casados, que era uma família católica, é um trabalho (cf. APÊNDICE A).

Conforme documentos anexos à tese, e pela fala de dona Thereza, na década de 1950 já surgia a ideia de fazer da casa um espaço dedicado ao frei. No entanto, era nesse tempo uma obra cara, custosa, provavelmente, para o município, que acabou desistindo da mesma. Fato que não evitou que o imóvel realmente ruísse. Pelo que dona Thereza comenta, e pela vistoria feita em 1957, a casa estava em péssimas condições. Os anexos 1, 2 e 3 mostram alguns documentos da década de 1950, os quais avaliavam as condições do terreno e a precariedade na qual a casa se encontrava.



Ilustração 50 - Foto do terreno da casa, em junho de 1987.
Fonte: Museu frei Galvão.

O pai de dona Thereza comprou a residência de outros parentes do frei que não podiam assumir a reforma. Ao que parece, o senhor seu pai também não a fez. Dona Thereza e seu esposo a fizeram, com as modificações exigidas pela prefeitura.



Ilustração 51 - Atual fachada da casa de frei Galvão.

A casa, nesse sentido, era patrimônio, literalmente, isto é, propriedade. Era uma herança de família. Dona Thereza, como herdeira de seu pai e descendente consanguínea de Antonio Galvão de França, assume a reforma, reaproveitando parte daquilo que foi possível salvar. Inclusive, esse patrimônio, como ela lembra, foi importante no processo de beatificação. Esse não somente interessava como edificação, mas, em face do processo, era uma prova a mais da existência do frei de Guaratinguetá. E isso também foi mencionado pela irmã Célia anteriormente, quando lembra que dona Thereza foi testemunha do caráter histórico relativo ao processo do tio santo.

Irmã Célia: A dona Thereza responde como testemunha no processo, porque o frei Galvão é uma causa histórica. Tem duas coisas também diferentes: a Paulina não é uma causa histórica, é recente, ela morreu em 1942; o frei Galvão morreu em 1822. É uma causa histórica. Então, não tem sobrevivente, não tem testemunha ocular. Então, as testemunhas do frei Galvão, no processo, são da continuidade da fama de santidade (cf. APÊNDICE A).

Em primeiro lugar, vale destacar que quando a irmã Célia se refere a “causa histórica” subentende-se isso como sinônimo de um passado longínquo. Ou seja, no processo, a casa funciona como prova, como documento. Em segundo lugar, a casa e os objetos constituíram, em face do processo, testemunhos históricos. Porém, não é proposta compreender as motivações que fizeram da casa um “testemunho histórico” aos olhos dos pesquisadores do processo de canonização. Mas é uma ressalva feita pela irmã Célia que vale ser retomada pela

menção que ela faz quanto à casa e de como ela foi encarada como documento. Todavia, o importante é compreender como ela foi transformada em patrimônio histórico e em museu e, dessa forma, ela passa a ter um papel de destaque por alimentar uma devoção específica.



Ilustração 52 - Azulejos da entrada da casa de frei Galvão.

Um patrimônio pode ser tanto um lugar de memória como um documento. Primordialmente o patrimônio referia-se a uma estrutura familiar, hoje se assemelha a uma idéia de “instituição e a uma mentalidade” (CHOAY, 2001, p. 11).

A casa que dona Thereza reergueu é um patrimônio, no sentido mesmo de herança; para o público e para ela, hoje, vai além disso: assume o caráter de monumento.

[...] o monumento erguido no Ipiranga reveste-se de feições muito singulares. Idealizado por políticos conservadores na década de 1880, foi imaginado como local destinado a comemorações e como “lugar de memória”, na acepção que Pierre Nora atribui a essa expressão (OLIVEIRA, 2001, p. 202).

Como já dito, a casa tem esse caráter de um local voltado para uma memória. Na citação acima é pensado o Museu Paulista, em São Paulo, mas vale relembrar esse exemplo porque ele também tem essa função de marcar uma memória – no caso, a da independência do país – ao passo que a casa quer celebrar a memória do primeiro santo brasileiro.

Mais do que isso, havia uma proposta “de criar um marco definitivo e imorredouro do lugar da proclamação, transformando-o em espaço celebrativo do episódio e da fundação do Império” (OLIVEIRA, 2001, p. 202). Como um marco definitivo, o Museu Paulista é o principal e fundamental espaço para celebrar a independência brasileira. Para nós, a casa, ao menos em Guaratinguetá, é o principal marco para relembrar a figura do cidadão ilustre.

O monumento concretizado no Museu Paulista de São Paulo é um exemplo notório da função de um monumento. Ele quer ser um marco para um fato, um evento, para que não se esqueça o que aconteceu. Contudo, para a História, essa versão de ser o museu do Ipiranga ou a Casa um reforço de um acontecimento, não explica a função desses espaços. O museu do

Ipiranga, por exemplo, não preserva a memória da independência brasileira, mas apenas uma dada concepção de independência e da memória desse acontecimento, uma certa versão que privilegia certos sujeitos e eventos em detrimento de outros sujeitos e acontecimentos. A Casa, então, tem a mesma função de monumento, pois é ela uma parcela dessa versão também; não explica totalmente nem reconstitui o todo que foi a vivência desse cidadão de Guaratinguetá naquela casa.



Ilustração 53 - Placa da rua da casa, rua Frei Galvão, nº 58.

Ao assumir a incumbência de cuidar e reedificar a casa, dona Thereza o fez porque essa era uma forma também de não deixar morrer a figura do tio santo, nem para ela e sua família. Para Le Goff (1996, p. 536), “O monumento tem como característica o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas”. Le Goff diz que o monumento tem como característica a intencionalidade de perpetuar uma lembrança de um fato, de um acontecimento. E que a produção de um monumento envolve relações de poder, porque envolve disputa sobre qual versão do passado é perpetuada e preservada. Quando o autor faz essa colocação, refere-se ao fato de que falar de monumentos implica em falar de memórias em disputa. Ou seja, quando as pessoas projetam suas memórias, elas o fazem pelo apagamento de outras memórias e versões da história.

Nesse sentido, há que se pensar que não era, talvez, desejo de toda a população de Guaratinguetá reerguer a casa. Houve a participação, nos clamores, do poder público, mas o patrimônio que se torna monumento atendeu a anseios e desejos de um grupo específico. Atende aos anseios de uma parcela das memórias que cabem ao frei, em detrimento de outras memórias que foram rechaçadas. Após a reforma, comenta dona Thereza:

Dona Thereza: Então aí a irmã Célia, com a beatificação, falou assim: “Agora você vai ter que abrir um espaço na casa, ce vê o que é mais fácil”, porque a menina mora em cima... E pra receber as pessoas, porque os devotos querem e ela sugeriu, leve as peças que tem lá, ponha lá. Então nós montamos esse museu simples, mas é da vida dele. (cf. APÊNDICE A)



Ilustração 54 - Porta de entrada na casa de frei Galvão.

Dessa forma, ao problematizar essa fala da entrevistada, percebe-se que para dona Thereza esse pedido da irmã Célia somente reforçou o anseio de preparar a casa para mostrar uma determinada visão do que foi a vida de seu tio santo. Nesse ponto também, dona Thereza associa a casa a uma outra ideia, a de museu. Para ela, é isso que a casa é: um museu. E muito provavelmente ela o veja assim porque além de ser um espaço público de visitação, na casa estão guardados objetos e peças sagradas, quadros, todo um conjunto de peças para recontar a história do tio santo. Museu para ela, nesse sentido, é o local específico para se preservar objetos antigos, documentos, lugar de se arquivar um passado.

No entanto, já existia no município um museu com o nome do santo, que foi onde ela buscou alguns objetos e documentos, fora o que tinha de seu acervo pessoal, para montar a exposição.



Ilustração 55 - Fachada da entrada do Museu frei Galvão, em Guaratinguetá, o qual funciona também como centro social e arquivo municipal.

Museu esse que não tem apenas um acervo do frei; ele tem uma série de objetos que relembram a história do município e seus personagens históricos de destaque, tais como o presidente Rodrigues Alves, que também era cidadão natural de Guaratinguetá. Como já dito, a família de frei Galvão era de posses e os avós e pais de dona Thereza tiveram atuação na política local, formando um grupo político opositor (camarguistas) ao do então comendador Rodrigues Alves (os alvistas) (MAIA, 2007b). Poder político que acaba extrapolando os próprios limites da cidade, pois desses grupos tem-se um dos presidentes da República Velha no Brasil.



Ilustração 56 - Fachada lateral do Museu Conselheiro Rodrigues Alves, no centro de Guaratinguetá.

No entanto, retomando a casa, ela foi pensada para contar a história somente do frei, diferente do museu que leva seu nome, o qual extrapola a figura do santo. Mas, como nos

alerta Meneses (apud ANAIS, 1994, p. 39), será que é possível expor História em um museu, ou melhor, em uma residência? Sendo assim, ele responde à indagação:

O museu histórico coleta, preserva, estuda e comunica documentos históricos. A exposição verdadeiramente histórica é aquela em que a comunicação dos documentos, por sua seleção e agenciamento, permite encaminhar *inferências* sobre o passado [...]. Inferências são abstrações, que não emanam da materialidade dos objetos, mas de argumentos dos historiadores, referindo-se a propriedades materiais “indiciárias” desses objetos e a informações sobre suas trajetórias.

Então, expor História em um museu não é apenas reconhecer a antiguidade de um objeto, como se esse fosse um fóssil, um fragmento sobrevivente de um tempo remoto e mantê-lo a salvo da realidade. É reconhecer na cultura material, em uma coleção de objetos e documentos, que esses indicam que existiu um passado. No entanto, esse passado só é percebido e compreendido depois de um processo de conhecimento desses documentos e objetos que estão em um museu. O que o autor pretende é criticar no sentido de mostrar que uma coleção exposta não fala por si mesma, mas quando dela são retiradas informações, quando são feitas as “inferências” as quais Meneses se refere, daí sim é possível apreender não toda a história, mas que história aquele universo selecionado quer nos contar.

E a história que a casa conta aos visitantes pode até ser percebida por esses e pela família como sendo um todo, pronto e acabado. Porém, há que se pensar que a casa não encerra a história de frei Galvão: seja como museu, como memorial e/ou como patrimônio, ela é uma das formas de se perceber quem foi esse frei. Ela não é a definição do que ele foi e viveu.

Em outras palavras, pode até ser que quem montou a casa, ou mesmo a família de frei Galvão, creia existir ali o que realmente foi a vida dele. Porém, não é possível explicitar um passado, por meio de objetos, de uma casa, de maneira completa. Esses documentos podem promover aproximações, gerar inferências, informar, mas não são capazes de recontar uma história; são elementos capazes de reproduzir uma visão do que aconteceu, dar subsídios para tanto, todavia apresentar o passado tal qual ele aconteceu, isso não é possível.

A casa de Frei Galvão é um referente, um ponto que busca ser o espaço legítimo de guarda e apresentação da memória material da vida de Antonio Galvão. E isso transcende a casa. Ou seja, a memória se faz presente tanto na casa, como no Museu frei Galvão, no centro da cidade, como na igreja onde ele foi batizado, assim também no prato onde ele comeu, nos quadros da casa, nas imagens sacras. Dessa forma, a cultura material, os objetos e os lugares de memória são pontos de partida para se compreender melhor o passado, o que frei Galvão possa ter vivido. No entanto, tais objetos e prédios não exaurem o que ele realmente viveu, compõem apenas uma reconstituição pensada previamente do que poderia ter sido, em parte, a vida desse cidadão de Guaratinguetá.

A residência dos Galvão de França mantém uma série de peças e mobiliários, organizados em espaços internos. Tem louça, livros litúrgicos, telas, móveis, etc. São objetos que não são mais utilizados no cotidiano. Foram retirados do dia a dia para estarem nesse local agora, representando o que fora a vida doméstica e religiosa do frei e de seus parentes. Representam também os eventos que o canonizaram, além de representarem, por fim, gestos e atitudes ao longo da vida.

O colecionismo, isto é, a prática de produzir coleções, mantém proximidade com a discussão de memória. Objetos, documentos, arquivos, tudo é retirado de seu cotidiano para ser isolado nos campos de memória, tornando-se representações. Blom (2003) entende que o que fazemos diante de uma aglomeração de objetos é matá-los, para então lhes atribuir vida nova, em um novo contexto: o da coleção. E completa:

Como relíquias, são mortos, e apesar disso muito vivos na mente do crente, do colecionador, do devoto. Sendo assim, formam uma ponte entre nosso mundo limitado e outro, infinitamente mais rico, da história, da arte, do carisma, do sagrado – um mundo de suprema autenticidade e portanto uma utopia romântica. Por intermédio deles o colecionador pode continuar a viver depois que sua própria vida termina; e a coleção torna-se baluarte contra a mortalidade. (BLOM, 2003, p. 177).

A citação vem a calhar quando se pensa nos objetos da Casa de Frei Galvão. Nela estão expostos bens que a ele pertenceram, inclusive relíquias – pedaços de seu corpo e vestes – que foram colhidos ao tempo de sua beatificação. São dois especificamente: a relíquia de um pedaço de seus ossos e uma outra com um pedaço de seu hábito.

Ele não vive, mas é imortalizado por tais bens e relíquias, que são prova, indícios, vestígios de sua existência terrena e que, hoje, canonizado, são mais importantes ainda, pois reforçam a proximidade do fiel ao seu corpo, sua existência e sua trajetória.

Diante da relíquia e mesmo de outros objetos expostos, o fiel pode acreditar estar mais próximo do espírito do frei, que ele, como devoto, acredita estar no céu. Mas para a História, tais artefatos garantem a imortalidade simbólica do santo.

Conclui-se que a casa tanto deseja ser um memorial como um museu. Enquanto tal, esse museu foi organizado pelos descendentes do frei, especialmente por dona Thereza. E isso merece destaque, pois os objetivos dela não são os mesmos que o de um museólogo, por exemplo. Dona Thereza expõe então uma visão própria, de alguém que fala de dentro da família. Quando dona Thereza coloca objetos e as relíquias em exposição, quando as mata para atribuir-lhes vida nova, o objetivo é recontar o passado, documentado por tal acervo referente ao tio santo. Dessa forma, reproduz simbolismo que remetem à ideia da santidade do frei, reforça a memória de uma vida dedicada à fé e à religião cristã-católica. Tendo feito essa reflexão, vale retomar como a casa é organizada, e descrevê-la brevemente.



Ilustração 57 - Detalhe das relíquias de Frei Galvão – medalhões.



Ilustração 58 - Grupo entrando na casa de frei Galvão - primeira sala.

Como dito, a casa é dividida em duas salas em seu primeiro piso: na primeira fica o balcão de artigos religiosos, um banheiro, alguns móveis e estantes com imagens sacras. Quem a organizou foi dona Thereza mesmo, não contou com auxílio de museólogos ou especialistas. Foi organizando e dando ordem, arranjo aos objetos, conforme sua proposta para o espaço.



Ilustração 59 - Mobiliário da primeira sala da casa de frei Galvão.

É uma sala de recepção, por assim dizer, e é por onde os fiéis também saem e onde compram seus pertences e recebem as pílulas, ao final da visita. Quem organizou o espaço foi dona Thereza. Ela tinha consigo muitos dos objetos ali expostos; outros, foi ganhando. Mas seu objetivo principal era criar um lugar que lembrasse em tudo o tio santo e que fosse, ao mesmo tempo, um espaço que contasse um pouco da história dele e de sua família naquela casa, bem como fazer da residência um lugar que remetesse ao sagrado e à fé católica. Nesse espaço, não fica somente evidente que ali é a casa do frei Galvão, mas evidencia-se um pouco do cotidiano da vida de uma família.



Ilustração 60 - Sant'Anna.



Ilustração 61 - Sant'Anna.



Ilustração 62 - Sant'Anna.

Na estante que fica na primeira sala ficam algumas imagens sacras, especialmente de Sant'Anna. Frei Galvão era devoto da mãe de Maria. Dona Thereza comentou que se tratavam de imagens do século XVIII. Ela as pôs ali para fazer essa referência ao visitante da devoção do tio para com a avó de Jesus.



Ilustração 63 – Balcão, dentro da casa, para venda de artigos religiosos.

Em frente à estante é que fica o balcão com os artigos religiosos. Ao fundo se vê uma porta: por ali os fiéis saem, com os seus pertences, caso tenham comprado algo na casa, e recebem as pílulas e uma novena. Nesse balcão se vendem alguns livrinhos de orações, terços, medalhas, objetos e suvenires do frei e da casa.



Ilustração 64 - Detalhe da vitrine de artigos religiosos à venda na casa de frei Galvão.

Essa vitrine está ali para atender os fiéis que procuram por esses objetos. O balcão é um pedido do público, como ela explicou-me, mas é também uma maneira de custear o espaço e os funcionários que ali trabalham, uma vez que dona Thereza não percebe nenhuma renda cobrada dos visitantes.



Ilustração 65 - Relógio exposto na primeira sala da casa.

Poucos objetos são de uso cotidiano. Dona Thereza manteve um jogo de cadeiras e até um relógio do século XVIII. Esse tipo de peça era muito cara. Não era toda casa que tinha um relógio de parede. Provavelmente, esse relógio possa ser uma evidência de um status econômico da família Galvão de França. Como já dito anteriormente, era uma família abastada o suficiente para poder ter objetos como esse relógio de corda.

No segundo ambiente da casa, maior que o primeiro, há a coleção de quadros relativos à vida do frei. Muitos desses foram apresentados nos capítulos anteriores: são quadros que retratam milagres ou momentos salutares na história de frei Galvão.

É, provavelmente, o espaço mais marcante para os visitantes, pois ali tomam contato com a originalidade da casa e com as relíquias de frei Galvão. Na fotografia seguinte, pode-se notar, à esquerda da sala, uma mureta de pedra, pouco do que restou da construção original.



Ilustração 66 - Lateral esquerda da segunda sala. A soleira de pedra é original da construção do século XVIII.



Ilustração 67 - Cestinha com os pedidos e agradecimentos dos devotos e visitantes da casa de frei Galvão.

É um dos pedaços originais da casa. Mesmo sendo apenas uma parte da casa, de pedra, remonta à memória do frei e aproxima o fiel do santo. Nesse cantinho, dona Thereza pensou em promover um momento de reflexão para o visitante: ali, eles podem se sentar, escrever seus pedidos e agradecimentos e depositá-los na cestinha de orações. Ainda sobre essa soleira original, dona Thereza organizou uma vitrine com algumas peças originais da casa, tais como pregos da primeira construção e algumas dobradiças.



Ilustração 68 - Ferragens da construção original.

Há uma intencionalidade em expor tais objetos. Dona Thereza, ao colocá-los à vista, tenta reproduzir o que fora o cotidiano dos Galvão de França: quando coloca as imagens de Santana, quer demonstrar a devoção da família e do filho padre. Com a mobília, a soleira e os pregos e dobradiças, quer passar ao visitante a ideia da constituição original da casa. Dessa forma, esse ambiente foi produzido a fim de familiarizar o visitante do modo de vida de frei Galvão e de seus familiares.

Todavia, um prego ali espoxtado, mesmo que oxidado pelo tempo, não é um simples prego; o pedaço da veste de santo Frei Galvão não é um simples vestígio de tecido. Quando ali aparecem aos olhos dos visitantes transcendem a materialidade e a autenticidade, inclusive: já não importa se o tecido é bom ou ruim, se foi mesmo do santo ou não. Ali apresentados, representam alguém que existiu e que para o público católico é o representante de sua fé e testemunho da existência divina.

Ou, como diz Olave (2007): “Una vez museificado, el par de zapatos es algo más que un par de zapatos y su valor primero, es decir ser-útil, se transforma en ser-histórico o en ser-estético”. O mesmo é possível pensar do prego. Ele é velho e antigo, enferrujado, mas para o devoto é parte da vida de seu santo de devoção: talvez frei Galvão o tenha tocado ou visto, e isso é importante pois o aproxima mais ainda daquela realidade e é uma forma de o devoto se familiarizar com o cotidiano da casa na qual o santo nasceu. Esse processo ao qual a autora de refere, a museificação, é essa passagem do objeto do mundo cotidiano e de mercado para o universo do museu.

La museificación es el proceso que sufren en su camino del mundo hacia las vitrinas o bodegas de los museos. Este es un proceso que se inicia cuando los seres humanos deciden sacar de su medio natural ciertos objetos para finalmente encapsularlos en las vitrinas de los museos; el proceso de escogencia se basa en la “musealidad” presente en cada uno de ellos y es la característica que nos hace escoger un determinado objeto por sobre otros. (NAVARRO, 2007).

No caso, é a passagem dos objetos do cotidiano para o interior da casa, onde eles funcionam como objetos de memória, como testemunhos e como documentos de que frei Galvão existiu. E seja qual for o objeto: de um prego à relíquia, de uma pedra de soleira aos móveis, tudo foi organizado e pensado pela família do frei para aproximar o visitante da memória de santo frei Galvão.



Ilustração 69 - Livro litúrgico utilizado pelo papa Bento XVI na canonização, em maio de 2007, em São Paulo.

Há também uma vitrine com vários objetos ligados aos processos de beatificação e canonização do frei, como os livros utilizados nesses momentos pelos respectivos papas e alguns objetos pessoais de frei Galvão, provavelmente mantidos nesses séculos por parentes e descendentes.

Dentre os objetos pessoais, alguns merecem ser destacados. Há um cordão das vestes do frei franciscano, um prato de porcelana, o bentinho que levava consigo, bem como uma pequena caixa de vidro, a qual contém alguns cacos de ossos identificados como sendo do frei. Os ossos, bem como um pedaço do manto, também estão expostos na imagem de madeira que há nessa sala, em dois medalhões.



Ilustração 70 - Cordão do hábito de frei Galvão. Casa de frei Galvão, Guaratinguetá.

É nessa vitrine que, provavelmente, estão alguns dos objetos que mais chamam a atenção do público, pois são do tempo do frei. Fizeram parte de sua vida, de seu dia a dia. E, como foram por ele tocados, são mais valiosos ainda, pois mantém a relação de proximidade e de sacralidade que envolvem os objetos religiosos.



Ilustração 71 - Restos de ossos de frei Galvão. A plaqueta fala que realmente são dele os ossos, conforme atesta um documento. Casa de frei Galvão, Guaratinguetá.



Ilustração 72 - Bentinho de frei Galvão. Casa de frei Galvão, Guaratinguetá.

Mais uma vez vale relembrar o valor que uma relíquia adquire dentro de uma coleção, bem como o valor que essa adquire para o devoto. Primeiramente, quanto à coleção, a relíquia, no caso da casa, é tanto a caixinha de ossos, como os objetos que o frei tocou e usou durante sua vida. Diante delas, as pessoas param, oram, tocam e fazem o sinal da cruz.

Isso porque olhar esses objetos e as relíquias do frei é uma forma do visitante se aproximar do santo. Melhor dizendo, a coleção de objetos da casa favorece aos devotos interpretar o que teria sido um pouco da vivência de frei Galvão naquele espaço e ao longo de sua vida.



Ilustração 73 - Prato de frei Galvão. Casa de frei Galvão, Guaratinguetá.

Em relação às relíquias, vale citar que Pearce (2005) trabalha essa questão e de como as mesmas representam uma ligação. Ao mesmo tempo em que são coisas e corpos, amarram a experiência real ao mundo sobrenatural. É o caso dessas relíquias também. Não são pedaços de um corpo ou um objeto osso: são ambas as coisas e isso também dá um caráter às relíquias de especialidade: são capazes de aproximar, materialmente, o visitante da vida e do corpo do santo de devoção.

E não só o corpo se apresenta propriamente como relíquia. Um objeto de uso atribuído a ele também pode ser, como é o caso do prato, do bентinho e do cordão, por exemplo. Há, nos fundos desse segundo ambiente, uma mesa, sobre a qual está uma imagem do frei. A mesa estava na casa desde o tempo de sua família, conforme consta da informação lá recebida. É uma mesa de madeira, antiga, sem dúvida, mas como outra qualquer. No entanto, é importante atentar melhor para a mesma. Nas laterais do tampo de madeira, olhando com atenção, há pedacinhos de papel incrustados: são pedidos feitos ao frei pelos fiéis que querem, de alguma forma, se aproximar mais ainda do santo, deixar seu pedido o mais próximo possível de algo que esteja associado a ele.

O detalhe revela uma importante análise: mesmo que se tenha um itinerário próprio de visitação no espaço, mesmo com tantos outros objetos para serem vistos, o devoto descobre outras estratégias que o aproximam mais de Antonio Galvão de França. Independente da vontade dos organizadores da casa, o fiel estabelece sua própria relação com o santo, vê aproximações onde outros não viram.



Ilustração 74 - Mesa e ao fundo a coleção de quadros da casa de frei Galvão. Na frente dela, fica a vitrine com os objetos pessoais, à esquerda a soleira da casa.



Ilustração 75 - Detalhe da mesa de madeira. A seta aponta um pedido deixado pelo fiel, incrustado na madeira.

Também nesse espaço, outro objeto é bastante tocado pelos devotos. Trata-se de uma estátua de madeira do frei, grande, na qual estão pregados dois medalhões com as relíquias do osso e das vestes. Estas, como explicou dona Thereza, foram colhidas na beatificação. O corpo de frei Galvão foi exumado, como uma exigência do processo canônico; nesse momento, relíquias foram colhidas para servirem de prova e para serem uma prova, para o devoto, de que Antonio Galvão de França existiu.



Ilustração 76 - Funcionária da casa de frei Galvão ao lado da estátua que contém as relíquias santas.

O objeto é relíquia, conforme explica Blom (2003, p. 192):

Nesse sentido, todo objeto colecionado é não apenas relíquia de um mundo no qual teve serventia prática, mas relíquia sagrada, da mesma forma que o braço de Teresa de Ávila não é disputado pelo seu tecido muscular e conteúdo ósseo, ou sua capacidade, agora perdida, de carregar coisas e ser metade de um par de mãos cruzadas; não é um braço venerado como braço, mas como objeto imbuído de santidade, de estranheza, como chave do céu, de um mundo infinitamente mais rico do que a nossa existência diária. Os objetos de uma coleção nos ligam a alguma coisa de muito distante.

Como o autor coloca, “as relíquias formam uma ponte com o céu e a imortalidade” (BLOM, 2003, p. 192). Esse é o caso das relíquias de frei Galvão ou de qualquer outro santo em face do devoto. Certamente, tudo deve ser importante para o devoto; porém, as relíquias

da casa são, certamente, as mais marcantes e tocantes – e tocadas – pois são o maior registro que um devoto pode ter de que frei Galvão existiu.

Toda a exposição de objetos remonta uma questão: se eles são pontes que aproximam devoto e santo, promovem mediações. Essas mediações favorecem várias interpretações pessoais. Expõem memórias e histórias que remetem a uma determinada visão sobre frei Galvão, como tendo sido alguém santo, religioso, milagreiro. Da observação do espaço e das peças desdobram-se narrativas que pretendem reforçar no imaginário a figura de Antonio Galvão de França como sendo um santo católico.

E não só a casa é um monumento erigido e pensado para representar a vida de frei Galvão. Em Guaratinguetá, ele nasceu, foi batizado, celebrou missas. Muito próximo da casa fica a igreja de Santo Antônio, no centro do município. Nela, o frei foi batizado. É local de visitação dos fiéis. Foi construída em 1630, em estilo barroco e altares de madeira com detalhes em ouro. Dessa forma, o frei vive tanto pelas relíquias, pela casa e objetos, como pela cidade; ela evoca e ajuda a reforçar sua memória e a legitimar a sua santidade.



Ilustração 77 - Fachada da igreja de Santo Antônio em Guaratinguetá.



Ilustração 78 - Interior da igreja de Santo Antonio em Guaratinguetá.



Ilustração 79 - Capelinha no interior da igreja de Santo Antonio, dedicada a frei Galvão.



Ilustração 80 - Placa que se refere ao fato de frei Galvão ter sido batizado nessa igreja, em 1739.

Baudrillard (2006), quando discute o valor dos objetos, pensa no caso de imóveis que, como no caso da Casa, da igreja, e mesmo do Mosteiro da Luz, são valorizadores e adquirem reconhecimento de uma comunidade ou grupo ou de um indivíduo que seja; o espaço em si precisa ter algo de especial, como uma relíquia, e se pode dizer também que esse reconhecimento pode se dar caso no local ocorra algum evento importante.

Esse reconhecimento ao qual ele se refere pode ser histórico, por exemplo. A Casa de frei Galvão não é a mesma do tempo em que ele viveu lá, talvez nem a igreja. A própria cidade se transformou. Mas todos esses espaços ainda têm valor histórico, mesmo quando só mantiveram a soleira de pedra, como no caso da casa, ou no exemplo da igreja de Santo Antonio: não há nenhuma relíquia ou objeto que remeta ao batismo do frei nesse lugar sagrado; ainda assim, eles são importantes para os visitantes e romeiros e são esses indivíduos (organizadores, visitantes, família, devotos) que atribuem valor histórico a esses lugares. Tal valor é historicamente construído e acaba por atribuir ao lugar relevância em face da memória.

E como todos esses locais são também espaços do sagrado, como ensina Eliade (2001), são lugares onde o devoto tem a oportunidade de se aproximar de uma história e de uma vida: no caso, a de frei Galvão. Quando Eliade explica o que é mito, ele o entende como sendo uma narrativa de uma história de criação, seja de como alguma coisa nasceu ou alguém. A função do mito é fixar o modelo de todos os ritos da atividade humana relativa a alguém ou alguma coisa.

Nos espaços sagrados, as pessoas têm contato com esses mitos. Nesses locais, eles conhecem como as coisas se deram: podem ver, por exemplo, onde o frei nasceu, onde foi

batizado, por quais ruas andou, em que espaços esteve e quais ajudou a construir durante sua vida. Não se trata, porém, de afirmar a apreensão da verdade tal qual tenha sido, mas uma narrativa, uma interpretação de como ocorreu, de como aconteceu a vida dele. E é somente nesses locais que as pessoas religiosas podem tomar contato com esses mitos, com as “verdades absolutas” (ELIADE, 2001, p. 81) que eles contam, pois essa é a função do mito: contar como algo se deu para que o homem religioso se aproxime mais do criador e dos deuses em que crê ou, no caso, do santo de devoção.

Todavia, retomando a discussão de Baudrillard, na mesma passagem ele refere-se à questão da restauração e de como esse fenômeno se tornou importante nos dias de hoje. Ele comenta o exemplo de um arquiteto que reforma um imóvel antigo, mudando sua estrutura, mas mantém alguns elementos do passado, da construção anterior, para que isso o remeta ao passado, à história das pessoas que ali viveram.

Essa é uma característica da Casa de frei Galvão, que foi restaurada; mas é também perceptível na igreja de Santo Antonio. Independente de ela ter passado alguma vez por restauração – o que é muito provável, pelo bom estado de conservação –, o importante mesmo é que ali, de todos os batizados que ocorreram, um é primordial, o de frei Galvão.

Assim como uma igreja só se torna verdadeiramente sagrada caso nela se insiram alguns ossos ou relíquias, de igual forma o arquiteto só se sentirá em casa [...] se puder sentir, no coração de suas paredes novas, a presença ínfima, mas sublime, de uma pedra que testemunhe as gerações passadas (BAUDRILLARD, 2006, p. 86).

Baudrillard assinala esse valor histórico atribuído pelos seres humanos a algumas coisas e lugares. Ou seja, não é o batismo em si que dá valor à catedral, mas sim as pessoas que atribuem valor ao lugar por causa do batismo de frei Galvão nela. E o evento do batismo de Antonio Galvão de França naquele espaço sagrado também faz dele um espaço importante, o qual faz parte de um patrimônio existente no município e que remete à história de vida desse guaratinguetaense famoso.

Três são os fatores que Choay (2001, p. 207) elenca como os produtores desse crescente interesse, na era industrial, pelo patrimônio histórico. Primeiramente, “a *mundialização dos valores e das referências ocidentais* contribuiu para a *expansão ecumênica* das práticas patrimoniais”. A autora, em seu livro, caminha desde uma época que ela denomina como pré-industrial e retoma discussões que levaram à formação de um conceito e de um entendimento sobre a finalidade do patrimônio.

Quando, no entanto, atinge a era industrial – e em especial, trata de meados da década de 1960 até o presente momento –, reforça que foi dessa década em diante que aflora a febre na formação de patrimônios urbanos, no reconhecimento de monumentos arquitetônicos nas

cidades europeias, principalmente. Daí se origina essa maré que acaba incitando à mesma atitude na América do Norte, na Ásia e outros países preocupados com a manutenção desses lugares de memória.

A segunda característica: “*As descobertas da arqueologia e o refinamento do projeto memorial das ciências humanas* determinaram a *expansão do campo cronológico* no qual se inscrevem os monumentos históricos” (CHOAY, 2001, p. 209). Nesse tópico, ela explora que com a afirmação mais sólida de determinadas ciências humanas, juntamente com a contribuição que emerge com os avanços da arqueologia, tornou-se mais forte o grito em defesa de patrimônios culturais e históricos. E explica que, nesse ínterim, surge um fato interessante que ela denomina como complexo de Noé:

Além disso, a preocupação em conservar o patrimônio arquitetônico e industrial do século XX [...], quase sempre ameaçado de demolição em vista de seu mau estado, gerou nos dias de hoje um complexo de Noé, que tende a abrigar na arca patrimonial o conjunto completo dos novos tipos de construção que surgiram nesse período (CHOAY, 2001, p. 209).

E a terceira característica: “[...] *o grande projeto de democratização do saber*, herdado das Luzes e reanimado pela vontade moderna de erradicar as diferenças e os privilégios na fruição dos valores intelectuais e artísticos [...]” (CHOAY, 2001, p. 210), o qual vem aliado ao “[...] *desenvolvimento da sociedade de lazer* e de seu correlato, o *turismo cultural* dito de massa, está na origem da *expansão talvez mais significativa, a do público* dos monumentos [...]” (CHOAY, 2001, p. 210). Com esse cenário por ela apresentado,

[...] os monumentos e o patrimônio histórico adquirem dupla função – obras que propiciam saber e prazer, postas à disposição de todos; mas também produtos culturais, fabricados, empacotados e distribuídos para serem consumidos. A metamorfose de seu valor de uso em valor econômico ocorre graças à “engenharia cultural”, vasto empreendimento público e privado, a serviço do qual trabalham grande número de animadores culturais, profissionais da comunicação, agentes de desenvolvimento, engenheiros, mediadores culturais. Sua tarefa consiste em explorar os monumentos por todos os meios, a fim de multiplicar indefinidamente o número de visitantes. (CHOAY, 2001, p. 211).

Com a análise de Choay tem-se um cenário para melhor compreender a realidade em Guaratinguetá, no que tange a frei Galvão. Muitos lugares a ele relacionados deixam de ser espaços de uso comum para se tornarem patrimônio e monumentos em memória dele. Dessa forma, a igreja não é uma simples igreja, mas um ponto de referência na memória local do frei. A Casa não é mera habitação: anseia ser um monumento, um museu, parte de um patrimônio histórico que grupos ou pessoas direcionam no sentido de serem representantes materiais da história de vida de Antonio Galvão de França.

Essa explanação acerca do texto da autora é para tocar um outro ponto importante quando se pensa frei Galvão e a relação que se construiu entre a figura do santo de

Guaratinguetá e a própria cidade. Hoje, a cidade é nacionalmente conhecida como a cidade na qual o frei nasceu. Isso faz dela mais que um simples município: tornou-se um polo atrativo de turistas, principalmente os que têm interesse pela questão dele e da religiosidade. E não é só Guaratinguetá que produz turismo. Próximo a ela, as cidades de Aparecida, por causa da Basílica de Nossa Senhora Aparecida, e Cachoeira Paulista, com a comunidade Canção Nova, compõem o que se convencionou chamar de circuito turístico religioso do Vale do Paraíba.

Em fevereiro de 2008, quando realizei a segunda visita a Guaratinguetá, visitei também Cachoeira Paulista, município que abriga a comunidade Canção Nova, uma emissora de rádio e televisão, instituição que difunde o catolicismo. Na visita, foi possível conversar com funcionários da administração do projeto. Em conversa informal – uma vez que dependeria de autorização para dar entrevista –, um funcionário do departamento de marketing e publicidade comentou que o circuito religioso não era uma mera sugestão; ia além: era um polo de interesse para investimentos tanto para o governo estadual quanto para o federal. Mencionou a visita da então ministra do turismo, Marta Suplicy, à região.

A ideia, segundo ele, era implementar melhor estrutura, placas indicativas na rodovia Dutra, a fim de fomentar o turismo naquela região. Muito provavelmente, como o funcionário salientou, isso se deve também pelo evento da visita de Bento XVI ao Vale, pois, só em 2007, a Basílica de Aparecida recebeu um público superior a oito milhões de peregrinos.

No segundo semestre de 2007, uma revista feita com o auxílio das secretarias de turismo dos três municípios, juntamente com o SEBRAE, colocava que esse, em associação com os governos estadual e municipais da região, estava incentivando o turismo para a região. Na revista, saiu uma entrevista com Dom Raymundo Damasceno Assis, arcebispo de Aparecida, na qual ele comenta sobre o circuito religioso:

A arquidiocese teve a iniciativa de animar e estimular este roteiro turístico religioso, porque o romeiro vem a Aparecida, onde atrai o maior número de pessoas. Também vão à Canção Nova que ficou conhecida pela rádio e televisão no Brasil todo. Agora, surgiu um novo fato, a canonização de Frei Galvão. [...]. Com essas possibilidades o turista tende a ficar mais aqui em nossa região. Essa iniciativa partiu de uma parceria da arquidiocese com o SEBRAE e com o Santuário e, hoje tem envolvimento das Prefeituras, somando tudo isso nesse circuito que está se consolidando. (CIDADES DA FÉ, 2007).

A revista *Cidades da Fé* traz reportagens sobre as três cidades, bem como dicas de hospedagem, restaurantes e lugares para visita. Na mesma, ainda se fala de um público maior na região: cerca de dez milhões, contando os três municípios. É um número vultoso, sem dúvida. Em Guaratinguetá, é notória a ausência de um mesmo preparo, como há em Aparecida e Cachoeira Paulista, para o recebimento de um público tão grandioso, até pelo fato de o local de romaria ser mais recente e mais novo que os outros. No entanto, ano a ano o

número de caravanas e romarias, visitantes que se dirigem para lá sozinhos, aumenta, o que faz com que outros pontos, como a igreja de Santo Antonio, sejam valorizados mais como um patrimônio que remete à memória de um indivíduo.

Como a igreja e a Casa estão no centro do município, em setembro de 2007, quando houve a primeira visita, era perceptível uma infraestrutura incipiente de restaurantes e bares na região, hotéis e comércio nos entornos das mesmas. No entanto, isso estava começando a se formar, pois os comerciantes locais estavam despertando para essa fonte de lucro, ou seja, o potencial de exploração comercial do espaço turístico que ali há.



Ilustração 81 - Comércio religioso em frente à praça da matriz de Santo Antonio, em Guaratinguetá.



Ilustração 82 - Fachada de um prédio em frente à igreja de Santo Antônio, no centro de Guaratinguetá.

E, como em setembro de 2007 havia pouco tempo da visita do pontífice à cidade, ainda restavam faixas alusivas ao acontecimento. Outro ponto turístico do município é indicado para os visitantes: é o museu frei Galvão. Não é a casa da família, é um museu que, como conta dona Thereza, “Não, não, é uma ong, nada a ver, é um museu frei Galvão, é particular, nós que fundamos, eu não, mas um grupo, em 1972, nos 150 anos da morte dele. Daí que chama museu frei Galvão (cf. APÊNDICE A).

O museu é, de certa maneira, uma extensão da Casa. O museu não tem apenas documentos sobre o frei; como já dito, também mantém um acervo de objetos, livros, documentos, acervos sobre o município. Mas nele estão expostos vários livros da vida do frei, alguns objetos, o processo de beatificação. Dessa maneira, há que se entender que também esse espaço do município corrobora a formação de um patrimônio que referenda a figura de Antonio Galvão de França.



Ilustração 83 - Vista da rua Frei Galvão. Ao fundo, a casa azul é a do frei; a de contornos marrom é de dona Thereza. Em frente a sua casa fica a fonte, a sala dos milagres e um posto de recepção de turistas.

No entanto, mesmo nos entornos da casa, essa não é a única edificação voltada para o frei. Meio quarteirão acima, há um outro imóvel que abriga um jardim, uma loja e a sala dos milagres que dona Thereza começou a montar, em 2008. É um espaço novo, preparado por dona Thereza e, conforme ela diz, para melhor receber o devoto. Ela o fez porque, no trabalho que ela desenvolve, não conta com o auxílio financeiro por parte da prefeitura local, fato que fez com que partisse dela e de seus familiares a iniciativa de construir esse espaço, colocar segurança, etc.

Entrevistadora: A casa hoje é só tombada pelo município?

Dona Thereza: Só.

E.: E o município não ajuda?

Dona Thereza: *Não, nem no turismo. Apesar de... aquele rapaz que tá ali de guarda... e a prefeitura não caiu a ficha ainda... é importante... porque a gente recebe excursão, vieram padres da Alemanha... (cf. APÊNDICE A).*

Como ela viu, pouco a pouco, o movimento de visitação se intensificar, inclusive com visitantes de fora do país, ela tomou a iniciativa de promover algumas melhorias no espaço: construção de banheiros, bebedouro, barras de segurança da esquina da casa, um rapaz para trabalhar como vigia da esquina, funcionários. Em setembro de 2007, não havia ainda esse novo espaço onde fica a fonte de água e a sala dos milagres. Em fevereiro de 2008, estava tudo pronto. Na fala de dona Thereza, é perceptível uma tensão entre como as coisas vêm caminhando nos entornos da casa e a atuação do poder público.

E ela reclama dessa falta de ajuda que, para ela, deveria também implicar em um amparo do poder público municipal, até porque a casa é patrimônio tombado pelo município, ou seja, é legalmente reconhecido como sendo um monumento importante para a memória de Guaratinguetá.

Em Guaratinguetá, há uma série de prédios e construções antigas. A Casa do frei não é a única. A própria casa de dona Thereza, como informado, é patrimônio tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico da Secretaria Estadual da Cultura (CONDEPHAAT). A casa de Rodrigues Alves é museu também. Além de outros prédios.

Outro exemplo disso, na primeira visita à Guaratinguetá, em 2007, a estação ferroviária do município estava em obras. Certamente, deveria ser uma construção bonita e devia estar precisando de reparos, tal qual a região da Casa do frei, a do museu de Rodrigues Alves. A fotografia abaixo mostra a estação em reparos para se tornar um centro educacional (ambos tombados pelo CONDEPHAAT, vide ANEXO C).

Por fim, desse debate sobre patrimônio histórico vale discutir o conceito de patrimônio que é ali adotado. Seja a residência de dona Thereza ou a de Rodrigues Alves, seja a casa de frei Galvão, o tombamento não significa que aqueles prédios sejam, a partir de um certo momento, registros específicos da história local para todos. O que advém é que as políticas de preservação e tombamento, local e estadual, mais se aproximam de uma ideia de preservação mesmo do que da proposta de pensar o patrimônio histórico como sendo o direito dos cidadãos de conhecer e participar da construção da história. E com a participação do Estado na definição do que é ou não tombado, do que fará ou não parte de um patrimônio, a história passa a ser esfera dominada pelas instituições públicas ou privadas, expõe suas disputas políticas, quase que deixando de pertencer às pessoas, aos cidadãos. Como explica Chauí (2006, p. 135):

O Estado passa a ser visto, ele próprio, como um dos elementos integrantes da cultura, isto é, como uma das maneiras pelas quais, em condições históricas determinadas e sob os imperativos da divisão social de classes, uma sociedade cria para si própria os símbolos, os signos e as imagens do poder. É produto da cultura e não produtor de cultura. É um produto que exprime a divisão e a multiplicidade sociais.



Ilustração 84 - Fachada da estação ferroviária de Guaratinguetá, em setembro de 2007, passando por reparos.

A crítica é feita, justamente, para apontar esse perfil dado ao que é patrimônio histórico: muitas vezes – e talvez seja o caso em Guaratinguetá – ele é apenas uma definição do Estado, que não é o ente que deveria tomar tais decisões. A escolha e a sustentação de um patrimônio se fazem porque dele devem participar grupos, comunidades, coletividades, que ali, em um dado espaço, se identificam, criam relações sociais, vivências, etc.

A cultura, que é produto da ação do homem sobre seu modo de vida e sobre a natureza, perde seu caráter social em parte, especialmente quando a tarefa de determinar o que é cultura passa para a mão do poder público, instituições, Estado. Em suma, a participação da cidadania deixa de ser levada em conta para que as decisões culturais sejam tomadas por grupos e indivíduos que possuem um poder político para tanto.

O que torna, portanto, a casa de frei Galvão patrimônio histórico é o profundo significado que ela atingiu para uma parte significativa da população. Isto é, não é apenas uma política pública de tombamento que é necessária, e sim o reconhecimento do valor que as pessoas atribuem ao espaço como lugar relevante para a história social e para a cultura do município.

É pensar o patrimônio pela ótica do princípio da cidadania cultural. Conforme Fenelon (1991, p. 31): “Assim, o princípio da cidadania cultural [...] se desdobra em diversas práticas que possibilitam garantir, em todos os níveis, o direito à cultura a toda uma população socialmente diferenciada, diluindo as fronteiras hierarquizadas das experiências culturais na cidade”.

A lição possível de se abstrair da análise do patrimônio histórico, voltado para frei Galvão, é desvendar que anseios e forças prevaleceram na definição desse patrimônio. O mesmo vale para a casa de dona Thereza, de Rodrigues Alves, a estação ferroviária: é importante perceber se tais espaços são produto de ações políticas que “guardavam sempre a marca da improvisação e da empiria, ou da manipulação e do uso político da cultura” (FENELON, 1991, p. 29), o se tais patrimônios são o reconhecimento do direito à memória e ao passado.

Retomando os entornos da casa, dona Thereza providenciou um espaço para melhor recepcionar os visitantes: há a fonte d’água, uma pequena sala e uma lojinha e, no fundo, atrás da fonte e do jardim, ela começava a formar uma exposição de ex-votos, caracterizando assim um espaço dedicado para contar sobre os milagres que ele ainda vêm realizando para os devotos e devotas que nele creem.



Ilustração 85 - Vista da entrada do átrio. O portão marrom dá visibilidade para o espaço da fonte; o toldo à esquerda é a entrada da loja.

A lojinha que existe é mantida pela filha de dona Thereza. Nela se vende, como no balcão dentro da casa, artigos religiosos: imagens, livrinhos, terços. Esse espaço é cuidado e nele trabalha um funcionário contratado pela família de dona Thereza. Há um arco que divide o espaço; ao lado, fica um sanitário e um bebedouro para o público. Esse espaço já foi

anteriormente analisado no capítulo 3. E é representativo porque amplia o local de visitação e dá maior comodidade aos visitantes e romeiros.

Nessa pequena divisão, estão algumas cadeiras e o bebedouro. À direita fica a entrada para um átrio, um espaço aberto, no qual dona Thereza construiu uma fonte de água que, em janeiro de 2008, contou com a bênção do frei Paulo Back.



Ilustração 86 - Quadro com fotos do evento da bênção da fonte, em 27/1/2008, pelo frei franciscano Paulo Back.

O frei Paulo Back (2007) é um dos biógrafos de frei Galvão. Dona Thereza o convidou para abençoar o novo espaço, para benzer a fonte. Ele veio do convento de São Francisco em São Paulo, onde Antonio Galvão também viveu, para uma celebração. Dona Thereza – apesar de, em fevereiro de 2008, não ter podido dar-me uma entrevista novamente – contou que é de gosto dos franciscanos a água e a proximidade com plantas. E na associação desse espaço com a ordem franciscana, da qual o tio santo era membro, resolveu aproveitar um espaço da casa que abriga a loja e efetuar essa transformação.

E, ao fundo, em uma pequena sala, ela iniciava, em 2008, a montagem do que ela denominou como sendo a sala dos milagres de frei Galvão. Tal qual na Basílica de Aparecida, dona Thereza sentiu-se motivada por expor os objetos que as pessoas ali deixavam ou enviavam para testemunhar que haviam recebido algum milagre do frei de Guaratinguetá.

Em princípio, pouca coisa estava exposta: alguns quadros pintados por devotos e algumas cartas que traziam relatos de milagres.



Ilustração 87 - Quadro exposto na sala dos milagres, feito por devoto.

AGRADECIMENTOS PARA FREI GALVÃO

GRACA ALCANÇADA POR INTERMÉDIO DO SERVO DE DEUS
FREI ANTÔNIO DE SANTANA GALVÃO

HISTÓRICO

Em 1978, Kelly Aparecida tem dor nas ribs. Examinada pelo Dr. Rinaldo Barbosa, através de radiografias e exames de laboratório ficou constatada a presença de "artrite". Medicação usual.

Em 16/3/1991, acordou gritando de dor nas ribs e foi levada para o Hospital. Tomou uma injeção de Escorpan e melhorou a dor. Foi encaminhada ao médico que pediu uma série de exames.

A mãe continuava com dores fortíssimas e a mãe desesperada, por não passar dinheiro para efetuar os exames e o tratamento.

Uma vizinha seu falou-lhe sobre as Pilulas de Frei Galvão e praticou-as em casa - las no Marão Frei Galvão.

Dia 18, Kelly começa a tomar as Pilulas e a fazer a unção, junto com sua mãe, Antônia.

A partir desse dia a dor passou e dia 31/3/1991, caíram a pedra, que era grande, e caiu em um alvedro para o Marão Frei Galvão, que o transfere para o Mosteiro da Luz, sendo incluído entre as graças concedidas no processo de Beatificação de Frei Galvão.

Nome: Kelly Aparecida Pacifico Cassiano

Nascimento: 15/01/1973

Endereço: Rua Fernando José de Almeida Melo - nº 199

Parque São Francisco - Guaratinguetá - SP

Pai de Kelly: Jorge Galvão Cassiano

Mãe de Jorge: Rita Galvão de França

Avô de Jorge: Eufrosina Galvão de França

Ilustração 88 - Carta enviada para dona Thereza, testemunhando um milagre promovido pelo frei.

A primeira figura anterior é um desenho que representa frei Galvão nos céus, cercado por anjos e amparado e iluminado por uma pomba, remetendo ao Espírito Santo. A segunda fotografia é a de um ex-voto que traz a história de uma moça de Guaratinguetá que, sofrendo com problemas nos rins em 1991, tomou as pílulas por orientação de um vizinho. A moça curou-se do problema alguns meses depois e redigiu a carta para dona Thereza, contando o ocorrido.

Dentro do espaço da sala dos milagres, os objetos tornam-se ex-votos. Scarano (2004, p. 35), ao fazer um trabalho de pesquisa com ex-votos dos séculos XVIII e XIX, entende que

O ex-voto brasileiro é, por isso, também conhecido, até mais conhecido, como promessa ou milagre, abarcando as duas vertentes: a do pedido e a da resposta favorável.

Aos olhos dos humanos, o ex-voto é um legítimo e válido veículo de troca de bens e apresenta ainda outra variável: é uma paga, paga simbólica, feita por aquele que recebeu a graça. O pedido, ao partir do crente, ergue-se até a divindade, depois volta ao crente em forma de graça e ele paga a promessa feita, ofertando-lhe um ex-voto.

O ex-voto é, então, esse objeto, envolto por uma relação específica entre o devoto e o santo ou santa, na qual, em atendimento a um pedido e sendo esse recebido, o devoto agracia o santo com o ex-voto. Sua origem, como conta Scarano (2004), não é nova. Remonta à Idade Média. E o ex-voto implica também em uma demonstração, em uma publicização do acontecimento para outros. Os ex-votos, por exemplo, com os quais a autora trabalha são pinturas que retratam uma cena de cura ou melhora de saúde. Eram deixados nas igrejas dos santos para os quais o pedido era dirigido. Outros passavam e viam esses objetos, esses pequenos quadros que expressavam uma dada situação. Isso fazia com que o santo se tornasse conhecido, como também o milagre das pessoas.

Nesse exemplo acima, da carta, o objetivo da pessoa é não só noticiar a cura, mas avalizar o uso desse ex-voto em uma exposição, como a montada naquele espaço.

Tem-se uma relação diferente com o objeto quando ele é pensado como ex-voto. Até a cartinha ou o desenho chegarem ao local onde serão deixados, eles eram objetos cotidianos ou comuns. Só a partir do momento em que são trazidos para dentro de um espaço sagrado, geralmente preparado para receber esses objetos, é que se tornam ex-votos. A partir daquele momento, uma escultura, um desenho, uma carta, uma fotografia, não são apenas esses meios, mas são representações querendo indicar que quem produziu aquele objeto alcançou uma graça, uma cura, recebeu um milagre do santo invocado.

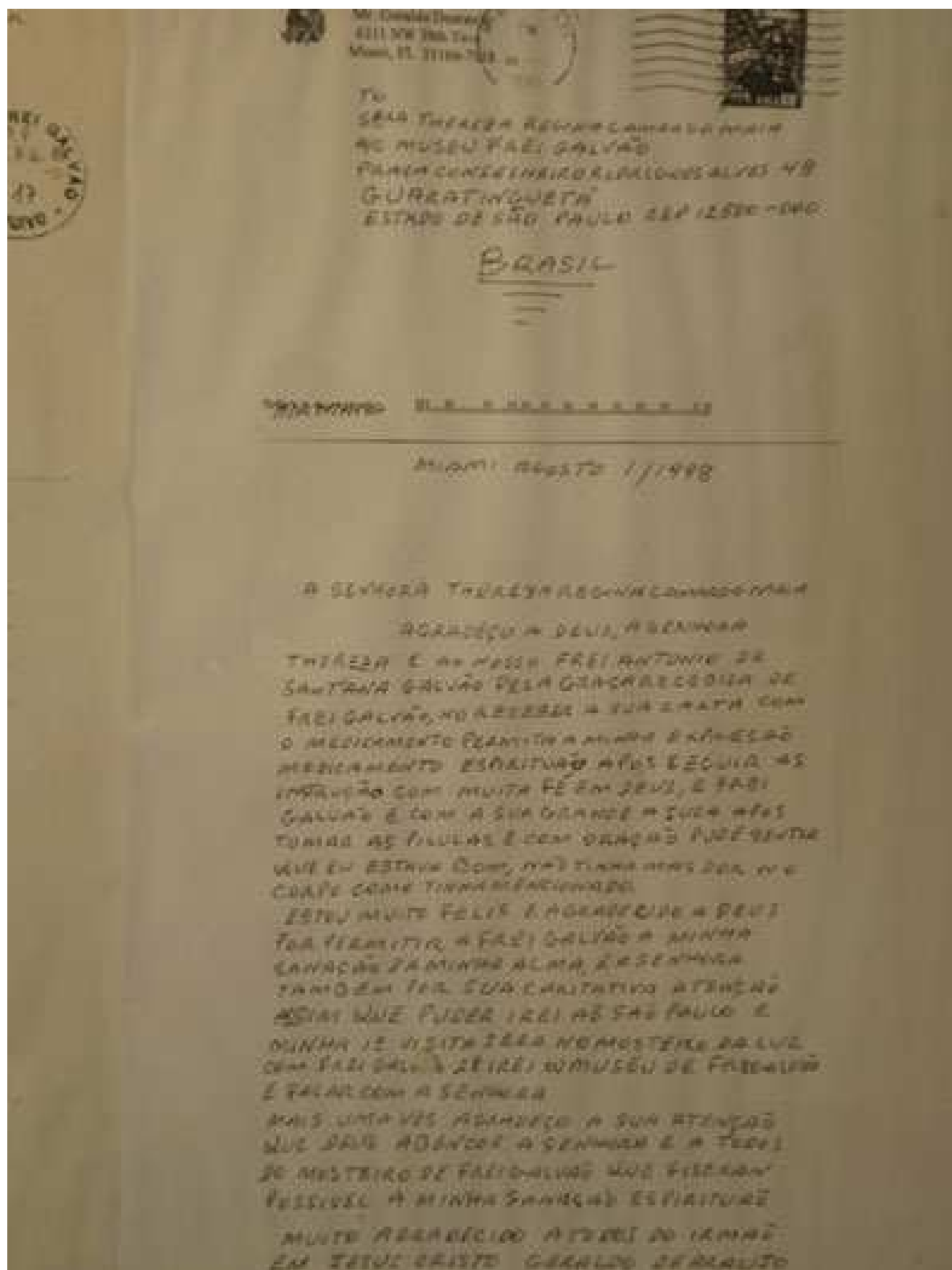


Ilustração 89 - Testemunho de recebimento de uma graça, exposto na sala dos milagres.

Essa carta não fala do motivo da graça, mas o autor inicia agradecendo a Deus, ao frei Galvão e a dona Thereza por enviar-lhe as pílulas, pois o homem residia em Miami, nos EUA. E ele aproveita para contar que, seguindo as instruções da novena, tomou o que ele denomina

de “medicamento espiritual” e melhorou sua saúde. Termina prometendo visita ao Mosteiro da Luz e à casa no Vale do Paraíba.

Essa é uma associação bastante corriqueira de ser vista entre os devotos do frei. Ou seja, entender a pílula como um meio alternativo que auxilia na cura de alguma doença ou epidemia. Já no primeiro capítulo e no decorrer das falas dos entrevistados milagrados é perceptível essa faceta dada à pílula. A pílula é um medicamento para o devoto, como esse da carta, que promove a cura do espírito principalmente.

Os ex-votos que dona Thereza começava a organizar na época da visita eram poucos. É bem provável que ainda não tivesse ela estabelecido critérios e princípios sobre o que expor e como colocá-los. Diversamente da variedade de objetos que chegam como ex-votos na Basílica de Aparecida, na casa de Frei Galvão em Guaratinguetá, em fevereiro de 2008, somente havia cartas, desenhos e quadros. Nessa mesma visita, e no ano anterior, também fui à Basílica de Aparecida. A sala dos milagres de lá é imensa. Há critérios certamente de seleção dos objetos, até porque são tantos e de todo tipo, o que não permite que tudo seja guardado.

Uma coisa, por exemplo, impossível de ser guardada são restos humanos. Pedras de rins, apêndices, seringas utilizadas. Na Basílica de Aparecida há um cesto preparado para receber esses ex-votos que, certamente, devem ser descartados pelo perigo à saúde que possam representar.



Ilustração 90 - Caixa preparada para receber material hospitalar, na Basílica de Aparecida.

Dessa forma, em Aparecida, quase tudo – até mesmo material hospitalar – se torna ex-voto. Com certeza, ainda não é o caso e a realidade de Guaratinguetá. Mas critérios deverão ser pensados e programados para receber ex-votos, conforme a natureza e a qualidade desses forem se ampliando. E, como era muito pequena a sala dos milagres de Guaratinguetá, nem haveria espaço para guardar muitos objetos. Crescendo o número de ex-votos, talvez dona Thereza também amplie a exposição dos mesmos.

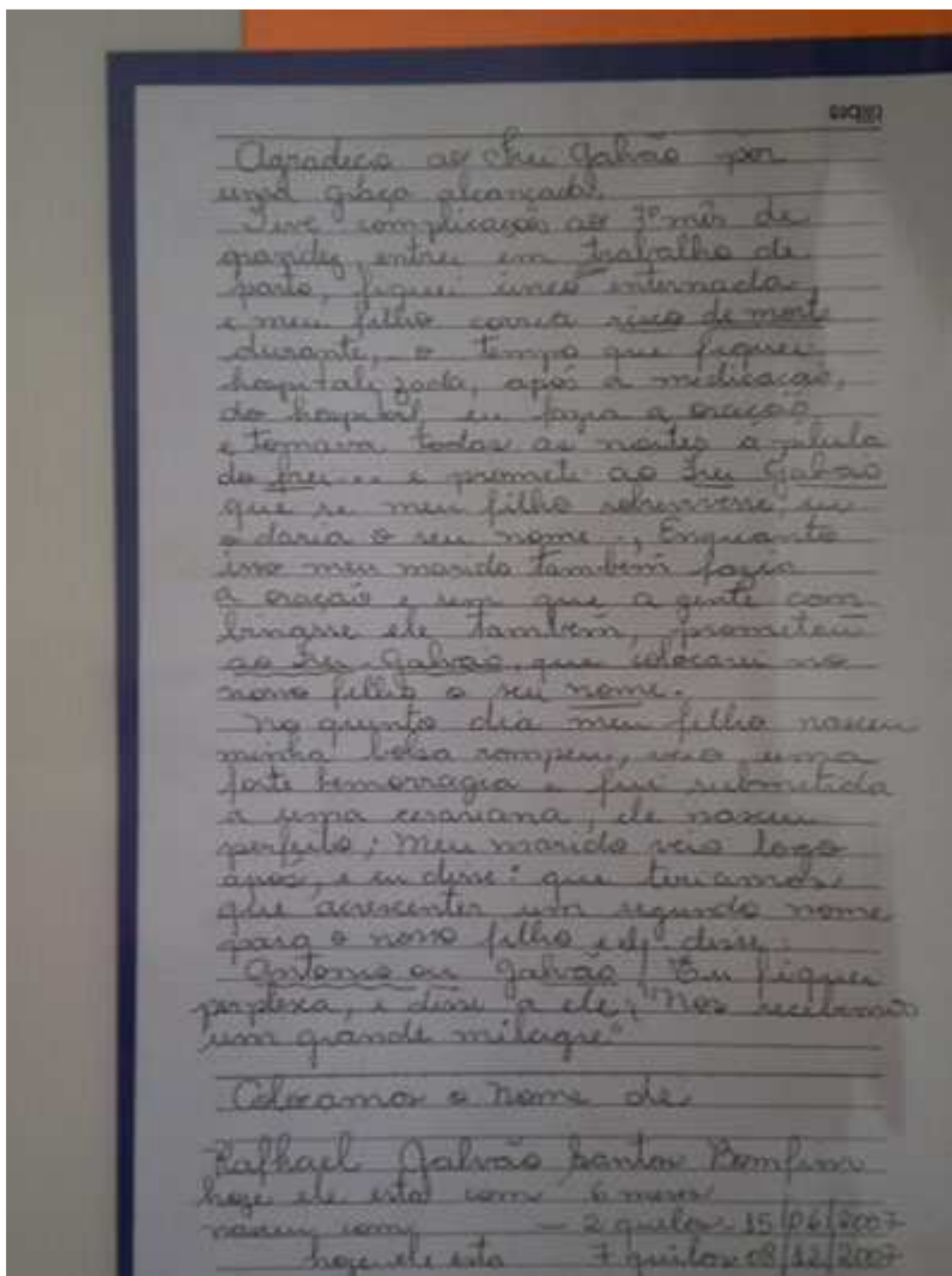


Ilustração 91 - Carta testemunhando uma cura - sala dos milagres de frei Galvão.

Essa carta foi enviada por uma mãe que, primeiramente, passou por complicações no parto; depois, padeceu com a dificuldade inicial na vida do filho. E prometeu que, caso o filho sobrevivesse, daria a ele o nome do santo. O menino leva o sobrenome Galvão, conforme ela conta na carta.

É o mais corriqueiro encontrar depoimentos de partos. Provavelmente, essa é a principal característica reconhecida pelos devotos quando lembram do frei franciscano. É trivial também encontrar na casa mães que levam os filhos, crianças com o nome do santo ou mulheres grávidas que até lá se dirigem para tanto.

A fim de dar mais veracidade ao fato, além de redigir a carta, a mãe enviou juntamente duas fotografias de seu filho, como segue abaixo, a fim de demonstrar, para dona Thereza e para quem visse, que a criança estava viva e bem.

Scarano (2004), em seu estudo sobre ex-votos, mostra especialmente ex-votos dos séculos XVIII e XIX no Brasil. Eram pequenas retratações, quadrinhos, com cenas de curas, com os santos de devoção pintados. A prioridade do devoto era retratar o que para ele era uma cena que bem exprimia um milagre e o santo que o concedeu. Para Megale (2007, p. 99), ex-votos são “oferecidos a um santo como agradecimento ou proteção especial”. Na sala das promessas, em Aparecida, há maços de cigarro, fotografias, remédios; enfim, pertences que indicam graças alcançadas e que, em retribuição, os romeiros os levam e os dão ao Santuário, como prova da obtenção de um milagre. Scarano também explica o ex-voto:

Aos olhos dos humanos, o ex-voto é um legítimo e válido veículo de troca de bens e apresenta ainda outra variável: é uma paga, paga simbólica, feita por aquele que recebeu a graça; o pedido, ao partir do crente, ergue-se até a divindade, depois volta ao crente em forma de graça e ele paga a promessa feita, ofertando-lhe um ex-voto (SCARANO, 2004, p. 35).

Hoje, no entanto, quase todo e qualquer objeto pode ser um ex-voto. Ele não precisa ser algo preparado para essa finalidade: pode ser um objeto de cera, mas pode ser um par de sapatos, uma caixinha de medicamentos, um maço de cigarros; ou seja, quem dá a intencionalidade ao ex-voto é o devoto e não a forma e a aparência que o objeto tem. Por isso, pode ser uma fotografia, uma carta, um desenho, e tudo o mais, porque o ex-voto é pensado e criado pelo sujeito agraciado, milagrado, e não pelo espaço onde ele fica exposto.

Pau Antonio de Sant'Ana Galvão
 Eu me chamo Lucia e sou de
 São Paulo, apaixonada a vida que eu tenho
 e quero a poster a minha história
 Eu morei no Estado de Pernambuco - PE, eu
 queria ser mãe, mas não conseguia engravi-
 dar, porque eu tinha problema de
 ovulação. Então a fazer o tratamento de
 mais de 10 meses de tratamento em janeiro de 2011
 minha mãe foi para cidade de Aracaju e
 se trouxe a filha do frei Galvão para mim
 e contou sua história. Eu continuei com
 o tratamento médico e comecei a fazer o
 tratamento hormonal a partir e fazendo
 terapia no mês seguinte ao de 10 de outubro
 em janeiro eu estava grávida. Minha
 gravidez decorreu tudo bem, no último
 mês tive uma infecção, fiquei internada
 2 dias, só curar. Dia 4 de outubro
 nasceu a minha filha, o parto ocorreu
 tudo bem, o único problema foi que a
 minha filha nasceu com a infecção que
 eu tive no 3º mês ficando uma semana
 no hospital tratando dela. Depois fomos
 para casa ela está bem, se desenvolve
 muito e um bebê saudável, linda, hoje
 ela está com 2 meses eu estou muito
 feliz e eu agradeço de ter recebido esta
 graça tão especial de seu mãe. Obrigada.

Ilustração 93 - Carta sobre recebimento de um milagre. Sala dos milagres de frei Galvão.

Mais um relato de gravidez: a mulher, não conseguindo engravidar, apelou para o tratamento clínico; ao mesmo tempo, como ela fala, resolveu fazer também o “tratamento

espiritual”. Ao final da gravidez, relata uma infecção, da qual conseguiu se curar. A filha nasceu e a mãe declara que é saudável.



Ilustração 94 - Carta, acompanhada de fotografias, testemunhando um milagre.

Aqui, um relato de cura bem sucedida de uma menininha. A mãe enviou a carta com duas fotografias: uma primeira, com a menina na incubadora, a segunda é a fotografia de uma menina brincando, demonstrando assim a melhora na saúde dela.

Os testemunhos selecionados por dona Thereza para serem expostos são similares. Com exceção de um, todos os demais dizem respeito à gravidez. Dessa maneira, intencionalmente ou não, dona Thereza expôs ali para o visitante elementos que ajudam na construção de uma narrativa de que o frei é especialmente procurado por mulheres grávidas.

Talvez não fosse a ideia dela fazer indução, mas era o que, ao tempo da visita, se apresentava para o visitante: isto é, trata-se de um santo que tem como principal atenção de sua parte o bom sucesso de partos, salvando mães e filhos.

E, além disso, da similaridade entre os relatos que estavam expostos em 2008, há essa nova caracterização do ex-voto que marca a religiosidade católica da atualidade: ou seja, o objeto que se torna ex-voto não precisa ter valor artístico, econômico, e sim um valor de representação que lhe é atribuído pelo sujeito que recebeu uma graça ou milagre de um santo ou santa.



Ilustração 95 - Quadro representativo de frei Galvão construindo, feito por devoto residente na capital paulista.

Esse, por fim, era o último ex-voto dado à Casa de frei Galvão. Conforme demonstrado, eram poucos, mas o suficiente para assinalar que, por parte da família dele, havia a intencionalidade de dar subsídios para que o devoto compreendesse como o frei de Guaratinguetá era milagroso. Os ex-votos, mais do que quererem ser testemunhos de milagrados, quando esses são expostos a outros fiéis, acabam por ajudar com que esse visitante tenha mais possibilidades para formar sua opinião; é mais uma maneira de ele se informar sobre quem foi o santo e o que as pessoas pensam que ele é capaz de promover.

E cabe lembrar que, no conjunto de objetos e de espaços que são elementos que compõem um patrimônio, no caso da memória de um santo ou santa, é mister se conhecer o que essa pessoa é capaz de promover, segundo a visão dos devotos. Assim, uma simples carta ali é um ex-voto, ao mesmo tempo em que perde ali seu valor de uso para passar a ser uma parte que compõe um todo, auxiliando na celebração de uma memória e de um imaginário.

Vale reforçar que a história de frei Galvão não pode ser apenas resumida a esses objetos e aos relatos de milagres, mas é um eixo importante para entender a experiência humana que ali é vivida e sentida pelas pessoas. Ajuda na compreensão de como se dá ali a relação do fiel com o patrimônio ligado ao frei, como o veem e sentem, cada um a sua maneira, porém com base em um material comum, partilhado pelos olhos e sentidos dos devotos.

4.2 Mosteiro da Luz, em São Paulo

O Mosteiro da Luz, na capital paulista, também mantém alguns objetos relativos à vida de frei Galvão. Porém, ele próprio – o prédio – é intimamente relacionado com a vida e a aptidão de frei Galvão em edificar prédios. Ele não foi o único edifício católico no qual o frei contribuiu diretamente para a construção. Em Sorocaba, SP, ele também participou da fundação de um recolhimento para meninas, o qual depois se tornou um local de contemplação e recolhimento de irmãs.

A urgência de criar melhores acomodações para as Irmãs não induziu Frei Galvão a construir uma habitação provisória no sentido de mal feita. Até hoje causa admiração a solidez do novo edifício. Na construção da Igreja ele procedeu com o mesmo critério. O que recomendava às suas Irmãs ele observava na construção. No seu Estatuto ele inculca às Irmãs o máximo respeito ao templo de Deus, “onde vivo e sacramentado confessamos estar presente”. Que a Igreja fosse um lugar digno como morada da Divina Majestade foi sua principal intenção. A Construção delineada por ele e realizada sob sua direção é um testemunho vivo

A construção da Igreja custou ao nosso Servo de Deus mais de catorze anos de trabalhos ingentes, com viagens ao interior para arrecadar fundos, sem falar da supervisão da obra, onde muitas vezes ajudava com as próprias mãos.

Inaugurado o Recolhimento, passa Frei Galvão a dar início aos fundamentos da Igreja, no ano de 1788, e continuará neste labor até 1802. Ora, estes anos são assinalados por encargos especiais desempenhados também dentro de sua Ordem, notadamente como Guardião do Convento de S. Paulo, em 1798 e em 1801. (CONGREGATIO DE CAUSIS SANCTORUM, 1993, p. 211-212).

Esse é um trecho citado nos trabalhos entregues por irmã Célia à Congregação para as Causas dos Santos, no Vaticano. Como ela mencionou, esse tipo de testemunho – dos prédios, da família, de objetos – foi importante no processo porque, de alguma maneira, serviu como provas, documentos que comprovassem a atuação de frei Galvão frente à comunidade católica, expôs suas obras e trabalhos e ajudou a ampliar a compreensão dessa entidade de que ele se tratava de um homem santo.

Tal como a referência à casa em Guaratinguetá, o Mosteiro da Luz está intimamente associado à memória de frei Galvão. Especialmente, porque ali, na capela do Mosteiro, estão seus restos mortais. As missas são celebradas de frente para a lápide. É uma capela pequena, porém bem decorada e, em todas as vezes que a visitei, as missas sempre estavam lotadas de participantes.

Ao entrar, encontram-se alguns bancos para abrigar as pessoas. O altar fica um degrau acima do nível do piso da capela e, entre o altar e os bancos, fica o túmulo de santo frei Galvão. Sempre ornado por flores, ali os devotos param, rezam, se ajoelham, escrevem pedidos e os depositam em uma cestinha que fica ao lado da lápide. É, certamente, o ponto central de visitação no Mosteiro e é onde os fiéis mais se comovem, orando e suplicando por graças e milagres.



Ilustração 96 - Túmulo de frei Galvão, na capela do Mosteiro da Luz em São Paulo.



Ilustração 97 - Devota orando aos pés da lápide.

No texto do processo canônico, se prossegue contando como foi a inauguração da capela onde hoje o frei está enterrado.

Frei Galvão, como Guardião do Convento de S. Francisco, teve a satisfação de terminar a nova igreja com o coro, cuja construção levou quatorze anos, para onde finalmente passou-se o Santíssimo Sacramento no dia da Assunção de Nossa Senhora, *quinze de agosto de mil oitocentos e dois*, em cujo dia *cantou-se a primeira missa, que foi celebrada pelo Reverendo Diretor e Confessor Frei Antonio de Sant'Anna Galvão*, o qual também nesse mesmo dia pregou o primeiro sermão nessa Igreja. [...].

A inauguração da Igreja aos 15 de agosto de 1802, depois de 28 anos de trabalhos, deve ter sido para Frei Galvão um acontecimento que lhe causou muito maior consolação que todos os privilégios recebidos de seus superiores franciscanos. O Recolhimento estava pronto, a Igreja inaugurada. Faltavam, porém, as torres, cuja execução não chegou a completar. (CONGREGATIO DE CAUSIS SANCTORUM, 1993, p. 212-213).

Vale destacar esse comentário do processo canônico porque nele se aponta a provável importância que o Mosteiro da Luz tinha na vida de frei Galvão. Foram quase três décadas de dedicação a ele. Trabalho e esforço que é reconhecido no processo a fim de apontar que frei Galvão não era apenas um frei, dotado de dons espirituais e especiais, caridoso, mas também um homem trabalhador, dedicado às atividades de labor.

Diversamente de Guaratinguetá, em São Paulo ele participou da construção do local mais representativo de sua memória. E, apesar de ser uma igreja e um recolhimento – fechado à visitação – a igreja em si transcende essa nossa: ela é um lugar sagrado, pois aproxima o devoto da fé e de sua religiosidade, mas é um marco, um espaço que rememora a própria trajetória da vida dele, além de ser o lugar escolhido para ele ser enterrado.

Isso faz do Mosteiro da Luz um monumento também, no sentido de ser um espaço que comemora uma época em especial da vida da capital paulista, considerando que ali também se celebra a memória de uma pessoa destacada, o primeiro santo brasileiro.

Há vários trabalhos escritos sobre o Mosteiro da Luz. Isso merece destaque porque representa o valor que ele adquiriu como patrimônio também. E esse reconhecimento também se deu pelo poder público estadual, o qual reconheceu o Mosteiro da Luz como patrimônio histórico com o tombamento, no ano de 1982. E no próprio texto, apresentado na internet, o CONDEPHAAT faz menção à relevância e participação de frei Galvão na sua edificação.

MOSTEIRO DA IMACULADA CONCEIÇÃO DA LUZ

Avenida Tiradentes, 676 – Luz

Processo: 22057/82 Tomb.: ex-officio em 27/8/79 e 12/5/82

Tomb.: Iphan em 16/8/43

Livro do Tombo Histórico: Inscrição nº 38, p. 3, 5/4/1971

As primeiras referências à ermida da Luz datam do final do século XVI. A pequena capela, muito procurada por fiéis e viajantes que transitavam pelo caminho ou “estrada real”, que cortava os campos do Guaré, conservou-se até 1729, permanecendo abandonada até meados deste século, quando por iniciativa da irmã Helena Maria do Sacramento e do frei Antônio Sant’Ana Galvão foram realizadas obras de ampliação, inauguradas em 1774, recebendo a denominação de Convento de Nossa Senhora da Luz da Divina Providência. Nesta ocasião, algumas paredes de taipa foram reforçadas, o madeiramento substituído e alguns cômodos construídos. No terreno contíguo foi construído o atual edifício do mosteiro cujas obras duraram cerca de 48 anos.

Edificada em taipa de pilão, a igreja possui duas fachadas, a mais antiga, voltada para o centro e, a mais recente, para a Avenida Tiradentes. Em 1970, a ala esquerda, restaurada, foi ocupada pelo Museu de Arte Sacra de São Paulo, criado por Decreto Estadual em 28/10/1969.

Fonte Eneida Malerbi. Foto Luiz Roberto Kamide e Victor Hugo Mori³⁷

Novamente vale retomar a discussão sobre patrimônio. Como coloca Paoli (1991, p. 27):

A construção de um outro horizonte historiográfico se apóia na possibilidade de recriar a memória dos que perderam não só o poder, mas também a visibilidade de suas ações, resistências e projetos. Ela pressupõe que a tarefa principal a ser contemplada em uma política de preservação e produção de patrimônio coletivo que repouse no reconhecimento do direito ao passado enquanto dimensão básica da cidadania, é resgatar estas ações e mesmo suas utopias não realizadas, fazendo-as emergir ao lado da memória do poder e em contestação ao seu triunfalismo. Aposto, portanto, na existência de memórias que, mesmo heterogêneas, são fortes referências de grupo mesmo quando tenham um fraco nexo com a história instituída. É exatamente aí que se encontra um dos maiores desafios: fazer com que experiências silenciadas, suprimidas ou privatizadas da população se reencontrem com a dimensão histórica. Por esta via, pode-se constituir uma política de preservação (e uma historiografia) que deverá ter em mente o quanto o poder desorganizou a posse de um sentido das participações coletivas, destruindo a possibilidade de um espaço público diferenciado.

Essa proposta da autora de um novo horizonte historiográfico leva à reflexão de que ali também o patrimônio não o é apenas porque há uma determinação legal que o defina como tal. Se hoje o Mosteiro da Luz é patrimônio histórico tombado é porque ele mantém um forte significado para grupos e coletividade, sejam elas de fiéis, membros da igreja, visitantes. Ele simboliza para os indivíduos a participação na história do município, na memória do Catolicismo e na memória do frei que o ajudou a construir.

Mais do que propriamente associado ao frei, como em Guaratinguetá, o Mosteiro da Luz tem valor arquitetônico e histórico relevantes na história de São Paulo. Isso faz com que ele seja, inclusive, oficialmente reconhecido como um patrimônio a ser mantido e preservado pelas pessoas e pelos poderes constituídos, pois sua memória é rica no que tange ao frei e à produção arquitetônica da cidade. Um outro trabalho menciona o valor do prédio edificado com a ajuda de Antonio Galvão de França:

Benedito Lima de Toledo afirma que Frei Galvão costumava dizer que a área da Luz viria a se tornar o centro da cidade. (TOLEDO, 1987: 35). Essa percepção de espaço urbano levou-o a alterar a disposição original do templo com a criação do novo frontispício voltado para o Campo da Luz, tirando partido, igualmente, da vista para a Várzea do Tamanduateí. Inicialmente, a Igreja tinha seu frontispício voltado para a cidade; posteriormente, foi edificado outro, pelo próprio Frei Galvão, voltado para o caminho do Guaré. Esta é a visão de Willian John Burshle, botânico inglês que andou desenhando paisagens urbanas paulistas em 1827. (LEMONS, 1983: 6) Pode-se dizer que Frei Galvão revelou-se arquiteto de mérito. O convento é bem arejado e saudável, com corredores desafogados e aberturas para pátios ajardinados como ressalta Benedito Lima de Toledo. (1987: 36). O convento foi inaugurado em 1788, a igreja e o coro em 1802. Até 1822, ano de sua morte, Frei Galvão trabalhou na obra, embora não tenha podido vê-la concluída. (MAGALHÃES, 2006, p. 111-112).

Nessa passagem, faz-se referência a valores arquitetônicos do espaço. E, novamente, vale lembrar, pois é uma forma diversa de estudar o lugar, o que amplia sua compreensão. Não é só um museu que existe ali (Museu de Arte Sacra). Há também a capela, o recolhimento, todo

o espaço que constitui e produz valores religiosos, arquitetônicos e históricos que ajudam a melhor apreender o que o Mosteiro significa no cotidiano da grande metrópole hoje.

E, nessa citação, vale destacar a posição pensada por frei Galvão, ou seja, ele acreditava que a cidade cresceria e no bairro da Luz se concentraria o centro da cidade. O que realmente ocorre em termos; o bairro da Luz é bastante central, se aproxima de outras áreas centrais de São Paulo.

Por fim, há que se destacar que, no interior do Mosteiro, há um pequeno conjunto de objetos que remetem à memória de frei Galvão. São poucos, se comparados com a Casa do frei, no Vale do Paraíba, mas são relevantes pela representatividade que tiveram. Infelizmente, a dificuldade de entrevistar o capelão, padre Armênio, foi grande. Mas, em julho de 2008, quando houve o primeiro contato com ele, ele mostrou tais objetos, que foram especialmente utilizados por frei Galvão durante sua vida e alguns deles remetem à construção do prédio em questão.



Ilustração 98 - Caneca, colheres, pá e martelo, objetos utilizados por frei Galvão durante a construção do Recolhimento da Luz. Mosteiro da Luz, São Paulo.

Esses dois objetos estiveram presentes na celebração da canonização, em maio de 2007. Estiveram em cima do altar e foram apresentados ao papa e à plateia a fim de documentarem a existência e a trajetória de vida do santo construtor. Juntamente, no mesmo corredor que fica aos fundos da capela, são mantidos um cálice e a sua cobertura, ambos pertencentes ao frei.



Ilustração 99 - Cálice e a sua cobertura, pertencentes a frei Galvão. Mosteiro da Luz em São Paulo.

E, como na residência em Guaratinguetá, aqui também há a distribuição de pílulas, que são feitas pelas próprias irmãs do recolhimento. Só que não se recebe as pílulas das mãos das irmãs. Há uma roda na qual o devoto coloca um donativo e gira. Girando novamente, vêm as pílulas. É, no mínimo, curiosa a situação para quem desconhece, mas isso é porque as irmãs conceptionistas, como vivem no recolhimento, não veem e nem são vistas. Elas vivem nesse espaço totalmente dedicadas à oração e à vida contemplativa. E, além de orar, produzem as pílulas para os devotos.



Ilustração 100 – Local, no Mosteiro da Luz em São Paulo, onde se recebe as pílulas de frei Galvão. Ao fundo, a roda para recebê-las.

A quantidade ali produzida é grande. São milhares todos os meses. No tempo da canonização, por exemplo, o jornal *Folha Online* noticiou a quantidade de pílulas que as irmãs estavam produzindo para atender à demanda:

Na véspera da canonização do primeiro santo brasileiro, a fila de entrega de pílulas de Frei Galvão no Mosteiro São Bento, em São Paulo, é cada vez maior.

Pessoas vindas de todos os cantos do Brasil esperaram pacientemente por cerca de meia hora pela vez de retirar os seus “kits” com três pílulas e a orientação de como fazer a novena. Acompanhe a visita do papa Bento 16 ao Brasil em [tempo real](#) na **Folha Online**.

A entrega é feita por uma das freiras enclausuradas do mosteiro. Quem pega as pílulas não vê a freira: o fiel coloca (se tiver) um donativo, gira uma roda de madeira e na volta recebe em média três pacotinhos com três pílulas cada um, um folheto com a novena e a biografia de frei Galvão. A distribuição é gratuita. Só quem pode dá um donativo, mas quase sempre algum real é colocado na roda.

“Já passamos da conta da quantidade de pílulas que temos entregado, passa, com certeza, de 30 mil por dia”, diz a irmã Claudia Honecker, a responsável pela organização da produção das pílulas. Hoje, 13 das 22 monjas enclausuradas do mosteiro produzem as pílulas, que contêm uma inscrição em latim (“Depois do parto, ó Virgem, permaneceste intacta! Mãe de Deus, intercedei por nós”). O papel da pílula é finíssimo e “dissolve facilmente na água”, diz irmã Claudia. A tinta usada também é comestível.

Cada pedaço de papel tem 14 vezes a frase inscrita em letra miúda e é enrolado até virar um pequeno cilindro, selado com cola de polvilho. Depois o cilindro é cortado em pedaços de menos de um centímetro - cada pedaço é uma pílula. Cada cilindro rende 14 pílulas. Em grupos de três, elas são embrulhadas num quadrado de papel. (CHAGAS, 2007).

O que se quer destacar é que essas, realmente, tanto em Guaratinguetá quanto em São Paulo, são um objeto indissociável da figura de frei Galvão. É plenamente conhecido o patrimônio arquitetônico e histórico ligado a ele na capital; o mesmo valeria para Guaratinguetá. Mas a sua história de vida inova pelas pílulas. Ao menos dentre os depoentes entrevistados e tantos outros com os quais apenas se trocou algumas palavras, a pílula era de seu conhecimento e todos a queriam ou a tinham consigo.

Por fim, de todo patrimônio erigido, seja para evocar ou que evoca por existir, voltado para o primeiro santo brasileiro, a pílula é a que melhor sintetiza e a que mais aproxima o santo do devoto. Isso porque, especialmente em momento de sofrimento, de dor, de problemas de saúde, é que a fé, geralmente – quando se é devoto ou crente em algo superior –, é posta à prova ou é o momento em que ela é a única coisa que resta ao homem religioso.

Os espaços são sagrados. Como explicou Eliade (2001), são importantes e imprescindíveis existirem no contexto de qualquer religião. A pílula, no entanto, não é um espaço público, é de cada um, todos podem tê-la, tomá-la. Ela vai além da casa, do recolhimento, dos objetos: com ela, é quase como se o devoto tocasse a fé, tocasse uma realidade; faz da fé e do santo algo palpável.

4.3 As pílulas de frei Galvão



Ilustração 101 - Pílulas de frei Galvão expostas na casa dele, em Guaratinguetá.

Para encerrar este capítulo e a discussão da tese, há que se debruçar sobre e analisar com maior cuidado a principal criação do frei: as pílulas de papel. Surgiram, como já dito, diante de uma situação de emergência: não podendo atender a um doente e a uma parturiente, escreveu a oração, enrolou o papelzinho e pediu que dessem aos convalescentes e os fizessem tomar, como um comprimido.

O primeiro fator preponderante aqui é a associação, desde a origem das mesmas, conforme conta a tradição, do uso da pílula a casos de partos, gravidez, nascimentos prematuros. A pílula ajudou a construir uma imagem de um frei devotado às mães e aos filhos. Outros elementos também podem ter contribuído para isso, como a devoção que Antonio Galvão de França nutria por Santa Ana, mãe de Maria. No capítulo dos milagrados, no início, se retomou alguns milagres que ele realizou em vida, bem como os dos processos canônicos. A maior parte dele – especialmente os dois dos processos – se deram por virtude das pílulas.

Desse momento, já se depreende que a figura de frei Galvão, desde sua vida, foi associada às pílulas. Hoje, talvez, mais fortemente; mas se tornaram indissociáveis. E, nesse sentido, um legitima a validade do outro: frei Galvão foi quem as criou, e elas são a prova da

santidade, da capacidade que ele tinha de curar e salvar pessoas. A pílula, por conseguinte, mais do que um pedaço de papel, é uma extensão viva da história de Antonio Galvão de França.

Nesse sentido, criou-se uma tradição, ou seja, originou-se um conjunto de práticas subsequentes, executadas e/ou vividas, as quais consolidaram a fama de tais pedaços de papel como sendo um socorro em situações como essas. Vale lembrar que, então, atrelado à pílula se filia uma tradição.



Ilustração 102 - Placa indicativa do local para retirada das pílulas, no Mosteiro da Luz em São Paulo.

Para Hobsbawm (apud HOBSBAWM; RANGER, 2002, p. 9), por tradição inventada

Entende um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com o passado histórico apropriado.

Uma tradição, para o autor, é sempre inventada, implicando em práticas que repetem uma determinada situação, mantendo relação com um passado; nesse sentido, ela se pretende mostrar invariável, bem como apresenta sua própria ritualidade, exigindo uma formalização. A pílula não é a tradição, mas com ela surge uma prática absorvida pelos fiéis de que, obedecendo a uma novena (ritualização), a qual é rezada por nove dias, e durante a qual, no primeiro, quinto e nono dias, se toma uma pílula. A novena é recebida na casa, no mosteiro, na igreja de Santo Antonio, em Guaratinguetá. É feita nesses municípios também.

A tradição de tomar a pílula, por conseguinte, revela que, em obediência ao rito, há que se tomar as pílulas feitas em locais autorizados, que as dão, não as vendem. Isso revela uma forma própria também. Fato importante porque há a queixa de dona Thereza, por

exemplo, a sua preocupação quanto aos falsários, ou seja, pessoas que vendem as mesmas. Isso também ocorre em São Paulo. Daí se limitar os locais de produção das mesmas.

No primeiro capítulo, uma reportagem da revista *Época*, por exemplo, trazia essa discussão acerca das pílulas:

Nas últimas semanas, espertalhões estocavam o remédio espiritual para comercializá-lo. O cardeal alegou que as freiras de Guaratinguetá, idosas, andam cansadas demais desde a beatificação. A decisão foi acatada no mosteiro. “Ele pediu que suspendêssemos o trabalho, mas não para sempre”, diz uma das irmãs enclausuradas. A ordem está provocando protestos entre os devotos da região. Eles agora terão de viajar em busca do papelucho milagroso. O maior fabricante dele é o Mosteiro da Luz, em São Paulo, onde o frei está enterrado. Ali, cerca de 2 mil pílulas são feitas semanalmente. A devota Dorvalina Magalhães viaja 15 horas de ônibus, de Vitória até São Paulo, para conseguir o remédio que a mãe, Doraliza, toma. “Ela não andava, tinha angina e osteoporose. Está quase curada”, diz a filha (PARE..., 1998).

Dessa forma, o que fica claro é que, quando se define claramente onde e quem é capaz de produzir as pílulas, se limita também sua circulação, evitando que pessoas possam dela fazer uma fonte de lucro, que, para setores da Igreja Católica e para a família, não são o objetivo que elas devem promover. Mais do que isso, limitando quem as faz – as freiras do Mosteiro e de Guaratinguetá – e delimitando a distribuição, se evita que elas percam esse caráter de legitimação e de fortalecimento da figura e da memória de santo frei Galvão.

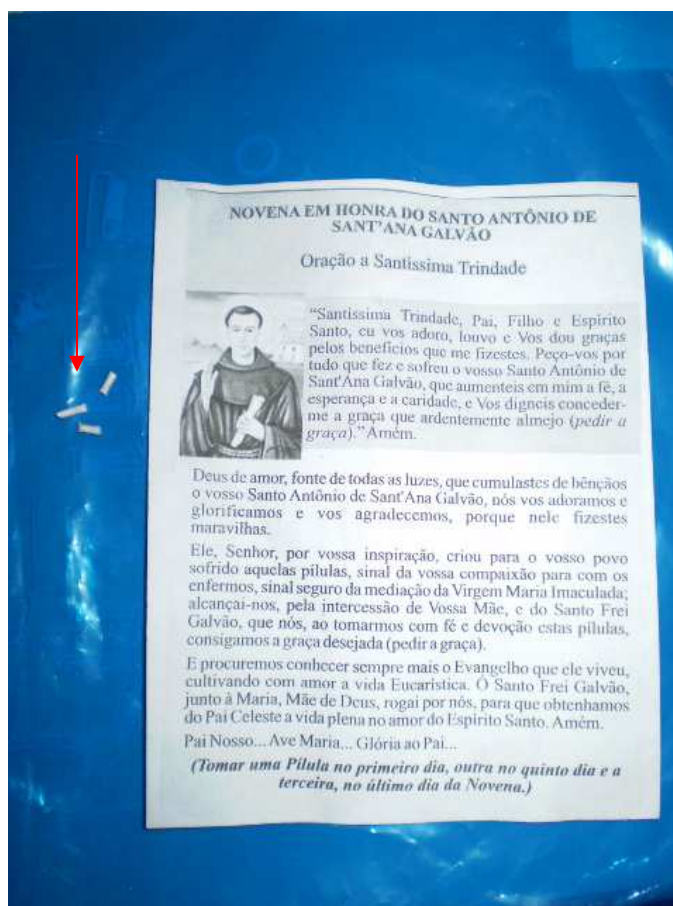


Ilustração 103 - Novena distribuída na missa de 25/10/2008, em Marília/SP, na paróquia de Nossa Senhora de Fátima. Ao lado, as pílulas de papel e a novena explicativa de como as utilizar.



Ilustração 104 - Novena distribuída na casa de frei Galvão e na igreja de santo Antonio, em Guaratinguetá, acompanhada na novena para ingestão das pílulas.

Para aqueles que insistem na pílula e não querem enfrentar as filas no Mosteiro da Luz, madre Teresa, do mosteiro de Guaratinguetá, ensina: “Faça sua própria pílula. Basta escrever a oração em um papel, enrolar e tomar”. Em tempo: a oração é “Post partum Virgo inviolata permansisti, Dei Genitrix intercede pro nobis” (LUNA, 1998).

A revista *Veja* trouxe a sugestão de que cada fiel fizesse sua própria pílula para tomar. Dessa maneira, seria solucionado todo problema, na época da beatificação, da distribuição das mesmas, fato que, como analisado no primeiro capítulo resultou em certas desavenças. Isso é resultado do fato de que a pílula não é mero objeto, mas um objeto gerador de uma tradição; sendo feita ela pelo devoto, não adquire a mesma potência, por assim dizer, que ela possa ter quando recebida no mosteiro ou em outros pontos de distribuição. E para que seja a tradicional pílula de frei Galvão, essa precisa ser confeccionada pelas pessoas autorizadas para tanto. A tradição acaba por conceder autoridade aos indivíduos, às freiras que fabricam milhares e milhares delas todos os anos.

Relevante salientar a discussão acerca da tradição e de como essa é caracterizada por uma ritualização, por uma formalização, pela repetição e pelo fato de também ser seletiva. Conforme lembra Williams (1979, p. 119),

O que temos de ver não é apenas “uma tradição”, mas uma *tradição seletiva*: uma versão intencionalmente seletiva de um passado modelador e de um presente pré-modelado, que se torna poderosamente operativo no processo de definição e identificação social e cultural.

Por implicar em uma prática social, há que se notar que a tradição não lembre tudo. Ela seleciona. O grupo seleciona aquilo que será lembrado e revisitado constantemente para que a tradição seja mantida e experimentada com frequência pelo grupo social ao qual ela se liga.

Dessa maneira, a ação de produção e utilização das pílulas, desde o tempo de frei Galvão, foi sendo repetida por outros, até os dias atuais. Não se sabe se por freiras ou padres; o que se sabe é que houve indivíduos que continuaram fazendo as pílulas e, mais do que enrolarem minúsculos pedaços de papel com uma frase, acabaram por criar uma estrutura de relações e de sentimentos que promoveria a manutenção de uma tradição. E toda essa tradição é também envolta por essa aura de espiritualidade e religiosidade, importantes no caso da pílula: é de papel, sim, mas não é qualquer papel, é a pílula de frei Galvão, um remédio espiritual, um auxílio da fé, para superar dificuldades, para dar força e coragem aos devotos que dela se utilizam.



Ilustração 105 - Cestas com novenas acompanhadas de pílulas de frei Galvão para distribuição na missa de 25/10/2008, em Marília, SP.

Em suma, ao longo de todo o trabalho, houve o esforço de demonstrar o papel singular que as pílulas ocupam na história de frei Galvão, como o sentido rico de análises que elas simbolizam para o devoto. Para este, é um remédio, um bálsamo, uma alternativa para momentos de crise; para a história, ela é parte da construção de uma memória e de uma tradição, de um patrimônio, bem como não deixa de ser, em momento algum, digna de ser estudada e analisada pelo seu caráter simbólico, pela sacralidade que a envolve aos olhos dos fiéis.



Ilustração 106 - Frei franciscano abençoando as pílulas para distribuição ao final da celebração de 25/10/2008, na paróquia N. Sra de Fátima, em Marília, SP.



Ilustração 107 - Fila ao final da celebração eucarística de 25/10/2008, em Marília, SP, para recebimento das novenas.

Dessa maneira, é possível perceber que no estudo da cultura material não se desvenda apenas a relação das pessoas com os objetos, com o patrimônio, com coleções e relíquias. Como lembra Pesez (2005, p. 284-285):

Então, a história da cultura material está condenada a ser apenas uma “retórica da curiosidade”? Talvez, mas nem por isso se mostrará menos necessária, porque apresenta o interesse de reintroduzir o homem na história, por intermédio da vivência material.

Apesar de sucinta a fala do autor, é marcante lembrar que a cultura material, ou seja, o conjunto de objetos e prédios, experiências e pessoas que circundam a figura de frei Galvão em Guaratinguetá e no Mosteiro da Luz são uma maneira de construir e atualizar sempre a devoção que para ele dirigem os fiéis.

Cada visitante do Mosteiro ou da Casa, bem como cada indivíduo que participa de uma missa de comemoração no dia dele, vive, sente e experimenta diversamente quem é o frei; bem como é foro íntimo de cada um se sentir motivado a crer na capacidade de um homem que, apesar de ter sido de carne e ossos como todos, está além de uma materialidade, ou seja, é um homem santo, um ser humano dotado de potencialidades etéreas e divinas. E, mais do que isso, o devoto de frei Galvão tem a particularidade de ter um objeto, algo palpável, visível, tangenciável, que o faz sentir a relação com o santo: as pílulas. Frei Galvão não é o único santo com um objeto assim associado: por exemplo, há o pão de santo Antonio, distribuído em geral nas missas festivas de 13 de junho. Outros deve haver que têm instrumentos deixados a serviço da fé.

Diferentemente do pão de Santo Antonio, a distribuição das pílulas se dá em celebrações, festividades, mas também a qualquer hora, todo o tempo, na Casa de frei Galvão, no Mosteiro da Luz e em outros locais. E papel não é comestível. O que se faz é ingerir um pequenino pedaço de papel, com uma jaculatória. Mais do que rezar, com a pílula se ingere a oração, a fala, o pedido, se ingere fé e devoção.

E, como já dito, a fama das pílulas somente reforça a fama de santidade do frei, tornando-o mais conhecido do público católico. Em 25 de outubro de 2008, em uma celebração festiva do dia do frei, em Marília, SP, centenas de pessoas lotavam a igreja de Nossa Senhora de Fátima. Havia uma cesta enorme com centenas de novenas, todas elas com pílulas. As pessoas acorriam à missa e às pílulas para solucionar problemas como os vistos aqui, para curar males e recuperar a saúde, para alcançar outras graças; e há também os que foram para agradecer algo já recebido.



Ilustração 108 - Início da missa de comemoração do dia de frei Galvão, 25/10/2008, em Marília, na paróquia de Nossa Senhora de Fátima.

A fim de concluir o capítulo, uma questão relevante é perceber na cultura material, nos objetos, nas construções, o que eles podem dizer historicamente. Tais fontes da cultura material apontam a formação de um patrimônio que referenda uma prática religiosa primeiramente. A cultura material reforça crenças, comportamentos, constrói e propaga a memória de um ser humano tornado santo por uma religião.

Enfim, toda a análise da cultura material caminha no sentido de demonstrar que o santo é uma construção dos vivos. Não é a Igreja Católica e sua hierarquia, nem os objetos exclusivamente que fazem de frei Galvão santo. Os devotos e todos que estão diretamente envolvidos com a causa dele constroem esse homem como tal, como modelo, como representante de uma fé.

Para a História, frei Galvão não se tornou santo, partindo do pressuposto de seus milagres e obras, por determinação papal. Ele é santo perante um grupo de homens e mulheres que, independente de uma determinação canônica, o veem dessa maneira. Os atores que

ajudaram a fazer dele santo (imprensa, igreja, família, religiosos) colaboram para fortalecer e espalhar sua fama de santidade, promovem ações que realimentam memórias de frei Galvão.

Mas tudo isso – as memórias, o patrimônio, os lugares de memória, os relatos, os milagres – só adquirem sentido e vida quando eles têm a quem se dirigir. Há um público que alimenta sua fé com base nesse patrimônio ligado ao frei. A fé dos devotos, como objeto de estudo histórico, mostrou que um santo se baseia em uma construção social, da qual participam uma série de grupos e elementos, que no exercício diário da fé, agem intencionalmente para juntos difundirem a figura de frei Galvão como homem santo, caridoso e milagreiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vesentini (apud SILVA, 1984) nos faz pensar um debate em torno do livro didático. Seja esse de história ou de qualquer outra disciplina dos ensinos médio e fundamental no país. A preocupação do autor é mostrar que, muitas vezes, aquilo que se aprende – e se ensina – em sala de aula é encarado como uma verdade absoluta, inquestionável.

Ele nos faz, por exemplo, refletir sobre a questão da independência do Brasil: quem contou como isso aconteceu? Quem estava lá? Como se deu esse fato? Quais atores foram autorizados a falar sobre esse marco na história nacional e quem não foi sequer consultado para dar seu posicionamento?

O que merece ser destacado é que, seja em um livro didático ou em tantos outros livros mais sofisticados, em dissertações e teses, quando se pensa a história e a discussão de memória, essa não pode ser encarada como uma verdade acabada. O esforço que deve ser feito no estudo da história e de qualquer outra ciência é compreender que, como ciência, a história não está isenta de subjetividade, da participação das pessoas, de disputas de poder, de autoridade. Ela não é um dado definitivo: há variações, interpretações diferentes, matizes diversas que dão múltiplas possibilidades para se compreender uma realidade.

Utilizar o passado para compreender o que houve e acontece exige um esforço “de compreender como as pessoas se apropriam e usam o passado, no campo das disputas dentro das quais se constituem” (KHOURY apud FENELON et al, 2000, p. 133). Ou seja, o exercício do pesquisador, em especial, do historiador, é sempre ter em mente que, quando se trabalha com história, é difícil encarar sua análise no singular: o melhor seria pensar em se trabalhar com histórias, com memórias.

As pessoas são um amálgama de muitas experiências que se constituem e se transformam na vida diária, vivendo e se comunicando através de fronteiras e transitando entre elas.

Procurando dar conta desse movimento, vamos trabalhando as problemáticas de estudo, não como fatos dados, mas como processos em formação. Nessa perspectiva, lidar com narrativas requer pensá-las no movimento da história (KHOURY apud FENELON et al, 2000, p. 127).

Por que pensar em histórias e memórias? Como dito acima, o processo histórico é composto de vários sujeitos sociais, indivíduos, os quais constroem diariamente o presente, assim como o fizeram no passado. Estudar a(s) história(s) de alguém, de algum acontecimento ou movimento, implica, portanto, saber que se está lidando com olhares sobre uma mesma

realidade. Esses olhares produzem diferentes análises e interpretações do vivido e nenhuma delas é capaz de exaurir, encerrar o que aconteceu ou se viveu.

Quando surgiu o interesse por estudar a figura de frei Galvão, me deparei com esse problema. Ou seja, de pronto, encontrei uma série de biografias que falavam sobre ele, sobre suas obras, sua vida, sua canonização e beatificação. O interesse surgiu de imediato, porém restava aquela dúvida cruel de qualquer aluno em início de pesquisa: o que estudar, o que selecionar para desenvolver uma pesquisa? Sobre a vida dele já havia quem o tivesse feito e pensado, já havia o processo canônico que debatia extensamente a trajetória de vida do frei de Guaratinguetá.

E é, também, somente com o andar da carruagem de uma pós-graduação que se percebe que, por mais que um assunto tenha sido trabalhado, ele não é encerrado, ele pode ser mais uma vez estudado e analisado. Há sempre uma dúvida, um fato ou uma descoberta nova, uma situação, uma pessoa que se conhece, uma fotografia, um objeto que desperta no pesquisador uma hipótese atrás da qual se vai até se verificar sua plausibilidade.

Quando se inicia um projeto de pesquisa, há alguns itens que são exigidos dos alunos: objetivos, metodologia, hipóteses, etc. O objetivo geral, inicialmente, se resumia em conhecer melhor a realidade que circunda a figura de santo Antonio de Sant'Anna Galvão, especialmente em Guaratinguetá. Foi nesse município e no contato com a Casa de frei Galvão e com a família que surgiu o interesse.

Mas logo depois o horizonte se ampliou: surgiu o Mosteiro da Luz, a canonização em 2007, as pessoas entrevistadas, tanto os que ajudam a construir e a popularizar sua imagem quanto os devotos. Novas questões foram se colocando e, de tudo isso, o que aprendi, especialmente, foi que cada um tem uma relação diferente com o santo, cada devoto tem sua forma particular de com ele conversar ou orar, negociar, contar sua vida e suas obras.

Há pessoas que veem o frei como alguém protetor e amigo; outros o veem como alguém que socorre em momentos de aflição ou como alguém que cura com pílulas de papel; como um exemplo de trabalhador e obreiro ou como alguém que motiva a inspiração e se torna tema de música ou de livros.

Nesse sentido, percebi que cada um dos devotos ou pessoas entrevistadas tece para si a história que quer contar sobre ele. Como constroem suas narrativas é um critério individual; no entanto, em comum fica que, desses elementos que compõem as memórias do frei, as pessoas buscam se identificar com aquilo que mais os aproxima da sua figura. Criam relações com o santo, seja por critérios afetivos ou religiosos.

A relação que frei Galvão estabelece com a História, porém, transcende as relações pessoais. É necessário perceber que frei Galvão santo é fruto de um processo histórico do qual as pessoas fazem parte por construírem diariamente a História, e é nesse processo que se deve reconhecer que o passado é reconstruído por meio de forças e disputas de poder que visam legitimar sua santidade.

A santidade inclui-se na dimensão do sagrado, que está presente no dia a dia de toda sociedade; com suas variações e peculiaridades, o universo do sagrado sempre habitou a vida terrestre profana. O homem, como ensina Eliade (2001), cria as práticas religiosas na repetida tentativa de se aproximar mais dos deuses, da criação, de um tempo puro e germinal. A relação entre seres humanos e o sagrado não afeta somente a fé; implica em modos de ver e sentir o mundo a nossa volta, de perceber a relação com o meio e a Natureza, com os semelhantes e os que são diferentes de nós.

Ao longo dos capítulos, variando as fontes e documentos, narrativas e memórias, o que se viu é como tais pessoas – devotas de frei Galvão – se relacionam com ele e com a sua fé e como instituições – tais como a imprensa – pensam, refletem e reproduzem análises sobre o primeiro santo canonizado pelo Vaticano.

Em suma, não é uma tese sobre a história recente de frei Galvão. É uma tese que quer contribuir para esse processo histórico, que envolve a vida de um santo, e como, especialmente após sua canonização pela santa Sé, esse santo se tornou assunto em jornais e revistas, tornou-se mais conhecido dos católicos e não católicos. São memórias analisadas no conjunto de um trabalho que quer apontar um olhar histórico sobre quem foi e como é hoje percebido e conhecido santo Antonio de Sant’Anna Galvão, bem como o que é a realidade que o circunda.

Sintetizando, quais foram os sujeitos sociais que colaboraram direta ou indiretamente no processo histórico em questão? Em primeiro lugar, é o reconhecimento da participação de pessoas, especialmente daquelas que denomino fazedores de santo: Dona Thereza, Claudio Fontana, irmã Célia, padre Armênio, funcionários dos locais de visitação, setores da Igreja Católica. São indivíduos e grupos que estão relacionados na manutenção de um imaginário a respeito do frei, o qual o reconhece como um membro do panteão dos santos católicos.

São eles que, no exercício de suas atividades, conseguem publicizar a fama de santidade, naturalizando-a, isto é, fortalecendo memórias que apontam esse homem como alguém não apenas humano, e sim como santo principalmente. E na análise de suas falas é perceptível disputas e forças, relações de poder que permeiam um processo histórico de canonização. São eles, então, fazedores de santo que, ao se inserirem na reprodução da

história de frei Galvão santo que reforçam, selecionam, definem as memórias que alimentam o imaginário sobre santo Antonio de Sant'Anna Galvão.

Formam um grupo de pessoas seletas – seja no caso de frei Galvão ou de qualquer outro santo ou santa – que se põe para a sociedade como indivíduos autorizados, preparados e detentores de um saber sobre a vida desse homem. Isso não quer dizer, no entanto, que não haja outras vozes, outras memórias diferentes das que eles contam e sustentam historicamente. A imprensa, por exemplo, como entidade que se propõe a informar e formar a opinião de seu público, também tem seu discurso, suas narrativas, suas notícias, seu modo de ver a formação de um santo.

No processo da canonização, bem como desde a beatificação, a imprensa teve presença, quando divulgou notícias sobre tais momentos. A imprensa, a grande imprensa ou a imprensa especializada – discutiu, debateu, criticou, analisou tais episódios da história recente do Catolicismo no Brasil. E, independente do que noticiou, é relevante buscar reconhecer as intenções dessas fontes e suas posições. Por mais isenta que se diga uma fonte jornalística, quando ela publica, por exemplo, a canonização de frei Galvão, ela demonstra seus posicionamentos e as críticas que pretende despertar no leitor.

A imprensa direcionada para o público cristão-católico opta não apenas por divulgar que frei Galvão é santo. Ela também pretende passar ao seu leitor valores cristãos, posicionamentos doutrinários e, assim, contribuir, de certa maneira, para destacar a sua fama de santidade. Já a grande imprensa nem sempre se declara tão definida nesse sentido, mas em outros.

Um exemplo, a revista *Veja* (2007a), cuja capa tem como manchete “Frei Galvão, um santo 100% nacional”, não quer dizer que o aceita plenamente como santo, ao passo que também não se limita a rechaçar o debate. Em outro sentido, ela quer suscitar – no teor da matéria de capa – que, por ser o Brasil o país com o maior número de católicos do mundo, a canonização de um brasileiro é importante no sentido de apontar que o campo das religiões está presente no cotidiano de setores da população. E, ao mesmo tempo, traz visões de outras religiões sobre o que é santidade.

Seja a *Veja* ou outras fontes jornalísticas, elas são formadores de opinião. Como tal, contribuem não só para divulgar a imagem dele, mas muitas vezes reforçam e legitimam a sua santidade. Em suma, por não serem fontes que necessariamente buscam desvendar o processo histórico, elas nem sempre indicam as disputas de poder, de forças dominantes que determinam quem será santo e quem não será. Tal como o grupo dos fazedores de santo, a imprensa forma seu próprio discurso e é também na análise desse que se percebe que, mesmo

que tais discursos dominem outros esquecidos e negligenciados, a fama da santidade de frei Galvão só se mantém porque há o devoto, o fiel, aquele que crê que Antonio Galvão de França é mais que humano, é santo.

Ainda no tocante a esse exemplar da *Veja*, vale retomar uma questão, que é a do nacional. No texto da reportagem se percebe que é como se houvesse clamores, os quais pediam um santo brasileiro. Em várias passagens, isso é destacado como se já não fosse sem tempo desse santo ter surgido. Nesse tocante, irmã Célia também remeteu a tal questão. Na comparação do processo de frei Galvão com o de madre Paulina, ela retoma esse ponto.

Para irmã Célia, a nacionalidade de madre Paulina não é importante, pois ela se identifica com outros valores religiosos e confessionais com a madre. Para o público católico, muito provavelmente, isso também seja irrelevante, ou então a região de Nova Trento (SC) não teria se tornado conhecida pelos fiéis como se tornou; e o foi com o auxílio da canonização de madre Paulina. Para irmã Célia, a questão não é a nacionalidade em si, mas sim o papel e a valorização dada a essa questão no contexto da canonização de frei Galvão.

Disso tudo se desdobra o entendimento de que a discussão de nacional é uma questão problemática e política, muitas vezes embasada em princípios de identidade nacional e popular que não são a totalidade da compreensão de uma sociedade. Não é toda comunidade católica brasileira que é devota de frei Galvão, nem toda ela devota de madre Paulina. Mas essa questão foi exaltada pelos meios de comunicação durante os eventos de santificação do frei, exaltada por indivíduos e instituições, a fim de camuflar uma unanimidade que não existe. A identidade nacional se baseia em um princípio de comunidade que é imaginada, como explica Hall (2006): ela quer promover uma ideia de que as pessoas têm as mesmas memórias do passado, um mesmo desejo por viver em conjunto e a manutenção de uma mesma herança histórica.

O que não é real. O autor pensa a identidade na realidade atual, na pós-modernidade, e nessa, as culturas são híbridas, assim como coloca Canclini (2006), e, como tais, são conjunções de elementos culturais diversos que originam novas culturas híbridas. Esse hibridismo é, muitas vezes, trabalhado como sendo um sincretismo cultural. No campo da cultura e da identidade há tensões e disputas, dominações e embates que são dolorosos e que mascaram os polos mais fracos das relações de poder, enquanto outros são dominantes e hegemônicos.

Frei Galvão, apesar de ser brasileiro, não é o resumo da religiosidade brasileira. Ele pode ter sido exaltado por vários vieses, pelo do nacional também, mas isso não é o que realmente o faz ter valor e representatividade entre o público católico. A exaltação dessa

nacionalidade pode ter magoado irmã Célia, mas indo mais fundo no processo histórico, sabe-se que é o tipo de exaltação feita por grupos dominantes – entre eles, a Igreja Católica – a fim de despertar em comunidades e grupos religiosos um sentimento de união e de semelhança.

E desenrola-se dessa análise que, tal como há várias memórias e histórias sobre frei Galvão, a identidade não é apenas uma; seja por ele ser brasileiro, por suas obras, seus gestos, pelas narrativas ou pelo patrimônio, o que leva o devoto a ter fé no frei pode ser uma gama de fatores, e não um único.

No entanto, dentre os fatores que querem e pretendem definir o santo, há aqueles sujeitos e grupos que são dominantes na fala sobre Antonio Galvão de França: a família, a Igreja. Quem fala de dentro desses campos se sente legitimado a falar sobre ele. Mesmo que sem a intenção pessoal de cada um, o que fazem quando dominam essa esfera da memória dele é afastar outras memórias e histórias, narrativas que não são todas como válidas ou legitimamente reconhecidas.

E um outro ponto que colabora para desmistificar a ideia de uma identidade nacional é uma análise da religiosidade católica no Brasil. Como Mott (2007) esclarece, desde a chegada do europeu no Brasil, o que se observou, especialmente durante a dominação portuguesa, foi uma relação com a religião católica de uma maneira bastante íntima. A religiosidade era vivida especialmente no âmbito privado, e não público, da vida das pessoas.

Poucos eram os padres que queriam se aventurar no além-mar, poucas as igrejas e, por conseguinte, mais frouxo o controle do clero sobre a população. Havia uma religiosidade muito mais pautada na vivência do sagrado no espaço doméstico. Isso fazia com que as famílias, os fiéis, os nobres, fazendeiros e escravos estabelecessem relações mais fechadas: era principalmente na privacidade do lar e da família e de seus escravos que a religião era sentida, vivida e pensada.

Havia o que Mott (2007, p. 220) entende ser uma dificuldade de cristalização de uma religiosidade pública e eclesial, “haja vista as grandes distâncias do território, os perigos do transporte interno, a insignificância da vida urbana e o número reduzido de ministros, templos e da própria comunidade cristã”. Desde o tempo de frei Galvão, quando ainda certamente se tinha essa relação mais individualizada com a religião, até o século XX, houve uma transformação em especial que alterou consideravelmente a religiosidade no Brasil.

A religião católica, que, desde meados dos anos de 1970, vem passando por bruscas transformações – tanto na diminuição do número de fiéis quanto no enfrentamento de problemas, como a teologia da libertação, com novos movimentos do neopentecostalismo (vide, por exemplo, vários trabalhos, como o de Montes [1998], que tratam desse crescimento

das religiões evangélicas e como isso afetou diretamente o catolicismo) – no Brasil, ainda demonstra força e capacidade de persuasão e ação sobre as pessoas.

O trabalho de Montes é importante, pois faz um exercício de análise dessas transformações religiosas em um país que passou a conviver com outras religiões cristãs e não cristãs (como o Candomblé, a Umbanda, por exemplo). Há um campo de disputa e de fragmentação no cenário religioso brasileiro, especialmente da metade do século XX para cá. Montes (1998, p. 166-167) vai mostrando como as Igrejas Evangélicas foram se consolidando, disputando espaço com as católicas; como as religiões africanas, a duras penas, conseguiram se estabelecer no Brasil e sobreviver a anos de perseguição. Ela conclui o trabalho, lembrando que:

Não surpreende, portanto, que os especialistas em questão de religião se interroguem com razão se, no mundo moderno, o campo religioso é ainda o campo das religiões. Na sociedade brasileira contemporânea, não é só o evento desportivo na disputa do Campeonato Mundial de futebol que recria no plano de uma sacralidade transfigurada o sentido íntimo do pertencimento e da celebração. Também as escolas de samba do Rio de Janeiro, num rito verdadeiramente religioso, conclamam seus membros a dar o melhor de si, antes do início de um desfile, [...]. Assim também, as torcidas organizadas de futebol se reúnem sob o signo de *nação* corintiana, palmeirense, [...]. No Brasil, [...] também o campo religioso em sentido estrito se redesenha como território de estranhas misturas, onde os efeitos modernos da laicização se fazem sentir, acarretando uma perda da influência das igrejas e o rearranjo constante de sua projeção na vida pública diante da ampliação do mercado de bens de salvação, mas onde, ao mesmo tempo, elementos de religiosidade nitidamente pós-modernos, de caráter comunitário, típicos do novo *tempo das tribos*, reinventam formas arcaicas de devoção, lançando-nos de volta ao passado em direção ao futuro.

Tal qual a identidade não é uma só, a forma como o indivíduo se relaciona com o sagrado também varia. Há práticas de religiosidade que se alteram: umas valorizam mais determinados fatores, outras não. Há quem, então, tenha valorizado até frei Galvão por ser brasileiro, por exemplo, mas não é isso que o define. O que o aproxima particularmente dos devotos e devotas é a construção de uma fé, de uma devoção, de crença na capacidade dele de ser um homem bom, caridoso, dotado de dons divinos, alguém que cura a alma e o corpo.

Trabalhos sobre religiosidade são vários. Geertz (1989), por exemplo, encara a religião como um universo que ajusta ações humanas, que dá uma ordem cósmica e projeta imagens dessa última na experiência humana. Geertz constrói um esquema antropológico para atender a uma definição de religião. Ele vai analisando tais elementos que seriam comuns entre quaisquer religiões. Ou como sugere o próprio autor, é tarefa da religião oferecer aos sujeitos um *ethos*, uma visão de mundo, que os oriente e guie, por assim dizer. Cada uma ofereceria seu próprio *ethos*, seu modo de ver e pensar o mundo e de se identificar com ele.

É difícil trabalhar com a análise de Geertz, por exemplo, em determinadas situações. Um exemplo disso é um texto de Rabelo (1993), no qual ela vai trabalhando a trajetória feita por uma mãe com sua filha, que era afligida por transtornos psíquicos e/ou neurológicos. Não encontrando solução médica, a mãe começa uma via-sacra por evangélicos, terreiros de Candomblé, até chegar ao Espiritismo. Em suma, como pensar um *ethos* comum no caso de uma pessoa – o exemplo de Rabelo é a realidade de vários brasileiros – que transitam entre práticas religiosas tão distintas? E ela completa que:

Entender a religiosidade das classes populares urbanas, segundo o modelo de Geertz, é tarefa árdua. A frequência e aparente facilidade com que membros das classes populares se movimentam entre diferentes cultos questionam, fortemente, a idéia de uma convergência necessária entre projetos religiosos e práticas sociais. Isso significa que os modelos que utilizamos para entender o universo religioso dessas classes devem permitir-nos problematizar as relações mesmas entre os símbolos de uma religião e as práticas de seus adeptos. Trata-se, fundamentalmente, de abordar a religião sob a perspectiva da experiência religiosa, isto é, das formas pelas quais seus símbolos são vivenciados e continuamente re-significados, através de processos interativos concretos entre indivíduos e grupos (RABELO, 1993, p. 324).

Ou seja, para compreender o que Rabelo estudou, bem como para compreender a relação do devoto com frei Galvão é preciso partir da experiência vivida pelos indivíduos para que se possa compreender como cada um vivencia esse *ethos* comum ao Catolicismo, mas que não deixa de ser adaptado, remodelado conforme cada grupo e pessoa.

Um exemplo disso pode ser pensado quando se vê o testemunho de uma devota, no Mosteiro da Luz, que assumia sua devoção a frei Galvão e a santo Expedito. Dentro de uma mesma religião, ela se sente intimamente ligada ao frei e a outro santo, tal qual outros devem ter a mesma realidade de fé. Isso sem pensar, por exemplo, em tantos desses devotos que circulam, aberta ou estritamente, em outras religiões, cristãs ou não.

Um outro autor que pode ajudar nessa direção é Bourdieu (2003). Ele analisa que, quando se reconhece na religião a configuração de um mercado de bens simbólicos e bens religiosos, reconhece-se uma variedade de opções de fé, de cultos e de práticas religiosas. O mercado de bens religiosos tem seus trabalhadores – padres, bispos, pastores – seu público consumidor e um bem a “vender”, para simplificar: oferecem o bem de salvação que, por meio da fé e da fidelidade do crente, promove o ganho dos céus, da divindade, da vida eterna ou de outros planos espaciais.

Há atores, nesse sentido de Bourdieu, que somente reforçam o trabalho: são os santos, por exemplo, da Igreja Católica, que nesse sentido demonstram sujeitos que aprenderam a abraçar uma causa e, muitas vezes, fazer dessa sua única razão de viver, e que com o amparo da fé, obtiveram um reconhecimento tanto divino, como terreno e humano.

Tal qual se pode pensar em uma variedade dentre as religiões presentes no Brasil, dentro de uma delas, a Católica, a relação homem-sagrado varia na medida em que cada um, cada devoto, cada fiel constrói sozinho ou com grupos uma prática religiosa diversa, mais particularizada. Essa nem sempre é idêntica à prática pregada pelo clero, por exemplo, mas todos transformam essa prática de maneira a fazer dela algo que atenda melhor às necessidades, anseios e questionamentos de cada um.

É isso que permite, por exemplo, como mostrado no primeiro capítulo, que muitos jovens utilizem camisinha, tenham relações sexuais antes do casamento, e ainda assim se sintam e se identifiquem como católicos. As pessoas selecionam elementos que mais lhes convêm, em detrimento de outros que desconsideram. A relação entre o sagrado e o profano, assim como analisa Eliade (2001), se for ampliada para pensar a sociedade moderna, urbana, ocidentalizada, é uma prática individual, assim como a individualidade é um fenômeno de sociedades modernas.

As pessoas aprenderam, no que tange à religião que, diversamente do que é um culto público, é outro, o privado, a mediação que se estabelece entre o indivíduo e aquilo que ele crê, adora ou devota. Por isso, há uma variedade de usos para a pílula de frei Galvão. Ela até pode ter sido inicialmente utilizada no caso de uma mulher com problemas no parto; hoje ela é utilizada por devotos que procuram outras curas, tais como para câncer, problemas financeiros, problemas familiares. Para cada um, esse objeto tem uma função, atende a uma necessidade diferente. As narrativas dos devotos na Casa de frei Galvão e no Mosteiro da Luz, justamente, foram nesse sentido. Ela é uma obra, uma criação do frei, para fortalecer o devoto na sua fé, nos momentos de dificuldade, sejam esses quais forem.

Na análise das falas dos depoentes, nas entrevistas com os fazedores de santos, como dona Thereza, irmã Célia, Cláudio Fontana, a funcionária da casa e nas conversas breves com padre Armênio, nas leituras dos artigos de jornal, na observação dos espaços e dos objetos, o que se apreende é que a história de frei Galvão não acabou com a canonização. Para cada devoto que vai ao Mosteiro da Luz é uma outra história de devoção que se constrói, novas experiências de fé são vividas todos os dias, e isso enriquece a fé das pessoas que nele crêem e ajudam a reforçar a memória do frade franciscano, bem como corroboram na legitimação de que ele é santo.

Crer em um santo, então, é crer em alguém com quem se pode contar, como se fosse um amigo, um confidente; acreditar em frei Galvão é crer que ele está junto de Deus intercedendo, incessantemente, em favor dos católicos que a ele acorrem. Seja como for esse

pedido – por meio de novenas, do pagamento de promessas com ex-votos, pela participação em missas solenes – o fiel espera em frei Galvão um auxílio que, na terra, ele não pode ter.

Enfim, se hoje ele é aceito pelo Vaticano e pelos devotos como santo é porque as pessoas, os vivos, o construíram como tal. Não é o documento papal e o processo canônico, ou a imprensa, que o faz ser santo. Esses elementos corroboram o processo histórico, no entanto, as pessoas que, desde quando o frei vivia e já o identificavam como santo, que assim o fizeram ser. Isso se manteve e não findou com a canonização. Até porque ele só continuará a ser santo se houver o devoto que creia nele.

A santidade de Antonio Galvão de França não é abstrata, celestial, como uma nuvem que paira sobre nossas cabeças; ela é uma construção histórica, concreta, social e cultural, da qual fazem parte inúmeros fatores e personagens, mas que não existiria se os devotos não existissem também. Não é, por conseguinte, o santo que faz seus devotos, e sim o contrário, ele é feito santo por seus devotos e por uma outra grande quantidade de pessoas que tecem esses fios das memórias dele. Os fiéis precisam existir e crer nele para que ele seja mais que Antonio Galvão de França, e sim santo Antonio de Sant’Anna Galvão.

.

REFERÊNCIAS

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Paulo R. de; KHOURY, Yara Aun. História oral e memórias: entrevista com Alessandro Portelli. **História & Perspectivas**: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFU, Uberlândia, n. 25 e 26, p. 27-54, jul. 2001/jul. 2002.

ANAIS DO MUSEU PAULISTA. **História e cultura material**: Vol. 2. São Paulo: Universidade de São Paulo. jan./dez. 1994.

APPADURAI, Arjun (Ed.). **The social life of things**: commodities in cultural perspective. United Kingdom: Cambridge University Press, 1986.

ARROYO, Leonardo. **Igrejas de São Paulo**: introdução ao estudo dos templos mais característicos de São Paulo nas suas relações com a crônica da cidade. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

AZEVEDO, Manuel Q. de. **O culto a Maria no Brasil**: história e teologia. Aparecida: Santuário/Academia Marial, 2001.

BACK, Paulo. **História e vida de frei Galvão o primeiro santo do Brasil**. São Paulo: Ed. do Autor, 2007.

BARTHES, Roland. **Fragments do discurso amoroso**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2000.

BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BAUMAN, Zigmunt. **O mal-estar na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas, 1).

BERNARDO, Teresinha. **Memória em branco e negro**: olhares sobre São Paulo. São Paulo: EDUC/Fundação Editora da Unesp, 1998.

BLOM, Philipp. **Ter e manter**: uma história íntima de colecionadores e coleções. Rio de Janeiro: Record, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Bauru: EDUSC, 2004.

CADORIN, Célia B. **Ser para os outros**: perfil biográfico de Madre Paulina do Coração Agonizante de Jesus – Amabile Visintainer – 1865-1942. São Paulo: Loyola, 2001.

CALDWELL, Taylor. **Médico de homens e de almas**. Rio de Janeiro: Record, [s.d.].

_____. **O grande amigo de Deus**. Rio de Janeiro: Record, [s.d.].

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006.

CASTILHO, Edson D.; REIS, Fábio José G. dos (Org.). **Vale do Paraíba**: pessoas, instituições e movimentos: contribuições relevantes nos séculos XIX e XX. Campinas: Alínea, 2008.

CHAUÍ, Marilena. **Cidadania cultural**: o direito à cultura. 1. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade/Ed. Unesp, 2001.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Catecismo da Igreja Católica**. São Paulo: Loyola, 1999.

CONGREGATIO DE CAUSIS SANCTORUM. **Canonização do servo de Deus Frei Antonio de Sant'Anna Galvão**: fundador mosteiro das irmãs concepcionistas (Recolhimento N. Sra. da Luz). Posição sobre vida, virtudes e fama de santidade. Biografia documentada. Roma/Itália; São Paulo: [s.n.], 1993. v. II.

CONNERTON, Paul. **Como as sociedades recordam**. Oeiras: Celta, 1993.

CRUZ, Heloísa de F.; PEIXOTO, Maria do Rosário da C. **Na oficina do historiador**: conversas sobre história e imprensa. No prelo, 2008.

DECCA, Edgar S. de. Memória e cidadania. In: SÃO PAULO (Cidade). Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal da Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico. **O direito à memória**: patrimônio histórico e cidadania. São Paulo: DPH, 1992.

DIOCESE DE OSASCO. **Livro do catequista**: fé, vida, comunidade. São Paulo: Paulus, 1994.

DORNELES, Vanderlei. **A revista imperialista**: análise do discurso de Veja na cobertura dos preparativos para a guerra EUA X Saddam. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Belo Horizonte/MG, 2 a 6 Set. 2003. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/.../2003_NP15_dorneles.pdf>. Acesso em: 4 jul. 2008.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. Lisboa (Portugal): Edições 70, 1991. (Perspectivas do Homem, 39).

ECOS Marianos 2008: Almanaque de Nossa Senhora Aparecida. Aparecida: Santuário, 2008.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. Lisboa (Portugal): Livros do Brasil, 2001.

FENELON, Déa R. **Políticas culturais e patrimônio histórico**. O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania. São Paulo: DPH, 1991.

_____; MACIEL, Laura A.; ALMEIDA, Paulo R. De; KHOURY, Yara A. (Org.). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho d'água, 2000.

FREITAS, Antonio de. **Análise do discurso jornalístico**: um estudo de caso. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt>>. Acesso em: 4 jul. 2008.

FREITAS, Eliane T. Martins de. **Memória, ritos funerários e canonização populares em dois cemitérios do Rio Grande do Norte**. 2006. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

FREITAS, Sônia M. de. **História oral**: possibilidade e procedimentos. São Paulo: Assoc. Ed. Humanitas, 2006.

GAETA, Maria Aparecida J. V. “Santos” que não são santos: estudos sobre a religiosidade popular brasileira. **Mimesis**: Revista da Universidade do Sagrado Coração, Bauru, v. 20, n. 1, p. 57-76, 1999.

GEARY, Patrick. Sacred commodities: the circulation of medieval relics. In: APPADURAI, Arjun (Ed.). **The social life of things**: commodities in cultural perspective. United Kingdom: Cambridge University Press, 1986. p. 169-191.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. São Paulo: LTC, 1989.

GODBOUT, Jacques T. **O espírito da dádiva**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

GODELIER, Maurice. **O enigma da dádiva**. Lisboa (Portugal): Edições 70, 2000.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

_____. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HOBBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

JARDIM, José Maria. A invenção da memória nos arquivos públicos. **Revista Ciência da Informação**: Revista do IBICT, v. 25, n. 2, p. 1-13, 1995.

JOÃO PAULO II. **Discurso do Papa João Paulo II aos peregrinos vindos à Roma para a beatificação**. Roma/Itália, 26 out. 1998. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1998/october/documents/hf_jp-ii_spe_19981026_beatific_po.html>. Acesso em: 7 maio 2008.

JUNQUEIRA, Carmen. **Antropologia indígena**: uma introdução, história dos povos indígenas no Brasil. São Paulo: EDUC, 2002.

KERRIOU, Miriam A. de. Museu, patrimônio e cultura: reflexões sobre a experiência mexicana. In: SÃO PAULO (Cidade). Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal da Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico. **O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania**. São Paulo: DPH, 1991.

KHOURY, Yara A. Narrativas orais na investigação da história social. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História do Departamento de História da PUC-SP**, São Paulo, n. 22, p. 79-103, jun. 2001.

KÖPTCKE, Luciana S. Museu de artes e ofícios, Belo Horizonte: afinal, como nascem os museus? **Revista História, Ciência, Saúde – Manguinhos**, v. 12, supl. 0. Rio de Janeiro: 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em: 6 jul. 2005.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996.

_____; TRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LOUREIRO, José Mauro M. Museu da ciência, divulgação científica e hegemonia. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 1, jan./abr. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 28 dez. 2004.

MACHADO, Arlindo. **O quarto iconoclasmo e outros ensaios hereges**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001.

MACHADO, Márcia B.; JACKS, Nilda. **O discurso jornalístico**. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/gtjornalismocompos/doc2001/machado_jacks2001.rtf>. Acesso em: 4 jul. 2008.

MAGALHÃES, Solange Maria F. **Educação patrimonial através compreensão da arquitetura de museus na cidade de São Paulo**. 2006. (Dissertação de mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2006.

MAIA, Thereza R. de Camargo. **Frei Galvão: sua terra e sua vida**. Aparecida: Santuário, 2007.

_____. **Uma casa paulista**. São Paulo: Noovha América, 2007b.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores, 24).

MALRAUX, André. **O museu imaginário**. Lisboa (Portugal): Edições 70, 2000.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora URJ, 2006.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva**. Lisboa (Portugal): Edições 70, 2001.

MEGALE, Nilza Ma. Botelho. **Maria na religiosidade popular**. São Paulo: Ave-Maria, 2007.

MENESES, Ulpiano D. Bezerra de. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. **Anais do Museu Paulista: História e cultura material**. Vol. 2. São Paulo: Universidade de São Paulo, jan./dez., 1994.

MONTES, Maria Lucia. As figuras do sagrado: entre o público e o privado. In: SCHWARCZ, Lilia M. (Org.). **História da vida privada no Brasil**. V. 4: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MORIN, E. **Cultura de massas no século XX**. Vol.1: Neurose. Rio de Janeiro: Forense, 1974.

MOTT, Luiz. Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu. In: SOUZA, Laura de Mello e (Org.). **História da vida privada no Brasil**. Vol. 1: cotidiano e vida privada na América portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 115-220.

NAVARRO, Oscar. Museos nacionales y representación: ética, museologia y historia. In: INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE MUSES. **Curso Creación y gestión de un museo**. Disponível em: <<http://www.ilam.org/talleres>>. Acesso em: 10 out. 2007.

NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História do Departamento de História da PUC-SP**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

OLAVE, Daniela O. **El museo como espacio sagrado**. Disponible em: <<http://www.architecthum.edu.mx/architecthumtemp/ensayos/dosorio1/dosorio1.htm>>. Acesso em: 10 out. 2007.

OLIVEIRA, Cecília Helena de S. Museu Paulista: espaço celebrativo e memória da independência. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Org.). **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Unicamp/Fapesp/Cnpq, 2001.

PAOLI, Maria Célia. Memória, história e cidadania: o direito ao passado. O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania. São Paulo: DPH, 1991.

PEARCE, Susan. **Museums, objects and collections**: a cultural study. Washington D.C. (EUA): Smithsonian Institution Press, 1992.

_____. **On collecting**: an investigation in european tradition. London: Routledge, 2005.

PEIXOTO, M. Cristina Leite. **Santos da porta ao lado**: os caminhos da santidade contemporânea católica. 2006. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

PESEZ, Jean-Marie. História da cultura material. In: LE GOFF, Jacques (Org.). **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 237-285.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**: Revista do CPDOC/FGV, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

_____. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**: Revista do CPDOC/FGV, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

POMIAN, K. Coleção. In: ENCICLOPÉDIA EINAUDI. **Memória-história**. Vol. 1. Portugal: Casa da Moeda, 1985. p. 51-86

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**: Revista do Departamento de História da UFF, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 59-72, 1996.

_____. Forma e significado na História Oral: a pesquisa como um experimento em igualdade. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo, n. 14, p. 7-24, fev. 1997.

_____. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo, n. 14, p. 25-39, fev. 1997.

_____. As fronteiras da memória: o massacre das Fossas Ardeatinas – história, mito, rituais e símbolos. **História & Perspectivas**: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFU, Uberlândia, n. 25 e 26, p. 9-26, jul. 2001/jul. 2002.

PROJA, Giovanni B. **Imagens, relíquias e bênçãos**: os gestos da fé e seu significado. São Paulo: Ave-Maria, 2007.

QUEIROZ, M. Izaura Pereira de. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: SIMSON, Olga de M. von (Org.). **Experimentos com histórias de vida**: Itália-Brasil. São Paulo: Vértice, 1988. p. 14-43.

RABELO, Miriam C. Religião e cura: algumas reflexões sobre a experiência religiosa das classes populares urbanas. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, ano 9, v. 3, p. 316-325, jul./set. 1993. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 07 out. 2007.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: evolução e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

RIBEIRO, Jorge C. **Sempre alerta**: condições e contradições do trabalho jornalístico. São Paulo: Brasilienses/Olho d'água, 1994.

ROMEIRO, Márcia A. Sombras. In: RIBEIRO, Jorge C. (Org.). **Moradas do mistério**. São Paulo: Olho d'Água, 2000.

SAMUEL, Raphael. Teatros de memória. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo, n. 14, p. 41-81, fev. 1997.

SANCHIS, Pierre. Despontando novo ator no campo religioso brasileiro? O Padre Cícero Romão Batista. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, n. 27, v. 2, p. 11-29, 2007.

SANTOS, Armando A. dos. **Frei Galvão**: o primeiro santo brasileiro. São Paulo: Petrus, 2007.

SCARANO, Julita. **Fé e milagre**: ex-votos pintados em madeira: séculos XVIII e XIX. São Paulo: Edusp, 2004.

SCHWARCZ, Lília K.M. O nascimento dos museus brasileiros (1870-1910). MICELI, Sérgio (Org.). **História das ciências sociais no Brasil**. Vol. 1. São Paulo: Sumaré, 2001.

SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memória em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Org.). **Memória e (re)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. São Paulo: Ed. Unicamp/Fapesp/Cnpq, 2001.

SILVA, Marcos A. da. **História**: o prazer em ensino e pesquisa. São Paulo: Brasiliense, 2003.

_____. (Org.). **Dicionário crítico Câmara Cascudo**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

_____. (Org.). **Repensando a história**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1984.

SILVA, Zélia Lopes da (Org.). **Arquivos, patrimônio e memória**: trajetórias e perspectivas. São Paulo: Ed. Unesp/Fapesp, 1999.

SOUZA, Bianca G. de. **Encontro de uma família**: identidade e memória entre os Perin. 2004. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

STARK, Rodney. **O crescimento do cristianismo**: um sociólogo reconsidera a história. São Paulo: Paulinas, 2006.

TEIXEIRA, Jorge J. V.; LEFÈVRE, Fernando. Significado da intervenção médica e da fé religiosa para o paciente idoso com câncer. **Ciência & Saúde Coletiva**, ano 13, v. 4, p. 1247-1256, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 07 out. 2007.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WILLIAMS, Raimond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

ZUNTHOR, P. **A letra e a voz**: a “literatura” medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Referências de fontes jornalísticas e eletrônicas

AGNELO, Geraldo M. Um santo para todos os tempos. **Portal da CNBB - Dia-a-Dia**, Brasília, DF, 28 fev. 2007. Disponível em: <http://www.cnbb.org.br/index.php?op=noticia&subop=14352>. Acesso em: 10 mar. 2008.

BATALIM, Marisa. Seria o terceiro milagre de frei Galvão? **Bom Dia Sorocaba**, Sorocaba, 1 abr. 2007. Disponível em: <http://www.bomdiasorocaba.com.br/index.asp?jbd=2&id=108&mat=71036>. Acesso em: 7 jul. 2008.

BRASILEIRA diz que foi curada por “milagre virtual”. **Catoliconet**, São Paulo, 18 jun. 2007. Disponível em: <http://www.catoliconet.com/?system=news&action=read&id=45541>. Acesso em: 5 nov. 2008.

BRITO FILHO, Paulo C. Carta do diretor. **Catolicismo**: Revista de Cultura e Atualidades, São Paulo, Jun/2007. Disponível em: www.catolicismo.com.br. Acesso em: 19 abr. 2008.

CADORIN, Célia. **Frei Galvão**. Entrevistadora: Bianca Gonçalves de Souza. São Paulo, 27 jul. 2008. Mp3 (64 min).

CAPITELLI, Marici. Nas placas, a história feminina de SP. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 8 mar. 2009. Caderno Cidades/Metrópole, p. C8.

CAPRIGLIONE, Laura. Mulher do milagre de frei Galvão se casa na igreja diante do filho de 7 anos. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 7 mai. 2007. Caderno Brasil. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u91959.shtml>. Acesso em: 17 jul. 2008.

CAVALLARI, Marcelo M. Como decifrar Bento XVI. **Época**, São Paulo, nº 467. 30 abr. 2007. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG77184-6014-467,00.html>. Acesso em: 25 abr. 2008.

CHAGAS, Carolina. Mosteiro da Luz distribui mais de 30 mil pílulas de frei Galvão ao dia. **Folha Online**, São Paulo, 11 mai. 2007. 009h06min. Disponível em: www.folha.com.br. Acesso em: 14 fev. 2008.

CIDADES DA FÉ. Nº 1. Guaratinguetá: Expedições Editora, nov. 2007.

COELHO, Rogério. O espiritismo não faz milagre. **Panorama Espírita**, Divinópolis, 14 jan. 2007. Disponível em: <http://www.panoramaespirita.com.br/modules/smartsection/item.php?itemid=7629>. Acesso em: 5 mai. 2009.

CONHEÇA a origem das pílulas e os milagres de frei Galvão. **Canção Nova**, Cachoeira Paulista, 25 out. 2007, 2h42m. Disponível em: <http://noticias.cancaonova.com/noticia.php?id=243712>. Acesso em: 7 mai. 2008.

CORRESPONDÊNCIA. **Catolicismo**: Revista de Cultura e Atualidades, São Paulo, jul. 2007. Disponível em: www.catolicismo.com.br. Acesso em: 5 nov. 2008.

EM SEU DIA, São Frei Galvão recebe diploma de engenheiro. **Gazeta Online/G1**, São Paulo, 25 out. 2008. Disponível em: http://gazetaonline.globo.com/index.php?id=/local/minuto_a_minuto/nacional/materia.php&cd_matia=27632. Acesso em: 5 nov. 2008.

ENTRE A FÉ e a ciência. **Super Interessante**, São Paulo, Ed. 129, jun. 1998. Disponível em: http://super.abril.com.br/superarquivo/1998/conteudo_63019.shtml. Acesso em: 10 mar. 2008.

ENTREVISTA com irmã Célia. **Catolicismo**: Revista de Cultura e Atualidades, São Paulo, set. 1998. Disponível em: <http://www.catolicismo.com.br>. Acesso em: 19 abr. 2008.

FERNANDÉZ, Santiago. O acolhimento a S.S. Bento XVI no Brasil. **Catolicismo**: Revista de Cultura e Atualidades, São Paulo, jun. 2007. Disponível em: www.catolicismo.com.br. Acesso em: 5 nov. 2008.

FERREIRA, Rodrigo. Dia de frei Galvão deve levar 4 mil a Mosteiro da Luz. **O Globo**, São Paulo/Rio de Janeiro, 25 out. 2008. Disponível em: http://oglobo.globo.com/sp/mat/2008/10/25/dia_de_frei_galvao_deve_levar_4_mil_mosteiro_da_luz-586119073.asp. Acesso em: 5 nov. 2008.

FONTANA, Cláudio. **Frei Galvão**. Entrevistadora: Bianca Gonçalves de Souza. São Paulo, 28 jul. 2008. Mp3 72 min.

FREI Galvão é beatificado no Vaticano. **Jornal do Commercio**, Recife, 26 out. 1998a. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/JC/1998/2610/br2610a.htm>. Acesso em: 4 jul. 2008.

FREI Galvão, o beato brasileiro. **Isto É**, São Paulo, 15 abr. 1998b. Disponível em: <http://www.terra.com.br/istoe/semana/148910a.htm>. Acesso em: 20 ago. 2008.

FREI Galvão, um santo brasileiro. **Bons Fluidos**, São Paulo, ed. 97, mai. 2007. Disponível em: http://bonsfluidos.abril.com.br/livre/edicoes/0097/12/12_01.shtml. Acesso em: 15 ago. 2008.

FUNCIONÁRIA da Casa de frei Galvão. **Frei Galvão**. Entrevistadora: Bianca Gonçalves de Souza. Guaratinguetá, Casa de frei Galvão, 10 fev. 2008. Mp3, 22 min.

GENARO, Teresa. Celebração é marcada por milagres. **RCC BRASIL**. 12 mai. 2007. Disponível em: http://www.rccbrasil.org.br/formac/biblioteca/show_textos.php?link=bibliot&aba=formac&grupo=artigos&nome=txt_000492.php&titulo=Celebração%20é%20marcada%20por%20milagres. Acesso em: 5 nov. 2008.

GONÇALVES, Francisco. Igreja faz 1ª festa de São Frei Galvão. **O São Paulo**: Seminário da Arquidiocese de São Paulo, São Paulo, ano 52, nº 2669, 23 out. 2007. Disponível em: http://www.arquidiocese-sp.org.br/jornal_o_sao_paulo/2007/071023/jornal_o_sao_paulo_noticias_04.htm. Acesso em: 7 mai. 2008.

GOVERNOS europeus e ONU reagem a declaração do papa sobre camisinhas. **Folha Online**, São Paulo, 18 mar. 2009, 19h05m. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u536899.shtml>. Acesso em: 28 abr. 2009.

IWASSO, Simone. Jovem católico apóia camisinha. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 5 mai. 2007. Disponível em: http://www.ccr.org.br/a_noticias_detalhes.asp?cod_noticias=245. Acesso em: 28 abr. 2009.

IWASSO, Simone; PORTELLA, Andréa; SILVA, Cleide; GODOY, Marcelo. Brasil ganha seu primeiro santo. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, Caderno Especial, 12 mai. 2007. Disponível em: www.estadao.com.br Acesso em: 25 abr. 2008.

JOVEM de 1º milagre pensou em ser freira. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Caderno Brasil, 11 mai. 2007. Disponível em: www.folha.com.br. Acesso em: 17 jul. 2008.

JUNQUEIRA, Eduardo. Auréola nacional: Frei Galvão será o primeiro brasileiro nato a receber a beatificação da Igreja Católica. **Veja**, São Paulo, 15 abr. 1998.. Disponível em: http://veja.abril.com.br/150498/p_078.html. Acesso em: 25 abr. 2008.

LEIA o texto do papa na missa de canonização de frei Galvão. **Folha Online**, São Paulo, 11 mai. 2007, 10h 59min. Disponível em: <http://www.folha.com.br>. Acesso em: 14 fev. 2008.

LEIJOTO, Marcio. Fui salva pelo frei Galvão. **Diário da Manhã**, Goiânia, ed. 7124, 9 mai. 2007. Disponível em: <http://www.dm.com.br/old/impresso.php?id=183372&edicao=7124&cck=2>. Acesso em: 7 jul. 2008.

LEMBRANÇAS de frei Galvão. **Catolicismo**: Revista de Cultura e Atualidades, São Paulo, jun. 2007. Disponível em: <http://www.catolicismo.com.br>. Acesso em: 5 nov. 2008.

LOPES, Adriana Dias. Autorizada canonização de frei Galvão. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, Caderno Vida &. São Paulo, 19 dez. 2006. Disponível em: <http://www.txt.estado.com.br/editorias/2006/12/19/ger-1.93.7.20061219.1.1.xml> Acesso em: 7 mai. 2008.

LUNA, Fernando. Contra-indicação: Dom Aloísio Lorscheider surpreende o rebanho católico ao proibir as pílulas de frei Galvão. **Veja**, São Paulo, 25 nov. 1998. Disponível em: http://veja.abril.com.br/251198/p_140.html. Acesso em: 10 mar. 2008.

MAIA, Thereza. **Frei Galvão**. Entrevistadora: Bianca Gonçalves de Souza. Guaratinguetá, Casa de frei Galvão, 15 set. 2007. Mp3 (41 min).

MANSO, Bruno Paes. Movendo montanhas: primeiro beato brasileiro, frei Galvão já atrai multidões e aquece comércio católico. **Veja**, São Paulo, 11 nov. 1998. Disponível em: http://veja.abril.com.br/111198/p_144.html. Acesso: 10 mar. 2008.

MILAGRE duplo confirma santidade de frei Galvão. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, Caderno Cidades/Geral, 22 dez. 2006. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/arquivo/nacional/2006/not20061222p60470.htm> . Acesso em: 17 jul. 2008.

MILAGRES. Disponível em: <http://eucreiroemmilagres.com.br>. Acesso em: 29 abr. 2009.

MISSA de canonização do 1º santo brasileiro reúne 1,2 mi, diz SPTuris. **Folha Online**, São Paulo, 11 mai. 2007, 12h43min. Disponível em: www.folha.com.br. Acesso em: 14 fev. 2008.

MULHER pede ser curada a Frei Galvão via internet e obtém “milagrosa” cura. **Universo Católico** 24 jun. 2007. Disponível em: <http://www.universocatolico.com.br/content/view/14328/98/>. Acesso em: 5 nov. 2008.

NOGUEIRA, Armênio. **Frei Galvão**. São Paulo, Mosteiro da Luz, 26 jul. 2008. Anotações.

NOGUEIRA, Lídia. Comércio já explora imagem de frei Galvão. **Jornal ValeParaibano**, São José dos Campos, 19 abr. 1998. Disponível em: <http://jornal.valeparaibano.com.br/1998/04/19/fv/freiga16.html>. Acesso em: 19 abr. 2008.

OS NOMES mais citados. **Veja**, São Paulo, Ed. 1900, p. 80-81, 13 abr. 2005.

PARE de tomar a pílula. **Época**, São Paulo, 23 nov. 1998. Disponível em: <http://epoca.globo.com/edic/19981123/socied2.htm>. Acesso em: 13 jun. 2008.

PEREIRA, Paula. A advogada dos santos. **Época**, São Paulo, ed. 188, 24 dez. 2001. Disponível em: <http://epoca.globo.com/edic/20011224/soci1a.htm>. Acesso em: 7 jul. 2008.

POSTULADORA fala sobre o processo de canonização de frei Galvão. **Canção Nova News**, Cachoeira Paulista, 24 out. 2005. Disponível em: <http://www.cancaonovanews.com>. Acesso em: 13 jun. 2008.

SABINO, Mario. A Igreja precisa de oficina. **Veja**, São Paulo, ed. 1900, 13 abr. 2005, p. 14.

_____. Bento XVI: a verdade, nada mais que a verdade. **Veja**, São Paulo, Ed. 2008, 16 mai. 2007a, p. 70-81.

_____. Bento XVI, um papa de transição. **Veja**, São Paulo, Ed. 2007, 9 mai. 2007b. Disponível em: <http://www.veja.com.br>. Acesso em: 10 mar. 2008.

SAMPAIO Lívia. Garoto do milagre faz primeira comunhão com Bento XVI. **Folha Online**, São Paulo, 12 mai. 2007, 08h36m. Disponível em: www.folha.com.br. Acesso em: 14 fev. 2008.

SANTIAGO, Renato. No campo de Marte, parentes de frei Galvão esperam pela canonização. **Folha Online**, São Paulo, 11 mai. 2007, 11h58m. Disponível em: www.folha.com.br. Acesso em: 14 fev. 2008.

SANTOS, Mônica. Os santos de casa. **Veja São Paulo**, São Paulo, 31 out. 01. Disponível em: <http://veja.abril.uol.com.br/vejasp/311001/comportamento.html>. Acesso em: 7 mai. 2008.

TÓFOLI, Daniela. Papa declara frei Galvão 1º santo brasileiro. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Caderno Brasil, 12 mai. 2007. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/indices/inde12052007.htm>. Acesso em: 17 jul. 2008.

_____. Papa torna hoje frei Galvão 1º santo do país. **Folha Online**, São Paulo, 11 mai. 2007, 8h7min. Disponível em: www.folha.com.br. Acesso em: 14 fev. 2008.

VEJA. São Paulo, Ed. Abril, edição 1515. ano 30, nº 39, 1 out. 1997.

_____. São Paulo, Ed. Abril, edição 1899. ano 38, nº 14, 6 abr. 2005a. Encarte Especial n. 40 [sobre a vida de João Paulo II].

_____. São Paulo, Ed. Abril, ed. 1900. ano 38, nº 15, 13 abr. 2005b.

_____. São Paulo, Ed. Abril, ed. 1902. ano 38, nº 17, 27abr. 2005c.

_____. São Paulo, Ed. Abril, Ed. 1997, ano 40, n. 8, 28 fev. 2007a.

_____. São Paulo, Ed. Abril, ed. 2008. ano 40, nº19, 16 mai. 2007b.

VICTOR, Fábio. Garoto de milagre vira celebridade instantânea. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Caderno Brasil, 10 mai. 2007. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/indices/inde10052007.htm>. Acesso em: 17 jul. 2008.

WEIS, Bruno; PROPATO, Valéria. Procura-se Deus. **Isto É**, São Paulo, 30 dez. 1998. Disponível em: <http://www.terra.com.br/istoe/politica/152630.htm>. Acesso em: 20 ago. 2008.

APÊNDICE A – Entrevista com a Dona Thereza Maia – setembro de 2007

Entrevistadora: Como surgiu a idéia de fazer o museu, foi só por causa dos 250 anos ou já tinha uma proposta?

D. Thereza: *Já tinha uma proposta e em torno de 1956, 57, da prefeitura comprar a casa, pra fazer o museu do frei Galvão. Só que a prefeitura achou que a casa tava muito estragada, etc, que ia gastar, não comprou. Quando eles saíram (antigo inquilino) o telhado tava suspenso por paus, em cima dos armários, e aí, a primeira chuva, ruiu. Nisso, o meu pai já tinha, foi questão de uma semana, eles tavam saindo, aí vieram pedir pro meu pai comprar, que era parente do frei Galvão, como eles, e que eles não tinham, os herdeiros não tinham dinheiro para consertar, aí o papai comprou a casa e guardou o material, quando ela caiu. Guardou telhas, guardou janelas...*

E.: Peças originais.

D. Thereza.: *Peças originais. E ficaram parte das taipas como muro, as calçadas, aquelas de entrada... Bem, aí passaram muitos anos, quando eles pararam nesse estado. 30 anos depois passou pra mim, e aí nós fizemos o levantamento, e a planta antiga teve que ser atualizada, o banheiro era fora, a cozinha era fora, como toda casa colonial e não sei se você sabe porque a cozinha era fora? Por causa de incêndio. É um fogão de lenha, falta de cuidado, então era cozinhas grandes. Aí a casa foi refeita conforme a prefeitura manda, com banheiro dentro, as alcovas viraram áreas pra arejar, tinham janelas, então, exteriormente a casa é a mesma, mas interiormente ela teve que ser modificada, introduzir banheiro mais e tirar as alcovas.*

Aí, isso foi em 89, aí começou o processo da canonização, primeiro vem a beatificação depois a canonização, e veio a irmã Célia, que é a postuladora da causa, e uma equipe enorme de São Paulo. Visitou aí foi interessante, contou um ponto altíssimo no processo, sabe por que? Por que a memória dele, preservada, duzentos e tantos anos depois, tanto que havia a casa, embora atualizada, mas havia o ponto e foi preservado, então, pro processo lá, foi um sucesso! Tinha o ponto onde ele nasceu, que completou a exumação, que é o início do processo. A exumação tem que ser feita pra se provar que o santo existiu, que o corpo está ali, que não era um mito. Porque ele morreu em 1822, então, a partir daí, então começou o processo. O museu frei Galvão, que já existia de 1972, acudiu muito com a documentação, porque nós tínhamos lá, no arquivo, todos os inventários, desde a mãe, dos irmãos, teve que provar todos que eram católicos, casados, que era uma família católica, é um trabalho.

No museu tem o processo. Porque o processo mesmo é a beatificação. Aí encerra o processo, a canonização só depende do milagre.

E.: No caso é uma consequência.

D. Thereza.: *É, uma consequência. Aí não precisa mais processo nenhum. Então tem no museu também, eu não garanto pra você que eu posso atender, porque eu to ocupada com os caminhantes do caminho de frei Galvão, que vão chegar às duas horas, então tem que tá aqui pra receber.*

Então aí a irmã Célia, com a beatificação, falou assim: “Agora você vai ter que abrir um espaço na casa, ce vê o que é mais fácil”, porque a menina mora em cima...E pra receber as pessoas, porque os devotos querem e ela sugeriu, leve as peças que tem lá, ponha lá, então nós montamos esse museu simples, mas é da vida dele.

E.: Certo e essa casa, onde estava o museu, que que é, é da prefeitura?

D.: *Thereza: Não, não, é uma ong, nada a ver, é um museu frei Galvão, é particular, nós que fundamos, eu não, mas um grupo, em 1972, nos 150 anos da morte dele. Daí que chama museu frei Galvão. Mas acho que a gente tava obedecendo um plano divino (risos)...Porque foram acontecendo as coisas, coincidência ou não né?*

E.: E a casa, ela é tombada?

D. Thereza: *Ela é tombada pelo município, como patrimônio do município.*

E.: E essa da senhora, o pessoal me falou que é original, essa é tombada?

D.: Thereza.: *Essa é tombada pelo CONDEPHAAT. Tem até no livro, tem tudo resumido.*

E.: E a casa, hoje, como ficou, a renda?

D. Thereza: *Então a renda é o seguinte, nós fizemos o que irmã mandou, umas lembrancinhas e com a venda dessas lembrancinhas, o mais barato possível, é o que mantém a funcionária. Aí começou a vir muita excursão, minha filha abriu essa lojinha, pra apoio lá, mas o que querem mesmo é a pílula. Mas a gente fala: “a senhora não vai ganhar a pílula nem rezar, antes de conhecer o santo. Como é que vai ser, pegar a pílula e não saber pra quem tá rezando?” (risos). Então aí, nós tamo nessa, de obrigar a pessoa a visitar.*

Então, é um anexo do museu frei Galvão, é a parte assim, votiva, parte religiosa mesmo. Agora, a parte de documentação dele, pessoal, o que tem documentos, o processo de beatificação e de canonização, tá tudo lá no museu, para uma pesquisa é lá.

D. Thereza: *Então, até você vai ver lá na casa, que tavam guardadas comigo, agora eu pus lá, duas imagens de Santana, porque ele era Sant’Anna Galvão, e até ganhei mais uma essa semana, também veio de Roseiras, da família. Como eu tô esperando chegar o oratório, que eu vou ter que pôr vidro, tudo, porque é antiga...*

E.: Todos esse objetos vieram da família?

D. Thereza: *Todos. Todos.*

E.: E era uma família relativamente abastada, na época?

D. Thereza: *Muito abastada. Ele é século XVIII, quer dizer, final do século XVIII, XIX, era mobília típica, porque a daqui de casa também é daquele tipo. Mas, a família era rica sim. O pai tinha uma venda aqui na esquina, que a casa era maior, o terreno chegava até o ribeirão, depois foram loteando... A venda dele era essa esquina de cima aí, é a estrada São Paulo-Rio, então ele tinha a venda pra atender tropeiros, ferradura e comida, e emprestava dinheiro a juro. Tanto que no inventário da mãe, você vai ver muita dívida, mas o pai foi capitão-mor...*

E.: A casa hoje é só tombada pelo município?

D. Thereza: *Só.*

E.: E o município não ajuda?

D. Thereza: *Não, nem no turismo. Apesar de... aquele rapaz que tá ali de guarda...e a prefeitura não caiu a ficha ainda...é importante... porque a gente recebe excursão, vieram padres da Alemanha...*

E.: E ele começou o seminário aqui em Guará?

D. Thereza: *Ele começou o seminário, o pai mandou o menino Antonio pra Belém, na Bahia, um seminário de Belém, que é um seminário jesuíta, feito pelo padre Alexandre de Gusmão, e ele lá fez um estudo grande, ficou uns três ou quatro anos, não se sabe bem, mas aí começou aquele problema do Pombal, recolher os jesuítas. O pai mandou buscar, ele e um irmão que estava lá, que depois ele casou, esse irmão, não continuou. E o frei Galvão veio pra cá, ficou até uns 21 anos aí na casa, e entrou um seminário franciscano. Teve primeiro no convento de Taubaté, me parece que... não tive tempo de conferir o tempo, de lá, como parece que ele já tinha muito estudo, que parece que seminário jesuítico era muito violento, o estudo. Ele aprendeu muito, então disse que dispensou várias matérias, aí mandaram ele pra Macacu, no estado do Rio, num convento franciscano lá, que hoje tão restaurando, e de lá ele foi professor ...pro convento de Santo Antonio, no Rio de Janeiro. E aí foi mandado pra convento em São Paulo, de São Francisco, ali do lado da faculdade. E, na vinda, como era de praxe, e também naturalmente ele queria, ele rezou a primeira missa aqui, na catedral, que é antiga matriz.*

Ele celebrou a primeira missa, já havia feito a primeira comunhão aí, celebrou a primeira missa e depois sempre voltava aqui pra ver os parentes, tem milhares de casos...Aí ele ficou

lá, embora como missionário ele visitasse a região. Aí ele tinha, minha vó que dizia, que ele andava; na hora que cê pensava que ele tava aqui, já estava no Rio de Janeiro, daí o caminho de frei Galvão, agora, ele andava muito e como tinha mais de 1,90, então tinha passo grande!

E.: Tradicionalmente o turismo aqui é católico, tem conflito, tem gente que não gosta?

D. Thereza: *Não. Parece que na época da canonização, os protestantes, como sempre... Claro que não gostaram. Mas nunca se manifestaram, nunca fizeram nada. E agora o povo aqui, não sabe o que é turismo, tá começando a aceitar. Porque aqui, na cabeça de Guará,... todos rezavam, tudo. Então a única parte assim, a cidade adora o frei Galvão, claro que os católicos. Mas o que tá faltando é justamente apoio da prefeitura, um estacionamento, aqui no centro, organizado, banheiro não tem. Aí nós, essa aqui é da minha filha, aí tinha uma cabeleireira, passou ali pra cima, e ela então abriu, pôs um banheiro ali, pra atender, tem gente da terceira idade, né?*

APÊNDICE B – Entrevista com a irmã Célia Cadorin – 27 jul. 2008

Irmã Célia: Aqui, só pra você ter uma idéia, a gente pra fazer etapas de uma causa, são quatro. Quando começa a causa, propriamente dita, a pessoa fica servo de Deus. Depois a gente escreve... vai fazendo a coleta de documentos, e aí escreve a vida, as virtudes e a fama de santidade. O ponto de partida é a fama de santidade, e se a pessoa não tem fama de santidade, você não vai fazer a minha, porque eu não tenho, né, a dele possa ser que tenha... Sendo aprovado isso aqui pelos teólogos, cardeais e bispos, aí vai para o papa, que examina e se tudo estiver certo ele promulga, através de um decreto, as virtudes heróicas da pessoa. E a pessoa então passa a ser chamada de venerável. Nós temos uma venerável no Brasil, é a madre Maria Teodora...ela é venerável desde 1989. O dia que recebeu o decreto do milagre da madre Paulina, de ser beata, ela recebeu o decreto de venerável. Tá encadeado. Olha que eu já andei esse Brasil pra achar um milagre, e a gente perde né?

Então com esse volume aqui a pessoa fica sendo venerável. Se ela tem uma graça bonita, né, tem que ter quatro qualidades: a cura...tem sempre o antes e o depois...É instantânea, muito rápida; perfeita, sem nenhuma seqüela; duradoura, que se mantém no tempo; e preternatural, que a medicina não tem explicação, então entram os peritos, a junta médica, os teólogos, os cardeais e bispos. Mais ou menos em torno de 25 a 28 pessoas examinam o milagre.

Se tudo dá certo, vai ao papa e aí vem o decreto do milagre. Então o decreto das virtudes heróicas e o decreto do milagre...é a beatificação que aconteceu em 98. E depois, pra ser santo, ele tem que fazer um outro milagre, e esse temos aquele que é o da Sandra, que foi visto na canonização. Então fez milagre, ele ficou santo.

Entrevistadora: E a senhora acompanhou todas essas etapas do processo?

Irmã Célia: Dele sim. Quer dizer, eu peguei tudo que eu achei. Por exemplo, eu achei uma coisa lá no Mosteiro, muito bem feita, quando começaram o processo em 1938... Em 49 foi retomado um dia; em 69 uma semana e depois ficou aí em 85 o dom Paulo começou, aí o postulador era muito bom, porém perdeu a visão praticamente, ficou cego praticamente, aí quando eu fui falar com dom Paulo e o padre Arnaldo Vicente Belli, sobre madre Paulina, que eu tinha que abrir a urna, pra verificar como estava, é um passo próprio, antes da beatificação. Tem que verificar como é que estão os restos mortais do novo beato.

E.: É a exumação?

Irmã Célia: Não, a exumação é outra coisa e lá no cemitério, já tinham trazido da minha madre pra cá em 67 e aí em 1990, por aí, é porque o papa vinha em 91, nós pedimos para falar com o cardeal para abrir a urna, pra ver como é que tavam os ossos. Antigamente os ossos ficavam dentro de uma urna de metal, dentro de uma de mármore, dentro de uma de madeira. Agora não é mais de metal, o Vaticano trocou, agora é de acrílico, que não cria...de são Pedro já trocaram, de são Francisco, santo Antonio, esses santos antigos, né?

Aí fomos falar com o cardeal, aí quando a gente terminou de falar, ele olhou pra padre Arnaldo e disse assim: “Arnaldo, agora que você terminou a Paulina, você não queria pegar o frei Galvão?” O padre Arnaldo disse, “eu posso pegar, se a Célia pega”. Eu tava do lado de cá. Aí ele olha pra mim e disse, e tu Célia...eu disse dom Paulo, você sabe que sou freira...”na próxima semana eu vou celebrar uma missa e vou falar com a sua geral”.

(1ª pausa do gravador, a pedido da entrevistada)

Irmã Célia: ...Então, eu dei pra tipografia, enquanto a tipografia fazia a impressão, eu vim pra o Brasil, porque eu queria estudar as graças. Primeiro é só a biografia, depois eu pedi para umas irmãs e pra uma enfermeira também, tinha a irmã Cláudia também, caixas e

caixas de graças. Tanto que...aqui na biografia você vai ver, que fiz uma demonstração das graças e isso é muito importante e eu levei para o Vaticano, que causou impacto tremendo, 23.929 graças... isso ajudou e a gente escolheu algumas assim, pra dar uma demonstração de como eram as graças, sem modificar nada, né. Então eu vim pra cá pra estudar essa parte, enquanto a tipografia faz... ela leva bem uns três ou quatro meses, né.

Acontece que...eu desci aquela escada ali de trás, desci uns quatro ou cinco degraus, quando passou a superior, que está no céu, madre Virgínia, com um homem, né, eu não sabia quem é, e ela veio pra cá pra dar um cafezinho pra ele. Mas quando ele passou na frente da porta da escada, ele disse assim, “milagre de madre Paulina”. Eu ia pra portaria... Não, eu vou ver quem é esse homem. E vim devagarinho... e onde o padre tá sentado agora, ele sentou lá. E a madre tava servindo um cafezinho pra ele, né, isso entrei na porta e ela falou: Ó, padre, essa que cuida...e ele disse, “sabe irmã, eu acho que tem um milagre da madre Paulina lá no Acre”. Ele trabalhava lá, no Rio Grande. Aí a madre disse, senta aí, Célia, te dou um cafezinho, conversa com esse padre, cê lembra, a madre Virgínia era uma coisa, aí ele me contou toda a história... E aí ele acabou e eu disse “onde é que o senhor vai hoje à noite?” Por que? “Porque se o senhor pudesse me dar tudo isso até às nove ou dez horas da manhã, era muito importante pra mim”. Por escrito... ele disse “eu tenho poucos dias no Brasil, eu tenho que voltar pra Roma”.

E.: Nisso já tava andando o processo dele?

Irmã Célia: Já tava na tipografia, é porque isso foi em...era 94, já, né...porque em 92 que aconteceu o milagre da Paulina, e ele veio passar férias aqui em 94 e “eu vim de Roma pra ver as graças...” e me contou esse da Paulina. Aí ele veio de manhã e me trouxe. E eu me tranquei por uma hora, estudei bem, assim a lei, e fui no escritório da geral, que tá aqui, eu disse, “eu vou pro Rio Branco, o Acre”, o que? “Sim, vou pro Acre, não tem muita conversa, porque eu não posso falar muito, queria ir ver uma coisa da Paulina”. Chamou a...Olha...”vou comprar a passagem,... porque eu quero saber como é que é que lá eu não conheço”,...” eu preciso telefonar pra lá, deixa pra mim”, aí, fui pra cidade, ...fui numa agência da Varig, comprei, aí dei a volta e ...já telefonei lá pras freiras, as freiras bendita já fala com a vó, pra mãe, quando chego lá no aeroporto tá a vó, a mãe e a nenê, toda de branco, parecia um pintinho...e tava já a televisão. Aí eu disse, “não gente, eu não posso falar nada, se eu falar estraga tudo”. E eles me entenderam, “o dia que eu puder dar essa entrevista, mas eu dou de coração. Agora, hoje não”.

Aí eu fui pro hospital...Aí eu fui na clínica, eu disse, “doutor eu quero ter uma consulta, quanto é?” 80 reais, eu paguei, né, “só que eu quero ser a última pessoa”. A senhora espera? Espero. Ele era um espanhol, boliviano, e eu disse, “eu trabalho pro Vaticano, aconteceu um caso assim, o senhor lembra”? Lembro, que que o senhor me diz? Aí, o senhor é católico? Aquele é, é...não, bom, tudo igual, tudo igual... aí eu disse, “aquele caso é importante”? Muito, “senhor acha que aquilo é um milagre?” É um milagre. Então “doutor, o senhor pode me dar uma declaração até amanhã, porque depois de amanhã, meio-dia, eu volto pra São Paulo”. Não, não, pode me procurar... Ele disse, por que a senhora não vai lá no hospital?...Não, eu levo a senhora... Aí no dia seguinte passei por vários médicos que tinham tratado a pequena, conversei assim rápido, pedi a declaração, peguei um prontuariozinho que era pequeno, do hospital, embarquei e vim pra cá. Esse material eu peguei e levei...Tinha um médico judeu, muito bom, que trabalhava pra esse hospital,...aí chamei um católico, é bom, é bom... aí cheguei lá, como ele já tinha estudado o primeiro milagre da Paulina, que é da dona Heloísa,...esse mesmo médico com esse material. Não, “o material é bom”, só que a criança é pequena. Aí eu fiquei trabalhando assim o Galvão, e tocava o milagre da Paulina, porque dá uns intervalos grandes, dá pra você trabalhar.

E.: Essa experiência que a senhora teve, com a madre Paulina, ajudou para o frei?

Irmã Célia: *Sim, eu tinha naquela época da Paulina um grande postulador, era postulador há 60 anos, sabia tudo... Então, quando eu fui fazer frei Galvão, ele ficou doente, me indicou para ser postuladora, tanto que eu não fiz curso, “ela trabalha comigo há ... anos, ela sabe tudo”...Inclusive, porque enquanto a Paulina ia pra frente, pra ser beata, eu fiz o processo do padre...em três meses.*

E.: Quantos processos a senhora já participou?

Irmã Célia: *Ah, ih...não, não tenho, mas só na Itália, uns seis, sete, e aqui eu ajudei tantos...*

E.: Mais de 10, 15?

Irmã Célia: *Mais, mais...E dele, apesar de ter sido mais fácil, porque a senhora já tinha experiência, o que foi difícil no processo dele?*

Não, difícil, difícil foi a última parte dos teólogos, que me levantavam umas dúvidas (risos)...e aí sim, fiquei diabética, porque eu já sabia que o papa vinha, já tinha sido comunicado, e aí sim, eles me fazendo umas perguntas que, Pai Eterno, tenha piedade! (risos)

E.: Mas ele são bastante rígidos?

Irmã Célia: *Sim, sabe, ...coisas pequenininhas, que não tem a ver...mas você tem que responder, se você não responde...podia estar lá até hoje... São, são, em parte é bom, porque esclarece, mas quando é demais, né... Porque esse processo aqui já tinha sido examinado pelos médicos, então a parte mais importante...o processo do Enzo, então esse aqui é da junta médica, 18 de janeiro de 2006....Isso aqui é importante... É uma tese... Diagnóstico de cinco cientistas, cinco médicos, e um sabe do outro, eles fazem o envelope na hora. E tem oito testemunhas, do Vaticano, que não dizem uma palavra, só observam. Depois prognóstico, cinco sobre cinco, terapia, cinco sobre cinco, depois modalidade da evolução do caso, da cura, cinco sobre cinco. Aqui é pacífico, então com isso aqui a gente prepara a parte teológica... o dos médicos, é coisa de doido!*

E.: E quem redigiu essa parte científica?

Irmã Célia: *Eu mesma. E aqui é dos teólogos, né, aqui você não tem que provar tanto, já tá provado cientificamente, já tem o parecer dos médicos, mas aqui você vai trabalhar mesmo, mesmo, mesmo, é a invocação... A invocação, pros médicos você faz uma síntese, que desdobra a parte científica; pros teólogos, faz síntese da parte científica, que desdobra em invocação. Com todos os pormenores, tudo, tudo, olha aqui, é dia hora, tudo, tudo. Eu... o processo 5 vezes antes de começar, eu sei onde tá tudo. Essa parte dos teólogos é mais resumida, porém é mais exigente na parte teológica, né.*

Depois isso vai para a comissão dos cardeais e bispos, de 10 pessoas, 15, eu tive 15 dessa vez, que examinaram. Aí depois então vem o decreto do papa, como é pra uma canonização, o papa então pede o conselho, um tipo assim de um congresso de cardeais, que nós chamamos de consistório, normalmente é sigiloso...e aí, eu nem fiquei lá. E depois na última hora a embaixatriz, a embaixadora do Brasil me telefona, dizendo que não, que ia ser público, mas aí, e ela foi né, mas eu não, ia fazer uma viagem...já tinha ido da Paulina, chega né?

Então veio o decreto do papa, depois veio o consistório e no consistório ele diz o local e o dia da canonização. E aí eu já tinha sido prevenida, de que ele vinha pro Brasil, se eu conseguisse dar conta, ele podia ter feito a canonização aqui, quando aquele grupo de teólogos...eu quase morri, imagina, primeiro santo brasileiro aqui, ser feito aqui, teria um efeito extraordinário pro Brasil. E foi o que aconteceu. Agora, eu devo muito ao padre aqui, que foi minha bengala...agora piorou, tenho que andar com a minha carrocinha, eu caí...(risos)

E.: E como a senhora soube dos milagres?

Irmã Célia: *Tem que distinguir, né? O primeiro da Paulina, nós tínhamos uma irmã que trabalhou muitos anos, e tudo que era coisa de Paulina era com ela. Então, toda graça que vinha, que as irmãs contavam, era com ela e ela tinha um caderno, um diário e uma pequena síntese e ela numerava lá e a folha, e aí quando eu vi que a causa...eu disse pra ela, “escuta madre, separa assim as causas, assim, que você vê que é mais, mais, mais bonita”.*

E.: Do frei?

Irmã Célia: *Não da Paulina. Ela falou, 100 basta? Basta. Aí eu estudei as 100, fiquei com 60, passei pra 30, 30 eu passei pra 20, 20 fui pra 10, 10 eu fui pra 8, 8 eu fui pra 6. Aí, conta minha, hein,...eu fui fazer um levantamento lá, com o médico,...levei na minha mala, não disse pra ninguém, nem pro postulador. Um dia, essa postulador disse assim, “escuta, essa sua madre faz alguma graça”? Ela faz sim, “tem graça?” Tem, tem graça. “E como é que você sabe que tem graça?” É porque lá em casa tem uma irmã que registra tudo. Ah, sim...”e tem alguma graça boa, assim, que possa ser um milagre?” Não sei, assim, eu não sei bem quando é que é milagre. Ele tinha sido sacana comigo na primeira entrevista, vou levar agora na ponta de faca... “Mas não tem uma graça, assim, não dá pra você mandar buscar uma dessas graças pra eu ver?” Bom, eu tenho algumas lá em casa. “Aonde? E você nunca me disse nada”, e você nunca me perguntou! Amanhã cedo, você me traz aqui, amanhã cedo, que eu quero ver. E eu fui, que bom né, imagina né,...os postuladores lá são famosos... Quando ele viu...quem que te fez isso aqui?Eu...Pensei, depois se ele me pergunta eu tenho lá...Era um napolitano,...me olhou assim,né, não queria me dar o braço a torcer, telefonou pro médico, no Vaticano, e o médico buscou no dia seguinte, ele vai lá...ele disse, só que precisa de mais força, eu disse, “padre, eu fiz assim o que me deu na cabeça, eu acho que era importante escutar um médico, dois médicos, as irmãs que assistiram, elas declararam, então eu tenho alguma coisa aí, tenho a foto da mulher”.Ele disse, e você...aí eu tinha acabado a correção da tipografia,então ele me disse assim, “vai pro Brasil e me faz o processo da madre, agora eu vou te ensinar, você tem que fazer três partes, ta, ta, ta,a primeira é só de introdução, a segunda é a parte médica e a terceira é da invocação...E vou pedir com o médico pra ele te passar umas perguntas-chave pra você passar se orientar lá pro outro médico. Você pode pedir a ajuda de algum médico”. Era janeiro de 85. Aí eu vim, fiz lá em Tubarão, fizemos o processo,...é pouca gente, eu disse, tá bom? Agora você precisa pôr para o italiano...*

E.: E do frei, quando a senhora soube do milagre da beatificação?

Irmã Célia: *Aquele da beatificação, é muito bonita a história. Porque as irmãs separaram essas graças, e eu disse assim pra Cláudia, e outra irmã que era sabida, “separa assim as melhores, as mais”, que nem tá fazendo agora com o padre Donizete. E elas separaram, tinha um monte... Então, comecei a descartar, às vezes eu conto com Espírito Santo, (risos) né, aí tinha uma graça que era uma folha de caderno, grande, desses universitário, dobrada em quatro, escrita dos dois lados. Vi aquilo, me chamou atenção, tinha uma pilha ali,...as outras eu já descartava. No dia seguinte,...comecei a olhar, e a Claudia me observava, que eu via aquela folha dobrada, e botava ali, uma hora eu disse assim, “Claudia, posso fazer uma pergunta, por que você lê aquela ali e olha e bota lá e depois olha pra mim?” Eu disse: “Claudia, que era no telefone?”...e aí foi, era tia dela. “Olha como é...a senhora não quer vir, aqui a tarde, tomar um cafezinho comigo?” Aqui no mosteiro, aí ela veio. Aí eu conversei tudo, tinha fundamento, eu disse, “amanhã cedo a senhora não quer ir comigo, eu pago o táxi pra senhora...e ela veio, aí eu falei com a dona lá, era judia, o chefe do chefe também era judeu, aí eu disse, sou irmã, sou do Vaticano, aconteceu uma graça muito grande aqui, do frei Galvão, o senhor sabe que milagre tá na Bíblia, né? Ele disse, sei sim. Aí eu disse gostaria que o senhor me fornecesse uma cópia do prontuário. Aí ele pediu, me vê o prontuário dessa menina, aí veio, tudo certinho... Aí ele disse, o hospital... é público, tudo tão difícil, a senhora é religiosa, sei que a senhora não vai desviar. Faz as fotocópias que precisa*

e me traz de volta. Foi muito bonito, aí eu fui, vim pra casa, perguntei pra irmã que trabalhava onde ela fazia as fotocópias, aí na cidade, ela me deu o endereço, vai lá e me faz bem feito e, pelo amor de Deus, são documentos do Vaticano, me faz bem feito, e me faz 5 cópias. Cinco? Cinco. É, prefiro fazer mais e sobrar. Aí ele fez, aí eu levei lá pra doutora, eu disse, doutora, agora, precisaria se um secretário carimba e rubrica, isso ele faz. Aí eu disse pra ela assim, tem um médico que me possa falar? Ela disse, “olha o chefe da UTI é muito bom e é católico”. Pode falar com ele, ela me deu o nome e fui no 8º andar da UTI, do Emílio Ribas. E procurei esse médico e eu disse, olha eu tenho uma lista de médicos aqui que eu já vi. É, ele disse: “Esse caso é um caso muito sério. E é um milagre. Essa menina aí não era pra tá viva, era pra tá morta, foi categórico. Eu sou católico, eu sou médico”. Aí, fala com esse, fala com aquele... Aí peguei todo esse material, estudei bastante...E foi assim, entende? E como a gente já tinha feito um, o segundo é mais fácil...

E.: Uma vez, vi uma reportagem da senhora na revista eletrônica Catolicismo, que a senhora comentou a respeito da dificuldade de encontrar uma graça, porque nessa a senhora falava que, muitas delas a pessoa tanto pedia para o frei, como para santo Expedito, que a igreja é próxima ao mosteiro.

Irmã Célia: *Ah, sim, porque uma coisa pro milagre, a primeira coisa que a gente tem que olhar. Porque a família é assim, naquela época, punha tudo dentro. Então, quando você vai apertar, aí, eu rezei santo Expedito, rezei santa Rita, são Judas Tadeu, aí cai, tem que ser só o frei na mão. Então, quando tem a graça, a primeira coisa que eu faço é ir na família, e ali é que, a senhora rezou só frei Galvão? E foi o que os pais, o pai e a mãe da Sandra, e depois falei com a Sandra, foi só. A senhora não pediu mais ajuda? Porque no desespero, a gente faz tudo! Aí disseram que não. Então tem que limpar bem aí, tem que ser graças limpíssimas, por causa de que, porque depois na hora a pessoa jura de dizer a verdade, em consciência ela vai mentir a verdade?*

E.: É, parece que na hora se pode invocar, Deus e Nossa Senhora. E Jesus, não tem problema. Tem que ser muito limpo.

(2ª pausa – telefone toca)

E.: Na época da canonização saiu muita matéria. E desse material publicado, na época a senhora acompanhou?

Irmã Célia: *Não, não. É difícil, Não sou capaz,...não consigo acompanhar...porque no milagre que falo são os médicos não eu. Esse, por exemplo, o segundo da madre Paulina foi muito interessante. Porque eu fui lá, escutei, levei pro médico e levei mais quatro, não mais três, tinha quatro. E ele olhou e disse assim: tutti bonni, tudo bom. Porém esse aqui, mas esse também, a senhora pode escolher. Então eu quero esse daqui. Sabe por que? Por que fala da Amazônia. Que nunca se fala da Amazônia. É, porque o outro é daqui de São Paulo...naquela época não se falava da Amazônia...*

E quando eu fui com esse aqui, eu levei seis. Porque assim tem um médico que chama o médico do não.

E.: Todos de São Paulo?

Irmã Célia: *Não, outros de outros estados. E vou pra esse médico pra ele dar uma olhada. Então eu fui, o consultório dele não é longe, aí ele começou, esse é fraco, esse é fraco, bom eu disse, quanto não né? Me dá o quinto. Aí ele disse, esse é bom. Só que falta documentação. Eu sei Esse aqui? Tinha mais um, que era esse. Também é bom, só falta documentação. Aí eu saí de lá e fui no consultório da doutora Vera Lúcia. Levei 3 horas pra ser atendida. Me atendeu 10 da noite, porque o consultório dela é assim, né? Aí, ela me disse, eu disse, “doutora, eu sei que é tarde, amanhã de manhã a senhora não me permite a moça fazer xerox do material que a senhora tem aqui?” É da Sandra. Aí eu disse, a senhora acha*

que aquele caso é bom pro Vaticano? Ótimo. É, milagre, acho que aquela menina devia ter morrido. Aí no dia seguinte fui lá, né, a moça me fez, aí fui no hospital... pedir, não dá pro senhor me dá hoje, mas se não puder o senhor me dá amanhã. Queria pagar, não, a senhora não paga. Aí encontrei com o diretor, falei com ele, falei olha, tem um caso bonito, vai entrar no Vaticano. Ah é? Agora to atrás de documentação, mas depois preciso de carimbo...aí, no dia seguinte de tarde, eu voltei nesse mesmo médico, que trabalha junto na clínica, ele é clínico-geral e pediatra, a outra senhora é ginecologista né? Então eu tinha o pão e o queijo né. Aí, ele falou, não te disse que era bom? Chamou a médica, aqui, aqui, o caso é bom, aí, que eu fiz, dei um pulinho até Roma né?

E.: Quantas vezes a senhora foi?

Irmã Célia: Eu atravessei o Atlântico 61 vezes. Ta, aí então, aí eu telefonei pro meu médico, né, eu disse doutor o senhor está em causa esse semana? Estou, porque eu queria marcar uma consulta...Aí, ta bom, aí eu cheguei lá, telefonei, tá bom, 3 horas da tarde. Porque ele descansa depois do almoço, aí eu fui lá, levei esses casos, mas levei só quatro, limpei isso aí, né? No avião, eu já fui pondo tudo no italiano, né?...Aí ele viu, esse caso é bom, esse caso é bom, eu já vou estudar e já faço as minhas perguntas médicas...quando abriu a porta da casa dele ele falou, due milagre, due milagre, o da mãe e o da criança. Aí eu fui, me deu uma coisa, né? Aí, depois ele disse, não, não tinha miracolo, temos due miracolo! Aí ele me fez as questões, a primeira parte a senhora sabe fazer, a da invocação também... Aí peguei o avião vim embora, fui falar com o cardeal, avisei, né, que eu ia pra estudar, na época era o dom Cláudio. Aí eu cheguei e falei, oh, dom Cláudio, tenho dois milagres, agora veja na sua agenda o dia que a gente pode abrir, e ta, ta, ta,...ele marcou no fim de junho, em julho a gente fez, num instantinho a gente fez, setembro tava tudo pronto...e a medida que eles iam depondo, eu já ia passando pro italiano. Tinha um padre, desses italianos, que ia corrigindo pra mim. Aí eu já fui pra Itália pronta, e aí eu fui em, data assim eu não me lembro bem...isso era 4 de outubro, dia de São Francisco, eu cheguei, já fui levar na congregação, já protocolei, isso era 4 de outubro de...204, era, 2004...2005, 2005 eu comecei o estudo, 2006, tem a segunda parte do estudo, 2007, porque o consistório foi em fevereiro, em maio teve a canonização.

E.: A senhora entrevistou a família?

Irmã Célia: Sim porque a família, mas na beatificação...A dona Thereza responde como testemunha no processo, porque o frei Galvão é uma causa histórica, tem duas coisas também diferentes, a Paulina não é uma causa histórica, é recente, ela morreu em 1942, o frei Galvão morreu em 1822. É uma causa histórica, então não tem sobrevivente, não tem testemunha ocular, então as testemunhas do frei Galvão, no processo, são da continuidade da fama de santidade. É sobre a continuação da fama de santidade. É diferente. Então a gente viu umas quatro irmãs, conhecidos, parentes, de longe, porque de perto não tem mais ninguém, algum advogado, dois padres, um franciscano e outro, umas pessoas leigas assim, né, que visitavam, que iam à missa, né? Umas 10 ou 20 pessoas a gente pegou, né, pra provar que a gente sabe a continuidade da fama de santidade.

Aí é diferente, já a madre Paulina não era uma causa histórica, então a madre Paulina é rica porque ela tem testemunhas maravilhosas, e recentes, e sim porque nós ainda temos freira que conviveu com ela.

A minha tia morreu há pouco, ela tinha 98 anos e conheceu, ela entrou com a madre Paulina, tanto que quando ela entrou, ela faz os votos, ela foi escalada pra ser enfermeira, e ela escreve uma cartinha para a madre Paulina e a madre Paulina respondeu. Umas das coisas mais bonitas que eu já...E ela disse assim: “desde que...cuidar dos doentes. Tudo aquilo que se faz aos doentes, Deus o tem como feito a si mesmo. Os doentes são os prediletos de Deus”. Então sabe, são coisas assim, entende?

Eu também conheci a Paulina. Pouquinho, porque eu era menina, mas eu vi...

E.: Por que morou aqui, né?

Irmã Célia: Sim. São duas figuras diferentes. Primeiro que ela é mulher, estrangeira aspas, porque ela veio com 9 aninhos! Naquela época...fundou a primeira congregação do sul do Brasil, trabalhou vida inteira nesse Brasil, morrei aqui, antigamente não tinha essa coisa de fazer, naturalização, depois que veio república, depois até...Só que a madre Paulina tem assim, começou, foi de 65 a 70. As primeiras irmãs que conviveram sabiam tudo da madre Paulina. Entende? Eu conversei com essas irmãs antigas. Mas elas também, olha...sabia tudo, porque eu me interessava, e a minha madre mestra, do noviciado aqui, todo dia, a gente sentava naquela escada, e ela veio com o pai e a mãe, que morreram na viagem, mas ela chegou no Rio de Janeiro, tinha 4 anos, o juiz entregou pra uma família. Quando essa família viu que a madre Paulina começou a receber órfãos, porque as mulheres morriam de parto, eles entregaram essa menina pra ela. E essa menina já com seus 10, 12 anos, cresceu, virou freira, e sabia tudo, tudo...

É, e depois eu peguei esse aqui, o do frei tinha sido começado pelo frei Adalberto, em 38, e ele escreve tudo assim...

E.: E aí parou, voltou na década de 60, 70, e aí voltou com a senhora?

Irmã Célia: Não, com dom Paulo, em 85. 1985. Aí esse frei trabalhou, aí ficou doente, aí a gente começou...O frei Galvão eu comecei, praticamente mesmo, em fim de 91. Aí em 92 eu comecei a trabalhar. Em 98 era beato, 6 anos só! E depois teve o milagre, em 99. Só que nós ficamos sabendo, lá no mosteiro da luz, por uma carta da Sandra em 2004. De 2004 a 2007, muito rápido, muito rápido. 3 anos só, provar, fazer a canonização,...eu só fiquei triste porque não puderam fazer soltar os balões, e etc e etc...mas foi tão bonito! Tão bonito!

APÊNDICE C – Entrevista com Cláudio Fontana – 28 jul. 2008

Cláudio: Não tenho nenhuma pretensão literária, não tenho, né, sou agradecido a irmã Célia Cadorin, que é a postuladora da congregação dele, né, com o padre Armênio Nogueira, né, que me deram respaldo pra eu mostrar o meu cd, esse cd é que como se fosse um áudio-livro, né, começa com a bênção do frei Galvão, que é o padre Armênio Nogueira dando a bênção, depois durante 35 minutos o Cláudio Fontana, compositor, assim como eu fiz a canção “Homem de Nazaré”, eu peguei e fiz um livrinho que é em literatura de cordel, eu sou nordestino, sou maranhense, né, tá na veia, tá no sangue, então como se eu tivesse fazendo uma canção, como eu fiz a canção “Homem de Nazaré”, o verso, né, 1973, “tanto tempo faz que ele morreu”...e aí fui fazendo os versos pra vida de frei Galvão, isso depois de eu ler e me inteirar sobre a vida dele, né, em ensaios do frei Galvão, em livros que eu li, alguns livros, né, grandes, pequenos, e eu disse, eu vou fazer, e foi inusitado porque ninguém fez isso no Brasil, eu sou primeiro, eu fico até muito feliz com isso, né? E aquilo que eu digo sempre, a minha, o meu dom de compositor que Deus me deu, essa simplicidade do compositor Cláudio Fontana... 2000 anos que só chamavam ele de Jesus e Cristo, e eu apelidei ele de Homem de Nazaré, e foram milhões de pessoas que elegeram a minha música, e cantam até hoje, o Brasil inteiro cantando comigo, são mais de 52 regravações, desde a primeira, que foi em 1973, com o Antonio Marcos, depois vieram muitos, Chitãozinho e Xororó, em 97, foi um milhão e meio de discos, só eles, e até hoje tem mais de dez milhões, 52 pessoas que regravaram, gravaram em inglês, francês, espanhol, italiano...alemão, ... é o nome da música em alemão... Então, quer dizer, são 35 anos de um compositor popular com a canção de Nazaré, há 2, 3 anos atrás eu fiz uma outra canção que foi gravada pelo padre Juarez de... e o padre Antonio Maria, gravou, em um cd do padre chamado “Médico dos médicos”, é, médico dos médicos que é Jesus Cristo, né, que é o homem de Nazaré.

Por que que eu fiz essa canção? Quando Mario Covas, em 1997, tava adoentado, quase que morre e não morre, e tava no hospital das Clínicas, um dia eu acordei de manhã, fui no espelho pra escovar os dentes, e senti meu rosto, do lado esquerdo, torto. Eu falei, “meu Deus, tô tendo um derrame”, a Malu, minha mulher, nem tinha acordado ainda, eu desci aqui, era umas 7 horas da manhã, eu digo, venho atravessando aqui, a Vicente Ráo, tinha uma padaria, e ao lado da padaria tinha uma farmácia, do seu Mário, que era meu amigo, eu sempre fui muito conservador nisso, padaria, farmácia, tudo, eu vou sempre no mesmo lugar sempre, e quando eu fui chegando ele tava abrindo a farmácia e eu fui falando pra ele, “seu Mário”, e aí ele me viu, o rosto, “Cláudio, pelo amor de Deus, vai no hospital que eu acho que ce ta tendo um derrame, meu irmão”, eu voltei pra casa, aí acordei a Malu, aí ela me viu assim, né, e ela tinha uma irmã que trabalhava no hospital das Clínicas, coincidentemente, ligou pra ela e ela, “tô lhe aguardando você aqui, também tô saindo pra trabalhar”, e fomos pra lá. Depois de um dia inteiro de exames, e tudo lá, pela facilidade da irmã da Malu lá dentro, graças a Deus não era o derrame, era, era, paralisia facial de ... uma doença que teve até o Ayrton Senna, teve aquela moça, moreninha que trabalhava na Globo, saiu, que fazia no Fantástico...Glória Maria, ela teve também essa doença. E o médico disse, olha, Cláudio, você, não é, só isso já é maravilhoso, cê não tá tendo um derrame, mas você vai ter que ficar uns oito meses, assim, um ano, pra voltar ao normal.

Isso foi em 97, mais ou menos, final de dezembro de 97 ou 98.

Aí ele me passou os remédios e mandou eu pra casa. Eu voltei, cheguei aqui, na frente do espelho, comecei a me olhar, via aquela boca torta, aquele olhinho assim...eu digo, meu Deus, e comecei a conversar com Cristo, né. Você me deu um presente, que foi a música o

Homem de Nazaré, né, ...lógico que sou um ser humano, cheio de erros, defeitos, né, e imperfeições né, mas sempre procuro viver dentro de uma maneira honesta, digna, dentro dos princípios de uma religiosidade católica, cristã, tô aqui, cê vai me deixar torto desse jeito, eu sou um cantor, preciso do meu rosto. Já não sou bonito, e ainda vem essa cara torta. Aí comecei a fazer minha massagem, tomar os remedinhos, o que era pra durar 8 meses... eu sei que em vez de 8 meses, em menos de uma semana, eu tava como estou aqui agora, novamente, e achei e acreditei que recebi uma graça muito forte. Não tenho dúvida disso até hoje. Vou te agradecer, vou te agradecer, com uma canção, me dá inspiração pra compor, e aí veio a idéia, Jesus é o médico dos médicos, foi ele que me curou, e aí fiz essa canção “Médicos dos médicos”, que foi parar lá no Grammy, de 2007, com o padre Juarez, vou te mostrar depois, tá na internet, padre Juarez cantando...

E essa minha fé em Cristo é que me fez despertar, quando o papa veio ao Brasil e toda aquela festividade da canonização de frei Galvão, mas e eu aqui, esse compositorzinho, que eu posso fazer, primeiro santo brasileiro, tá todo mundo feliz com isso...

E.: Foi a primeira vez que você ouviu falar dele?

Cláudio: Não, já tinha escutado falar, não tinha, eu sempre fui muito agarrado mesmo com Jesus Cristo, entende, na realidade Jesus Cristo, a Nossa Senhora, mas Jesus Cristo, sempre foi, né...tanto... que por algum motivo ou merecimento, Ele me presenteou, Ele me deu de presente a canção “Homem de Nazaré”, eu acredito que foi como um sopro, a canção quando nasceu eu tava no meio da rua, eu tinha saído no programa do Silvio Santos, eu cantava naquela época eu era contratado do programa do Silvio, eu e os galãs cantam e dançam comigo, a gente cantava, era Cláudio Fontana, Paulo Sergio, Nelson... Antonio Carlos, Wanderlei Cardoso, Jerry Adriani, Arturzinho, Tony Angeli, era os galãs da época, né, era domingo à tarde, entre 2, 3, 3 e meia, 4 horas da tarde, 12 galãs, a gente cantava, e depois vinha uma mocinha do Silvio Santos, da platéia, e ele escolhia, do auditório, 12 moças e dançavam com a gente, a última música a orquestra tocava, cada um vinha e cantava uma, né, quem entreva cantava “Homem de Nazaré”, “Adeus ingrata”, uma canção de sucesso... aí no final vinha as moças e dançavam com a gente uma música que a orquestra tocava, e foi...de audiência do Silvio Santos, quando era Globo ainda, né, portanto nem tinha canal, nem tinha SBT, nos anos 70, no finalzinho de 69 ele começou com os galãs e foi nos anos 70 inteiro. E....

Quando o Bento veio, veio a canonização e eu me perguntando, eu como católico...eu não fui, assisti tudo pela televisão. Então, eu digo, poxa vida, poderia somar com alguma coisa, se eu tiver alguma coisa pra fazer, me dá uma luz. E aí veio faz uma canção, por que você não faz uma canção?

(Liga o computador pra ouvir a canção – a mais famosa delas, em gravação nos Atrios do Evangelho)

*Vou pedir pra Frei Galvão interceder
Pra que um milagre possa acontecer
E eu consiga ter a graça de alcançar
O que estou pedindo pra Jesus me atender.
Vou rezar com muito amor e muita fé
Vou tomar as pílulas com tanto fervor
E tenho certeza que eu vou conseguir
O milagre que eu vim aqui lhe pedir.
Refrão: Por intercessão de Frei Galvão
Eu vou conseguir o que eu vim lhe pedir
A crua pra eu vim buscar*

E Frei Galvão vai me ajudar

Cláudio: *No dia da canonização, da, a irmã Célia recebeu o título de cidadã paulistana, e foi lá onde você foi, e eu fui com o padre Armênio e a Malu, nós fomos, e a dona Thereza tava lá, e eu dei pra ela o cd, o livrinho, pro marido dela também né, ele tava lá.*

E.: *Mas então, a música surgiu na época do Bento?*

Cláudio: *Sim, foi, na época da canonização, e eu repito, e desde de pequenininho, Jesus Cristo, Jesus Cristo...e Santo Antonio, foi o que, eu fui batizado na igreja de santo Antonio, em São Luis do Maranhão, nós moramos até hoje na mesma casa, minha mãe já faleceu há dois anos atrás, meu irmão mora lá ainda, o mais velho, mora só, uma casa próxima à igreja de santo Antonio, então eu fui criado no catolicismo ali, com minha mãe, filha de Maria, beata né, com padre Paulo, que era o padre que me batizou que eu tive com ele a vida inteira, até vim embora pro Sul, eu vim embora em 1965, minha vontade de ser cantor, compositor popular, vim pro Rio de Janeiro, estudei antes num colégio marista, vou até disfarçar uma foto minha daquele tempo,... porque, ó que interessante, a minha fé já vem desde pequenininho, de família, da minha mãe, mais precisamente, né, é quem me colocou no catolicismo, me colocou na igreja, me colocou pra acreditar em Jesus Cristo, em Nossa Senhora, em santo Antonio, e foi daí que nasceu a minha fé e depois eu passei para o colégio marista, e tive essa seqüência, e jamais e desde pequenininho, eu na minha rede, eu me lembro disso, eu sempre falo pra Malu, minha mulher, eu fazia minha orações, meu Jesus Cristo, meu Papai do Céu, fazei que eu vá pro sul, pra eu vencer como cantor e compositor, eu me lembro de eu deitado na rede, aquela redinha da gente de nordestino, e pedia e rezava meu Pai-Nosso, minha Ave-Maria, rezava o meu terço, eu aprendi a rezar o terço já com minha mãe, em maio a gente fazia aquela devoção de 13 dias, do dia primeiro ao dia 13, de Nossa Senhora de Fátima, minha mãe tinha um oratório dedicado, a maioria dos nordestinos todos têm, e a gente fazia, chamava todos os vizinhos, e eu rezava o terço, puxava o terço com a mamãe, no último dia a gente fazia uma festinha, tinha aquela coisa lá, era bolo, mamãe fazia bolo, distribuía guaraná, e eu fazia um mini showzinho, né, porque na época eu cantava lá, e pegava lá uma coisa com os meninos da vizinhança, a gente fazia uma cantoria, terminava depois do terço, lá dentro de casa mesmo, fazendo uma auê. Sempre tive, sempre tive muita alegria no meu lado cristão.*

E tanto que quando eu vim pra ser um cantor popular, o Cláudio Fontana de músicas como “Doce de Coco”, que o Wanderley Cardoso gravou, que eu gravei minha primeira música, “Adeus ingrata”, o Brasil me descobriu cantando, né, aí o Roberto Carlos fez “Jesus Cristo”, eu disse, meu Deus, eu gostaria de fazer uma canção também, mas eu sou católico, preciso dar minha contribuição, me ajuda, me inspira Senhor, pra eu fazer uma canção, mas não quero falar a palavra Jesus nem Cristo, e aí uma hora desceu, né, o homem de Nazaré, e aí vem e eu comecei, 1973...e aí, mas essa música, eu tinha acabado de fazer o programa do Silvio Santos, eu era solteiro, morava sozinho ali no Bexiga, mas eu disse vou almoçar na casa do Cláudio Roberto, um amigo meu, morava ali no Butantã, e fui pra lá mas não tinha avisado, não tinha ninguém na casa dele, toquei, toquei ninguém atendeu, vou voltar pra casa. Quando eu entrei no carro, me vem, né, um anjo, uma coisa né, me vem uma fala dentro do ouvido, o refrão da canção, “Ei irmão, vamos seguir com fé, tudo que ensinou, o homem de Nazaré”, nossa isso é um refrão de uma canção pra fazer pra Ele. O homem de Nazaré é Jesus. Aí peguei meu, Volks, tinha um fusquinha e vim doido né, descendo aquela Rebouças, né, pra pegar a Avanhadava, ali na Besta Vista, onde eu morava, e aí cheguei em casa, tinha uma mocinha que trabalhava comigo, mas ela só ia de dia de semana, nesse domingo ela tava lá, eu falei, mas “que cê tá fazendo aqui, dia de domingo?”, ela tinha chave do apartamento, ela falou, não, “não tava aqui vendo Silvio Santos, cê já tá aqui?”, eu falei,

não, dei um direirinho pra ela, e falei sai daqui, vai no cinema, ela falou, “mas você tá me botando pra fora?”, eu falei, não, “é que você tá me atrapalhando”, eu vou fazer uma música, vou ligar meu gravador....aí a Maria saiu, meia zangada comigo, fui pra violão e aí a música desceu inteira, né, que a música é grande.

Então eu digo sempre, foi um espírito de luz, que deu, um anjo, até hoje, eu peço nas minhas orações, 35 anos depois, né, eu quero saber o nome dele, eu quero agradecer tanto, eu agradeço a ti Jesus Cristo, mas quero saber o nome dele.

(Pausa)

E.: Eu queria ouvir, um pouquinho mais, você falar da canção do frei Galvão.

Cláudio: Eu fiz a canção, eu sempre achei que Cláudio Fontana, qualquer compositor, é o elo, na minha opinião, é o elo de ligação entre Deus e o povo. Uma maravilha de Deus, né, tira a música do mundo, tira o som da música, né, e você fica, não fica né, a tristeza... eu vou fazer uma música, né, porque a música vai fazer essa amarração do frei Galvão com o povo. Já tinha feito outras experiências com relação a isso.

E assim eu fiz a canção do frei Galvão e aí fui mostrar pro padre Armênio, ele adorou, eu preciso consolidar isso. Vou fazer uns livrinhos, em literatura de cordel, e aí eu li, o que tinha aí na praça sobre o frei Galvão, os livros, e em literatura de cordel, em versinhos, eu fui fazendo a vida dele. E aí vem o CD, a facilidade de você levar o meu CD, onde tem a bênção do frei Galvão, e eu declamo a vida dele, fica fácil você ouvir, você tá doente, na cama, no hospital, você tá no presídio, você tá andando de carro, você tá no ônibus, você pode escutar a vida do frei Galvão.

E.: Por que o ano inteiro tocar lá no mosteiro?

Cláudio: É uma promessa que eu fiz, eu digo, meu Cristo, meu frei Galvão, se você me deixa fazer todo domingo e pedi ao padre Armênio...e lá tem as irmãzinhas, né, enclausuradas,. Elas sentiram que eu tô aqui fora pra divulgar o frei Galvão, né, e eu tô aqui, com amor e com carinho, com a fé, falando de frei Galvão...é um cantor, quer queira ou não, Cláudio Fontana, é uma personalidade do mundo artístico, eu não sou um grande sucesso, mas eu sou uma pessoa que o Brasil inteiro conhece. Que já colocou músicas em primeiro lugar, não só comigo cantando, com outros cantores, eu já gravei com Julio Iglesias...então, quer dizer, eu tô aqui, com amor e com afeto, sem nenhuma entidade por trás de mim...é do meu coração, eu e minha esposa, é uma promessa que eu fiz...

E.: E já foi atendido???

Cláudio: Tá quase, tá quase...

E você tá sabendo em primeira mão, você, o padre Armênio e minha esposa, o projetinho que é uma sequência, a continuidade, eu já fiz uma promessa, da continuidade, desse CD, todo ano, agora, eu vou colocar mais uma música feita pra frei Galvão...então, até eu morrer, daqui 20 anos, 50 anos...Então, isso é uma coisa que vem a somar na minha fé.

E veja, foi feita a canonização, a igreja tem todos os seus santos, milenar... então, todos têm a sua devoção, então nós precisamos mostrar ao povo brasileiro que nós já temos um santo. Foi um, que seguiu aquilo que Jesus disse...oh, mas o papa veio aqui, com aquele oba-oba, aquele tumulto, querendo ver, querendo assistir, ah, o frei Galvão, mas quem foi o frei Galvão? Aonde nasceu frei Galvão, que ele fez pra ser santo? Que milagre frei Galvão fez pra eu possa confiar nele, por intercessão dele, chegar a Cristo? Então, eu acho que esse meu lado de compositor popular, já consagrado pela música “Homem de Nazaré”, dá credibilidade a mim, entende?

E o frei Galvão tem uma coisa a mais que ainda não deu o grande boom, vamos dizer assim, que é, eu tô ajudando nesse trabalho, que eu acho, que eu olho, como marketeiro, vamos dizer assim, marketeiro popular de canções, a pílula do frei Galvão, a força do milagre das pílulas do frei Galvão. Porque isso é uma coisa material, você pega, você toma, e a sua fé desperta, tomando as pílulas pra sua cura e você consegue. Se você pedir uma graça pra Santo Expedito, você não tem pílula pra tomar, nem geléia, pãozinho de santo Expedito. Esse a mais que o frei Galvão tem, né, e que quando o povo brasileiro tomar conhecimento com profundidade...

Então, eu acredito, eu sinto que nós estamos no início de um trabalho grandioso pro frei Galvão. Ele é o nosso primeiro santo, ele vai ter em cada lugar desse país uma igreja, toda capital, toda cidade, todo bairro vai querer ter uma igreja do frei Galvão. E a gente precisa despertar isso, e como a gente faz? É mostrando, o boca-boca, e são as canções populares, os livrinhos populares, a fala dos padres, são as pessoas que acreditam nos seus depoimentos, são pessoas como você, poxa, no seu doutorado, que tão assumindo a causa do frei Galvão né? Então, nossa, eu me sinto muito feliz de participar, porque eu sei o que que representa pra você. Quando eu fui lá pro padre Armênio, pra irmã Célia, né, eles olharem meu trabalho e gostarem, puxa vida, você vem somar com a gente, então eu sei que tô somando com você e você tá somando comigo, né? Eu sei que esse meu depoimento é importante pra você. E essa juventude sua, e essa força minha, passando dos 60 anos... então, ao compositor, ao criador, importante é poder mostrar a criatividade dele.

APÊNDICE D - Entrevista com funcionária da Casa de Frei Galvão – 10 fev. 2008

Funcionária: *Daí ela falou assim: quando que o Frei Galvão desencarnou? Eu achei estranho, né, porque quem fala que desencarna é espírita. Daí, depois que ela fez a visita, tudo, ela saiu e falou assim: até eu que sou espírita, senti uma coisa diferente do Frei Galvão, aqui dentro. Então, quer dizer uma pessoa com uma religião completamente diferente, né, inclusive ela nem quis pílula, nada, porque tem muita gente que nem pega.*

Entrevistadora: Deve ter muita gente que elogia vocês aqui, né?

Funcionária: *A maioria né, todo mundo diz “ai que maravilha” trabalhar aqui. Tem gente né, a gente sente, eu sinto, né.*

3ª pessoa: Abraça. Pega na mão.

Funcionária: *Pensa que a gente é santo, né? Agora que eu to com esmalte vermelho, mas tem uns que chegam e falam, aí irmã, irmã, ai, nem tanto né?(risos) Mas elas pensa que a gente é de outro mundo, né, principalmente o pessoal mais simples, ce viu né?*

E.: E o que sai mais, mesmo, de peças da loja?

Funcionária: *Sai mais é santo mesmo, a imagem de 8 (reais). As de oito saem mais né?*

3ª pessoa: brasileiro é assim, ele quer alguma coisa pra adorar, né?

Funcionária: *Brasileiro não, não, a religião católica, né?*

3ª pessoa: Eles têm que ter alguma coisa, porque se eles não tiver, eles não acredita. Frei Galvão, por exemplo, fez a pílula por isso. Porque as pessoas não ia acreditar.

Funcionária: *Mas o espírita, por exemplo, eles não têm nada; o espírita principalmente, né, é muita leitura, né, é bem diferente.*

E.: E dos livrinhos que a senhora falou, qual sai mais?

Funcionária: *Sai o da novena, que é do Frei Back, tem o livro dele também, que é completamente diferente do da Dona Teresa. É um livro assim mais, mais explicativo das datas, né, de quando ele nasce, de quando morreu, das datas que também na época eram importantes, né, foi época da escravidão, da independência, né, ele faleceu em 1822, né? Era independência?*

E.: Era, foi o ano da proclamação.

Funcionária: *E... O que sai bastante é esse livrinho, 5 reais. Mas o da Dona Teresa saí, né, as pessoas acham que, por ser três idiomas, ele acham que, como não falam outra língua, eles não vão entender, né? E as gravuras são bonitas, o livro é bem feito, mas as pessoas mais humildes, né, eles não entendem. O que eu vejo né, no meu emprego, que eu vejo, é que sai mais o de novena, elas rezam.*

E.: A senhora comentou, as meninas comentaram, o pessoal pede pra comprar as pílulas?

Funcionária: *Nossa, demais... uma das coisas é assim, eles mostram duzentos reais, e acham que a gente vai dar 20 pílulas. E a gente fala né?? “Se o senhor for comprar ou não (na lojinha da casa) a quantidade de pílulas é a mesma”. É uma pílula só, muita gente acha que a gente vende né? Mas a gente não vende, as pílulas são doadas.*

Funcionária: *Outro dia falaram para a Angélica, né: a gente vai te pagar...quer um cafezinho? (risos). Não, né, não tem nada a ver, eles querem uma gorjeta se você quiser dar*

então, né. Eu posso até pegar e por aqui (gaveta de dinheiro da loja), mas a Marie (dona da loja) não quer que a gente faça isso. Pega e põe lá no cofre da igreja...não de jeito nenhum....

E.: Mas o pessoal oferece?

Funcionária: Oferece muito, muito. Porque também sabe, a pílula é importante, mas não é tudo...tem gente que pensa que pode tomar um caminhão de pílula, e né, é a fé que você tem, sei lá, cada um tem jeito de pensar, né, depende também do problema da pessoa, né? E a gente fala que na Catedral também tem, tem atrás né, da oração....Eles pedem, né (endereço para o qual se escreve e enviam gratuitamente). Aí as pessoas ficam mais calmos, porque eles ficam desesperados. A gente até por sinal...o pessoal roga praga na gente...

E.: A senhora já foi mal-tratada aqui?

Funcionária: Ah, já, muitas vezes, teve uma vez uma médica, aqui, ah,"dá pra arrumar mais pílula pra mim? Eu vim de tão longe e só vou receber uma?" Eu expliquei que não, né, que tem na Catedral, dá pra escrever...Nossa ela saiu, virou a cara e foi embora! Nada a ver, né? Nada a ver... E a gente nota, né, que gente de mais posse, né... e não é por aí. Você vem aqui, não é ser humilhado, é ser mais humilde, rezar, pegar e entrar e tudo faz parte. E eu mesmo sei de caso de casais que quer ter filho e não consegue ter e eles tomam a pílula, os dois,e consegue. Nossa, muitos casos! Mas, o casal conversa re fala olha e eu acho que não tenho nada, você não tem nada. Vamos tomar, vamos conversar.. Mas a maioria dos casos, o homem olha e fala: Olha eu não tenho nada, é você pra mulher. Você é que é problemático. Mas não tem união... não to falando que não é milagre, mas muitas vezes...

E.: Desses milagres, assim qual emocionou mais a senhora?

Funcionária: Ai, assim de...são tantos né? A gente fala né, é que nem São Tomé: tem que ver pra crer...Ah, eu, por exemplo, me emociono com tudo né? No começo eu chorava, né, mas a gente vai se acostumando.Mas a gente assim, tem muitos casos, esse caso por exemplo de casal que não te filho, mas todo dia a gente vê um caso novo, né, assim, de lembrar acho que são todos...

E.: E a senhora pediu alguma vez e foi atendida?

Funcionária: Nossa, e como! E fui atendida, né, todas as vezes, inclusive eu sou um milagre de Frei Galvão, né? Por que tive um problema sério e praticamente eu vivi de novo...Tava na cama, com depressão, sem sair do quarto...E hoje eu to aqui falando com você! Meu filho diz que, parece que Frei Galvão diz assim pra você: vem aqui, passa o dia comigo, o meu filho falou isso pra mim, e eu até achei que ele não fosse muito ligado né?

Funcionária: Tem uma senhora que veio aqui, lembra? A dona...então a filha dela era pra ta no lugar do Enzo (milagrado da canonização), era pra ser a filha dela. Ela tava contando pra gente que ela pra ser ela a do milagre. Foi assim ela não podia engravidar, e ela engravidou mas ele teve uma gravidez tubária...E aí ce sabe, né, três meses depois...chega três meses tem que abortar. E tava tudo certinho pra ela fazer...né, tirar...e aí foi fazer o ultra-som e a gravidez não tava mais tubária, não tava mais na trompa, tava normal, então isso que eu achei que, são pessoas, a senhora com Enzo, a menina, a senhora que eu conheço, toda vida, né, desde criança, mas o pessoal vem mais por causa de doença, né?

ANEXO A – Documento da Prefeitura de Guaratinguetá/SP, reconhecendo a Casa de frei Galvão pela sua utilidade pública. 7/8/1957.

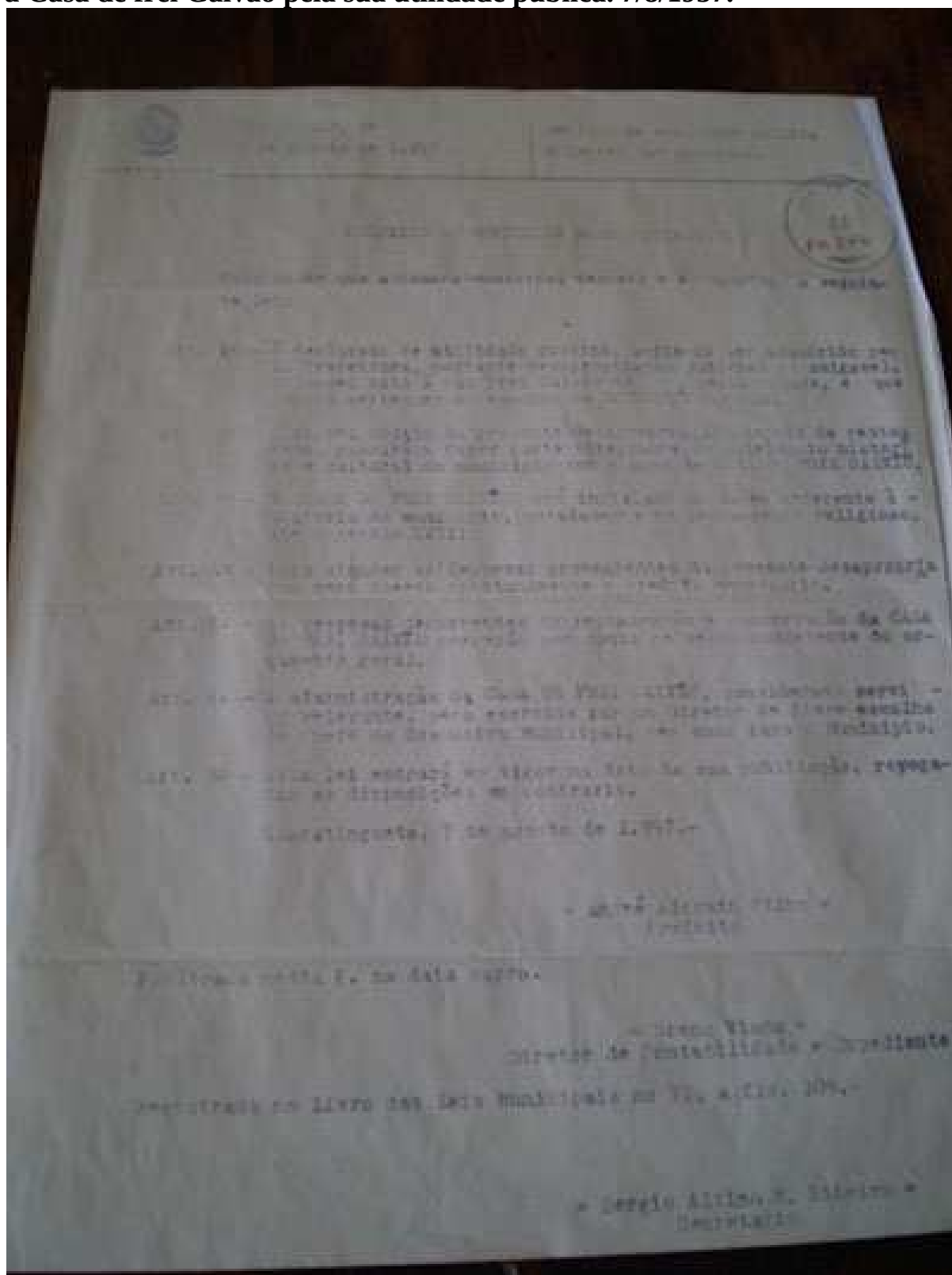


Ilustração 1 – Documento da Prefeitura de Guaratinguetá/SP, reconhecendo a Casa de frei Galvão pela sua utilidade pública. 7/8/1957. Fonte: Museu frei Galvão.

ANEXO B – Documento pedindo ao prefeito de Guaratinguetá/SP a desapropriação do imóvel para fins históricos. 4/11/1957

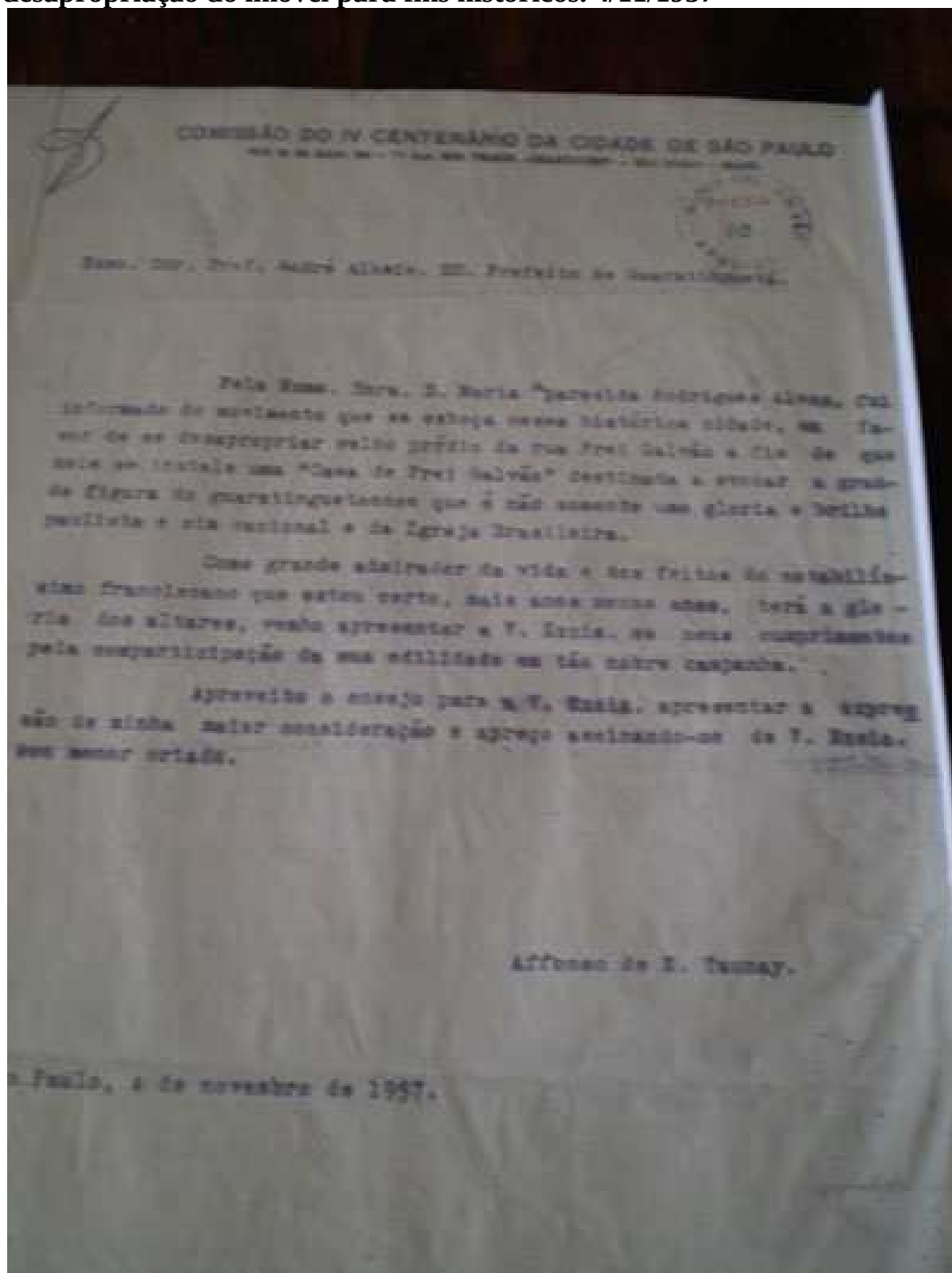


Ilustração 2 - Documento da comissão do IV Centenário de São Paulo/SP, assinado por Affonso de Taunay, pedindo ao prefeito de Guaratinguetá/SP a desapropriação do imóvel para fins históricos. 4/11/1957. Fonte: Museu frei Galvão.

ANEXO D – Processos de Tombamento de bens pelo CONDEPHAAT¹.

1) No município de Guaratinguetá/SP

CASA DO CONSELHEIRO RODRIGUES ALVES

Rua Doutor Moraes Filho, 41

Processo: 08497/69 Tomb.: Res. de 23/4/70 D.O.: 24/4/70

Tomb.: Iphan em 2/12/69

Livro do Tombo Histórico: Inscrição nº 11, p. 2, s.d.

Francisco de Paula Rodrigues Alves, nascido em Guaratinguetá em 1848, membro do Partido Republicano, dedicou-se intensamente à atividade política, ocupando diversos cargos no Estado de São Paulo: deputado provincial e geral e presidente da província. Na instância federal foi ministro, senador e presidente da República, no período de 1903 a 1906. Reeleito para este último cargo em 1918, não exerceu o mandato por problemas de saúde. A edificação de sua propriedade foi construída em taipa de pilão e recebeu, posteriormente, encamisamento de tijolos em sua parte externa. Doad a Secretaria de Estado da Cultura, em 1979, abriga atualmente o Museu Histórico e Pedagógico Conselheiro Rodrigues Alves.

Fonte Processo de Tombamento

Foto Tereza C. R. E. Pereira

CASA TÉRREA (Casa de dona Thereza Maia)

Rua Frei Galvão, 48

Processo: 09895/69 Tomb.: Res de 23/10/78 D.O.: 25/10/78

Livro do Tombo Histórico: Inscrição nº 119, p. 19, 2/7/1979

A cidade de Guaratinguetá surgiu em meados do século XVII e o seu desenvolvimento inicial deveu-se, principalmente, à produção da cana-de-açúcar que foi substituída, em meados do século XIX, pelo café.

O imóvel foi construído, entre 1863 e 1866, pelo capitão João Batista Rangel (1828-1915), filho do ajudante Francisco das Chagas Rangel, influente senhor de engenho e grande pecuarista.

Construída no alinhamento da calçada, térrea, apresenta porão apenas em sua parte posterior, com o aproveitamento do desnível do terreno. A técnica utilizada foi o pau-a-pique, com embasamento de pedra e taipa de pilão. Na elevação principal, a porta, de grandes dimensões e almofadada, localiza-se em uma de suas extremidades, sendo, o restante, ocupado por seis janelas de vergas retas, também almofadadas.

Fonte Vinícius S. Campos

Foto Tereza C. R. E. Pereira

ESTAÇÃO FERROVIÁRIA

Praça Condessa de Frontin

Processo: 22090/82 Tomb.: Res. 68 de 17/12/82 D.O.: 18/12/82

Livro do Tombo Histórico: Inscrição nº 206, p. 56, 29/12/1982

A produção do café começa a ser implantada, no início do século XIX, no Vale do Paraíba, atingindo, aos poucos, Guaratinguetá. A passagem da ferrovia pela cidade, em 1877, diminuiu o custo do transporte, facilitando a sua comercialização e distribuição.

O edifício da estação foi construído em 1914 por Paulo de Frontin, período em que a cultura do café entrava em decadência. O projeto arquitetônico é nitidamente influenciado pela arquitetura inglesa vitoriana, o que se explica pelas fortes ligações daquele país com a instalação da ferrovia no Brasil. O volume da edificação, de planta retangular, é formado por torre centralizada, coberturas individualizadas, com acentuado caimento de suas águas e mansardas. Construída em alvenaria de tijolos aparentes, telhado de ardósia, janelas e portas em arco pleno, possui refinado acabamento decorativo nas cimalhas e quatro relógios na torre.

Fonte Ana Luiza Martins e Sonia de Deus Rodrigues

Foto Edna H. M. Kamide

¹ Disponível em: <http://www.cultura.sp.gov.br/porta/site/SEC/menuitem.a943691925ae6b24e7378d27ca60c1a0/?vgnnextoid=c88fcf75c7e9b110VgnVCM100000ac061c0aRCRD&cpsexcurrchannel=1>. Acesso em: 13/05/2009.

2) No município de São Paulo/SP

ACERVO DO MUSEU DE ARTE SACRA DE SÃO PAULO

Avenida Tiradentes, 676 - Luz

Processo: 22013/82 Tomb.: ex-offício

Tomb.: Iphan em 11/12/69

Livro do Tombo das Artes: Inscrição nº 129, p. 5, s.d.

Em 1918, D. Duarte Leopoldo e Silva reuniu os objetos sacros da Arquidiocese de São Paulo e os acondicionou no extinto Museu de Arte Sacra da Cúria Metropolitana, onde permaneceram até 1970. Este acervo, com peças dos séculos 17 e 18, considerado um dos mais completos do país, compõe-se de aproximadamente 1.500 unidades, recolhidas da Arquidiocese de São Paulo, de doações particulares e de aquisições efetuadas pelo Conselho Estadual de Cultura.

O governo do Estado, mediante convênio, restaurou, em 1970, o Recolhimento da Luz adaptando-o para abrigar o acervo do Museu de Arte Sacra.

A ilustração refere-se à imagem de Nossa Senhora das Dores, de madeira policromada, com 83 cm de altura, do século XVIII, de autoria de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, originária de Minas Gerais.

Fonte Arquivo Condephaat

Foto Acervo do Museu de Arte Sacra de São Paulo

MOSTEIRO DA IMACULADA CONCEIÇÃO DA LUZ

Avenida Tiradentes, 676 - Luz

Processo: 22057/82 Tomb.: ex-officio em 27/8/79 e 12/5/82

Tomb.: Iphan em 16/8/43

Livro do Tombo Histórico: Inscrição nº 38, p. 3, 5/4/1971

As primeiras referências à ermida da Luz datam do final do século XVI. A pequena capela, muito procurada por fiéis e viajantes que transitavam pelo caminho ou "estrada real", que cortava os campos do Guaré, conservou-se até 1729, permanecendo abandonada até meados deste século, quando por iniciativa da irmã Helena Maria do Sacramento e do frei Antônio Sant'Ana Galvão foram realizadas obras de ampliação, inauguradas em 1774, recebendo a denominação de Convento de Nossa Senhora da Luz da Divina Providência. Nesta ocasião, algumas paredes de taipa foram reforçadas, o madeiramento substituído e alguns cômodos construídos. No terreno contíguo foi construído o atual edifício do mosteiro cujas obras duraram cerca de 48 anos.

Edificada em taipa de pilão, a igreja possui duas fachadas, a mais antiga, voltada para o centro e, a mais recente, para a Avenida Tiradentes.

Em 1970, a ala esquerda, restaurada, foi ocupada pelo Museu de Arte Sacra de São Paulo, criado por Decreto Estadual em 28/10/1969.

Fonte Eneida Malerbi

Foto Luiz Roberto Kamide e Victor Hugo Mori